OS HERÓIS DO OLIMPO

LIVRO TRÊS

A MARCA DE ATENA



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*

intrínseca

Sinopse: A Marca de Atena

Annabeth está apavorada, justo quando ela está prestes a reencontrar Percy, após seis meses afastados por culpa de Hera, o Acampamento Júpiter parece estar se preparando para o combate. A bordo do *Argo II* com os amigos Jason, Piper e Leo, ela não pode culpar os semideuses romanos por pensarem que o navio é uma arma de guerra grega; afinal, com um dragão de bronze fumegante como figura de proa, a fantástica criação de Leo não parece mesmo nada amigável. Annabeth só pode torcer para que os romanos vejam seu pretor Jason na embarcação e compreendam que os visitantes do Acampamento Meio-Sangue estão ali em missão de paz.

Os problemas de Annabeth não param por aí, ela carrega no bolso um presente da mãe, que veio acompanhado de uma ordem intimidadora: *Siga a Marca de Atena. Vingue-me*. A guerreira já carrega nas costas o peso da profecia que mandará sete semideuses em busca das Portas da Morte. O que mais Atena poderia querer dela?

O maior medo de Annabeth, no entanto, é que Percy tenha mudado. E se ele já estiver habituado demais aos costumes romanos? Será que ainda precisará dos velhos amigos? Como filha da deusa da guerra e da sabedoria, Annabeth sabe que nasceu para liderar, no entanto, também sabe que nunca mais vai querer viver sem o Cabeça de Alga.

Narrado por quatro semideuses, *A Marca de Atena* é uma jornada inesquecível até Roma, recheada de importantes descobertas, sacrifícios surpreendentes e terrores indescritíveis. Assuba a bordo do *Argo II*... se você tiver coragem.

Em caso de erros enviar e-mail para:
victor.martins.oficial05@gmail.com
Com
Livro:
Capítulo:
Erro:

A Marca de Atena

RICK RIORDAN

A Marca de Atena

Os Heróis do Olimpo – Livro Três

Copyright © 2012 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Mark of Athena

ARTE DE CAPA
Joanna Hill

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2012 John Rocco

EDIÇÃO
Biblioteca de Dédalo

(Os Heróis do Olimpo; 3)
ISBN: 978-85-8057-310-7

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Mitologia romana - Literatura infanto-juvenil. 3. Literatura infanto-juvenil americana.

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3° andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Agradecimento

Muito obrigado a Seán Hemingway, curador das galerias grega e romana do Museu Metropolitano de Arte, de Nova York, por me ajudar a rastrear a Marca de Atena até sua origem.

Para Speedy —
Errantes e peregrinos são com frequência enviados pelos deuses.

Sumário

Capítulo I: Annabeth
Capítulo II: Annabeth
Capítulo III: Annabeth
Capítulo IV: Annabeth
Capítulo V: Leo
Capítulo VI: Leo
Capítulo VII: Leo
Capítulo VIII: Leo
Capítulo IX: Piper
Capítulo X: Piper
Capítulo XI: Piper
Capítulo XII: Piper
Capítulo XIII: Percy
Capítulo XIV: Percy
Capítulo XV: Percy
Capítulo XVI: Percy
Capítulo XVII: Annabeth
Capítulo XVIII: Annabeth
Capítulo XIX: Annabeth

Capítulo XX: Annabeth
Capítulo XXI: Leo
Capítulo XXII: Leo
Capítulo XXIII: Leo
Capítulo XXIV: Leo
Capítulo XXV: Piper
Capítulo XXVI: Piper
Capítulo XXVII: Piper
Capítulo XXVIII: Piper
Capítulo XXIX: Percy
Capítulo XXX: Percy
Capítulo XXXI: Percy
Capítulo XXXII: Percy
Capítulo XXXIII: Annabeth
Capítulo XXXIV: Annabeth
Capítulo XXXV: Annabeth
Capítulo XXXVI: Annabeth
Capítulo XXXVII: Leo
Capítulo XXXVIII: Leo
Capítulo XXXIX: Leo
Capítulo XL: Leo
Capítulo XLI: Piper
Capítulo XLII: Piper
Capítulo XLIII: Piper
Capítulo XLIV: Piper
Capítulo XLV: Percy
Capítulo XLVI: Percy
Capítulo XLVII: Percy

Capítulo XLVIII: Percy
Capítulo XLIX: Annabeth
Capítulo L: Annabeth
Capítulo LI: Annabeth
Capítulo LII: Leo

I

ANNABETH

Até conhecer a estátua explosiva, Annabeth achava que tinha se preparado para qualquer coisa que acontecesse.

Ela andara de um lado para o outro no convés do *Argo II*, o navio de guerra voador, conferindo e reconferindo as balistas, para ter certeza de que estavam travadas. Certificou-se de que a bandeira branca de "Viemos em paz" tremulava no mastro. Repassou o plano com o restante da tripulação – e também o plano B, e ainda o plano C.

Mais importante, puxou de lado seu supervisor fanático por guerras, o Treinador Gleeson Hedge, e o encorajou a tirar a manhã de folga na cabine para assistir a reprises de lutas. A última coisa de que precisavam durante um voo em uma trirreme grega mágica indo para um campo romano potencialmente hostil era um sátiro de meia-idade com roupas de ginástica brandindo um bastão e gritando: "Morram!".

Tudo parecia em ordem. Até mesmo o calafrio misterioso que ela começara a sentir desde o lançamento do navio tinha passado, pelo menos por enquanto.

A embarcação de guerra desceu em meio às nuvens, mas Annabeth não conseguia parar de se questionar. E se aquela não fosse uma boa ideia? E se os romanos entrassem em pânico e os atacassem de imediato?

O *Argo II* definitivamente não parecia amigável. Sessenta metros de comprimento, casco revestido de bronze, bestas de repetição montadas na proa e na popa, um dragão de metal cuspidor de fogo como figura de proa e duas balistas giratórias capazes de lançar parafusos explosivos potentes o suficiente para atravessar concreto... bem, esse não era o transporte mais apropriado para um encontro amigável com os vizinhos.

Annabeth tentara mandar um aviso aos romanos. Tinha pedido a Leo que enviasse uma de suas invenções especiais – um pergaminho holográfico – para alertar seus amigos dentro do acampamento. Com sorte, a mensagem teria chegado até eles. Leo havia sugerido pintar uma mensagem gigante no fundo do casco ("E AÍ?" junto de uma carinha sorridente), mas Annabeth rejeitara a ideia. Não sabia se os romanos tinham senso de humor.

Agora era tarde demais para voltar.

As nuvens se abriram ao redor do casco, revelando abaixo deles o tapete verde e dourado das Oakland Hills. Annabeth agarrou um dos escudos de bronze alinhados ao longo da amurada a boreste.

Os outros três tripulantes tomaram seus lugares.

No tombadilho de popa, Leo corria de lá para cá como um louco, verificando indicadores e alavancas. A maioria dos timoneiros teria ficado satisfeita com um timão ou uma cana do leme. Mas Leo havia instalado também teclado, monitor, controles de navegação de um avião, uma mesa de som de *dubstep* e sensores de movimento tirados de um controle de

Nintendo Wii. Ele podia virar o navio puxando o manete, disparar armas selecionando um álbum ou levantar velas balançando seus controles de Wii bem rápido. Mesmo pelos padrões dos semideuses, Leo tinha um caso sério de TDAH.

Piper andava de um lado para o outro entre o mastro principal e as balistas, praticando seu discurso.

— Abaixem as armas — murmurava ela. — Só queremos conversar.

Seu charme era tão persuasivo que as palavras fizeram Annabeth querer largar a faca e bater um longo papo.

Para uma filha de Afrodite, Piper fazia um grande esforço para disfarçar sua beleza. Usava jeans esfarrapado, tênis surrados e uma blusinha branca com estampa cor-de-rosa da Hello Kitty. (Talvez fosse uma piada, embora Annabeth nunca tivesse certeza do que se passava na cabeça de Piper). O cabelo castanho desfiado estava preso para o lado direito em uma trança com uma pena de águia.

E havia ainda Jason, o namorado de Piper. Ele estava de pé na plataforma elevada da besta, na proa, onde os romanos podiam facilmente avistá-lo. Os nós de seus dedos estavam brancos no punho da espada de ouro. Exceto por isso, ele parecia calmo para alguém que se apresentava como alvo. Por cima do jeans e da camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue, ele vestia uma toga e um manto roxo, símbolos de seu antigo posto de pretor. Com o cabelo louro bagunçado pelo vento e os olhos azuis glaciais, parecia rusticamente bonito e no controle – como um filho de Júpiter devia ser. Ele havia crescido no Acampamento Júpiter, portanto esperavam que seu rosto familiar evitasse que os romanos derrubassem o navio.

Annabeth tentava esconder que ainda não confiava completamente no garoto. Seu comportamento era perfeito demais: sempre seguindo as regras,

sempre com atitudes honradas, até sua aparência era perfeita demais. Bem no fundo, um pensamento martelava: *E se isso for um truque e ele nos trair? E se navegarmos até o Acampamento Júpiter e ele disser:* Ei, romanos! Olhem só estes prisioneiros e este navio bacana que eu trouxe para vocês!

Annabeth duvidava que aquilo fosse acontecer. Ainda assim, não podia olhar para ele sem se sentir um pouco estranha. Ele fazia parte do "programa de intercâmbio" forçado que fora engendrado por Hera para que os dois acampamentos se conhecessem. Sua Mais Irritante Majestade, a Rainha do Olimpo, havia convencido os outros deuses de que seus dois grupos de filhos – romanos e gregos – tinham que unir forças para salvar o mundo da maligna deusa Gaia, que estava despertando da terra, e seus horríveis filhos, os gigantes.

Sem aviso, Hera sequestrara Percy Jackson, namorado de Annabeth, apagara sua memória e o enviara para o acampamento romano. Em troca, os gregos receberam Jason. Nada disso era culpa dele; mas, todas as vezes que Annabeth o via, lembrava-se da saudade que sentia de Percy.

Percy... que estava em algum lugar abaixo deles agora.

Ah, deuses. O pânico cresceu dentro dela. Annabeth o reprimiu. Não podia se dar ao luxo de perder o controle.

Sou uma filha de Atena, disse Annabeth a si mesma. *Tenho de me ater ao meu plano e não me desviar dele.*

Ela tornou a senti-lo – aquele arrepio familiar, como se um boneco de neve psicótico houvesse se aproximado por trás e soprasse sua nuca. Ela se virou, mas não havia ninguém ali.

Devia ser o nervosismo. Mesmo em um mundo de deuses e monstros, Annabeth não acreditava que um navio de guerra novo pudesse ser assombrado. O *Argo II* estava bem protegido.

Os escudos de bronze celestial ao longo da amurada haviam sido encantados para repelir monstros, e o sátiro a bordo, o Treinador Hedge, teria farejado qualquer intruso.

Annabeth desejou poder rezar pedindo orientação à mãe, mas agora isso não era possível. Não depois do mês passado, daquele encontro horrível com a deusa e do pior presente de sua vida...

O frio pareceu chegar ainda mais perto. Ela pensou ter ouvido uma voz distante ao vento, rindo. Todos os músculos de seu corpo ficaram tensos. Algo estava prestes a dar muito errado.

Ela quase ordenou a Leo que mudasse o curso. Então, no vale lá embaixo, cornetas soaram.

Os romanos os tinham avistado.

Annabeth pensou que sabia o que esperar. Jason tinha descrito o Acampamento Júpiter em detalhes minuciosos. Ainda assim, ela custava a acreditar no que via.

Cercado pelas Oakland Hills, o vale tinha pelo menos duas vezes o tamanho do Acampamento Meio-Sangue. Um riacho serpenteava por um dos lados e descrevia uma curva na direção do centro, como um imenso G maiúsculo, desaguando em um reluzente lago azul.

Bem abaixo do navio, aninhada à margem do lago, a cidade de Nova Roma cintilava à luz do sol. Annabeth reconheceu os pontos de referência mencionados por Jason: o hipódromo, o coliseu, os templos e parques, o bairro das Sete Colinas com suas ruas sinuosas, vilas coloridas e jardins floridos.

Ela viu as marcas da recente batalha dos romanos contra um exército de monstros. Parte do domo de um edifício que ela supunha ser o Senado tinha desabado. Na ampla praça do fórum havia uma série de crateras. Algumas fontes e estátuas estavam em ruínas.

Dezenas de garotos vestindo togas saíam do Senado para ver melhor *Argo II*. Mais romanos deixavam lojas e cafeterias, olhando boquiabertos e apontando para o navio que descia.

A pouco menos de dois quilômetros a oeste, onde as cornetas soavam, uma fortaleza romana erguia-se em uma colina. Era exatamente como as imagens que Annabeth vira em livros de história militar: uma trincheira de defesa encimada por espigões, muralhas altas e torres de vigilância armadas com balistas do tipo escorpião. Lá dentro, alojamentos brancos perfeitamente enfileirados ladeavam a estrada principal – a *Via Principalis*.

Uma coluna de semideuses surgia dos portões, as armaduras e lanças reluzindo enquanto eles corriam para a cidade. Em meio às fileiras havia um elefante de guerra de verdade.

Annabeth queria pousar o *Argo II* antes que aquelas tropas chegassem, mas o solo ainda estava centenas de metros abaixo. Ela analisou a multidão, esperando avistar Percy.

Então houve uma explosão atrás dela.

BUM!

A explosão quase a lançou para fora do navio. Ela se virou e se viu frente a frente com uma estátua masculina furiosa.

— Inadmissível! — gritou ele.

Aparentemente ele surgira com a explosão, bem ali no convés. Uma fumaça amarela sulfurosa se levantava dos ombros. Os cabelos cacheados estavam cheios de cinzas. Da cintura para baixo, nada mais era que um pedestal quadrado de mármore. Da cintura para cima, era uma figura humana musculosa com uma toga esculpida.

— Eu não vou tolerar armas dentro da Linha Pomeriana! — anunciou ele em uma voz professoral e autoritária. — E certamente não tolerarei

gregos!

Jason lançou a Annabeth um olhar que dizia: *Eu cuido disso.*

— Término — disse ele. — Sou eu, Jason Grace.

— Ah, eu me lembro de você, Jason! — grunhiu Término. — Pensei que tivesse juízo suficiente para não se associar aos inimigos de Roma!

— Mas eles não são inimigos...

— Isso mesmo — interveio Piper. — Só queremos conversar. Se pudéssemos...

— Rá! — disse a estátua. — Não tente usar esse charme comigo, mocinha. E largue essa adaga antes que eu a arranque de suas mãos!

Piper olhou para sua adaga de bronze, aparentemente se dando conta de que a segurava.

— Hã... ok. Mas como você a arrancaria de mim? Você nem tem braço.

— Que desrespeitosa! — Houve um *POP* agudo e um lampejo de luz amarela. Piper gritou e deixou cair a adaga, que agora fumegava e soltava faíscas. — Sorte sua que acabei de sair de uma batalha — disse Término. — Se eu estivesse com minha força máxima, já teria derrubado essa monstruosidade voadora do céu!

— Espere aí. — Leo deu um passo à frente, agitando seu controle de Wii. — Você chamou meu navio de monstruosidade? Diga que você não fez isso.

A ideia de que Leo pudesse atacar a estátua com seu controle de videogame foi suficiente para arrancar Annabeth de seu estado de choque.

— Vamos nos acalmar — ela ergueu as mãos para mostrar que não estava armada. — Creio que você seja Término, o deus das fronteiras. Jason me disse que você protege a cidade de Nova Roma, certo? Eu sou Annabeth Chase, filha de...

— Ah, eu sei quem você é! — A estátua a encarou com os olhos brancos e vazios. — Uma filha de Atena, a forma grega de Minerva. Um escândalo! Vocês gregos não têm o mínimo de decência. Nós romanos sabemos o lugar adequado para *aquela* deusa.

Annabeth cerrou os dentes. Aquela estátua não estava facilitando nada seu propósito de ser diplomática.

— O que exatamente você quer dizer com aquela deusa? E o que tem de tão escandaloso em...

— Certo! — interrompeu-a Jason. — Seja como for, Término, estamos aqui em missão de paz. Adoraríamos ter permissão para pousar e...

— Impossível! — gritou o deus. — Larguem suas armas e se entreguem! Deixem minha cidade imediatamente!

— É para fazermos qual dos dois? — perguntou Leo. — Nos entregarmos ou irmos embora?

— Ambos! — disse Término. — Entreguem-se, depois vão embora. Estou lhe dando uma bofetada por fazer uma pergunta tão idiota, seu garoto ridículo! Sentiu?

— Uau. — Leo examinava Término com interesse profissional. — Você está muito tenso. Precisa afrouxar algum mecanismo aí? Posso dar uma olhada.

Ele guardou o controle do Wii, pegou uma chave de fenda em seu cinto mágico de ferramentas e bateu no pedestal da estátua.

— Pare com isso! — insistiu Término. Outra pequena explosão fez Leo largar a chave de fenda. — Não é permitida a presença de armas em solo romano dentro da Linha Pomeriana.

— Da o quê? — perguntou Piper.

— Limites da cidade — traduziu Jason.

— E este navio inteiro é uma arma! — disse Término. — Vocês não podem pousar!

No vale lá embaixo, os reforços da legião estavam a meio caminho da cidade. Havia mais de cem pessoas no fórum. Annabeth examinava os rostos e... ah, deuses. Ela o viu. Ele caminhava na direção do navio com os braços nos ombros de duas pessoas, como se fossem melhores amigos – um garoto corpulento com cabelo muito curto e uma garota usando um capacete da cavalaria romana. Percy parecia tão à vontade, tão feliz. Ele usava uma capa roxa exatamente como a de Jason: a marca de um pretor.

O coração de Annabeth executou uma acrobacia de ginástica artística.

— Leo, pare o navio — ordenou ela.

— O quê?

— Você me ouviu. Vamos ficar exatamente onde estamos.

Leo apanhou o controle e o virou para cima. Todos os noventa remos ficaram imóveis. O navio parou de descer.

— Término — disse Annabeth — não existe nenhuma regra em relação a pairar *sobre* Nova Roma, existe?

A estátua franziu a testa.

— Bem, não...

— Podemos manter o navio no ar — disse Annabeth. — Vamos usar uma escada de corda para chegar ao fórum. Assim, o navio não estará em solo romano. Não tecnicamente.

A estátua pareceu pensar na situação. Annabeth perguntou-se se ele estaria coçando o queixo com mãos imaginárias.

— Gosto de tecnicidades — admitiu ele. — Ainda assim...

— Todas as nossas armas ficarão a bordo — prometeu Annabeth. — Presumo que os romanos... inclusive aqueles reforços marchando em nossa

direção... também terão que honrar suas regras dentro da Linha Pomeriana, se você assim ordenar.

— É claro! — disse Término. — Por acaso pareço ser do tipo que tolera infratores?

— Hã, Annabeth... — começou Leo. — Tem certeza de que essa é uma boa ideia?

Ela fechou os punhos para evitar que tremessem. Aquele calafrio persistia. Estava bem atrás dela, e agora que Término tinha parado de gritar e causar explosões, ela imaginou ouvir a presença gargalhando, como se estivesse se deliciando com as más escolhas de Annabeth.

Mas Percy estava lá embaixo... tão perto. Ela precisava chegar até ele.

— Vai ficar tudo bem. — disse ela. — Ninguém estará armado. Poderemos conversar em paz. Término cuidará para que os dois lados obedeçam às regras. — Ela olhou para a estátua de mármore. — Temos um acordo?

Término fungou.

— Creio que sim. Por enquanto. Você pode descer por sua escada para Nova Roma, filha de Atena. Mas, *por favor*, tente não destruir minha cidade.

II

ANNABETH

Um mar de semideuses partiu-se às pressas para Annabeth à medida que ela caminhava através do fórum. Alguns pareciam tensos, nervosos.

Alguns estavam com bandagens da sua recente batalha com os gigantes, mas ninguém estava armado. Ninguém atacou.

Famílias inteiras se espremiam para ver os recém-chegados. Annabeth viu casais com seus bebês, crianças agarradas nas pernas de seus pais, até algumas pessoas idosas com uma combinação de togas romanas e roupas modernas. Será que eram todos semideuses? Annabeth suspeitava que sim, embora nunca tivesse visto um lugar como esse. No Acampamento Meio-Sangue, a maioria dos semideuses era adolescente. Se eles sobrevivessem o tempo suficiente para se formar no segundo grau, ou eles ficavam como conselheiros-chefe ou partiam para viver suas vidas do melhor jeito que pudessem no mundo dos mortais. Aqui, havia uma comunidade inteira de várias gerações.

Lá longe no fim da multidão, Annabeth localizou Tyson, o ciclope, e o cão infernal de Percy, Sra. O'Leary – que tinham sido o primeiro grupo de busca do Acampamento Meio-Sangue a chegar ao Acampamento Júpiter. Eles pareciam estar de bom humor. Tyson acenava e sorria. Ele estava usando uma bandeira SPQR como um babador gigante.

Em alguma parte de sua mente, Annabeth registrava o quanto era linda essa cidade – o cheiro que vinha das padarias, as fontes gorgolejando, as flores se abrindo nos jardins. E a arquitetura... Deuses, a arquitetura – colunas de mármore dourado, mosaicos deslumbrantes, arcos monumentais e vilas com terraços.

À sua frente, os semideuses abriram caminho para uma garota que usava uma armadura romana completa e uma capa roxa. Cabelos negros caíam pelos seus ombros. Os olhos dela eram negros como obsidiana.

Reyna.

Jason havia descrito ela muito bem. Mas mesmo sem isso, Annabeth a teria distinguido como líder. Medalhas decoravam sua armadura. Ela se impunha com tanta confiança que os outros semideuses davam um passo para trás e desviavam o olhar.

Annabeth percebeu alguma coisa a mais no rosto dela também – no jeito franzido de sua boca e no modo determinado com que ela levantava o queixo como se estivesse pronta pra aceitar qualquer desafio. Reyna estava forçando uma imagem de coragem, enquanto lá no fundo ela escondia uma mistura de esperança e preocupação e medo que não podia mostrar em público.

Annabeth conhecia aquela expressão. Ela via toda vez que se olhava em um espelho.

As duas garotas avaliaram uma à outra. Os amigos de Annabeth se postaram ao lado dela. Os romanos murmuravam o nome de Jason e o

olhavam com respeito.

Então mais alguém apareceu do meio da multidão e a visão de Annabeth só o focalizava.

Percy sorriu pra ela – aquele sorriso sarcástico, de quem aprontou alguma que a irritara por anos mas eventualmente havia se tornado cativante. Os olhos verde-mar dele eram tão lindos quanto ela se lembrava. Seu cabelo negro estava penteado para um lado, como se ele tivesse acabado de chegar de uma caminhada na praia. Ele parecia bem melhor do que há seis meses atrás – mais bronzeado e mais alto, mais magro e mais musculoso.

Annabeth estava muito surpresa para se mexer. Ela tinha a sensação de que se chegasse mais perto dele, todas as moléculas do seu corpo podiam entrar em combustão.

Tinha uma quedinha secreta por ele desde que tinham doze anos. No último verão ela se apaixonou por ele de verdade. Eles formaram um casal feliz por quatro meses – e então ele desapareceu.

Durante a separação, alguma coisa tinha acontecido com os sentimentos de Annabeth. Eles aumentaram com uma intensidade dolorosa – como se ela tivesse sido forçada a se afastar de um remédio do qual sua vida dependia. Agora ela não tinha muita certeza do que seria mais excruciante – viver com aquela sensação horrível de abstinência ou ficar com ele de novo.

A pretora Reyna se endireitou. Com aparente relutância, dirigiu- se a Jason.

— Jason Grace, meu antigo colega... — Ela disse a palavra *colega* como se isso fosse algo perigoso. — Eu lhe dou as boas-vindas ao lar. E esses, seus amigos...

Annabeth não tinha a intenção, mas ela se impulsionou para frente. Percy correu na direção dela ao mesmo tempo. A multidão ficou tensa.

Alguns tentaram alcançar espadas que não estavam lá.

Percy jogou os braços ao redor dela. Eles se beijaram e por um momento nada mais importava. Um asteroide poderia ter colidido com o planeta e extinguido toda a vida e Annabeth não teria se importado.

Percy tinha o cheiro da brisa do oceano. Seus lábios eram salgados.

Cabeça de Alga, pensou vertiginosamente.

Percy a puxou e estudou seu rosto.

— Deuses, eu nunca pensei...

Annabeth o agarrou pela cintura e o virou por cima de seu ombro. Ele bateu no piso de pedra. Os romanos exclamaram. Alguns se arremessaram para frente, mas Reyna ordenou:

— Parem, fiquem em seus postos!

Annabeth colocou o joelho sobre o peito de Percy. Ela pressionou o antebraço na garganta dele. Ela não se importava com o que os romanos estavam pensando. Uma massa branca e quente de raiva se expandiu no peito dela – um tumor de preocupação e amargura que ela carregava desde o último outono.

— Se você me deixar de novo... — disse ela, os olhos dela faiscavam. — Eu juro por todos os deuses...

Percy teve a ousadia de rir. De repente a massa fervente de emoções se derreteu dentro de Annabeth.

— Considere-me avisado — disse Percy. — Eu também senti sua falta.

Annabeth se ergueu e o ajudou a se levantar. Ela queria beijá-lo tão desesperadamente, mas conseguiu se conter.

Jason limpou a garganta.

— Então, sim... É bom estar de volta.

Ele apresentou Reyna a Piper, que parecia um pouco aborrecida por não ter conseguido dizer as palavras que ela tinha praticado, depois a Leo, que

sorriu e fez um sinal de paz.

— E essa é Annabeth — disse Jason. — Hã, normalmente ela não aplica golpes de judô nas pessoas.

Os olhos de Reyna brilharam.

— Tem certeza de que você não é romana Annabeth? Ou uma amazona?

Annabeth não sabia se isso era um elogio, mas ela estendeu a mão.

— Eu só ataco meu namorado desse jeito — prometeu ela. — Prazer em conhecê-la.

Reyna apertou a mão dela com firmeza.

— Parece que nós temos muito a discutir. Centuriões!

Alguns dos campistas romanos correram à frente – aparentemente os oficiais seniores.

Dois jovens apareceram ao lado de Percy, os mesmos que Annabeth tinha visto se confraternizando com ele mais cedo. O rapaz corpulento asiático com o cabelo raspado devia ter uns quinze anos. Ele era fofo de um jeito urso panda tamanho grande. A garota era mais jovem, talvez uns treze anos, com olhos âmbar, pele cor de chocolate e um longo cabelo cacheado. O capacete de cavalaria dela estava enfiado embaixo do braço.

Annabeth podia dizer pela linguagem corporal que eles se sentiam próximos a Percy.

Eles pararam ao lado dele, de um jeito protetor, como se já tivessem dividido várias aventuras. Ela lutou contra uma pontada de ciúme. Será que Percy e essa garota... Não. A química entre os três não era desse tipo. Annabeth tinha passado a sua vida inteira aprendendo a ler as pessoas. Era uma habilidade de sobrevivência. Se ela tivesse que apostar, diria que o grandalhão asiático era o namorado da garota, embora ela suspeitasse que eles não estivessem juntos há muito tempo.

Havia uma coisa que ela não entendia. O que a garota estava olhando? Ela continuava franzindo a testa na direção de Piper e Leo, como se ela reconhecesse um deles e a memória fosse dolorosa.

Enquanto isso, Reyna estava dando ordens para seus oficiais.

— ... diga à legião para se retirar. Dakota, alerte os espíritos na cozinha. Diga-lhes para preparar uma festa de boas-vindas. E Octavian...

— Você está permitindo que esses intrusos entrem no *acampamento?* — Um cara alto com o cabelo viscoso e loiro, abrindo caminho à cotoveladas. — Reyna, os riscos à segurança...

— Nós não estamos levando-os ao acampamento, Octavian. — Reyna o fulminou com o canto dos olhos. — Nós vamos comer aqui, no fórum.

— Ah, *muito* melhor. — disse Octavian. Ele parecia ser o único que não admitia Reyna como sua superior, fora o fato dele ser magricela e pálido e por alguma razão tinha três ursinhos de pelúcia pendurados em seu cinto. — Você quer que nós relaxemos à sombra do navio de guerra deles.

— Eles são nossos convidados. — Reyna destacou bem cada palavra. — Nós vamos recebê-los e conversar com eles. Como sacerdote, você devia queimar alguma oferenda para agradecer aos deuses por nos trazerem Jason de volta em segurança.

— Boa ideia — disse Percy. — Vá queimar seus ursinhos, Octavian.

Reyna parecia que estava tentando não rir.

— Você tem minhas ordens. Vá.

Os oficiais dispersaram. Octavian disparou um olhar de absoluta repugnância para Percy. Depois olhou com suspeita para Annabeth de novo e então se afastou.

Percy deslizou sua mão sobre a de Annabeth.

— Não se preocupe com Octavian — disse ele. — A maioria dos romanos é gente boa, como Frank e Hazel aqui, e Reyna. Nós vamos ficar

bem.

Annabeth sentiu como se alguém tivesse enrolado uma toalhinha gelada em seu pescoço. Ela ouviu aquele sussurro gargalhando de novo, como se a presença tivesse seguido ela desde o navio.

Ela olhou para o *Argo II*. Aquele casco de bronze maciço cintilando à luz do sol. Parte dela queria pegar Percy agora mesmo, subir a bordo, e dar o fora daqui enquanto eles ainda podiam.

Ela não conseguia se livrar daquela sensação de que alguma coisa estava para dar terrivelmente errado. E de jeito nenhum se arriscaria a perder Percy novamente.

— Nós vamos ficar bem — ela repetiu, tentando se convencer disso.

— Excelente — disse Reyna. Ela se virou para Jason, e Annabeth achou que havia um tipo de brilho de desejo nos olhos dela. — Vamos conversar e vamos ter uma reunião apropriada.

III

ANNABETH

Annabeth desejou ter apetite, porque os romanos sabiam como comer.

Conjuntos de sofás e mesinhas foram carregados para o fórum até que ele se parecesse com uma mostra de móveis. Os romanos se sentavam em grupos de dez ou vinte, conversando e rindo enquanto espíritos do vento – *aurae* – giravam por cima de suas cabeças trazendo uma grande variedade de pizzas, sanduíches, batata frita, bebidas geladas e biscoitos recém-saídos do forno. Flutuando no meio da multidão havia fantasmas púrpura – *Lares* – vestidos em togas e armaduras de legionários. Ao redor da festa, sátiros (não, *faunos*, Annabeth pensou) trotavam de mesa em mesa, mendigando comida ou algum trocado. Nos campos ao redor, o elefante de guerra brincava com a Sra. O'Leary e crianças brincavam de pega-pega ao redor das estátuas de Término que demarcavam os limites da cidade.

A cena inteira era tão familiar e ao mesmo tempo tão fora da realidade que causou tontura em Annabeth.

Tudo o que queria era ficar com Percy – de preferência sozinhos, mas ela sabia que teria que esperar. Se a missão deles fosse bem-sucedida, iriam precisar desses romanos, o que significava conhece-los e criar algum tipo de amizade.

Reyna e alguns poucos oficiais (incluindo o garoto loiro Octavian, que tinha acabado de voltar da queima de alguns ursinhos de pelúcia para os deuses) se sentavam com Annabeth e sua tripulação. Percy se juntou a eles com seus dois novos amigos, Frank e Hazel.

Enquanto um tornado de pratos de comida se instalava na mesa, Percy se inclinou e sussurrou:

— Eu quero te mostrar Nova Roma. Só você e eu. O lugar é incrível.

Annabeth devia ter se sentindo emocionada. Só você e eu, era exatamente o que ela queria. Mas ao invés disso, um ressentimento engasgou em sua garganta. Como Percy podia falar com tanto entusiasmo sobre esse lugar? E quanto ao Acampamento Meio-Sangue – *o acampamento deles, o lar deles?*

Ela tentou não ficar olhando para as novas marcas no antebraço de Percy – uma tatuagem SPQR igual à de Jason. No Acampamento Meio-Sangue, os semideuses ganhavam contas em seu colar para comemorar os anos de treinamento. Aqui, os romanos queimavam uma tatuagem em sua carne, como se isso dissesse: *Você nos pertence permanentemente.* Ela engoliu de volta alguns comentários amargos.

— Ok. Claro.

— Eu estive pensando — disse ele nervosamente. — Eu tive essa ideia...

Ele parou quando Reyna pediu uma torrada a um colega.

Depois de todas as apresentações, os romanos e a tripulação de Annabeth começaram a trocar histórias. Jason explicou como ele tinha chegado ao Acampamento Meio-Sangue sem sua memória e como tinha

saído em uma missão com Piper e Leo para resgatar a deusa Hera (ou Juno, você escolhe, ela era igualmente irritante na forma Grega ou na Romana) de sua prisão na casa dos lobos no norte na Califórnia.

— Impossível! — interrompeu Octavian. — Aquele é o nosso local mais sagrado. Se os gigantes tivessem aprisionado uma deusa lá...

— Eles teriam a destruído, — disse Piper — e colocado a culpa nos gregos, começando uma guerra entre os acampamentos. Agora fique quieto e deixe o Jason terminar.

Octavian abriu a boca, mas nenhum som saiu. Annabeth realmente adorava o charme de Piper. Ela percebeu que Reyna olhava de lá pra cá entre Jason e Piper, sua sobrancelha erguida, como se estivesse começando a perceber que aqueles dois eram um casal.

— Então, — continuou Jason— foi assim que nós descobrimos sobre a deusa terra Gaia. Ela ainda está meio adormecida, mas é quem está libertando os monstros do Tártaro e revivendo os gigantes. Porfírio, o grande líder com quem nós lutamos na casa dos lobos, disse que estava recuando para as terras antigas – a Grécia. Ele planeja despertar Gaia e destruir os deuses... Como foi que ele disse? *Arrancando suas raízes*.

Percy concordou pensativo.

— Gaia esteve bem ocupada aqui também. Nós tivemos nosso próprio encontro com a Rainha Cara de Terra.

Percy contou seu lado da história. Ele falou sobre acordar na casa dos lobos sem se lembrar de nada exceto por um nome — Annabeth.

Quando ouviu isso, Annabeth teve que se esforçar muito pra tentar não chorar. Percy contou a eles como ele tinha viajado ao Alasca com Frank e Hazel – como tinham derrotado o gigante Alcioneu, libertado o deus da morte Thanatos e retornado com o estandarte da águia dourada

desaparecido do Acampamento romano para repelir um ataque do exército de gigantes.

Quando Percy terminou, Jason assoviou, apreciando a história.

— Não me admira que tenham te elegido pretor.

Octavian bufou.

— O que quer dizer que agora nós temos três pretores! As regras estabelecem claramente que só podemos ter dois!

— O lado bom disso — disse Percy. — É que nós dois, Jason *e* eu somos seus superiores, Octavian. Então *ambos* podemos te mandar calar a boca.

Octavian ficou tão roxo quanto uma camiseta romana. Jason bateu seu punho amigavelmente com o de Percy.

Até mesmo Reyna desenhou um sorriso, embora seus olhos estivessem atormentados.

— Nós vamos ter que resolver o problema do pretor extra depois — disse ela. — No momento temos assuntos mais sérios para tratar.

— Eu cederei meu lugar ao Jason — disse Percy calmamente. — Não é grande coisa.

— Não é *grande coisa?* — gritou Octavian. — O pretorado de Roma *não* é *grande coisa?*

Percy o ignorou e se virou para Jason.

— Você é o irmão de Thalia Grace, não é? Uau. Vocês dois não são nada parecidos.

— Sim, eu percebi — disse Jason. — De qualquer jeito, obrigado por ter ajudado meu acampamento enquanto eu estive fora. Você fez um trabalho incrível.

— Eu te digo o mesmo — disse Percy.

Annabeth chutou a canela dele. Ela odiou interromper o momento fraternal entre os rapazes, mas Reyna estava certa: Eles tinham coisas sérias

para discutir.

— Nós devíamos falar sobre a grande profecia. Parece-me que os romanos estão cientes disso também?

Reyna concordou.

— Nós a chamamos de Profecia dos Sete. Octavian, você sabe recitar de cor?

— É claro — disse ele. — Mas Reyna...

— Recite, por favor, traduzido, não em latim.

Octavian suspirou.

— *Sete semideuses responderão ao chamado. Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado...*

— *Um juramento a manter com um alento final* — continuou Annabeth. — *E inimigos com armas às Portas da Morte afinal.*

Todos olharem fixamente para ela – exceto por Leo, que havia construído um cata-vento com as embalagens de tacos feitas de papel alumínio e o enfiando dentro dos espíritos do vento.

Annabeth não tinha certeza de porque ela disse rapidamente as linhas da profecia. Apenas havia se sentido pressionada. O garoto grande, Frank, sentado em frente a ela, olhava fixamente para ela em fascinação, como se nela tivesse crescido um terceiro olho.

— É verdade que você é uma filha de Min... Quero dizer, Atena?

— Sim — disse ela, repentinamente se sentindo defensiva. — Porque isso é tão surpreendente?

Octavian zombou.

— Se você é verdadeiramente uma filha da deusa da *sabedoria*...

— Basta — interrompeu Reyna. — Annabeth é o que ela diz. Ela está aqui em paz. Além disso... — Ela deu um olhar de invejoso respeito. — Percy tem falado bastante de você.

O tom suave na voz de Reyna levou Annabeth a um momento de adivinhação. Percy olhou para baixo, repentinamente interessado em seu *cheeseburger*.

O rosto de Annabeth ficou quente. Ah, deuses... Reyna havia tentado namorar Percy.

Isso explicava o tom de amargura, talvez até mesmo inveja, em suas palavras. Percy a havia rejeitado por Annabeth.

Nesse momento, Annabeth perdoou seu ridículo namorado por tudo o que ele já havia feito de errado. Ela queria atirar seus braços ao redor dele, mas controlou a si própria e permaneceu composta.

— Hã, obrigada — disse Annabeth a Reyna. — De qualquer modo, um pedaço da profecia está se tornando clara. Inimigos com armas às Portas da Morte... Isso quer dizer romanos e gregos. Nós temos que combinar forças para encontrar essas portas.

Hazel, a garota com o elmo de cavalaria e longo cabelo encaracolado, pegou algo próximo a seu prato. Parecia como um grande rubi; mas antes que Annabeth pudesse ter certeza, Hazel meteu-o no bolso da sua calça de brim.

— Meu irmão, Nico, foi procurar pelas portas — disse ela.

— Espere — disse Annabeth. — Nico di Angelo? Ele é seu irmão?

Hazel assentiu com a cabeça como se isso fosse óbvio. Uma dúzia a mais de perguntas surgiu na cabeça de Annabeth, mas sua cabeça ainda estava girando como o cata-vento de Leo. Ela decidiu deixar o assunto de lado.

— Certo. Você estava dizendo...?

— Ele desapareceu. — Hazel umedeceu seus lábios. — Estou com medo de que... Não tenho certeza, mas acho que algo aconteceu a ele.

— Procuraremos por ele — prometeu Percy. — Nós temos que encontrar as Portas da Morte de qualquer modo. Thanatos nos disse que

encontraríamos ambas as respostas em Roma... tipo, a Roma *original*. É no caminho da Grécia, certo?

— Thanatos disse isso a vocês? — Annabeth tentou ocultar seu pensamento sobre *essa* ideia. — O deus da morte?

Ela havia conhecido muitos deuses. Havia até mesmo ido ao Mundo Inferior; mas a história de Percy sobre salvar a encarnação da própria morte realmente a assustava.

Percy mordeu um pedaço de seu hambúrguer.

— Agora que a morte está livre, os monstros vão se desintegrar e voltar para o Tártaro de novo como costumavam fazer. Mas enquanto as Portas da Morte estiverem abertas, eles vão continuar voltando.

Piper sacudiu a pena em seu cabelo.

— Como água vazando por uma represa — sugeriu ela.

— Sim. — Percy sorriu. — Nós estamos com um buraco na represa.

— O quê? — perguntou Piper.

— Nada — disse ele. — Só uma piada. O importante é que nós temos que encontrar as portas e trancá-las antes que possamos ir para a Grécia. É o único jeito de nós termos uma chance de derrotar os gigantes e ter certeza de que vão continuar destruídos.

Reyna pegou uma maçã de uma bandeja de frutas que estava passando. Ela girou a maçã em seus dedos, estudando a superfície vermelho-escura.

— Você propõe uma expedição à Grécia em seu navio de guerra. Vocês percebem que as terras antigas – e o *Mare Nostrum* – são perigosos?

— *Mary quem*? — perguntou Leo.

— *Mare Nostrum*. — explicou Jason. — *Nosso Mar*. É como os antigos romanos chamavam o Mediterrâneo.

Reyna concordou.

— O território que já foi o Império Romano não é apenas o local de nascimento dos deuses. É também a terra ancestral de monstros, titãs e gigantes... E coisas piores. Assim como é perigoso para semideuses viajarem aqui nos Estados Unidos, *lá* isso seria dez vezes pior.

— Você disse que o Alasca seria ruim — lembrou Percy. — E nós sobrevivemos.

Reyna balançou a cabeça. À medida que ela virava a maçã suas unhas rasgavam luas crescentes na superfície.

— Percy, viajar para o Mediterrâneo é um nível de perigo completamente diferente. Está fora dos limites para semideuses romanos há séculos. Nenhum herói em seu juízo perfeito iria para lá.

— Então é com a gente! — Leo sorriu por cima de seu cata-vento. — Porque nós somos todos doidos, certo? Além disso, o *Argo II* é um navio de guerra top de linha. Vai nos levar até lá.

— Vamos precisar correr — acrescentou Jason. — Eu não sei exatamente o que os gigantes estão planejando, mas Gaia está aumentando sua consciência a cada minuto. Ela está invadindo sonhos, aparecendo em lugares estranhos, invocando monstros cada vez mais poderosos. Nós temos que parar os gigantes antes que eles consigam despertá-la completamente.

Annabeth estremeceu. Ela tinha tido sua própria cota de pesadelos ultimamente.

— *Sete meio-sangues responderão ao chamado* — disse ela. — Precisa ser um misto de ambos os nossos acampamentos. Jason, Piper, Leo e eu. Somos quatro.

— E eu — disse Percy. — Com mais Frank e Hazel. São sete.

— O quê? — Octavian se levantou de um pulo. — Nós devemos apenas *aceitar* isso? Sem uma votação no Senado? Sem um debate apropriado? Sem...

— Percy! — Tyson, o ciclope vinha na direção deles com a Sra. O'Leary atrás dele.

E nas costas do cão infernal sentava a mais magra harpia que Annabeth já tinha visto – uma garota com a aparência adoentada e o cabelo vermelho pegajoso, um vestido feito de saco e asas com penas avermelhadas.

Annabeth não sabia de onde a harpia tinha vindo, mas seu coração se aqueceu ao ver Tyson com sua camisa xadrez e seu jeans esfarrapado e com o estandarte SPQR cruzado em seu peito. Ela tinha tido experiências bem ruins com ciclopes, mas Tyson era um doce.

Ele também era meio-irmão de Percy (longa história), o que o tornava praticamente da família.

Tyson parou perto do sofá deles, torcendo suas mãos carnudas. Seu grande olho castanho estava cheio de preocupação.

— Ella está assustada — disse ele.

— S-s-sem mais barcos — a harpia murmurou pra si mesma, contando furiosamente em suas penas. — *Titanic*, *Lusitânia*, *Pax*... Barcos não são para harpias.

Leo apertou os olhos. Ele olhou para Hazel que estava sentando perto dele.

— Aquela garota galinha acabou de comparar *meu* navio ao *Titanic?*

— Ela não é uma galinha. — Hazel desviou os olhos, como se Leo a fizesse ficar nervosa. — Ella é uma harpia. Ela só está um pouco... nervosa demais.

— Ella é linda, — disse Tyson — e assustada. Nós precisamos levá-la, mas ela não vai subir no navio.

— Sem navios — repetiu Ella. Ela olhou direto para Annabeth. — Má sorte. É o que ela é. *A filha da sabedoria caminha solitária*...

— Ella! — Frank ficou de pé de repente. — Talvez não seja a melhor hora...

— *A Marca de Atena por toda a Roma é incendiária* — continuou Ella, colocando as mãos sobre os ouvidos e levantando a voz. — *A filha da sabedoria caminha solitária, A Marca de Atena por toda Roma é incendiária. Gêmeos ceifaram do anjo a vida, que detém a chave para a morte infinita. A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida, conquistada por meio da dor de uma prisão tecida.*

O efeito foi como se alguém jogasse uma granada de luz sobre a mesa. Todos encaravam a harpia. Ninguém disse uma palavra. O coração de Annabeth estava martelando. *A Marca de Atena*... Ela resistiu ao impulso de checar sua carteira, mas ela podia sentir a moeda de prata ficando mais quente – o presente maldito de sua mãe. *Siga a Marca de Atena. Vingue-me.*

Ao redor deles o som da festa continuava, mas emudecido e distante, como se aquele seu pequeno grupo de sofás tivesse deslizado para uma dimensão mais silenciosa.

Percy foi o primeiro a se recuperar. Ele ficou de pé e pegou no braço de Tyson.

— Eu sei! — disse ele com um falso entusiasmo. — Que tal levar Ella pra tomar um ar fresco? Você e a Sra. O'Leary...

— Esperem. — Octavian pegou um de seus ursos de pelúcia, estrangulando-o com suas mãos trêmulas. Os olhos dele fixos em Ella. — O que foi que ela disse? Isso parecia uma...

— Ella lê muito — deixou escapar Frank. — Nós a encontramos numa biblioteca.

— Sim! — disse Hazel. — Provavelmente foi alguma coisa que ela leu num livro.

— Livros — murmurou Ella prestativamente. — Ella gosta de livros.

Agora que ela tinha dito sua parte, a harpia parecia mais relaxada. Ela se sentou de pernas cruzadas nas costas da Sra. O'Leary, alisando suas asas.

Annabeth deu um olhar curioso a Percy. Obviamente, ele, Frank e Hazel estavam escondendo alguma coisa. Assim como era óbvio, que Ella tinha recitado uma profecia – uma profecia que dizia respeito *a ela*.

A expressão de Percy dizia, *Socorro*.

— Isso foi uma profecia — insistiu Octavian. — Isso soou como uma profecia.

Ninguém respondeu.

Annabeth não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas entendeu que Percy estava à beira de um grande problema.

Ela forçou uma risada.

— Mesmo, Octavian? Talvez as harpias sejam diferentes aqui, do lado romano. As nossas só tem inteligência o suficiente para limpar os quartos e cozinhar. As suas geralmente preveem o futuro? Você as consulta nos seus augúrios?

As palavras dela tiveram o efeito pretendido. Os oficiais romanos gargalharam nervosamente. Alguns avaliavam Ella, depois olhavam para Octavian e bufavam. A ideia de uma senhora galinha emitindo profecias era aparentemente tão ridícula para os romanos quanto era para os gregos.

— Eu, humm... — Octavian largou seu ursinho de pelúcia. — Não, mas...

— Ela está só recitando linhas de algum livro, — disse Annabeth — como Hazel sugeriu. Além disso, nós já temos uma profecia *real* para nos preocupar.

Ela se virou para Tyson.

— Percy está certo. Porque você não leva Ella e a Sra. O'Leary pra passear pelas sombras por enquanto? Está tudo bem para você, Ella?

— Cachorros grandes são legais — disse Ella. — *Meu melhor companheiro*, 1957, filmado por Fred Gipson e William Tunberg.

Annabeth não sabia ao certo o que fazer com aquela resposta, mas Percy sorriu como se o problema estivesse resolvido.

— Ótimo! — disse Percy. — Nós mandaremos uma mensagem de Íris quando terminarmos aqui e alcançamos vocês depois.

Os romanos olharam para Reyna, esperando por suas ordens. Annabeth segurou o fôlego.

Reyna tinha uma excelente cara de paisagem. Ela estudou Ella, mas Annabeth não conseguia adivinhar o que ela estava pensando.

— Bem — a pretora disse finalmente. — Vão.

— Uhu! — Tyson chegou perto do sofá e deu um grande abraço em todo mundo – até em Octavian, que não pareceu nada feliz com isso. Depois ele montou nas costas da Sra. O'Leary com Ella, e o cão infernal partiu para o fórum. Eles seguiram direto para uma sombra na parede do Senado e desapareceram.

— Bem. — Reyna pôs na mesa a maçã que não tinha comido. — Octavian está certo quanto a uma coisa. Nós precisamos receber a aprovação do Senado antes de deixarmos qualquer um de nossos legionários partir numa missão – especialmente uma tão perigosa quanto a que vocês estão sugerindo.

— Essa coisa toda me cheira a traição — murmurou Octavian. — Aquele trirreme não é um navio de paz!

— Suba a bordo, cara — ofereceu Leo. — Eu te levo numa excursão. Você pode conduzir o navio e se for bem mesmo eu te dou um chapeuzinho de papel de capitão pra você vestir.

As narinas de Octavian se alargaram.

— Como você ousa...

— É uma boa ideia — disse Reyna. — Octavian, vá com ele. Cheque o navio. Nós nos encontramos na reunião do Senado em uma hora.

— Mas... — Octavian parou. Aparentemente, ele podia dizer pela expressão de Reyna que esticar aquela reclamação não seria muito bom pra saúde dele. — Está bem.

Leo se levantou. Ele se virou para Annabeth e o sorriso dele mudou. Aconteceu tão rápido que Annabeth pensou que tinha imaginado aquilo; mas só por um momento pareceu que uma outra pessoa estava de pé no lugar de Leo, sorrindo friamente com um brilho cruel em seus olhos. Então Annabeth piscou e Leo estava normal, o velho Leo novamente, com seu usual sorriso travesso.

— Eu volto logo — prometeu Leo. — Isso vai ser épico.

Um calafrio horrível passou por ela. Enquanto Leo e Octavian se dirigiam para a escada de cordas, ela pensou em chamá-los de volta – mas como iria explicar isso? Dizer para todos que estava ficando louca, vendo coisas e sentindo calafrios?

Os espíritos do vento começaram a limpar os pratos.

— Hã, Reyna — disse Jason. — Se você não se importa, eu gostaria de mostrar os arredores para Piper antes da reunião do Senado. Ela nunca viu Nova Roma.

A expressão de Reyna endureceu.

Annabeth pensou como Jason podia ser tão tapado. Será possível que ele não entendia mesmo o quanto Reyna gostava dele? Isso era tão óbvio para Annabeth. Pedir para mostrar os arredores para sua nova namorada para Reyna era como jogar sal na ferida.

— É claro — disse Reyna friamente.

Percy pegou a mão de Annabeth.

— É, eu também. Eu gostaria de mostrar para Annabeth...

— Não — disse Reyna.

Percy levantou as sobrancelhas.

— Desculpe?

— Eu gostaria de ter umas palavrinhas com Annabeth — disse Reyna. — A sós. Se você não se importar, meu colega pretor.

O tom dela deixava claro que ela não estava realmente pedindo permissão.

O calafrio se espalhou pelas costas de Annabeth. Ela imaginou o que Reyna estava fazendo. Talvez a pretora não gostasse da ideia dos dois caras que a rejeitaram fazendo turismo com suas namoradas pela cidade. Ou talvez houvesse alguma coisa que ela queria dizer em particular. De qualquer jeito, Annabeth estava relutante em ficar sozinha e desarmada com a líder romana.

— Venha, filha de Atena. — Reyna se ergueu de seu sofá. — Caminhe comigo.

IV

ANNABETH

Annabeth quis odiar Nova Roma, mas como uma aspirante a arquiteta, não podia deixar de admirar os jardins nos terraços, as fontes e templos, as ruas sinuosas de paralelepípedos e as reluzentes casas brancas. Depois da Guerra dos Titãs no verão passado, tinha conseguido seu trabalho dos sonhos de redesenhar os palácios do Monte Olimpo. Agora, caminhando por esta miniatura de cidade, ela continuava pensando: *Eu devia ter feito um domo como esse. Adoro o jeito que aquelas colunas levam em direção àquele pátio*. Quem quer que tenha desenhado Nova Roma colocou um monte de tempo e amor nesse projeto.

— Nós temos os melhores arquitetos e construtores do mundo — disse Reyna, como se estivesse lendo seus pensamentos. — Roma sempre teve, nos tempos antigos. Muitos semideuses ficam para viver aqui depois de seu tempo na Legião. Eles vão à nossa universidade. Instalam-se para criar famílias. Percy pareceu bem interessado nesse fato.

Annabeth imaginou *o que* isso significava. Ela deve ter feito uma careta mais feroz do que tinha percebido, porque a pretora começou a rir.

— Você é uma guerreira. Tudo bem — disse a pretora. — Você tem fogo em seus olhos.

— Sinto muito. — Annabeth tentou diminuir o brilho.

— Não sinta. Eu sou uma filha de Belona.

— A deusa romana da guerra?

Reyna concordou. Ela se virou e assoviou como se estivesse chamando um táxi. Um momento depois, dois cães de metal correram em direção a elas – *galgos* autômatos, um prateado e um dourado. Eles se esfregaram nas pernas de Reyna e estudaram Annabeth com seus olhos reluzentes de rubi.

— Meus bichinhos — explicou Reyna. — Aurum e Argentum. Você não se importa se eles andarem conosco?

Mais uma vez, Annabeth teve a sensação de que ela não estava na verdade fazendo um pedido. Ela notou que os galgos tinham dentes parecidos com pontas de flechas de aço.

Talvez armas não fossem permitidas dentro da cidade, mas os bichinhos de Reyna ainda podiam retalhar ela em pedaços se quisessem.

Reyna conduziu-a até uma cafeteria, onde o garçom claramente a conhecia. Ele sorriu e entregou a ela uma xícara para viagem, depois ofereceu uma a Annabeth.

— Você gostaria de alguma coisa? — perguntou Reyna. — Eles fazem um maravilhoso chocolate quente. Não é uma bebida romana na verdade...

— Mas chocolate é universal — disse Annabeth.

— Exatamente.

Era uma tarde morna de junho, mas Annabeth aceitou a xícara com um agradecimento.

As duas então continuaram a caminhar, os cães prata e ouro de Reyna rondando ao redor.

— Em nosso acampamento, — disse Reyna — Atena é Minerva. Você está familiarizada com o quanto a forma romana dela é diferente?

Annabeth não tinha realmente considerado isso antes. Ela lembrou do modo como Término tinha chamado Atena de *aquela* deusa, como se ela fosse escandalosa. Octavian tinha agido como se até a existência de Annabeth fosse um insulto.

— Eu suponho que Minerva não seja... hã, muito respeitada aqui?

Reyna soprou o vapor de sua xícara.

— Nós *respeitamos* Minerva. Ela é a deusa da estratégia e da sabedoria... Mas não é realmente uma deusa da guerra. Não para os romanos. Ela também é uma deusa virgem, como Diana... Que vocês chamam de Ártemis. Você não vai achar nenhuma filha de Minerva aqui. A ideia de que Minerva *tivesse* filhos... francamente, é um pouco chocante para nós.

— Ah. — Annabeth sentiu seu rosto corar.

Ela não queria entrar em detalhes sobre os filhos de Atena – como elas nasciam direto da mente da deusa, exatamente como a própria Atena brotara da cabeça de Zeus. Falar sobre isso sempre fazia Annabeth se sentir constrangida, como se ela fosse algum tipo de aberração. As pessoas geralmente perguntavam se ela tinha um umbigo ou não, já que ela tinha nascido magicamente. *É claro* que ela tinha um umbigo. Só não conseguia explicar como. Na verdade não queria saber.

— Eu entendo que vocês gregos não vejam as coisas do mesmo jeito — continuou Reyna. — Mas os romanos levam os votos de castidade muito a sério. As Virgens Vestais por exemplo... Se elas quebram seus votos e se apaixonam por alguém, eles seriam enterrados vivos. Então a ideia de que uma deusa virgem tenha filhos...

— Entendi — o chocolate quente de Annabeth estava com gosto de poeira. Não admira que os romanos ficassem olhando ela de modo estranho. — Suponho que eu não deveria existir. E mesmo se em seu acampamento *tivessem* filhas de Minerva...

— Elas não seriam como você — disse Reyna. — Poderiam ser artesãs, artistas talvez conselheiras, mas não guerreiras. Nem líderes de missões perigosas.

Annabeth começou a pensar que ela não era a líder da missão. Não oficialmente. Mas imaginou se seus amigos na *Argo II* concordariam. Nos últimos dias, eles vinham procurando-a em busca de ordens. Até mesmo Jason, que poderia ter tomado o posto como filho de Júpiter e o Treinador Hedge, que não acatava ordens de ninguém.

— Tem mais. — Reyna estalou os dedos e seu cão dourado, Aurum, trotou até ela. A pretora acariciou a orelha dele. — A harpia Ella... *Foi* uma profecia o que ela disse. Nós duas sabemos disso, não é?

Annabeth engoliu em seco. Alguma coisa nos olhos de rubi de Aurum a deixavam nervosa. Ela tinha ouvido que cães podiam farejar o medo e até detectar mudanças na respiração dos humanos e nos batimentos cardíacos. Ela não sabia se isso era aplicado a cães mágicos de metal, mas decidiu que seria melhor dizer a verdade.

— Pareceu uma profecia sim — admitiu Annabeth. — Mas eu nunca tinha encontrado Ella antes de hoje e nunca tinha ouvido aqueles versos exatamente.

— Eu já — murmurou Reyna. — Pelo menos algumas partes...

A alguns metros de distância, o cachorro prateado latiu. Um grupo de crianças saiu de um beco próximo e se reuniram ao redor de Argentum, fazendo gracinha com o cachorro e rindo, sem se preocupar com seus dentes de navalha afiada.

— Nós devíamos continuar — disse Reyna.

Elas abriram caminho até o topo da colina. Os *galgos* as seguiram, deixando as crianças para trás. Annabeth continuava olhando para o rosto de Reyna. Uma vaga memória começou a se arrastar até ela – o jeito que Reyna penteava o cabelo para trás da orelha, o anel de prata que ela usava com o desenho da tocha e da espada.

— Nós já nos encontramos antes — arriscou Annabeth. — Você era mais nova, eu acho.

Reyna deu a ela um sorriso amarelo.

— Muito bem. Percy não se lembrou de mim. É claro que você falou bem mais com minha irmã mais velha Hylla, que agora é a rainha das Amazonas. Ela partiu ainda essa manhã, antes de vocês chegarem. De qualquer maneira, quando nos encontramos da última vez, eu era uma mera camareira na casa de Circe.

— Circe...

Annabeth lembrou-se de sua viagem até a ilha da feiticeira. Ela tinha treze anos. Percy e ela tinham chegado à costa pelo Mar dos Monstros. Hylla os havia recepcionado. Ela tinha ajudado Annabeth a se limpar e dado a ela um vestido novo e uma maquiagem completa. Depois Circe fez sua oferta: se Annabeth ficasse na ilha, poderia ter treinamento em magia e um poder incrível. Annabeth tinha ficado tentada, talvez só um pouco, até perceber que o lugar era uma armadilha e Percy tinha sido transformado em um porquinho-da-índia (essa última parte pareceu bem engraçada depois, mas naquele momento, aquilo tinha sido aterrorizante). Quanto a Reyna... Ela tinha sido uma das serviçais que haviam penteado o cabelo de Annabeth.

— Você... — Annabeth disse, confusa. — E Hylla é rainha das Amazonas? Como vocês duas...?

— Longa história — disse Reyna. — Mas eu me lembro bem de você. Você foi corajosa. Eu nunca tinha visto ninguém recusar a hospitalidade de Circe, muito menos passar a perna nela. Não é à toa que Percy gosta de você.

A voz dela era desejosa. Annabeth pensou que talvez fosse mais seguro não responder.

Elas chegaram ao topo da colina, onde um terraço dava vista para todo o vale.

— Esse é o meu lugar favorito — disse Reyna. — O Jardim de Baco.

As treliças das parreiras formavam um dossel sobre suas cabeças. Abelhas zumbiam através de madressilva e jasmim, que enchiam o ar da tarde com uma estonteante mistura de perfumes. No meio do terraço ficava uma estátua de Baco em algum tipo de pose de balé, usando nada além de uma tanga, as bochechas dele estufadas e os lábios franzidos, jorrando água em direção a fonte.

Apesar de suas preocupações, Annabeth quase riu. Ela conhecia o deus em forma grega, Dioniso – ou Sr. D, como ele era chamado no Acampamento Meio-Sangue. Ver seu antigo excêntrico diretor imortalizado em pedra, usando uma fralda e expelindo água de sua boca, fez o coração dela ficar mais leve.

Reyna parou na beira do terraço. A vista fazia a subida valer a pena. A cidade inteira se espalhava abaixo delas como um mosaico em 3D. Ao Sul, além do lago, um grupo de templos se encarapitava numa colina. Ao Norte, um aqueduto marchava em direção a Berkeley Hills. Equipes de trabalho estavam reparando uma seção quebrada, provavelmente danificada na batalha recente.

— Eu queria escutar de você — disse Reyna.

Annabeth se virou.

— Escutar *o que* de mim?

— A verdade — disse Reyna. — Convença-me de que não estou cometendo um erro por confiar em você. Fale-me sobre você. Conte-me sobre o Acampamento Meio-Sangue. Sua amiga Piper tem feitiçaria na voz dela. Eu passei tempo o suficiente com Circe para reconhecer encanto de voz quando escuto. Não consigo ver a verdade no que ela diz. E Jason... bem, ele mudou. Parece distante, não muito romano.

A dor em sua voz era tão aguda quanto cacos de vidro. Annabeth imaginou se *ela* havia soado desse jeito, todos os meses que passou procurando por Percy. Pelo menos tinha achado seu namorado. Reyna não tinha ninguém. Ela fora responsável por dirigir um acampamento inteira sozinha. Annabeth podia sentir que Reyna queria Jason a amasse.

Mas ele tinha desaparecido, apenas para voltar com uma namorada nova. Enquanto isso, Percy tinha sido eleito pretor, mas ele tinha rejeitado Reyna também. Agora Annabeth tinha vindo para levá-lo embora. Reyna iria ficar sozinha de novo, segurando nos ombros uma obrigação que deveria ser para duas pessoas.

Quando Annabeth chegou ao Acampamento Júpiter, estava preparada para negociar com Reyna ou até lutar com ela se necessário. Ela não tinha se preparado pra sentir pena.

Ela manteve aquele sentimento escondido. Reyna não aparentava ser alguém que apreciaria pena.

Ao invés disso, contou para a pretora sobre sua própria vida. Ela falou sobre seu pai e sua madrasta e seus dois meios-irmãos em São Francisco e como ela tinha se sentido uma estranha em sua própria família. Falou sobre como tinha fugido quando tinha apenas sete anos, encontrando seus amigos Luke e Thalia e fazendo seu caminho até o Acampamento Meio-Sangue em

Long Island. Ela descreveu o acampamento e seus anos crescendo lá. Falou sobre conhecer Percy e as aventuras que eles tinham tido juntos.

Reyna era uma boa ouvinte.

Annabeth ficou tentada a contar a ela sobre seus problemas mais recentes: Sua briga com a mãe, a moeda de prata de presente e os pesadelos que vinha tendo – sobre um medo antigo tão paralisante, que quase tinha decidido não vir nesta missão. Mas ela não conseguia se forçar a se abrir tanto.

Quando Annabeth acabou de falar, Reyna olhou para Nova Roma. Seus *galgos* de metal farejavam pelo jardim, mordendo abelhas nas madressilvas. Finalmente Reyna apontou para o grupo de templos na colina distante.

— A construção vermelha pequena — disse ela. — Lá no lado mais ao norte, vê? Aquele é o templo de minha mãe, Belona. — Reyna se virou em direção a Annabeth. — Diferente de sua mãe, Belona não tem uma equivalente Grega. Ela é totalmente e verdadeiramente Romana. É a deusa da proteção da terra natal.

Annabeth não disse nada. Sabia muito pouco sobre a deusa romana. Desejou ter estudado mais, mas latim nunca foi tão fácil pra ela quanto grego. Lá embaixo, o casco do *Argo II* reluzia enquanto ele flutuava sobre o fórum, como um enorme balão de festa de bronze.

— Quando os romanos vão à guerra — continuou Reyna. — Nós vamos antes ao templo de Belona. Lá dentro tem um pedaço de chão simbólico que representa o solo inimigo. Nós arremessamos uma lança naquele chão, indicando que agora estamos em guerra. Veja, romanos sempre acreditaram que o ataque é a melhor defesa. Nos tempos antigos, sempre que nossos ancestrais se sentiam ameaçados por seus vizinhos, eles invadiam para se proteger.

— Eles conquistaram todos ao redor deles — disse Annabeth. — Cartago, os gauleses...

— E os gregos. — Reyna deixou aquele comentário no ar. — O que quero dizer, Annabeth, é que não é da natureza de Roma cooperar com outros poderes. Toda vez que semideuses gregos e romanos se encontraram, nós tivemos luta. Conflitos entre nossos dois lados começaram algumas das mais horríveis guerras da história humana – principalmente guerras civis.

— Isso não tem que ser desse jeito — disse Annabeth. — Nós temos que conseguir trabalhar juntos ou Gaia vai nos destruir a ambos.

— Concordo — disse Reyna. — Mas a cooperação é possível? E se o plano de Juno falhar? Até deuses podem cometer erros.

Annabeth esperou que Reyna fosse atingida por um raio ou transformada em um pavão.

Nada aconteceu.

Infelizmente, Annabeth partilhava das dúvidas de Reyna. Hera *cometia* erros. Annabeth não tinha tido nada além de problemas daquela deusa arrogante e nunca perdoou Hera por levar Percy embora, mesmo que isso fosse por uma causa nobre.

— Eu não confio na deusa — admitiu Annabeth. — Mas eu confio nos meus amigos. Isso não é um truque, Reyna. Nós *podemos* trabalhar juntos.

Reyna terminou sua xícara de chocolate. Ela colocou a xícara sobre o parapeito do terraço e olhou fixamente o vale como se estivesse imaginando frentes de batalha.

— Eu acredito que você creia nisso — disse ela. — Mas se você for para as terras antigas, principalmente para Roma, tem uma coisa que você deve saber sobre sua mãe.

Os ombros de Annabeth ficaram tensos.

— Mi-minha mãe?

— Quando eu vivi na ilha de Circe — disse Reyna. — Nós tínhamos muito visitantes. Uma vez, talvez um ano antes de você e Percy chegarem, um rapaz chegou à costa. Ele estava meio louco pela sede e calor. Tinha ficado à deriva no mar por dias. As palavras dele não faziam muito sentido, mas disse que era um filho de Atena.

Reyna fez uma pausa como se esperasse por uma reação. Annabeth não fazia ideia de quem poderia ser o rapaz. Ela não estava ciente de nenhum outro filho de Atena que tivesse partido em uma missão no Mar de Monstros, mas mesmo assim ela uma sensação de pavor. A luz filtrada através das parreiras formava sombras distorcidas pelo chão como um enxame de insetos.

— O que aconteceu com esse semideus? — perguntou ela.

Reyna balançou a mão como se a pergunta fosse trivial.

— Circe o transformou em um porquinho-da-índia, é claro. Ele deu um roedorzinho muito louco. Mas *antes* disso, ele continuou delirando sobre a falha da missão dele. Ele dizia que tinha ido a Roma, seguindo a Marca de Atena.

Annabeth se agarrou no parapeito para manter o equilíbrio.

— Sim — disse Reyna, vendo seu desconforto. — Ele continuou murmurando sobre a filha da sabedoria, a marca de Atena, e a ruína dos gigantes se apresentar dourada e pálida. Os mesmos versos que Ella estava recitando. Mas você diz que nunca ouviu sobre eles antes de hoje?

— Não... Não do jeito que Ella disse — a voz de Annabeth estava fraca.

Ela não estava mentindo. Nunca tinha ouvido aquela profecia, mas sua mãe a tinha encarregado de seguir a marca de Atena; e enquanto pensava sobre a moeda na carteira dela, uma suspeita horrível começou a criar raízes em sua mente. Ela se lembrou das palavras cruéis de sua mãe. Pensou sobre os estranhos pesadelos que vinha tendo ultimamente.

— Esse semideus... Ele explicou a missão dele?

Reyna balançou a cabeça.

— Naquele tempo, eu não tinha ideia do que ele estava falando. Muito depois, quando me tornei pretora do Acampamento Júpiter, comecei a suspeitar.

— Suspeitar... De quê?

— Existe uma velha lenda que os pretores do Acampamento Júpiter têm passado entre si há séculos. Se for verdade, isso pode explicar porque nossos dois grupos de semideuses nunca foram capazes de trabalhar em conjunto. Isso pode ser a causa da animosidade. Até que essa dívida antiga seja quitada, assim diz a lenda, romanos e gregos nunca ficarão em paz. E a lenda se concentra em Atena...

Um som estridente perfurou o ar. Uma luz brilhou no canto do olho de Annabeth.

Ela se virou a tempo de ver uma explosão abrir uma nova cratera no fórum. Um sofá em chamas foi arremessado pelo ar. Semideuses se dispersaram em pânico.

— Gigantes? — Annabeth levou a mão até sua adaga, que é claro não estava lá. — Eu achei que o exército deles estava derrotado!

— Isso não é os gigantes. — Os olhos de Reyna ferviam de fúria. — Vocês traíram a nossa confiança.

— O que? Não!

No momento em que ela disse isso, a *Argo II* lançou uma segunda saraivada. A balista a bombordo disparou uma enorme lança coberta com fogo grego, que viajou direto através da redoma quebrada do Senado e explodiu lá dentro, acendendo o prédio como uma lanterna de abóbora no Dia das Bruxas. Se alguém estivesse lá...

— Deuses, não — uma onda de náusea quase fez os joelhos de Annabeth se dobrarem. — Reyna, isso não é possível. Nós nunca faríamos isso!

Os cães de metal correram para o lado de sua senhora. Eles rosnaram pra Annabeth, mas andaram de um lado pra outro incertos, como se relutassem em atacar.

— Você está dizendo a verdade — julgou Reyna. — Talvez não estivesse consciente dessa traição, mas *alguém* deve pagar.

Lá embaixo no fórum, o caos estava se espalhando. Multidões estavam se empurrando.

Brigas de socos estavam surgindo.

— Carnificina — disse Reyna.

— Nós temos que parar isso!

Annabeth teve a horrível sensação de que essa podia ser a última vez que Reyna e ela agiam em concordância, mas juntas elas correram colina abaixo.

Se as armas fossem permitidas na cidade, os amigos de Annabeth já deviam estar mortos. Os semideuses romanos no fórum tinham se transformado em uma multidão raivosa.

Alguns arremessavam pratos, comida e pedras no *Argo II*, o que era inútil, já que a maioria das coisas caía de volta na multidão.

Várias dúzias de romanos tinham cercado Piper e Jason, que estavam tentando acalmá-los sem muita sorte. O encanto na voz de Piper era inútil contra tantos semideuses raivosos, gritando. A testa de Jason estava sangrando. Sua capa roxa tinha sido rasgada em retalhos. Ele continuava implorando — Eu estou do lado de vocês! — mas a sua camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue não estava ajudando – nem a cabeça na frente

do navio de guerra, disparando lanças em chamas em direção a Nova Roma. Uma caiu perto e queimou uma loja de togas até os cascalhos.

— Pelas ombreiras de Plutão — amaldiçoou Reyna. — Olhe.

Legionários armados estavam correndo em direção ao fórum. Dois grupos de artilharia tinham arrumado catapultas logo depois da Linha Pomeriana e estavam se preparando para disparar no *Argo II*.

— Isso só vai piorar as coisas — disse Annabeth.

— Eu odeio meu trabalho — rosnou Reyna. Ela correu em direção aos legionários, seus cães ao seu lado.

Percy, pensou Annabeth, vasculhando o fórum desesperadamente. *Onde está você?*

Dois romanos tentaram agarrá-la. Ela passou por baixo deles, mergulhando na multidão.

Como se romanos furiosos, sofás flamejantes e prédios explodindo não fosse confusão o bastante, centenas de fantasmas púrpura vagavam através do fórum, passando direto através dos corpos dos semideuses e gemendo incoerentemente. Os faunos também tiravam vantagem do caos. Cercaram as mesas de jantar, pegando comida, pratos e copos. Um deles passou por Annabeth com os braços cheios de tacos e um abacaxi inteiro entre os dentes.

Uma estátua de Término, que explodia ao aparecer, surgiu bem na frente de Annabeth. Ele a xingava em latim, sem dúvida chamando-a de mentirosa e quebradora de regras; mas ela empurrou a estátua e continuou correndo.

Finalmente ela avistou Percy. Ele e seus amigos, Hazel e Frank, estavam de pé no meio de uma fonte enquanto Percy repelia os romanos furiosos com disparos de água. A toga de Percy estava em frangalhos, mas ele parecia ileso.

Annabeth chamou por ele enquanto outra explosão colidia contra o fórum. Desta vez, o clarão de luz foi diretamente sobre a cabeça dela. Uma das catapultas romanas havia disparado e o *Argo II* gemeu e guinou para os lados, chamas borbulhavam sobre o casco coberto de bronze.

Annabeth notou uma figura se agarrando desesperadamente na escada de corda, tentando descer. Era Octavian, seu robe fumegava e tinha o rosto negro de fuligem.

Acima da fonte, Percy fez a multidão romana voar pelos ares com mais água. Annabeth correu em direção a ele, esquivando do punho de um romano e de um prato de sanduíches voador.

— Annabeth! — chamou Percy. — O que...?

— Eu não sei! — gritou ela.

— Eu te digo o quê! — gemeu uma voz de cima. Octavian tinha chegado ao fim da escada. — Os gregos *atiraram* em nós! Seu garoto Leo mirou as armas dele em Roma!

O peito de Annabeth se encheu com hidrogênio líquido. Ela sentiu como se pudesse se partir em um milhão de pedaços congelados.

— Você está mentindo — disse ela. — Leo nunca...

— Eu estava lá! — gritou Octavian. — Vi com meus próprios olhos!

O *Argo II* disparou de volta. Os legionários no campo se espalharam assim que uma de suas catapultas foi reduzida a estilhaços.

— Vocês viram? — gritou Octavian. — Romanos, matem os invasores!

Annabeth rosnou de frustração. Não tinha tempo pra ninguém descobrir a verdade. O grupo do Acampamento Meio-Sangue estava superado numericamente de cem para um e mesmo se Octavian tivesse conseguido encenar algum truque (o que ela achava provável), eles nunca seriam capazes de convencer os romanos antes que eles fossem abordados e mortos.

— Nós temos que partir — disse ela a Percy. — *Agora*.

Ele concordou tristemente.

— Hazel, Frank vocês vão ter que fazer uma escolha. Vocês vêm?

Hazel pareceu aterrorizada, mas vestiu seu elmo de cavalaria.

— É claro que nós vamos. Mas vocês nunca vão conseguir chegar até o navio a menos que nós ganhemos algum tempo para vocês.

— Como? — perguntou Annabeth.

Hazel assoviou. Instantaneamente um borrão bege disparou através do fórum. Um majestoso cavalo se materializou perto da fonte. Ele empinou, relinchando e dispersando a multidão. Hazel subiu em suas costas como se ela tivesse nascido para montar. Presa na cela do cavalo estava uma espada romana de cavalaria.

Hazel desembainhou sua lâmina dourada.

— Mande-me uma mensagem de Íris quando estiverem a salvo fora daqui e nós vamos nos reunir — disse ela. — Árion, cavalgue!

O cavalo disparou através da multidão com uma velocidade incrível, empurrando os romanos pra trás e causando pânico em massa.

Annabeth sentiu um brilho de esperança. Talvez eles conseguissem sair dali com vida.

Então, a meio caminho do fórum, ela ouviu Jason gritando.

— Romanos! — gritou ele. — Por favor!

Ele e Piper estavam sendo bombardeados com pratos e pedras. Jason tentou proteger Piper com seu corpo, mas um tijolo o pegou acima dos olhos. Ele desmaiou e a multidão avançou à frente.

— Para trás! — gritou Piper. Seu encanto de voz se espalhou sobre a multidão, fazendo-os hesitar, mas Annabeth sabia que o efeito não ia durar. Percy e ela possivelmente não conseguiriam chegar a tempo de ajudar.

— Frank — Percy disse. — É com você. Consegue ajudá-los?

Annabeth não entendeu como Frank poderia fazer tudo aquilo sozinho, mas ele engoliu nervosamente.

— Ah, deuses — murmurou ele. — Ok, claro. Vão para as cordas. Agora.

Percy e Annabeth avançaram para a escada. Octavian ainda estava agarrado ao final da escada, mas Percy o arrancou e o arremessou na multidão.

Eles começaram a escalar enquanto legionários armados inundavam o fórum. Flechas assoviaram atrás da cabeça de Annabeth. Uma explosão quase os derrubou da escada. A meio caminho do topo, ouviu um rugido abaixo e olhou pra lá.

Romanos gritavam e se dispersavam enquanto um dragão adulto atacava através do fórum – uma fera bem mais assustadora do que o dragão de bronze na frente do *Argo II*. Ele tinha uma grossa pele cinza como a do dragão de Komodo e asas encouraçadas de morcego. As flechas quicavam inofensivamente na pele dele enquanto ele se arrastou em direção a Piper e Jason, os agarrou com suas garras dianteiras e levantou voo.

— Isso é...? — Annabeth não conseguia nem colocar o pensamento em palavras.

— Frank — Percy confirmou, alguns metros acima dela. — Ele tem alguns talentos especiais.

— Que eufemismo — murmurou Annabeth. — Continue escalando!

Sem o dragão e o cavalo de Hazel para distrair os arqueiros, eles nunca teriam conseguido chegar à escada, mas finalmente eles escalaram, passando por uma fileira de remos aéreos até o convés. O cordame estava em chamas. A vela principal estava rasgada ao meio e o navio virava muito para estibordo.

Não havia sinal do Treinador Hedge, mas Leo estava de pé no meio do navio, recarregando calmamente a balista. As vísceras de Annabeth se reviraram em horror.

— Leo! — gritou ela. — O que você está *fazendo?*

— Destruir eles... — ele encarou Annabeth, os olhos dele estavam vidrados. Os movimentos dele eram como o de um robô. — Destruir todos eles.

Ele se virou de volta pra a balista, mas Percy o impediu. A cabeça de Leo bateu no convés duro e os olhos dele viraram nas órbitas até que só o branco dos olhos aparecia.

O dragão cinza voou para seu campo de visão. Ele circulou o navio e pousou no arco, depositando Jason e Piper, estavam ambos desmaiados.

— Vai! — gritou Percy. — Tira a gente daqui!

Chocada, Annabeth percebeu que ele estava falando com ela. Ela correu para o timão. Cometeu o erro de olhar por cima da balaustrada e viu legionários armados cerrando fileiras no fórum, preparando flechas de fogo. Hazel e Árion correram para fora da cidade com uma multidão os perseguindo. Mais catapultas estavam sendo empurradas para o campo de alcance. Todas ao longo da Linha Pomeriana, as estátuas de Término estavam reluzindo púrpura, como se estivessem juntando energia para algum tipo de ataque.

Annabeth olhou para os controles. Ela amaldiçoou Leo por tê-los feito tão complicados.

Não tinha tempo para manobras extravagantes, mas conhecia um comando básico: *Para cima*.

Ela agarrou o manche de aviação e puxou direto para trás. O navio gemeu. O arco inclinou para cima num ângulo horripilante. Os cabos de amarração estalaram e o *Argo II* disparou para as nuvens.

V

LEO

Leo queria poder inventar uma máquina do tempo. Ele voltaria duas horas atrás e desfaria o que tinha acontecido. Ou isso, ou ele poderia inventar uma máquina de Tapa-na-Cara-do-Leo para punir a si mesmo, embora duvidasse que isso o machucasse mais do que o olhar que Annabeth estava dando a ele.

— Mais uma vez — disse ela. — *O que* exatamente aconteceu?

Ele caiu contra o mastro. Sua cabeça ainda latejava por ter acertado o convés. Ao redor dele, seu lindo navio novo estava em ruínas. As balistas da popa tinham virado um monte de gravetos. O traquete estava esfarrapado. O satélite que fornecia internet e TV a bordo tinha sido explodido em pedaços, o que tinha deixado o Treinador Hedge bem nervoso. Sua figura de proa de bronze em formato de dragão, Festus, estava tossindo fumaça como se tivesse uma bola de pelo na garganta e Leo podia dizer pelos barulhos de gemido a bombordo que alguns dos remos aéreos tinham sido

desalinhados ou destruídos por completo, o que explicava porque o navio estava balançando e tremendo enquanto voava e o motor chiando como um trem a vapor asmático.

Ele sufocou um soluço.

— Eu não sei. É confuso.

Tantas pessoas estavam olhando para ele: Annabeth (Leo *odiava* deixa-la furiosa, aquela garota o assustava), Treinador Hedge com suas pernas de bode peludas, sua camisa polo laranja e seu taco de beisebol (ele tinha que carregar aquilo por todo lugar?) e o recém-chegado, Frank.

Leo não sabia o que pensar de Frank. Ele parecia um bebê lutador de sumô, embora Leo não fosse estupido o bastante para falar isso em voz alta. A sua memória estava nebulosa, mas enquanto esteve meio consciente, tinha certeza absoluta que tinha visto um dragão pousar no navio - um dragão que tinha se transformado em Frank.

Annabeth cruzou os braços.

— Você quer dizer que não se lembra?

— Eu... — Leo sentia como se estivesse tentando engolir uma bolinha de gude. — Eu lembro, mas é como se eu estivesse me vendo fazer aquelas coisas. Eu não conseguia me controlar.

O Treinador Hedge bateu seu taco contra o convés. Em suas roupas de ginástica, com seu boné puxado sobre seus chifres, parecia exatamente como costumava parecer na Escola da Vida Selvagem, onde ele passou um ano disfarçado como professor de Educação Física de Jason, Piper e Leo. A forma como o velho sátiro estava carrancudo quase fez Leo se perguntar se o Treinador iria pedir para que ele fizesse flexões.

— Olha, garoto — Hedge disse. — Você explodiu algumas coisas. Você atacou alguns romanos. Incrível! Excelente! Mas você tinha que destruir o satélite da TV? Eu estava no meio da transmissão de Cage Match.

— Treinador, — Annabeth disse — por que você não vai checar se todos os incêndios foram apagados?

— Mas eu já fiz isso.

— Faça de novo.

O sátiro saiu se arrastando, resmungando baixinho. Nem mesmo Hedge era louco o bastante para desafiar Annabeth.

Ela se ajoelhou perto de Leo. Seus olhos cinzentos pareciam duros como pedras. Seu cabelo loiro caía solto sobre seus ombros, mas Leo não achava aquilo atraente. Ele não tinha a menor ideia de onde vinha o estereotipo de garotas loiras risonhas e burras. Desde que ele tinha conhecido Annabeth no Grand Canyon no último inverno, quando ela tinha caminhado em direção a ele com aquela expressão de *Me entregue Percy Jackson ou eu irei matar você*, Leo pensava nas garotas loiras como muito inteligentes e muito perigosas.

— Leo, — disse ela calmamente — Octavian enganou você de alguma forma? Ele incriminou você, ou...

— Não. — Leo podia ter mentido e culpado aquele romano estúpido, mas não queria deixar uma situação ruim ainda pior. — O cara era um babaca, mas ele não abriu fogo contra o acampamento. Eu abri.

O garoto novo, Frank, fez uma careta.

— De propósito?

— Não! — Leo fechou os olhos com força. — Bem, sim... Quer dizer, eu não queria fazer isso. Mas ao mesmo tempo *senti* que queria. Alguma coisa estava me obrigando a fazer isso. Havia essa sensação de frio dentro de mim.

— Uma sensação de frio — o tom de Annabeth mudou. Ela soava quase... Assustada.

— É — disse Leo. — Por quê?

Abaixo do convés, Percy chamou:

— Annabeth, precisamos de você.

Ai, deuses, pensou Leo. *Por favor, façam o Jason ficar bem.*

Logo que eles chegaram a bordo, Piper levou Jason para baixo. O corte em sua cabeça parecia bem grave. Leo conhecia Jason mais do que qualquer um no Acampamento Meio-Sangue. Eles eram melhores amigos. Se Jason não conseguisse...

— Ele ficará bem — a expressão de Annabeth suavizou. — Frank, eu já volto. Só... Vigie o Leo. Por favor.

Frank assentiu.

Se era possível fazer Leo se sentir pior, ele tinha conseguido. Annabeth agora confiava em um semideus romano que ela tinha conhecido há tipo, três segundos, mais do que confiava em Leo.

Assim que ela se foi, Leo e Frank olharam um para o outro. O grandalhão parecia bem esquisito em sua toga de lençol, com seu capuz cinza e jeans e um arco e uma aljava do arsenal do navio pendurados sobre seu ombro. Leo se lembrava da vez que ele tinha conhecido as Caçadoras de Ártemis, um bando de meninas bonitas e ágeis em suas roupas prateadas, todas armadas com arcos. Ele imaginou Frank brincando com elas. A ideia era tão ridícula que quase o fez se sentir melhor.

— Então — disse Frank. — Seu nome não é Sammy?

Leo franziu a testa.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Nada — Frank disse rapidamente. — Eu só... nada. Sobre o ataque ao acampamento... Octavian pode estar por trás disso, magicamente ou algo assim. Ele não quer os romanos se dando bem com vocês.

Leo queria acreditar nisso. Era grato por esse garoto não odiá-lo. Mas sabia que isso não tinha sido coisa de Octavian. Foi Leo quem caminhou até

uma balista e começou a disparar. Parte dele sabia que aquilo era errado. Ele perguntou a si mesmo: *O que diabos estou fazendo?* Mas ele abriu fogo de qualquer forma.

Talvez estivesse ficando louco. O estresse de todos esses meses trabalhando no *Argo II* podia ter por fim tê-lo feito sucumbir.

Porém ele não podia pensar sobre isso. Precisava fazer algo produtivo. Suas mãos precisavam ficar ocupadas.

— Olha — disse ele. — Eu tenho que conversar com Festus e obter um relatório de danos. Você se importa se...?

Frank o ajudou a ficar de pé.

— Quem é Festus?

— Meu amigo — disse Leo. — Seu nome também não é Sammy, no caso de você estar se perguntando. Vamos, eu irei apresentá-lo.

Felizmente o dragão de bronze não estava danificado. Bem, apesar do fato de no último inverno ele ter perdido tudo menos sua cabeça, mas Leo não contava isso.

Quando chegaram à parte da frente do navio, a figura de proa girou cento e oitenta graus e olhou para eles. Frank gritou e recuou.

— Está vivo! — disse ele.

Leo teria dado risada se ele não estivesse se sentindo tão mal.

— Sim. Frank, este é Festus. Ele costumava ser um dragão de bronze completo, mas tivemos um acidente.

— Vocês têm um monte de acidentes — notou Frank.

— Bem, alguns de nós não conseguem se transformar em dragões então tivemos que construir o nosso próprio. — Leo levantou suas sobrancelhas para Frank. — De qualquer forma, eu o revivi como uma figura de proa. Ele é agora um tipo de interface principal do navio.

— Como estão as coisas Festus?

Festus soprou fumaça e fez uma série de rangidos e sons de zumbido. Durante os últimos meses, Leo tinha aprendido a interpretar essa linguagem de máquina. Os outros semideuses conseguiam compreender Latim e grego. Leo podia falar Chiadeira e Rangido.

— Argh — disse Leo. — Poderia ser pior, mas o casco está comprometido em muitos lugares. Os remos aéreos precisam ser consertados antes que possamos ir à toda velocidade novamente. Iremos precisar de alguns materiais de reparo: bronze celestial, alcatrão, cal...

— Pra que você precisa de sal?

— Cara, é *cal*. Carbonato de cálcio, usado em cimento e um monte de outras... Ah, não importa. O ponto é, esse navio não vai muito longe a menos que possamos consertá-lo.

Festus fez outro som de clique que Leo não reconheceu. Parecia *Ai-zel*.

— Ah... *Hazel* — ele decifrou. — É a garota com cabelo encaracolado, certo?

Frank engoliu em seco.

— Ela está bem?

— Sim, ela está bem — disse Leo. — De acordo com Festus, o cavalo dela está correndo logo aqui abaixo. Está nos acompanhando.

— Nós temos que pousar então — disse Frank.

Leo o estudou.

— Ela é sua namorada?

Frank mordeu o lábio.

— Sim.

— Você não parece ter certeza.

— Sim. Sim, definitivamente. Eu tenho certeza.

Leo ergueu as mãos.

— Tudo bem, tudo bem. O problema é que nós só conseguiremos aterrissar mais uma vez. Do jeito que o casco e os remos estão, não seremos capazes de decolar novamente até que o conserto seja feito, por isso temos que ter certeza de pousar em um lugar que tenha todos os suprimentos certos.

Frank coçou a cabeça.

— Onde você vai conseguir bronze celestial? Você não pode apenas comprar eu uma loja de beira de estrada.

— Festus faça uma busca.

— Ele consegue procurar por bronze mágico? — Frank disse maravilhado. — Existe alguma coisa que ele *não possa* fazer?

Leo pensou: *Você deveria ter visto quando ele tinha um corpo*. Mas ele não disse isso. Era doloroso demais se lembrar de Festus como ele costumava ser.

Leo olhou por cima da proa do navio. O Vale Central da Califórnia passava abaixo. Leo não tinha muita esperança de que eles pudessem encontrar tudo o que precisavam em um só lugar, mas precisava tentar. Também queria colocar o máximo de distância entre ele e Nova Roma. O *Argo II* conseguia cobrir longas distâncias de forma rápida, graças ao seu motor mágico, mas Leo imaginava que os romanos tivessem seus próprios meios de viagem mágica.

Atrás dele, a escada rangeu. Percy e Annabeth subiram, seus rostos estavam sombrios.

O coração de Leo vacilou.

— Jason está...?

— Ele está descansando — disse Annabeth. — Piper está cuidando dele, ele deve ficar bem.

Percy deu-lhe um olhar severo.

— Annabeth disse que foi você quem disparou a balista?

— Cara, eu-eu não entendo como isso aconteceu. Eu sinto muito.

— *Sente muito?* — rosnou Percy.

Annabeth colocou a mão sobre o peito do namorado.

— Nós damos um jeito nisso mais tarde. Agora temos que nos reagrupar e fazer um plano. Qual a situação do navio?

As pernas de Leo tremiam. A maneira como Percy olhou para ele o fez sentir o mesmo que ele sentia quando Jason invocava um relâmpago. A pele de Leo formigava e todos os seus instintos gritavam *deite-se no chão!*

Ele conversou com Annabeth sobre os danos e os suprimentos de que precisavam. Pelo menos se sentiu melhor falando de algo que poderia ser consertado.

Ele estava lamentando a escassez de bronze celestial quando Festus começou a zumbir e ranger.

— Perfeito. — Leo suspirou de alívio.

— O que é perfeito? — disse Annabeth. — Eu posso contar com algo *perfeito* nesse momento.

Leo conseguiu dar um sorriso.

— Tudo o que precisamos em um só lugar. Frank, por que você não se transforma em um pássaro ou algo assim? Voe baixo e diga a sua namorada para nos encontrar no Grande Lago Salgado em Utah.

Eles chegaram lá, mas não foi um pouso muito bonito. Com os remos danificados e o traquete rasgado, Leo mal conseguia controlar a descida. Os outros se prenderam abaixo do convés, exceto pelo Treinador Hedge que insistiu em se agarrar a calha da frente, gritando: "É! Manda ver lago!" Leo permaneceu na popa, sozinho no comando e fez o melhor que pôde.

Festus rangia e zumbia sinais de alerta, que foram transmitidos através do intercomunicador para o convés.

— Eu sei, eu sei — Leo disse, rangendo os dentes.

Ele não teve muito tempo para apreciar a paisagem. A sudeste, estava a cidade situada no sopé de uma cordilheira, via-se roxo e azul nas sombras da tarde. A paisagem desértica plana continuava em direção ao sul. Diretamente abaixo deles o Grande Lago Salgado brilhava como folha de alumínio, a linha costeira marcada por salinas brancas fazia Leo se lembrar de fotos aéreas de Marte.

— Aguenta aí, Treinador! — gritou ele. — Isso vai doer.

— Eu *nasci* para a dor!

WHOOM!

Uma onda de água salgada inundou a proa encharcando o Treinador Hedge.

O *Argo II* pendeu perigosamente para o estibordo, então se endireitou e se balançou sobre a superfície do lago.

Três grupos de remos robóticos mergulharam na água e começaram a mover o navio para frente.

— Bom trabalho Festus — disse Leo. — Nos leve para a margem sul.

— É! — O Treinador Hedge ergueu os punhos no ar. Ele estava encharcado dos chifres aos cascos, porém sorrindo como um bode louco. — Faça isso de novo!

— Hã... Talvez depois — disse Leo. — Apenas fique acima do convés ok? Você pode continuar vigiando, no caso do lago decidir nos atacar ou algo assim.

— Farei isso — prometeu Hedge.

Leo tocou a campainha do *está tudo bem* e se dirigiu para as escadas. Antes de chegar lá, um *clump-clump-clump* alto sacudiu o casco. Um

garanhão bronzeado apareceu no convés com Hazel Levesque em suas costas.

— Como...? — A pergunta de Leo morreu em sua garganta. — Estamos no meio de um lago! Essa coisa pode voar?

O cavalo relinchou furioso.

— Árion não consegue voar — disse Hazel. — Mas ele pode correr sobre qualquer coisa. Água, superfícies verticais, pequenas montanhas - nada disso o impede.

— Ah.

Hazel estava olhando para ele de um jeito estranho, da mesma forma que ela estava o encarando durante o banquete no fórum como se ela estivesse procurando alguma coisa em seu rosto. Ele se sentiu tentado a perguntar se eles já se conheciam, mas tinha certeza de que não. Ele se lembraria de uma garota bonita prestando atenção nele. O que não acontecia frequentemente.

Ela é namorada de Frank, lembrou a si mesmo.

Frank ainda estava abaixo do convés, mas Leo quase desejou que o grandalhão subisse as escadas. O jeito que Hazel estava o estudando fez Leo se sentir desconfortável e autoconsciente.

O Treinador Hedge rastejou para frente com seu taco de beisebol olhando desconfiadamente para o cavalo mágico.

— Valdez, isso conta como uma invasão?

— Não! — disse Leo. — Hã, Hazel é melhor você vir comigo. Eu construí um estábulo abaixo do convés principal, se Árion quiser.

— Ele está mais para um espírito livre. — Hazel deslizou para fora da sela. — Ele vai pastar ao redor do lago até que eu o chame. Mas quero ver o navio. Mostre o caminho.

O *Argo II* foi projetado como um trirreme antigo, apenas duas vezes maior. O primeiro convés tinha um corredor central com cabines de tripulação de ambos os lados. Em um trirreme normal a maior parte do espaço teria sido tomada por três fileiras de bancos para algumas centenas de caras suados para o trabalho braçal, mas os remos de Leo eram automatizados e retrateis, então ocupavam um espaço menor no interior do casco. A energia do navio vinha do motor no segundo e mais baixo convés, que também abrigava a enfermaria, o armazém e os estábulos.

Leo abriu caminho para o corredor. Ele construiu o navio com oito cabines – sete para os semideuses da profecia e uma para o Treinador Hedge (sério, Quíron o considerava um acompanhante adulto responsável?). Na popa havia um grande refeitório/sala de estar, que era para onde Leo se dirigia.

No caminho, eles passaram pelo quarto de Jason. A porta estava aberta. Piper estava sentada ao lado de sua cama, segurando a mão de Jason enquanto ele ressonava com uma bolsa de gelo em sua cabeça.

Piper olhou para Leo. Ele levou um dedo aos lábios pedindo silêncio, mas ela não parecia zangada. O que já era alguma coisa. Leo tentou se livrar da culpa que sentia e continuou andando. Quando chegaram ao refeitório, eles encontraram os outros - Percy, Annabeth e Frank, sentados desajeitadamente em torno da mesa de jantar.

Leo tinha feito a sala o mais agradável possível, uma vez que percebeu que gastariam muito tempo ali. O armário estava cheio de copos e pratos mágicos do Acampamento Meio-Sangue que iriam se encher de qualquer comida ou bebida que você quisesse pedir. Havia também uma caixa de isopor mágica com bebidas enlatadas, perfeita para piqueniques em terra firme. As cadeiras eram poltronas reclináveis de massagem com fones de ouvido, espadas e porta copos incorporados para todos os semideuses,

deixando de lado as necessidades. Não havia janelas, mas as paredes tinham sido encantadas para mostrar em tempo real imagens do Acampamento Meio-Sangue - a praia, a floresta, os campos de morango - embora agora Leo se perguntava se isso fazia eles ficarem com saudades de casa, ao invés de felizes.

Percy estava olhando saudosamente para a vista do pôr do sol da Colina Meio-Sangue, onde o Velocino de Ouro reluzia nos galhos mais altos do pinheiro.

— Bem, nós pousamos — disse Percy. — E agora?

Frank regulou a corda do seu arco.

— Resolver a profecia? Quer dizer... Aquilo que Ella disse *era* uma profecia, certo? Dos Livros Sibilinos?

— O quê? — perguntou Leo.

Frank explicou como a amiga harpia deles era assustadoramente boa em memorizar livros. Em algum momento no passado, ela devorou uma seleção de profecias antigas que teriam supostamente sido destruídos na queda de Roma.

— Por isso você não contou aos romanos — supôs Leo. — Você não quer que eles tomem posse dela.

Percy continuava olhando para a imagem do Acampamento Meio-Sangue.

— Ella é sensível. Estava aprisionada quando a encontramos. Eu só não quero que... — ele cerrou o punho. — Agora isso não importa. Enviei uma mensagem de Íris para Tyson, disse a ele para levar Ella para o Acampamento Meio-Sangue. Eles estarão seguros lá.

Leo duvidava que *qualquer um* deles estivesse seguro agora que ele tinha perturbado um acampamento cheio de romanos furiosos além dos problemas que ele já tinha com Gaia e os gigantes; mas ficou em silêncio.

Annabeth entrelaçou os dedos.

— Deixem que eu pense sobre a profecia, mas nesse momento, temos problemas mais imediatos. Nós temos que consertar esse navio. Leo, do que precisamos?

— A coisa mais fácil é o alcatrão. — Leo estava feliz em mudar de assunto. — Podemos conseguir isso na cidade, numa loja de materiais para telhados ou algum lugar parecido. Além disso, bronze celestial e cal. De acordo com Festus, nós podemos encontrar ambos numa ilha no lago, a oeste daqui.

— Temos que nos apressar — Hazel advertiu. — Se eu bem conheço Octavian, ele está nos procurando com seus augúrios. Os romanos irão mandar uma força de ataque atrás de nós. É uma questão de honra.

Leo sentiu os olhos de todos voltados para ele.

— Galera... Eu não sei o que aconteceu. Honestamente, eu...

Annabeth levantou a mão.

— Nós já conversamos. Concordamos que não poderia ter sido *você*, Leo. Essa sensação de frio que você mencionou... Eu senti isso também. Deve ser algum tipo de magia de Octavian ou Gaia ou de um de seus subordinados. Mas até que entendamos o que aconteceu...

Frank resmungou.

— Como podemos ter certeza de que não vai acontecer de novo?

Os dedos de Leo se aqueceram como se ele estivesse prestes a pegar fogo. Um de seus poderes como filho de Hefesto era poder invocar fogo à vontade, mas ele tinha que tomar cuidado para não fazer isso acidentalmente, especialmente em um navio cheio de explosivos e materiais inflamáveis.

— Eu estou bem agora — ele insistiu, embora gostaria de ter certeza. — Talvez devêssemos usar o sistema de companheiros. Ninguém vai a lugar

nenhum sozinho. Nós podemos deixar Piper e o Treinador Hedge a bordo com Jason. Uma equipe será enviada para a cidade para obter o alcatrão. E a outra pode ir atrás do bronze e do cal.

— Se dividir? — disse Percy. — Isso parece uma péssima ideia.

— Vai ser bem rápido — adicionou Hazel. — Além disso, há uma razão para que uma missão seja normalmente limitada a três semideuses certo?

Annabeth levantou as sobrancelhas como se estivesse reavaliando os méritos de Hazel.

— Você está certa. Pela mesma razão precisamos do *Argo II*... Fora do acampamento sete semideuses em um só lugar iriam chamar muito a atenção dos monstros. O navio é projetado para nos ocultar e nos proteger. Devemos ficar seguros o suficiente a bordo, mas se formos a expedições não devemos viajar em grupos maiores que três. Não faz sentido alertar mais subordinados de Gaia do que já alertamos.

Percy ainda não parecia feliz com isso, mas ele pegou a mão de Annabeth.

— Desde que você seja a minha companheira por mim tudo bem.

Hazel sorriu.

— Ah, isso é fácil. Frank, você foi incrível transformando-se em dragão! Você pode se transformar de novo para voar com Annabeth e Percy para a cidade encontrar o alcatrão?

Frank abriu a boca como se quisesse protestar.

— Eu... Eu acho que sim. Mas e quanto a você?

— Eu vou no Árion com Sam... Com Leo, aqui. — Ela mexeu no punho de sua espada, o que deixou Leo desconfortável. Ela estava ainda mais nervosa que ele. — Nós iremos pegar o bronze e o cal. Nós todos podemos nos encontrar aqui ao anoitecer.

Frank fez uma careta. Obviamente ele não gostava da ideia de Leo sair com Hazel. Por alguma razão a desaprovação de Frank fez Leo querer ir. Ele tinha que provar que era confiável. Não iria disparar mais nenhuma balista aleatória novamente.

— Leo — Annabeth disse — se obtermos os suprimentos, quanto tempo para consertar o navio?

— Com sorte, apenas algumas horas.

— Ótimo — decidiu ela. — Nós o encontraremos aqui o mais rapidamente possível, mas tome cuidado. Vamos forçar um pouco a sorte. Não que isso signifique que nós a temos.

VI

LEO

Cavalgar Árion foi a melhor coisa que aconteceu durante todo o dia – o que não quer dizer muita coisa, pois o dia dele tinha sido uma droga. Os cascos do cavalo transformaram a superfície do lago em uma névoa salgada. Leo colocou sua mão na lateral do cavalo e sentiu os músculos trabalhando como uma máquina bem lubrificada. Pela primeira vez, entendeu porque os motores dos carros foram medidos em cavalos de potência. Árion era um Maserati em quatro patas.

À frente deles estava uma ilha - uma linha de areia tão branca, que poderia ter sido sal de cozinha puro. Atrás se erguia uma extensão de dunas gramadas e desgastados pedregulhos.

Leo estava sentado atrás de Hazel, um braço envolta da cintura dela. O contato o deixou um pouco desconfortável, mas era a única forma de ele ficar a bordo (ou seja lá como se chama montar um cavalo).

Antes de partirem, Percy puxou-o de lado para contar a história de Hazel. Percy fez soar como se fosse um favor a Leo. Mas tinha um tom tipo: *Se você mexer com a minha amiga, eu pessoalmente vou entregar você a um grande tubarão branco.*

De acordo com Percy, Hazel era uma filha de Plutão. Ela morreu em 1940 e foi trazida de volta à vida apenas alguns meses atrás.

Leo concluiu que isso era difícil de acreditar. Hazel parecia quente e viva, não como os fantasmas ou mortais renascidos que Leo tinha esbarrado.

Ela parecia boa com as pessoas, também, ao contrário de Leo, que ficava muito mais confortável com máquinas. Viver com coisas, tipo cavalos e meninas? Ele não tinha ideia do que os fazia funcionar.

Hazel também era namorada de Frank, então Leo sabia que deveria manter distância.

Ainda assim, seu cabelo cheirava bem e cavalgar com ela fez seu coração disparar quase contra sua vontade. Deve ter sido a velocidade do cavalo.

Árion trovejou para a praia. Ele pisoteou seus cascos e relinchou triunfante, como Treinador Hedge gritando um grito de guerra.

Hazel e Leo desmontaram. Árion vasculhou a areia.

— Ele precisa comer — explicou Hazel. — Ele gosta de ouro, mas...

— Ouro? — perguntou Leo.

— Ele vai se contentar com grama. Vá em frente, Árion. Obrigada pela carona. Eu chamo por você.

Simples assim e o cavalo se foi – deixando apenas uma trilha de vapor através do lago.

— Cavalo rápido — Leo disse — e caro para se alimentar.

— Não realmente — disse Hazel. — Ouro é fácil de conseguir para mim.

Leo ergueu as sobrancelhas.

— Como ouro é fácil? Por favor, me diga que você não tem parentesco com o Rei Midas. Eu não gosto daquele cara.

Hazel apertou os lábios, como se ela se arrependesse de tocar no assunto.

— Não importa.

Isso tornou Leo ainda mais curioso, mas ele decidiu que era melhor não pressioná-la. Ele se ajoelhou e segurou um punhado de areia branca.

— Bem... Um problema resolvido, de qualquer forma. Isso é cal.

Hazel franziu a testa.

— A praia inteira?

— Sim. Vê? Os grãos são perfeitamente redondos. Não é realmente areia. É carbonato de cálcio. — Leo puxou um saco plástico de seu cinto de ferramentas e afundou a mão no cal.

De repente ele congelou. Lembrou-se de todas as vezes que a deusa da Terra Gaia tinha aparecido na terra – seu rosto no chão feito de poeira ou areia ou terra. Ela adorava provocá-lo. Ele imaginou seus olhos fechados e seu sorriso sonhador feito de cálcio branco girando.

A pé, pequeno herói, disse Gaia. *Sem você o navio não pode ser consertado.*

— Leo? — perguntou Hazel. — Você está bem?

Ele suspirou. Gaia não estava lá. Ele estava apenas em pânico com ele mesmo.

— Sim — disse ele. — Sim, estou bem.

Ele começou a encher o saco.

Hazel ajoelhou-se ao lado dele e ajudou.

— Devíamos ter trazido um balde e pás.

A ideia fez Leo se animar. Ele até sorriu.

— Nós poderíamos ter feito com castelo de areia.

— Um castelo de cal.

Seus olhos se encontraram por longos segundos.

Hazel olhou para longe.

— Você é tão parecido com...

— Sammy? — supôs Leo.

Ela quase caiu pra trás.

— Você sabe?

— Eu não tenho ideia de quem Sammy é. Mas Frank me perguntou se eu tenho certeza de que esse não era o meu nome.

— E... não é?

— Caramba, não!

— Você não tem um irmão gêmeo ou... — supôs Hazel. — Sua família é de Nova Orleans?

— Não. Houston. Por quê? O Sammy é um cara que você conhecia?

— Eu... Não é nada. Você apenas parece com ele.

Leo poderia dizer que ela estava constrangida pra dizer mais. Mas se Hazel era uma criança do passado, talvez esse Sammy fosse de 1940? Mas então, como poderia o Frank saber sobre esse cara? E o que faria Hazel pensar que Leo era Sammy, depois de todas essas décadas?

Eles terminaram enchendo o saco em silêncio. Leo colocou em seu cinto de ferramentas e o saco sumiu – nenhum peso, massa ou volume – embora soubesse que ia estar lá assim que ele precisasse.

Qualquer coisa que coubesse nos bolsos, Leo poderia carregar por aí. Ele amava o seu cinto de ferramentas. Apenas desejou ter bolsos grandes o suficiente para uma motosserra ou talvez uma bazuca.

Ele se levantou e examinou a ilha – dunas brancas, cobertas com um manto de grama e pedregulhos incrustados com sal parecendo geada.

— Festus disse que havia bronze celestial por perto, mas eu não tenho certeza onde.

— Por aqui. — Hazel apontou para a praia. — Uns quinhentos metros daqui.

— Como você...?

— Metais preciosos — disse Hazel. — É uma coisa de Plutão.

Leo lembrou-se do que ela disse sobre ouro ser fácil de achar.

— Talento legal. Mostre o caminho, Senhorita Detector de Metais.

O sol começou a ser pôr. O céu tornou-se uma mistura bizarra de roxo e amarelo. Em outras circunstâncias, Leo poderia ter desfrutado de uma caminhada na praia com uma garota bonita, porém quanto mais eles andavam, mais nervoso se sentia. Finalmente Hazel se virou.

— Você tem certeza que isso é uma boa ideia? — perguntou ele.

— Nós estamos perto — prometeu ela. — Vamos lá.

Através das dunas, eles viram uma mulher.

Ela estava sentada em uma pedra no meio do gramado. Uma motocicleta preta e cromada estava estacionada próximo dali, mas cada uma das rodas tinha uma fatia grande dos raios removida, o que fazia parecer com o Pac-Man. De nenhuma maneira ela poderia pilotar a moto naquelas condições.

A mulher tinha negros cabelos encaracolados e era muito magra. Usava uma calça de motoqueiro preta, botas de couro cano alto e um casaco vermelho sangue – uma espécie de Michael Jackson misturado com motoqueiro. Ao seu redor, o chão está coberto com o que pareciam conchas quebradas. Ela estava curvada puxando mais de um saco e as quebrando. Descascando conchas? Leo não tinha certeza se existiam conchas em Grande Lago Salgado. Ele achava que não.

Ele não estava ansioso pela abordagem. Tinha tido más experiências com garotas estranhas. Sua antiga babá, Tía Callida, revelou ser Hera e

tinha um desagradável hábito de colocá-lo para dormir em uma lareira em chamas. A deusa da Terra Gaia tinha matado sua mãe em um incêndio na oficina dela quando Leo tinha oito anos. A deusa da neve Quione tentou transformá-lo em sorvete em Sonoma.

Mas Hazel seguiu em frente, então ele não tinha muita escolha a não ser acompanhá-la.

Enquanto se aproximavam, Leo notou um detalhe assustador. Preso no sinto da mulher estava enrolado um chicote. A jaqueta de couro vermelha tinha desenhos sutis – ramos torcidos de uma macieira com pássaros esqueléticos. As conchas que ela estava descascando eram na verdade biscoitos da sorte.

Uma pilha de biscoitos quebrados estava ao redor de seus pés. Ela continuava puxando mais de seu saco, abrindo-os e lendo a sorte. A maioria ela jogava de lado. Alguns ela murmurava infeliz. Ela percorria o dedo sobre o papel como se estivesse borrando, magicamente ela fechou o biscoito e o lançou em um cesto próximo.

— O que você está fazendo? — Leo perguntou antes que ele pudesse se conter.

A mulher olhou para cima. Os pulmões de Leo se encheram tão rápido que ele pensou que poderiam estourar.

— Tia Rosa? — perguntou Leo.

Não fazia sentido, mas a mulher parecia *exatamente* como sua tia. Ela tinha o mesmo nariz largo com uma pinta do lado, a mesma boca azeda e olhar duro. Mas não podia ser Rosa. Ela nunca usaria roupas como aquelas, e nunca tinha ido para longe de Houston, desde quando Leo se lembrava. Ela não poderia estar abrindo biscoitos da sorte no meio de Grande Lago Salgado.

— É isso o que você vê? — perguntou a mulher. — Interessante. E você, querida Hazel?

— Como você...? — Hazel deu passos para trás em alarme. — Vo-você parece com a senhora Leer. Minha professora do terceiro ano. Eu odeio você.

A mulher riu.

— Excelente. O que você diria sobre ela, hein? Ela te julgou de forma injusta?

— Você... Ela colou minhas mãos na mesa por mau comportamento — disse Hazel. — Chamou minha mãe de bruxa. Me culpou por tudo que não fiz e... Não. Ela está morta. Quem é você?

— Ah, Leo sabe — disse a mulher. — Como você se sente sobre tia Rosa, *mi hijo?*

Mi hijo. Era assim que a mãe de Leo sempre o chamava. Depois que sua mãe morreu, Rosa o rejeitou. Ela o chamou de filho do diabo. Ela o culpou pelo fogo que matou sua irmã. Rosa virou sua família contra ele e o deixou – um órfão magrelo de oito anos de idade – a mercê dos serviços sociais. Leo tinha vivido em casa em casa até que ele finalmente tinha encontrado um lar no Acampamento Meio-Sangue. Leo não odiava muitas pessoas, mas mesmo depois de todos esses anos, o rosto de tia Rosa ainda o fazia ferver de ressentimento.

Como ele deveria se sentir? Ainda queria se vingar. Precisava de vingança.

Seus olhos deslizaram para a moto com rodas de Pac-Man. Onde ele tinha visto algo parecido com isso antes? Chalé dezesseis, no Acampamento Meio-Sangue – o símbolo sobre sua porta era uma roda quebrada.

— Nêmesis — disse ele. — Você é a deusa da vingança.

— Vê? — A deusa sorriu para Hazel. — Ele se lembra.

Nêmesis abriu outro biscoito e enrugou o nariz.

— *Você terá grande sorte quando menos esperar por isso* — disse ela. — Esse é exatamente o tipo de frase sem sentido que eu odeio. Alguém abre um biscoito e de repente ele tem uma profecia de que vai ser rico! Culpa da Tique, aquela vagabunda. Sempre dando sorte para as pessoas que não merecem!

Leo olhou para o monte de biscoitos quebrados.

— Hã... Você sabe que não são realmente profecias, certo? Eles apenas colocam nos biscoitos em alguma fábrica.

— Não tente desculpá-los — disse Nêmesis bruscamente. — É apenas como Tique consegue a confiança das pessoas. Não, não. Eu devo combatê-la. — Nêmesis sacudiu o dedo sobre o papel e as letras mudaram para vermelho. — *Você vai morrer dolorosamente quando menos esperar*. Isso! Muito melhor.

— Isso é horrível! — disse Hazel. — Você vai deixar alguém ler isso no seu biscoito da sorte e isso vai se tornar realidade?

Nêmesis zombou. Foi realmente assustador, ver a expressão no rosto de tia Rosa.

— Querida Hazel, você nunca desejou coisas horríveis para a senhora Leer pela forma como ela tratou você?

— Isso não significa que eu quero que se torne realidade!

— Besteira — a deusa selou o biscoito e o jogou em uma cesta. — Tique seria sua Fortuna, eu suponho, sendo romana. Como os outros, ela está horrível agora. Eu? Eu não fui afetada. Eu não mudo, porque a vingança é universal.

— Do que você está falando? — perguntou Leo. — O que está fazendo aqui?

Nêmesis abriu outro biscoito.

— Números da sorte. Ridículo! Isso não é uma boa sorte! — Ela esmagou o biscoito e jogou do lado de seus pés. — Respondendo sua pergunta, Leo Valdez, os deuses estão em péssimo estado. Isso sempre acontece quando uma guerra civil está se formando entre romanos e gregos. Os olimpianos estão divididos entre suas duas naturezas, chamados por ambos os lados. Eles se tornam bastante esquizofrênicos, eu temo. Fortes dores de cabeça. Desorientação.

— Mas nós não estamos em guerra — insistiu Leo.

— Hã, Leo... — Hazel estremeceu. — Exceto pelo fato de que você recentemente explodiu partes de Nova Roma.

Leo olhou para ela perguntando de que lado ela estava.

— Não foi de propósito!

— Eu sei... — Hazel disse — Mas os romanos não sabem. E eles estão nos seguindo em retaliação.

Nêmesis gargalhou.

— Leo, escute a garota. A guerra está começando. Gaia viu isso, com a sua ajuda. E você pode adivinhar quem os deuses estão culpando pela sua situação?

A boca de Leo tinha gosto de carbonato de cálcio.

— Eu.

A deusa bufou.

— Bem, *você* tem uma opinião elevada de si mesmo. Você é apenas um peão nesse tabuleiro de xadrez, Leo Valdez. Eu estava me referindo ao jogador que definiu essa missão ridícula em andamento, colocando gregos e romanos juntos. Os deuses culpam Hera - ou Juno, se você preferir! A rainha dos céus fugiu do Olimpo para escapar da ira de sua família. Não espere mais ajuda de sua patrona!

A cabeça de Leo latejou. Ele tinha sentimentos mistos sobre Hera. Ela havia interferido em sua vida desde que ele era um bebê, o moldando para seguir seu propósito na grande profecia, mas pelo menos tinha estado ao seu lado, mais ou menos. Se ela estava fora do jogo agora...

— Então por que você está aqui? — perguntou ele.

— Para oferecer a minha ajuda! — Nêmesis sorriu maliciosamente.

Leo olhou de relance para Hazel. Ela parecia como se alguém tivesse acabado de oferecer uma serpente.

— Sua ajuda — disse Leo.

— Claro! — disse a deusa. — Eu gosto de derrubar pessoas orgulhosas e poderosas e não há ninguém que mereça mais isso do que Gaia e seus gigantes. Ainda assim, devo avisá-lo que não vou fornecer o sucesso não merecido. Boa sorte é uma farsa. A roda da fortuna é um esquema de pirâmide. Verdadeiros sucessos exigem sacrifício.

— Sacrifício? — A voz de Hazel estava tensa. — Eu perdi minha mãe. Morri e voltei. E agora meu irmão está desaparecido. Não é sacrifício o suficiente para você?

Leo podia totalmente entender. Ele gostaria de gritar que tinha perdido sua mãe. E toda sua vida tinha sofrimento após sofrimento. Ele perdeu seu dragão, Festus. Quase tinha se matado tentando terminar o *Argo II*. Agora tinha disparado contra o acampamento romano, provavelmente começando uma guerra e talvez perdido a confiança dos seus amigos.

— Agora — disse ele, tentando controlar a raiva — tudo que eu preciso é um pouco de bronze celestial.

— Ah, isso é fácil — disse Nêmesis. — É um pouco mais pra cima. Você vai encontrá-lo com as namoradas.

— Espere — Disse Hazel. — O que você quis dizer com namoradas?

Nêmesis colocou um biscoito na boca e o engoliu com sorte e tudo.

— Você vai ver. Talvez elas te ensinem uma lição, Hazel Levesque. A maioria dos heróis não pode escapar de sua natureza, mesmo quando você tem uma segunda chance na vida — ela sorriu. — E por falar no seu irmão Nico, você não tem muito tempo. Vamos ver... Vinte e cinco de junho? Sim, contando com hoje, mais seis dias e ele morre, junto com toda a cidade de Roma.

Os olhos castanhos de Hazel se arregalaram.

— Como... O quê?

— E quanto a você filho do fogo — ela virou-se para Leo. — Suas piores dificuldades ainda estão por vir. Você sempre será estranho, a sétima roda. Não vai encontrar um lugar entre seus irmãos. Logo enfrentará um problema que não pode resolver, mas eu posso ajudá-lo... Por um preço.

Leo sentiu cheiro de fumaça. Ele percebeu que os dedos da sua mão esquerda estavam em chamas e Hazel estava olhando para ele aterrorizada.

Ele colou a mão no bolso para apagar as chamas.

— Eu gosto de resolver os meus próprios problemas.

— Muito bem. — Nêmesis escovou os farelos de biscoito de sua jaqueta.

— Mas, hã, que tipo de preço estamos falando?

A deusa deu ombros.

— Um dos meus filhos recentemente negociou um olho para poder fazer a diferença no mundo.

O estomago de Leo revirou.

— Você... quer um olho?

— No seu caso é preciso fazer outro sacrifício. Mas alguma coisa tão dolorosa quanto. Aqui — ela entregou-lhe um biscoito da sorte intacto. — Se você precisar de uma resposta, abra isso. Vai resolver seu problema.

A mão de Leo tremia enquanto segurava o biscoito da sorte.

— Qual problema?

— Você vai saber quando chegar a hora.

— Não, obrigado — Leo disse com firmeza. Mas sua mão como se por vontade própria, colocou o biscoito em seu cinto de ferramentas.

Nêmesis pegou outro biscoite de seu saco e o abriu.

— *Você terá que motivos para reconsiderar suas opções em breve*. Ah, eu gosto deste. Não é necessário alterações aqui.

Ela fechou o biscoito e o jogou no saco.

— Poucos deuses podem te ajudar na missão. A maioria já não é mais capaz e sua confusão só vai piorar. Uma coisa poderia trazer união para o Olimpo novamente... um velho erro finalmente vingado. Ah, o que seria maravilhoso de fato, a balança finalmente se equilibrando! Mas isso não vai acontecer se você não aceitar minha ajuda.

— E suponho que você não vai nos dizer sobre o que está falando — murmurou Hazel. — Ou porque meu irmão tem apenas seis dias de vida. Ou porque Roma vai ser destruída.

Nêmesis riu. Ela levantou-se e jogou o saco de biscoitos por cima do ombro.

— Ah, está tudo relacionado, Hazel Levesque. Quanto a minha oferta, Leo Valdez, vou lhe dar algum tempo para pensar. Você é um bom filho. Um trabalhador. Nós podemos fazer negócio. Mas eu o prendi por muito tempo. Você deve visitar a piscina antes que o reflexo da luz desapareça. Meu pobre garoto amaldiçoado fica muito agitado... Quando a escuridão vem.

Leo não gostou de como aquilo soava, mas a deusa subiu em sua moto. Aparentemente *era* possível pilotar, mesmo com as rodas de Pac-Man, porque Nêmesis ligou o motor e desapareceu em um cogumelo de fumaça negra.

Hazel se abaixou. Todos os biscoitos da sorte quebrados tinham desaparecido, exceto por um papel amassado. Ela pegou-o e dizia:

— *Você vai ver o seu reflexo e terá motivos para se desesperar.*

— Fantástico — resmungou Leo. — Vamos ver o que isso significa.

VII

LEO

— Quem é tia Rosa? — perguntou Hazel.

Leo não queria falar sobre ela. As palavras de Nêmesis ainda zumbiam em suas orelhas. Seu cinto de ferramentas parecia mais pesado desde ele tinha colocado o biscoito lá – o que era impossível. Seus bolsos podiam carregar qualquer coisa e não ter peso extra. E mesmo coisas extremamente frágeis nunca iriam quebrar lá. Mesmo assim, Leo imaginou que podia senti-lo lá dentro, se arrastando, esperando ser quebrado.

— Longa história — disse ele. — Ela me abandonou depois que minha mãe morreu, sem nem se importar.

— Eu sinto muito.

— Sim, bem... — Leo estava ansioso para trocar de assunto. — E sobre você? O que Nêmesis disse sobre o seu irmão?

Hazel piscou como se tivesse sal em seus olhos.

— Nico... Ele me encontrou no Mundo Inferior. Ele me trouxe de volta ao mundo dos mortais e convenceu os romanos do Acampamento Júpiter a me aceitar. Eu devo a ele minha segunda chance na vida. Se Nêmesis estiver certa e Nico está em perigo... Eu *tenho* que ajudá-lo.

— Claro — Leo disse, embora a ideia o incomodasse. Ele duvidava que a deusa da vingança desse conselhos apenas por ter um coração bondoso. — E o que Nêmesis disse sobre seu irmão ter apenas seis dias de vida e sobre Roma ser destruída... Alguma ideia do que ela quis dizer?

— Nenhuma — admitiu Hazel. — Mas eu estou com medo...

Seja lá o que estava pensando, ela resolveu não compartilhar. Ela subiu em uma das maiores pedras para conseguir uma visão mais ampla. Leo tentou segui-la e perdeu o equilíbrio. Hazel segurou sua mão. Ela puxou-o para cima e eles se encontraram no topo da pedra, mãos dadas, cara a cara. Os olhos castanhos de Hazel brilhavam como ouro.

Ouro é fácil, dissera ela. Não parecia dessa forma para Leo – Não quando ele olhou para ela. Ele quis saber quem era Sammy. Leo tinha uma suspeita de que sabia, mas não conseguia dar um nome. Quem quer que fosse, tinha tido sorte de Hazel se importar com ele.

— Hã, obrigado — soltou a mão dela, mas eles ainda estavam de pé muito perto, ele podia sentir o calor de sua respiração. Ela *definitivamente* não parecia uma pessoa morta.

— Quando nós estávamos conversando com Nêmesis — Hazel disse desconfortável. — Suas mãos... Eu vi chamas.

— Sim — disse ele. — É um poder de Hefesto. Normalmente eu consigo mantê-lo sob controle.

— Ah — ela colocou uma mão protetoramente sobre sua camiseta jeans, como se fosse fazer um juramento de lealdade. Leo teve a sensação de que ela queria se afastar dele, mas a pedra era pequena demais.

Ótimo, pensou Leo. *Outra pessoa achando que sou uma aberração assustadora.*

Ele olhou para toda a ilha. A margem oposta estava a apenas algumas centenas de metros de distância. Entre elas haviam dunas e pedaços de pedras, mas nada parecido com o reflexo de uma piscina.

Você sempre será um estranho, Nêmesis tinha dito a ele. *A sétima roda. Você não vai encontrar um lugar entre seus irmãos.*

Ela poderia muito bem ter derramado ácido em seus ouvidos. Leo não precisava de ninguém para dizer que ele era um estranho no grupo. Passou meses sozinho no *Bunker* 9 no Acampamento Meio-Sangue, trabalhando no seu barco enquanto seus amigos treinavam juntos e compartilhavam refeições, jogavam captura da bandeira, por diversão e prêmios. Até mesmo seus dois melhores amigos, Piper e Jason, muitas vezes o tratavam como intruso. Desde que eles começaram a namorar, a ideia de tempo de qualidade não incluía Leo. Seu outro único amigo, Festus, o dragão, tinha sido reduzido a uma cabeça na proa do barco, quando seu disco de controle havia sido destruído em sua última aventura. E Leo não sabia como consertá-lo.

A sétima roda. Leo tinha escutado sobre uma quinta roda – uma peça extra, inútil no equipamento. Imaginou que uma sétima roda era ainda pior.

Pensou que essa missão seria um novo começo para ele. Que todo seu trabalho duro no *Argo II* seria recompensado. Ele teria seis bons amigos que iriam admirá-lo e apreciá-lo, eles estariam navegando pelo lago ao nascer do sol para combater gigantes.

Talvez, Leo esperava secretamente, até mesmo encontrasse uma namorada.

Faça as contas, ele se repreendeu.

Nêmesis estava certa. Ele poderia fazer parte do grupo dos sete, mas ainda estava isolado. Ele tinha disparado contra os romanos e dado nada mais que problema para os seus amigos. *Você não vai encontrar um lugar entre seus irmãos.*

— Leo? — Hazel chamou gentilmente. — Você não pode deixar o que Nêmesis disse chegar ao seu coração.

Ele franziu a testa.

— E se for verdade?

— Ela é a deusa da vingança — lembrou Hazel. — Talvez esteja do nosso lado, talvez não, mas ela existe para semear o ressentimento.

Leo desejou que ele pudesse ignorar seus sentimentos com facilidade. Ele não conseguia. Ainda assim, não era culpa de Hazel.

— Nós temos que continuar — disse ele. — Eu me pergunto o que Nêmesis quis dizer sobre terminar antes da escuridão.

Hazel olhou para o sol, que estava tocando o horizonte.

— E quem é o *garoto amaldiçoado* que ela mencionou?

Abaixo deles, uma voz repetiu:

— Garoto amaldiçoado que ela mencionou.

No começo, Leo não viu ninguém. Então seus olhos se adaptaram. E ele percebeu uma jovem mulher que estava em pé apenas dez metros da base da pedra. O vestido dela era uma túnica em estilo grego da mesma cor das rochas. Seu cabelo era ralo e estava entre castanho, loiro e cinza, misturado com grama seca. Ela não era invisível, exatamente, mas estava quase perfeitamente camuflada até se mover. Mesmo assim, Leo teve dificuldade para se concentrar nela. Seu rosto era bonito, mas não memorável. Na verdade, cada vez que Leo piscava não conseguia se lembrar de como ela era e ele tinha que se concentrar em achá-la de novo.

— Olá — disse Hazel. — Quem é você?

— Quem é você? — perguntou a garota. Sua voz soava cansada, como se estivesse cansada de responder essa pergunta.

Hazel e Leo trocaram um olhar. No meio desse show de semideuses, você nunca sabia o que iria encontrar. Nove em cada dez vezes, não era bom. Uma garota ninja camuflada em tons de terra não ter atacado Leo era algo que ele teria que lidar depois.

— Você é a criança amaldiçoada que Nêmesis mencionou? – perguntou Leo. — Mas você é uma garota.

— Você é uma garota — disse ela.

— Como é? — disse Leo.

— Como é — disse ela.

— Você está repetindo... — Leo parou. — Ah. Espera Hazel, não tem algum mito sobre uma garota que repetia tudo?

— Eco — disse Hazel.

— Eco — concordou a garota.

Ela se mexeu, seu vestido mudando com a paisagem. Seus olhos tinham a cor da água salgada. Leo tentou descobrir qual era seu chalé analisando suas características, mas ele não conseguiu.

— Eu não me lembro do mito — admitiu Leo. — Você foi amaldiçoada a repetir a última coisa que você escutar?

— Você escutar? — disse Eco.

— Coitada — disse Hazel. — Se bem me lembro, uma deusa fez isso?

— Uma deusa fez isso — confirmou Eco.

Leo coçou a cabeça.

— Mas não foi a milhares de anos atrás... Ah. Você é um dos mortais que voltou a vida através das Portas da Morte. Eu realmente gostaria de parar de encontrar pessoas mortas.

— Pessoas mortas — disse Eco, como se estivesse o castigando.

Ele percebeu que Hazel estava olhando para os seus pés.

— Hã... Desculpe — murmurou ele. —— Eu não quis dizer dessa forma.

— Dessa forma. — Eco apontou para a outra margem da ilha.

— Você quer nos mostrar alguma coisa? — perguntou Hazel. Ela desceu da pedra e Leo a seguiu.

Mesmo de perto, Eco era difícil de ver. Na verdade ela parecia ficar ainda mais invisível quanto mais ele olhava para ela.

— Tem certeza que você é real? — perguntou ele. — Quero dizer... Carne e sangue?

— Carne e sangue — ela tocou o rosto de Leo fazendo-o recuar. Seus dedos estavam quentes.

— Então... Você tem que repetir tudo? — perguntou Leo.

— Tudo.

Leo não pode evitar sorrir.

— Isso poderia ser divertido.

— Divertido — disse ela infeliz.

— Elefante azul.

— Elefante azul.

— Me beije, seu idiota.

— Seu idiota.

— Ei!

— Ei!

— Leo — Hazel implorou. — Não a provoque.

— Não a provoque — concordou Eco.

— Ok, ok — disse ele, mas teve que resistir ao impulso. Não era todo dia que ele conhecia alguém com um recurso interno de respostas. — Então, o que você estava apontando? Você precisa da nossa ajuda?

— Ajuda — Eco concordou enfaticamente. Ela fez um gesto para que eles a seguissem e correu para a encosta. Leo só podia a seguir pelo movimento da grama e o brilho de sua roupa que mudou para parecer com as rochas.

— É melhor se apressar — disse Hazel. — Ou vamos perdê-la.

Eles descobriram qual era o problema – se é que se pode chamar de problema uma multidão de garotas bonitas. Eco os levou para uma campina parecida com a cratera de uma explosão, como um pequeno lago no meio. Reunidas na beira da água dezenas de ninfas.

Pelo menos Leo supôs que eram ninfas. Como as do Acampamento Meio-Sangue, elas usam vestidos. Estavam descalças. Tinham características élficas e sua pele tinha um tom ligeiramente esverdeado. Leo não sabia o que elas estavam fazendo, mas todas estavam amontoadas em um local em frente à lagoa e se empurravam para ver melhor. Várias levantavam celulares, tentando conseguir uma foto sobre a cabeça da outra. Leo nunca tinha visto ninfas com celular. Ele se perguntou se elas estavam olhando para o corpo de alguém morto. Se fosse isso, por que elas estavam subindo e descendo rindo animadas?

— O que elas estão olhando? — perguntou Leo.

— Olhando. — Eco suspirou.

— Só tem um jeito de descobrir. — Hazel marchou para frente e começou a empurrar em seu caminho através da multidão. — Desculpem-nos. Perdão.

— Ei! — reclamou uma ninfa. — Nós estávamos aqui primeiro!

— Sim — outra fungou. — Ele não vai estar interessado em *você*.

A segunda ninfa tinha grandes corações vermelhos pintados no rosto. Por cima do vestido ela usava uma camiseta que tinha escrito: MEUS DEUSES,

— Hã, Negócio de semideus — Leo disse, tentando parecer formal. — Abra espaço. Obrigado.

As ninfas resmungaram, mas abriram espaço para revelar um jovem ajoelhado na beira da lagoa, olhando fixamente para a água.

Leo não prestava muita atenção em como os outros caras pareciam. Ele supôs que o cara parecia com Jason – alto, loiro, robusto e basicamente tudo que Leo nunca seria.

Leo não era notado pelas garotas. Pelo menos, sabia que nunca iria conseguir uma garota por sua aparência. Esperava que sua personalidade e senso de humor conseguisse algum dia, embora isso definitivamente não tinha funcionado ainda.

De qualquer forma, Leo não podia negar o fato de que o cara na lagoa tinha uma ótima aparência. Ele tinha um rosto esculpido, lábio e olhos em algum lugar entre um feminino lindo e masculino incrível. O cabelo escuro caia sobre a testa. Ele podia ter dezessete ou vinte anos, era difícil dizer, foi criado como um dançarino – longos braços graciosos, pernas musculosas, postura perfeita e um ar de calma real. Ele usava uma camiseta branca e um jeans, com um arco e uma alijava nas suas costas. As armas obviamente não eram utilizadas a um bom tempo, as flechas estavam cobertas de poeira. Uma aranha tecia uma teia no topo do arco.

Quando Leo se aproximou, percebeu que o rosto do rapaz estava inacreditavelmente dourado. No pôr do sol a luz ricocheteava em uma grande folha lisa de bronze celestial que estava no fundo da lagoa, lavando o rosto do Senhor Bonito com um brilho dourado especial.

O cara parecia fascinado com seu reflexo no metal.

Hazel respirou fundo.

— Ele é lindo.

Em volta dela, as ninfas gritaram e aplaudiram de acordo.

— Eu sou — murmurou o jovem sonhador, seus olhos fixos na água. — Eu sou lindo.

Uma ninfa mostrou a tela de seu iPhone.

— Seu mais recente vídeo no YouTube tem um milhão de acessos em tipo assim, uma hora. Eu acho que estava no meio disso!

As ninfas riram.

— Vídeo no YouTube? — perguntou Leo. — O que ele faz no vídeo? Canta?

— Não, idiota! — A ninfa repreendeu. — Ele era um príncipe e ótimo caçador e essas coisas. Mas isso não importa. Agora ele... Bem olhe! — Ela mostrou o vídeo para Leo. Era exatamente o que ele estava vendo lá – o cara se olhando no lago.

— Ele é tãoooo bonito! — disse outra garota. Sua camiseta dizia: SENHORA NARCISO.

— Narciso? — perguntou Leo.

— Narciso — Eco concordou tristemente.

Leo tinha esquecido que Eco estava lá. Aparentemente nenhuma das ninfas tinha notado também.

— Ah não, *você* de novo! — a senhora Narciso tentou empurrar Eco para longe, mas ela mal sabia onde a menina camuflada estava e acabou empurrando outras ninfas.

— Você teve sua chance Eco! – disse a ninfa com o iPhone. — Ele terminou com você quatro mil anos atrás! Você não é boa o suficiente pra ele.

— Para ele — disse Eco, amarga.

— Espere. — Hazel claramente tinha problemas para tirar os olhos do cara bonito, mas ela conseguiu. — O que está acontecendo aqui? Porque a

Eco nos trouxe aqui?

Uma ninfa rolou os olhos. Ela estava segurando uma caneta de autografo e um pôster amassado do Narciso.

— Eco era uma ninfa como nós, há muito tempo, mas ela era uma tagarela! Fofocando blá, blá, blá o tempo todo.

— Eu sei! — gritou outra ninfa. — Tipo, quem poderia suportar isso? Ainda outro dia Cleopeia me falou: *você sabe que ela vive na pedra ao meu lado?* Eu disse: *Pare de fofocar ou vai acabar como Eco*. Cleopeia tem uma boca grande! Você ouviu o que ela disse sobre a ninfa das nuvens e o sátiro?

— Totalmente! — disse a ninfa com o cartaz. — Então, de qualquer maneira, por punição pela fofoca, Hera amaldiçoou Eco para que ela pudesse apenas repetir as coisas, o que era bom para nós. Mas, então, Eco se apaixonou, pelo nosso cara lindo, Narciso... Como se ele fosse notá-la.

— Como se fosse! — disse meia dúzia de outras ninfas.

— Agora ela tem essa ideia estranha de que ele precisa ser salvo — disse a senhora Narciso. — Ela devia apenas ir embora.

— Ir embora — Eco rosnou de volta.

— Estou *tão* feliz por Narciso estar vivo novamente — disse outra ninfa em um vestido cinza. Ela tinha as palavras NARCISO + LAIEA escritas de cima pra baixo nos braços com caneta preta. — Ele é tipo, o melhor! E está no meu território.

— Ah, pare com isso, Laiea — disse a amiga. — Eu sou a ninfa da lagoa. Você é apenas a ninfa da árvore.

— Bem, eu sou a ninfa da grama — protestou outra.

— Não, ele veio aqui, obviamente, porque ele gosta das flores silvestres! — disse outra. — Elas são minhas!

A multidão começou a discutir enquanto Narciso olhava para o lago, ignorando-as.

— Parem! — gritou Leo. — Senhoras! Se acalmem! Eu preciso perguntar uma coisa ao Narciso.

Lentamente as ninfas param e voltaram a tirar fotos.

Leo se ajoelhou perto do cara bonito.

— Então Narciso. E aí?

— Você poderia ir pra lá? — Narciso perguntou distraidamente. — Está estragando a vista.

Leo olhou na água. Seu reflexo do ondulando ao lado de Narciso sobre a superfície do bronze. Leo não tinha vontade de olhar pra si mesmo. Comparado com Narciso, ele parecia um troll selvagem. Mas não havia dúvida de que o metal era uma folha de bronze celestial, meio circular, cerca de cinco metros de diâmetro.

O que estava fazendo na lagoa, Leo não sabia. bronze celestial caia na terra em lugares estranhos.

Ele tinha escutado falar que a maioria dos pedaços foram jogados de várias oficinas de seu pai. Hefesto perdia a paciência quando seus projetos não funcionavam e ele atirava seus restos ao mundo mortal. Esse pedaço poderia ter sido um escudo para um deus, mas não tinha dado certo. Se Leo pudesse levá-lo para o navio, seria bronze o suficiente para os reparos.

— Certo, ótima vista — disse Leo. — Ficaria feliz em ir embora, mas se você não estiver usando, eu posso ficar com a folha de bronze?

— Não — disse Narciso. — Eu a amo. Ele é tão lindo.

Leo olhou em volta para ver se as ninfas estavam dando risada. Isso *tinha* de ser uma grande piada. Mas elas estavam apenas balançando a cabeça em concordância. Hazel parecia chocada. Ela torceu o nariz como se tivesse chegado à conclusão de que Narciso não cheira como parecia.

— Cara — Leo disse para Narciso. — Você *percebeu* que está olhando pra *si mesmo* na água, certo?

— Eu sou tão bonito. — Narciso suspirou. Ele estendeu a mão saudoso para tocar a água, mas parou. — Não, eu não posso fazer ondulações. Vai arruinar a imagem. Uau... Eu sou tão bonito.

— Sim — murmurou Leo. — Mas se eu levar o bronze, você ainda vai poder se ver na água. Ou aqui... — Ele enfiou a mão no sinto de ferramentas e tirou de lá um simples espelho pequeno. — Eu vou trocar com você.

Narciso tomou o espelho, com relutância e admirava-se.

— Sério que você carrega uma foto minha? Eu não culpo você. Eu sou lindo. Obrigado. — Ele colocou o espelho no chão e voltou a olhar para a lagoa. — Mas eu já tenho uma imagem melhor. A cor fica ótima em mim você não acha?

— Ah, deuses, sim! — gritou uma ninfa. — Case-se comigo, Narciso!

— Não, comigo! — gritou outra. — Será que você poderia autografar meu pôster?

— Não, autografa minha camiseta!

— Não, autografa minha testa!

— Não, autografa a minha.

— Parem com isso! — gritou Hazel.

— Parem com isso — concordou Eco.

Leo tinha perdido Eco de vista de novo, mas agora percebeu que ela estava ajoelhada ao lado de Narciso, passando a mão em frente ao seu rosto, como se tentando quebrar sua concentração. Narciso nem piscava.

O fã clube de ninfas tentou empurrar Hazel para fora do caminho, mas ela tirou a espada de cavaleira e as obrigou a voltar.

— Sem essa! — gritou ela.

— Ele não vai autografar a sua espada — reclamou a ninfa com o pôster.

— Ele não vai casar com você — disse a garota com o iPhone. — E você não pode levar o espelho de bronze dele! Isso é o que o mantêm aqui!

— Vocês são todas ridículas — disse Hazel. — Ele é tão *cheio* de si! Como vocês podem gostar dele?

— Gostar dele. — Eco suspirou, ainda passando a mão na frente do rosto dele.

As outras suspiraram junto com ela.

— Eu sou tão gostoso. — Narciso suspirou em simpatia.

— Narciso, ouça. — Hazel manteve a espada em riste. — Eco nos trouxe aqui para o ajudar, não é Eco?

— Eco — disse Eco.

— Quem? — disse Narciso.

— A única garota que se importa com o que acontece com você, aparentemente — disse Hazel. — Você se lembra de morrer?

Narciso franziu a testa.

— Eu... Não. Isso não pode estar certo. Eu sou importante demais para morrer.

— Você morreu olhando pra si mesmo — insistiu Hazel. — Eu me lembro da história agora. Nêmesis foi a deusa que o amaldiçoou, porque você quebrou muitos corações. Sua punição foi cair de amor por seu próprio reflexo.

— Eu me amo muito, muito — concordou Narciso.

— Você morreu no final — continuou Hazel. — Eu não sei qual versão da história é verdadeira. Você se afogou ou se transformou em uma flor que fica sob a água ou... Eco o que era?

— O que era? — disse ela desesperadamente.

Leo se levantou.

— Isso não importa. O ponto é que você está vivo de novo cara. Você tem uma segunda chance. É sobre isso que Nêmesis estava falando. Você pode levantar e seguir sua vida. Eco está tentando te salvar. Ou pode ficar aqui e olhar pra si mesmo até morrer de novo.

— Fique aqui! — gritaram todas as ninfas.

— Case-se comigo antes de morrer! — gritou outra.

Narciso balançou a cabeça.

— Você só quer o meu reflexo. Eu não o culpo, mas você não pode ter. Eu pertenço a mim.

Hazel suspirou irritada. Ela olhou para o sol, que estava se pondo rapidamente.

Então fez um gesto com a espada na borda da cratera.

— Leo, nós podemos conversar um minuto?

— Com licença — disse a Narciso. — Eco quer vir?

— Quer vir — concordou Eco.

As ninfas se amontoaram ao redor de Narciso de novo e começaram a gravar vídeos e tirar fotos.

Hazel liderou o caminho até que não pudessem ser escutados.

— Nêmesis estava certa — disse ela. — Alguns semideuses não podem mudar sua natureza. Narciso vai ficar lá até que ele morra de novo.

— Não — disse Leo.

— Não — concordou Eco.

— Nós precisamos do bronze — disse Leo. — Se o tirarmos, poderíamos ter uma chance de salvar Narciso. Eco poderia ter uma chance de salvá-lo.

— Uma chance de salva-lo. — disse Eco, agradecida.

Hazel enterrou sua espada na areia.

— Isso pode fazer dezenas de ninfas irritadas com a gente — disse ela. — E Narciso ainda pode disparar seu arco.

Leo pensou. O sol estava quase se pondo. Nêmesis tinha mencionado que Narciso ficava agitado, provavelmente porque não via mais seu reflexo. Leo não queria ficar tempo o suficiente pra ver o que a deusa chamava de agitado. Ele também tinha experiência com multidões de ninfas enlouquecidas. Não estava ansiosa para repetir isso.

— Hazel — disse ele — seu poder com metal precioso, você só pode detectá-lo ou também pode convocar até você?

Ela franziu a testa.

— Às vezes posso atraí-lo. Nunca tentei com um pedaço de bronze celestial tão grande antes. Eu poderia ser capaz de atraí-lo através da terra, mas teria que estar muito próxima. Seria preciso muita concentração e não será rápido.

— Não será rápido — Eco advertiu.

Leo amaldiçoou. Ele esperava que pudesse voltar ao navio e Hazel poderia teletransportar o bronze celestial de uma distância segura.

— Tudo bem — disse ele. — Nós vamos ter que tentar algo arriscado. Hazel, que tal você tentar atrair o bronze celestial da direita? Faça-o afundar na areia em um túnel até você, então nós vamos pegá-lo e correr para o navio.

— Mas Narciso está olhando o tempo todo — disse ela.

— O tempo todo — repetiu Eco.

— Esse vai ser o meu trabalho — disse Leo, odiando seu próprio plano. — Eco e eu vamos ser as distrações.

— Distrações? — perguntou Eco.

— Eu vou explicar — prometeu Leo. — Você está disposta?

— Disposta — disse Eco.

— Legal — disse Leo. — Agora vamos esperar que ninguém morra.

VIII

LEO

Leo se empolgou para uma mudança extrema. Ele pegou algumas pastilhas de hortelã e um par de óculos para marceneiros do seu cinto de ferramentas. Os óculos não eram exatamente óculos de sol, mas teriam de servir. Ele arregaçou as mangas de sua camisa, usou um pouco de óleo de máquina para arrumar o cabelo, enfiou uma chave inglesa no bolso de trás (o porquê exatamente, ele não tinha certeza) e fez Hazel desenhar com um marcador uma tatuagem em seu bíceps: COISA GOSTOSA, com uma caveira sobre ossos cruzados.

— No que você está pensando? — ela parecia muito nervosa.

— Eu tento não pensar — admitiu Leo. — Isso interfere em ser louco. Se preocupe somente em mover o bronze celestial. Eco, você está pronta?

— Pronta — disse ela.

Leo respirou fundo. Ele andou em direção ao lago, esperando que ele parecesse incrível e não como se tivesse um problema nervoso.

— Leo é o mais legal — gritou ele.

— Leo é o mais legal! — Eco gritou de volta.

— É, gata, olha pra mim!

— Olha pra mim! — disse Eco.

— Abram caminho para o rei!

— O rei!

— Narciso é fraco!

— Fraco!

O grupo de ninfas se espalhou em surpresa. Leo afastou as ninfas como se elas estivessem o incomodando.

— Sem autógrafos, meninas. Eu sei que vocês querem um pouco de tempo do Leo, mas eu sou legal demais! É melhor se apenas ficarem atrás desse perdedor do Narciso. Ele é patético!

— Patético! — Eco disse com entusiasmo.

As ninfas resmungaram com raiva.

— O que você está falando? — perguntou uma.

— *Você* é patético. — disse outra.

Leo ajeitou os óculos e sorriu. Ele flexionou os bíceps, embora ele não tivesse muito o que flexionar e exibiu sua tatuagem COISA GOSTOSA. Ele tinha a atenção das ninfas, mesmo porque elas estavam atordoadas; mas Narciso ainda estava olhando seu próprio reflexo.

— Vocês sabem o quão feio Narciso é? — Leo perguntou ao grupo. — Ele é tão feio, que quando ele nasceu, sua mãe pensou que ele era um centauro ao contrário: com uma bunda de cavalo na cara.

Algumas ninfas ofegaram. Narciso franziu a testa, como se estivesse vagamente consciente de um mosquito zumbindo em torno de sua cabeça.

— Vocês sabem o porquê de seu arco ter teias de aranha? — continuou Leo. — Ele o usa para caçar encontros, mas não consegue encontrar um!

Uma das ninfas riu. As outras rapidamente deram cotoveladas para silenciá-la.

Narciso virou-se e fez uma careta para Leo.

— Quem é você?

— Eu sou o Grande McManeiro, cara! — disse Leo. — Eu sou Leo Valdez, o bad boy supremo. E as garotas *amam* um bad boy.

— Amam um bad boy! — Eco disse, em tom convincente.

Leo pegou uma caneta e autografou o braço de uma das ninfas.

— Narciso é um perdedor! Ele é tão fraco, que não consegue levantar um lenço de papel. Ele é tão patético, que quando você procura *patético* no Wikipédia tem uma foto dele lá, só que a foto é tão *feia* que ninguém olha.

Narciso uniu as incríveis sobrancelhas. Sua face estava mudando de bronze para rosa salmão. No momento, ele tinha esquecido totalmente a lagoa, Leo podia ver a camada de bronze afundando na areia.

— Do que é que você está falando? — perguntou Narciso. — Eu sou incrível. Todo mundo sabe disso.

— Incrível em ser *um chato* — disse Leo. — Se eu fosse um *chato* como você, eu me afogaria. Ah, espera, você já fez isso.

Outra ninfa riu, em seguida outra. Narciso rosnou, o que o fez parecer um pouco menos bonito. Enquanto isso, Leo sorriu e levantou as sobrancelhas sobre seus óculos e estendeu as mãos, pedindo aplausos.

— Isso mesmo! — disse Leo. — Time Leo para vencedor!

— Time Leo para vencedor! — gritou Eco. Ela se movia sinuosamente entre as ninfas, e como era tão difícil de ver, as ninfas, aparentemente, pensaram que a voz era de uma delas.

— Ah meus deuses, eu sou tão incrível! — gritou Leo.

— Tão incrível! — Eco gritou de volta.

— Ele *é* engraçado — uma ninfa se aventurou.

— E bonito, para um magrelo — disse outra.

— Magrelo? — perguntou Leo. — Gata, eu inventei o magrelo, esquelético é a *nova sensação*. E eu TENHO magreza. Narciso? Ele é um perdedor, nem o Mundo Inferior o queria. Ele não conseguia nem fazer as fantasmas saírem com ele para um encontro.

— Eca. — disse uma ninfa.

— Eca! — concordou Eco.

— Pare. — Narciso levantou. — Isso não está certo. Essa pessoa obviamente não é incrível, então ele deve estar... — ele procurou pelas palavras certas. Provavelmente faz um bom tempo desde que falou de qualquer coisa a não ser ele mesmo. — Ele deve estar nos enganando.

Aparentemente, Narciso não era completamente estúpido. O entendimento apareceu em seu rosto. Ele voltou-se para a lagoa.

— O espelho de bronze se foi! Meu reflexo! Devolva.

— Time Leo! — disse uma das ninfas. Mas as outros voltaram a atenção para Narciso.

— *Eu sou* o bonito — insistiu Narciso. — Ele roubou meu espelho e eu vou embora, a menos que nós o obtenhamos de volta!

As meninas ofegaram, uma apontou.

— Ali!

Hazel estava no topo da cratera, correndo o mais rápido que podia, enquanto carregava uma grande chapa de bronze.

— Recuperem — gritou uma ninfa.

Provavelmente contra sua vontade, Eco murmurou:

— Recuperem.

— Sim! — Narciso despendurou seu arco e pegou uma flecha de sua aljava empoeirada. — A primeira que pegar esse espelho, vou gostar dela

quase tanto quanto gosto de mim mesmo. Eu poderia até te beijar, logo depois de eu beijar meu reflexo!

— Ah meus deuses! — gritaram as ninfas.

— E matem esses semideuses! — Narciso acrescentou, olhando generosamente para Leo. — Eles não são tão legais quanto eu!

Leo podia correr muito rápido quando alguém estava tentando matá-lo. Infelizmente, ele tinha muita prática.

Ele ultrapassou Hazel, o que foi fácil, já que ela estava lutando com cinquenta quilos de bronze celestial. Ele pegou um lado da chapa de metal e olhou para trás. Narciso estava posicionando uma flecha, mas essa era tão velha e frágil, que se quebrou em pedaços.

— Ai! — Ele gritou de forma muito atraente. — Minha unha!

Normalmente ninfas eram rápidas — pelo menos as do Acampamento Meio-Sangue eram — mas estas estavam sobrecarregadas com pôsteres, camisetas, e outras mercadorias Narciso™. As ninfas também não eram boas em trabalho em equipe. Eles continuavam tropeçando umas nas outras e se empurrando. Eco piorou as coisas correndo entre elas, fazendo-as tropeçar e combatendo tantas quantas podia.

Ainda assim, elas estavam chegando perto rapidamente.

— Chame Árion! — Leo ofegou.

— Já chamei! — disse Hazel.

Eles correram para a praia. Eles chegaram até a beira da água e podiam ver o *Argo II*, mas não havia maneira de chegar lá. Era longe demais para nadar, mesmo que não tivesse carregando bronze.

Leo virou. O grupo estava vindo sobre as dunas, Narciso na liderança, segurando seu arco como uma batuta de um maestro. As ninfas tinham conjurado variados tipos de armas.

Algumas seguravam pedras. Outras tinham bastões de madeira envolvidos em flores.

Algumas náiades tinham armas d'água, o que não parecia assustador — mas seus olhares ainda eram assassinos.

— Ah, cara — Leo murmurou, convocou fogo em sua mão livre. — Sinceramente, lutar não é pra mim.

— Segure o bronze celestial. — Hazel pegou sua espada. — Fique atrás de mim!

— Fique atrás de mim! — repetiu Eco. A garota camuflada estava correndo à frente do grupo agora.

Ela parou na frente de Leo e virou, levantou os braços como se quisesse protegê-lo pessoalmente.

— Eco? — Leo mal podia falar com o nó na garganta. — Você é uma ninfa corajosa.

— Ninfa corajosa? — Seu tom era de pergunta.

— Tenho orgulho de ter você no Time Leo. — disse ele. — Se sobrevivermos a isso, você deve esquecer Narciso.

— Esquecer Narciso — disse ela incerta.

— Você é boa demais para ele.

As ninfas os cercaram em um semicírculo.

— Impostores — disse Narciso — eles não me amam garotas! Todos nós me amam, não é?

— Sim! — gritaram as garotas, exceto por uma ninfa confusa com um vestido amarelo que murmurou — Time Leo.

— Matem eles — ordenou Narciso.

As ninfas avançaram, mas a areia a frente delas explodiu. Árion veio correndo de lugar nenhum, circulando o grupo tão rapidamente que criou uma tempestade de areia, dando um banho de cal em seus olhos.

— Eu amo esse cavalo — disse Leo.

As ninfas caíram, engasgando e tossindo. Narciso tropeçava cegamente, balançando seu arco como se tentando acertar uma pinhata.

Hazel subiu na sela, ergueu o bronze e ofereceu uma mão a Leo.

— Não podemos deixar Eco! — disse Leo.

— Deixar Eco! — repetiu a ninfa.

Ela sorriu e pela primeira vez Leo pode ver claramente seu rosto. Ela era realmente bonita. Seus olhos eram mais azuis do que tinha imaginado. Como ele não tinha reparado nisso?

— Por quê? — perguntou Leo. — Você não acha que ainda pode salvar Narciso...

— Salvar Narciso... — disse ela confiante. E mesmo que fosse só um eco, Leo pôde perceber que era exatamente isso o que ela queria. Ela havia ganhado uma segunda chance na vida e estava determinada a usá-la para salvar o cara que ela amava, mesmo ele sendo (embora muito bonito) um caso perdido.

Leo queria protestar, mas Eco se inclinou e o beijou no rosto e gentilmente o empurrou para longe.

— Leo, vamos — chamou Hazel.

As outras ninfas começavam a se recuperar. Elas limparam o da cal de seus olhos, que agora estavam verdes brilhando de raiva. Leo olhou para Eco novamente, mas ela já tinha se dissolvido no cenário.

— Sim — disse ele, com a garganta seca. — Sim, está bem.

Ele subiu, ficando atrás de Hazel. Árion correu através da água, as ninfas gritavam atrás deles, e Narciso exclamando:

— Devolvam, devolvam!

Enquanto Árion corria de volta ao *Argo II*, Leo seu lembrou sobre o que Nêmesis havia dito sobre Eco e Narciso: *Talvez eles te ensinem uma lição*.

Leo havia pensado que havia falado de Narciso, mas agora se perguntava se a verdadeira lição para ele era Eco — invisível para suas irmãs, amaldiçoada a amar alguém que não se importava com ela. A sétima roda. Ele tentou esquecer esse pensamento, ele agarrou a chapa de bronze como se fosse um escudo.

Estava determinado a não esquecer o rosto de Eco. Ela merecia pelo menos uma pessoa que a viu e sabia o quão bom ela era. Leo fechou os olhos, mas a memória de seu sorriso já estava desaparecendo.

IX

PIPER

Piper não queria usar a faca.

Mas sentada na cabine do Jason, esperando-o acordar, ela se sentiu sozinha e impotente.

O rosto de Jason estava muito pálido, ele poderia estar morto. Ela se lembrou do terrível som do tijolo o atingindo na testa – um machucado que só aconteceu porque ele tentou protegê-la dos romanos.

Mesmo com o néctar e a ambrósia que eles o alimentaram, Piper não poderia ter certeza que ele estaria bem quando acordasse. E se tivesse perdido a memória de novo – mas agora, as suas memórias dela?

Essa seria a mais cruel das peças que os deuses a teriam pregado até o momento e eles já haviam pregado peças bem cruéis.

Ela escutou Gleeson Hedge no seu quarto ao lado, cantarolando uma canção militar - "Stars and Stripes Forever" - talvez? Como a TV por satélite estava fora do ar, o sátiro estava provavelmente sentado no seu

beliche lendo de novo questões de uma revista de armas. Ele não era um acompanhante ruim, mas com certeza era o bode velho mais ameaçador que Piper já havia encontrado.

Claro que ela estava grata ao sátiro. Ele ajudou seu pai, o ator Tristan McLean, a se reestruturar após ser sequestrado por gigantes no inverno passado. Poucas semanas antes, Hedge pediu a sua namorada, Mellie, para cuidar da casa dos McLean para que ele pudesse ir ajudar na missão.

O Treinador Hedge tentou fazer parecer com que retornar ao Acampamento Meio-Sangue tivesse sido tudo sua ideia, mas Piper suspeitava que fosse mais do que isso. Nas últimas semanas, quando Piper ligava pra casa, seu pai e Mellie perguntavam o que estava errado. Talvez algo na sua voz os tenha alertado.

Piper não podia compartilhar as visões que teve. Elas eram muito perturbadoras. Além disso, seu pai tinha tomado uma poção que apagou todas as suas memórias dela como uma meio-sangue. Mas ele ainda podia falar o quanto a filha estava chateada e ela tinha quase certeza que seu pai tinha encorajado o Treinador a cuidar dela.

Ela não deveria sacar sua faca. Isso só a faria se sentir pior.

Finalmente, a tentação foi grande. Ela desembainhou Katoptris. Não lhe pareceu muito especial, só uma faca triangular com um simples cabo, mas tinha pertencido a Helena de Tróia. Seu nome significava espelho.

Piper olhou fixamente para a sua faca de bronze. Primeiramente, só viu o próprio reflexo. Depois uma luz ondulava através do metal. Ela viu uma multidão de semideuses romanos reunidos no fórum. O garoto loiro e magrelo, Octavian, falava para a multidão, agitando os punhos. Piper não conseguia o escutar, mas era óbvio o que falava: *Nós precisamos matar esses gregos!*

Reyna ficou de lado, com o seu rosto apertado de emoções reprimidas. Mágoa? Raiva? Piper não tinha certeza.

Ela estava preparada para odiar a Reyna, mas não conseguia. Durante a festa no fórum, Piper admirou a maneira com que ela guardou seus sentimentos.

Reyna viu logo de cara algum tipo de relacionamento entre Piper e Jason. Como uma filha de Afrodite, Piper podia falar coisas desse tipo. Ficou educada como se estivesse no controle. Ela colocou as necessidades do seu Acampamento na frente das suas próprias emoções. Ela deu aos gregos uma chance justa... Até que o *Argo II* começou a destruir a sua cidade.

Aquilo quase fez Piper se sentir culpada por ser a namorada do Jason, embora fosse bobo. Jason nunca foi o namorado da Reyna, não de verdade.

Talvez Reyna não fosse tão ruim, mas não importava agora. Eles estragaram a chance de paz. O poder da Piper de persuasão, por uma vez, não fez nada de bom.

Seu medo secreto? Talvez ela não tenha tentado verdadeiramente. Piper nunca quis ser amiga dos romanos. Ela estava muito preocupada em perder Jason para a sua vida antiga.

Talvez, inconscientemente, não tenha feito o seu melhor no charme.

Agora Jason estava machucado. O navio quase foi destruído. E de acordo com a sua faca, aquele matador de ursinhos maluco, Octavian, estava incentivando os romanos para a guerra.

A cena na sua faca mudou. Teve uma rápida série de imagens que ela já tinha visto antes, mas que ainda não as entendia: Jason cavalgando para uma batalha nas costas de um cavalo, com seus olhos dourados ao invés de azuis; uma mulher em um belo e antigo vestido sulista, de pé ao lado de um parque perto do oceano e com palmeiras; um touro com a face de um homem barbudo, emergindo de um rio; e dois gigantes em togas amarelas

combinando, puxando uma corda em um sistema de polias, levantando um vaso de bronze grande de um buraco.

Aí veio a pior visão: ela se viu com Jason e Percy, de pé com água na cintura no fundo de uma câmara escura e circular, como uma parede gigante. Formas fantasmagóricas se moviam na água enquanto ela subia rapidamente. Piper agarrava as paredes, tentando escapar, mas não tinha aonde ir. A água alcançou o peito deles. Jason foi puxado para baixo.

Percy tropeçou e desapareceu.

Como um filho do deus do mar podia se afogar? Piper não sabia, mas ela se olhou na visão, sozinha e derrotada no escuro, até que a água subiu mais que a sua altura.

Piper fechou os olhos. *Não me mostre isso de novo*, implorou ela. *Mostre-me algo útil.*

Ela se forçou a olhar na faca de novo.

Agora, ela viu uma rodovia vazia cortando campos de trigo e girassóis. Uma marca de milhagem marcava: TOPEKA 51. No acostamento da estrada tinha um homem de short cáqui e com camisa de acampamento roxa. Seu rosto estava coberto pela sombra de um grande chapéu, com a aba rodeada de videiras. Ele levantou uma taça de prata e acenou para Piper. De algum jeito sabia que ele estava oferecendo algum tipo de presente – uma cura ou um antídoto.

— Ei — resmungou Jason.

Piper estava tão surpresa que ela deixou cair sua faca.

— Você está acordado!

— Não pareça tão surpresa. — Jason tocou na atadura que estava na sua cabeça e franziu as sobrancelhas. — O que... o que aconteceu? Eu me lembro das explosões e...

— Você se lembra de quem eu sou?

Jason tentou rir, mas isso se tornou em uma dolorosa contração.

— Na última vez que eu chequei, você era a minha maravilhosa namorada Piper. A não ser que algo tenha mudado enquanto eu estava apagado?

Piper estava tão aliviada que quase chorou. Ela o ajudou a sentar e o deu um pouco de néctar para beber enquanto o atualizava sobre os eventos ocorridos. Ela estava explicando o plano do Leo para consertar o navio quando escutou cascos de cavalo cavalgando através do convés acima de suas cabeças.

Momentos depois, Leo e Hazel tropeçaram em uma parada na entrada, carregando uma grande placa de bronze martelada entre eles.

— Deuses do Olimpo. — Piper encarou Leo. — O que aconteceu com *você?*

O seu cabelo estava coberto de óleo e penteado para trás. Ele tinha óculos de proteção de solda na testa, uma marca de batom na sua bochecha, tatuagens por todo o braço e uma camisa que se lia COISA GOSTOSA, BAD BOY e TIME LEO.

— Longa história — disse ele. — Os outros estão de volta?

— Ainda não — respondeu Piper.

Leo amaldiçoou. Aí percebeu Jason se sentando e o seu rosto se iluminou.

— E aí cara! Ainda bem que você está melhor. Vou estar na sala de máquinas.

Ele saiu correndo com a placa de bronze, deixando Hazel na entrada.

Piper levantou uma sobrancelha pra ela.

— *Time Leo?*

— Nós conhecemos Narciso — Hazel disse, o que não explicou muito na verdade. — E também Nêmesis, a deusa da vingança.

Jason suspirou.

— Eu perco toda a diversão.

No convés acima, algo fez *THUMP*, como se uma criatura pesada tivesse pousado.

Annabeth e Percy vieram correndo corredor abaixo. Percy estava carregando um balde de plástico de cinco galões fumegante que cheirava pessimamente. Annabeth tinha um pedaço de alguma coisa preta e pegajosa no seu cabelo. A camisa do Percy estava coberta disso.

— Alcatrão? — Piper chutou.

Frank apareceu atrás deles, o que fez com que o corredor ficasse muito cheio de semideuses. Frank também tinha um grande pedaço da sua cara lambuzada com a substância preta.

— Topamos com uns monstros de alcatrão — disse Annabeth. — Ei, Jason, estou feliz que esteja acordado. Hazel, onde está o Leo?

Ela apontou para baixo.

— Sala de máquinas.

De repente, todo o navio se inclinou para bombordo. Os semideuses tropeçaram. Percy quase derramou seu balde de alcatrão.

— Hã, o que foi isso? — perguntou ele.

— Ah... — Hazel parecia constrangida. — Talvez a gente tenha deixado algumas ninfas que vivem nesse lago zangadas. Tipo, todas elas.

— Ótimo. — Percy entregou o balde de alcatrão para Annabeth e Frank. — Vocês ajudam Leo. Vou segurar esses espíritos da água o quanto puder.

— Pode deixar! — prometeu Frank.

Os três saíram, deixando Hazel na porta da cabine. O navio se inclinou de novo e Hazel apertou seu estômago como se estivesse doente.

— Eu vou... — ela engoliu, se dirigiu fracamente em direção ao corredor e saiu correndo.

Jason e Piper ficaram na parte de baixo do barco enquanto balançava. Para uma heroína, Piper se sentia inútil. Ondas batiam no casco enquanto vozes de raiva vinham do convés – Percy gritando, o Treinador Hedge também, só que com o lago. Festus, a figura de proa, soltou fogo várias vezes. Mais embaixo do corredor, Hazel gemia tristemente na sua cabine. Na sala de máquinas, parecia que Leo e os outros estavam fazendo um tipo de dança irlandesa com bigornas presas nos seus pés. Depois do que pareceram horas, o motor começou a zumbir. Os remos rugiram e chiaram e Piper sentiu o navio se erguer no ar.

O balanço e a tremedeira pararam. O navio ficou quieto, com exceção do zumbido das máquinas. Finalmente Leo apareceu da sala de máquinas. Ele estava banhado de suor, pó de cal e alcatrão. Parecia que a sua camisa tinha sido retalhada em uma escada rolante. O TIME LEO do seu peito agora se lia ME LEO. Mas ele riu forçadamente como um louco e anunciou que eles estavam a salvo e no caminho.

— Encontro no salão informal em uma hora — disse ele. — Dia louco, hein?

Depois de todos terem se limpado, Treinador Hedge pegou o leme e os semideuses se reuniram para o jantar. Era a primeira vez que todos estavam sentados juntos – só os sete.

Talvez suas presenças devessem ter reafirmado Piper, mas vendo todos eles em um lugar só a lembrou que a Profecia dos Sete estava em andamento. Sem mais espera enquanto Leo termina o navio. Sem mais dias fáceis no Acampamento Meio-Sangue, fingindo que o futuro estava distante. Eles estavam a caminho, com muitos romanos raivosos atrás deles

e as terras antigas à frente. Os gigantes estariam esperando. Gaia estava em ascensão. E a não ser que eles completem a missão, o mundo seria destruído.

Os outros devem ter sentido isso também. A tensão no salão informal era como uma tempestade elétrica, o que era totalmente possível, considerando os poderes de Percy e Jason. Em um momento constrangedor, os dois garotos tentaram sentar na mesma cadeira (na cabeceira). Saíram literalmente faíscas das mãos de Jason. Depois de um momento curto de repulsão, como se os dois estivessem pensando *É sério, cara?* eles cederam a cadeira a Annabeth e se sentaram em lados opostos da mesa.

A tripulação trocou informações de o que aconteceu em Salt Lake City, mas até mesmo a história ridícula do Leo sobre como ele enganou Narciso não foi suficiente para animar o grupo.

— Então, para onde agora? — Leo perguntou com a boca cheia de pizza. — Eu fiz um conserto rápido para que pudéssemos sair do lago, mas ainda tem muito dano a ser reparado. Nós realmente temos que descer de novo e consertar algumas coisas antes de cruzarmos o Atlântico.

Percy estava comendo um pedaço de torta, que por algum motivo era totalmente azul – recheio, casca e até a sobremesa de creme.

— Nós precisamos ganhar alguma distância do Acampamento Júpiter — disse ele. — Frank viu algumas águias sobre Salt Lake City. Nós achamos que os romanos não estão muito longe de nós.

Isso não melhorou o clima da mesa. Piper não queria dizer nada, mas se sentiu obrigada... E um pouco culpada.

— Eu não acredito que possamos voltar e tentar nos reconciliar com os romanos. Talvez eu não tenha usado charme bem o suficiente.

Jason pegou na sua mão.

— Não foi sua culpa, Pipes. Ou do Leo — ele adicionou rapidamente. — O que quer que tenha acontecido foi culpa da Gaia, para separar os dois

acampamentos.

Piper estava agradecida pelo seu apoio, mas ainda se sentia desconfortável.

— Se talvez pudéssemos explicar isso, embora...

— Sem provas? — perguntou Annabeth. — E sem ideia do que realmente aconteceu? Eu agradeço o que está dizendo, Piper. Eu não quero os romanos no nosso lado ruim, mas até entendermos o que Gaia está planejando, voltar seria suicídio.

— Ela tem razão — disse Hazel. Ela ainda parecia um pouco enjoada, mas estava tentando comer alguns biscoitos de água e sal. A borda do seu prato estava encravada de rubis e Piper tinha certeza que eles não estavam lá no início da refeição. — Reyna pode até escutar, mas Octavian não vai. Os romanos têm que pensar na sua honra. Eles foram atacados. Irão atirar primeiro e perguntar depois.

Piper encarou a sua própria refeição. Os pratos mágicos podiam lhe dar uma grande variedade de comida vegetariana. Ela gostava especialmente do abacate e da quesadilla grelhada com pimenta, mas hoje à noite ela não estava com muita fome.

Ele pensou nas visões que teve na sua faca: Jason com olhos dourados; o touro com cabeça de homem; os dois gigantes em togas amarelas levantando um jarro de bronze de um buraco. E o pior de tudo, se lembrou dela mesmo se afogando em água preta.

Piper sempre gostou de água. Ela tinha boas memórias do surf com o seu pai. Mas desde que começou a ter essa visão na Katoptris, tem pensado mais e mais em uma velha história Cherokee que o seu avô costumava contar para afastá-la do rio perto da sua cabana. Ele a contou que os Cherokee acreditavam em espíritos da água bons, como as Náiades dos gregos; mas também acreditavam em espíritos da água ruins, os canibais de

água, que caçavam mortais com flechas invisíveis e que gostavam de afogar crianças pequenas.

— Vocês estão certos — decidiu ela. — Nós temos que continuar. Não só por causa dos romanos. Temos que nos apressar.

Hazel acenou.

— Nêmesis disse que nós só temos mais seis dias até que Nico morra e Roma seja destruída.

Jason franziu as sobrancelhas.

— Você quer dizer *Roma*, Roma, não Nova Roma?

— Eu acho — disse Hazel. — Mas se for, não temos muito tempo.

— Por que seis dias? — perguntou-se Percy. — E como eles vão destruir Roma?

Ninguém respondeu. Piper não queria adicionar notícias ruins, mas sentiu que devia.

— E tem mais — disse ela. — Eu tenho visto algumas coisas na minha faca.

O garoto grande, Frank, congelou com um garfo cheio de espaguete a meio caminho da boca.

— Coisas como...?

— Elas não fazem realmente sentido — Piper disse — só imagens confusas, mas vi dois gigantes, vestidos iguais. Talvez gêmeos.

Annabeth encarou a transmissão mágica do Acampamento Meio-Sangue na parede. Agora ela mostrava a sala de estar da Casa Grande: um fogo aconchegante na lareira e Seymour, a cabeça de leopardo empalhada, roncando contentemente acima da lareira.

— Gêmeos, como na profecia da Ella — disse Annabeth. — Se pudéssemos descobrir sobre essa parte, pode nos ajudar.

— *A filha da sabedoria caminha solitária* — disse Percy. — *A Marca de Atena por toda a Roma é incendiária*. Annabeth, isso tem que significar você. Juno me disse... Bem, ela me disse que você tinha uma tarefa difícil pela frente em Roma. Disse que duvidava que você conseguisse fazer isso. Mas sei que ela está errada.

Annabeth respirou profundamente.

— Reyna ia me contar algo um pouco antes do navio atacar. Disse que tinha uma lenda antiga entre os pretores de Roma – algo que tinha a ver com Atena. Ela disse que talvez possa ser a razão pela qual gregos e romanos não se davam bem.

Leo e Hazel trocaram olhares nervosos.

— Nêmesis mencionou algo similar — disse Leo. — Ela falou de uma dívida antiga que tinha de ser resolvida.

— Uma coisa que poderia levar as duas naturezas dos deuses à harmonia — lembrou Hazel. — Um mal antigo finalmente vingado.

Percy desenhou uma carranca na sua sobremesa de creme.

— Eu só fui pretor por algumas horas. Jason, você já ouviu uma lenda como essa?

Jason ainda segurava a mão da Piper. Seus dedos ficaram pegajosos.

— Eu... Hã, eu não tenho certeza — disse ele. — Vou pensar nisso.

Percy estreitou os olhos.

— Você não tem certeza?

Jason não respondeu. Piper queria perguntar a ele o que estava errado. Podia dizer que ele não queria discutir essa lenda antiga. Ela olhou para ele, ele pediu silenciosamente. *Depois*.

Hazel quebrou o silêncio.

— E as outras linhas? — ela virou seu prato com rubi incrustado. — *Gêmeos ceifaram do anjo a vida, que detém a chave para a morte infinita.*

— *A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida* — adicionou Frank. — *Conquistada por meio da dor de uma prisão tecida.*

— A ruína dos gigantes — disse Leo. — Tudo que é uma ruína de Gigante é bom para nós, certo? Isso é provavelmente o que precisamos achar. Se isso pode ajudar os deuses a parar de agir de forma esquizofrênica, isso é bom.

Percy assentiu.

— Nós não podemos matar os Gigantes sem ajuda dos deuses.

Jason virou para Hazel e Frank.

— Eu achava que vocês tinham matado aquele gigante no Alasca sem a ajuda dos deuses, só vocês dois.

— Alcioneu é um caso especial — disse Frank. — Ele só era imortal no território em que nasceu – Alasca. Mas não no Canadá. Eu gostaria de poder matar *todos* os gigantes fazendo-os atravessar a fronteira do Alasca para o Canadá, mas... — Ele deu de ombros. — Percy está certo, nós vamos precisar dos deuses.

Piper olhou fixamente para as paredes. Ela realmente desejava que Leo não as tivesse enfeitiçado com imagens do Acampamento Meio-Sangue. Era como um portal para casa que nunca conseguiria passar. Ela olhou a lareira de Héstia queimando no meio do verde enquanto os chalés desligavam suas luzes para o toque de recolher.

Ela se perguntava como os semideuses romanos, Frank e Hazel, se sentiam sobre essas imagens. Nunca estiveram no Acampamento Meio-Sangue. Isso parecia estranho para eles ou injusto que o Acampamento Júpiter não foi representado? Isso fazia com que eles sentissem falta da sua própria casa?

As outras linhas da profecia apareceram na mente de Piper. O que era uma prisão tecida? Como gêmeos ceifaram a vida do anjo? A chave para

morte infinita não parecia muito alegre também.

— Então... — Leo empurrou sua cadeira para longe da mesa. — Primeiro o que tem que ser feito, eu acho. Nós teremos de descer de manhã para concluir os reparos.

— Algum lugar perto de uma cidade — Annabeth sugeriu — no caso de precisarmos de suprimentos. Mas algum lugar fora da rota, para que os romanos tenham dificuldade em nos achar. Alguma ideia?

Ninguém falou. Piper se lembrou da sua visão na faca: o homem estranho em roxo, segurando um cálice e acenando para ela. Ela estava parada em frente de uma placa onde se lia TOPEKA 51.

— Bem — ela se aventurou — o que vocês acham do Kansas?

X

PIPER

Piper teve problemas para dormir.

O Treinador Hedge passou a primeira hora depois do toque de recolher fazendo seu dever noturno, andando para cima e para baixo pelo corredor gritando:

— Luzes apagadas! Para cama! Tentem escapar e eu irei mandá-los de volta para Long Island!

Ele batia seu taco de beisebol contra a porta de uma cabine toda vez que ouvia algum barulho, gritando a todos para que fossem dormir, o que tornou impossível para que *qualquer um* dormisse. Piper descobriu que aquela era a maior diversão que o sátiro teve desde que fingiu ser um professor de Educação Física na Escola da Vida Selvagem.

Ela olhou para as vigas de bronze no teto. Sua cabine era muito acolhedora. Leo tinha programado seus quartos para se ajustar automaticamente a temperatura preferida do ocupante, de modo que ali

nunca era tão frio ou tão quente. Os cobertores e os travesseiros eram recheados com penas de Pégaso (nenhum Pégaso foi prejudicado na fabricação desses produtos, Leo a assegurou), então eles eram ultra confortáveis. Uma lanterna de bronze pendia no teto, trazendo para Piper qualquer brilho que desejasse. Os lados da lanterna foram perfurados, de modo que a noite constelações cintilantes flutuavam pela sua parede.

Piper tinha tantas coisas em sua mente, pensou que nunca iria dormir. Mas havia algo de pacífico no balançar do barco e no zumbido dos remos aéreos enquanto eles escavavam pelo céu.

Finalmente suas pálpebras ficaram pesadas e ela adormeceu.

Pareceu que apenas alguns segundos se passaram que ela acordou com o sino do café da manhã.

— Ei, Piper! — Leo bateu em sua porta. — Estamos desembarcando!

— Desembarcando? — Ela se sentou, grogue.

Leo abriu a porta e colocou sua cabeça para dentro. Ele estava com suas mãos na frente dos olhos, o que seria um gesto legal se ele não estivesse espiando por entre os dedos.

— Você está decente?

— Leo!

— Desculpe — ele sorriu. — Ei, pijama dos Power Rangers legal.

— Eles não são os Power Rangers! São águias Cherokees!

— Sim, claro. De qualquer modo, nós estamos nos instalando a poucos quilômetros fora de Topeka, como solicitado. E, hã... — ele olhou para fora do corredor e então inclinou-se de volta para dentro. — Obrigado por não me odiar, sobre explodir os romanos ontem.

Piper revirou seus olhos. A festa na Nova Roma havia sido apenas ontem?

— Tudo bem, Leo. Você não estava no controle de si mesmo.

— Sim, mas mesmo assim... Você não tinha que me apoiar.

— Você está brincando? Você é como um irmão mais novo irritante que eu nunca tive. É claro que eu vou apoiar você.

— Hã... obrigado?

De cima, o Treinador Hedge gritou:

— Lá ela sopra! Kansas, *ahoy!*

— Por Hefesto — murmurou Leo. — Ele realmente precisa trabalhar sua língua de marinheiro. Eu seria melhor em cima daquele convés.

Desde o tempo em que Piper tomou banho, trocou-se e pegou uma rosquinha no refeitório, ela podia ouvir o desembarque do navio e suas rodinhas se estendendo. Ela subiu na plataforma e se juntou aos outros enquanto o *Argo II* se estabelecia em meio a um campo de girassóis. Os remos se retraíram. A prancha se abaixou.

O ar da manhã cheirava a irrigação, plantas quentes e terra adubada. Não era um cheiro ruim. Lembrou Piper da casa do vovô Tom em Tahlequah, Oklahoma, de volta a reserva.

Percy foi o primeiro a notá-la. Ele sorriu em saudação, que por algum motivo surpreendeu Piper. Ele estava usando jeans velhos e uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue, como se nunca tivesse se afastado do lado grego. As novas roupas provavelmente ajudaram em seu humor – e é claro o fato de ele estar de pé no parapeito com seu braço em volta de Annabeth.

Piper estava feliz em ver Annabeth com uma faísca nos olhos, porque nunca teve uma amiga melhor. Por meses, Annabeth esteve se atormentando, todos os seus momentos acordada foram consumados com a busca por Percy. Apesar da perigosa missão que estavam enfrentando, pelo menos ela tinha seu namorado de volta.

— Então! — Annabeth arrancou a rosquinha das mãos de Piper e deu uma mordida, mas isso não incomodou. No acampamento, eles tiveram uma rápida piada sobre o roubo do café da manhã um do outro. — Aqui estamos nós. Qual é o plano?

— Eu quero checar a rodovia — disse Piper. — Encontrar a placa que diz Topeka 51.

Leo girou seu controle de Wii em um círculo e então as velas se abaixaram.

— Nós não devemos estar longe. — disse ele. — Festus e eu calculamos o desembarque o melhor que podíamos. O que você espera encontrar lá?

Piper explicou o que ela tinha visto na faca – o homem de roxo com uma taça. Ela permaneceu quieta sobre as outras imagens, como a visão de Percy, Jason e ela mesma se afogando. Não tinha certeza do que aquilo significava, de qualquer modo; e todos pareciam estar com espíritos melhores naquela manhã, não queria arruinar aquele humor.

— Camisa roxa? — perguntou Jason. — Vinhas em seu chapéu? Se parece com Baco.

— Dioniso — murmurou Percy. — Se nós pegamos todo esse caminho do Kansas para ver o Sr. D...

— Baco não é tão ruim — disse Jason. — Eu não gosto muito dos seus seguidores...

Piper estremeceu. Jason, Leo e ela tiveram um encontro com as Ménades poucos meses atrás e quase haviam sido reduzidos a pedaços.

— Mas ele mesmo é um deus é ok — continuou Jason. — Uma vez eu fiz um favor a ele no país do vinho.

Percy o olhou aterrorizado.

— Tanto faz, cara. Talvez ele seja melhor no lado romano. Mas por que estaria rondando no Kansas? Zeus não tinha ordenado os deuses para que

eles cortassem todo o contato com os mortais?

Frank resmungou. O grandalhão estava vestindo um agasalho esportivo azul esta manhã, como se ele estivesse pronto para dar uma sacudida nos girassóis.

— Os deuses não têm sido muito bons em seguir *essa* ordem — notou ele. — Aliás, talvez os deuses estejam mesmo esquizofrênicos como Hazel disse.

— E *Leo* disse — adicionou Leo.

Frank lhe fez uma careta.

— Então quem sabe o que está acontecendo aos olimpianos? Pode ser uma coisa bem ruim lá fora.

— Soa perigoso! — Leo concordou alegremente. — Bom... Vocês se divirtam. Eu tenho que terminar uns reparos no casco. O Treinador Hedge vai trabalhar nas balistas quebradas. E, ah, Annabeth... eu poderia realmente usar sua ajuda. Você é a única outra pessoa que entende mesmo de engenharia.

Annabeth olhou para Percy como se estivesse pedindo desculpas.

— Ele está certo. Eu deveria ficar e ajudar.

— Eu voltarei para você — ele a beijou na bochecha. — Prometo.

Eles eram tão fofos juntos, isso fez o coração de Piper doer.

Jason era ótimo, é claro. Mas às vezes era tão distante, como noite passada, quando estava relutante para falar sobre aquela antiga lenda romana. Frequentemente parecia estar pensando sobre sua velha vida no Acampamento Júpiter. Piper imaginou se ele nunca seria capaz de quebrar essa barreira.

A viagem para o Acampamento Júpiter, ver Reyna em pessoa, não ajudou. Nem o fato de que Jason havia escolhido uma camiseta roxa para vestir hoje – a cor dos romanos.

Frank deslizou seu arco para fora de seu ombro e apoiou-a contra o parapeito.

— Acho que eu deveria me transformar em um corvo ou algo assim e voar por aí, ficar de olho nas águias romanas.

— Porque um corvo? — perguntou Leo. — Cara, se você pode se transformar em um dragão, porque você não simplesmente se transforma em um dragão o tempo todo? Isso é mais legal.

O rosto de Frank pareceu estar sendo fundido com suco de fruta-do-monte.

— Isso é como perguntar pra você porque não levanta todo o seu peso toda vez que está malhando. Porque é difícil e você se machucaria. Se transformar em um dragão não é fácil.

— Ah. — Leo fez um gesto com a cabeça. — Eu não saberia. Eu não levanto pesos.

— Sim. Talvez você devesse considerar isso, Sr...

Hazel colocou seu pé entre os dois.

— Eu te ajudo, Frank — disse ela, mandando para Leo um olhar maléfico. — Posso chamar Árion e vigiar lá em baixo.

— Claro — Frank disse, ainda olhando para Leo. — Sim, obrigado.

Piper imaginou o que estava acontecendo com esses três. Os meninos se mostrando para Hazel e implicando um com o outro – *isso* ela conseguia entender. Mas quase pareceu que Leo e Hazel tinham uma história. Ao que ela sabia, eles haviam se encontrado pela primeira vez apenas ontem. Imaginou se alguma outra coisa havia acontecido na viagem deles para Grande Lago Salgado – algo que não mencionaram.

Hazel se virou para Percy.

— Apenas tome cuidado quando você for para lá. Muitos campos, muitas colheitas. Pode haver *karpoi* a solta.

— *Karpoi?* — perguntou Piper.

— Espíritos dos grãos — disse Hazel. — Você não quer conhecê-los.

Piper não conseguiu entender porque um espírito do grão poderia ser tão ruim, mas o tom de Hazel a convenceu a não perguntar.

— Isso deixa três de nós para verificar no marcador de quilômetros — disse Percy. — Eu, Jason e Piper. Não estou empolgado em ver o Sr. D de novo. Aquele cara é uma dor. Mas, Jason, se você está em termos melhores com ele...

— Sim — disse Jason. — Se nós o encontrarmos, falarei com ele. Piper, a visão é sua. Melhor você tomar a liderança.

Piper estremeceu. Ela havia visto eles três se afogando no poço escuro. Era no Kansas em que aquilo aconteceria? Isso não pareceu certo, mas ela não tinha certeza.

— É claro — disse ela, tentando soar otimista. — Vamos achar a rodovia.

Leo disse que eles estavam perto. Ele precisava trabalhar sua ideia de *perto*.

Depois de marchar um quilômetro pelos campos quentes, sendo mordidos por mosquitos e sendo arranhados no rosto por ásperos girassóis, eles finalmente atingiram a estrada. Um velho outdoor de posto de gasolina indicava que eles ainda estavam a sessenta quilômetros da primeira saída de Topeka.

— Corrijam minha matemática — disse Percy. — Mas isso não significa que temos mais treze quilômetros pra andar?

Jason olhou para os dois lados da estrada deserta. Ele parecia melhor hoje, graças a cura mágica do néctar e ambrósia. Sua cor estava de volta ao normal e a cicatriz em sua testa estava quase desaparecida. O gládio novo que Hera deu a ele no último inverno estava pendurado em seu cinto. A

maioria dos caras pareceriam estranho andando por aí com uma bainha presa no seu jeans, mas Jason parecia perfeitamente natural.

— Nenhum carro... — disse Jason. — Mas acho que não gostaria de pegar carona.

— Não — Piper concordou, olhando nervosamente pela rodovia. — Já passamos muito tempo indo por terra. A terra é um território de Gaia.

— Hmm... — Jason estalou os dedos. — Eu posso chamar um amigo para um passeio.

Percy levantou as sobrancelhas.

— Ah, é? Eu também. Vamos ver de quem será o amigo que chega aqui primeiro.

Jason assobiou. Piper sabia o que ele estava fazendo, mas tinha conseguido convocar Tempestade apenas três vezes desde que conheceram o espírito da tempestade na Casa do Lobo no último inverno. Hoje, o céu estava tão azul que Piper não viu como poderia dar certo.

Percy simplesmente fechou seus olhos e se concentrou.

Piper nunca o havia estudado de perto antes. Depois de ouvir tanto no Acampamento Meio-Sangue sobre Percy Jackson *isso* e Percy Jackson *aquilo*, pensou que ele parecia... Bem, inexpressivo, especialmente ao lado de Jason. Percy era mais magro, cerca de três centímetros menor, com um levemente longo cabelo muito preto.

Ele não era realmente o tipo de Piper. Se ela o tivesse visto no shopping em algum lugar, provavelmente teria pensado que ele era um skatista – fofo de um jeito malvestido, um pouco no lado selvagem, definitivamente um encrenqueiro. Ela o teria evitado.

Tinha problemas o suficiente em sua vida. Mas ela poderia ver porque Annabeth gostava dele e podia definitivamente ver porque Percy precisava

dela na sua vida. Se alguém podia manter um cara como aquele no controle, era Annabeth.

Um trovão estalou no céu.

Jason sorriu.

— Logo.

— Tarde demais. — Percy apontou para o leste, onde um vulto negro alado fazia uma espiral em direção a eles. Primeiro, Piper pensou que pudesse ser Frank em forma de corvo.

Então percebeu que aquilo era muito grande para ser um pássaro.

— Um pégaso negro? — disse ela. — Nunca vi um assim.

O garanhão alado pousou. Ele trotou para Percy e acariciou seu rosto, então, virou a cabeça na direção de Jason e Piper de modo curioso.

— Blackjack — Percy disse — esses são Piper e Jason. São amigos.

O cavalo relinchou.

— Hã, talvez depois — respondeu Percy.

Piper ouviu dizer que Percy falava com cavalos, sendo filho do senhor dos cavalos Poseidon, mas nunca havia visto aquilo em ação.

— O que Blackjack quer? — perguntou ela.

— Rosquinhas — respondeu Percy. — Sempre rosquinhas, ele pode transportar nós três se...

De repente o ar se tornou frio. Os ouvidos de Piper estalaram. A cerca de cinquenta metros de distância, uma miniatura de ciclone de três andares de altura rasgava através do topo dos girassóis como uma cena de *O Mágico de Oz*. Ele tocou baixo na estrada ao lado de Jason e tomou a forma de um cavalo – um enevoado corcel com raios piscando através de seu corpo.

— Tempestade — Jason disse, sorrindo amplamente. — Quanto tempo, meu amigo.

O espírito da tempestade empinou-se e relinchou. Blackjack recuou.

— Calma, garoto — disse Percy. — Ele também é um amigo. — Ele deu a Jason um olhar impressionado. — Carona legal, Grace.

Jason deu de ombros.

— Fiz amizade com ele durante a nossa luta na Casa do Lobo. Ele é um espírito livre, literalmente, mas de vez em quando concorda em me ajudar.

Percy e Jason subiram em seus respectivos cavalos. Piper nunca se sentiu confortável com Tempestade. Montar a galope uma besta que poderia vaporizar a qualquer momento a deixava um pouco nervosa. Mas aceitou a mão de Jason e montou o cavalo.

Tempestade correu pela estrada com Blackjack logo acima. Felizmente, eles não passaram por nenhum carro, ou poderiam ter causado problemas. Em pouquíssimo tempo, chegaram ao marcador de 51 quilômetros, que parecia exatamente com o que Piper havia visto em sua visão.

Blackjack pousou. Ambos os cavalos escavaram o asfalto. Nem pareciam satisfeitos de terem parado tão de repente, no momento eles encontraram seu ritmo.

Blackjack relinchou.

— Você está certo — disse Percy. — Nenhum sinal do cara do vinho.

— Me desculpe? — disse uma voz dos campos.

Tempestade se virou rapidamente, Piper quase caiu.

Os trigos se separaram e o homem da sua visão entrou em vista. Ele usava um chapéu de abas largas envolto em videiras, uma camiseta roxa de manga curta, short cáqui e sandálias com meias brancas. Ele parecia ter talvez trinta, com uma barriguinha leve, como um garoto da fraternidade que ainda não se tocou que a faculdade está acabada.

— Alguém acabou de me chamar de *cara do vinho?* — Ele perguntou num sotaque preguiçoso. — É Baco, por favor. Ou Sr. Baco. Ou lorde Baco. Ou, às vezes, Ah meus deuses não me mate, lorde Baco.

Percy colocou Blackjack a sua frente, embora o Pégaso não parecesse feliz com isso.

— Você está diferente — disse ao deus. — Mais magro. Seu cabelo está maior. E sua camisa não é tão chamativa.

O deus do vinho olhou para ele.

— Do que diabos você está falando? Quem é você, e onde está Ceres?

— Hã... Que séries?

— Eu acho que ele quer dizer Ceres — disse Jason. — A deusa da agricultura. Você a chamaria de Deméter. — Ele fez um gesto com a cabeça respeitosamente para o deus. — Lorde Baco, você se lembra de mim? Eu o ajudei com aquele leopardo perdido em Sonoma.

Baco coçou o queixo áspero.

— Ah, sim... John Green.

— Jason Grace.

— Tanto faz — disse o deus. — Ceres lhe enviou, então?

— Não, lorde Baco — disse Jason. — Estava esperando encontrá-la aqui?

O deus bufou.

— Bom, eu não vim para o Kansas para *festejar*, meu garoto. Ceres me pediu para vir até aqui para um conselho de guerra. Com Gaia se erguendo, a colheita está murchando. As secas estão se espalhando. Os *karpoi* estão de volta. Ceres queria uma frente unida na guerra das plantas.

— A guerra das plantas — disse Percy. — Você vai armar todas as uvas pequenas com rifles de assalto minúsculos?

O deus estreitou seus olhos.

— Nos conhecemos?

— No Acampamento Meio-Sangue — Percy disse — eu te conheço como Sr. D.... Dioniso.

— Argh!

Baco estremeceu e apertou as mãos nas têmporas. Por um momento, sua imagem tremeluziu. Por um momento, Piper viu uma pessoa diferente – mais gordo, com uma camisa com estampa de leopardo. Então Baco se transformou em Baco.

— Pare com isso! — exigiu ele. — Pare de pensar em mim na forma grega!

Percy piscou.

— Ah, mas...

— Você tem ideia do quanto é difícil se manter focado? Fortes dores de cabeça o tempo todo! Nunca sei o que estou fazendo ou onde estou indo! Constantemente mal-humorado!

— Isso soa perfeitamente normal para você — disse Percy.

As narinas do deus queimaram. Uma das uvas de seu chapéu estourou em chamas.

— Se nós nos conhecemos do *outro* acampamento, é de se perguntar por que eu ainda não o transformei em um golfinho.

— Isso foi discutido — Percy o assegurou. — Eu acho que você é simplesmente muito preguiçoso para fazer isso.

Piper estava assistindo com fascinação horrorizada, do jeito que ela poderia assistir a um acidente de carro em progresso. Agora ela percebeu que Percy *não* estava tornando as coisas melhores e Annabeth não estava por perto para controlá-lo. Piper imaginou se sua amiga iria perdoá-la se ela trouxesse Percy de volta como um mamífero marinho.

— Lorde Baco! — ela se interrompeu, deslizando das costas de Tempestade.

— Piper, cuidado — disse Jason.

Ela lançou-lhe um olhar de advertência: *deixa comigo*.

— Desculpe-me incomodá-lo, meu senhor — disse ela ao deus — mas na verdade viemos até aqui para pegar seu conselho. Por favor, nós precisamos de sua sabedoria.

Ela usou seu tom mais agradável, derramando respeito em seu charme.

O deus franziu a testa, mas o brilho roxo desbotou em seus olhos.

— Você fala muito bem, garota. Quer um conselho? Muito bem. Eu evitaria um karaokê. Sério, festas temáticas em geral estão fora. Nesses tempos, as pessoas procuram por uma simples, o caso discreto, com lanches orgânicos produzidos localmente e...

— Não sobre festas — interrompeu Piper. — Apesar de que é um conselho extremamente útil, lorde Baco. Mas estávamos esperando que pudesse nos ajudar na nossa missão.

Ela explicou sobre o *Argo II* e a viagem para impedir os gigantes de despertar Gaia. Disse a ele o que Nêmesis havia dito: que em seis dias, Roma seria destruída. Descreveu a visão refletida na faca, onde Baco ofereceu a ela uma taça de ouro.

— Taça de ouro? — O deus não pareceu muito animado. Ele pegou uma Pepsi Diet do nada e a abriu.

— Você bebe Coca Diet — disse Percy.

— Eu não sei do que você está falando — disse Baco. — Quanto a essa visão da taça de ouro, jovem moça, eu não tenho nada para você beber se não uma Pepsi. Júpiter colocou-me sob ordens estritas para evitar dar vinho a menores. É meio incomodo. Quanto aos gigantes, eu os conheço bem. Sabia que eu lutei na primeira Guerra dos Gigantes?

— Você pode lutar? — perguntou Percy.

Piper desejou que ele não soasse tão incrédulo.

Dioniso rosnou. Sua Pepsi Diet se transformou em um bastão de cinco metros envolto em planta de hera e com uma pinha no topo.

— Um *tirso!* — Piper disse, esperando distrair o deus antes que ele assassinasse Percy pela cabeça. Ela havia visto armas como aquela antes nas mãos de ninfas loucas e não ficou emocionada ao ver uma de novo, mas tentou soar impressionada. — Ah, que arma poderosa!

— De fato — concordou Baco. — Estou feliz que *alguém* no grupo é esperto. A pinha é uma temível ferramenta de destruição. Eu era um semideus na primeira Guerra dos Gigantes. O filho de Júpiter!

Jason encolheu. Provavelmente não estava emocionado ao ser lembrado de que o cara do vinho era tecnicamente seu irmão mais velho.

Baco girou seu bastão pelo ar, embora sua barriguinha quase o tenha posto fora de equilíbrio.

— É claro que isso foi muito antes de eu ter inventado o vinho e me tornado imortal. Eu lutei lado a lado com os deuses e algum outro semideus... Harry Cleese, eu acho.

— Héracles? — Piper sugeriu educadamente.

— Tanto faz — disse Baco. — Enfim, eu matei o gigante Efialtes e seu irmão Oto. Horrivelmente grosseiros, aqueles dois. Pinha na cara deles dois!

Piper prendeu sua respiração. De repente, várias ideias vieram todas juntas em sua cabeça – as visões na faca, as linhas da profecia que haviam sido discutidas na noite anterior. Sentiu como quando costumava mergulhar com seu pai, quando ele limpava sua máscara subaquática para ela. De repente, tudo estava claro.

— Lorde Baco — disse ela, tentando controlar o nervosismo em sua voz. — Aqueles dois gigantes, Efialtes e Oto... Eles eram gêmeos?

— Hum? — O deus pareceu distraído com o balanço do *tirso*, mas assentiu. — Sim gêmeos. Está certo.

Piper se virou para Jason. Ela poderia dizer que ele seguia sua linha de pensamento: *Gêmeos ceifaram o fôlego do anjo*.

Na lâmina de Katoptris, ela havia visto dois gigantes em mantos amarelos, levantando uma jarra de um poço profundo.

— É por isso que estamos aqui — disse ao deus. — Você é parte da nossa missão!

Baco franziu a testa.

— Sinto muito, minha garota. Eu não sou mais um semideus. Não *participo* mais de missões.

— Mas gigantes só podem ser mortos por heróis e deuses lutando juntos — insistiu ela.

— Você é um deus agora e os dois gigantes com quem temos de lutar são Efialtes e Oto. Eu acho... acho que eles estão esperando por nós em Roma. Vão destruir a cidade de algum modo. A taça de ouro que eu vi na minha visão – talvez isso seja um símbolo para sua ajuda. Você *tem* que nos ajudar a matar os gigantes!

Baco olhou para ela e Piper percebeu que suas palavras foram insuficientes.

— Minha garota — Baco disse friamente — eu não *tenho* que fazer nada. Além disso, só ajudo aqueles que me dão um tributo adequado, o que ninguém conseguiu fazer há muitos, muitos séculos.

Blackjack relinchou, inquieto.

Piper não podia culpá-lo. Ela não gostava de como a palavra *tributo* soava. Lembrou-se das Ménades, as seguidoras enlouquecidas de Baco, que despedaçavam incrédulos com suas próprias mãos. E isso foi quando elas estavam de bom humor.

Percy fez a pergunta que ela estava com medo de fazer.

— Que tipo de tributo?

Baco acenou com a mão com desprezo.

— Nada que você pudesse aguentar, grego insolente. Mas vou te dar um conselho de graça, já que essa garota tem algumas maneiras. Procure pelo filho de Gaia, Fórcis. Ele sempre odiou sua mãe, não que eu pudesse culpá-lo. Ele não tinha muita utilidade para seus irmãos gêmeos, também. Você irá encontrá-lo na cidade que eles nomearam depois daquela heroína – Atalanta.

Piper hesitou.

— Você quer dizer Atlanta?

— Essa mesma.

— Mas esse Fórcis — disse Jason. — Ele é um gigante? Um titã?

Baco riu.

— Nenhum dos dois. Procure a água salgada.

— Água salgada... — disse Percy. — Em Atlanta?

— Sim — disse Baco. — Você está com dificuldade para ouvir? Se alguém pode lhe dar uma visão sobre Gaia e os gêmeos, é Fórcis. Apenas fique atento com ele.

— O que você quer dizer? — perguntou Jason.

O deus olhou para o sol, que estava quase subindo para o meio-dia.

— Não é do tipo de Ceres estar atrasada, a não ser que ela tenha sentido algo perigoso na área. Ou... — O rosto do deus de repente afrouxou. — Ou uma armadilha. Bem, eu preciso ir! E se eu fosse vocês, faria o mesmo!

— Lorde Baco, espere! — protestou Jason.

O deus tremeluziu e desapareceu com um som de latinha de refrigerante sendo aberta.

O vento sussurrava através dos girassóis. Os cavalos andavam em agitação. Apesar do dia seco e quente, Piper estremeceu. Annabeth e Leo haviam ambos descrito uma sensação de frio...

— Baco está certo — disse ela. — Nós precisamos ir...

Tarde demais, disse uma voz sonolenta, cantarolando pelos campos ao redor deles e ressoantes no chão ao redor dos pés de Piper.

Percy e Jason sacaram suas espadas. Piper estava na estrada entre eles, congelada de medo. O poder de Gaia estava de repente em todos os lugares. Os girassóis se viraram para olhar para eles. Os trigos se dobraram para eles como se fossem um milhão de foices.

Bem-vindos a minha festa, murmurou Gaia. Sua voz lembrava a Piper de um cultivo de milho – estalos, assobios, quentes e persistentes ruídos que ela costumava ouvir na casa do vovô Tom naquelas noites de Oklahoma.

O que foi que Baco disse? A deusa ridicularizou. *Uma simples e discreta festa com lanches orgânicos? Sim. Para o meu lanche, eu só preciso de duas coisas: sangue de um semideus e uma semideusa. Piper, minha querida, escolha qual herói morrerá com você.*

— Gaia! — gritou Jason. — Pare de se esconder no trigo! Mostre-se!

Muito bravo, Gaia assobiou. *Mas o outro, Percy Jackson, também tem certo atrativo. Escolha, Piper McLean ou eu irei.*

O coração de Piper acelerou. Gaia estava prestes a matá-la. Ela não estava surpresa.

Mas o que era aquilo de escolher um dos garotos? Porque Gaia deixaria qualquer um deles ir? Tinha que ser mais uma armadilha.

— Você é louca! — gritou ela. — Eu não vou escolher nada para você!

De repente, Jason engasgou. Ela endireitou-se em sua sela.

— Jason! — Piper chorou. — O que há de errado?

Ele olhou para ela, sua expressão mortalmente calma. Seus olhos não estavam mais azuis, brilhavam em ouro maciço.

— Percy, socorro! — Piper tropeçou afastando-se de Tempestade.

Mas Percy galopou para longe deles. Ele parou trinta pés acima da estrada e voou em volta. Levantou sua espada e apontou a ponta para Jason.

— *Um irá morrer* — Percy disse, mas a voz não era dele. Era profunda e oca, como alguém sussurrando de dentro do cano de um canhão.

— *Eu vou escolher* — Jason respondeu, na mesma voz oca.

— Não! — gritou Piper.

Ao redor dela, os campos crepitavam e sibilavam, rindo na voz de Gaia enquanto Percy e Jason desafiaram um ao outro, com as armas prontas.

XI

PIPER

Se não fossem os cavalos, Piper teria morrido. Jason e Percy avançaram um no outro, mas Tempestade e Blackjack resistiram tempo suficiente para Piper poder pular para fora do caminho.

Ela rolou para a borda da estrada e olhou para trás, confusa e horrorizada, como os meninos brandiram as espadas, ouro contra bronze. Faíscas voaram, suas lâminas eram borrões – atacando e bloqueando – e o chão estremeceu. A primeira troca de golpes levou apenas um segundo, mas Piper não podia acreditar na velocidade que ambos manejavam as espadas, os cavalos se afastaram um do outro – Tempestade trovejando em protesto e Blackjack batendo suas asas.

— Parem com isso! — gritou Piper.

Por um momento, Jason ouviu a voz dela. Seus olhos dourados se voltaram a ela e Percy avançou, batendo a lâmina em Jason. Graças aos deuses, Percy torceu sua espada, talvez de propósito, talvez acidentalmente,

de modo que a parte chata da lâmina bateu no peito de Jason, mas o impacto ainda foi suficiente para derrubar Jason de sua montaria.

Blackjack galopou para longe e Tempestade empinou confuso. O cavalo espírito da tempestade investiu através dos campos de girassóis e dissipou-se em vapor.

Percy se esforçou para acalmar seu Pégaso.

— Percy! — gritou Piper. — Jason é seu amigo. Largue sua arma!

O braço da espada de Percy baixou. Piper poderia ter sido capaz de deixá-lo sob controle, mas infelizmente Jason ficou de pé.

Jason rugiu. Um raio desceu do céu azul claro. Ricocheteou em seu gládio e explodiu em Percy, atirando-o para fora de seu cavalo.

Blackjack relinchou e fugiu para os campos de trigo. Jason investiu em Percy, que já estava em pé, suas roupas esfumaçando da explosão do relâmpago.

Por um momento horrível, Piper não conseguia encontrar sua voz. Gaia parecia estar sussurrando-lhe:

Você deve escolher um. Por que não deixar Jason matá-lo?

— Não — gritou ela. — Jason, pare!

Ele congelou, a sua espada seis centímetros do rosto de Percy.

Jason voltou, a luz dourada em seus olhos cintilando de forma incerta.

— *Eu não posso parar. Um deve morrer.*

Algo sobre aquela voz... Não era Gaia. Não era Jason. O que quer que fosse falava pausadamente, como se o inglês fosse a sua segunda língua.

— Quem é você? — perguntou Piper.

A boca de Jason se contorceu em um sorriso horrível.

— *Nós somos os eidolons. Vamos viver de novo.*

— Eidolons...? — A mente de Piper acelerou. Ela tinha estudado todos os tipos de monstros no Acampamento Meio-Sangue, mas esse termo não

era familiar. — Você... Você é uma espécie de fantasma?

— *Ele tem que morrer.* — Jason voltou sua atenção para Percy, mas Percy tinha se recuperado antes do que qualquer um deles percebesse. Ele passou a perna e derrubou Jason ao chão.

A cabeça de Jason bateu o asfalto com um *conk* nauseante.

Percy levantou-se.

— Parem com isso! — Piper gritou novamente, mas não havia charme em sua voz. Ela estava gritando em desespero.

Percy levantou Contracorrente sobre o peito de Jason.

O pânico fechou a garganta de Piper. Ela queria atacar Percy com sua adaga, mas sabia que não iria ajudar. O que quer que o controlasse tinha todas as habilidades de Percy. De forma alguma poderia vencê-lo em um combate.

Ela se forçou a se concentrar. Depositou toda sua raiva em sua voz.

— Eidolon, pare.

Percy congelou.

— Me encare — ordenou Piper.

O filho do deus do mar virou. Seus olhos eram ouro em vez de verde, com o rosto pálido e cruel, nada parecido com Percy.

— *Você não escolheu* — disse ele. — *Então, esse vai morrer.*

— Você é um espírito do Mundo Inferior — supôs Piper. — Está possuindo Percy Jackson. É isso?

Percy zombou.

— *Eu vou viver de novo neste corpo. A Mãe Terra prometeu. Irei onde eu quiser, controlarei quem eu quiser.*

Uma onda de frio tomou conta de Piper.

— Leo... Isso é o que aconteceu com Leo. Ele estava sendo controlado por um eidolon.

A coisa que possuía Percy riu sem humor.

— *Você percebeu muito tarde. Não pode confiar em ninguém.*

Jason ainda não estava se movendo. Piper não tinha nenhuma ajuda, nenhum modo de protegê-lo.

Atrás de Percy algo farfalhou no trigo. Piper viu a ponta de uma asa negra e Percy começou a virar em direção ao som.

— Ignore-o — gritou ela. — Olhe para mim.

Percy obedeceu.

— *Você não pode me parar. Eu vou matar Jason Grace.*

Atrás dele, Blackjack emergiu do campo de trigo, movendo-se com discrição surpreendente para um animal de grande porte.

— Você não vai matá-lo — ordenou Piper. Mas ela não estava olhando para Percy. Ela encontrou os olhos do Pégaso, inferindo todo o seu poder em suas palavras e esperando que Blackjack entendesse.

— Você vai nocauteá-lo.

O charme envolveu Percy. Ele mudou o peso do corpo de pé indeciso.

— *Eu... Vou nocauteá-lo?*

— Ah, desculpe. — Piper sorriu. — Eu não estava falando com você.

Blackjack empinou nas patas traseiras e baixou seus cascos acertando a cabeça de Percy.

Percy caiu no chão ao lado de Jason.

— Ah, deuses! — Piper correu para os meninos. — Blackjack, você não o matou, não é?

O Pégaso bufou. Piper não podia falar com cavalos, mas pensou que ele poderia ter dito:

Até parece. Eu conheço minha própria força.

Tempestade estava longe de ser visto. O corcel-relâmpago aparentemente voltou para onde quer que os espíritos de tempestade

vivessem em dias claros.

Piper verificou Jason. Ele estava respirando de forma constante, mas dois golpes no crânio em dois dias não poderiam ser bons para ele. Em seguida, examinou a cabeça de Percy.

Não viu qualquer sinal de sangue, mas um grande galo estava se formando onde o cavalo o tinha escoiceado.

— Nós temos que levar ambos de volta para o navio — disse ela à Blackjack.

O Pégaso balançou a cabeça em concordância. Ele se ajoelhou no chão, de modo que pudesse Piper prender Percy e Jason sobre suas costas. Depois de muito trabalho duro (meninos inconscientes eram pesados), ela conseguiu deixá-los razoavelmente seguros e montou em Blackjack, partindo para o navio.

Os outros ficaram um pouco surpreso quando Piper veio em um pégaso com dois semideuses inconsciente. Enquanto Frank e Hazel cuidavam de Blackjack, Annabeth e Leo ajudaram Piper a levar os meninos para a enfermaria.

— A este ritmo, vamos ficar sem ambrósia — o Treinador Hedge resmungou enquanto cuidava de seus ferimentos. — Como é que nunca me chamam para essas viagens violentas?

Piper sentou-se do lado de Jason. Ela se sentiu bem depois de um gole de néctar e um pouco de água, mas ainda estava preocupada com os meninos.

— Leo — Piper disse — estamos prontos para velejar?

— Sim, mas...

— Defina Atlanta como destino. Vou explicar mais tarde.

— Mas... Ok. — Ele saiu apressado.

Annabeth não discutiu com Piper também. Ela estava muito ocupada examinando a ferida em forma de ferradura na parte de trás da cabeça de Percy.

— O que o acertou? — perguntou ela.

— Blackjack — disse Piper.

— *O quê?*

Piper tentou explicar enquanto o Treinador Hedge aplicava alguma pasta curativa na cabeça dos meninos.

Ela nunca tinha ficado impressionada com as habilidades de enfermagem de Hedge antes, mas ele deve ter feito algo certo. Ou isso, ou os espíritos que possuíam os meninos também os fizeram adicionalmente resistentes. Ambos gemeram e abriram os olhos.

Dentro de alguns minutos, Jason e Percy estavam sentados em suas camas e capazes de falar formando frases completas. Ambos tinham memórias difusas do que tinha acontecido. Quando Piper descreveu o duelo na estrada, Jason fez uma careta.

— Nocauteado duas vezes em dois dias — murmurou ele. — Grande semideus. — Ele olhou timidamente para Percy. — Desculpe, cara. Eu não tive a intenção de explodir você.

A camisa de Percy estava coberta com buracos de queimaduras. Seu cabelo estava ainda mais despenteado do que o normal. Apesar disso, ele conseguiu dar uma risada fraca.

— Não é a primeira vez. Sua irmã mais velha fez o mesmo uma vez no acampamento.

— Sim, mas... Eu poderia ter matado você.

— Ou eu poderia ter matado você — disse Percy.

Jason deu de ombros.

— Se houvesse um oceano no Kansas, talvez.

— Eu não preciso de um oceano...

— Meninos — Annabeth interrompeu — tenho certeza de que ambos seriam maravilhosos em matar um ao outro. Mas, agora, precisam descansar um pouco.

— Comida primeiro — disse Percy. — Por favor? E nós realmente precisamos conversar. Baco disse algumas coisas que não...

— Baco? — Annabeth levantou a mão. — Tudo bem, tudo bem. Nós precisamos conversar. Refeitório. Dez minutos. Vou dizer aos outros. E, por favor, Percy... Mude de roupa. Você cheira como se tivesse sido atropelado por um cavalo eléctrico.

Leo cedeu o leme ao Treinador Hedge de novo, depois de fazer sátiro prometer que não iria dirigir para a base militar mais próxima por diversão.

Eles se reuniram em torno da mesa de jantar e Piper explicou o que tinha acontecido em TOPEKA 51 – sua conversa com Baco, a armadilha enviada por Gaia e os eidolons que possuíram os meninos.

— É claro! — Hazel bateu na mesa, o que assustou tanto Frank que ele deixou cair seu burrito. — Isso foi o que aconteceu com Leo também.

— Então não foi minha culpa. — Leo expirou. — Eu não comecei a Terceira Guerra Mundial. Acabei sendo possuído por um espírito maligno. Isso é um alívio!

— Mas os romanos não sabem disso — disse Annabeth. — E acreditariam em nossa versão sobre isso?

— Nós poderíamos contatar Reyna — sugeriu Jason. — Ela acreditará em nós.

Ouvindo a maneira que Jason disse o nome dela, como se fosse uma tábua de salvação para o seu passado, fez o coração de Piper afundar.

Jason se virou para ela com um brilho de esperança nos olhos.

— Você poderia convencê-la, Pipes. Eu sei que poderia.

Piper sentiu como todo o sangue de seu corpo fosse drenado pelos seus pés. Annabeth olhou para ela com simpatia, como se quisesse dizer: *Meninos são tão sem noção*. Mesmo Hazel estremeceu.

— Eu poderia tentar — disse ela sem entusiasmo. — Mas é com Octavian que temos que nos se preocupar. No punhal de minha lâmina eu o vi tomar o controle da multidão romana. Não tenho certeza se Reyna pode pará-lo.

A expressão de Jason escureceu. Piper não teve qualquer prazer em estourar sua bolha, mas os outros romanos — Hazel e Frank assentiram com a cabeça.

— Ela está certa — disse Frank. — É muito tarde, quando estávamos fazendo o reconhecimento da área, vimos as águias novamente. Elas estavam bastante longe, mas se aproximavam rápido. Octavian está a caminhando para uma guerra.

Hazel fez uma careta.

— Este é exatamente o tipo de oportunidade Octavian sempre quis. Ele vai tentar para tomar o poder. Se Reyna negar, vai dizer que ela é mansa com os gregos. Quanto àquelas águias... É como se pudessem sentir o nosso cheiro.

— Elas podem — disse Jason. — Águias Romanas podem caçar semideuses por seu cheiro mágico até mesmo melhor do que os monstros. Este navio pode nos esconder um pouco, mas não completamente, não delas.

Leo tamborilou com os dedos.

— Ótimo. Eu deveria ter instalado uma cortina de fumaça que exala o odor de um nugget de frango gigante. Lembre-me de inventar isto da próxima vez.

Hazel franziu a testa.

— O que é um nugget de frango?

— Ah, cara... — Leo balançou a cabeça com espanto. — É mesmo. Você perdeu, tipo, os últimos setenta anos. Bem, minha aprendiz, um nugget de frango...

— Não importa — interrompeu Annabeth. — A questão é que nós vamos ter dificuldade em explicar a verdade para os romanos. Mesmo que eles acreditassem em nós...

— Você está certa. — Jason se inclinou para frente. — Nós devemos apenas continuar. Uma vez que chegarmos ao Atlântico, estaremos a salvo – pelo menos da legião.

Ele parecia tão deprimido, Piper não sabia se sentia pena dele ou ressentimento.

— Como você pode ter certeza? — perguntou ela. — Por que eles não nos seguiriam?

Ele balançou a cabeça.

— Você ouviu Reyna falando sobre as terras antigas. Elas são muito perigosas. Semideuses romanos foram proibidos de ir lá por gerações. Mesmo Octavian não poderia contornar essa regra.

Frank engoliu um pedaço de burrito como se tivesse virado papelão em sua boca.

— Então, se formos lá...

— Vamos ser bandidos assim como traidores — confirmou Jason. — Qualquer semideus romano teria o direito de nos matar à primeira vista. Mas eu não me preocuparia com isso. Se conseguirmos chegar ao outro lado do Atlântico, eles vão desistir de nos perseguir. Irão assumir que vamos morrer no Mediterrâneo – o *Mare Nostrum*.

Percy apontou sua fatia de pizza para Jason.

— Você, senhor, é um raio de sol.

Jason não discutiu. Os outros semideuses olharam para seus pratos, com exceção de Percy, que continuou a desfrutar de sua pizza. Onde ele colocava toda aquela comida, Piper não sabia. O cara podia comer como um sátiro.

— Então, vamos planejar com antecedência — Percy sugeriu — e se certificar de que *não* morreremos. Sr. D... Baco... Ugh, eu tenho que chamá-lo de Sr. *B* agora? De qualquer forma, ele mencionou os gêmeos da profecia de Ella. Dois gigantes. Oto e, hã, algo que começou com um F?

— Efialtes — disse Jason.

— Gigantes gêmeos, como Piper viu em sua lâmina... — Annabeth correu o dedo ao longo da borda do copo. — Lembro-me de uma história sobre gigantes gêmeos. Eles tentaram alcançar o Monte Olimpo empilhando um monte de montanhas.

Frank quase engasgou.

— Bem, isso é ótimo. Gigantes que podem usar montanhas como blocos de construção. E você diz Baco matou esses caras com uma pinha em uma vara?

— Alguma coisa assim — disse Percy. — Eu não acho que devemos contar com a sua ajuda neste momento. Ele queria um sacrifício e deixou bem claro que seria um tributo que não se poderia fazer.

Fez-se silêncio em volta da mesa. Piper podia ouvir o Treinador Hedge acima cantar no convés "Blow The Man Down" só que ele não sabia a letra, então cantava em sua maior parte – Blá- blá-hum-de-dum-dum.

Piper não conseguia afastar a sensação de que Baco estava *destinado* a ajudá-los. Os gigantes gêmeos estavam em Roma. Eles mantinham algo que os semideuses necessitavam – algo naquele pote de bronze.

Fosse o que fosse, ela teve a sensação de que detinha a resposta para selar as Portas da Morte – *a chave para a morte sem fim*. Também tinha

certeza de que nunca poderiam derrotar os gigantes sem ajuda de Baco.

E se não pudessem fazer isso em cinco dias, Roma seria destruída e o irmão de Hazel, Nico, morreria.

Por outro lado, se a visão de Baco, oferecendo-lhe uma taça de ouro era falsa, talvez as outras visões não tivessem que se tornar realidade também – especialmente a dela, Percy e Jason se afogando. Talvez fosse apenas simbólico.

O sangue de uma semideusa, Gaia tinha dito, *e o sangue de um semideus. Piper, minha querida, escolha qual herói vai morrer com você.*

— Ela quer dois de nós — murmurou Piper.

Todos se viraram para olhar para ela.

Piper odiava ser o centro das atenções. Talvez isso fosse estranho para uma filha de Afrodite, mas viu o pai dela, uma estrela de cinema, lidar com a fama por anos. Se lembrou de quando Afrodite a tinha reivindicado na fogueira na frente de todo o acampamento, lançando nela uma magia maquiadora padrão rainha da beleza. Este tinha sido o momento mais constrangedor de sua vida. Mesmo aqui, com apenas outros seis semideuses, Piper sentiu-se exposta.

Eles são meus amigos, disse Piper a si mesma. Está tudo bem.

Mas teve uma sensação estranha... Como se mais de que seis pares de olhos estivessem olhando para ela.

— Hoje na estrada — disse ela. — Gaia me disse que ela precisava do sangue de apenas dois semideuses; um menino e uma menina. Ela... ela me pediu para escolher qual semideus iria morrer.

Jason apertou sua mão.

— Mas nenhum de nós morreu. Você nos salvou.

— Eu sei. É só... Por que ela iria querer isso?

Leo assobiou baixinho.

— Pessoal, lembram-se na Casa do Lobo? Nossa princesa de gelo favorita, Quione? Ela falou sobre derramar o sangue de Jason, como se fosse manchar o local por gerações. Talvez o sangue de um semideus possua algum tipo de poder.

— Ah... — Percy largou sua terceira fatia de pizza. Ele se inclinou para trás e olhou para o nada, como se o chute do seu cavalo tivesse acertado apenas agora sua cabeça.

— Percy? — Annabeth agarrou seu braço.

— Ah, ruim — murmurou ele. — Ruim. Ruim. — Ele olhou através da mesa para Frank e Hazel. — Vocês lembram-se de Polibotes?

— O gigante que invadiu o Acampamento Júpiter — disse Hazel. — O antiPoseidon que você acertou na cabeça com uma estátua de Término. Sim, acho que eu me lembro.

— Eu tive um sonho — disse Percy. — Quando estávamos voando para o Alasca. Polibotes estava falando com as Górgonas e ele disse... Ele disse que me queria preso, não morto. Ele disse: "Eu o quero acorrentado aos meus pés, para que eu possa matá-lo quando for o momento oportuno. O seu sangue cairá como água das pedras do Monte Olimpo e despertará a Mãe Terra!"

Piper se perguntou se os controles da sala de temperatura foram quebrados, porque de repente ela não conseguia parar de tremer. Era a mesma sensação que havia sentido na estrada ao redor de Topeka.

— Você acha que os gigantes usariam o nosso sangue... O sangue de dois de nós...

— Eu não sei — disse Percy. — Mas até descobrir isso, sugiro que todos nós evitemos ser capturados.

Jason resmungou.

— *Nisso* eu concordo com você.

— Mas como descobrir tudo isso? — perguntou Hazel. — A Marca de Atena, os gêmeos, a profecia de Ella... Como é que tudo se encaixa?

Annabeth apertou as mãos contra a borda da mesa.

— Piper, você disse para Leo definir Atlanta como nosso destino.

— Certo — disse Piper. — Baco nos disse que devemos procurar... Qual era o seu nome?

— Fórcis — disse Percy.

Annabeth pareceu surpresa, como se ela não estivesse acostumada que seu namorado tivesse as respostas.

— Você o conhece?

Percy deu de ombros.

— Eu não reconheci o nome em primeiro lugar. Então Baco mencionou água salgada e soou uma campainha. Fórcis é um deus do mar antigo de antes do tempo do meu pai. Nunca o conheci, mas supostamente ele é um filho de Gaia. Eu ainda não entendo o que é que um deus do mar estaria fazendo em Atlanta.

Leo bufou.

— O que um deus do vinho estava fazendo no Kansas? Deuses são estranhos. De qualquer forma, devemos chegar a Atlanta amanhã ao meio-dia, se nada der errado.

— Nem sequer diga isso — murmurou Annabeth. — Está ficando tarde. Todos nós devemos dormir um pouco.

— Esperem — disse Piper.

Mais uma vez, todo mundo olhou para ela.

Ela estava perdendo rapidamente sua coragem, se perguntando se seus instintos estavam errados, mas forçou-se a falar.

— Há uma última coisa — disse ela. — Os Eidolons... os espíritos possesivos. Eles ainda estão aqui, nesta sala.

XII

PIPER

Piper não conseguia explicar como ela sabia daquilo.

Histórias de aparições e almas torturadas sempre a apavoraram. Seu pai costumava tirar onda das lendas *Cherokee* de quando seu avô Tom ainda estava na reserva indígena, mas mesmo em casa, na grande mansão em *Malibu*, olhando para o Pacífico, sempre que ele recontava aquelas histórias de fantasmas, nunca conseguia tirá-las da cabeça.

Espíritos *Cherokee* sempre foram incansáveis. Eles frequentemente perdiam seus caminhos para a Terra dos Mortos ou ficavam para trás com os vivos por pura teimosia. Às vezes, nem percebiam que estavam mortos.

Quanto mais Piper aprendia sobre ser uma semideusa, mais convencida ficava de que as lendas *Cherokee* não eram tão diferentes dos mitos gregos. Esses eidolons agiam de forma bastante semelhante aos espíritos das histórias de seu pai.

Piper sentia nas entranhas que eles ainda estavam ali, simplesmente porque ninguém os havia dito para irem embora.

Quando ela terminou de explicar, os outros a olharam desconfortáveis. Acima deles, no convés, Hedge cantou algo que pareceu ser "*In the Navy*" enquanto Blackjack batia seus cascos relinchando em protesto.

Finalmente Hazel suspirou.

— Piper tem razão.

— Como pode ter tanta certeza? — Perguntou Annabeth.

— Eu já vi eidolons — disse Hazel. — No Mundo Inferior, quando eu estava... Vocês sabem.

Morta.

Piper havia esquecido que Hazel era uma segunda chance. Da sua maneira, Hazel também era um fantasma renascido.

— Então... — Frank passou a mão no seu corte de cabelo curto, como se algum fantasma pudesse ter invadido seu couro cabeludo. — Você acha que essas coisas estão à espreita no navio, ou...

— Possivelmente de espreita dentro de um de nós — disse Piper. — Não sabemos.

Jason cerrou os punhos.

— Se isso é verdade...

— Devemos tomar iniciativa — disse Piper. — Acho que posso fazer isso.

— Fazer o que? — perguntou Percy.

— Apenas escutem, ok? — Piper respirou fundo. — Todos me escutem.

Piper olhou em seus olhos, uma pessoa de cada vez.

— Eidolons — disse ela usando seu charme — levante suas mãos.

Houve um tenso silêncio.

Leo riu nervosamente.

— Você realmente achou que isso iria...?

Sua voz morreu. Sua face ficou inexpressiva. Ele levantou as mãos.

Jason e Percy fizeram o mesmo. Seus olhos se tornaram vítreos e dourados. Hazel prendeu a respiração. Próximo a Leo, Frank se contorceu em sua cadeira e pôs as costas contra a parede.

— Ah, deuses. — Annabeth olhou para Piper implorando. — Você pode curá-los?

Piper queria chorar e se esconder debaixo da mesa, mas tinha que ajudar Jason. Ela não podia acreditar que havia ficado de mãos dadas com... Não, ela se recusava a pensar naquilo.

Ela se focou em Leo, que era o menos intimidador.

— Há mais de vocês nesse navio? — perguntou ela.

— *Não* — disse Leo em uma voz profunda — *a Mãe Terra enviou três. Os mais fortes, os melhores. Nós viveremos novamente.*

— Não aqui, vocês não irão — rosnou Piper. — Todos os três, escutem atentamente.

Jason e Percy se viraram para ela. Aqueles olhos dourados eram desencorajadores, mas ver todos os três garotos daquela forma foi um combustível para a raiva de Piper.

— Vocês vão deixar esses corpos — ordenou ela.

— *Não* — disse Percy.

Leo deixou escapar um sibilar suave.

— *Nós devemos viver.*

Frank tateou procurando seu arco.

— Marte, Todo-Poderoso, isso é tenebroso! Saiam daqui, espíritos! Deixem nossos amigos em paz!

Leo se virou para ele.

— *Você não pode nos dar ordem, filho da guerra. Sua própria vida é frágil. Sua alma pode explodir em chamas a qualquer momento.*

Piper não tinha certeza do que aquilo significava, mas Frank ficou atordoado como se tivesse sido socado nas entranhas. Ele sacou uma flecha, com as mãos tremendo.

— E-eu já encarei coisas piores que você. Se você quer lutar...

— Frank, não. — Hazel se levantou.

Próximo a ela, Jason sacou sua espada.

— Pare! — Piper ordenou, mas sua voz estremeceu. Rapidamente estava perdendo fé nos seus planos. Ela havia feito os eidolons aparecerem, mas e agora? Se não conseguisse persuadi-los a irem embora, qualquer derramamento de sangue seria sua culpa. No fundo de sua mente, quase podia ouvir Gaia gargalhando.

— Escutem a Piper. — Hazel apontou para a espada de Jason.

A lâmina dourada parecia crescer pesadamente em suas mãos. A espada bateu na mesa com um estrondo e Jason se afundou em sua cadeira novamente.

Percy rosnou de uma forma bastante diferente de seu jeito.

— *Filha de Plutão, você pode controlar gemas e metais, mas você não controla os mortos.*

Annabeth se aproximou de Percy como se tentasse contê-lo, mas Hazel a afastou.

— Escutem, eidolons — Hazel disse firmemente. — Vocês não pertencem a este lugar. Posso não dar ordem à vocês, mas Piper pode. Obedeçam-na.

Ela se virou para Piper, com uma expressão claramente dizendo: *Tente de novo. Você consegue.*

Piper juntou toda sua coragem. Ela olhou diretamente para Jason, diretamente para os olhos daquela coisa que o controlava.

— Vocês vão abandonar estes corpos — Piper repetiu com ainda mais força.

Jason franziu sua face. Sua testa estava encharcada de suor.

— *Nós-nós iremos deixar estes corpos.*

— Vocês irão jurar pelo Estige que nunca retornarão a esse navio — Piper continuou — e nunca mais possuir nenhum membro dessa tripulação.

Ambos, Leo e Percy, silvaram em protestos.

— Vocês irão jurar pelo Estige — insistiu Piper.

Um momento de tensão, ela podia sentir suas vontades lutando contra a dela. Então os três eidolons falaram juntos:

— *Nós juramos pelo Rio Estige.*

— Vocês estão mortos — disse Piper.

— *Estamos mortos* — concordaram eles.

— Agora, vão.

Todos os três garotos tombaram bruscamente para frente. Percy caiu de cara em sua pizza.

— Percy! — Annabeth o agarrou.

Piper e Hazel seguraram os braços de Jason enquanto ele escorregava de sua cadeira. Leo não teve tanta sorte. Ele caiu de frente em Frank, que não fez nenhuma tentativa de segurá-lo. Leo acertou o chão.

— Aii! — grunhiu ele.

— Você está bem? — Perguntou Hazel.

Leo levantou-se sozinho. Ele tinha um pedaço de espaguete no formato de um *3* pregado na sua testa.

— Funcionou?

— Sim — Piper disse, com plena certeza de que estava certa. — Não acho que voltarão.

Jason piscou.

— Isso significa que agora posso parar de machucar minha cabeça?

Piper riu, exalando todo seu nervosismo.

— Qual é, Garoto Relâmpago! Venha tomar um ar fresco.

Piper e Jason andaram pra frente e pra trás pelo convés. Jason ainda estava cambaleante, então Piper o encorajou a segurar em seu braço para que ele pudesse se apoiar.

Leo permaneceu no leme, conferenciando com Festus através do interfone; ele sabia por experiência própria dar espaço ao Jason e Piper. Desde que a TV por satélite voltou a funcionar, o Treinador Hedge estava em sua cabine se atualizando sobre suas lutas.

O Pégaso de Percy, Blackjack, havia voado para algum lugar. Os outros semideuses estavam se ajeitando para a noite.

O *Argos II* rumava a leste, velejando a várias centenas de pés sobre o solo. Abaixo deles pequenas cidades passavam como se fossem ilhas iluminadas em meio ao negro mar de pradarias.

Piper se lembrou do último inverno, voando em Festus, o dragão, sobre a cidade de Quebec. Ela nunca havia visto algo tão bonito ou se sentido tão feliz de ter os braços de Jason a seu redor, mas isso era ainda melhor.

A noite estava morna. O navio velejava de forma mais suave do que um dragão. E o melhor de tudo: eles estavam se afastando do Acampamento Júpiter o mais rápido que podiam. Não importava o quão perigoso as terras antigas eram, Piper não via a hora de chegar lá. Ela esperava que Jason estivesse certo que os romanos não os seguiriam através do Atlântico.

Jason parou e se inclinou contra o parapeito do navio. A luz da lua fez com que seus cabelos loiros ficassem prateados.

— Obrigado, Pipes — disse ele. — Você me salvou de novo.

Ele colocou seus braços em volta da cintura dela. Ela lembrou do dia em que eles caíram do Grand Canyon, a primeira vez que ela percebeu que Jason podia controlar o ar. Ele a havia segurado tão firme que ela podia sentir seu coração bater. Então eles pararam de cair e flutuaram no meio do ar. O. Melhor. Namorado. De. Todos.

Ela queria beijá-lo agora, mas algo a impedia.

— Eu não sei se Percy voltará a confiar em mim novamente — disse ela. — Não depois que eu deixei seu cavalo nocauteá-lo.

Jason riu.

— Não se preocupe com isso. Percy é um cara legal, mas tenho a impressão de que ele precisa de uns nocautes de vez em quando.

— Você poderia tê-lo matado.

O sorriso de Jason sumiu.

— Aquele não era eu.

— Mas eu quase *permiti* com que você o fizesse — disse Piper. — Quando Gaia disse que eu tinha que escolher, eu hesitei e...

Ela piscou, amaldiçoando-se por estar chorando.

— Não seja tão dura consigo — disse Jason. — Você nos salvou.

— Mas se dois do nosso grupo realmente têm de morrer, um garoto e uma garota...

— Eu não aceito isso. Nós vamos parar Gaia. Todos os sete voltarão vivos. Eu te prometo.

Piper desejou que ele não tivesse *prometido*. A palavra só a fazia lembrar-se da Profecia dos Sete: *um juramento a manter com um alento final.*

Por favor, pensou ela, se perguntando se sua mãe, deusa do amor, podia ouvi-la. *Não deixe com que seja o alento final de Jason. Se amor significa alguma coisa, não o leve.*

Assim que fez seu pedido ela se sentiu culpada. Como ela poderia aguentar ver Annabeth naquele tipo de dor se Percy morresse? Como poderia viver consigo se *qualquer um* dos sete semideuses morresse? Cada um deles já havia aguentado bastante.

Até mesmo os dois novos garotos romanos, Hazel e Frank, a quem Piper mal conhecia, já pareciam da família. No Acampamento Júpiter, Percy havia recontado a viagem deles para o Alasca, o que soou tão angustiante quanto qualquer coisa que Piper tenha passado. E pelo jeito que Frank e Hazel tentaram ajudar durante o exorcismo, ela podia dizer que eles eram corajosos, pessoas boas.

— A lenda que Annabeth mencionou — disse ela — sobre a Marca de Atena... Por que você não queria falar sobre aquilo?

Ela temia que Jason pudesse afastá-la, mas ele abaixou a cabeça como se estivesse esperando aquela pergunta.

— Piper, eu não sei o que é verdade ou não. A lenda... Isso pode ser bem perigoso.

— Pra quem?

— Para todos nós — disse ele sorrindo. — A história fala que os romanos roubaram algo importante dos gregos, lá nos tempos antigos, quando Roma conquistou as cidades da Grécia.

Piper esperou, mas Jason parecia perdido em pensamentos.

— O que eles roubaram? — perguntou ela.

— Eu não sei — disse ele. — Não tenho certeza se a legião já soube algum dia. Mas de acordo com a história, essa coisa foi levada para Roma e escondida lá. Os filhos de Atena, semideuses gregos, tem nos odiado desde

então. Eles sempre alertavam seus irmãos sobre os romanos. Como eu disse, não sei o quanto essa história é verdade...

— Mas por que não contar para Annabeth? — perguntou Piper. — Ela não vai te odiar de repente.

Ele parecia ter problemas em focar nela.

— Espero que não. Mas a lenda diz que os filhos de Atena têm procurado por essa coisa por milênios. Cada geração, alguns poucos são escolhidos pela deusa para achar a coisa. Parece que eles são guiados à Roma por um sinal... A Marca de Atena.

— Se Annabeth é um desses buscadores... Nós podemos ajudá-la.

Jason hesitou.

— Talvez. Quando chegarmos mais perto de Roma eu irei contar a ela o pouco que sei. Sério. Mas a história, pelo menos da forma que eu a ouvi, diz que se os gregos algum dia acharem o que foi roubado, nunca nos perdoarão. Eles destruiriam as legiões e Roma, de uma vez por todas. Depois do que Nêmesis disse para o Leo, sobre Roma ser destruída daqui cinco dias...

Piper estudou o rosto de Jason. Ele era, sem sombra de dúvidas, a pessoa mais corajosa que já conheceu, mas percebeu que ele estava com medo. A lenda – a ideia de que ela poderia separar o grupo e demolir uma cidade – absolutamente o amedrontava.

Piper se perguntou o que poderia ter sido roubado dos gregos que seria tão importante. Ela não conseguia imaginar nada que pudesse fazer repentinamente Annabeth se tornar vingativa.

Mas novamente, Piper não conseguia imaginar escolher entre a vida de um semideus ou outro e hoje na rodovia deserta, apenas por um momento, Gaia quase a havia tentado a...

— A propósito, desculpa — disse Jason.

Piper limpou a última lágrima de seu rosto.

— Desculpa por quê? Foi o eidolon que atacou...

— Não estou falando disso.

A pequena cicatriz no lábio superior de Jason parecia ter um brilho esbranquiçado na luz da lua. Ela sempre adorou aquela cicatriz. A imperfeição tornava seu rosto bem mais interessante.

— Fui estúpido de lhe pedir para contatar Reyna — disse ele. — Eu não estava pensando.

— Ah! — Piper olhou para as nuvens e se perguntou se sua mãe, Afrodite, estava de alguma forma o influenciando. Seu pedido de perdão parecia bom demais para ser verdade.

Mas não pare, pensou ela.

— Sério, está tudo bem.

— É só que... nunca me senti daquele jeito perto de Reyna. — Jason disse. — Então, não pensei sobre como isso a deixaria desconfortável. Você não precisa se preocupar com nada, Pipes.

— Eu queria odiá-la — Piper admitiu. — Eu estava com tanto medo de que você voltasse para o Acampamento Júpiter.

Jason pareceu surpreso.

— Isso não vai acontecer nunca. Não a menos que você venha comigo. Eu prometo.

Piper segurou sua mão. Ela conseguiu forçar um sorriso, mas estava pensando: Outra promessa. *Um juramento a manter com um alento final.*

Ela tentou tirar aqueles pensamentos de sua cabeça. Ela sabia que deveria apenas aproveitar esse tranquilo momento com Jason. Mas à medida que olhava do lado do navio, não conseguia parar de lembrar o quanto a pradaria a noite parecia como água negra – como o quarto em que eles se afogavam que ela havia visto na lâmina de sua adaga.

XIII

PERCY

Esqueça a cortina de fumaça de nugget de frango. Percy queria que Leo inventasse um chapéu antisonhos.

Naquela noite, teve pesadelos horríveis. Primeiro sonhou que estava de volta ao Alasca na missão atrás da águia da legião. Ele estava caminhando através da estrada de uma montanha, mas assim que deu um passo para trás foi engolido por um brejo – pântano, como Hazel tinha chamado. Ele se viu sufocando na lama, incapaz de se mover ou respirar.

Pela primeira vez na vida, entendeu como era se afogar.

É só um sonho, ele disse para si mesmo. *Eu vou acordar.*

Mas isso não fez com que ele se sentisse menos aterrorizado.

Percy nunca tinha sentido medo de água. Era o elemento do pai dele. Mas desde a experiência no pântano, tinha ficado com medo de sufocação. Ele nunca conseguiria admitir isso a ninguém, mas isso tinha até o feito ficar nervoso quanto a ir para a água. Ele sabia que isso era uma idiotice.

Não poderia se afogar. Mas também suspeitava que se não controlasse o medo, o medo o controlaria.

Ele pensou na sua amiga Thalia, que tinha medo de altura mesmo sendo filha do deus dos céus. O irmão dela, Jason, podia voar convocando os ventos. Thalia não podia, talvez porque tinha muito medo para tentar. Se Percy começasse a acreditar que ele podia se afogar...

O pântano fez pressão contra seu peito. Seus pulmões queriam estourar.

Pare de entrar em pânico, disse a si mesmo. *Isso não é real.*

Exatamente no momento em que ele não poderia mais segurar o fôlego nem um pouco, o sonho mudou.

Ele estava em um vasto lugar sombrio como uma garagem subterrânea. Fileiras de pilares de pedra marchavam em todas as direções, segurando o teto seis metros acima.

Braseiros solitários lançavam um fraco brilho vermelho sobre o chão.

Percy não conseguia ver muito longe nas sombras, mas pendurados no teto, estavam sistemas de roldanas, sacos de areia e fileiras de escuras luzes de teatro. Empilhados em torno da câmara, caixas de madeiras estavam rotuladas com SUPORTES, ARMAS e FANTASIAS. Em uma se lia: LANÇADORES DE GRANADAS VARIADOS.

Percy ouviu o ranger de máquinas na escuridão, engrenagens imensas se movendo e água correndo através de tubos.

Então ele viu o gigante... Ou pelo menos Percy achava que ele era um gigante.

Ele tinha por volta de quatro metros de altura – um tamanho respeitável para ciclopes, mas só a metade da altura dos gigantes com quem Percy já tinha lidado. Ele também parecia mais humano do que um típico gigante, sem as pernas iguais às de dragões como as de seus parentes maiores. Mesmo assim, seu longo cabelo roxo estava trançado em um rabo de cavalo

de dreadlocks, tecidos com moedas de ouro e de prata, o que pareceu à Percy um estilo de cabelo dos gigantes. Ele tinha uma lança de uns três metros presa nas suas costas – uma arma gigante.

Ele estava vestindo a maior camiseta preta que Percy já tinha visto, calça preta e sapatos de couro pretos com as pontas muito longas e enroladas, aqueles devem ter sido de um bobo da corte. Ele caminhou de um lado para o outro em frente a uma plataforma elevada, examinando um jarro de bronze do tamanho de Percy.

— Não, não, não — o gigante murmurou para si mesmo. — Onde está a abertura? Onde está o valor? — Ele gritou para as sombras — Oto!

Percy ouviu alguma coisa se remexendo à distância. Outro gigante surgiu da escuridão.

Ele estava vestindo exatamente as mesmas roupas pretas, até os mesmos sapatos enrolados. A única diferença entre os dois gigantes era que o cabelo do segundo era verde em vez de roxo.

O primeiro gigante amaldiçoou.

— Oto, porque você faz isso comigo todo dia? Eu te disse que *eu ia vestir a camiseta preta hoje. Você podia vestir qualquer coisa menos a camiseta preta!*

Oto piscou como se tivesse acabado de acordar.

— Eu pensei que você ia vestir a toga amarela hoje.

— Isso foi ontem! Quando você apareceu usando a toga amarela!

— Ah. Certo. Desculpa, Efie.

Seu irmão rosnou. Eles tinham que ser gêmeos, porque os rostos deles eram igualmente feios.

— E não me chama de Efie — exigiu Efie. — Me chame de Efialtes. Esse é o meu nome. Ou você pode usar o meu nome artístico: O Grande F!

Oto fez uma careta.

— Eu ainda não tenho muita certeza sobre esse nome artístico.

— Bobagem! É perfeito. Agora, como estão indo as preparações?

— Bem. — Oto não soou muito entusiasmado. — Os tigres comedores de homens, as lâminas giratórias... Mas ainda penso que algumas bailarinas seriam ótimas.

— Nada de bailarinas! — disse Efialtes. — E *essa* coisa. — Ele acenou na direção do jarro de bronze com desgosto. — O que isso faz? Não é nada emocionante.

— Mas esse é todo o ponto do show. Ele morre a não ser que os outros o resgatem. E se eles chegarem no horário...

— Ah, é melhor eles chegarem! — disse Efialtes. — Primeiro de Julho, as Calendas de Julho, é sagrado para Juno. E quando a Mãe destruir aqueles estúpidos semideuses, *realmente* jogará a culpa na cara da Juno. Além disso, não vou pagar hora extra para esses fantasmas gladiadores!

— Bem, depois, eles todos morrem — Oto disse — e nós começamos a destruição de Roma. Exatamente como a mãe quer. Vai ser perfeito. A multidão vai amar. Fantasmas romanos adoram esse tipo de coisa.

Efialtes não parecia convencido.

— Mas a jarra só *fica parada* ali. Nós não poderíamos deixar ela pendurada acima de fogo ou de uma poça de ácido ou outra coisa?

— Nós precisamos dele vivo por mais alguns dias. — Oto relembrou seu irmão. — Senão, os sete não vão morder a isca e correr para salvá-lo.

— Hmm. Acho que sim. Eu ainda preferiria mais gritos. Essa morte lenta é chata. Ah, bem, e quanto a nossa amiga talentosa? Ela está pronta para receber sua visitante?

Oto fez uma cara azeda.

— Eu realmente não gosto de falar com ela. Ela me deixa nervoso.

— Mas ela está pronta?

— Sim — Oto disse relutante. — Ela tem estado pronta a séculos. Ninguém vai remover *aquela* estátua.

— Excelente. — Efialtes esfregou as mãos com ansiedade. — Esse é nossa grande chance, meu irmão.

— Isso foi o que você disse sobre a nossa última tentativa — resmungou Oto. — Eu fui pendurado em um bloco de gelo suspenso sobre o Rio Lete por seis meses e nós nem mesmo tivemos a atenção da mídia.

— Isso é diferente! — insistiu Efialtes. — Nós vamos estabelecer um novo padrão para entretenimento! Se a Mãe ficar satisfeita, nós podemos escrever nossa própria passagem para a fama e a fortuna!

— Se você diz. — Oto suspirou. — Mas ainda penso que aquelas fantasias de bailarinas do *Lagos dos Cisnes* ficariam adoráveis.

— Nada de balé!

— Desculpe.

— Venha — disse Efialtes. — Vamos examinar os Tigres. Eu quero ter certeza de que eles estão com fome!

Os gigantes foram para dentro da escuridão e Percy se virou para o jarro.

Eu preciso ver dentro, pensou Percy.

Ele quis que o seu sonho fosse para frente, bem acima da superfície do jarro. Depois ele passou direto.

O ar dentro do jarro cheirava a algo rançoso e metal enferrujado. A única luz vinha do fraco brilho roxo de uma espada negra, a lâmina de ferro estígio apoiado contra um dos lados do barro. Amontoado ao lado dela estava um garoto que parecia abatido usando jeans rasgados, uma camisa preta e uma velha jaqueta de aviador. Na sua mão direita, um anel de caveira de prata brilhava.

— Nico — chamou Percy. Mas o filho de Hades não podia ouvi-lo.

O jarro estava completamente selado. O ar estava se tornando venenoso. Os olhos de Nico estavam fechados, sua respiração fraca. Ele parecia estar meditando. Seu rosto estava pálido e mais fino do que Percy se lembrava.

Na parede interna do jarro, parecia que Nico tinha aranhado três linhas com a sua espada – talvez significasse que ele estava aprisionado por três dias?

Não parecia possível que ele pudesse ter sobrevivido todo esse tempo sem sufocar.

Mesmo em sonho, Percy já estava começando a entrar em pânico, lutando para conseguir oxigênio.

Então percebeu uma coisa entre os pés de Nico – uma pequena coleção de objetos brilhantes do tamanho de dentes de bebês.

Sementes, Percy percebeu. Sementes de romã. Três já haviam sido comidas e cuspidas.

Cinco ainda estavam envoltas na polpa vermelha escura.

— Nico — disse Percy. — Onde fica esse lugar? Nós vamos salvar você...

A imagem se desfez e uma voz de garota murmurou:

— Percy.

De início, Percy pensou que ainda estava dormindo. Quando perdeu sua memória, passou semanas sonhando com Annabeth, a única pessoa de quem ele se lembrava do seu passado. Assim que seus olhos se abriram e sua visão se clareou, percebeu que ela estava realmente ali.

Ela estava ao lado da sua cama, sorrindo para ele.

Seus cabelos loiros caiam pelos seus ombros. Seus olhos cinza-tempestade estavam brilhando divertidos. Ele se lembrou do seu primeiro dia no Acampamento Meio-Sangue, quatro anos atrás, quando ele tinha

acordado atordoado e encontrou Annabeth parada em cima dele. Ela tinha dito, *você baba enquanto dorme*.

Ela era sentimental desse jeito.

— O-o que está acontecendo? — perguntou ele. — Nós chegamos?

— Não — disse ela, com a voz baixa. — Estamos no meio da noite.

— Você quer dizer... — o coração de Percy começou a acelerar.

Ele percebeu que estava de pijama, na cama. Provavelmente tinha estado babando ou pelo menos fazendo sons estranhos em quanto sonhava. Sem dúvida ele estava com o cabelo bagunçado pelo travesseiro e seu hálito não estava nada bom.

— Você se esgueirou até minha cabine?

Annabeth rolou os olhos.

— Percy, você vai fazer dezessete anos em dois meses. Você não pode, nem de brincadeira, estar preocupado em entrar em problemas com o Treinador Hedge.

— Ah, você já viu o taco de beisebol dele?

— Além disso, Cabeça de Alga, eu apenas pensei em dar uma caminhada. Nós não tivemos nenhum tempo para ficarmos juntos sozinhos. Eu quero te mostrar uma coisa... meu lugar favorito no navio.

Os batimentos de Percy ainda estavam acelerados, mas não era de medo em entrar em problemas.

— Eu posso escovar meus dentes primeiro?

— É melhor mesmo — disse Annabeth. — Porque eu não vou beijar você até você fazer isso. E penteie o seu cabelo enquanto estiver no banheiro.

Para um trirreme, o navio era enorme, mas ele ainda parecia acolhedor para Percy – como seu dormitório na Academia Yancy, ou qualquer um dos

internatos de onde ele havia sido expulso. Annabeth e ele rastejaram para o andar de baixo até o segundo convés, o qual Percy ainda não havia explorado, exceto pela enfermaria.

Ela o levou até depois da sala do motor que parecia muito perigosa, uma selva mecânica, com tubos e pistões e com mais tubos saindo de uma esfera de bronze central. Cabos que lembravam um macarrão para gigantes serpenteavam pelo chão e subiam paredes acima.

— Como aquela coisa pode funcionar? — perguntou Percy.

— Não faço ideia — disse Annabeth. — E eu sou a única além do Leo que pode operá-lo.

— Isso é reconfortante.

— Deve ficar bem. Só ameaçou explodir uma vez.

— Você está brincando, eu espero.

Ela sorriu.

— Venha.

Eles foram andando até passarem pela sala de suprimentos e a sala de armas. À poupa do navio, eles chegaram a um conjunto de portas duplas de madeira que se abriam para um grande estábulo. A sala cheirava a feno fresco e cobertores de lã. Alinhadas na parede esquerda estavam três baias vazias como as que eram utilizadas para pégasos no acampamento. Na parede direita haviam duas gaiolas vazias grandes o bastante para animais de zoológico.

No centro do piso um painel de vidro de vinte metros quadrados. Bem abaixo, a paisagem noturna se estendendo por quilômetros de campos escuros cortados por rodovias iluminadas como os fios de uma teia de aranha.

— Um barco com fundo de vidro? — perguntou Percy.

Annabeth pegou um cobertor perto da porta do estábulo e o estendeu acima de um lado do chão de vidro.

— Senta comigo.

Eles relaxaram no cobertor como se estivessem em um piquenique e assistiram o mundo passar abaixo.

— Leo construiu o estábulo para que pégasos pudessem ir e vir facilmente — disse Annabeth. — Só que eles preferem vaguear livre, então os estábulos estão sempre vazios.

Percy imaginou onde Blackjack estava – vagando livre nos céus em algum lugar, esperançosamente seguindo o progresso deles. A cabeça de Percy ainda latejava por causa do coice de Blackjack, mas ele não culpava o cavalo.

— O que você quer dizer com *ir e vir facilmente?* — perguntou ele. — Os pégasos não tem que descer dois lances de escadas?

Annabeth bateu no vidro com os nós dos dedos.

— Estas são portas de compartimento.

Percy engoliu em seco.

— Você quer dizer que estamos sentados em portas? E se elas abrirem?

— Eu suponho que nós cairíamos para nossas mortes. Mas elas não vão abrir. Tenho quase certeza.

— Ótimo.

Annabeth riu.

— Você sabe porque eu gosto daqui? Não é só pela vista. O que esse lugar te lembra?

Percy olhou em volta: as gaiolas e estábulos, lanterna de bronze celestial pendurada em uma viga, o cheiro de feno, e é claro Annabeth sentando perto dele, seu rosto fantasmagórico e lindo na aconchegante luz âmbar.

— O caminhão do zoológico — decidiu Percy. — Aquele que nós pegamos para Las Vegas.

O sorriso dela disse para ele que ele tinha acertado.

— Aquilo foi há tanto tempo — disse Percy. — Nós estávamos acabados, lutando para atravessar o país para encontrar aquele raio estúpido, presos em um caminhão com um monte de animais maltratados. Como você pode se sentir nostálgica com isso?

— Porque, Cabeça de Alga, aquela foi a primeira vez que nós realmente conversamos, você e eu. Eu falei com você sobre minha família, e... — Ela tocou seu colar do acampamento, que tinha o anel de faculdade de seu pai e uma conta colorida para cada ano no Acampamento Meio-Sangue. Agora tinha mais alguma coisa na tira de couro: um pendente de coral vermelho que Percy tinha dado à ela quando eles começaram a namorar.

Ele tinha trazido ele do palácio de seu pai no fundo do oceano.

— E... — Annabeth continuou — isso me lembrou a quanto tempo nós nos conhecemos. Nós tínhamos doze anos, Percy. Consegue acreditar nisso?

— Não — admitiu ele. — Então... Você sabia que gostava de mim desde aquele momento?

Ela sorriu.

— Primeiro eu odiava você. Você me irritava. Depois te tolerei por alguns anos. Depois...

— Ok, certo.

Ela se inclinou e o beijou. Um bom e adequado beijo, sem ninguém olhando – sem romanos em nenhum lugar, nem sátiros acompanhantes gritando.

Ela o empurrou.

— Eu senti sua falta, Percy.

Percy queria dizer à ela a mesma coisa, mas isso parecia um comentário muito pequeno. Enquanto ele tinha estado no lado romano, ele tinha se mantinho vivo quase totalmente pensando em Annabeth. *Eu senti sua falta* realmente não dizia o bastante.

Ele se lembrou mais cedo naquela noite quando Piper tinha forçado o eidolon a sair de sua mente. Percy não tinha notado a presença dele até ela usar seu charme. Depois que o eidolon tinha ido, sentiu como se um espinho quente tivesse sido retirado de sua testa. Ele não tinha percebido com quanta dor estava até o espírito sair. Então seus pensamentos pareceram clarear. Sua alma se fixou confortavelmente em seu corpo.

Ficar sentado ali com Annabeth o fazia da mesma maneira. Os últimos poucos meses podiam ser um de seus sonhos estranhos. Os acontecimentos no Acampamento Júpiter pareciam tão confusos e irreais quanto sua luta com Jason, quando eles dois haviam estado possuídos por eidolons.

Mesmo assim ele não se arrependia do tempo em que ele passou no Acampamento Júpiter. Ele tinha aberto seus olhos de muitas maneiras diferentes.

— Annabeth — disse ele hesitante — em Nova Roma, semideuses podem viver sua vida toda em paz.

A expressão dela se tornou mais guardada.

— Reyna me explicou isso. Mas, Percy, você pertence ao Acampamento Meio-Sangue. Aquela outra vida...

— Eu sei — disse Percy. — Mas enquanto eu estava lá, vi tantos semideuses vivendo sem medo: crianças indo para o colégio, casais se casando e construindo famílias. Não há nada como isso no Acampamento Meio-Sangue. Eu continuo pensando sobre você e eu... e talvez um dia quanto essa guerra com os gigantes estiver acabada...

Era difícil de dizer na luz dourada, mas ele pensou que Annabeth estava corando.

— Ah — disse ela.

Percy estava com medo de ter dito muito. Talvez ele tivesse a assustado com seus grandes planos para o futuro. Ela era usualmente quem tinha os planos. Percy se amaldiçoou silenciosamente.

Tanto quanto conhecia Annabeth, ainda sentia que entendia muito pouco sobre ela. Mesmo depois de estarem namorando por muitos meses, o relacionamento deles tinha sempre parecido novo e delicado, como uma escultura de vidro. Ele morria de medo de fazer alguma coisa errada e ela acabar com ele.

— Desculpe-me — disse ele. — Eu só... Eu tinha que pensar assim para conseguir me manter. Para me dar esperança. Esqueça que eu mencionei...

— Não! — disse ela. — Não, Percy. Deuses, isso é tão fofo. É só que... Nós podemos ter queimado essa ponte. Se nós não pudermos reparar as coisas com os romanos... bem, os dois grupos de semideuses nunca se deram bem. É por causa disso que os deuses nos mantiveram separados. Eu não sei nem se nós poderíamos pertencer aquele lugar.

Percy não queria argumentar, mas não poderia deixar a esperança ir. Ele sentia como se isso fosse importante – não só para ele e Annabeth, mas também para todos os outros semideuses. Tinha que ser possível pertencer à dois mundos diferentes de uma vez.

Além de tudo, era isso que significava ser um semideus – não pertencer exatamente nem ao mundo mortal nem ao Monte Olimpo, mas tentar fazer com que as duas partes de sua natureza fiquem em paz.

Infelizmente, isso fez ele pensar sobre os deuses, a guerra que estavam enfrentando, e seu sonho sobre os gêmeos Efialtes e Oto.

— Eu estava tendo um pesadelo quando você me acordou — admitiu ele.

Ele contou a Annabeth o que ele tinha visto.

Mesmo as partes mais problemáticas não pareciam surpreendê-la. Ela balançou sua cabeça com tristeza quando ele lhe falou sobre Nico aprisionado no jarro de bronze. Ela ficou com um brilho zangado nos olhos quando ele lhe falou sobre o plano dos gigantes para algum tipo de destruição extravagante para Roma que incluiria uma morte dolorosa para eles como abertura.

— Nico é a isca — murmurou ela. — As forças de Gaia devem tê-lo capturado de algum modo. Mas nós não sabemos onde exatamente eles o têm preso.

— Em algum lugar de Roma — disse Percy. — Algum lugar no subsolo. Eles fizeram soar como se Nico ainda tivesse alguns dias de vida, mas não vejo como ele poderia aguentar tanto tempo sem oxigênio.

— Mais cinco dias, de acordo com Nêmesis — disse Annabeth. — As Calendas de Julho. Pelo menos o prazo final faz sentido agora.

— O que é uma Calenda?

Annabeth sorriu, como se ela estivesse agradecida que eles estivessem de volta ao seu velho e familiar padrão – Percy sendo ignorante e ela explicando coisas.

— É só o termo romano para o começo do mês. É de onde nós pegamos o calendário mundial. Mas como Nico pode sobreviver por tanto tempo? Nós deveríamos falar com a Hazel.

— Agora?

Ela hesitou.

— Não. Isso pode esperar até de manhã. Eu não quero acertar ela com isso no meio da noite.

— Os gigantes mencionaram uma estátua — lembrou-se Percy. — E alguma coisa sobre uma amiga talentosa que estava guardando ela, quem quer que fosse essa amiga, ela assustava Oto. Qualquer um que possa assustar um gigante...

Annabeth ficou encarando uma rodovia que serpenteava abaixo entre morros escuros.

— Percy, você tem visto Poseidon ultimamente? Ou teve algum tipo de sinal dele?

Percy balançou a cabeça.

— Não desde... Uau. Eu acho que eu não tenho pensado sobre isso. Não desde o fim da guerra contra os titãs. Eu o vi no Acampamento Meio-Sangue, mas isso foi no último agosto.

Uma sensação de pavor caiu sobre ele.

— Por quê? Você viu Atena?

Ela não o olhou nos olhos.

— Há algumas semanas — ela confessou. — Isso... Isso não foi bom. Ela não parecia com ela mesma. Talvez seja a esquizofrenia Grega/Romana da qual Nêmesis falou. Eu não tenho certeza. Ela disse algumas coisas dolorosas. Disse que eu tinha falhado com ela.

— Falhado com ela? — Percy não tinha certeza se tinha ouvido direito. Annabeth era a criança semideusa perfeita. Ela era tudo o que uma filha de Atena deveria ser. — Como você poderia ter...?

— Eu não sei — disse ela triste. — Eu tenho tido meus próprios pesadelos. Eles não fazem mais sentido que os seus.

Percy esperou, mas Annabeth não compartilhou mais nenhum detalhe. Ele queria fazê-la se sentir melhor e dizer que tudo ficaria bem, mas ele sabia que não podia. Queria consertar tudo para os dois então terem um

final feliz. Depois de todos esses anos, mesmo os deuses mais cruéis tinham de admitir que eles mereciam.

Mas ele tinha um pressentimento de que não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar Annabeth dessa vez, nada além de simplesmente estar ali. *A filha da sabedoria caminha solitária*.

Ele se sentiu como se estivesse preso e sem esperança como quando ele tinha caído no pântano.

Annabeth conseguiu dar um leve sorriso.

— Que noite romântica, né? Nada mais de coisas ruins até de manhã.

Ela beijou-o de novo.

— Nós vamos lidar com tudo isso. Eu tenho você de volta. Por enquanto, isso é tudo o que importa.

— Certo — disse Percy. — Nada mais de conversar sobre a ascensão de Gaia, Nico sendo mantido como refém, o fim do mundo, os gigantes...

— Cala a boca, Cabeça de Alga — ordenou ela. — Só me abrace por um tempo.

Eles se sentaram juntos abraçados, aproveitando o calor um do outro. Antes que Percy percebesse, o zumbido do motor do navio, a luz fraca e sentimento confortável de estar com Annabeth fez seus olhos ficarem pesados e ele pegou no sono.

Quando ele acordou, a luz do dia estava entrando através do chão de vidro e uma voz de garoto disse:

— Ah... Vocês estão com um *problemão*.

XIV

PERCY

Percy tinha visto Frank cercado por ogros canibais, derrotar um gigante invencível e até libertar Thanatos, o deus da morte. Mas ele nunca tinha visto o olhar de Frank tão aterrorizado como estava agora ao encontrar os dois desmaiados nos estábulos.

— O que...? — Percy esfregou os olhos. — Ah, nós só adormecemos.

Frank estava irreconhecível. Ele estava vestido com tênis, calça escura e uma camisa das olimpíadas de inverno de Vancouver com o distintivo romano de centurião preso ao pescoço (o que parecia triste ou esperançoso para Percy, agora que eles estavam renegados). Frank desviou os olhos como se vê-los juntos pudesse queimá-lo.

— Todos acham que vocês foram sequestrados — disse ele. — Estamos vasculhando o navio. Quando o Treinador Hedge descobrir que... Ah, deuses, vocês estiveram aqui à noite toda?

— Frank! — As orelhas de Annabeth estavam vermelhas como morangos.

— Nós só viemos aqui para conversar. Nós adormecemos. Acidentalmente. É *isso.*

— Nos beijamos algumas vezes — disse Percy.

Annabeth olhou para ele.

— Não está ajudando!

— É melhor... — Frank apontou para as portas do estábulo. — Hã, nós devemos ir tomar café da manhã. Poderia explicar o que você fez, quero dizer, não fez? Quer dizer... eu... eu realmente não quero que o fauno, quero dizer sátiro, me mate. — Frank correu.

Quando todos finalmente se reuniram no refeitório, não foi tão ruim quanto Frank temia. Jason e Piper estavam na maior parte aliviados. Leo não podia parar de sorrir e murmurar:

— Clássico. Clássico.

Só Hazel parecia escandalizada, talvez porque ela era da década de 1940. Manteve seu rosto baixo e não encontrou os olhos de Percy. Naturalmente, o Treinador Hedge foi insolente, mas Percy achava difícil levar a sério o sátiro desde que ele tinha apenas um metro e trinta centímetros de altura.

— Nunca na minha vida! — berrou o Treinador, agitando seu bastão e derrubando um prato de maçãs. — Contra as regras! Irresponsável!

— Treinador — Annabeth disse — foi um acidente. Nós estávamos conversando e caímos no sono.

— Além disso — Percy disse — você está começando a soar como Término.

Hedge estreitou seus olhos.

— Isso é um insulto, Jackson? Porque eu vou, eu vou acabar com você, amigo!

Percy tentou não rir.

— Isso não vai acontecer de novo, Treinador. Eu prometo. Agora, não temos outras coisas para discutir?

Hedge desabafou.

— Tudo bem! Mas eu estou de olho em você, Jackson. E você, Annabeth Chase, pensei que tinha mais bom senso.

Jason limpou a garganta.

— Então peguem um pouco de comida, todos. Vamos começar.

O encontro foi como um conselho de guerra com rosquinha. Percy lembrou-se do Acampamento Meio-Sangue, que costumava ter as discussões mais sérias em torno da mesa de pingue-pongue na sala de jogos com bolachas e creme de amendoim. Então se sentiu em casa.

Ele lhes disse sobre seu sonho: os gigantes gêmeos planejando uma recepção para eles em um estacionamento subterrâneo com lança-foguetes; Nico di Angelo preso em um pote de bronze, lentamente morrendo de asfixia com sementes de romã em seus pés.

Hazel sufocou um soluço.

— Nico... Ah, deuses. As sementes.

— Você sabe o que são? — perguntou Annabeth.

Hazel assentiu.

— Ele mostrou para mim uma vez. Elas são do jardim da nossa madrasta.

— Sua madras... Ah — disse Percy. — Você quer dizer Perséfone.

Percy tinha encontrado a mulher de Hades duas vez. Ela não tinha sido exatamente quente e ensolarada. Ele esteve também em seu jardim no Mundo Inferior, um lugar assustador cheio de árvores e flores de cristal que florescem em vermelho sangue e branco fantasma.

— As sementes são um alimento de último recurso — disse Hazel.

Percy poderia dizer que ela estava nervosa, porque todos os talheres sobre a mesa começaram a se mover em direção a ela.

— Apenas as crianças de Hades podem comê-las. Nico sempre as guardou para algum caso em que ficasse preso em algum lugar. Mas só se estiver realmente preso.

— Os gigantes estão tentando nos atrair — disse Annabeth. — Eles estão supondo que vamos tentar resgatá-lo.

— Bem, eles estão certos! — Hazel olhou ao redor da mesa, sua confiança, aparentemente, desmoronando. — Não vamos?

— Sim! — Treinador Hedge gritou com muitos guardanapos. — Isso vai envolver luta, certo?

— Hazel, é claro que vamos ajudá-lo — disse Frank. — Mas quanto tempo temos antes... Hã, quero dizer, quanto tempo Nico pode aguentar?

— Uma semente por dia — disse Hazel miseravelmente. — Isto é, se ele se colocar em um transe da morte.

— Um transe da morte? — Annabeth fez uma careta. — Isso não soa divertido.

— O impede de consumir todo o ar — disse Hazel. — Como hibernação, ou coma. Uma semente pode sustentar um dia apenas.

— E ele tem cinco sementes de reserva — disse Percy. — O que significa cinco dias, incluindo hoje. Os gigantes devem ter planejado dessa forma, então nós teríamos que chegar em primeiro de julho. Assumindo que Nico está escondido em algum lugar em Roma...

— Isso não é muito tempo — resumiu Piper. Ela colocou a mão no ombro de Hazel. — Nós vamos encontrá-lo. Pelo menos sabemos o que as linhas da profecia dizem agora. *Gêmeos ceifaram do anjo a vida, que detém a chave para a morte infinita.* O sobrenome de seu irmão: di Angelo. Angelo é italiano para "anjo".

— Ah, deuses — murmurou Hazel. — Nico...

Percy olhou para sua rosquinha com geleia. Tinha experiências ruins com Nico di Angelo. O cara tinha uma vez o enganado para visitar o palácio de Hades e Percy terminou em uma cela. Mas a maior parte do tempo, Nico estava do lado dos mocinhos. Certamente não merecia asfixia lenta em uma jarra de bronze e Percy não podia ficar vendo Hazel sofrer.

— Nós vamos resgatá-lo — prometeu a ela. — Nós *temos* que resgatá-lo. A profecia diz que ele possui a chave para morte infinita.

— Isso é certo — disse Piper encorajando. — Hazel, seu irmão foi procurar as Portas da Morte no Mundo Inferior, certo? Ele deve ter encontrado.

— Ele pode nos dizer onde as portas estão — Percy disse — e como fechá-las.

Hazel tomou uma respiração profunda.

— Sim. Tudo bem.

— Hã... — Leo se mexeu na cadeira. — Uma coisa. Os gigantes estão nos esperando para fazer algo, certo? Então estamos caminhando para uma armadilha?

Hazel olhou para Leo como se ele tivesse feito um gesto rude.

— Nós não temos escolha!

— Não me leve a mal, Hazel. É que o seu irmão, Nico... ele sabia sobre os dois Acampamentos, certo?

— Bem, sim — disse Hazel.

— Ele está indo e voltando — Leo disse — e ele não disse nada a ambos os lados.

Jason sentou em frente, sua expressão sombria.

— Você está se perguntando se podemos confiar no cara. Eu também estou.

Hazel ficou de pé.

— Eu não acredito nisso. Ele é meu *irmão*. Me trouxe de volta do Mundo Inferior e você não quer ajudá-lo?

Frank colocou a mão em seu ombro.

— Ninguém está dizendo isso — ele olhou para Leo — ninguém tinha que *estar*, melhor dizendo.

Leo piscou.

— Olha, pessoal. Tudo o que eu quero dizer é...

— Hazel — disse Jason. — Leo está levantando um ponto justo. Lembro-me de Nico no Acampamento Júpiter. Agora eu descobri que ele também visitou o Acampamento Meio-Sangue. Isso me parece... Bem, um pouco sombrio. Será que realmente sabemos onde está sua lealdade? Só temos que ter cuidado.

Hazel balançou os braços. Uma bandeja de prata passou zumbido em sua direção e bateu na parede, à sua esquerda, derrubando os ovos mexidos.

— Você... O *grande* Jason Grace... O pretor, deveria ser tão justo, um líder bom. E agora você... — Hazel bateu o pé e saiu do refeitório.

— Hazel! — Leo chamou depois dela sair. — Ah, caramba. Eu deveria...

— Você já fez o suficiente — resmungou Frank. Ele levantou-se para segui-la, mas Piper apontou para ele esperar.

— Dê-lhe tempo — Piper aconselhou. Então, ela franziu a testa para Leo e Jason. — Vocês dois, *isso* foi muita frieza.

Jason parecia chocado.

— Frio? Estou apenas sendo cauteloso!

— O irmão dela está morrendo — disse Piper.

— Eu vou falar com ela — insistiu Frank.

— Não — disse Piper. — Deixe-a acalmar-se primeiro. Confie em mim. Vou ver como ela está em alguns minutos.

— Mas... — Frank bufou como um urso irritado. — Tudo bem. Eu vou esperar.

Lá de cima veio um zumbido como uma broca gigante.

— Isso é Festus — disse Leo. — Eu o coloquei no piloto automático, mas nós devemos estar nos aproximando de Atlanta. Eu irei subir... hã, assumindo que nós sabemos onde pousar.

Todos se voltaram para Percy.

Jason levantou uma sobrancelha.

— É com você Capitão Água Salgada. Ideias do especialista?

Era o ressentimento em sua voz? Percy se perguntou se Jason estava secretamente irritado sobre o duelo em Kansas. Jason tinha brincado sobre isso, mas Percy percebeu que ambos nutriam um pouco de rancor. Você não pode colocar dois semideuses em uma luta e não tê-los se perguntando quem era mais forte.

— Eu não tenho certeza — admitiu ele. — Em algum lugar central, no alto, para que possamos ter uma boa visão da cidade. Talvez um parque com algumas árvores? Nós não queremos desembarcar um navio de guerra no meio do centro da cidade. Duvido que mesmo a Névoa possa encobrir algo que é enorme.

Leo assentiu.

— É para já — ele correu para as escadas.

Frank encostou-se na cadeira, inquieto. Percy se sentia mal por ele. Na viagem para o Alasca, ele tinha visto Hazel e Frank ficarem mais próximos. Ele sabia o quão protetor Frank se sentia em relação a ela. Também notou o olhar sinistro que Frank estava dando a Leo.

Decidiu que seria uma boa ideia para Frank ficar fora do navio por um tempo.

— Quando chegar a terra, vou explorar em torno de Atlanta — disse Percy. — Frank, eu poderia usar a sua ajuda.

— Você quer dizer me transformar em um dragão de novo? Honestamente, Percy, eu não quero passar toda a busca sendo táxi voador de todos.

— Não — disse Percy. — Eu quero você comigo, porque você tem o sangue de Poseidon. Talvez possa me ajudar a descobrir onde encontrar água salgada. Além disso, você é bom em uma luta.

Isto pareceu fazer Frank se sentir um pouco melhor.

— Claro. Eu acho.

— Ótimo — disse Percy. — Devemos ter mais um. Annabeth...

— Ah, não! — O Treinador Hedge ladrou. — Jovem, você está de castigo.

Annabeth olhou para ele como se ele estivesse falando uma língua estrangeira.

— Como é?

— Você e Jackson não vão a lugar nenhum juntos! — insistiu Hedge. Ele olhou para Percy, desafiando-o da boca pra fora. — Eu vou com Frank e o Senhor Sorrateiro Jackson. O resto de vocês protejam o navio e verifiquem se Annabeth não vai violar mais as regras!

Maravilha, pensou Percy. *Um dia dos meninos com Frank e um sátiro sanguinário, para encontrar água salgada em uma cidade do interior.*

— Isto — disse ele — vai ser muito divertido.

XV

PERCY

Percy escalou o convés e disse:

— Uau.

Eles pousaram próximo ao cume de uma colina arborizada. Um complexo de prédios brancos, como um museu ou uma universidade, situada em um bosque de pinheiros à esquerda. Abaixo disso se espalhava a cidade de Atlanta – um conjunto de arranha-céus marrom e prata no centro da cidade a dois quilômetros dali, crescendo no que parecia ser uma expansão plana de rodovias, ferrovias, casas e faixas verdes da floresta.

— Lugar adorável. — Hedge inalou o ar da manhã. — Boa escolha, Valdez.

Leo deu de ombros.

— Eu só escolhi uma colina alta. Essa é a biblioteca presidencial ou algo assim. Ao menos foi o que Festus disse.

— Eu não sei sobre isso! — Hedge latiu. — Mas você percebe o que aconteceu nessa colina? Frank Zhang, você deveria saber!

Frank se encolheu.

— Deveria?

— Como um filho de Ares esteve aqui! — Hedge chorou, indignado.

— Eu sou romano... Então Marte, na verdade.

— Que seja! Foi um lugar famoso na Guerra Civil Americana!

— Eu sou canadense, na verdade.

— Que seja! General Sherman, líder da União. Ele esteve aqui nessa colina, assistindo a cidade de Atlanta queimar. Deixou um rastro de destruição desde aqui até o mar. Queimadas, saques, pilhagens, *aquilo* que era semideus!

Frank se afastou do sátiro.

— Hã, certo.

Percy não se importava muito com a história, mas se perguntava se pousar ali era um sinal ruim. Ouviu que a maioria das guerras civis humanas começou com lutas entre gregos e romanos. Agora eles estavam parados em um lugar de uma dessas batalhas. A cidade inteira abaixo deles foi destruída por um filho de Ares.

Percy conseguia imaginar algumas crianças do Acampamento Meio-Sangue dando ordens. Clarisse La Rue, por exemplo, não hesitaria. Mas ele não conseguia imaginar Frank sendo tão duro.

— De qualquer jeito — Percy disse — vamos tentar não queimar a cidade dessa vez.

O Treinador pareceu desapontado.

— Certo. Mas para onde?

Percy apontou em direção ao centro da cidade.

— Quando em dúvida, comece pelo meio.

Pegar carona foi bem mais fácil do que eles pensaram. Os três se dirigiram ao caminho até a biblioteca presidencial – o que acabou sendo o Carter Center – e perguntaram à equipe se poderiam chamar um táxi ou mostrar direções para a parada de ônibus mais próxima. Percy poderia ter convocado Blackjack, mas estava relutante em pedir ajuda ao pégaso tão cedo depois do último desastre.

Frank não podia se transformar em nada. Além disso, Percy estava meio que esperando viajar como um mortal normal para variar.

Uma das bibliotecárias, cujo nome era Esther, insistiu em dirigir até lá pessoalmente.

Ela foi tão gentil sobre o assunto, que Percy pensou que poderia ser um monstro disfarçado; mas Hedge o chamou de lado e assegurou que Esther cheirava como um humano normal.

— Com uma pitada de flores — disse ele. — Roupas, pétalas de rosas. Delicioso!

Eles se amontoaram dentro do grande Cadillac preto de Esther e foram até o centro da cidade. Esther era tão pequena que nem conseguia ver direito acima do volante; mas não parecia incomodá-la. Ela conduzia seu carro através do trânsito os entretendo com histórias sobre famílias loucas de Atlanta – os velhos donos da plantação, os fundadores da Coca-Cola, as estrelas do esporte, e as novidades da CNN.

Ela parecia tão experiente que Percy decidiu tentar a sorte.

— Então, Esther — disse ele. — Aqui vai uma pergunta difícil para você. Água salgada em Atlanta. Qual a primeira coisa que vem à mente?

A velha riu.

— Ah, querido. Essa é fácil. Os tubarões-baleia!

— Tubarões-baleia? — Frank perguntou, nervoso. — Vocês têm isso em Atlanta?

— No aquário, querido — disse Esther. — Muito famoso! Logo no centro da cidade. É para lá que vocês querem ir?

Um aquário. Percy considerou isso. Ele não sabia o que um deus do mar da Grécia Antiga estaria fazendo em um aquário na Geórgia, mas ele não tinha ideias melhores.

— Sim — disse Percy. — É onde estamos indo.

Esther os deixou na porta da entrada, onde uma fila já se formava. Ela insistiu em deixar o número de celular para emergências, dinheiro para o táxi de volta ao Carter Center e uma jarra de pêssegos em conserva feita em casa, o que por algum motivo ela guardou numa caixa dentro de um baú. Frank guardou a jarra na mochila e agradeceu Esther, que já tinha trocado chamá-lo de *querido* para *filho*.

Quando ela foi embora, Frank disse:

— Todas as pessoas em Atlanta são legais?

Hedge resmungou.

— Espero que não. Não posso lutar com eles se forem legais. Vamos bater em alguns tubarões-baleias. Eles parecem perigosos!

Não ocorreu a Percy que talvez eles precisassem pagar entrada ou esperar na fila atrás de famílias e crianças de acampamentos de verão.

Ao olhar para os estudantes do primário com camisetas coloridas de vários acampamentos, Percy sentiu uma pontada de tristeza. Ele deveria estar no Acampamento Meio-Sangue agora, se fixando na cabine para o verão, ensinando lições de esgrima na arena, planejando pegadinhas para os outros conselheiros-chefe. Aquelas crianças não faziam ideia o quão louco um acampamento de verão podia ser.

Ele suspirou.

— Bem, concordo que devemos esperar na fila. Alguém tem dinheiro?

Frank checou os bolsos.

— Três denários do Acampamento Júpiter. Cinco dólares canadenses.

Hedge apalpou seu uniforme e tirou de lá o que encontrou.

— Noventa e cinco centavos, uma faixa de borracha e... isso! Um pedaço de aipo.

Ele começou a mastigar o aipo, de olho nas moedas e na faixa de borracha como se pudessem ser os próximos.

— Ótimo — disse Percy. Seus próprios bolsos estavam vazios, exceto sua caneta/espada, Contracorrente. Ele estava pensando em como poderiam entrar quando uma mulher de camiseta azul e verde do Aquário da Geórgia veio a eles, sorrindo.

— Ah, visitantes VIPs! — Ela tinha covinha e bochechas rosadas, óculos de armação grossa, aparelho ortodôntico e cabelos crespos puxados para os lados em tranças, então ela provavelmente estava no final dos seus vinte anos, parecia uma nerd do colegial – meio fofa, mas estranha. Junto com a camiseta do Aquário da Geórgia, ela usava uma calça escura e tênis preto. Ela saltou como simplesmente não conseguisse conter a energia. A etiqueta dizia KATE.

— Você tem o pagamento, eu vejo — disse ela. — Excelente!

— O que? — perguntou Percy.

Kate recolheu os três denários da mão de Frank.

— Sim, é o suficiente. Por aqui!

Ela se virou e correu em direção à entrada principal.

Percy olhou para o Hedge e Frank.

— Uma armadilha?

— Provavelmente — disse Frank.

— Ela não é mortal — Hedge disse, farejando o ar. — Provavelmente algum tipo de demônio comedora de cabra ou destruidora-de-semideuses do Tártaro.

— Sem dúvida — concordou Percy.

— Demais. — Hedge sorriu. — Vamos.

Kate passou o bilhete deles pela fila do aquário sem problemas.

— Por esse lado. — Kate sorriu para Percy. — É uma exibição *maravilhosa*. Você não ficará desapontado. Tão raro VIPs visitarem.

— Você quer dizer, semideuses? — perguntou Frank.

Kate piscou maliciosamente e pôs um dedo na boca dele.

— Então, por aqui é a exposição de água fria, com pinguins e baleias-brancas e outros enfeites. E ali... Bem, aqueles são peixes, obviamente.

Para uma funcionária de um aquário, ela não parecia saber ou se importar muito sobre peixes.

Eles passaram por um tanque enorme cheios de espécies tropicais e quando Frank apontou para um peixe em particular e perguntou o que era, Kate disse:

— Ah, aqueles são os amarelos.

Eles passaram pela loja de presentes. Frank diminuiu o passou para checar a mesa de descanso com roupas e brinquedos.

— Pegue o que quiser — disse a ele.

Frank piscou.

— Sério?

— Claro! Você é um VIP!

Frank hesitou. Então estufou algumas camisetas na mochila.

— Cara — Percy disse — o que você está fazendo?

— Ela disse que eu podia — sussurrou Frank. — Além disso, preciso de mais roupas. Não fiz a mala para viagens longas!

Ele adicionou um globo de neve à sua mochila, que não parecia ter roupas para Percy. Então Frank pegou um cilindro trançado do tamanho de uma barra de chocolate.

Ele olhou para aquilo.

— O que...?

— Algemas chinesas — disse Percy.

Frank, que era chinês e canadense, olhou ofendido.

— Como isso é chinês?

— Eu não sei — disse Percy. — É só o nome dele. Como uma piada de mau gosto.

— Venham, garotos! — Kate chamou do olho lado do corredor.

— Eu vou te mostrar depois — prometeu Percy.

Frank guardou as algemas na mochila e então continuou andando.

Eles passaram através de um túnel de acrílico. Peixes nadavam em cima da cabeça deles e Percy sentiu um medo irracional invadindo sua garganta.

Isso é idiotice, disse a si mesmo. *Estive embaixo da água um milhão de vezes*. *E nem estou* na *água*. A ameaça real era Kate, ele lembrou a si mesmo. Hedge já tinha detectado que ela não era humana. Ela poderia se transformar em alguma criatura horrível e atacá-los a qualquer momento.

Infelizmente, Percy não via muita escolha a não ser ir com ela a essa excursão VIP até encontrarem o deus do mar Fórcis, até que eles estivessem mais fundo dentro da armadilha.

Eles emergiram numa sala de exibição inundada com luz azul. Do outro lado da parede de vidro estava o maior tanque de aquário que Percy já havia visto. Cruzando em círculos estavam doze peixes enormes, incluindo dois tubarões manchados, cada um o dobro do tamanho de Percy. Eles eram gordos e lentos, com bocas abertas e sem dentes.

— Tubarões-baleia — rosnou o Treinador Hedge. — Agora nós devemos batalhar até a morte!

Kate riu.

— Sátiro bobo. Tubarões-baleia são tranquilos. Eles só comem plâncton.

Percy franziu a testa. Ele se perguntou como Kate sabia que o Treinador era um sátiro. Hedge estava vestindo calça e sapatos feitos especialmente para os cascos dele, já que sátiros geralmente se misturavam com mortais. O boné de beisebol dele cobria seus chifres. Quanto mais Kate sorria e agia amigavelmente, *menos* Percy gostava dela; mas o Treinador Hedge não pareceu perturbado.

— Tubarões tranquilos? — O Treinador disse com desgosto. — Qual o ponto disso?

Frank leu a placa próxima ao tanque.

— Os únicos tubarões-baleia do mundo em cativeiro — pensou ele. — Isso é legal.

— Sim e esses são pequenos — disse Kate. — Você deveria ver alguns dos meus outros bebês na natureza.

— Seus bebês? — perguntou Frank.

Julgando pelo brilho nos olhos de Kate, Percy estava bem certo que não queria encontrar os *bebês* dela. Decidiu que era hora de chegar ao *assunto*. Ele não queria ir mais longe nesse aquário e ter que fazer isso.

— Então, Kate — disse ele. — Estamos procurando por um cara... Quero dizer, um deus chamado Fórcis. Talvez você o conheça?

Kate bufou.

— Conhecer ele? É meu irmão. É para onde estamos indo, bobos. A exibição verdadeira está logo aqui.

Ela sinalizou a parede distante. A sólida superfície preta ondulou e outro túnel apareceu, levando através de um luminoso tanque roxo.

Kate caminhou para dentro. A última coisa que Percy queria fazer era segui-la, mas se Fórcis realmente estava do outro lado e se tivesse a informação que os ajudaria nessa missão... Percy respirou fundo e seguiu seus amigos para dentro do túnel.

Logo que entrou, o Treinador Hedge assobiou.

— *Isto* é interessante.

Deslizando acima deles estavam águas-vivas multicoloridas do tamanho de latas de lixo, cada uma com centenas de tentáculos que pareciam arame farpado sedoso. Uma água-viva tinha paralisado um peixe-espada de dez metros em seu alcance. Ela lentamente envolvia mais e mais seus tentáculos em torno da presa. Kate sorriu para o Treinador Hedge.

— Você vê? Esqueça os tubarões-baleia! E lá tem muito mais.

Kate os levou para dentro de uma câmara ainda maior, forrada por mais aquários. Em uma parede, um sinal vermelho brilhante proclamava: MORTE NOS MARES PROFUNDOS! PATROCINADO POR ROSQUINHAS MONSTRO.

Percy teve que ler duas vezes por causa de sua dislexia e duas vezes mais para deixar a mensagem afundar.

— Rosquinhas Monstro?

— Ah, sim — disse Kate. — Um dos nossos patrocinadores.

Percy engoliu em seco. A última experiência dele com Rosquinhas Monstro não tinha sido boa.

Envolveu serpentes que cuspiam ácido, muitos gritos e um canhão.

Em um aquário, uma dúzia de hipocampos – cavalos com rabos de peixe – nadavam sem rumo. Percy viu muitos hipocampos na natureza. Tinha visto alguns; mas nunca em um aquário. Tentou falar com eles, mas eles só

flutuaram ao redor, ocasionalmente batendo contra o vidro. Suas mentes pareciam confusas.

— Isso não está certo — murmurou Percy.

Ele se virou e viu algo ainda pior. No fundo do tanque menor, duas nereidas – espíritos femininos do mar – estavam sentadas de pernas cruzadas, olhando uma para outra, jogando um jogo de cartas. Pareciam com muito tédio. O longo cabelo verde delas flutuava distraidamente ao redor de seus rostos. Seus olhos meio fechados.

Percy se sentiu tão zangado que não conseguiu nem respirar. Ele encarou Kate.

— Como você pode mantê-los aqui?

— Eu sei. — Kate assentiu. — Eles não são muito interessantes. Nós tentamos ensiná-los alguns truques, mas sem sorte, receio eu. Acho que você irá gostar muito mais desse tanque logo aqui.

Percy a encarou em protesto, mas Kate já tinha se mexido.

— Santa mãe das cabras! — chorou o Treinador Hedge. — Olhe para essas belezas!

Ele olhava boquiaberto olhando para duas serpentes do mar – monstros brilhantes com escamas azuis de trinta metros de comprimentos com presas que poderiam dividir um tubarão ao meio. Em outro tanque, espreitando de uma caverna de cimento, estava uma lula do tamanho de um caminhão de dezoito rodas, com um bico parecido com um alicate gigante.

Um terceiro tanque continha uma dúzia de humanoides com corpos lustrosos selados, caras de cachorro e mãos humanas. Eles estavam sentados na areia ao fundo do tanque, construindo coisas com blocos de montar, porém pareciam criaturas tão atordoadas quanto as Nereidas.

— Eles são...? — Percy lutou para formular a pergunta.

— Telquines? — disse Kate. — Sim! Os únicos em cativeiro.

— Mas eles lutaram por Cronos na última guerra! — disse Percy. — São perigosos!

Kate rolou os olhos.

— Bem, não poderíamos chamar "Morte nos mares profundos" se essas exibições não fossem perigosas. Não se preocupe. Nós os mantemos sedados.

— Sedados? — perguntou Frank. — Isso é legal?

Kate pareceu não ter ouvido. Ela continuou andando, apontando outras exibições. Percy olhou de volta para os telquines. Um era obviamente jovem. Estava tentando fazer uma espada com blocos de montar, mas parecia muito grogue para colocar peças juntas. Percy nunca tinha gostado de demônios do mar, mas agora se sentia mal por eles.

— E esses monstros do mar — Kate narrou mais à frente — podem crescer à centenas de metros ao fundo do oceano. Eles têm milhares de dentes. E esses? Sua comida favorita são semideuses.

— Semideuses? — gritou Frank.

— Mas eles comerão baleias ou embarcações menores também. — Kate se voltou para Percy e corou.

— Desculpe... Eu sou tão monstruosamente nerd! Tenho certeza que você sabe tudo isso, sendo o filho de Poseidon e tudo mais.

As orelhas de Percy soavam sinos de alarme. Ele não gostava muito que Kate soubesse dele. Não gostava do jeito com que ela casualmente falou sobre drogar criaturas ou quais dos *bebês* dela gostavam de devorar semideuses.

— Quem é você? — perguntou ele. — Kate representa algo?

— Kate? — Ela olhou momentaneamente confusa. Então ela olhou para a etiqueta de seu nome. — Ah... — Ela riu. — Não, é...

— Olá — disse uma nova voz, se expandindo pelo aquário.

Um pequeno homem corria para fora da escuridão. Ele andava com pernas dobradas, como um caranguejo, suas costas debruçadas, os braços armados para o outro lado como se segurando pratos invisíveis. Usava um terno molhado com horríveis tons de verde.

Palavras impressas em glitter diziam: LOUCURAS DE PORKY. Um microfone foi fixado em seu magro e gorduroso cabelo. Seus olhos eram de um azul leitoso, um maior que o outro e embora sorrisse, não parecia amigável – mais como se seu rosto estivesse sendo puxado para trás pelo vento.

— Visitantes! — o homem disse, a palavra trovejando através do microfone. Ele tinha uma voz de DJ, profunda e ressonante, o que não combinava com sua aparência. — Bem-vindos às Loucuras de Fórcis!

Ele apontou os braços em uma direção, como se direcionasse sua atenção à explosão.

Nada aconteceu.

— Maldição — resmungou o homem. — Telquines, essa é sua deixa! Eu aceno minhas mãos e vocês saltam energicamente em seu tanque, fazem um pulo sincronizado duplo e aterrissam na formação de uma pirâmide. Nós praticamos isso!

Os demônios não prestaram atenção.

O Treinador Hedge seguiu até o homem caranguejo e cheirou o brilhoso terno molhado.

— Bonita roupa.

Ele não soava como se estivesse brincando. Claro, o sátiro usava uniformes de ginásio por divertimento.

— Obrigado! — o homem sorriu. — Eu sou Fórcis.

Frank mudou seu peso de um pé para o outro.

— Por que você usa um terno que diz *Porky?*

Fórcis rosnou.

— Companhia de uniformes estúpida! Eles não conseguiram fazer direito.

Kate tapou sua etiqueta com o nome.

— Eu disse a eles que meu nome era Ceto. Eles soletraram como Kate. Meu irmão... Bem, agora ele é Porky.

— Não sou! — disse o homem. — Nem um porquinho eu sou. O nome não combina com loucuras, também. Que tipo de show é chamado Loucuras de Porky? Mas vocês não querem nos ouvir reclamar. Contemplem, a maravilha majestosa lula gigante assassina!

Ele gesticulou dramaticamente para o tanque da lula. Dessa vez, fogos de artifício pularam na frente do vidro certo de acordo com a deixa, enviando gêiseres de brilhos dourados para cima. Música saia dos alto-falantes. As luzes brilhavam e revelavam a maravilha majestosa de um tanque vazio.

A lula aparentemente tinha se esquivado para dentro da caverna.

— Maldição! — Fórcis gritou de novo. Ele virou para a irmã. — Ceto, treinar a lula era seu trabalho. Eu disse malabarismo. Talvez cortar um pouco de carne no final. É muito para se pedir?

— Ela é tímida — Ceto disse defensivamente. — Além disso, cada um de seus tentáculos tem farpas que devem ser afiadas diariamente. — Ela se voltou para Frank. — Você sabia que a lula monstruosa é a única besta conhecida por comer um semideus inteiro, armado e tudo, sem ficar com indigestão? É verdade!

Frank tropeçou para longe dela, abraçando sua barriga como se para ter certeza de que ele estava inteiro.

— Ceto! — Porky estalou os polegares. — Você vai aborrecer nossos convidados com tanta informação. Menos educação, mais entretenimento!

Nós discutimos isso.

— Mas...

— Sem mas! Nós estamos aqui para apresentar "Morte nos mares profundos!"

As últimas palavras ecoaram através da sala com o eco extra. Luzes brilharam. Nuvens de fumaças subiam do chão, fazendo rosquinhas em forma de anéis cheirarem como rosquinhas verdadeiras.

— Disponível na loja de lembrancinhas — avisou Fórcis. — Mas você gastou seus denários para conseguir a excursão VIP, como deveria! Venha comigo!

— Espere — disse Percy.

O sorriso de Fórcis derreteu em um jeito feio.

— O que?

— Você é um deus do mar, não é? — perguntou Percy. — Filho de Gaia?

O homem caranguejo assentiu.

— Cinco mil anos e eu ainda sou conhecido como o garotinho de Gaia. Nem lembram que eu sou o deus do mar mais velho conhecido. Mais velho que seu arrogante pai, aliás. Eu sou o deus dos abismos escondidos! Senhor dos terrores aquáticos! Pai de milhares de monstros! Mas, não... Ninguém me conhece. Cometo um pequeno engano, apoiando o lado dos titãs e sou exilado do oceano – para Atlanta, entre todos os lugares.

— Nós pensávamos que os olimpianos haviam dito Atlantis — explicou Ceto. — Essa é a ideia de uma piada eu acho, nos enviar para cá ao invés disso.

Percy estreitou os olhos.

— E você é uma deusa?

— Ceto, sim! — ela sorriu feliz. — Deusa dos monstros marinhos, naturalmente! Baleias, tubarões, lulas e outros seres vivos gigantes do mar, mas meu coração sempre pertenceu aos monstros. Você sabia que jovens serpentes do mar podem regurgitar a carne das vítimas e se manter alimentadas por seis anos da mesma refeição? É verdade!

Frank ainda estava agarrando o estômago como se estivesse doente.

O Treinador Hedge assobiou.

— Seis anos? Isso é fascinante.

— Eu sei! — Ceto sorriu.

— E como exatamente uma lula assassina despedaça a carne de suas vítimas? — perguntou Hedge. — Eu *amo* a natureza.

— Ah, bem...

— Pare! — exigiu Fórcis. — Você está arruinando o show! Agora, testemunhe nossas Nereidas gladiadoras lutarem até a morte!

Um disco espelhado desceu até a exibição da Nereida, fazendo a água dançar em uma luz multicolorida. Duas espadas caíram ao fundo, com uma pancada na areia. As Nereidas os ignoraram e continuaram jogando cartas.

— Maldição! — Fórcis pisoteou as pernas lateralmente.

Ceto fez uma careta para o Treinador Hedge.

— Não se preocupe com Porky. Ele é tão tagarela. Venha comigo, meu caro sátiro. Eu mostrarei a você o diagrama colorido completo dos hábitos de caça dos monstros.

— Excelente!

Antes que Percy pudesse protestar, Ceto levou o Treinador Hedge através do labirinto de aquários, deixando Frank e ele sozinhos com o deus do mar ranzinza. Uma gota de suor viajou o caminho do pescoço de Percy. Ele trocou um olhar nervoso com Frank. Isso parecia uma estratégia de *dividir e conquistar*. Ele não via meio de encontrar uma saída que acabasse

bem. Parte dele queria atacar Fórcis agora – ao menos daria a eles o elemento surpresa – mas não tinha encontrado nenhuma informação útil ainda. Percy não tinha certeza se poderia encontrar o Treinador Hedge de novo. Nem tinha certeza se podia encontrar a saída.

Fórcis deve ter lido sua expressão.

— Está tudo bem! — o deus assegurou. — Ceto pode ser um pouco entediante, mas ela cuidará bem de seu amigo. E honestamente, a melhor parte da excursão ainda está por vir!

Percy tentou pensar, mas estava iniciando uma dor de cabeça. Não tinha certeza se foi o machucado do dia anterior, os efeitos especiais de Fórcis ou as palavras de sua irmã sobre fatos de monstros marinhos.

— Então... — ele tentou. — Dioniso nos enviou aqui.

— Baco — corrigiu Frank.

— Certo. — Percy tentou não se irritar. Ele mal podia lembrar um nome de cada deus. Dois era pedir demais. — O deus do vinho. Que seja. — Ele olhou para Fórcis. — Baco disse que você talvez soubesse o que sua mãe Gaia está fazendo e aqueles seus irmãos gigantes... Efialtes e Oto. E se você sabe alguma coisa sobre a Marca de Atena...

— Baco pensou que eu ajudaria vocês? — perguntou Fórcis.

— Bem, sim — disse Percy. — Quero dizer, você é Fórcis. Todos falam sobre você.

Fórcis inclinou a cabeça e seus olhos desiguais quase se alinharam.

— Eles falam?

— Claro. Não falam, Frank?

— Ah... Claro! — disse Frank. — Pessoas falam de você o tempo todo.

— O que eles dizem? — perguntou o deus.

Frank olhou desconfortável.

— Bem, você é um grande piromante. E tem uma boa voz de locutor. E, hã, uma bola de discoteca...

— É verdade! — Fórcis estalou os dedos e polegares animadamente. — Eu também tenho a maior coleção no mundo de monstros marinhos em cativeiro!

— E você conhece coisas — adicionou Percy. — Como sobre o que os gêmeos estão tramando.

— Os gêmeos! — Fórcis fez um eco de sua voz. Fagulhas ganharam vida na frente do tanque das serpentes marinhas. — Sim, eu sei tudo sobre Efialtes e Oto. Aqueles presunçosos! Nunca se enturmaram com os outros gigantes. Muito fracos... e com aquelas cobras nos pés.

— Cobras nos pés? — Percy lembrou dos sapatos longos e crespos que os gêmeos usavam no sonho.

— Sim, sim. — Fórcis disse impaciente. — Eles sabiam que não conseguiriam pela força, então decidiram usar um pouco de drama – ilusões, pegadinhas, esse tipo de coisa. Vocês sabem, Gaia criou seus filhos gigantes com inimigos específicos em mente. Cada gigante nasceu para matar um certo deus. Efialtes e Oto... Bem, juntos eles são um tipo de antiDioniso.

Percy tentou entender melhor essa ideia.

— Então... Eles querem substituir todo o vinho com suco de amora ou algo assim?

O deus marinho bufou.

— Nada disso! Efialtes e Oto sempre quiseram ser melhores que os outros, mais brilhantes, mais espetaculares! Claro que querem matar Dioniso. Mas primeiro querem humilhá-lo fazendo suas festanças parecerem medíocres!

Frank olhou as fagulhas.

— Usando coisas como fogos de artifício e bolas de discoteca?

A boca de Porky se contorceu em um sorriso como um túnel de vento.

— Exato! Eu ensinei aos gêmeos tudo que eles sabem, ou ao menos tentei. Eles nunca me ouviram. A primeira grande travessura deles? Tentaram alcançar o Olimpo empilhando montanhas uma em cima da outra. Foi só uma ilusão, claro. Eu disse a eles que foi ridículo. "Vocês têm que começar pequeno" eu disse. "Serrar o outro ao meio, tirar Górgonas do chapéu. Esse tipo de coisa. E combinando as roupas. Gêmeos precisam disso!"

— Boa dica — concordou Percy. — E como os gêmeos estão agora?

— Ah, se preparando para a apresentação no dia do juízo final deles em Roma — zombou Fórcis. — É uma das ideias bobas da mãe. Eles estão mantendo um prisioneiro dentro de uma grande jarra de bronze — ele se voltou para Frank. — Você é um filho de Ares, não é? Vocês têm aquele cheiro. Os gêmeos prenderam seu pai do mesmo jeito, uma vez.

— Filho de Marte — corrigiu Frank. — Espere... Esses gigantes prenderam meu pai em uma jarra de bronze?

— Sim, outra façanha estúpida — disse o deus marinho. — Como você pode mostrar o prisioneiro se ele está numa jarra de bronze? Sem divertimento. Nada como meus adoráveis espécimes!

Ele gesticulou para o hipocampo, que estava batendo a cabeça apaticamente contra o vidro.

Percy tentou pensar. Ele sentia como se a confusão das criaturas marinhas estivesse começando a afetá-lo.

— Você disse que esse... show do juízo final foi uma ideia de Gaia?

— Bem... Os planos da mãe sempre têm várias fases — ele riu. — A terra tem fases! Suponho que faça sentido!

— Aham — disse Percy. — Então o plano dela...

— Ah, ela colocou uma recompensa em um grupo de semideuses. — disse Fórcis. — Realmente não se importa *quem* os matem, contanto que sejam mortos. Bem... Eu retiro isso. Ela quer que dois sejam poupados. Um garoto e uma garota. Só o Tártaro sabe porquê. A qualquer preço, os gêmeos planejaram o showzinho deles, esperando atrair esses semideuses até Roma. Suponho que o prisioneiro na jarra seja amigo deles ou algo assim. Ou talvez pensem que esse grupo de semideuses seja burro o suficiente para voltar no território deles procurando pela Marca de Atena. — Fórcis deu uma cotovelada em Frank. — Há! Boa sorte com isso, não é?

Frank riu nervosamente.

— Sim. Haha. Isso seria realmente burrice porque, hã...

Fórcis estreitou os olhos.

Percy deslizou a mão até o bolso. Ele fechou os dedos ao redor de Contracorrente. Até mesmo esse velho deus do mar deve ser esperto o suficiente para perceber que eles eram os semideuses com a cabeça à prêmio.

Mas Fórcis só sorriu e deu outra cotovelada em Frank.

— Há! Boa, filho de Marte. Suponho que você esteja certo. Sem motivo para falar disso. Até mesmo se semideuses encontrariam aquele mapa em Charleston, nunca conseguiriam ir vivos a Roma.

— Sim, o MAPA DE CHARLESTON — Frank disse em voz alta, dando à Percy um olhar arregalado para ter certeza de que ele não perdeu a informação. Ele não podia ser mais óbvio se tivesse feito um grande sinal escrito *PISTA!!!!*

— Mas já chega de coisas educacionais chatas! — disse Fórcis. — Vocês pagaram por um tratamento VIP. Me deixem terminar a excursão, *por favor?* Os três denários de entrada não são reembolsáveis.

Percy não estava animado por mais fogos de artifício, fumaça com cheiro de rosquinha ou criaturas do mar depressivas em cativeiro. Mas olhou para

Frank e decidiu melhorar o humor do velho deus ranzinza, ao menos até eles encontrassem o Treinador Hedge e fossem em segurança para a saída. Além disso, talvez conseguissem mais informação de Fórcis.

— Depois — Percy disse — podemos fazer perguntas?

— Claro! Eu direi tudo que vocês precisem saber. — Fórcis bateu palmas duas vezes.

Na parede, sobre o brilhante sinal vermelho, um novo túnel apareceu, levando a outro tanque.

— Marchando! — Fórcis literalmente afundou através do túnel.

Frank coçou a cabeça.

— Nós temos que...? — Ele se virou para o lado.

— É só um jeito de falar, cara. — disse Percy. — Venha.

XVI

PERCY

O TÚNEL SE ESTENDIA ATRAVÉS DO CHÃO para um tanque do tamanho de um ginásio. Exceto pela água e a decoração barata, parecia majestosamente vazio. Percy imaginou que havia cinquenta mil litros de água acima de suas cabeças. Se o túnel rompesse por algum motivo...

Nada demais, pensou Percy. *Já estive cercado por água milhares de vezes. Este é meu ambiente.*

Seu coração acelerou... Ele lembrou-se de afundar no pântano frio do Alasca – lama escura cobrindo seus olhos, boca e nariz.

Fórcis parou no meio do túnel e gesticulou com seus braços orgulhosamente.

— Linda exibição, não é?

Percy tentou distrair-se concentrando em detalhes. Em um canto do tanque, aninhada em uma floresta de algas falsas, uma casa de campo feita de plástico e biscoito em tamanho real com bolhas saindo pela chaminé. No

canto oposto, uma escultura de plástico de um cara em um traje de mergulho antigo ajoelhado ao lado de um baú que abria a cada poucos segundos, soltava bolhas e tornava a fechar. Espalhadas pelo piso de areia branca tinham várias bolas de gude do tamanho de bolas de boliche e uma estranha variedade de armas como tridentes e espingardas. Do lado de fora do tanque tinha um anfiteatro com capacidade para centenas de pessoas.

— O que você guarda aqui? — perguntou Frank. — Um peixinho dourado gigante e assassino?

Fórcis levantou suas sobrancelhas.

— Ah, isso seria bom. Mas, não, Frank Zhang, descendente de Poseidon. Este tanque não é para peixinhos dourados.

Em *descendente de Poseidon*, Frank estremeceu. Ele deu um passo para trás, balançando sua mochila como se fosse uma clava.

A sensação de medo escorria pela garganta de Percy como se fosse um xarope para tosse. Infelizmente, era uma sensação que ele estava acostumado.

— Como você sabe o sobrenome do Frank? — ele perguntou. — Como que sabe que ele é um descendente de Poseidon?

— Bem... — Fórcis deu de ombros, tentando parecer modesto. — É provável que pela descrição fornecida por Gaia. Pelo prêmio, Percy Jackson.

Percy destampou sua caneta. Instantaneamente, Contracorrente apareceu em sua mão.

— Não tente me enganar, Fórcis. Você me prometeu respostas.

— Após o tratamento VIP, sim — concordou Fórcis. — Eu prometi dizer tudo o que você precisa saber. Mas a coisa é, você realmente não precisa saber de nada — seu sorriso grotesco aumentou. — Entenda, mesmo se chegar a Roma, o que é bastante improvável, nunca irá derrotar meus irmãos gigantes sem um deus lutando ao seu lado. E qual deus iria

ajudá-lo? Então, tenho um plano melhor. Vocês não irão embora. Vocês são VIPs, Valiosos Incríveis Prisioneiros!

Percy avançou. Frank atirou a mochila na cabeça do deus do mar. Fórcis simplesmente desapareceu.

A voz do deus ecoou através do sistema de som do aquário, ecoando pelo túnel.

— Sim, bom! Lutar é bom! Perceba, minha mãe nunca confiou a mim grandes tarefas, mas *concordou* que eu poderia manter qualquer um que eu pegasse. Vocês dois farão uma exposição excelente – a única prole de Poseidon em cativeiro. Semideuses Aterrorizantes. Sim, eu gosto disso! Nós já alinhamos um patrocínio com o Mercado da Barganha. Vocês podem lutar uns com os outros todos os dias, das onze horas da manhã à uma da tarde, com um show à noite às sete horas.

— Você é louco! — gritou Frank.

— Não se subestime! — disse Fórcis. — Vocês serão as nossas maiores atrações!

Frank correu para a saída, apenas para bater em uma parede de vidro. Percy correu para o outro lado e encontrou bloqueado também. O túnel se tornou numa bolha. Ele colocou a mão contra o vidro e percebeu que estava amolecendo, derretendo como gelo. Logo a água iria inundar tudo.

— Nós não vamos cooperar, Fórcis — gritou ele.

— Ah, eu estou otimista — a voz do deus do mar trovejou. — Se vocês não lutarem um contra o outro de cara, não tem problema! Posso enviar monstros do mar frescos todos os dias. Depois que você se acostumar com a comida daqui, vai ser adequadamente sedado e irá seguir as instruções. Acredite em mim, você vai amar a sua nova casa.

Sobre a cabeça de Percy, a cúpula de vidro rachou e começou a vazar.

— Eu sou filho de Poseidon! — Percy tentou manter o medo fora de sua voz. — Você não pode me aprisionar na água. Aqui é onde sou mais forte.

A risada de Fórcis parecia vir de todos ao seu redor.

— Que coincidência! É também onde *eu sou* forte. Este tanque foi especialmente projetado para conter semideuses. Agora, os dois se divirtam. Vou vê-los na hora do lanche!

A cúpula de vidro quebrou e a água invadiu o túnel.

Percy prendeu a respiração até não aguentar mais. Quando finalmente encheu seus pulmões com água, sentiu como se respirasse normalmente. A pressão da água não o incomodou. Suas roupas nem sequer molharam. Suas habilidades subaquáticas estavam tão boas quanto antes. É apenas uma fobia estúpida, assegurou-se. Eu não vou me afogar. Então ele se lembrou de Frank e imediatamente sentiu uma onda de pânico e culpa. Percy ficou tão preocupado com ele próprio que esqueceu que seu amigo era apenas um descendente distante de Poseidon. *Frank* não podia respirar debaixo d'água.

Mas onde ele estava? Percy fez um círculo completo. Nada. Então, ele olhou para cima.

Pairando sobre ele estava um gigante peixinho-dourado. Frank se transformou – roupa, mochila e tudo mais em uma carpa do tamanho de um adolescente. *Cara*. Percy enviou seus pensamentos através da água, da mesma forma como ele fala com outras criaturas do mar.

Um peixinho-dourado?

A voz de Frank voltou para ele: *Eu me apavorei. Nós estávamos falando sobre peixinho dourado, então estava na minha mente. Me processe.*

Estou tendo uma conversa telepática com uma carpa gigante, disse Percy. *Ótimo. Você pode se transformar em algo mais... Útil?*

Silêncio. Talvez Frank estivesse se concentrado, embora fosse impossível dizer, pois carpas não têm muitas expressões. *Desculpe*. Frank parecia envergonhado. *Estou preso*.

Isso acontece às vezes, quando entro em pânico.

Tudo bem. Percy rangeu os dentes. *Vamos descobrir como escapar*.

Frank nadou em torno do tanque e não relatou saídas. O topo estava coberto com malha de bronze celestial, como as cortinas que rolam sobre lojas fechadas no shopping. Percy tentou cortar com Contracorrente, mas não conseguia fazer um arranhão. Ele tentou esmagar através da parede de vidro com o cabo de sua espada — novamente, sem sorte.

Então repetiu seus esforços com várias das armas que estavam em torno do fundo do tanque e conseguiu quebrar três tridentes, uma espada e um arpão.

Finalmente, tentou controlar a água. Queria que a água expandisse e rompesse o tanque ou explodisse para cima. A água não obedeceu. Talvez estivesse encantada ou sob o poder de Fórcis. Percy concentrou-se até que seus ouvidos estalaram, mas o melhor que podia fazer era explodir a tampa do baú de plástico.

Bem, é isso, pensou Percy desanimado. Vou ter que viver em uma casa de campo feita de plástico e biscoito o resto da minha vida, lutando contra o meu amigo peixinho-dourado gigante e esperando pela hora do lanche.

Fórcis tinha prometido que iria aprender a amá-lo. Percy pensou sobre os telquines, as Nereidas e hipocampos atordoados, todos nadando em círculos, entediados e preguiçosos.

O pensamento de acabar assim não ajudou a diminuir seu nível de ansiedade.

Ele se perguntou se Fórcis estava certo. Mesmo que conseguisse escapar, como eles poderiam derrotar os gigantes se os deuses estavam todos

incapacitados? Baco poderia ser capaz de ajudar. Ele havia matado os gêmeos gigantes uma vez antes, mas só iria se juntar à luta se recebesse um tributo impossível, e a ideia de dar à Baco qualquer tipo de homenagem fez Percy querer amordaçar-se com uma Rosquinha Monstro.

Olha! disse Frank. Do outro lado do vidro, Ceto estava conduzindo o Treinador Hedge através do anfiteatro, discursando sobre algo enquanto o Treinador assentiu e admirou o assento do estádio.

Treinador! gritou Percy. Então percebeu que era inútil. O Treinador não poderia ouvir gritos telepáticos.

Frank bateu com a cabeça contra o vidro.

Hedge não pareceu notar. Ceto acompanhou-o rapidamente por todo o anfiteatro. Ela nem mesmo olhou através do vidro, provavelmente porque assumiu que o tanque ainda estava vazio. Ela apontou para a extremidade do quarto, como se dizendo: *Vamos. Tem mais monstros do mar terríveis por aqui.*

Percy percebeu que tinham apenas alguns segundos antes do Treinador ir embora. Ele nadou atrás deles, mas a água não o ajudou a se mover como sempre acontecia. Na verdade, parecia estar empurrando-o para trás. Ele largou Contracorrente e usou os dois braços. O Treinador Hedge e Ceto estavam a cinco metros da saída.

Em desespero, Percy pegou uma bola de gude gigante e atirou, segurando como se fosse uma bola boliche.

Ela bateu no vidro com um *tum* — não alto o suficiente para atrair a atenção.

O coração de Percy afundou.

Mas o Treinador Hedge tinha as orelhas de um sátiro. Ele olhou por cima do ombro. Quando viu Percy, sua expressão passou por várias mudanças em questão de microssegundos — incompreensão, surpresa, indignação, em seguida, uma máscara de calma. Antes que Ceto notasse,

Hedge apontou em direção ao topo do anfiteatro. Parecia que ele estava gritando, *Deuses do Olimpo, o que é isso?*

Ceto virou. O Treinador Hedge prontamente tirou o pé falso e chutou como um ninja a parte de trás da cabeça dela com seu casco de cabra. Ceto caiu no chão.

Percy estremeceu. Tendo sido acertado recentemente na cabeça sentiu uma pontada de simpatia, mas nunca ficou tão feliz em ter um acompanhante que gostava de lutas de artes marciais mistas em gaiolas. Hedge correu para o vidro. Ele ergueu as mãos, tipo: *O que você está fazendo aí, Jackson?* Percy deu um soco no vidro e disse sem emitir som:

Quebre isso!

Hedge gritou uma pergunta que poderia ter sido: *Onde está Frank?*

Percy apontou para a carpa gigante.

Frank acenou com a barbatana dorsal esquerda.

Eae?

Atrás de Hedge, a deusa do mar começou a se mover. Percy apontou freneticamente.

Hedge sacudiu a perna como se ele estivesse se preparando para seu chute de casco, mas Percy agitou os braços. *Não*. Eles não podiam ficar golpeando Ceto na cabeça para sempre. Como ela era imortal, não ficaria no chão e isso não iria tirá-los deste tanque.

Era só uma questão de tempo antes Fórcis voltasse para verificá-los.

Em três, Percy falou sem emitir som, segurando três dedos e, em seguida, apontando para o vidro. *Todos nós vamos bater ao mesmo tempo*. Percy nunca tinha sido bom em charadas, mas Hedge assentiu como se entendesse. Bater nas coisas era uma língua que o sátiro conhecia bem.

Percy levantou outra bolinha de gude gigante.

Frank, vamos precisar de você também.

Você já pode mudar de forma? Talvez voltar a forma humana. Humano serve! Apenas segure sua respiração. Se isso funcionar...

Ceto se pôs de joelhos. Não tinham tempo a perder. Percy contou nos dedos. Um, dois, três!

Frank voltou a ser humano e empurrou o ombro contra o vidro. O Treinador fez um chute giratório com o casco ao estilo Chuck Norris. Percy usou toda a sua força para bater a bola na parede, mas ele fez mais do que isso. Ele pediu a água para obedecê-lo e desta vez se recusou a aceitar um não como resposta. Ele sentiu toda a pressão acumulada no interior do tanque e ele a comandou. A água gostava de ser livre. Com o tempo, a água pode superar qualquer barreira e ela *odiava* ser contida, assim como Percy. Ele pensou em voltar para Annabeth. Pensou em destruir está prisão horrível para criaturas do mar. Pensou em estar enfiando o microfone na garganta feia de Fórcis. Cinquenta mil litros de água responderam a sua raiva. A parede de vidro rachou. Sugiram várias fissuras em ziguezague a partir do ponto de impacto e de repente o tanque explodiu. Percy foi sugado para fora em uma torrente de água. Ele caiu no chão em frente ao anfiteatro com Frank, algumas bolinhas de gude grandes e um amontoado de algas de plástico. Ceto estava se levantando quando a estátua do mergulhador caiu sobre ela como se quisesse um abraço.

O Treinador Hedge cuspiu água salgada.

— Pela flauta de Pã, Jackson! O que você estava fazendo lá?

— Fórcis! — Percy balbuciou. — Armadilha! Corra!

Alarmes soaram quando eles fugiram das exposições. Eles correram, passando pelo tanque das Nereidas e depois dos telquines.

Percy queria libertá-los, mas como? Eles estavam drogados e lentos, e eram criaturas do mar. Não iriam sobreviver, a menos que encontrasse uma maneira de transportá-los para o oceano. Além disso, se Fórcis os pegara,

Percy tinha certeza de que o poder do deus do mar iria superar o seu. E Ceto estaria atrás deles também, pronta para usá-los como lanche para seus monstros do mar.

Eu voltarei, Percy prometeu, mas se as criaturas em exposições poderiam ouvi-lo, não deram nenhum sinal.

No sistema de som, a voz Fórcis trovejou:

— Percy Jackson!

Vasos luminosos e brilhantes explodiram aleatoriamente. Rosquinhas com aroma de fumaça encheu os salões. Cinco ou seis diferentes tipos de músicas dramáticas soaram simultaneamente dos alto-falantes. Luzes estalavam e pegavam fogo como se todos os efeitos especiais no prédio foram acionados ao mesmo tempo.

Percy, Treinador Hedge e Frank tropeçaram para fora do túnel de vidro e voltaram para a sala do tubarão-baleia. A seção mortal do aquário estava cheia de gente gritando - famílias e grupos de acampamento em execução corriam em todas as direções enquanto a equipe corria em torno freneticamente, tentando assegurar a todos que era apenas um sistema de alarme com defeito.

Percy sabia o que aconteceria. Ele e seus amigos se juntaram aos mortais e correram para a saída.

XVII

ANNABETH

Annabeth estava tentando animar Hazel, alegrá-la com grandes momentos do Percy Cabeça de Alga, quando Frank tropeçou no corredor e algo explodiu em sua cabine.

— Onde está o Leo? — ele engasgou. — Decole! Decole!

Ambas as garotas agarraram entre seus pés.

— Onde está o *Percy?* — perguntou Annabeth. — E o Treinador?

Frank agarrou seus joelhos, tentando respirar. Suas roupas estavam duras e úmidas, como se tivessem sido lavadas em amido puro.

— No convés. Eles estão bem. Estamos sendo seguidos!

Annabeth passou por ele e desceu as escadas de três em três degraus, Hazel logo atrás dela e Frank à direita respirando forte, ainda com falta de ar. Percy e Hedge estavam no convés, parecendo exaustos. Hedge havia perdido seus sapados. Ele sorriu para o céu e murmurava "Ótimo. Simplesmente ótimo". Percy estava coberto de cortes e arranhões, como se

tivesse saltado por uma janela. Ele não disse nada, mas agarrou a mão de Annabeth fracamente, como se dissesse, *estou com você, mesmo se o mundo acabar*.

Leo, Piper e Jason, que tinham comido no refeitório, vieram correndo pelas escadas.

— O quê? O quê? — Leo gritou, segurando um sanduíche de queijo grelhado meio comido. — Não é possível nem mesmo dar uma pausa para o almoço? O que há de errado?

— Estamos sendo seguidos! — Frank gritou novamente.

— Seguidos por quem? — perguntou Jason.

— Eu não sei! — Frank ofegou. — As baleias? Monstros do mar? Talvez Kate e Porky!

Annabeth queria estrangular o cara, mas ela não tinha certeza de que suas mãos se encaixariam em torno de seu pescoço grosso.

— Isso não faz nenhum sentido. Leo é melhor você nos tirar daqui.

Leo colocou o sanduíche entre os dentes, como um pirata e correu para o leme.

Logo o *Argo II* estava subindo para o céu. Annabeth dirigiu-se a parte de traz. Ela não via nenhum sinal de perseguição por baleias ou de qualquer outra "coisa", mas Percy, Frank e Hedge não se recuperaram até Atlanta ser uma mancha nebulosa bem longe deles.

— Charleston — disse Percy, mancando em torno da plataforma como um velho. Ele ainda parecia muito abalado. — Defina destino para Charleston.

— Charleston? — Jason disse o nome como se trouxesse lembranças ruins. — O que exatamente você encontrou em Atlanta?

Frank abriu a mochila e começou a pegar alguns suprimentos.

— Alguns pêssegos em conserva. Um par de camisetas. Um globo de neve. E, hã, as algemas não realmente chinesas.

Annabeth se obrigou a permanecer calma.

— Que tal você começar desde o início da história e não do que tem na mochila?

Eles se reuniram no tombadilho para que Leo pudesse ouvir a conversa enquanto navegava. Percy e Frank se revezavam relatando o que tinha acontecido no Aquário da Geórgia, com o Treinador Hedge intervindo de vez em quando: "Isso foi incrível!" ou "Então eu chutei a cabeça dela!". Pelo menos o Treinador parecia ter esquecido sobre Percy e Annabeth dormirem juntos na noite anterior. Mas a julgar pela história de Percy, Annabeth tinha problemas piores para se preocupar do que ficar de castigo.

Quando Percy explicou sobre as criaturas marinhas em cativeiro no aquário, ela entendeu porque ele parecia tão chateado.

— Isso é terrível — disse ela. — Nós precisamos ajudá-los.

— Nós vamos — prometeu Percy. — Tudo no seu tempo. Mas tenho que descobrir como. Eu queria... — ele balançou a cabeça. — Não importa. Primeiro temos que lidar com este prêmio por nossas cabeças.

O Treinador Hedge tinha perdido o interesse na conversa, provavelmente porque não era mais sobre ele e vagou em direção à proa do navio, praticando chutes e se gabando pela sua técnica.

Annabeth agarrou o punho de sua adaga.

— A recompensa sob nossas cabeças... Como se nós não atraíssemos monstros o suficiente.

— Será que temos cartazes de procurados? — perguntou Leo. — E eles têm nossas fotos, descriminados em uma lista de preços?

Hazel torceu o nariz.

— O que você está falando?

— Só curioso quanto eu estou valendo para esses dias — disse Leo. — Quer dizer, não sou tão valioso como Percy ou Jason, talvez... Mas acho que valho algo como dois Franks ou três...

— Ei! — reclamou Frank.

— Parem com isso — ordenou Annabeth. — Pelo menos sabemos que o nosso próximo passo é ir a Charleston, para encontrar este mapa.

Piper encostou-se no painel de controle. Ela tinha feito a trança com penas brancas hoje, que combinavam bem com o cabelo castanho-escuro. Annabeth se perguntou como ela encontrou tempo. Annabeth mal conseguia se lembrar de *escovar* os cabelos.

— Um mapa — disse Piper. — Mas um mapa com o quê?

— A Marca de Atena. — Percy olhou com cautela para Annabeth, como se estivesse com medo que ele houvesse ultrapassado o limite. Ela fez uma cara que demonstrava fortemente a expressão: *Eu não quero falar sobre isso*.

— Seja lá o que for — continuou ele. — Nós sabemos que nos leva a algo importante em Roma, algo que pode parar a guerra entre os romanos e gregos.

— *A ruína dos gigantes* — acrescentou Hazel.

Percy assentiu.

— E no meu sonho, os gigantes gêmeos disseram algo sobre a estátua.

— Hum... — Frank revirou as algemas não chinesas entre os dedos. — Segundo Fórcis, nós teríamos que estar loucos para tentar encontrá-la. Mas o que ela *é?*

Todos olharam para Annabeth. Seu couro cabeludo formigava, como se os pensamentos em seu cérebro estivessem agitando para sair: uma estátua... Atena... Grego e romano, seus pesadelos e sua discussão com sua mãe. Ela viu como as peças foram se unindo, mas não podia acreditar que era

verdade. A resposta era muito grande, muito importante e muito assustadora.

Ela percebeu Jason estudando-a, como se soubesse *exatamente* o que ela estava pensando e não gostasse mais do que ela. Mais uma vez ele não podia ajudar, mas se perguntar: *Por que esse cara me faz tão nervosa? Ele realmente está do meu lado?* Ou talvez fosse sua mãe...

— E-eu estou perto de uma resposta — disse ela. — Saberei mais se encontrarmos esse mapa. Jason, do jeito que você reagiu ao nome *Charleston*... Você já esteve lá antes?

Jason pareceu inquieto para Piper, embora Annabeth não soubesse por que.

— Sim — admitiu ele. — Reyna e eu realizamos uma missão há cerca de um ano atrás. Nós estávamos resgatando armas de ouro imperial do CSS *Hunley*.

— O que? — perguntou Piper.

— Uau! — disse Leo. — Esse é o primeiro submarino militar, da Guerra Civil. Eu sempre quis vê-lo.

— Ele foi projetado por semideuses romanos — disse Jason. — Eles construíram um esconderijo secreto de torpedos de ouro imperial... Até nós o descobrirmos e levarmos de volta ao Acampamento Júpiter.

Hazel cruzou os braços.

— Então os romanos lutaram ao lado dos confederados? Como uma menina cuja avó era escrava, eu posso dizer... Nada legal?

Jason colocou as mãos na frente dele, com as palmas para cima.

— Eu, pessoalmente, não estava vivo então... E não era *todos* os gregos de um lado e *todos* os romanos do outro. Mas, sim. Não é legal. Às vezes semideuses fazem escolhas ruins — ele olhou timidamente para Hazel. — Como, às vezes, somos muito suspeitos. E falamos sem pensar.

Hazel o encarou. Lentamente, ela percebeu que ele estava se desculpando. Jason deu uma cotovelada em Leo.

— Ai! — Leo gritou — quero dizer, sim... Más escolhas. Como não confiar nas pessoas que que talvez devam ser salvas. Hipoteticamente falando.

Hazel apertou os lábios.

— Tudo bem. Voltando para Charleston. Você está dizendo que devemos verificar aquele submarino de novo?

Jason deu de ombros.

— Bem... Posso pensar apenas em dois lugares em Charleston que podemos procurar. O museu onde eles guardam o *Hunley* é um deles. Tem um monte de relíquias da Guerra Civil. O mapa pode estar escondido em um deles. Eu sei como é o lugar. Poderia levar uma equipe para dentro.

— Eu vou — disse Leo. — Isso parece legal.

Jason assentiu. Ele virou-se para Frank, que estava tentando puxar os dedos para fora das algemas chinesas.

— Você deve vir também, Frank. Podemos precisar de você.

Frank ficou surpreso.

— Por quê? Não é como se eu tivesse ido bem no aquário.

— Você se saiu bem — Percy assegurou. — Foi preciso nós três para quebrar o vidro.

— Além disso, você é um filho de Marte — disse Jason. — Os fantasmas confederados derrotados são obrigados a atendê-lo. E o museu em Charleston tem muitos fantasmas confederados. Vamos precisar de você para mantê-los na linha.

Frank engoliu em seco. Annabeth tinha se lembrado do comentário do Percy sobre Frank ter se transformando em um peixinho dourado gigante e

ela resistiu à vontade de sorrir. Ela nunca seria capaz de olhar para o cara grande novamente sem vê-lo como uma carpa.

— Ok — Frank cedeu. — Claro — ele franziu a testa para os dedos, tentando puxá-los para fora da armadilha. — Hã, como você...?

Leo riu.

— Cara, você nunca viu isso antes? Há um truque simples para sair.

Frank puxou novamente sem sorte. Mesmo Hazel estava tentando não rir.

Frank fez uma careta de concentração. De repente, ele desapareceu. No convés, onde ele estava em pé, uma iguana verde estava ao lado de um conjunto vazio de algemas chinesas.

— Muito bem, Frank Zhang — Leo disse secamente, fazendo a sua expressão de Quíron, o centauro. — Esse é exatamente o modo como as pessoas devem sair de algemas chinesas. Elas se transformam em iguanas.

Todo mundo começou a rir. Frank voltou para humano, pegou as algemas e as jogou na mochila. Ele conseguiu um sorriso envergonhado.

— De qualquer forma — disse Frank, claramente ansioso para mudar de assunto — o museu é um lugar para procurar. Mas, hã, Jason, você disse que havia dois?

O sorriso de Jason desapareceu. O que quer que ele estava pensando, Annabeth poderia dizer que não era agradável.

— Sim — disse ele. — O outro lugar é chamado a Bateria... que é um parque perto do porto. A última vez que estive lá... com Reyna... — Ele olhou para Piper, em seguida, desviou o olhar. — Nós vimos algo no parque. Um fantasma ou algum tipo de espírito, com uma roupa de baile sulista da Guerra Civil, brilhante e flutuando. Nós tentamos abordá-lo, mas ele desapareceu assim que chegamos perto. Então Reyna teve uma sensação... Ela disse que deveria tentar sozinha. Talvez o fantasma falasse

apenas com garotas. Ela foi até o espírito sozinha e, com certeza, ele falou com ela.

Todos esperavam.

— O que ele disse? — perguntou Annabeth.

— Reyna não quis me dizer — admitiu Jason. — Mas deve ter sido importante. Ela parecia... Abalada. Talvez tenha falado uma profecia ou dado más notícias. Reyna nunca agiu do mesmo jeito comigo depois disso.

Annabeth considerou isso. Depois de sua experiência com os eidolons, não gostou da ideia de se aproximar de um fantasma, especialmente um que mudava as pessoas com más notícias ou profecias. Por outro lado, sua mãe era a deusa do conhecimento e o conhecimento é a mais poderosa arma que existe. Annabeth não podia recusar uma possível fonte de informações.

— Uma aventura das meninas, então — disse Annabeth. — Piper e Hazel podem vir comigo.

Ambas assentiram, embora Hazel parecesse nervosa. Sem dúvida, seu tempo no Mundo Inferior havia dado a ela encontro com fantasmas suficientes para duas vidas. Os olhos de Piper brilhavam desafiadoramente, como se pensasse que qualquer coisa que Reyna fizesse, ela poderia lidar.

Annabeth percebeu que, se seis deles iriam sobre essas duas missões, deixaria Percy sozinho no navio com o Treinador Hedge, o que não fosse talvez uma situação em que uma namorada deve deixar seu namorado. Por dentro, não estava nada ansiosa para deixar Percy fora de sua vista de novo – não depois de terem sido separados por muitos meses. Por outro lado, Percy parecia tão perturbado por sua experiência com as criaturas do mar, ela pensou que talvez ele pudesse precisar de um descanso. Encontrou seus olhos, fazendo-lhe uma pergunta silenciosa. Ele assentiu com a cabeça como que dissesse *sim, vou ficar bem*.

— Então está resolvido. — Annabeth se virou para Leo, que estava estudando seu console, ouvindo Festus ranger e clicando sobre o interfone. — Leo, quanto tempo até chegar a Charleston?

— Boa pergunta — murmurou ele. — Festus está detectando um grande grupo de águias atrás de nós, bem longe de acordo com o radar e ainda não estão à vista.

Piper se inclinou sobre o console.

— Você tem certeza que eles são romanos?

Leo revirou os olhos.

— Não, Pipes. Poderia ser um grupo aleatório de águias gigantes voando em perfeita formação. Claro que são romanos! Suponho que poderíamos virar o navio e lutar.

— O que seria uma ideia muito ruim — Jason disse — e removeria qualquer dúvida de que somos inimigos de Roma.

— Ou eu tenho outra ideia — disse Leo. — Se fomos direto para Charleston, estaremos lá em algumas horas. Mas as águias podem nos alcançar, e as coisas ficariam complicadas. Em vez disso, nós poderíamos mandar um engodo para enganar as águias. Tomamos um desvio, vamos pelo caminho mais longo para Charleston e chegar lá amanhã de manhã.

Hazel começou a protestar, mas Leo levantou a mão.

— Eu sei, eu sei. Nico está com problemas e nós temos que nos apressar.

— É vinte sete de junho — disse Hazel. — Depois de hoje, mais quatro dias. E então ele morre.

— Eu sei! Mas isto pode desviar os romanos para fora de nosso caminho. Nós ainda devemos ter tempo suficiente para chegar a Roma.

Hazel fez uma careta.

— Quando você diz que deve *ter o suficiente*...

Leo deu de ombros.

— O que você entende por *apenas o suficiente?*

Hazel colocou seu rosto entre as mãos para uma contagem de três.

— Parece típico para nós.

Annabeth decidiu tomar isso como uma luz verde.

— Certo, Leo. Que tipo de chamariz você está falando?

— Estou tão feliz que tenha perguntado! — Ele apertou alguns botões no console, rodando o gira-discos e repetidamente pressionando o botão A no seu controlador Wii muito, muito rápido. Ele chamou para o interfone — Buford? Se apresentar a serviço, por favor.

Frank deu um passo para trás.

— Há alguém no navio? Quem é Buford?

Uma nuvem de vapor saiu da escada e mesa automática de Leo subiu ao convés.

Annabeth não tinha visto muito Buford durante a viagem. Ele praticamente havia se hospedado na casa de máquinas. (Leo insistiu que Buford tinha uma paixão secreta pelo motor). Era uma mesa de três pernas com um topo de mogno. Sua base de bronze possuía várias gavetas, engrenagens girando e um conjunto de saídas de vapor.

Buford carregava um saco como aqueles de correio amarrado a uma de suas pernas. Ele caiu no leme e fez um som como um apito de trem.

— Este é Buford — anunciou Leo.

— Você nomeia seus móveis? — perguntou Frank.

Leo bufou.

— Cara, você *gostaria* de ter móveis legais. Buford, você está pronto para a Operação Fim da Mesa?

Buford vomitou vapor. Seu topo de mogno dividiu-se em quatro fatias de pizza, que alongaram em lâminas de madeira. As lâminas giram e Buford decolou.

— Uma mesa helicóptero — murmurou Percy. — Tenho que admitir, isso é legal. O que tem no saco?

— Roupas de semideuses sujas — disse Leo. — E espero que você não se importe, Frank.

Frank engasgou.

— O quê?

— Ele vai desviar as águias para longe de nós.

— Eram minhas únicas calças extras!

Leo deu de ombros.

— Eu pedi a Buford para deixá-las lavadas e dobradas, enquanto estava fora. Esperamos que elas fiquem bem — ele esfregou as mãos e sorriu. — Bem! Eu chamo isso de um dia de trabalho tranquilo. Vou calcular nossa rota de desvio agora. Vejo todos vocês no jantar!

Percy dormiu cedo, o que deixou Annabeth sem nada para fazer à noite, exceto verificar seu computador.

Ela trouxe o laptop de Dédalo, é claro. Dois anos atrás, tinha herdado a máquina do maior inventor de todos os tempos e estava carregada com ideias de invenção, esquemas e diagramas, a maioria dos quais Annabeth ainda estava tentando desvendar. Depois de dois anos, um laptop típico estaria ultrapassado, mas Annabeth percebeu que a máquina de Dédalo ainda era cerca de cinquenta anos à frente de seu tempo. Ele poderia se expandir em um laptop de tamanho completo, encolher em um tablet ou dobrar em um retângulo de metal menor que um telefone. Ele respondia mais rápido do que qualquer computador que ela já tinha visto, poderia acessar satélites ou a TV Hefesto, transmitida a partir do Monte Olimpo, e usar programas customizados que poderiam fazer praticamente qualquer

coisa, exceto amarrar cadarços. Poderia existir algum aplicativo para isso também, mas Annabeth ainda não havia encontrado.

Ela sentou em sua cama, usando um dos programas 3D - renderização de Dédalo para estudar um modelo do Partenon em Atenas. Ela sempre desejou visitá-lo, tanto porque amava arquitetura quanto porque era o templo mais famoso de sua mãe.

Agora ela podia realizar seu desejo, se vivesse o tempo suficiente para chegar a Grécia.

Mas quanto mais pensava sobre a Marca de Atena, e as velhas lendas romanas que Reyna havia mencionado, mais nervosa ficava.

Ela não queria, mas recordou a discussão com sua mãe. Mesmo depois de tantas semanas, as palavras ainda voltavam para sua cabeça.

Annabeth se via andando de metrô de volta do Upper East Side depois de visitar a mãe de Percy. Durante esses longos meses quando Percy estava sumido, Annabeth fez a viagem pelo menos uma vez por mês para dar à Sally Jackson e seu marido Paul uma atualização sobre a busca e em parte porque Annabeth e Sally eram necessárias uma para a outra para levantar o astral e se convencerem de que Percy estava ótimo.

A primavera tinha sido especialmente difícil. Até então, Annabeth tinha razões para esperar que Percy estivesse vivo, já que o plano de Hera parecia envolver mandá-lo para o lado romano, mas ela não poderia ter certeza de onde ele estava. Jason tinha lembrado o local de seu acampamento, mais ou menos, mas todas as mágicas dos gregos – mesmo os campistas do chalé de Hécate – não podiam confirmar que Percy estava lá ou em qualquer lugar. Ele parecia ter desaparecido do planeta. Rachel, a Oráculo tentou ler o futuro e, mesmo ela não conseguia ver muito, mas estava certa de que Leo precisava terminar o *Argo II* antes que eles fizessem contato com os romanos.

Mas Annabeth passou cada momento livre vasculhando todas as fontes de quaisquer rumores de que Percy estivesse vivo. Ela havia conversado com os espíritos da natureza, leu lendas sobre Roma, se debruçado em busca de pistas sobre o laptop de Dédalo e gasto centenas de dracmas de ouro para Íris para enviar mensagens para cada espírito amigável, semideus ou monstro que já tivesse conhecido, tudo em vão.

Naquela tarde, voltando da casa de Sally, Annabeth se sentiu ainda mais drenada do que o habitual. Ela e Sally pela primeira vez choraram e tentaram ter esperanças juntas, mas seus nervos estavam desgastados. Finalmente Annabeth pegou a Avenida Lexington até a Estação Grand Central do metrô.

Havia outras maneiras de voltar para seu dormitório do ensino médio a partir do Upper East Side, contudo Annabeth gostava de ir através da Grand Central Terminal. O belo design era um espaço aberto e lembrava o Monte Olimpo. Grandes edifícios a fez sentir-se melhor – talvez porque estar em um lugar tão permanente fazia *ela* sentir-se mais permanente.

Ela tinha acabado de passar pela Doce América, a confeitaria onde a mãe de Percy costumava trabalhar e estava pensando em ir para dentro para comprar alguns doces azuis pelos velhos tempos, quando viu Atena estudar o mapa do metrô na parede.

— Mãe! — Annabeth não podia acreditar.

Ela não tinha visto sua mãe em meses, não desde que Zeus tinha fechado as portas do Olimpo e fora proibida toda a comunicação com semideuses.

Muitas vezes, Annabeth tentou chamar sua mãe de qualquer maneira, pedindo orientação, tentando o envio de oferendas em cada refeição no acampamento. Mas ela não tinha resposta. E aqui estava Atena, vestida de jeans e botas de caminhada e uma camisa xadrez vermelha, seu cabelo

escuro caindo em cascata sobre seus ombros. Ela segurava uma mochila e uma bengala como se estivesse preparada para uma longa viagem.

— Tenho que voltar para casa — Atena murmurou, estudando o mapa. — O caminho é complexo. Queria que Ulisses estivesse aqui. Ele iria entender.

— Mãe! — disse Annabeth. — Atena!

A deusa virou. Ela parecia olhar através de Annabeth sem reconhecimento.

— Esse foi o meu nome — disse a deusa com ar sonhador. — Antes que eles saqueassem minha cidade, pegassem a minha identidade e me fizessem isto — ela olhou para suas roupas com desgosto. — Eu tenho que voltar para casa.

Annabeth recuou em choque.

— Você é... você é Minerva?

— Não me chame assim! — Os olhos cinzentos da deusa queimavam com raiva. — Eu costumava carregar uma lança e um escudo. Segurei a vitória na palma da minha mão. Eu era muito mais do que isso.

— Mamãe. — A voz de Annabeth tremia. — Sou a Annabeth. Sua *filha*.

— Minha filha... — repetiu Atena. — Sim, meus filhos vão me vingar. Eles devem destruir os romanos. *Os horríveis*, desonrosos, imitadores romanos. Hera argumentou que é preciso manter os dois Acampamentos separados. Eu disse: Não, deixe-os lutar. Deixe meus filhos destruir os usurpadores.

Os batimentos cardíacos de Annabeth bateram em seus ouvidos.

— Você queria isso? Mas você é sábia. Deveria entender melhor do que qualquer um.

— Uma vez! — disse a deusa. — Realocado. Saqueado. Pilhado como um troféu e levado para longe da minha pátria amada. Eu perdi tanto. Jurei que nunca iria perdoar. Nem meus filhos perdoariam — ela se concentrou mais de perto sobre Annabeth. — Você é minha filha?

— Sim.

A deusa pescou algo do bolso de sua camisa – uma velha ficha antiga de metrô – e pressionou na mão de Annabeth.

— Siga a Marca de Atena — disse a deusa. — Vingue-me.

Annabeth olhou para a moeda. Enquanto a observava, ela mudou de uma ficha de metrô de Nova York para um antigo dracma de prata, do tipo usado pelos atenienses. Ela tinha uma coruja, animal sagrado de Atena, com um ramo de oliveira de um lado e uma inscrição em grego no outro.

A Marca de Atena.

Na época, Annabeth não tinha ideia o que isso significava. Ela não entendia por que sua mãe estava agindo assim. Minerva ou não, não deveria ser tão confusa.

— Mamãe... — ela tentou fazer o seu tom tão razoável quanto possível. — Percy está sumido. Preciso da sua ajuda — ela começou a explicar o plano de Hera para os unir os dois acampamentos para batalhar em conjunto para derrotar Gaia e os gigantes, mas a deusa bateu o cajado contra o chão de mármore.

— Nunca! — disse a deusa. — Qualquer um que ajuda Roma deve perecer. Se você se juntar a eles, não será uma filha minha. Você terá falhado comigo.

— Mãe!

— Eu não me importo sobre este *Percy*. Se ele passou para o lado dos romanos, que ele pereça. Mate ele. Mate todos os romanos. Encontre a

Marca, siga até sua fonte. Testemunhe como Roma desonrou a mim e prometa a sua vingança.

— Atena não é a deusa da vingança. — Annabeth passava suas unhas em suas palmas da mão. A moeda de prata parecia crescer e ficar cada vez mais quente em sua mão. — Percy é tudo para mim.

— E a vingança é tudo para mim — rosnou a deusa. — Qual de nós é mais sábia?

— Algo está *errado* com você. O que aconteceu?

— Roma aconteceu! — disse a deusa, amargamente. — Veja o que eles fizeram, fazendo de mim uma *Romana*. Eles querem que eu seja sua deusa? Então, deixe-os provar seu próprio mal. Mate-os, criança.

— Não!

— Então, você não é nada — a deusa virou-se para o mapa do metrô. Sua expressão se suavizou, tornando-se confusa e sem foco. — Se eu pudesse encontrar o caminho... O caminho de casa, então talvez... Mas, não. Vingue-me ou deixe-me. Você não é minha filha.

Os olhos de Annabeth piscaram. Pensou em mil coisas horríveis que queria dizer, mas não conseguiu. Ela virou-se e fugiu. Tentou jogar fora a moeda de prata, mas ela simplesmente reaparecia em seu bolso, da mesma forma que contracorrente fazia com Percy. Infelizmente, o dracma de Annabeth não tinha poderes mágicos, pelo menos, em nada de útil. Só deu pesadelos e não importava o que fizesse, não conseguia se livrar do dracma.

Agora, sentado em sua cabine a bordo da *Argo II*, podia sentir a moeda ficar quente em seu bolso. Ela olhou para o modelo do Partenon na tela do computador e pensou na conversa com Atena. Frases que tinha ouvido ao longo dos últimos dias rodaram em sua cabeça: *Amiga talentosa, pronta para sua visitante. Ninguém vai recuperar a estátua. Filha da sabedoria caminha sozinha.*

Ela estava com medo de que finalmente tivesse entendido o que aquilo significava. Rezou aos deuses para que ela estivesse errada.

Uma batida na porta à fez saltar.

Ela esperava que pudesse ser Percy, mas em vez disso Frank Zhang colocou a cabeça dentro da cabine.

— Hã, desculpe — disse ele. — Eu poderia...?

Ela estava tão assustada em vê-lo, que levou um bom tempo para perceber que ele queria entrar.

— Claro — disse ela. — Sim.

Ele entrou, olhando ao redor da cabine. Não havia muito para ver. Na sua mesa havia uma pilha de livros, jornais, uma caneta e um retrato de seu pai pilotando seu avião biplano Sopwith Camel, sorrindo ao fazer um joia com a mão. Annabeth gostava dessa foto.

Ela se lembrava do tempo que ela tinha se sentido mais próxima a ele, quando ele acabou com um exército de monstros usando uma metralhadora de balas de bronze celestial só para protegê-la – o melhor presente que uma menina poderia esperar.

Pendurado em um gancho na parede estava o seu boné dos Yankees de Nova York, seu mais precioso presente de sua mãe. Uma vez que colocado, tinha o poder de deixar a pessoa completamente invisível. Desde a conversa de Annabeth com Atena, o boné tinha perdido sua magia. Annabeth não sabia por que, mas teimosamente trouxe junto na missão. Todas as manhãs ela o experimentava, esperando que ele fosse funcionar de novo.

Até agora, ele só havia servido como um lembrete da ira de sua mãe. Tirando isso, sua cabine estava vazia. Ela manteve-a limpa e simples, o que a ajudava a pensar.

Percy não entendia porque ela sempre conseguia excelentes notas, já que como a maioria dos semideuses, ela tinha TDAH. Quando havia muitas

distrações em seu espaço pessoal, não era capaz de se focar.

— Então... Frank — ela se aventurou. — O que posso fazer por você?

Entre todos no navio, Frank era quem ela pensava que tinha menos propensão a fazer uma visita. Ela não se sentiu menos confusa quando ele corou e puxou as algemas chinesas para fora de seu bolso.

— Eu não gosto de estar no escuro sobre isso — murmurou ele. — Você poderia me mostrar o truque? Eu não me sinto confortável pedindo para qualquer outra pessoa.

Annabeth processou suas palavras com um ligeiro atraso. Espera... Frank estava pedindo ajuda a *ela?* Em seguida, ocorreu-lhe: claro, Frank estava envergonhado. Leo tinha sido muito rígido. Ninguém gostava de ser motivo de piada. Com uma expressão determinada, Frank parecia dizer que não queria que isso acontecesse novamente. Ele queria entender o quebra-cabeça, sem a solução da iguana.

Annabeth se sentiu estranhamente honrada. Frank confiava que ela não iria tirar sarro dele. Além disso, ela tinha um fraco por alguém que estava em busca de conhecimento, até mesmo sobre algo tão simples como algemas chinesas.

Ela deu uma tapinha na cama ao lado dela.

— Claro. Sente-se.

Frank sentou-se na beira do colchão, como se estivesse se preparando para uma fuga rápida. Annabeth pegou o par de algemas Chinesas e os prendeu ao lado de seu computador.

Ela fez uma varredura de infravermelho da chave. Poucos segundos depois, ela tinha um modelo 3D das algemas chinesas e elas apareceram na tela. Ela virou o laptop para que Frank pudesse ver.

— Como você fez isso? — Frank ficou maravilhado.

— Tecnologia de ponta Grega Antiga — disse ela. — Ok, olhe. A estrutura é uma trança biaxial cilíndrico, por isso tem excelente resiliência — ela manipulou a imagem para que fosse espremida dentro e fora como um acordeão. — Quando você colocar os dedos dentro, ele solta. Mas quando você tentar removê-los, a circunferência encolhe a trança que prende e aperta. Não há nenhuma maneira que você possa puxar sem dificuldades.

Frank olhou para ela sem entender.

— Mas qual é a resposta?

— Bem... — ela mostrou-lhe alguns de seus cálculos, como as algemas poderiam resistir rasgando sob uma grande tensão, dependendo do material utilizado na trança. — Surpreendente para uma estrutura de tecido, certo? Médicos os usam para tração e empreiteiros elétricos...

— Hã, mas a resposta?

Annabeth riu.

— Você não luta *contra* as algemas. Você aperta os dedos para dentro, não para fora. Soltando a trança.

— Ah. — Frank tentou. Funcionou. — Obrigado, mas... Você não poderia ter me mostrado apenas na primeira vez, sem o programa 3D e os cálculos?

Annabeth hesitou. Às vezes, a sabedoria vem de lugares estranhos, mesmo de um peixinho adolescente gigante.

— Acho que você está certo. Isso foi bobagem. Aprendi algumas coisas também.

Frank tentou as algemas novamente.

— É fácil quando você sabe a solução.

— Muitas das melhores armadilhas são simples — disse Annabeth. — Você só tem que saber sobre ela e esperar que a sua vítima não saiba.

Frank assentiu. Ele parecia relutante em sair.

— Leo não tem a intenção de ser mau — disse Annabeth. — Ele só tem uma boca grande. Quando pessoas o deixam nervoso, ele usa o humor como uma defesa.

Frank fez uma careta.

— Por que eu iria deixá-lo nervoso?

— Você é o dobro de seu tamanho. Pode se transformar em um dragão. — *E Hazel gosta de você*, pensou Annabeth, mas acabou não dizendo isso.

Frank não parecia convencido.

— Leo pode convocar fogo — ele torceu as algemas. — Annabeth... Em algum outro momento, talvez você poderia me ajudar com um outro problema que não é assim tão simples? Eu tenho... acho que você diria que é um calcanhar de Aquiles.

Annabeth sentia que ela tinha acabado de tomar um copo de chocolate quente romano. Nunca tinha realmente entendido o termo ao *quente e aconchegante*, mas Frank lhe deu essa sensação. Ele era apenas um grande urso de pelúcia. Podia ver por que Hazel gostava dele.

— Eu ficaria feliz — respondeu ela. — Alguém mais sabe sobre este calcanhar de Aquiles?

— Percy e Hazel — disse ele. — É isso. Percy... Ele é um cara legal. Eu o seguiria a qualquer lugar. Pensei que você gostaria de saber.

Annabeth acariciou seu braço.

— Percy tem um talento especial para escolher bons amigos. Gosto de você. Mas, Frank, você pode confiar em todos neste navio. Mesmo Leo. Nós somos todos uma equipe. Temos de confiar um no outro.

— S-sim suponho.

— Então, qual é a fraqueza que você está preocupado?

O sino soou o jantar e Frank pulou.

— Talvez... talvez mais tarde — disse ele. — É difícil de falar. Mas muito obrigado, Annabeth — ele levantou as algemas chinesas. — Mantenha a simplicidade.

XVIII

ANNABETH

Naquela noite, Annabeth dormiu sem pesadelos, o que só a fez ficar desconfortável quando acordou – como a calmaria antes da tempestade.

Leo ancorou o navio em um píer no porto de Charleston, ao lado do paredão. Ao longo da costa havia um distrito histórico com altas mansões, palmeiras e cercas de ferro forjado. Antigos canhões estavam apontados para a água.

No momento em que Annabeth desceu ao convés, Jason, Frank e Leo já haviam ido para o museu. De acordo com o Treinador Hedge, eles prometeram estar de volta ao pôr do sol.

Piper e Hazel estavam prontas para ir, mas antes Annabeth se virou para Percy, que estava encostado na amurada de estibordo, olhando a baía.

Annabeth pegou a mão dele:

— O que você fará enquanto estivermos fora?

— Pular no porto — disse ele casualmente, como qualquer garoto normal diria: *Vou fazer um lanche*. — Quero tentar me comunicar com as nereidas locais. Talvez elas possam me dar algum conselho sobre como libertar os prisioneiros em Atlanta. Além disso, acho que o mar pode ser bom pra mim. Estar naquele aquário fez com que eu me sentisse... Sujo.

Seu cabelo estava preto e emaranhado como de costume, mas Annabeth pensou na mecha de cabelo cinza que ele costumava ter no outro lado. Quando os dois tinham catorze anos, eles se revezaram (involuntariamente) segurando o peso do céu. O esforço deu a ambos alguns cabelos grisalhos. Ao longo do ano passado, enquanto Percy estava desaparecido, as mechas cinzas haviam finalmente desaparecido dos dois, o que deixou Annabeth triste e um pouco preocupada. Ela sentia que havia perdido um vínculo simbólico com Percy.

Annabeth o beijou.

— Boa sorte, Cabeça de Alga. Apenas volte para mim, ok?

— Eu vou — prometeu ele. — E você faça o mesmo.

Annabeth tentou empurrar para baixo sua inquietação crescente.

Ela se virou para Piper e Hazel.

— Certo, senhoras. Vamos encontrar o fantasma da Bateria.

Depois Annabeth desejou ter pulado no porto com Percy. Ela ainda teria preferido um museu de fantasmas.

Não que se importasse de sair com Hazel e Piper. No início, elas tiveram um bom momento andando ao longo da Bateria. De acordo com os sinais, o parque à beira-mar era nomeado de Jardim Ponto Branco. A brisa do oceano varia o calor abafado da tarde de verão, e era agradavelmente fresco sob as sombras das araucárias. Ao redor da estrada estavam velhos canhões da Guerra Civil e estatuas de bronze de figuras históricas, o que fez

Annabeth estremecer. Ela pensou nas estatuas em Nova York durante a Guerra dos Titãs, que tomaram vida graças à sequência de comando vinte e três de Dédalo. Ela questionou quantas outras estatuas ao redor do país eram secretamente autônomas, esperando para serem acionadas.

O Porto Charleston brilhava ao sol. De norte a sul, faixas de terra esticavam seus braços como que se encerrassem a baia e situada na entrada do porto, cerca de dois quilômetros fora, estava uma ilha com um forte de pedra. Annabeth tinha a vaga lembrança de que aquele forte tinha sido importante na Guerra Civil, mas não gastou muito tempo pensando nisso.

Na maior parte do tempo respirava o ar do mar e pensava em Percy. Que os deuses não deixassem que ela tivesse de romper com ele. Ela nunca seria capaz de visitar o mar novamente sem lembrar-se de seu coração partido. Ficou aliviada quando elas se afastaram do paredão e exploraram o lado interior do jardim.

O parque não estava cheio. Annabeth imaginou que a maioria dos habitantes havia saído nas férias de verão ou estavam escondidos em casa fazendo a *sesta*. Elas passearam pela Rua South Battery, que era revestida com mansões coloniais de quatro andares. As paredes de tijolos estavam cobertas com hera. As fachadas tinham exorbitantes colunas brancas, como nos templos romanos. Os jardins estavam repletos de rosas, madressilvas e floração buganvília. Parecia que Deméter tinha definido o *timer* em todas as plantas crescerem a várias décadas atrás e então esquecido de voltar para checá-las.

— Meio que me lembra de Nova Roma — disse Hazel. — Todas as grandes mansões e os jardins. As colinas e os arcos.

Annabeth assentiu. Ela se lembrava de ler como o Sul tinha se comparado a Roma antes da Guerra Civil. Nos dias antigos, a sociedade era

toda sobre arquitetura, honra e códigos de cavalaria. E do lado ruim, também havia a escravidão.

Roma tinha escravos, alguns sulistas argumentaram, *então porque não podemos ter também?*

Annabeth estremeceu. Ela amava a arquitetura ali. As casas e os jardins eram muito bonitos, bastante romano. Mas se questionou por que coisas bonitas tinham de estar envolvidas com histórias do mal. Ou seria o contrário? Talvez para histórias do mal serem feitas fosse necessário construir coisas bonitas, para mascarar os aspectos sombrios.

Ela balançou a cabeça. Percy iria odiar ela ficando tão filosófica. Se tentasse falar com ele sobre coisas assim, os olhos dele ficariam vidrados.

As outras garotas não diziam muito.

Piper ficava olhando em volta como se esperasse uma emboscada. Havia dito que viu esse parque na lâmina da sua faca, mas não quis continuar. Annabeth achava que ela estava com medo. Afinal, da última vez em que tentou interpretar uma visão da faca, Percy e Jason quase se mataram no Kansas.

Hazel também parecia preocupada. Talvez apenas estivesse absorvendo os arredores ou talvez estivesse preocupada com o seu irmão. Em menos de quatro dias, a menos que o encontrassem e o libertasse, Nico estaria morto.

Annabeth também sentia esse prazo nela. Sempre teve uma mistura de sentimentos sobre Nico di Angelo. Suspeitava que ele tivesse uma queda por ela desde que resgatou ele e sua irmã mais velha, Bianca, da academia militar em Maine, mas Annabeth nunca sentiu nenhuma atração por Nico. Havia uma escuridão nele que a deixava desconfortável.

Ainda assim, se sentia responsável por ele. Quando se conheceram, nenhum deles sabia da sua meia-irmã, Hazel. Na época, Bianca era a única família viva de Nico.

Quando ela morreu, Nico se tornou um órfão sem teto, vagando pelo mundo sozinho.

Annabeth podia entender isso.

Ela estava tão imersa em pensamentos, que poderia ter andado ao redor do parque para sempre, mas Piper agarrou seu braço.

— Ali — ela apontou para o porto. A cem metros dali, uma figura branca cintilante flutuava sobre a água. De primeira, Annabeth pensou que poderia ser uma boia ou um pequeno bote refletindo a luz do sol, mas definitivamente estava brilhando e se movia de forma mais suave do que um bote, fazendo uma linha reta em direção a elas. Quando chegou mais perto, Annabeth conseguia dizer que era a figura de uma mulher.

— O fantasma — disse ela.

— Isso não é um fantasma — disse Hazel. — Nenhum tipo de espírito brilha tão intensamente.

Annabeth decidiu aceitar a palavra dela para isso. Ela não conseguia imaginar ser Hazel, morrer tão jovem e voltar do Mundo Inferior, sabendo mais sobre a morte do que da vida.

Como se estivesse em transe, Piper atravessou a rua em direção à borda do paredão, evitando por pouco uma carruagem puxada por cavalos.

— Piper! — chamou Annabeth.

— É melhor nós a seguirmos — disse Hazel.

No momento em que Annabeth e Hazel a alcançaram, a aparição fantasmagórica estava apenas a alguns metros de distância.

Piper a encarou como se a visão a ofendesse.

— *É ela* — resmungou Piper.

Annabeth olhou para o fantasma, mas brilhou muito intensamente para ver os detalhes. Então a aparição flutuou até o paredão e parou em frente a elas. O brilhou desapareceu.

Annabeth engasgou. A mulher era bela e estranhamente familiar. Era difícil descrever a sua face. Suas feições pareciam mudar das de uma glamorosa estrela de cinema para outra.

Seus olhos brilhavam de brincadeira – às vezes verde, azul ou âmbar. Seu cabelo mudou de loiro reto longo para cachos chocolates escuro.

Annabeth ficou instantaneamente com ciúmes. Ela sempre desejou ter o cabelo escuro. Sentia que ninguém a levava a sério por ser loira. Tinha de trabalhar o dobro para obter reconhecimento como uma estrategista, uma arquiteta, conselheira-chefe – qualquer coisa que tivesse a ver com cérebro.

A mulher estava vestida como uma *belle* do Sul, assim como Jason havia descrito. O vestido tinha um corpete de seda rosa decotado. Ela usava luvas altas de seda e mantinha um leque rosa e branco emplumado no peito.

Tudo nela parecia calculado para fazer Annabeth se sentir inadequada: a graça com que ela usava o vestido, a *maquiagem* perfeita, mas discreta, o jeito com que irradiava charme feminino que nenhum homem poderia resistir.

Annabeth percebeu que seu ciúme era irracional. A mulher que a fazia se sentir dessa forma. Ela tivera essa experiência antes. Reconheceu a mulher, apesar de seu rosto mudar a cada segundo, tornando-se mais e mais bonita.

— Afrodite — disse ela.

— Vênus? — Hazel perguntou surpresa.

— Mãe — Piper disse, sem nenhum entusiasmo.

— Meninas! — A deusa estendeu os braços como se quisesse um abraço em grupo. As três semideusas não condescenderam. Hazel se apoiou em uma palmeira.

— Eu estou tão contente que você está aqui — disse Afrodite. — A guerra está chegando. O derramamento de sangue é inevitável. Então há

apenas uma coisa a se fazer.

— Hã... E isso seria...? — Annabeth atreveu-se.

— Tomar chá e conversar, obviamente. Venham comigo!

Afrodite sabia como fazer chá.

Ela as conduziu ao pavilhão central nos jardins – um gazebo de pilares brancos, onde uma mesa estava posta com talheres, copos de porcelana e, claro, um bule fumegante de chá, a fragrância mudava tão facilmente quanto à aparência de Afrodite – às vezes canela, às vezes jasmim, às vezes menta. Havia pratos de bolinhos, biscoitos e muffins, manteiga fresca e geleia – todos eles, Annabeth notou, eram incrivelmente gordurosos, a não ser é claro, que você fosse a deusa imortal do amor.

Afrodite sentou-se em uma cadeira de pavão de vime. Ela serviu o chá e os bolos sem ficar com uma única mancha em suas roupas, sua postura perfeita, seu sorriso deslumbrante.

Annabeth a odiava cada vez mais desde que se sentaram.

— Ah, minhas queridas garotas — disse a deusa. — Eu amo Charleston! Os casamentos que eu já assisti neste gazebo... trazem lágrimas aos meus olhos. E os elegantes bailes nos dias do Sul antigo. Ah, eles eram encantadores. Muitas dessas mansões ainda têm estatuas minhas em seus jardins, embora eles me chamassem de Vênus.

— Qual é você? — perguntou Annabeth. — Afrodite ou Vênus?

A deusa tomou um gole de chá. Seus olhos brilhavam maliciosamente.

— Annabeth Chase, você cresceu e se tornou uma jovem bastante bonita. Mas você realmente deveria fazer algo com o seu cabelo. E, Hazel Levesque, suas roupas.

— Minhas roupas? — Hazel olhou para o jeans amassado, não autoconsciente, mas confusa, como se não conseguisse imaginar o que estava

de errado com eles.

— Mãe! — disse Piper. — Você está me envergonhando.

— Eu não vejo o porquê — disse a deusa. — Só porque *você* não aprecia minhas dicas de moda, Piper, não significa que os outros também não vão gostar. Eu poderia fazer uma rápida reforma em Annabeth e Hazel, talvez vestidos de seda como o meu.

— Mãe!

— Tudo bem. — Afrodite suspirou. — Respondendo a sua pergunta, Annabeth, eu sou *tanto* Afrodite quanto sou Vênus. Ao contrário de muitos dos meus companheiros olimpianos, eu praticamente não mudei de uma época para outra. Na verdade, gosto de pensar que não envelheci nem um pouco — seus dedos se agitaram ao redor do seu rosto apreciativo. — O amor é o amor, afinal de contas, se você é grego ou romano. Esta guerra civil não me afetou tanto quanto afetou aos outros.

Maravilha, pensou Annabeth. Sua própria mãe, a olimpiana mais equilibrada, havia sido reduzida a uma delirante, uma cabeça de vento viciada em uma estação de metrô. E de todos os deuses que poderia ajudá-los, os únicos que não foram afetados pela desconfiança Greco-Romana pareciam ser Afrodite, Nêmesis e Dioniso. Amor, vingança e vinho. Muito útil.

Hazel mordiscou um biscoito de açúcar.

— Nós não estamos em guerra ainda, minha senhora.

— Ah, querida Hazel. — Afrodite dobrou seu leque. — Tanto otimismo, ainda que você tenha de passar por dias angustiantes. É *claro* que a guerra está chegando. Amor e guerra sempre andam juntos. Eles são os picos das emoções humanas! O mal e o bem, a feiura e a beleza.

Ela sorriu para Annabeth, como se soubesse o que Annabeth tinha pensado antes sobre o sul do país.

Hazel largou o seu biscoito de açúcar. Ela tinha algumas migalhas em seu queixo e Annabeth gostou do fato de Hazel não saber ou não se importar.

— O que você quer dizer — perguntou Hazel. — Com dias angustiantes?

A deusa riu como se Hazel fosse um filhote bonitinho.

— Bem, Annabeth poderia lhe dar alguma ideia. Certa vez, prometi fazer sua vida amorosa interessante. Não prometi?

Annabeth quase quebrou a alça da sua xícara de chá. Por anos, o seu coração havia sido torturado. Primeiro havia Luke Castellan, sua primeira paixão, que apenas a viu como uma irmã mais nova, então ele se tornou mau e resolveu que gostava dela logo antes de morrer. Em seguida veio Percy, que era irritante, mas fofo, mas ele parecia gostar de outra garota chamada Rachel, e depois ele quase morreu, várias vezes. Finalmente Annabeth tinha Percy para si, apenas para vê-lo desaparecer por seis meses e perder sua memória.

— Interessante — Annabeth disse — é uma forma suave de colocar a questão.

— Bem, não posso levar o crédito por *todos* os seus problemas — disse a deusa. — Mas amo reviravoltas e mais reviravoltas em uma história de amor. Ah, todas vocês são histórias tão maravilhosas, eu digo, garotas. Vocês me deixam orgulhosa!

— Mãe — Piper disse — há uma razão para que você esteja aqui?

— Hmm? Ah, você quer dizer além do chá? Eu sempre venho aqui. Amo a vista, a atmosfera, você pode sentir o cheiro de romance e corações partidos no ar, você não pode? Séculos disso...

Ela apontou para uma mansão próxima.

— Vê aquela sacada na cobertura? Tivemos uma festa lá na noite em que a Guerra Civil começou. O bombardeio de Forte Sumter.

— É isso — lembrou Annabeth. — A ilha no porto. Foi ali que aconteceu o primeiro combate da Guerra Civil. Os confederados bombardearam as tropas da União e tomaram o forte.

— Ah, que festa! — disse Afrodite. — Um quarteto de cordas e todos os homens em seus elegantes novos uniformes de oficiais. Os vestidos das mulheres... vocês deviam ter visto! Eu dancei com Ares... ou teria sido Marte? Receio que estivesse um pouco tonta. E as belas rajadas de luz sobre o porto, o rugido dos canhões dando aos homens uma desculpa para botar seus braços em volta das suas namoradas assustadas!

O chá da Annabeth estava frio. Ela não havia comido nada, mas sentiu que como se fosse vomitar.

— Você está falando sobre o início da guerra mais sangrenta na história dos Estados Unidos. Mais de seiscentas mil pessoas morreram... mais americanos do que na Primeira e Segunda Guerra juntas.

— E as bebidas! — continuou Afrodite. — Ah, eles eram divinos. General Beauregard fez uma aparição. Ele era um canalha. Estava com sua segunda mulher, então, mas você devia ter visto a forma como ele olhou para Lisbeth Cooper.

— Mãe! — Piper jogou seu bolinho aos pombos.

— Sim, minhas desculpas — disse a deusa. — Para encurtar a história, estou aqui para ajudar vocês garotas. Duvido que vocês vão ver muito Hera. Sua pequena busca dificilmente fez dela bem-vinda na sala do trono. E outros deuses estão bastante indispostos, como vocês sabem, divididos entre seus lados gregos e romanos. Alguns mais do que outros. — Afrodite fixou o olhar em Annabeth. — Suponho que você disse aos seus amigos sobre a sua briga com a sua mãe?

O calor subia às bochechas de Annabeth. Piper e Hazel a olharam curiosamente.

— Uma briga? — perguntou Hazel.

— Uma discussão — disse Annabeth. — Não é nada.

— Nada! — disse a deusa. — Bem, eu não sei sobre isso. Atena foi a mais Grega das deusas. A patrona de Atenas, depois de tudo. Quando os romanos a tomaram... Ah, eles adotaram Atena de certo modo. Ela se tornou Minerva, a deusa do artesanato e da inteligência. Mas os romanos tinham outros deuses da guerra que estavam mais ao seu gosto, mas confiantemente romanos... como Belona...

— A mãe de Reyna — resmungou Piper.

— Sim, de fato — concordou a deusa. — Eu tive uma encantadora conversa com Reyna um tempo atrás, bem aqui nesse parque. E os romanos tinham Marte, é claro. E depois houve Mitra, que nem era devidamente grego ou romano, mas os legionários estavam loucos com o seu culto. Eu, pessoalmente, sempre o achei grosseiro e terrivelmente *nouveau dieu*. De qual forma, os romanos estavam muito afastados da pobre Atena. Eles tiraram a maioria de sua importância militar. Os gregos nunca perdoaram os romanos por tal insulto. Nem Atena.

Os ouvidos de Annabeth zumbiam.

— A Marca de Atena — disse ela. — Isso leva a uma estátua, não é? Ela conduz... Para *a* estátua.

Afrodite sorriu.

— Você é inteligente como a sua mãe. Porém, entenda, seus irmãos, os filhos de Atena, procuram há séculos. Ninguém conseguiu recuperar a estátua. Enquanto isso, eles vêm mantendo viva a rixa dos gregos com os romanos. Toda guerra civil... Tanto derramamento de sangue e sofrimento... Foi orquestrada na maioria por crianças de Atena.

— Isso é... — Annabeth queria dizer impossível, mas se lembrou das palavras amargas de Atena na Estação Grand Central, o ódio queimando em seus olhos.

— Romântico? — Afrodite ofereceu. — Sim, eu acho que é.

— Mas... — Annabeth tentou limpar a névoa de seu cérebro. — A Marca de Atena, como é que funciona? É uma série de pistas ou um conjunto se rastros de Atena...

— Hmm. — Afrodite olhou educadamente entediada. — Eu não poderia dizer. Não acho que Atena criou a Marca conscientemente. Se soubesse onde está a sua estátua, ela poderia simplesmente lhe dizer onde encontrá-la. Não... acho que a Marca é como um rastro de migalhas de pão espiritual. É a conexão entre a estátua e os filhos da deusa. A estátua quer ser encontrada, veja, mas só pode ser libertada pelo mais digno.

— E por séculos — Annabeth disse — ninguém conseguiu.

— Espera — disse Piper. — De que *estátua* estamos falando?

A deusa riu.

— Ah, eu tenho certeza de que Annabeth pode informá-la sobre isso. De qualquer forma, a pista de que você precisa está perto: um tipo de mapa, deixado pelos filhos de Atena em 1861... uma recordação que terá início no seu caminho, uma vez que chegar a Roma. Mas, como você disse, Annabeth Chase, ninguém foi bem-sucedido em seguir a Marca de Atena até o fim. Lá você encontrará o seu pior medo... o medo de todo filho de Atena. E mesmo se sobreviver, como usará a sua recompensa? Para a guerra ou para a paz?

Annabeth estava feliz pela toalha de mesa, porque por debaixo da mesa, suas pernas tremiam.

— Este mapa. — disse ela. — Onde está?

— Gente! — Hazel apontou para o céu.

Circulando acima das palmeiras estavam duas águias gigantes. Mais acima, mas descendo rapidamente havia uma carruagem puxado por pégasos. Aparentemente a diversão de Leo com Buford, o fim da mesa, não funcionou – ao menos não por muito tempo.

Afrodite espalhou manteiga em um muffin, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Ah, o mapa está no Forte Sumter, é claro — ela apontou a faca na direção da ilha na frente do porto. — Parece que os romanos chegaram para impedi-los. Eu voltaria depressa para o seu navio, se fosse você. Gostaria de alguns bolinhos de chá para viagem?

XIX

ANNABETH

Elas não conseguiram chegar ao navio.

Do outro lado do cais, três águias gigantes desceram na frente delas. Cada comandante romano com roupas em roxo brilhante, armadura de ouro, espada e escudo. Águias voavam, e o romano do meio, que parecia era mais magrelo do que os outros, levantou a viseira.

— Renda-se a Roma! — gritou Octavian.

Hazel chamou sua espada de cavalaria e resmungou:

— Sem chance, Octavian.

Annabeth amaldiçoou sob sua respiração. Por si mesmo, o áugure magro não teria a incomodado, mas os outros dois caras pareciam ser experientes guerreiros muito maiores e mais fortes do que Annabeth gostaria, especialmente porque Piper e ela estavam armadas apenas com adagas.

Piper levantou as mãos em um gesto apaziguador.

— Octavian, o que aconteceu no acampamento... Nós podemos explicar.

— Não posso ouvir você! — gritou Octavian. — Temos cera em nossos ouvidos – é nosso procedimento padrão ao lutar com sereias malignas. Agora, joguem para baixo suas armas e se virem lentamente para que eu possa prender suas mãos.

— Deixe-me espetá-lo — murmurou Hazel. — Por favor.

O navio estava apenas cinquenta metros de distância, mas Annabeth não viu nenhum sinal do Treinador Hedge no convés. Provavelmente estava assistindo seus estúpidos programas de artes marciais. O grupo de Jason não estaria de volta até o anoitecer e Percy estava debaixo d´água, sem saber da invasão. Se Annabeth pudesse subir a bordo, poderia usar as balistas, mas não havia maneira de contornar estes três romanos. Ela estava correndo contra o tempo. As águias circulavam acima, gritando como se estivesse alertando para seus irmãos: *Ei, tem alguns semideuses gregos mais saborosos aqui!* Annabeth não podia mais ver a carruagem voadora, porém assumiu que estavam por perto. Ela tinha que descobrir algo antes que mais romanos chegassem.

Ela precisava de ajuda... Algum tipo de sinal de socorro para o Treinador Hedge, ou ainda melhor, Percy.

— Bem? — perguntou Octavian.

Seus dois amigos brandindo suas espadas.

Muito lentamente, usando apenas dois dedos, Annabeth puxou sua adaga. Em vez de deixá-la cair, ela jogou tão longe quanto podia para a água.

Octavian fez um som chiado.

— O que foi isso? Eu não disse para lançá-lo! Poderia ter sido evidência. Ou despojos de guerra!

Annabeth tentou um sorriso loira-burra, como: *Ah, não me diga*. Ninguém que a conhecia seria enganado. Mas Octavian parecia comprá-lo.

Ele bufou, irritado.

— Vocês duas... — Ele apontou sua lâmina para Hazel e Piper. — Coloquem suas armas no chão...

Não foi necessário.

Todo o porto de Charleston ao redor dos romanos explodiu como uma fonte em Las Vegas durante um show. Quando a parede de água do mar baixou, os três romanos estavam na baía, cuspindo e freneticamente tentando se manter boiando em sua armadura.

Percy estava no cais, segurando a adaga de Annabeth.

— Você deixou cair isso — disse ele, com uma expressão totalmente poker face.

Annabeth jogou os braços ao redor dele.

— Eu te amo!

— Gente — interrompeu Hazel, sorrindo. — Nós precisamos nos apressar.

Lá embaixo, na água, Octavian gritou:

— Tirem-me daqui! Eu vou matar você!

— Tentador — disse Percy falando baixo.

— O quê? — gritou Octavian. Ele estava segurando um de seus guardas, que estava tendo problemas em mantê-los tanto à tona.

— Nada! — Percy gritou de volta. — Vamos, gente.

Hazel franziu a testa.

— Nós não podemos deixá-los se afogar, podemos?

— Eles não vão — prometeu Percy. — Fiz com que a água circule em torno de seus pés. Logo que estivermos fora de alcance, eu vou cuspi-los para a praia.

Piper sorriu.

— Legal.

Eles subiram a bordo da *Argo II* e Annabeth correu para o leme.

— Piper, fique embaixo. Use o leme para mandar uma mensagem de Íris. Avise Jason para voltar aqui!

Piper assentiu e saiu correndo.

— Hazel, encontre o Treinador Hedge e diga-lhe para vir com seu traseiro peludo ao convés!

— Certo!

— E Percy, você e eu precisamos levar este navio para Forte Sumter.

Percy assentiu e correu para o mastro. Annabeth assumiu o comando. Suas mãos voaram através dos controles. Ela só esperava que soubesse o suficiente para operá-los. Annabeth tinha visto Percy controlando navios de vela antes apenas com sua força de vontade. Ele não decepcionou – cordas voaram por conta própria, liberando os laços da doca, recolhendo a âncora. As velas abriram e pegaram o vento. Enquanto isso, Annabeth ligou o motor. Os remos se estenderam com um som como fogo de metralhadora, e virou o *Argo II* da doca, indo para a ilha à distância.

As três águias ainda circulavam acima, mas não fizeram nenhuma tentativa para pousar no navio, provavelmente porque a figura de Festus soprava fogo sempre que chegavam perto. As águias voavam em formação em direção a Forte Sumter, pelo menos uma dúzia. Se cada um deles carregava um semideus romano, eram muitos inimigos.

Treinador Hedge veio batendo as escadas com Hazel em seus cascos.

— Onde eles estão? — perguntou ele. — Quem eu devo matar?

— Não deve matar! — ordenou Annabeth. — Apenas defenda o navio!

— Mas eles interromperam um filme do Chuck Norris!

Piper emergiu de baixo do convés.

— Recebi uma mensagem de Jason. Estranho, mas ele já está a caminho. Deve estar... ah! Ali!

Sobrevoando a cidade, em sua direção, vinha uma águia gigante careca, diferente dos outros pássaros romanos.

— Frank! — disse Hazel.

Leo estava segurando o pé da águia e até mesmo do navio, Annabeth podia ouvir seus gritos e xingamentos.

Atrás deles Jason voava, cavalgando o vento.

— Nunca vi Jason voar antes — resmungou Percy. — Ele parece um Superman loiro.

— Não é hora para isso! — Piper repreendeu. — Olha, eles estão em apuros!

Com certeza, a carruagem voadora Romana tinha descido de uma nuvem e estava mergulhando em linha reta em direção a eles. Jason e Frank desviaram do caminho, arremetendo para cima para evitarem ser pisoteados pelo pégaso. Os cocheiros dispararam seus arcos e flechas assobiaram sob os pés de Leo, o que o levou a mais gritos e xingamentos. Jason e Frank foram forçados a ultrapassar o *Argo II* e voar em direção a Forte Sumter.

— Eu vou pegá-los! — gritou o Treinador Hedge.

Ele girou a porta da balista. Antes que Annabeth pudesse gritar: "Não seja estúpido!" Hedge se foi. O lança chamas disparou em direção a carruagem. Ele explodiu sobre as cabeças dos pégasos e os colocou em pânico. Infelizmente, também havia chamuscado as asas de Frank e o colocou fora de controle. Leo escorregou de suas garras. A carruagem disparou em direção a Forte Sumter, batendo em Jason.

Annabeth assistiu com horror quando Jason, obviamente tonto e com dor se lançou para Leo e o pegou, então se esforçou para ganhar altitude. Ele só conseguiu retardar sua queda. Eles desapareceram por trás das muralhas do forte. Frank caiu depois deles. Em seguida, a carruagem caiu

em algum lugar dentro do forte e colidiu com um *CRACK!*, um som que parecia um osso rachando. Uma roda quebrada girou pelo ar.

— Treinador! — gritou Piper.

— O quê? — perguntou Hedge. — Foi apenas um tiro de aviso!

Annabeth acelerou os motores. O casco estremeceu como eles ganharam velocidade. As docas da ilha estavam a apenas uma centena de metros de distância, mas mais de uma dúzia de águias estavam subindo, sobrecarregadas, cada uma carregando um semideus romano em suas garras.

A tripulação do *Argo II* estaria desvantagem de pelo menos três para um.

— Percy — Annabeth disse — vamos ter dificuldade para entrar. Eu preciso de você para controlar a água e para não se chocar contra as docas. Uma vez que estivermos lá, você vai ter que segurar os atacantes. O resto de vocês ajudem-no a proteger o navio.

— Mas... Jason! — disse Piper.

— Frank e Leo! — acrescentou Hazel.

— Vou encontrá-los — prometeu Annabeth. — Tenho que descobrir onde o mapa está. E tenho certeza de que sou a única pessoa que pode fazer isso.

— O forte está cheio de romanos — Percy advertiu. — Você vai ter que lutar com eles em seu caminho, encontrar nossos amigos, supondo que eles estejam bem, depois encontrar este mapa e trazer todos de volta vivos. Tudo em um único dia?

— Apenas um dia comum. — Annabeth beijou-o. — Faça o que fizer, não os deixe tomar este navio!

XX

ANNABETH

A nova Guerra Civil tinha começado.

Leo tinha de alguma forma escapado ileso da queda. Annabeth o viu esquivando e atirando fogo nas águias gigantes que desciam sobre ele.

Semideuses romanos tentaram persegui-lo, tropeçando sobre pilhas de balas de canhão e esquivando-se de turistas, que gritavam e corriam em círculos.

Guias turísticos gritavam:

— É apenas uma encenação! — Apesar de não soarem seguros. A Névoa só mudava um pouco o que os mortais viam.

No meio do pátio, um elefante adulto – poderia ser Frank? – causava tumultos em torno dos mastros, dispersando guerreiros romanos. Jason estava à cerca de cinquenta metros de distância, numa luta de espadas com um centurião gordo cujos lábios foram manchados de vermelho-cereja, como sangue. Um falso vampiro ou talvez uma aberração de suco?

Enquanto Annabeth assistia, Jason gritou:

— Desculpe por isso, Dakota!

Ele saltou em linha reta sobre a cabeça do centurião como um acrobata e bateu o punho de seu gládio na parte de trás da cabeça do romano. Dakota dobrou-se.

— Jason! — chamou Annabeth.

Ele examinou o campo de batalha até que a viu.

Ela apontou para onde o *Argo II* foi ancorado.

— Mande os outros a bordo! Recue!

— E você? — chamou ele.

— Não espere por mim!

Annabeth fugiu antes que ele pudesse protestar.

Foi um pouco difícil para manobrar através das multidões de turistas. Por que tantas pessoas queriam ver Forte Sumter em um dia de verão escaldante? Mas Annabeth rapidamente percebeu que as multidões estavam salvando suas vidas. Sem o caos de todos esses mortais em pânico, os romanos já teriam cercado a sua equipe em inferioridade numérica.

Annabeth se enfiou em uma pequena sala que deve ter sido parte da guarnição. Ela tentou normalizar a respiração. Imaginou como seria um soldado da União nesta ilha em 1861. Cercado por inimigos. Alimentos e suprimentos cada vez mais escassos, sem reforços chegando.

Alguns dos defensores da União tinham sido filhos de Atena. Eles tinham escondido um mapa importante aqui, algo que não queriam que caísse em mãos inimigas. Se Annabeth tivesse sido um daqueles semideuses, onde ela o teria colocado?

De repente, as paredes brilharam. O ar tornou-se quente. Annabeth perguntou se ela estava tendo alucinações. Estava prestes a correr para a

saída quando a porta se fechou. A argamassa entre as pedras empolou. As bolhas estouraram e milhares de pequenas aranhas negras incharam adiante.

Annabeth não conseguia se mover. Seu coração parecia ter parado. As aranhas cobriram as paredes, rastejando umas sobre as outras, espalhando-se pelo chão e gradualmente em torno dela. Isso era impossível. Não podia ser real.

O terror mergulhou-a em memórias. Ela tinha sete anos de novo, sozinha em seu quarto em Richmond, Virginia. As aranhas vieram à noite. Elas rastejaram em ondas saindo de seu armário e esperaram nas sombras. Ela gritou por seu pai, mas o pai estava fora para o trabalho. Parecia estar sempre longe para o trabalho.

Sua madrasta entrou em seu lugar.

Eu não me importo de ser a policial má, ela disse uma vez para o pai de Annabeth, quando não achava que Annabeth pudesse ouvir.

É apenas a sua imaginação, sua madrasta disse sobre as aranhas. *Você está assustando seus irmãozinhos.*

Eles não são meus irmãos, argumentou Annabeth, o que fez a expressão de sua madrasta endurecer. Seus olhos eram quase tão assustadores como as aranhas.

Vá dormir agora, insistiu sua madrasta. *Sem mais gritos*.

As aranhas voltaram assim que a madrasta saiu do quarto. Annabeth tentou se esconder debaixo das cobertas, mas não fazia nenhum bem. Eventualmente, ela dormia de exaustão.

Ela acordava de manhã, sardenta com mordidas, teias de aranha cobrindo seus olhos, boca e nariz.

As mordidas desapareciam antes mesmo dela se vestir, então ela não tinha nada para mostrar a sua madrasta exceto teias de aranha, o que sua madrasta pensava ser algum tipo de truque.

Sem mais conversa sobre aranhas, a madrasta disse com firmeza. *Você é uma menina grande agora.*

Na segunda noite, as aranhas vieram novamente. Sua madrasta continuou a ser a policial má.

Annabeth não tinha permissão para chamar seu pai e incomodá-lo com este absurdo. Não, ele não iria chegar em casa cedo.

Na terceira noite, Annabeth fugiu de casa.

Mais tarde, no Acampamento Meio-Sangue, aprendeu que todas as crianças de Atena temiam aranhas. Há muito tempo, Atena tinha ensinado a tecelã mortal Aracne uma lição difícil a amaldiçoando, por causa de seu orgulho, transformando-a na primeira aranha. Desde então, as aranhas odiavam os filhos de Atena.

Mas isso não fez o seu medo ser mais fácil de lidar. Uma vez, ela quase matou Connor Stoll no acampamento por colocar uma tarântula em sua cama. Anos mais tarde, teve um ataque de pânico em um parque aquático em Denver, quando Percy e ela foram atacados por aranhas mecânicas. E nestas últimas semanas, Annabeth tinha sonhado com aranhas quase todas as noites rastejando sobre ela, sufocando-a, envolvendo-a em teias.

Agora, de pé no quartel de Forte Sumter, estava cercada. Seus pesadelos viraram realidade. Uma voz sonolenta murmurou em sua cabeça: *Em breve, minha querida. Você vai conhecer a tecelã, em breve.*

— Gaia? — murmurou Annabeth. Ela temia a resposta, mas ela perguntou — Quem... quem é a tecelã?

As aranhas ficaram animadas, fervilhando sobre as paredes, girando em torno dos pés de Annabeth como uma hidromassagem negra. Somente a esperança de que poderia ser uma ilusão mantinha Annabeth de desmaiar de medo.

Eu espero que você sobreviva, criança, disse a voz da mulher. *Eu prefiro você como meu sacrifício. Mas devemos deixar que a tecelã vingue-se...*

A voz de Gaia desapareceu. Na parede do fundo, no centro do enxame de aranha, um símbolo vermelho veio à vida: a figura de uma coruja como a do dracma de prata, olhando diretamente para Annabeth. Então, assim como em seus pesadelos, a Marca de Atena queimou nas paredes, incinerando as aranhas até que a sala estava vazia, exceto pelo doce cheiro de cinzas doentio.

Vá, disse uma nova voz – a mãe de Annabeth. *Vingue-me. Siga a Marca.*

O símbolo ardente da coruja desapareceu. A porta da guarnição abriu-se. Annabeth ficou atordoada no meio da sala, sem saber se tinha visto algo real ou apenas uma visão.

Uma explosão sacudiu o edifício. Annabeth lembrou-se que seus amigos ainda estavam em perigo. Ela ficou ali muito tempo.

Forçou-se a se mover. Ainda tremendo, tropeçou para fora. O ar do oceano ajudou a clarear a sua mente. Ela observou o pátio – passando turistas em pânico e semideuses guerreando – para a borda das ameias, onde um grande morteiro apontava para o mar.

Poderia ter sido imaginação de Annabeth, mas a velha peça de artilharia parecia estar brilhando vermelha. Ela correu em direção a ela. Uma águia voou para ela, mas ela se abaixou e continuou a correr. Nada poderia assustá-la tanto quanto aquelas aranhas.

Semideuses romanos formaram fileiras e foram avançando para o *Argo II*, mas uma tempestade em miniatura se reuniu sobre suas cabeças. Embora o dia estivesse claro ao redor deles, um trovão soou e relâmpagos brilharam acima dos romanos. Chuva e vento empurraram eles para trás.

Annabeth não parou para pensar sobre isso.

Chegou ao morteiro e colocou a mão sobre a boca da arma. Na ficha que bloqueava a abertura, a Marca de Atena começou a esboçar o brilho vermelho de uma coruja.

— No morteiro — disse ela. — É claro.

Ela arrancou a tampa com os dedos. Sem sorte. Amaldiçoando, tirou sua adaga. Logo que o bronze celestial tocou a tampa, ela encolheu-se e soltou-se. Annabeth arrancou-a e enfiou a mão dentro do canhão.

Seus dedos tocaram algo frio, suave de metal. Ela tirou um pequeno disco de bronze do tamanho de um pires de chá, gravado com letras delicadas e ilustrações. Decidiu examiná-lo mais tarde. Ela colocou em sua mochila e se virou.

— Com pressa? — perguntou Reyna.

A pretora estava a dez metros de distância, com armadura de batalha completa, segurando uma lança de ouro. Seus dois galgos de metal rosnaram ao seu lado.

Annabeth analisou a área. Estava mais ou menos sozinha. A maior parte do combate tinha movido para as docas. Esperava que seus amigos tivessem embarcado, mas eles teriam que zarpar imediatamente ou teriam risco de serem invadidos. Annabeth precisava se apressar.

— Reyna — disse ela — o que aconteceu no Acampamento Júpiter foi culpa de Gaia. Eidolons, espíritos de possessão...

— Guarde suas explicações — disse Reyna. — Você vai precisar delas para o julgamento.

Os cães rosnaram e avançaram para frente. Desta vez, eles não pareceram se importar que Annabeth estivesse dizendo a verdade. Ela tentou pensar em um plano de fuga. Duvidava que pudesse aguentar Reyna em combate corpo-a-corpo. Com esses cães de metal, ela não tinha chance alguma.

— Se você deixar Gaia separar nossos acampamentos — Annabeth disse — os gigantes ganharão. Eles vão destruir os romanos, os gregos, os deuses, todo o mundo mortal.

— Você não acha que eu sei disso? — a voz de Reyna estava dura como ferro. — Que escolha você me deixou? Octavian quer sangue. Ele convenceu a legião e eu não posso parar. Renda-se a mim. Eu vou trazer você de volta para Nova Roma para julgamento. Não será justo. Você vai ser dolorosamente executada. Mas pode ser suficiente para impedir mais violência. Octavian não estará satisfeito, claro, mas acho que posso convencer os outros a se retirar.

— Não fui eu!

— Não *importa!* — Reyna estalou. — Alguém tem que pagar pelo que aconteceu. Que seja você. É a melhor opção.

A pele de Annabeth estava quente.

— Melhor que o quê?

— Use aquela sua sabedoria — disse Reyna. — Se você sair hoje, não iremos lhe seguir. Eu disse a você – nem mesmo um louco iria atravessar o mar para as terras antigas. Se Octavian não puder ter vingança em seu navio, ele vai voltar sua atenção para o Acampamento Meio-Sangue. A legião marchará em seu território. Iremos o destruir e salgar a terra.

Mate os romanos, ela ouviu a mãe pedindo. *Eles nunca podem ser seus aliados.*

Annabeth queria chorar. O Acampamento Meio-Sangue era o único lar verdadeiro que já tinha conhecido e em um lance de amizade, disse a Reyna exatamente onde encontrá-lo. Ela não podia deixá-lo a mercê dos romanos e viajar para o outro lado do mundo.

Mas a sua missão e tudo o que ela sofreu para ter Percy de volta... Se não fosse para as terras antigas, tudo não significará nada. Além disso, a

Marca de Atena não tem que levar a vingança. *Se eu pudesse encontrar o caminho*, sua mãe tinha dito, *o caminho de casa...*

Como você vai usar a sua recompensa? perguntara-me Afrodite. *Para a guerra ou paz?*

Não havia uma resposta. A Marca de Atena poderia levar ela lá, se sobrevivesse.

— Eu vou — disse ela a Reyna. — Eu vou seguir a Marca de Atena até Roma.

A pretora balançou a cabeça.

— Você não tem ideia do que espera por você.

— Sim, eu tenho — disse Annabeth. — Este rancor entre os nossos acampamentos... Eu posso corrigi-lo.

— Nosso rancor é de milhares de anos. Como uma pessoa pode corrigi-lo?

Annabeth desejou que pudesse dar uma resposta convincente, mostrar a Reyna um diagrama 3D ou um esquema brilhante, mas não podia. Só sabia que tinha que tentar. Ela lembrou aquele olhar perdido no rosto da mãe: *Devo voltar para casa.*

— A missão tem que ser um sucesso — disse ela. — Você pode tentar me parar, caso em que nós vamos ter de lutar até a morte. Ou você pode me deixar ir e eu tentarei salvar os nossos acampamentos. Se marcharem para o Acampamento Meio-Sangue, você poderá, pelo menos, tentar atrasar. Retarde Octavian.

Os olhos de Reyna se estreitaram.

— De uma filha de uma deusa da guerra para outra, eu respeito a sua ousadia. Mas se você sair agora irá condenar seu acampamento à destruição.

— Não subestime o Acampamento Meio-Sangue — avisou Annabeth.

— Você nunca viu a legião em guerra — disse Reyna.

Ao longo do cais, uma voz familiar gritou sobre o vento:

— Mate-os! Mate todos eles!

Octavian tinha sobrevivido ao seu mergulho no porto. Ele se agachou atrás de seus guardas, gritando incentivos para os outros semideuses romanos, enquanto eles lutavam contra o navio, erguendo seus escudos como se isso fosse desviar a tempestade furiosa ao redor deles.

No convés do *Argo II*, Percy e Jason estavam juntos, as espadas cruzadas. Annabeth teve um formigamento em sua espinha quando percebeu que os meninos estavam trabalhando como um, convocando o céu e o mar para fazer sua vontade. A água e o vento agitavam juntos. Ondas levantavam contra as muralhas e relâmpagos brilhavam. Águias gigantes foram expulsas do céu. Destroços da carruagem alada queimavam na água e o Treinador Hedge balançou um arco montado, mirando para as aves dos romanos enquanto estes sobrevoavam.

— Você vê? — disse Reyna, amargamente. — A lança foi atirada. Nosso povo está em guerra.

— Não, se eu tiver sucesso — disse Annabeth.

A expressão de Reyna era mesma que tinha no Acampamento Júpiter quando percebeu que Jason tinha encontrado outra garota. A pretora estava muito sozinha, muito amarga e traída para acreditar em qualquer coisa poderia dar certo para ela. Annabeth esperou que ela atacasse. Em vez disso, Reyna sacudiu sua mão. Os cães de metal recuaram.

— Annabeth Chase — disse ela. — Quando nos encontrarmos novamente, seremos inimigas no campo de batalha.

A pretora virou-se e atravessou as muralhas, seus galgos atrás dela.

Annabeth temeu que pudesse ser algum tipo de truque, mas não teve tempo para pensar. Ela correu para o navio. Os ventos que golpearam os romanos não parecem afetar a ela.

Annabeth correu através de suas linhas. Octavian gritou:

— Parem ela!

Uma lança passou por sua orelha. O *Argo II* já estava se afastando do cais. Piper estava na prancha de desembarque, com a mão estendida. Annabeth pulou e agarrou a mão de Piper. A prancha caiu no mar e as duas meninas caíram no convés.

— Vai! — gritou Annabeth. — Vai, vai, vai!

Os motores soaram em baixo dela. Os remos bateram. Jason mudou o curso do vento e Percy chamou uma onda enorme, que levantou o navio mais alto que as paredes do forte e lançou-os para o mar. Quando o *Argo II* chegou à velocidade máxima, Forte Sumter era apenas uma mancha a distância e eles estavam correndo sobre as ondas em direção às terras antigas.

XXI

LEO

Depois de invadir um museu cheio de fantasmas confederados, Leo não acreditava que seu dia poderia ficar pior. Ele estava errado.

Não tinham encontrado nada na seção de Guerra Civil ou em outras partes do museu; apenas alguns turistas idosos e um guarda de segurança cochilando. E quando tentaram inspecionar os artefatos, um batalhão inteiro de caras zumbis brilhantes em uniformes cinza.

A ideia de que Frank deveria ser capaz de controlar os espíritos? Sim... A ideia falhou completamente. Quando Piper mandou a mensagem de Íris alertando-os sobre o ataque romano, eles já estavam no meio caminho de volta para o navio, depois de terem sido perseguidos pelo centro de Charleston por um bando de confederados mortos raivosos.

Então Leo teve que pegar uma carona com Frank, A Águia Amigável, para que eles pudessem lutar contra um bando de romanos. A fofoca de que

foi Leo quem tinha disparado em sua pequena cidade deve ter se espalhado, porque os romanos pareciam especialmente ansiosos para matá-lo.

Mas espere! Tem mais! O Treinador Hedge atirou-os pelo céu; Frank o derrubou (isso não foi um acidente) e eles pousaram em Forte Sumter.

Agora, enquanto *Argo II* corria através das ondas, Leo teve que usar toda a sua habilidade apenas para manter o navio inteiro. Percy e Jason foram um pouco bons demais em criar tempestades enormes.

Nesse momento, Annabeth estava ao lado dele, gritando contra o rugido do vento:

— Percy diz que conversou com uma Nereida no porto de Charleston!

— Bom para ele! — Leo gritou de volta.

— A Nereida disse que devemos procurar ajuda com os irmãos de Quíron.

— O que significa isso? São os Pôneis de Festa?

Leo nunca conheceu os parentes loucos de Quíron, mas tinha ouvido rumores de lutas de espada de brinquedo, torcidas organizadas para concursos de cerveja e armas d'água cheia de chantilly pressurizado.

— Não tenho certeza — disse Annabeth. — Mas tenho as coordenadas. Você pode colocar latitude e longitude nessa coisa?

— Eu posso tabular gráficos de estrelas e te encomendar uma batida se você quiser. É claro que eu posso coordenar latitude e longitude!

Annabeth calculou e mostrou os números. Leo de alguma forma conseguiu colocá-los na máquina, mantendo o volante com uma mão. Um ponto vermelho apareceu na tela de bronze.

— Essa localização é no meio do Atlântico — disse ele. — Será que os Pôneis de Festa têm um iate?

Annabeth deu de ombros sem saber responder.

— Basta segurar o navio inteiro até estarmos mais longe de Charleston. Jason e Percy vão manter os ventos!

— Hora da diversão!

Depois do que pareceu ser *sempre*, finalmente o mar se acalmou e os ventos morreram.

— Valdez — disse o Treinador Hedge com surpreendente suavidade. — Deixe-me pegar o leme. Você tem dirigido por duas horas.

— Duas horas?

— É. Me passe o leme.

— Treinador?

— Sim, garoto?

— Eu não posso abrir minhas mãos.

Era verdade. Os dedos de Leo pareciam que tinham petrificado. Seus olhos ardiam de ficar olhando para o horizonte. Seus joelhos eram marshmallows. O Treinador Hedge conseguiu arrancá-lo do leme.

Leo deu uma última olhada no controle, ouvindo o zumbido de Festus passando o relatório de status. Leo sentiu que estava esquecendo alguma coisa. Ele olhou para os controles, tentando pensar, mas não adiantou.

Seus olhos mal podiam se concentrar.

— Apenas tenha cuidado com os monstros — disse ao Treinador. — E cuidado com o estabilizador danificado. E...

— Eu já entendi, tudo sob controle — prometeu o Treinador Hedge. — Agora, vá embora!

Leo balançou a cabeça cansado. Ele cambaleou pela plataforma até encontrar seus amigos.

Percy e Jason estavam sentados com as costas contra o mastro, as cabeças pra baixo em exaustão. Annabeth e Piper estavam tentando fazê-los beber um pouco de água.

Hazel e Frank estavam fora do alcance da voz, tendo uma discussão que envolvia muito aceno de braços e cabeças balançando. Leo não devia se sentir satisfeito com isso, mas parte dele estava. A outra parte dele se sentia mal por se sentir satisfeito.

A discussão parou rapidamente quando Hazel viu Leo. Todos se reuniram no mastro.

Frank fez uma careta, como se estivesse se esforçando para se transformar em um buldogue.

— Nenhum sinal de perseguição — disse ele.

— Ou de terra — acrescentou Hazel.

Ela parecia um pouco verde, mas Leo não tinha certeza se era do balanço do barco ou da discussão.

Leo olhou para o horizonte. Nada além de mar em todas as direções. Isso não deveria ter surpreendido- o. Ele passou seis meses construindo uma nave que sabia que iria atravessar o Atlântico. Mas até hoje, seu embarque em uma viagem para as antigas terras não parecia real. Leo nunca tinha estado fora dos Estados Unidos antes exceto por um rápido voo de dragão até Quebec. Agora eles estavam no meio do mar aberto, completamente por conta própria, navegando para o Mar Mediterrâneo, o lugar de onde todos os monstros assustadores e gigantes desagradáveis tinham vindo.

Os romanos não os seguiriam aqui, mas eles também não poderiam contar com qualquer ajuda do Acampamento Meio-Sangue.

Leo deu um tapinha na cintura para se certificar que seu cinto de ferramentas ainda estava lá. Infelizmente isso só o lembrou do biscoito da sorte de Nêmesis, escondido dentro de um dos bolsos.

Você será sempre o estranho. A voz da deusa ainda se contorcia em sua cabeça. *A sétima roda.*

Esqueça isso, disse a si mesmo. *Concentre-se nas coisas que você pode consertar.*

Ele se virou para Annabeth.

— Você achou o mapa que queria?

Ela assentiu com a cabeça, embora estivesse pálida. Leo se perguntou o que ela tinha visto em Forte Sumter que poderia tê-la afetado desse jeito.

— Vou ter que estudar isso — disse ela como se fosse o fim do assunto. — Quão longe estamos daquelas coordenadas?

— Com a velocidade máxima dos remos, cerca de uma hora — disse Leo. — Alguma ideia do que estamos procurando?

— Não — admitiu ela. — Percy?

Percy levantou a cabeça. Seus olhos verdes estavam vermelhos e tristes.

— A nereida disse que os irmãos de Quíron estavam lá e que eles devem querer ouvir falar do aquário em Atlanta. Eu não sei o que ela quis dizer, mas... — Ele fez uma pausa como se tivesse usado toda a energia dele só dizendo aquilo. — Também me alertou para ter cuidado. Ceto, a deusa no aquário: ela é a mãe dos monstros do mar. Pode estar presa em Atlanta, mas ainda pode enviar seus filhos atrás de nós. A Nereida disse que devemos esperar um ataque.

— Maravilha — murmurou Frank.

Jason tentou se levantar, o que não foi uma boa ideia. Piper agarrou-o para impedi-lo de cair e ele deslizou de volta para debaixo do mastro.

— Podemos colocar o navio no alto? — questionou. — Se pudéssemos voar...

— Isso seria ótimo — disse Leo. — Exceto que Festus me diz que o estabilizador da porta aérea foi pulverizado quando o navio bateu contra o cais em Forte Sumter.

— Nós estávamos com pressa — disse Annabeth. — Tentando te salvar.

— E me salvar é uma causa muito nobre — concordou Leo. — Eu só estou dizendo que vai levar algum tempo para consertar. Até então não vamos voar para nenhum lugar.

Percy flexionou os ombros e fez uma careta.

— Por mim tudo bem. No mar está bom.

— Fale por você. — Hazel olhou para o sol da tarde, que estava quase no horizonte. — Precisamos ir mais rápido. Nós queimamos outro dia e Nico tem apenas mais três sementes restantes.

— Nós podemos fazer isso — prometeu Leo. Esperava que Hazel tivesse o perdoado por não confiar em seu irmão (Ei, parecia uma suspeita razoável para Leo), mas ele não queria reabrir essa ferida. — Nós podemos chegar a Roma em três dias assumindo que nada inesperado aconteça.

Frank resmungou. Parecia que ele ainda estava trabalhando na transformação para buldogue.

— Tem alguma notícia *boa?*

— Na verdade, sim — disse Leo. — De acordo com Festus, nossa mesa voadora, Buford, conseguiu voltar em segurança enquanto estávamos em Charleston, então aquelas águias não conseguiram pegá-lo. Infelizmente ele perdeu o saco de roupas com suas calças.

— Que saco — disse Frank e Leo percebeu que isso era provavelmente um grande palavrão para ele.

Sem dúvida, Frank teria xingado mais – liberando alguns "carambolas" e "é foca viu", mas Percy interrompeu dobrando o corpo e gemendo.

— Será que o mundo acabou de virar de cabeça para baixo? — questionou.

Jason apertou as mãos na cabeça.

— Sim e ele está girando. Tudo é amarelo. Deveria ser amarelo?

Annabeth e Piper trocaram olhares preocupados.

— Invocar aquela tempestade realmente minou suas forças — disse aos meninos. — Vocês têm que descansar.

Annabeth assentiu com a cabeça.

— Frank, você pode nos ajudar a levá-los para os quartos no convés?

Frank olhou para Leo, sem dúvida relutante em deixá-lo sozinho com Hazel.

— Tá tudo bem, cara — disse Leo. — Só tente não deixá-los cair pelo caminho enquanto desce as escadas.

Uma vez que os outros estavam lá embaixo, Hazel e Leo se olharam sem jeito. Eles estavam sozinhos exceto pelo Treinador Hedge, que estava de volta ao tombadilho cantando a música tema de *Pokémon*.

O Treinador mudou as palavras para: *Temos que matar, temos que matar* e Leo realmente não queria saber por quê.

A música não estava ajudando com a náusea de Hazel.

— Ugh... — ela se inclinou e se abraçou. Ela tinha um cabelo legal, crespo e castanho dourado como cachos de canela. Seu cabelo lembrou Leo de um lugar em Houston que faz *churros* excelentes. Esse pensamento o fez ficar com fome.

— Não se incline mais — ele aconselhou. — Não feche seus olhos. Isso torna o mal-estar pior.

— É mesmo? Você enjoa também?

— Não fico enjoado no mar, mas carros me dão náuseas, e...

Ele parou. Ele queria dizer *falar com meninas*, mas ele decidiu manter isso para si.

— Carros? — Hazel se endireitou com dificuldade. — Você pode navegar um navio ou voar num dragão, mas carros te deixam enjoado?

— Eu sei, estranho, né? — Leo deu de ombros. — Eu sou especial assim. Olha, mantenha os olhos no horizonte. É um ponto fixo. Isso vai

ajudar.

Hazel respirou fundo e olhou para o horizonte. Seus olhos eram de um ouro brilhante, como os discos de bronze e cobre dentro da cabeça mecânica de Festus.

— Melhorou? — Perguntou ele.

— Talvez um pouco — parecia que ela estava apenas sendo educada. Ela manteve os olhos no horizonte, mas Leo teve a sensação de que ela estava observando seu jeito, considerando o que dizer.

— Frank não te deixou cair de propósito — disse ela. — Ele não é assim. É apenas um pouco desajeitado, às vezes.

— *Oops* — Leo disse, em sua melhor voz Frank Zhang. — *Leo caiu em um esquadrão de soldados inimigos. Que saco!*

Hazel tentou suprimir um sorriso. Leo pensou que "sorrindo" era melhor do que "vomitando".

— Tenha paciência com ele — disse Hazel. — Você e suas bolas de fogo deixam Frank nervoso.

— O cara pode se transformar em um elefante, e *eu* deixo *ele* nervoso?

Hazel manteve os olhos no horizonte. Ela não parecia tão enjoada, apesar do fato de que o Treinador Hedge ainda estava no leme cantando a canção do *Pokémon*.

— Leo — disse ela — sobre o que aconteceu no Grande Lago Salgado...

Lá vem, pensou Leo.

Se lembrou de seu encontro com a deusa da vingança Nêmesis. O biscoito da sorte em seu cinto de ferramentas começou a ficar mais pesado. Ontem à noite, enquanto fugiam voando de Atlanta, Leo tinha ficado em sua cabine e pensou em como tinha deixado Hazel com raiva. Tinha pensado em maneiras de consertar isso.

Logo enfrentará um problema que não pode resolver, Nêmesis tinha dito, *mas eu posso ajudá-lo... por um preço*.

Leo tinha pego o biscoito da sorte de seu cinto de ferramentas e o virado em seus dedos, imaginando qual o preço que teria de pagar se ele o abrisse.

Talvez agora seja o momento.

— Eu estaria disposto — disse Leo a Hazel. — Eu poderia usar o biscoito da sorte para encontrar o seu irmão.

Hazel parecia atordoada.

— O quê? Não! Quer dizer... Eu nunca te pediria para fazer isso. Não depois do que Nêmesis disse sobre o preço terrível. Nós mal nos *conhecemos!*

A parte *mal nos conhecemos* meio que doeu, embora Leo soubesse que era verdade.

— Então... Não é isso que você queria falar? — perguntou ele. — Hã, você quer falar sobre o momento segurando-as-mãos-no-cais? Porque...

— Não — disse ela rapidamente, abanando o rosto dessa forma fofa que ela faz quando está nervosa. — Não, eu só estava pensando sobre a maneira que você enganou Narciso e as ninfas...

— Ah, certo. — Leo olhou conscientemente em seu braço. A tatuagem COISA GOSTOSA ainda não tinha desbotado completamente. — Pareceu uma boa ideia na hora.

— Você foi incrível — disse Hazel. — Eu estive pensando sobre isso, o quanto você me faz lembrar do...

— Sammy — disse Leo. — Eu gostaria que você me dissesse quem ele é.

— Quem ele era — corrigiu Hazel. O ar da noite estava quente, mas ela tremeu. — Eu estive pensando... Eu seria capaz de mostrar.

— Você quer dizer, como uma foto?

— Não. É uma espécie de flashback que acontece comigo. Eu não tenho um faz algum tempo e nunca tentei fazer acontecer de propósito. Mas compartilhei uma vez com Frank, então pensei...

Os olhos de Hazel encontraram-se com os dele. Leo começou a se sentir inquieto, como se tivessem injetado café em seu corpo. Se esse tal flashback era algo que Frank tinha compartilhado com Hazel... Bem, ou Leo não queria nada com isso ou ele *definitivamente* queria tentar. Ele não tinha certeza de qual.

— Quando você diz de flashback... — ele engoliu em seco. — O que exatamente estamos falando? É seguro?

Hazel estendeu-lhe a mão.

— Eu não gostaria de lhe pedir para fazer isso, mas tenho certeza que é importante. Não pode ser uma coincidência. Se isso funcionar, talvez possamos finalmente entender como estamos conectados.

Leo olhou para trás. Ele ainda tinha uma suspeita incômoda que tinha esquecido alguma coisa, mas o Treinador Hedge parecia estar indo bem. O céu estava claro à frente. Não havia nenhum sinal de problemas.

Além disso, um flashback soava como uma coisa muito breve. Não ia fazer mal deixar o Treinador no comando por mais alguns minutos, não é?

— Tudo bem — ele cedeu. — Me mostre.

Ele pegou a mão de Hazel e o mundo dissolveu.

XXII

LEO

Eles estavam num pátio antigo, como um mosteiro. Paredes de tijolos vermelhos estavam cobertas de vinhas. Magnólias grandes tinham rachado o pavimento. O sol batia e a umidade era cerca de duzentos por cento, mais rígidas do que em Houston. Em algum lugar nas proximidades, Leo cheirava fritura de peixes. Lá em cima, a cobertura de nuvens era baixa e cinza, listrado como uma pele de tigre.

O pátio era do tamanho de uma quadra de basquete. Uma quadra de futebol vazia em um canto, na base de uma estátua da Virgem Maria.

Ao longo dos lados havia edifícios de janelas abertas. Leo podia ver lampejos de movimento dentro, mas estava estranhamente silencioso. Ele não viu nenhum sinal de ar condicionado, o que significa que devia estar mil graus lá.

— Onde estamos? — perguntou Leo.

— Minha velha escola — disse Hazel ao lado dele. — Academia Santa Agnes para Crianças de Cor e Índios.

— Que tipo de nome...?

Ele se virou para Hazel e gritou. Ela era um fantasma, apenas uma silhueta de vapor no ar úmido. Leo olhou para baixo e percebeu que seu próprio corpo se transformara em neblina também.

Tudo ao seu redor parecia sólido e real, mas ele era um espírito. Depois de ter sido possuído por um eidolon há três dias, não gostou da sensação.

Antes que pudesse fazer perguntas, um sinal tocou dentro: não um som eletrônico moderno, mas um antiquado zumbido de martelo sobre o metal.

— Esta é uma memória — disse Hazel — então ninguém vai nos ver. Olha, aqui vamos nós.

— Nós?

De cada porta, dezenas de crianças derramaram-se no pátio, gritando e empurrando umas às outras.

Eram em sua maioria afro-americanos, com uma pitada de crianças de aparência hispânica, tão jovem como no jardim de infância e tão antigo quanto estudantes do ensino médio. Leo pôde deduzir que aquilo foi no passado, porque todas as meninas usavam vestidos e sapatos de couro com fivela. E os meninos usavam camisas brancas e calças de colarinho presas por suspensórios. Muitos usavam bonés como de jóqueis.

Algumas crianças almoçavam. Muitas não. Suas roupas eram impecáveis, mas desgastadas e desbotadas. Alguns tinham buracos nos joelhos de suas calças, ou sapatos com os saltos desmoronando.

Algumas das meninas começaram a pular corda com um velho pedaço de varal. Os mais velhos jogavam uma bola de beisebol surrada para frente e pra trás. Crianças com almoços sentavam juntas, comiam e conversaram.

Ninguém prestava atenção de Hazel ou Leo Fantasma.

Então Hazel – Hazel do *passado* – entrou no pátio. Leo a reconheceu sem problema, embora ela parecesse cerca de dois anos mais jovem que agora. Seu cabelo estava preso para trás. Seus olhos de ouro corriam ao redor do pátio, inquietos. Ela usava um vestido escuro, ao contrário das outras meninas em seu algodão branco ou estampas florais em tom pastel, então se destacava como uma pessoa de luto em um casamento.

Ela agarrou um saco de lona do almoço e moveu-se ao longo da parede, como se tentasse não ser notada.

Não funcionou. Um menino gritou:

— Menina bruxa!

Ele se arrastou em direção a ela, apoiando-a em um canto. O menino poderia ter catorze ou dezenove anos. Era difícil dizer, porque era tão grande e alto, facilmente o maior cara do parque infantil.

Leo imaginou que ele tinha sido retido algumas vezes. Usava uma camisa suja com cor dos panos de graxa, calça de lã surrada (com este calor, ela não poderia ter sido confortável) e estava descalço. Talvez os professores estivessem aterrorizados em insistir que o garoto usasse sapatos ou talvez ele simplesmente não tivesse.

— Esse é Rufus — disse Hazel Fantasma com desgosto.

— Sério? De jeito nenhum que o nome dele é Rufus — disse Leo.

— Vamos lá — disse Hazel Fantasma.

Ela se desviou para o confronto. Leo a seguiu. Ele não flutuava muito, mas tinha montado um patinete elétrico uma vez e a experiência tinha sido parecida com aquela. Ele simplesmente se inclinou na direção que ele queria ir e deslizou.

O grande garoto Rufus tinha uma cara achatada, como se passasse a maior parte de seu tempo como a cara no pavimento da calçada. Seu cabelo

era cortado tão plano na parte superior, de modo que os aviões em miniatura poderiam usar ele como uma pista de pouso.

Rufus estendeu a mão.

— Almoço.

Hazel do passado não protestou. Ela entregou sua bolsa de lona como se essa ocorrência fosse diária.

Algumas garotas mais velhas chegaram mais perto para assistir a diversão. Uma riu com Rufus.

— Você não quer comer isso — alertou uma garota. — Provavelmente é veneno.

— Você está certa — disse Rufus. — É a sua mãe bruxa que faz isso, Levesque?

— Ela não é uma bruxa — murmurou Hazel.

Rufus deixou cair o saco e pisou sobre ele, esmagando o conteúdo em seu calcanhar.

— Você pode tê-lo de volta. Mas eu quero um diamante. Ouvi que sua mãe pode fazer a partir do nada. Me dê um diamante.

— Eu não tenho diamantes — disse Hazel. — Vá embora.

Rufus cerrou os punhos. Leo tinha ido inúmeras escolas difíceis e lares adotivos para saber perceber quando as coisas estavam prestes a ficarem feias. Ele queria entrar e ajudar Hazel, mas ele era um fantasma. Além disso, tudo isso tinha acontecido há décadas.

Então, outro garoto tropeçou à luz do sol.

Leo conteve o fôlego. O menino parecia exatamente com ele.

— Você vê? — perguntou Hazel Fantasma.

Leo falso era da mesma altura que o Leo original, era pequeno e tinha a mesma energia nervosa – tocando os dedos contra a calça, escovando sua camisa de algodão branco, ajustando o boné de jóquei em seu cabelo

castanho encaracolado. (Realmente, Leo pensou, pessoas baixas não devem usar bonés de jóquei a menos que fossem jóqueis). Leo falso tinha o mesmo sorriso diabólico que saudava Leo sempre que ele olhava em um espelho – uma expressão que fazia professores imediatamente gritar: "Nem pense nisso!" e o colocarem na primeira fila.

Aparentemente, Leo falso tinha acabado de ser repreendido por um professor. Ele estava segurando um boné de burro – um cone de papelão de honestidade e bondade que dizia BURRO. Leo pensou que aquilo era algo que você só via em desenhos animados.

Ele podia entender por que Leo falso não estava usando. Já era ruim o suficiente ele estar com um boné de jóquei. Com aquele cone na cabeça, pareceria um gnomo.

Algumas crianças apoiaram-se quando o Leo falso entrou em cena. Outros empurraram uns aos outros e correram em direção a ele como se estivessem esperando um show. Enquanto isso, Rufus ainda estava tentando tirar um diamante de Hazel, inconsciente da chegada do falso Leo.

— Vamos, garota. — Rufus pairava sobre Hazel com os punhos cerrados — me dê!

Hazel apertou-se contra a parede. De repente, o chão a seus pés fez um *estalo*, como um galho quebrando. Um diamante perfeito do tamanho de um pistache brilhava entre seus pés.

— Há! — Rufus latiu quando o viu.

Ele começou a inclinar-se para baixo, mas Hazel gritou:

— Não, por favor.

Como se ela estivesse realmente preocupada com o capanga grande.

Foi quando o Leo falso se aproximou.

Aqui vem, pensou Leo. *Leo falso vai arrebentar alguém igual ao Treinador Hedge – estilo jiu-jitsu e salvar o dia.*

Em vez disso, Leo Falso colocou o topo do cone de burro na boca como um megafone e gritou:

— Corta!

Ele disse com tanta autoridade que todas as outras crianças momentaneamente congelaram. Mesmo Rufus se ajeitou e recuou em confusão.

Um dos meninos riu baixinho:

— Sammy, Sammy.

Sammy... Leo estremeceu. Quem diabos *era* esse garoto?

Sammy/Leo falso foi até Rufus com seu chapéu de burro na mão, olhando com raiva.

— Não, não, não! — anunciou ele, acenando com a mão livre descontroladamente para as outras crianças, que estavam se reunindo para ver o entretenimento.

Sammy virou para Hazel.

— Senhorita Lamarr, sua fala é... — Sammy olhou em volta, irritado.

— Script! Qual é a fala de Hedy Lamarr?

— *Não, por favor, seu vilão!* — disse um dos meninos.

— Obrigado! — disse Sammy. — Senhorita Lamarr, você deveria dizer, *Não, por favor, seu vilão!* E você, Clark Gable...

O pátio inteiro caiu na gargalhada. Leo sabia vagamente que Clark Gable era um velho ator, mas não sabia muito mais. Aparentemente, a ideia de que Clark Gable poderia ser Rufus cabeça plana foi hilário para as crianças.

— Senhor Gable.

— Não! — gritou uma das meninas. — Faça-o Gary Cooper.

Mais risadas. Rufus olhou como se estivesse prestes a explodir. Ele cerrou os punhos como se quisesse bater em alguém, mas não poderia atacar

toda a escola. Claramente, ele odiava ser o centro das atenções, mas sua mente um pouco lenta não conseguia entender o que Sammy estava fazendo.

Leo balançou a cabeça em apreciação. Sammy era como ele. Leo tinha feito o mesmo tipo de coisa para intimidações por anos.

— Certo! — Sammy gritou imperiosamente. — Senhor Cooper, você diz: *Ah, mas o diamante é meu, minha querida traiçoeira!* E então recolha o diamante assim!

— Sammy, não! — Hazel protestou, mas Sammy pegou a pedra e colocou-a em seu bolso em um movimento suave.

Ele virou-se para Rufus.

— Eu quero emoção! Eu quero que as senhoras desmaiem na audiência! Senhoras, o senhor Cooper as fizeram desmaiar agora?

— Não — várias das meninas gritaram de volta.

— Está vendo? — Sammy chorou. — Agora, do início — ele gritou em seu chapéu de burro. — Ação!

Rufus estava começando a superar a sua confusão. Ele deu um passo em direção a Sammy e disse:

— Valdez, eu vou...

O sino tocou. As crianças invadiram as portas. Sammy puxou Hazel fora do caminho dos pequenos – que agiram como se estivessem dando salários a Sammy – conduzindo Rufus junto com eles, então ele foi arrastado pra dentro por uma maré de jardim de infância.

Logo Sammy e Hazel estavam sozinhos, exceto pelos fantasmas.

Sammy pegou o almoço de Hazel e bateu, fez um show de tirar a poeira do saco de lona e apresentou a ela com uma profunda reverência, como se fosse sua coroa.

— Senhorita Lamarr.

Hazel do passado pegou o almoço em ruínas. Parecia que ela estava prestes a chorar, mas Leo não poderia dizer se era de alívio, miséria ou admiração.

— Sammy... Rufus vai matar você.

— Ah, ele sabe o que acontece se arrumar confusão comigo. — Sammy jogou o cone de burro em cima de seu boné de jóquei. Ele ficou de pé e estendeu seu peito magro. O chapéu de burro caiu.

Hazel riu.

— Você é ridículo.

— Bem, obrigado, senhorita Lamarr.

— Não há de que, *meu querido traiçoeiro*.

O sorriso de Sammy vacilou. O ar tornou-se desconfortavelmente carregado. Hazel olhou para o chão.

— Você não deveria ter tocado no diamante. É perigoso.

— Ah, vamos lá — disse Sammy. — Não é para mim!

Hazel estudou-o cautelosamente, como se quisesse acreditar.

— Coisas ruins podem acontecer. Você não deveria...

— Eu não vou vendê-lo — disse Sammy. — Eu prometo! Vou mantê-lo como um símbolo de seu sabor.

Hazel forçou um sorriso.

— Eu acho que você quer dizer *símbolo de meu favor*.

— Aí está você! Devemos ir. É hora da nossa próxima cena: *Senhorita Lamarr quase morre de tédio na aula de Inglês*.

Sammy estendeu seu cotovelo como um cavalheiro, mas Hazel empurrou-o alegremente.

— Ainda bem que você vai estar lá, Sammy.

— Senhorita Lamarr, eu vou *sempre* estar lá por você — disse ele brilhantemente. Os dois correram de volta à escola.

Leo se sentia mais fantasma do que nunca. Talvez ele tivesse sido realmente um eidolon toda a sua vida, porque tinha acabado de ver que esse garoto deveria ter sido o Leo *real*. Ele era mais esperto, mais frio e engraçado. Flertou tão bem com Hazel que obviamente havia roubado seu coração.

Não é de admirar que Hazel tivesse olhado para Leo tão estranhamente quando eles se conheceram. Não é de admirar que ela falara de *Sammy* com tanto sentimento. Mas Leo não era Sammy, não mais do que *o cabeça plana Rufus* era Clark Gable.

— Hazel — disse ele. — E-eu não...

A escola se dissolveu em uma cena diferente.

Hazel e Leo ainda eram fantasmas, mas agora eles estavam em frente de uma casa, ao lado de uma vala de drenagem cheio de ervas daninhas. Havia um grupo de bananeiras no quintal. Debruçado nos degraus, um rádio antigo tocava um *conjunto* de músicas e na varanda sombreada, sentado em uma cadeira de balanço, havia um homem magro e velho que olhava para o horizonte.

— *Onde* estamos? — perguntou Hazel. Ela ainda era apenas vapor, mas sua voz estava cheia de alarme. — Esta não é minha vida!

Leo sentiu como se seu próprio eu fantasma estivesse engrossando, se tornando mais real. Este lugar parecia estranhamente familiar.

— É Houston — ele percebeu. — Eu conheço esta vista. Essa vala de drenagem... Este é o velho bairro da minha mãe, onde ela cresceu. Aeroporto Hobby, algo assim.

— Esta é a *sua* vida? — disse Hazel. — Eu não entendo! Como?

— Você está me perguntando? — perguntou Leo.

De repente, o velho murmurou:

— Ah, Hazel...

Um choque subiu a coluna de Leo. Os olhos do velho ainda estavam fixos no horizonte.

Como ele sabia que eles estavam aqui?

— Eu acho que acabou o nosso tempo — o velho continuou sonhador. — Bem...

Ele não terminou o pensamento.

Hazel e Leo ficaram muito quietos. O velho não fez nenhum sinal de que os viu ou ouviu. Ficou claro para Leo que o velho estava falando para si mesmo. Mas, então, por que ele disse o nome de Hazel?

Ele tinha a pele enrugada, cabelos brancos encaracolados e as mãos nodosas, como se tivesse passado a vida inteira trabalhando em uma oficina mecânica. Ele usava uma camisa amarela pálida, impecável de limpa, com suspensórios, uma calça cinza e sapatos pretos polidos.

Apesar de sua idade, seus olhos eram nítidos e claros. Ele sentou-se com uma espécie de dignidade. Ele perecia estar em paz – mesmo divertido, como se estivesse pensando: *maldito seja, eu vivi esse tempo? Legal!*

Leo tinha certeza de que nunca viu esse homem antes. Então, por que ele parecia familiar? Depois percebeu que o homem estava batendo com os dedos no braço da cadeira, mas a batida não era aleatória. Ele estava usando código Morse, assim como a mãe de Leo costumava fazer com ele... E o velho estava batendo a mesma mensagem: *eu te amo.*

A porta de tela abriu. Uma mulher jovem saiu. Ela usava jeans e uma blusa turquesa. Seu cabelo foi cortado como em uma cunha, preto e curto. Ela era bonita, mas não delicada. Tinha musculosos braços e mãos calejadas. Como o velho, seus olhos castanhos brilhavam com diversão. Em seus braços havia um bebê, enrolado em um cobertor azul.

— Olha, *mi hijo* — disse ela para o bebê. — Este é o seu *bisabuelo*. *Bisabuelo*, você quer segurá-lo?

Quando Leo ouviu a voz dela, ele soluçou.

Era a sua mãe – só que mais jovem do que se lembrava, mas muito viva. Isso significava que o bebê em seus braços...

O velho abriu um sorriso enorme. Ele tinha dentes perfeitos, brancos como o seu cabelo. Seu rosto enrugado com linhas de sorriso.

— Um menino! *Mi bebito*, Leo!

— Leo? — sussurrou Hazel. — Aquele... Aquele é você? O que é *bisabuelo?*

Leo não conseguia encontrar sua voz. *Bisavô*, ele queria dizer.

O velho tomou o bebê Leo em seus braços, rindo com apreciação e fez cócegas no queixo do bebê Leo – e o Leo Fantasma finalmente entendeu o que estava vendo. De alguma forma, o poder de Hazel de revisitar o passado tinha encontrado a um evento que ligava ambas suas vidas – onde a linha do tempo de Leo tocou na de Hazel.

Este velho...

— Ah... — Hazel pareceu perceber quem ele era no mesmo momento. Sua voz ficou muito pequena, à beira das lágrimas. — Ah, Sammy, não...

— Ah, o pequeno Leo — disse Sammy Valdez, que envelheceu bem em seus setenta anos. — Você vai ter que ser meu dublê, hein? Isso é o que eles chamam, eu acho. Diga a ela para mim. Eu esperava que vivêssemos juntos, mas, a maldição não deixou!

Hazel soluçou.

— Gaia... Gaia me disse que ele morreu de ataque cardíaco, em 1960. Mas esse... esse não pode ser...

Sammy Valdez continuou falando com o bebê, enquanto a mãe de Leo, Esperanza, olhava com um sorriso aflito – talvez um pouco preocupada porque o *bisabuelo* de Leo foi a uma caminhada ou um pouco triste por ele estar falando bobagem.

— Aquela senhora, *doña Callida*, ela me avisou — Sammy balançou a cabeça, triste — ela disse que grandes perigos de Hazel não iriam acontecer na minha vida. Mas eu prometi que estaria lá para ela. Você tem que dizer a ela que eu sinto muito, Leo. E ajude-a se puder.

— *Bisabuelo* — Esperanza disse — você deve estar cansado.

Ela estendeu os braços para levar o bebê, mas o velho abraçou-o por mais um momento. Bebê Leo parecia perfeitamente bem com ele.

— Diga a ela que eu sinto muito por vender o diamante, hein? — disse Sammy. — Eu quebrei minha promessa. Quando ela desapareceu no Alasca... Ah, há muito tempo, eu finalmente usei o diamante, me mudei para o Texas como sempre sonhei. E iniciei a minha oficina. Comecei a minha família! Era uma vida boa, mas Hazel estava certa. O diamante veio com uma maldição. Eu nunca mais a vi.

— Ah, Sammy — disse Hazel. — Não, a maldição não me afastou. Eu queria voltar. Eu morri!

O velho parecia não ouvir. Ele sorriu para o bebê e beijou-o na cabeça.

— Dou-vos a minha bênção, Leo. Primeiro bisneto homem! Tenho a sensação de que você é especial, como Hazel era. Você é mais do que um bebê normal, né? Você vai continuar por mim. Vai vê-la algum dia. Diga-lhe olá para mim.

— *Bisabuelo* — Esperanza disse, com um pouco mais de insistência.

— Sim, sim. — Sammy riu. — *El viejo loco* fala umas coisas sem sentido. Estou cansado, Esperanza. Você está certa. Mas vou descansar logo. Foi uma vida boa. Faça-o crescer bem, *nieta*.

A cena se apagou.

Leo estava em pé no convés do *Argo II*, segurando a mão de Hazel. O sol já tinha se posto e o navio era iluminado apenas por lanternas de bronze. Os olhos castanhos de Hazel estavam inchados de tanto chorar.

O que tinham visto era demais. O oceano inteiro balançava sob eles e por um primeiro momento Leo sentiu como se estivessem totalmente à deriva.

— Olá Hazel Levesque — disse ele, sua voz grave.

Seu queixo tremia. Ela se virou e abriu a boca para falar, mas antes que pudesse, o navio balançou para um lado.

— Leo! — gritou o Treinador Hedge.

Festus zumbia em alarme e soprou chamas para o céu noturno. O sino do navio tocou.

— Sabe esses monstros que estávamos preocupados? — gritou Hedge. — Um deles nos encontrou!

XXIII

LEO

Leo merecia um chapéu de burro.

Se ele estivesse pensando direito, teria ligado o sonar do navio logo que deixaram o porto de Charleston. Foi o que ele tinha esquecido. Ele projetou o casco para ressoar em uma frequência, que em poucos segundos, enviava ondas através da Névoa e alertava Festus de qualquer monstro nas proximidades, mas só funcionava em um modo de cada vez: água ou ar. Ele tinha sido tão abalado pelos romanos, depois pela tempestade e depois por Hazel que tinha esquecido completamente. Agora, havia um monstro bem debaixo deles.

O navio inclinou para estibordo. Hazel agarrou o cordame. Hedge gritou:

— Valdez, qual botão explode monstros? E pegue o leme!

Leo subiu ao convés inclinado e conseguiu agarrar o trilho da porta. Ele começou a escalar pela lateral em direção ao leme, mas quando viu a

aparência do monstro, se esqueceu de se mover. A coisa era do comprimento do navio. Na luz do luar, parecia um cruzamento entre um camarão gigante e uma barata, com uma quitinosa concha rosa, uma cauda de lagosta plana e pernas tipo centopeia ondulando hipnoticamente enquanto o monstro raspava contra o casco do *Argo II*.

Sua cabeça finalmente surgiu – uma face rosa viscosa de um bagre enorme com olhos mortos vidrados, uma boca escancarada desdentada e uma floresta de tentáculos brotando de cada narina, tornando a barba de nariz mais cabeluda que Leo já teve o desprazer de ver.

Leo se lembrou dos jantares de sexta-feira especiais que ele e sua mãe costumavam a compartilhar em um restaurante local de frutos do mar em Houston. Eles iriam comer camarão e bagre. A ideia agora o deixou com náuseas.

— Vamos, Valdez! — gritou Hedge. — Pegue o leme para que eu possa buscar o meu taco de beisebol!

— Um taco não vai ajudar — disse Leo, mas ele começou a ir em direção ao leme.

Atrás dele, o resto de seus amigos tropeçara pelas escadas.

Percy gritou:

— O que está acontecendo...? Gah! Camarãozilla!

Frank correu para o lado de Hazel. Ela estava segurando o cordame, ainda tonta por causa de seu flashback, mas fez um gesto de que estava tudo bem.

O monstro bateu no navio novamente. O casco gemeu. Annabeth, Piper e Jason caíram a estibordo e quase caíram no mar.

Leo chegou ao leme. Suas mãos voaram através dos controles. Pelo interfone, Festus estalava e clicava sobre vazamentos no convés, mas o navio não parecia estar em perigo de naufrágio – pelo menos não ainda.

Leo alternou os remos. Eles poderiam se converter em lanças, o que deveria ser suficiente para afastar a criatura. Infelizmente, foram comprimidos. Camarãozilla deve ter batido o navio para fora do alinhamento e o monstro estava à distância de um cuspe, o que significava que Leo não poderia usar a balista sem colocar fogo no *Argo II* também.

— Como ele chegou tão perto? — Annabeth gritou, levantando-se de um dos parapeitos.

— Eu não sei! — resmungou Hedge. Ele procurava seu bastão, que havia rolado pelo tombadilho.

— Eu sou estúpido! — Leo repreendeu a si mesmo. — Estúpido, estúpido! Esqueci o sonar!

O navio inclinou mais para estibordo. Ou o monstro estava tentando dar-lhes um abraço, ou estava prestes a virá-los.

— Sonar? — perguntou Hedge. — Pelas flautas de Pã, Valdez! Talvez se você não tivesse ficado olhando para os olhos de Hazel, segurando as mãos por tanto tempo.

— O quê? — gritou Frank.

— Não foi desse jeito! — protestou Hazel.

— Não importa! — disse Piper. — Jason, você pode chamar alguns relâmpagos?

Jason lutou para ficar de pé.

— Eu... — Ele só conseguiu balançar a cabeça. A invocação da tempestade antes tinha tomado muito dele. Leo duvidava que o pobre rapaz pudesse sequer fazer um pequeno estalo na forma que ele estava.

— Percy! — disse Annabeth. — Você pode falar com essa coisa? Você sabe o que é?

O filho do deus do mar balançou a cabeça, claramente confuso.

— Talvez esteja apenas curioso sobre o navio. Talvez.

Os tentáculos do monstro atacaram através do convés tão rápido, que Leo não teve sequer tempo de gritar, *Cuidado!*

Um bateu no peito de Percy e o jogou escada abaixo. Outro se envolveu ao redor das pernas de Piper e arrastou-a, gritando, em direção ao parapeito. Dezenas de tentáculos se enrolaram em torno dos mastros, cercando as bestas e quebrando o equipamento.

— Ataque de monstro! — Hedge pegou seu bastão e entrou em ação, mas seus ataques saltaram inutilmente nos tentáculos.

Jason sacou a espada. Ele tentou livrar Piper, mas ainda estava fraco. Sua lâmina de ouro cortou através dos tentáculos sem nenhum problema, mas mais rápido do que ele poderia corta-los, mais tomaram seu lugar.

Annabeth desembainhou sua adaga. Ela correu pela floresta de tentáculos, esquivando-se e esfaqueamento em qualquer alvo que pudesse encontrar. Frank tirou seu arco. Ele atirou na lateral do corpo da criatura, flechas de alojaram nas fendas de sua concha, mas parecia que só incomodavam o monstro. Ele gritou e balançou o navio. O mastro rangeu como se fosse quebrar.

Eles precisavam de mais poder de fogo, mas eles não podiam usar balistas. Eles precisavam de uma explosão que não destruísse o navio. Mas como...?

Os olhos de Leo fixaram em uma caixa de suprimentos ao lado dos pés de Hazel.

— Hazel — gritou ele. — A caixa! Abra!

Ela hesitou, então viu a caixa que ele quis dizer. Na etiqueta estava escrito AVISO. NÃO ABRA.

— Abra! — Leo gritou novamente. — Treinador, pegue o leme! Vire-nos para o monstro ou nós vamos virar.

Hedge dançou através dos tentáculos com seus ágeis cascos de cabra, saindo com gosto.

Ele saltou para frente e tomou o controle.

— Espero que você tenha um plano — gritou ele.

— Um ruim. — Leo correu em direção ao mastro.

O monstro chocou-se contra o *Argo II*. O convés inclinou a quarenta e cinco graus. Apesar dos esforços de todos, havia muitos tentáculos para lutar. Eles pareciam capazes de se esticar tanto quanto quisessem. Logo o *Argo II* seria completamente enredado. Percy não tinha aparecido ainda. Os outros estavam lutando por suas vidas contra o monstro.

— Frank! — Leo chamou enquanto corria em direção a Hazel. — Nos dê mais tempo! Você pode se transformar em um tubarão ou alguma coisa assim?

Frank olhou, franzindo a testa e nesse momento um tentáculo bateu nele, derrubando-o no mar. Hazel gritou. Ela abriu a caixa de abastecimento e quase deixou cair os dois frascos de vidro que ela estava segurando.

Leo os pegou. Cada um era do tamanho de uma maçã e o líquido venenoso brilhava verde. O vidro estava quente ao toque. Leo sentiu que seu peito poderia implodir de culpa. Ele tinha apenas distraído Frank e possivelmente o matou, mas não podia pensar nisso. Ele tinha que salvar o navio.

— Vamos lá! — ele entregou um dos frascos a Hazel. — Nós podemos matar o monstro... e salvar Frank!

Ele esperava que não estivesse mentindo. Chegar ao parapeito a bombordo era mais parecido com alpinismo do que andar, mas, finalmente, eles conseguiram.

— O que é isso? — Hazel ofegou, embalando seu frasco de vidro.

— Fogo grego!

Seus olhos se arregalaram.

— Você está *louco?* Se isto quebrar, vamos queimar o navio inteiro!

— Sua boca! — disse Leo. — Apenas jogue na sua...

De repente, Leo foi esmagado contra Hazel e o mundo virou de lado. Enquanto eles eram erguidos no ar, percebeu que tinham sido enrolados num tentáculo. Os braços de Leo estavam livres, mas tudo o que podia fazer era segurar o frasco de fogo grego. Hazel lutou. Seus braços estavam presos, o que significava que a qualquer momento o frasco preso entre eles poderia quebrar... E que isso seria extremamente ruim para a saúde.

Eles subiram três metros, seis metros, nove metros acima do monstro. Leo pegou um vislumbre de seus amigos em uma batalha perdida, gritando e cortando os cabelos do nariz do monstro. Ele viu o Treinador Hedge lutando para salvar o navio do naufrágio. O mar estava escuro, mas na luz da lua ele pensou que viu um objeto brilhante flutuando perto do monstro, talvez o corpo inconsciente de Frank Zhang.

— Leo. — Hazel engasgou. — Eu não posso... meus braços...

— Hazel — disse ele. — Você confia em mim?

— Não!

— Nem eu — admitiu Leo. — Quando essa coisa nos soltar, segure a respiração. Faça o que fizer, tente jogar o frasco o mais longe do navio quanto possível.

— Por que... por que o monstro nos soltaria?

Leo olhou para a cabeça do monstro. Isso seria um lançamento difícil, mas ele não tinha escolha. Ele levantou o frasco na mão esquerda. Pressionou sua mão direita contra o tentáculo e convocou fogo para a palma da mão – uma explosão incandescente estritamente concentrada.

Isso chamou a atenção da criatura. Um tremor percorreu todo o caminho até o tentáculo enquanto sua pele empolou sob o toque de Leo. O monstro levantou sua boca, gritando de dor e Leo jogou seu fogo grego garganta abaixo.

Depois disso, as coisas ficaram vagas. Leo sentiu o tentáculo liberá-los. Eles caíram. Ouviu uma explosão abafada e viu um clarão de luz verde dentro do abajur rosa do corpo gigante do monstro. A água atingiu o rosto do Leo como um tijolo embrulhado numa lixa, e ele caiu na escuridão. Ele fechou sua boca, tentando não respirar, mas podia sentir que estava perdendo a consciência.

Através do ardor da água salgada, pensou ter visto a silhueta vaga do casco do navio acima – uma forma oval escura cercada por um halo verde de fogo, mas não poderia dizer se o navio estava realmente pegando fogo.

Morto por um camarão gigante, pensou amargamente. *Pelo menos deixe o Argo II sobreviver. Que meus amigos estejam bem.*

Sua visão começou a escurecer. Seus pulmões queimaram.

Assim que ele estava prestes a desistir, um rosto estranho pairou sobre ele – um homem que parecia Quíron, seu treinador do Acampamento Meio-Sangue. Ele tinha o mesmo cabelo encaracolado, barba desgrenhada e olhos inteligentes – algo entre um hippie selvagem e professor paternal, exceto que a pele do homem era a cor de um feijão de lima. O homem silenciosamente levantou uma adaga. Sua expressão era triste e reprovável, como quem diz: *Agora, fique quieto, ou eu não posso matá-lo corretamente*.

Então ele apagou.

Quando Leo acordou, se perguntou se era um fantasma em outro flashback, porque ele estava flutuando. Seus olhos lentamente se ajustaram à luz fraca.

— Até que enfim — a voz de Frank tinha reverberado demais, como se ele estivesse falando através de várias camadas de plástico.

Leo sentou-se... Ou melhor, ele ficou na vertical. Ele estava sob a água, numa caverna do tamanho de uma garagem com capacidade de dois carros. Musgo fosforescente cobria o teto, banhando o quarto em um brilho azul-esverdeado. O chão era um tapete de ouriços do mar, o que teria sido desconfortável para andar, então Leo estava feliz que estava flutuando. Ele não entendia como ele poderia estar respirando sem ar.

Frank levitava nas proximidades, em posição de meditação. Com o rosto gordinho e sua expressão mal-humorada, parecia um Buda que havia atingido a iluminação e não estava feliz com isso.

A única saída para a caverna estava bloqueada por uma concha enorme com sua superfície brilhando pérola e rosa e turquesa. Se esta caverna era uma prisão, pelo menos tinha uma porta incrível.

— Onde estamos? — perguntou Leo. — Onde está todo mundo?

— *Todo mundo?* — resmungou Frank. — Eu não sei. Tanto quanto eu posso dizer, é só você, eu e Hazel que estamos aqui. Os caras peixe-cavalo levaram Hazel há cerca de uma hora, deixando-me com você.

O tom de Frank tornou óbvio que ele não aprovava esse arranjo. Ele não parecia ferido, mas Leo percebeu que não tinha mais o seu arco ou aljava. Em pânico, Leo deu um tapinha na cintura. Seu cinto de ferramentas se foi.

— Eles nos revistaram — disse Frank. — Levaram tudo o que poderia ser uma arma.

— Quem? — perguntou Leo. — Quem são estes peixes-cavalo?

— Caras peixe-cavalo — Frank esclareceu, o que não era muito claro. — Eles nos pegaram quando caímos no oceano e nos arrastaram para... Onde quer que isso seja.

Leo lembrou a última coisa que ele viu antes de desmaiar – uma face verde-limão do homem barbado com a adaga.

— O monstro de camarão. O *Argo II*... o navio está bem?

— Eu não sei — Frank disse sombriamente. — Os outros podem estar com problemas ou machucados ou pior. Mas acho que você se preocupa mais com o seu navio do que com seus amigos.

Leo sentiu seu rosto tinha acabado de bater a água novamente.

— Que tipo de coisa idiota...?

Então, ele percebeu por que Frank estava com tanta raiva: o flashback. As coisas tinham acontecido tão rápidas com o ataque do monstro, que Leo tinha quase esquecido. O Treinador Hedge tinha feito aquele comentário estúpido sobre Leo e Hazel de mãos dadas e olhando nos olhos um do outro. Provavelmente não havia ajudado que Leo tinha feito Frank ser jogado ao mar logo depois.

De repente, Leo achou difícil encontrar o olhar de Frank.

— Olha cara... Sinto muito por ter nos colocado nesta bagunça. Eu baguncei as coisas.

Ele tomou uma respiração profunda, o que foi surpreendentemente normal, considerando que ele estava debaixo d'água.

— Eu e Hazel segurando as mãos... Não é o que você pensa. Ela estava me mostrando esse flashback de seu passado, tentando descobrir a minha ligação com Sammy.

A expressão de raiva de Frank começou a cair, substituída por curiosidade.

— Será que ela... vocês descobriram?

— Sim — disse Leo. — Bem, mais ou menos. Nós não tivemos a chance de falar sobre isso mais tarde por causa do Camarãozilla, mas Sammy era meu bisavô.

Ele disse a Frank o que tinham visto. A estranheza não estava totalmente registrada ainda, mas agora, tentando explicá-lo em voz alta, Leo mal podia acreditar. Hazel tinha sido boa com seu bisavô, um cara que tinha morrido quando Leo era um bebê. Leo não tinha feito a conexão antes, mas tinha uma vaga memória dos membros mais velhos da família chamando seu avô de Sam Junior. O que significava que Sam Sênior foi Sammy, bisavô de Leo. Em algum momento, *Tía* Callida/Hera tinha falado com Sammy, consolando-o e dando-lhe um vislumbre do futuro, o que significava que Hera tinha moldado gerações da família de Leo antes de ele nascer. Se Hazel tivesse ficado na década de 1940, se ela tivesse se casado com Sammy, Leo poderia ter sido seu bisneto.

— Ah, cara — Leo disse quando ele terminou a história. — Eu não me sinto muito bem. Mas eu juro pelo Estige, que é o que nós vimos.

Frank tinha a mesma expressão do monstro com cabeça de bagre – grandes olhos vidrados e uma boca aberta.

— Hazel... Hazel gostava do seu bisavô? É por isso que ela gosta de você?

— Frank, eu sei que isso é estranho. Acredite em mim. Mas eu não gosto de Hazel... não dessa forma. Eu não estou dando em cima da sua garota.

Frank levantou suas sobrancelhas.

— Não?

Leo esperava que ele não estivesse corando. Sinceramente, não tinha ideia de como ele se sentia sobre Hazel. Ela era impressionante e bonita e Leo tinha uma fraqueza por meninas impressionantes e bonitas. Mas o flashback complicou muito seus sentimentos.

Além disso, seu navio estava em apuros.

Eu acho que você se preocupa mais com o seu navio do que seus amigos, disse Frank.

Isso não era verdade, era? O Pai de Leo, Hefesto, admitiu uma vez que ele não era bom com formas de vida orgânicas. E, sim, Leo tinha sempre se sentido mais confortável com máquinas do que pessoas. Mas ele se importava com seus amigos. Piper e Jason... Eles eram os mais antigos, mas os outros eram importantes para ele também. Mesmo Frank. Eles eram como uma família.

O problema foi, havia tanto tempo desde que Leo tinha uma família, que ele não poderia nem mesmo se lembrar como era. Claro, no último inverno ele se tornou conselheiro-chefe do chalé de Hefesto, mas a maior parte do tempo foi gasto na construção do navio. Leo gostava de seus companheiros de chalé, sabia como trabalhar com eles, mas realmente os conhecia?

Se Leo tivesse uma família, seria os semideuses do *Argo II* e talvez o Treinador Hedge, o que Leo nunca admitiria em voz alta.

Você sempre será o estranho, advertiu a voz de Nêmesis, mas Leo tentou empurrar o pensamento de lado.

— Certo, então... — ele olhou em volta. — Precisamos fazer um plano. Como estamos respirando? Se estamos sob o oceano, não deveríamos ter sido esmagados pela pressão da água?

Frank deu de ombros.

— Mágica dos peixe-cavalo, eu acho. Lembro-me do cara verde tocar minha cabeça com a ponta de uma adaga. Então eu podia respirar.

Leo estudou a porta abalone.

— Você pode nos soltar? Transformar em um tubarão-martelo ou alguma coisa?

Frank balançou a cabeça com tristeza.

— Não consigo mudar de forma. Não sei por quê. Talvez eles me amaldiçoaram ou talvez eu esteja muito abalado para me concentrar.

— Hazel pode estar em apuros — disse Leo. — Temos que sair daqui.

Leo nadou até a porta e correu os dedos ao longo do abalone. Ele não conseguia sentir qualquer tipo de trava ou outro mecanismo. Ou a porta só pode ser aberta por força mágica ou força pura – nenhum dos quais era a especialidade de Leo.

— Eu já tentei — disse Frank. — Mesmo se sairmos, não temos armas.

— Hmm... — Leo levantou a mão. — Será...

Ele se concentrou, e o fogo cintilou sobre seus dedos. Por uma fração de segundo, Leo estava animado, porque ele não esperava que funcionasse debaixo d'água. Então seu plano começou a ficar um pouco bem demais. Fogo correu até seu braço e sobre o seu corpo, até que ele estava completamente envolta em um fino véu de chamas. Ele tentou respirar, mas estava inalando calor puro.

— Leo! — Frank se debateu para trás como se estivesse caindo de um banco do bar.

Em vez de correr para ajudar Leo, ele abraçou a parede para chegar o mais longe possível.

Leo se obrigou a manter a calma. Ele entendeu o que estava acontecendo. O fogo em si não podia machucá-lo. Ele desejou que as chamas acabassem e contou até cinco. Tomou uma respiração superficial. Ele tinha oxigênio novamente.

Frank parou de tentar se fundir com a parede da caverna.

— Você... Você está bem?

— Sim — resmungou Leo. — Obrigado pela ajuda.

— Eu... me desculpe. — Frank parecia tão horrorizado e envergonhado que era difícil para Leo continuar bravo com ele. — Eu só... O que

aconteceu?

— Mágica inteligente — disse Leo. — Há uma fina camada de oxigênio em torno de nós, como uma pele extra. Se autorregenera. É assim que estamos respirando e por isso estamos secos. O oxigênio deu combustível ao fogo – exceto que o fogo também me sufocou.

— Eu realmente não sabia... — Frank engoliu em seco. — Eu não gosto do seu poder de invocar fogo. — Ele começou a aconchegar-se com a parede de novo.

Leo não queria, mas não podia deixar de rir.

— Cara, eu não vou atacá-lo.

— Fogo — repetiu Frank, como que uma palavra explica tudo.

Leo se lembrou do que Hazel havia dito que o fogo faz Frank ficar nervoso. Ele tinha visto o desconforto no rosto de Frank antes, mas Leo não tinha levado a sério. Frank parecia muito mais poderoso e assustador do que Leo era.

Agora, ocorreu-lhe que Frank poderia ter tido uma má experiência com o fogo. A própria mãe de Leo tinha morrido em um incêndio numa oficina mecânica. Leo tinha sido culpado por isso. Ele cresceu sendo chamado de uma aberração, um incendiário, porque sempre que ele ficou com raiva, as coisas queimavam.

— Desculpe por ter rido — disse ele e ele realmente quis dizer isso. — Minha mãe morreu em um incêndio. Eu entendo ter medo do fogo. Será que, hã... Que algo assim aconteceu com você?

Frank parecia estar pesando como dizer.

— Minha casa... A casa da minha avó. Ela queimou. Mas é mais do que isso... — ele olhou para os ouriços do mar no chão. — Annabeth disse que eu poderia confiar na equipe. Mesmo você.

— Mesmo eu, hein? — Leo se perguntou como que ele virou o assunto na conversa — uau, um grande elogio.

— Minha fraqueza... — Frank começou, como se as palavras cortassem sua boca. — Há um pedaço de lenha.

A porta de concha abriu rolando.

Leo virou-se e viu-se cara-a-cara com homem feijão lima, que não era realmente um homem. Agora que Leo podia vê-lo claramente, o cara era de longe a mais estranha criatura que ele já conheceu e isso já era uma grande coisa.

Da cintura para cima, era mais ou menos humano – um cara magro, sem camisa com um punhal no cinto e um bando de conchas amarradas em seu peito como uma bandoleira.

Sua pele era verde, sua barba era castanha desgrenhada e seu cabelo comprido estava preso em uma bandana de algas. Um par de garras de lagostas estava preso na sua cabeça como chifres, girando e batendo aleatoriamente.

Leo decidiu que ele não se parecia tanto com Quíron. Ele parecia mais com o cartaz que a mãe de Leo usava no trabalho – aquele velho bandido mexicano Pancho Villa, exceto que com conchas e chifres de lagosta.

Da cintura para baixo, o cara era mais complicado. Ele tinha as patas dianteiras de um cavalo azul-esverdeado, como uma espécie de centauro, mas para a parte traseira, seu corpo de cavalo se transformava em um rabo de peixe longo com cerca de dez metros de comprimento, com uma cauda em forma de V com cor de arco-íris.

Agora Leo entendeu o que Frank quis dizer sobre caras peixe-cavalo.

— Eu sou Bitos — disse o homem verde. — Vou interrogar Frank Zhang.

Sua voz era calma e firme, não deixando espaço para debate.

— Por que você nos capturou? — perguntou Leo. — Onde está Hazel?

Bitos estreitou os olhos. Sua expressão parecia dizer: *Essa pequena criatura acabou de falar comigo?*

— Você, Leo Valdez, vai com o meu irmão.

— Seu irmão?

Leo percebeu que uma figura muito maior pairava atrás de Bitos, com uma sombra tão grande, que encheu a entrada da caverna inteira.

— Sim — Bitos disse com um sorriso seco. — Tente não enfurecer Afros.

XXIV

LEO

Afros parecia com seu irmão, exceto que ele era azul em vez de verde e muito, muito maior. Ele tinha o abdômen e braços tipo Schwarzenegger em Exterminador do Futuro e uma cabeça quadrada e brutal. Uma enorme espada que o próprio Conan aprovaria estava amarrada em suas costas. Até o cabelo dele era maior – um enorme globo azul escuro frisado e tão espesso que seus chifres tipo garra de lagosta pareciam estar se afogando enquanto tentavam nadar a caminho da superfície.

— É por isso que eles chamaram você de Afros? — Leo perguntou enquanto eles deslizavam pelo caminho da caverna. — Por causa do afro?

Afros fez uma careta.

— O que você quis dizer?

— Nada — Leo disse rapidamente. Pelo menos, ele nunca teria problemas em se lembrar qual desses caras peixe era qual. — Então, o que vocês são, exatamente?

— Ictiocentauros — Afros disse, como se fosse uma pergunta que ele estivesse cansado de responder.

— Hã, icti o quê?

— Peixes-centauro. Nós somos meios-irmãos de Quíron.

— Ah, ele é um amigo meu!

Afros estreitou os olhos.

— A que se chama Hazel nos disse, mas vamos determinar a verdade. Venha.

Leo não gostou de como soou *determinar a verdade*. Isso o fez pensar em mesas de tortura e atiçadores vermelho-flamejantes.

Ele seguiu o centauro peixe através de uma enorme floresta de alga marinha. Leo poderia ter corrido para qualquer lado e se perdido nas plantas muito facilmente, mas não tentou. Por um lado, percebeu que Afros poderia viajar muito mais rápido na água e o cara pode ser capaz de desligar a magia que permitia a Leo se movimentar e respirar. Dentro ou fora da caverna, Leo era meio que um cativo.

Além disso, Leo não tinha ideia de onde estava.

Flutuaram entre linhas de algas marinhas tão altas como edifícios de apartamentos. As plantas verde e amarelo balançavam com a falta de peso, como colunas de balões de hélio.

No alto, Leo viu uma mancha branca que poderia ter sido o sol.

Supôs que isso significava que eles tinham estado aqui por toda a noite. Estava tudo bem com o *Argo II?* Teriam navegado sem eles ou seus amigos ainda os procuravam?

Leo não poderia mesmo ter certeza de quão profundo eles estavam. Plantas poderiam crescer aqui... então, não era muito fundo, certo? Ainda assim, sabia que não podia simplesmente nadar para a superfície. Ele tinha

ouvido falar de pessoas que subiram muito rapidamente e desenvolveram bolhas de nitrogênio no sangue. Leo queria evitar ter o sangue gaseificado.

Eles nadaram por meio quilômetro, talvez. Leo estava tentado a perguntar onde Afros o estava levando, mas a grande espada amarrada nas costas do centauro desencorajava a conversa.

Finalmente, a floresta de algas se abriu. Leo engasgou. Eles estavam de pé (ou nadando, não importa) no cume de uma alta colina subaquática. Abaixo deles se estendia uma cidade inteira com edifícios ao estilo grego no fundo do mar.

Os telhados foram ladrilhados com madrepérola. Os jardins estavam cheios de corais e anêmonas do mar. Hipocampos pastavam em um campo de algas. Uma equipe de ciclopes estava colocando o teto abobadado em um novo templo, usando uma baleia azul como um guindaste. E nadando pelas ruas, saindo pelos pátios, praticando combate com tridentes e espadas na arena haviam dezenas de tritões e sereias – pessoas peixe honestas e bondosas.

Leo tinha visto um monte de coisas loucas, mas ele sempre tinha pensado que sereianos eram tolas criaturas fictícias, como Smurfs ou Muppets.

Mas não havia nada de bobo ou bonitinho sobre estes sereianos. Mesmo à distância, eles pareciam ferozes e não de todo humanos. Seus olhos brilhavam amarelos. Eles tinham dentes como os de um tubarão e a pele curtida em cores que variavam do vermelho coral ao de preto tinto.

— É um campo de treinamento — Leo percebeu. Ele olhou para Afros em respeito. — Você treina heróis, da mesma forma que Quíron faz?

Afros assentiu, com um brilho de orgulho no olhar.

— Nós treinamos todos os famosos heróis sereianos! Nomeie um herói sereiano e teremos treinado a ele ou ela!

— Ah, claro — disse Leo. — Como... Hã, a Pequena Sereia?

Afros franziu a testa.

— Quem? Não! Como Tritão, Glauco, Weissmuller e Bill!

— Ah. — Leo não tinha ideia de quem qualquer uma dessas pessoas eram. — Você treinou Bill? Impressionante.

— É verdade! — Afros bateu em seu peito. — Eu mesmo treinei Bill. Um grande tritão.

— Você ensina combate, eu suponho.

Afros ergueu as mãos em desespero.

— Por que todos assumem isso?

Leo olhou para a enorme espada nas costas do homem peixe.

— Hã, eu não sei.

— Eu ensino música e poesia! — disse Afros. — Habilidades da vida! Cuidar da casa! Estas são coisas importantes para os heróis.

— Absolutamente. — Leo tentou manter uma cara séria. — Costura? Biscoitos assados?

— Sim. Estou feliz por você entender. Talvez mais tarde, se eu não tiver que te matar, vou compartilhar a minha receita de brownie. — Afros gesticulou atrás dele com desprezo. — Bitos meu irmão – *ele* ensina o combate.

Leo não tinha certeza se ele se sentia aliviado ou insultado que o Treinador de combate estava interrogando Frank, enquanto Leo ficou com o professor de economia doméstica.

— Então, ótimo. Este é o Acampamento... Como você o chama? Acampamento Meio-Peixe?

Afros franziu a testa.

— Espero que tenha sido uma brincadeira. Este é o Acampamento — ele fez um som que era uma série de pings e assobios de sonar.

— Claro, que idiota eu sou — disse Leo. — E eu poderia realmente querer alguns dos brownies! Então, o que temos que fazer para chegar à fase do *não me matar?*

— Conte-me sua história — disse Afros.

Leo hesitou, mas não por muito tempo. De alguma forma, sentia que ele deveria dizer a verdade. Ele começou do início – como Hera havia sido sua babá e colocou-o nas chamas; como sua mãe havia morrido por causa de Gaia, que identificou Leo como um futuro inimigo. Falou sobre como ele passou sua infância pulando em lares adotivos, até que ele, Jason e Piper haviam sido levados para o Acampamento Meio-Sangue. Explicou a Profecia dos Sete, a construção do *Argo II* e sua busca para chegar à Grécia e derrotar os gigantes antes de Gaia acordar.

Enquanto falava, Afros tirou algumas pontas metálicas de má aparência de seu cinto. Leo teve medo que ele tivesse dito algo errado, mas Afros puxou também alguns fios de algas de sua bolsa e começou a tricotar.

— Vá em frente — insistiu ele. — Não pare.

No momento em que Leo tinha explicado os eidolons, o problema com os romanos e todos as dificuldades que o *Argo II* tinha encontrado atravessando os Estados Unidos e embarcar de Charleston, Afros tinha tricotado um gorro completo de bebê.

Leo esperou enquanto o centauro peixe arrumava seus suprimentos. Os chifres de garra de lagosta de Afros pareciam nadar em seu cabelo espesso e Leo teve que resistir à vontade de tentar resgatá-los.

— Muito bem. — disse Afros. — Eu acredito em você.

— Tão simples assim?

— Eu sou muito bom em enxergar mentiras. E não ouvi nenhuma de você. Sua história também se encaixa com o que Hazel Levesque nos disse.

— Ela está...?

— É claro — disse Afros. — Ela está bem. — Ele colocou os dedos na boca e assobiou, o que soou estranho embaixo d'agua, como um golfinho gritando. — O meu povo vai trazê-la aqui em breve. Você tem que entender... A nossa localização é um segredo bem guardado. Você e seus amigos apareceram em um navio de guerra, perseguido por um dos monstros marinhos de Ceto. Nós não sabíamos de que lado vocês estavam.

— E o navio está bem?

— Danificado — Afros disse — mas não muito. O skolopendra se retirou depois que ganhou um bocado de fogo. Belo toque.

– Obrigado. Skolopendra? Nunca ouvi falar dele.

— Considere-se sortudo. Eles são criaturas desagradáveis. Ceto deve realmente odiar vocês. De qualquer forma, nós salvamos você e os outros dois dos tentáculos da criatura quando ela recuou para o abismo. Seus amigos ainda estão lá em cima, procurando por vocês, mas nós temos obscurecido a visão deles. Tínhamos que ter certeza de que não eram uma ameaça. Caso contrário, eu teria que tomar medidas...

Leo engoliu em seco. Ele tinha certeza que *tomar medidas* não significa assar alguns brownies extras. E se esses caras eram tão poderosos que poderiam manter seu acampamento escondido de Percy, que tinha todos os poderes poseidônicos na água, então não eram caras peixe para mexer.

— Então... podemos ir?

— Em breve — prometeu Afros. — Eu tenho que verificar com Bitos. Quando ele terminar de falar com seu amigo Gank...

— Frank.

— Frank. Quando estiver pronto, vamos mandar vocês de volta para o seu navio. E podemos ter alguns avisos para vocês.

— Avisos?

— Ah. — Afros apontou.

Hazel saiu da floresta de algas, escoltada por duas sereias de aparência cruel, que estavam expondo suas presas e sibilando. Leo pensou que Hazel poderia estar em perigo. Então viu que ela estava completamente à vontade, sorrindo e conversando com suas acompanhantes e Leo percebeu que as sereias estavam rindo.

— Leo! — Hazel remou em direção a ele. — Este lugar não é incrível?

Eles foram deixados sozinhos no cume, o que deve significar que Afros realmente confiava neles. Enquanto o centauro e as sereias saíram para buscar Frank, Leo e Hazel flutuaram sobre a colina e olharam para o acampamento debaixo d'água.

Hazel disse-lhe como as sereias tinham sido receptivas com ela imediatamente. Afros e Bitos tinham ficado fascinados com sua história, já que nunca tinham encontrado uma criança de Plutão antes. Apesar disso, eles ouviram muitas lendas sobre o cavalo Árion e ficaram surpresos que Hazel tinha amizade com ele.

Hazel tinha prometido visitá-los novamente com Árion. As sereias haviam escrito seus números de telefone em tinta à prova d'água no braço de Hazel para que ela pudesse manter em contato. Leo não queria nem perguntar como sereias tem cobertura de telefonia celular no meio do Atlântico.

Quando ela falou, seu cabelo flutuava em torno de seu rosto em uma nuvem – como a terra marrom e pó de ouro na peneira de um minerador. Ela parecia muito segura de si e muito bonita, não como a menina tímida e nervosa naquela escola em Nova Orleans com seu almoço esmagado em sua lancheira de lona a seus pés.

— Nós não conseguimos conversar — disse Leo. Ele estava relutante em levantar o assunto, mas sabia que esta poderia ser sua única chance de

estar sozinho. — Quero dizer, sobre Sammy.

Seu sorriso desapareceu.

— Eu sei... só preciso de algum tempo para absorver isso tudo. É estranho pensar que você e ele...

Ela não precisava terminar o pensamento. Leo sabia exatamente como era estranho.

— Eu não tenho certeza se posso explicar isso para Frank — acrescentou Hazel. — Sobre eu e você de mãos dadas.

Ela não queria encontrar os olhos de Leo. No vale, a equipe de trabalho dos ciclopes aplaudiu quando o teto do templo foi colocado no lugar.

— Eu conversei com ele — disse Leo. — Eu disse a ele que não estava tentando... Você sabe. Criar problemas entre vocês dois.

— Ah. Bom.

Ela soou desapontada? Leo não tinha certeza e ele não tinha certeza se queria saber.

— Frank, hã, parecia muito assustado quando eu convoquei fogo. — Leo explicou o que tinha acontecido na caverna.

Hazel parecia atordoada.

— Ah, não. Isso o teria aterrorizado.

Sua mão foi para sua jaqueta jeans, como se estivesse verificando algo no bolso de dentro. Ela sempre usava aquele casaco, ou algum tipo de sobretudo, mesmo quando estava quente lá fora. Leo tinha assumido que ela fazia isso por pudor, ou porque era melhor para andar a cavalo, como uma jaqueta de moto. Agora ele começava a se perguntar.

Seu cérebro correu em alta velocidade. Ele se lembrou do que Frank havia dito sobre sua fraqueza... Um pedaço de lenha. Ele pensou sobre o porquê de o garoto ter medo do fogo e por que Hazel estaria tão sintonizada com esses sentimentos. Leo pensou sobre algumas das histórias que ouviu

no Acampamento Meio-Sangue. Por razões óbvias, ele tendia a prestar atenção a lendas sobre o fogo. Agora se lembrava de algo que ele não tinha pensado em meses.

— Havia uma velha lenda sobre um herói — lembrou ele. — Sua linha da vida fora amarrada a um pedaço de lenha em uma lareira e quando aquele pedaço de lenha fosse queimado...

Expressão de Hazel ficou sombria. Leo sabia que tinha atingido a verdade.

— Frank tem esse problema — supôs ele. — E o pedaço de lenha... — Ele apontou a jaqueta de Hazel. — Ele deu a você para guardá-lo?

— Leo, por favor, não... Eu não posso falar sobre isso.

Os instintos de Leo como mecânico engrenaram dentro dele. Ele começou a pensar sobre as propriedades da madeira e da corrosividade da água salgada.

— A lenha ficará bem num oceano como este? Será que a camada de ar em torno de você pode protegê-lo?

— Está tudo bem. — disse Hazel. — A madeira nem sequer se molhou. Além disso, ela está envolvida em várias camadas de pano e plástico e... — Ela mordeu o lábio em frustração. — E eu não deveria falar sobre isso! Leo, o ponto é se Frank parece ter medo de você, ou fica desconfortável, você tem que entender...

Leo estava feliz que ele estava flutuando, porque ele provavelmente teria ficado muito tonto pra se manter em pé. Ele imaginou estar na posição de Frank, sua vida tão frágil, que literalmente pode queimar-se a qualquer momento. Ele imaginou quanta confiança seria necessária para dar a sua linha da vida – o seu destino inteiro – para outra pessoa.

Frank tinha escolhido Hazel, obviamente. Então, quando tinha visto Leo – um cara que podia convocar fogo à vontade – chegando junto em sua

garota...

Leo estremeceu. Não é de admirar que Frank não gostasse dele. E de repente a capacidade de Frank para se transformar em um bando de animais diferentes não parecia tão impressionante – não se vinha com uma armadilha dessa.

Leo pensou sobre sua linha menos favorita na Profecia de Sete: *Em tempestade ou fogo o mundo terá acabado*. Por um longo tempo, ele imaginou que Jason ou Percy representassem a tempestade, talvez os dois juntos. Leo era o cara do fogo. Ninguém disse isso, mas ficou muito claro. Leo foi um dos curingas. Se ele fizer a coisa errada, o mundo poderia acabar. Não... *iria acabar*. Leo se perguntou se Frank e sua lenha tinham algo a ver com essa linha. Leo já havia cometido alguns erros épicos. Seria tão fácil para ele acidentalmente colocar Frank Zhang em chamas.

— Aí estão vocês! — A voz de Bitos fez Leo recuar.

Bitos e Afros flutuavam acima com Frank entre eles, pálido, mas ok. Frank estudou Hazel e Leo com cuidado, como se estivesse tentando ler o que eles estavam falando.

— Vocês estão livres para ir — disse Bitos. Ele abriu os alforjes e devolveu seus suprimentos confiscados. Leo nunca tinha ficado tão feliz por ajustar seu cinto de ferramentas em torno de sua cintura.

— Diga a Percy Jackson para não se preocupar — disse Afros. — Compreendemos a sua história sobre as criaturas do mar presas em Atlanta. Ceto e Fórcis devem ser detidos. Vamos enviar uma missão de heróis sereianos para derrotá-los e libertar seus cativos. Talvez Cyrus?

— Ou o Bill — sugeriu Bitos.

— Sim! Bill seria perfeito. — concordou Afros. — De qualquer forma, estamos agradecidos que Percy trouxe isto à nossa atenção.

— Você deveria falar com ele pessoalmente — sugeriu Leo. — Quero dizer, filho de Poseidon e tudo mais.

Ambos os centauros-peixe balançaram a cabeça solenemente.

— Às vezes é melhor não interagir com ninhada de Poseidon — disse Afros. — Somos amigáveis com o deus do mar, é claro, mas a política de divindades submarinas é... Complicada. E nós valorizamos nossa independência. Mas diga a Percy obrigado. Nós vamos fazer o que pudermos para dar-lhes velocidade com segurança através do Atlântico sem qualquer outra interferência dos monstros de Ceto, mas lembre-se: no mar antigo, o Mare Nostrum, mais perigos aguardam.

Frank suspirou.

— Naturalmente.

Bitos bateu no ombro do grandalhão.

— Você vai ficar bem, Frank Zhang. Continue praticando essas transformações da vida marinha. O peixe carpa é bom, mas tente um homem-da-guerra Português. Lembre-se do que eu mostrei. Está tudo na respiração.

Frank pareceu mortalmente envergonhado. Leo mordeu o lábio, determinado a não sorrir.

— E você, Hazel — Afros disse. — Venha nos visitar novamente e traga o seu cavalo! Eu sei que você está preocupada com o tempo que perdeu, passando a noite no nosso reino. Você está preocupada com o seu irmão, Nico...

Hazel agarrou sua espada de cavalaria.

— Ele está... Você sabe onde ele está?

Afros balançou a cabeça.

— Não exatamente. Mas quando você se aproximar, deve ser capaz de sentir sua presença. Não tenha medo! Você precisa chegar a Roma, depois

de amanhã, se for para salvá-lo, mas ainda há tempo. E você *precisa* salvá-lo.

— Sim — concordou Bitos. — Ele vai ser essencial em sua viagem. Eu não sei como, mas sinto que é verdade.

Afros colocou a mão no ombro de Leo.

— Quanto a você, Leo Valdez, fique perto de Hazel e Frank quando chegar a Roma. Eu sinto que eles terão de enfrentar... Ah, dificuldades *mecânicas* que só você poderá superar.

— Dificuldades mecânicas? — perguntou Leo.

Afros sorriu como se isso fosse uma grande notícia.

— E eu tenho presentes para você, o valente navegador do *Argo II!*

— Eu gosto de pensar em mim como capitão — disse Leo. — Ou comandante supremo.

— Brownies! — Afros disse orgulhosamente, empurrando uma cesta de piquenique à moda antiga nos braços de Leo. Ela foi cercada por uma bolha de ar, o que Leo esperava impedir que os brownies se transformassem em caramelos de lama de água salgada. — Nesta cesta você também vai encontrar a receita. Não coloque muita manteiga! Esse é o truque. E eu dei-lhe uma carta de apresentação para Tibério, o deus do Rio Tibre. Depois de chegar a Roma, a sua amiga filha de Atena precisará disto.

— Annabeth... — disse Leo. — Ok, mas por quê?

Bitos riu.

— Ela segue a Marca de Atena, não é? Tibério pode guiá-la nessa busca. Ele é um deus antigo, orgulhoso, que pode ser... Duro, mas cartas de apresentação são tudo para espíritos romanos. Isso vai convencer Tibério para ajudá-la. Esperemos.

— Esperemos — repetiu Leo.

Bitos produziu três pequenas pérolas rosa de seus alforjes.

— E agora, vão saindo, semideuses! Boa navegação!

Ele jogou uma pérola em cada um deles, por sua vez, três brilhantes bolhas cor de rosa de energia se formaram em torno deles.

Eles começaram a subir através da água. Leo só teve tempo de pensar: *Um elevador de bola de hamster?* Então, ele ganhou velocidade e disparou em direção ao brilho distante do sol acima.

XXV

PIPER

Piper tinha um novo item em sua lista de *Quantas vezes Piper se sentiu inútil*.

Lutar contra um camarão gigante com uma adaga e uma voz bonita? Não é tão eficaz. O monstro tinha afundado e desaparecido junto com três de seus amigos e ela tinha sido incapaz de ajudá-los.

Depois disso, Annabeth, o Treinador Hedge e Buford ficaram em torno da mesa apressados reparando as coisas para que o navio não afundasse. Percy, apesar de estar exausto, procurava no oceano por seus amigos desaparecidos. Jason, também esgotado, voava ao redor do equipamento como um Peter-Pan loiro apagando os focos de incêndio da segunda explosão verde que havia iluminado o céu acima do mastro principal.

Quanto à Piper, tudo o que podia fazer era ficar olhando para sua faca *Katoptris*, tentando localizar Leo, Hazel e Frank. Mas as únicas imagens que vieram a ela eram as que não queria ver: três carros pretos conduzindo

ao norte de Charleston, repletos de semideuses romanos e com Reyna sentada ao volante do carro que ia a frente. Águias gigantes os escoltavam do alto. Vários espíritos roxos brilhantes, em carros fantasmas, apareciam e desapareciam fora do campo atrás deles, trovejando pela rodovia I-95 em direção a Nova York e ao Acampamento Meio-Sangue.

Piper se concentrou mais. Ela viu as imagens do pesadelo que havia tido antes: a cabeça meio humana e meio touro saindo da água, em seguida, um lugar muito escuro onde Jason, Percy e ela lutavam para se manter à tona da água negra que preenchia tudo.

Ela embainhou *Katoptris*, imaginando como Helena tinha conseguido ficar sã durante a Guerra de Tróia, se esta lâmina havia sido sua única fonte de notícias. Então lembrou-se de que todos em torno de Helena tinham sido abatidos pelo exército invasor grego. Talvez ela não tivesse ficado sã.

Quando o sol se levantou, nenhum deles havia dormido. Percy vasculhara o fundo do mar e não conseguiu encontrar nada. O *Argo II* não estava mais em perigo de afundar, embora sem Leo eles não pudessem fazer todos os reparos. O navio era capaz de velejar, mas ninguém sugeriu deixar a área, não sem seus amigos desaparecidos.

Piper e Annabeth enviaram uma mensagem de Íris para o Acampamento Meio-Sangue, advertindo Quíron sobre o que havia acontecido com os romanos no Forte Sumter. Annabeth falou sobre a sua conversa com Reyna e Piper contou sobre o que havia visto em sua adaga, acerca dos carros ao norte. O centauro de rosto gentil, que parecia ter trinta anos, no decorrer da conversa assegurou-lhes que iria rever as defesas do acampamento. Tyson, a Sra. O'Leary e Ella haviam chegado em segurança e, se necessário, Tyson poderia convocar um exército de ciclopes para a defesa do acampamento. Ella e Rachel Dare, já estavam comparando profecias, tentando aprender mais sobre o que o futuro resguardava.

O trabalho dos sete semideuses a bordo do *Argo II*, Quíron as lembrou, era terminar a missão e voltar com segurança.

Após a mensagem de Íris, os semideuses passeavam pelo convés em silêncio, olhando para a água e esperando por um milagre.

Quando o milagre finalmente chegou, três grandes bolhas rosa estourando na superfície a estibordo ejetando Frank, Hazel e Leo, Piper ficou um pouco louca. Ela exclamou aliviada e mergulhou direto para a água.

O que ela estava pensando? Ela não pegou uma corda ou um colete salva-vidas ou qualquer coisa. Mas, no momento, estava tão feliz que nadou até Leo e beijou-o no rosto, o que o surpreendeu.

— Saudades de mim? — Leo riu.

Piper ficou furiosa de repente.

— *Onde* você estava? Como vocês estão vivos?

— É uma longa história — disse ele. Uma cesta de piquenique surgiu na superfície ao lado dele. — Quer um brownie?

Uma vez que eles estavam a bordo e colocaram roupas secas (o pobre Frank teve que pedir emprestado uma calça de Jason e elas eram pequenas para ele) a tripulação se reuniu no convés superior para um café da manhã em clima de comemoração, exceto o Treinador Hedge, que reclamou que a atmosfera estava ficando muito fofinha para seu gosto e desceu para arrumar algumas rachaduras no casco.

Enquanto Leo fuçava seu controle de leme, Hazel e Frank relataram a história dos peixe-centauros e seu campo de treinamento.

— Incrível — disse Jason. — Estes brownies de chocolate são muito bons.

— Esse é o seu único comentário? — perguntou Piper.

Ele pareceu surpreso.

— O quê? Eu ouvi a história. Peixe-centauros. Sereianos. Carta para o deus do Rio Tibre. Entendi. Mas esses biscoitos...

— Eu sei — disse Frank, com a boca cheia. — Prove-os com as conservas de pêssego de Esther.

— Isto — Hazel disse — é *incrivelmente* nojento.

— Me passe o vidro, cara — disse Jason.

Hazel e Piper trocaram um olhar de total irritação. *Meninos*.

Percy, por sua vez, queria ouvir todos os detalhes sobre o acampamento aquático. Ele sempre voltava ao mesmo ponto:

— Eles não querem me conhecer?

— Não foi isso — disse Hazel. — Só... Política submarina, eu acho. O sereianos são territoriais. A boa notícia é que eles irão cuidar do aquário em Atlanta. E eles vão ajudar a proteger o *Argo II* para atravessar o Atlântico.

Percy assentiu distraidamente.

— Mas eles não querem se encontrar comigo?

Annabeth lhe deu um tapa no braço.

— Vamos, Cabeça de Alga! Temos outras coisas para nos preocupar.

— Ela está certa — disse Hazel. — Depois de hoje, Nico tem menos de dois dias. Os peixes-centauros disseram que temos que resgatá-lo. Ele é essencial para a missão de alguma forma.

Ela olhou ao redor na defensiva, como se esperasse que alguém rebatesse. Mas ninguém o fez. Piper tentou imaginar o que Nico di Angelo estava sentindo, preso em um jarro restando apenas duas sementes de romã para mantê-lo vivo e sem nenhuma ideia se ele seria resgatado. Isso fez Piper ficar ansiosa para chegar a Roma, embora ela tivesse uma sensação horrível de que estava navegando em direção a uma espécie de prisão, uma sala escura cheia de água.

— Nico deve ter informações sobre as Portas da Morte — disse Piper. — Nós iremos salvá-lo, Hazel. Nós podemos fazer isso a tempo. Certo, Leo?

— O que? — Leo desviou os olhos dos controles. — Ah, sim. Devemos chegar no Mediterrâneo amanhã de manhã. Então, passaremos o resto do dia navegando em direção a Roma, ou voando, se pelo menos eu puder manter fixo o estabilizador e então...

Jason achou de repente que o seu brownie com conservas de pêssego não tinha mais um gosto tão bom.

— O que vai nos colocar em Roma no último dia possível para Nico. Vinte e quatro horas para encontrá-lo... No máximo.

Percy cruzou as pernas.

— E isso é apenas parte do problema. Há a Marca de Atena, também.

Annabeth não parecia feliz com a mudança de assunto. Ela descansou a mão em sua mochila, que, desde que eles deixaram Charleston, sempre parecia ter com ela. Ela abriu a bolsa e tirou um fino disco de bronze do diâmetro de uma rosquinha.

— Este é o mapa que eu encontrei em Forte Sumter. Ele é... — ela parou rapidamente, olhando para a superfície lisa de bronze. — Está em branco!

Percy pegou e analisou ambos os lados.

— Ele não era assim antes?

— Não! Eu estava olhando na minha cabine e... — Annabeth murmurou baixinho. — Deve ser como a Marca de Atena. Eu só posso ver quando estou sozinha. Não vai se mostrar a outros semideuses.

Frank recuou como se o disco pudesse explodir. Ele tinha um bigode de suco de laranja e uma barba de migalhas do brownie, o que fez Piper querer dar a ele um guardanapo.

— O que tem nele? — Frank perguntou nervosamente. — E o que é a Marca de Atena? Eu ainda não entendi.

Annabeth pegou o disco de Percy. Ela virou-o na luz do sol, mas ele permaneceu em branco.

— O mapa era difícil de ler, mas havia um local marcado no Rio Tibre, em Roma. Eu acho que é onde minha busca começa... O caminho que eu tenho que fazer para seguir a Marca.

— Talvez isto seja onde você vai encontrar o deus do Rio Tibre — disse Piper. — Mas o que é a Marca?

— A moeda — murmurou Annabeth.

Percy franziu a testa.

— Que moeda?

Annabeth colocou a mão em seu bolso e tirou um dracma de prata.

— Eu tenho carregado isso desde que eu vi a minha mãe na Grand Central. É uma moeda ateniense.

A moeda passou por todos. Enquanto cada semideus analisava a moeda, Piper teve uma ridícula lembrança de uma brincadeira da escola primária.

— Uma coruja — observou Leo. — Bem, isso faz sentido. Eu acho que o ramo é um ramo de oliveira? Mas o que é essa inscrição, AΘE, área de efeito?

— É alfa, teta, épsilon — disse Annabeth. — Em grego, significa *Dos Atenienses*... ou você poderia lê-lo como *Os Filhos de Atena*. É uma espécie de lema ateniense.

— Como SPQR para os romanos — supôs Piper.

Annabeth assentiu.

— De qualquer forma, a Marca de Atena é uma coruja, daquele modo. Ela aparece em vermelho chamejante. Eu já vi isso em meus sonhos. Duas vezes em Forte Sumter.

Ela descreveu o que tinha acontecido no forte, a voz de Gaia, as aranhas na guarnição, a Marca queimando-as. Piper poderia dizer que não foi fácil para Annabeth falar sobre isso.

Percy pegou a mão de Annabeth.

— Eu deveria ter estado lá com você.

— Mas esse é o ponto — disse Annabeth. — Ninguém pode estar lá comigo. Quando eu chegar a Roma, tenho que estar lá por conta própria. Caso contrário, a Marca não vai aparecer. Eu vou ter que segui-la para... para a origem.

Frank pegou a moeda de Leo. Ele olhou para a coruja.

— *A ruína dos gigantes se apresenta em ouro e pálida. Ganha através da dor de uma prisão tecida*. — Ele olhou para Annabeth. — O que é isso... Essa coisa na fonte?

Antes que Annabeth pudesse responder, Jason falou.

— Uma estátua — disse ele. — Uma estátua de Atena. Pelo menos... Esse é o meu palpite.

Piper franziu a testa.

— Você disse que não sabia.

— Eu não sei. Mas quanto mais penso sobre isso... Há apenas um artefato que poderia se encaixar na lenda. — Ele virou para Annabeth. — Me desculpe. Eu deveria ter dito tudo o que eu ouvi, muito antes. Mas honestamente, eu estava com medo. Se esta lenda é verdadeira...

— Eu sei — disse Annabeth. — Eu percebi isso, Jason. Eu não culpo você. Mas se conseguirmos salvar a estátua, gregos e romanos juntos... Você não vê? Ela poderia diminuir a distância.

— Espere um pouco. — Percy fez um gesto pedindo tempo. — *Qual estátua?*

Annabeth colocou novamente a moeda de prata no bolso.

— A *Atena Partenos* — disse ela. — A mais famosa estátua grega de todos os tempos. Tinha doze metros de altura, coberta de marfim e ouro. Ficava no meio do Parthenon, em Atenas.

O navio ficou em silêncio, exceto pelo som da batida das ondas contra o casco.

— Ok, eu vou arriscar — Leo disse por fim. — O que aconteceu com ela?

— Ele desapareceu — disse Annabeth.

Leo franziu a testa.

— Como uma estátua de doze metros de altura que estava no meio do Parthenon apenas desaparece?

— Essa é uma boa pergunta — disse Annabeth. — É um dos maiores mistérios da história. Algumas pessoas pensam que a estátua foi derretida por causa do ouro, ou destruída por invasores. Atenas foi saqueada um monte de vezes. Outros pensam que a estátua foi levada...

— Pelos romanos — Jason terminou. — Pelo menos, esta é uma teoria, uma lenda que eu ouvi no Acampamento Júpiter. Para quebrar o espírito dos gregos, os romanos retiraram a Atena Partenos quando tomaram a cidade de Atenas. Eles a esconderam em um santuário subterrâneo, em Roma. Os semideuses romanos juraram que nunca mais veria a luz do dia. Eles literalmente *roubaram* Atena, para que ela não pudesse mais ser o símbolo do poder militar grego. Ela tornou-se Minerva, uma deusa muito dominadora.

— E os filhos de Atena têm procurado a estátua desde então — disse Annabeth. — A maioria não sabe sobre a lenda, mas em cada geração alguns são escolhidos pela deusa. A eles é dada uma moeda como a minha e devem seguir a Marca de Atena... Uma espécie de trilha mágica que os liga

a estátua... Na esperança de encontrar o lugar onde está Atena Partenos e conseguir a estátua de volta.

Piper olhou os dois – Annabeth e Jason – com um espanto silencioso. Eles falaram como uma equipe, sem qualquer hostilidade ou acusação. Os dois nunca haviam realmente confiado um no outro. Piper estava perto o suficiente dos dois para saber isso. Mas agora...

Se eles podiam discutir esse grande problema tão calmamente – a maior fonte do ódio entre os gregos e os romanos – talvez houvesse esperança para os dois acampamentos, apesar de tudo.

Percy parecia estar tendo pensamentos semelhantes, a julgar pela sua expressão de surpresa.

— Então se nós... quero dizer você, encontrar a estátua, o que devemos fazer com ela? Poderíamos mesmo movê-la?

— Eu não tenho certeza — admitiu Annabeth. — Mas se pudermos salvá-la de alguma forma, isso poderia unir os dois acampamentos. Ela poderia curar minha mãe desse ódio que ela tem, dilacerando seus dois aspectos separados. E talvez... Talvez a estátua tenha algum tipo de poder que poderia nos ajudar contra os gigantes.

Piper olhou para Annabeth com temor, começando a se admirar da enorme responsabilidade que sua amiga estava assumindo. E Annabeth escolheu fazer isso sozinha.

— Isso pode mudar tudo — disse Piper. — Isso poderia acabar com os milhares de anos de hostilidade. Ela pode ser a chave para derrotar Gaia. Mas se não podemos ajudar você...

Ela não terminou, mas a questão parecia pairar no ar: *seria mesmo possível salvar a estátua?*

Annabeth endireitou os ombros. Piper sabia que ela deveria estar aterrorizada por dentro, mas fez um bom trabalho escondendo.

— Eu tenho que ter sucesso — Annabeth disse simplesmente. — O risco vale a pena.

Hazel mexia em seu cabelo, pensativa.

— Eu não gosto da ideia de você arriscar sua vida sozinha, mas você está certa. Nós vimos o significado que teve para a legião romana quando recuperamos a águia de ouro. Se esta estátua é o mais poderoso símbolo de Atena já criado...

— Ela pode representar uma grande recompensa — Leo ofereceu.

Hazel franziu a testa.

— Isso não é bem o que eu ia falar, mas sim.

— Exceto... — Percy pegou a mão de Annabeth novamente. — Nenhuma criança de Atena já encontrou a estátua. Annabeth, o que está lá embaixo? O que está guardando isso? E se tem a ver com aranhas...?

— *Ganha através da dor de uma prisão tecida* — lembrou Frank. — Tecido, como redes?

O rosto de Annabeth ficou branco como papel de impressora. Piper suspeitava que Annabeth sabia o que a esperava... Ou pelo menos que ela tinha uma ideia muito boa. Ela estava tentando segurar uma onda de pânico e terror.

— Nós lidaremos com isso quando chegarmos a Roma — Piper sugeriu, colocando um pouco de charme em sua voz para acalmar os nervos da amiga. — Vai dar certo. Annabeth vai conseguir algumas boas recompensas também. Você vai ver.

— Sim — disse Percy. — Eu aprendi há muito tempo: *Nunca* aposte contra Annabeth.

Annabeth olhou para ambos com gratidão.

A julgar pelo café da manhã meio comido, os outros ainda se sentiam desconfortáveis, mas Leo conseguiu dar uma sacudida neles. Ele apertou

um botão e uma explosão forte de vapor explodiu da boca de Festus, fazendo todo mundo pular.

— Bem. — disse ele. — Foi uma boa festa, mas ainda há uma milhão de coisas para arrumar neste navio antes chegarmos ao Mediterrâneo. Por favor, reportem-se ao Supremo Comandante Leo para pegar a sua superdivertida lista de tarefas!

Piper e Jason se encarregaram de limpar o convés inferior, que havia se tornado um caos durante o ataque do monstro. A reorganização da enfermaria e da área de armazenamento levou a maior parte do dia, mas Piper não se importou. Por um lado, ela passaria um tempo com Jason. Por outro, a explosão da noite passada havia ensinado a Piper a respeitar o fogo grego. Ela não iria quer que nenhum frasco desse material saísse rolando pelos corredores no meio da noite.

Quando eles estavam arrumando os estábulos, Piper pensou na noite em que Annabeth e Percy passaram ali acidentalmente. Piper desejou que ela pudesse conversar com Jason a noite toda, abraçada a ele no piso estável e desfrutando de sua companhia. Por que eles não quebravam as regras?

Mas Jason não era assim. Ele foi treinado para ser um líder e dar um bom exemplo. Quebrar as regras não era natural para ele.

Sem dúvida Reyna admirava isso nele. Piper também... Na maioria das vezes.

A única vez em que ela o convenceu a ser rebelde eles estavam de volta à Escola da Vida Selvagem, quando haviam se esgueirado para o telhado à noite para ver uma chuva de meteoros. Foi aí que eles tiveram seu primeiro beijo.

Infelizmente, essa memória era um truque da Névoa, uma mentira mágica implantada em sua cabeça por Hera. Piper e Jason estavam juntos

agora, na vida real, mas a sua relação havia sido fundada em uma ilusão. Se Piper tentasse convencer o Jason real a se esgueirar pela noite, ele faria isso?

Ela varreu o feno em pilhas. Jason arrumou uma porta quebrada em um dos estábulos.

O vidro de uma escotilha refletia o oceano abaixo – uma imensidão verde de luz e sombra que parecia se estender infinitamente para baixo. Piper continuava observando, com medo de ver a cara de um monstro espreitando ou os canibais da água das velhas histórias de seu avô, mas tudo o que ela viu foi um ocasional comércio de comida de peixe.

Enquanto observava Jason trabalhar, admirava a facilidade com que ele fazia cada tarefa, fosse arrumando uma porta ou ajeitando selas. Não eram apenas seus braços fortes e suas mãos hábeis, embora Piper gostasse daquilo também, mas o modo como ele agia tão otimista e confiante. Ele fez o que precisava ser feito sem reclamar. Mantinha seu senso de humor, apesar do fato de estar morto e se aguentando sobre os pés depois de não ter dormido na noite anterior. Piper não podia culpar Reyna por ter uma queda por ele. Quando o trabalho e o dever chamavam, Jason era romano até a espinha.

Piper pensou sobre a festa do chá de sua mãe em Charleston. Ela se perguntou o que a deusa tinha dito à Reyna um ano atrás e por que o modo como Reyna tratava Jason havia mudado. Afrodite havia encorajado ou desencorajado ela a gostar de Jason?

Piper não tinha certeza, mas queria que sua mãe não tivesse aparecido em Charleston. Mães normais são bastante constrangedoras. Mães-deusas glamorosas que convidam seus amigos para um chá e falavam cara a cara, isto era simplesmente mortificante.

Afrodite tinha prestado tanta atenção em Annabeth e Hazel, que fez Piper desconfortável. Quando sua mãe fica interessada na vida amorosa de

alguém, normalmente era um mau sinal. Significava que problemas estavam chegando. Ou, como diria Afrodite, voltas e reviravoltas.

Mas também, Piper estava secretamente machucada por não ter tido sua mãe para si.

Afrodite mal olhou para ela. Ela não disse uma palavra sobre Jason. E não se incomodou em explicar toda a sua conversa com Reyna.

Era quase como se Afrodite não achasse Piper interessante. Piper concluiu isso pela sua cara. Quando foi tentar falar com ela e fazer com que as coisas se arrumassem, Afrodite mudou para a mais recente fofoca como facilmente se joga fora uma cópia velha de um tabloide.

Todos vocês têm histórias excelentes, dissera Afrodite. *Quero dizer, as meninas*.

Piper não tinha gostado disso, mas parte dela havia pensado: *Legal. Eu não quero ser uma história. Eu quero uma boa vida estável com um bom e agradável namorado.*

Se ela apenas soubesse mais sobre como fazer relacionamentos funcionarem. Ela deveria ser uma especialista nisso, sendo a conselheira-chefe do chalé de Afrodite, outros campistas no Acampamento Meio-Sangue pediam a ela conselhos o tempo todo. Piper tentava fazer o melhor que podia, mas com o seu próprio namorado, ela estava perdida.

Estava constantemente duvidando de si mesma, lendo constantemente as expressões de Jason, seus humores, seus comentários espontâneos. Por que tinha que ser tão difícil? Por que não poderia haver um *felizes-para-sempre* ou um *passeio sentindo o pôr do sol* o tempo todo?

— O que você está pensando? — perguntou Jason.

Piper percebeu que ela tinha feito uma cara de amargor. No seu reflexo nas portas de vidro do compartimento, ela parecia ter engolido uma colher de chá de sal.

— Nada — disse ela. — Quero dizer... Um monte de coisas. Tipo, tudo de uma vez.

Jason riu. A cicatriz em seu lábio quase desapareceu quando ele fez isso. Considerando todas as coisas que ele tinha passado, era incrível que pudesse estar de tão bom humor.

— Trabalharemos nisso — prometeu ele. — Você mesma disse.

— Sim — concordou Piper. — Só que eu estava dizendo isso apenas para fazer Annabeth se sentir melhor.

Jason deu de ombros.

— Ainda assim, é verdade. Estamos quase nas terras ancestrais. Deixamos os romanos para trás.

— E agora eles estão a caminho do Acampamento Meio-Sangue para atacar nossos amigos.

Jason hesitou como se fosse difícil para ele dar uma interpretação positiva a respeito disso.

— Quíron vai encontrar uma maneira de pará-los. Os romanos podem levar semanas para realmente encontrar o acampamento e planejar o ataque. Além disso, Reyna vai fazer o que puder para retardar as coisas. Ela ainda está do nosso lado. Eu sei que está.

— Você confia nela — a voz de Piper soou oca, até para si mesma.

— Olha, Pipes. Eu disse a você que não há nada para ter ciúmes sobre isso.

— Ela é linda. Ela é poderosa. Ela é tão... Romana.

Jason largou seu martelo e pegou a mão dela, o que enviou um arrepio por seu braço. O pai de Piper uma vez a tinha levado para o Aquário do Pacífico e lhe mostrado uma enguia elétrica. Ele disse a ela que a enguia enviava pulsos que davam choque e paralisavam suas presas. Toda vez que Jason olhava para ela ou tocava sua mão, Piper sentia algo assim.

— *Você* é linda e poderosa — disse ele. — E eu não quero que você seja romana. Eu quero que você seja Piper. Além disso, somos uma equipe, você e eu.

Ela queria acreditar nele. Eles estavam juntos, realmente, há meses agora. Ainda assim, ela não conseguia se livrar de suas dúvidas, não mais do que Jason podia se livrar do SPQR tatuado a fogo em seu antebraço.

Acima deles, o sino do navio tocou para o jantar.

Jason sorriu.

— É melhor irmos até lá. Não queremos que os sinos do Treinador Hedge sejam amarrados em torno de nossos pescoços.

Piper estremeceu. O Treinador Hedge tinha ameaçado fazer isso após o escândalo com Percy e Annabeth, assim ele saberia se alguém havia saído furtivamente durante a noite.

— Sim — disse ela com pesar, olhando para as portas de vidro abaixo de seus pés. — Eu acho que nós precisamos jantar... E de uma boa noite de sono.

XXVI

PIPER

Na manhã seguinte, Piper acordou com um diferente som de buzina de um navio – uma explosão tão alta que literalmente a sacudiu para fora da cama.

Ela se perguntou se Leo estava pregando outra peça. Em seguida, a buzina soou novamente. Soou como se viesse de várias centenas de metros de distância – de outro navio.

Ela correu para se vestir. Até o momento que demorou para chegar ao convés, os outros já estavam reunidos – todos apressadamente vestidos, exceto o Treinador Hedge, que havia passado a noite de vigília.

A camisa dos Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver de Frank estava do avesso.

Percy usava calça de pijama e um peitoral de bronze, o que era uma declaração de moda interessante. O cabelo de Hazel estava todo soprado para um lado, como se ela tivesse caminhado através de um ciclone e Leo

acidentalmente havia posto fogo em si mesmo. Sua camiseta estava em frangalhos carbonizados. Seus braços estavam fumegando.

Cerca de uma centena de metros do porto, um navio cruzeiro enorme passava deslizando. Turistas acenaram para eles a partir de quinze ou dezesseis linhas de varandas. Alguns sorriram e tiraram fotos. Nenhum deles pareceu surpreso ao ver um trirreme grego antigo.

Talvez a Névoa fizesse parecer que eram um barco de pesca ou talvez os passageiros pensassem que o *Argo II* era uma atração turística.

O navio cruzeiro tocou a buzina novamente e o *Argo II* deu uma tremenda sacudida.

O Treinador Hedge tampou suas orelhas.

— Será que eles precisam que tocar tão alto?

— Eles estão apenas dizendo oi — supôs Frank.

— O QUÊ? — Hedge gritou de volta.

O navio os ultrapassou, dirigindo-se para o mar. Os turistas continuaram acenando. Se eles acharam estranho que o *Argo II* fosse povoado por crianças meio-adormecidas, vestindo armadura e pijama e um homem com pernas de bode, não deixaram transparecer.

— Tchau! — Leo disse, levantando a mão que fumegava.

— Posso assumir a balista? — perguntou Hedge.

— Não — disse Leo através de um sorriso forçado.

Hazel esfregou os olhos e olhou para a água brilhante verde.

— Onde estão... ah... Uau!

Piper seguiu seu olhar e suspirou. Sem o navio cruzeiro bloqueando sua visão, ela viu uma montanha que se projetava a partir do mar a menos de um quilômetro para o norte. Piper tinha visto penhascos impressionantes antes. Ela havia dirigido na Rodovia 1 ao longo da costa da Califórnia. Tinha até mesmo caído dentro do Grande Canyon com Jason e voltou voando. Mas

não eram tão incrível como este punho enorme de pedra branca cegante apontado para o céu. De um lado, os penhascos de calcário estavam quase que completamente limpos, pendendo no mar mais de mil metros abaixo, tão perto quanto Piper podia imaginar. No outro lado, a montanha inclinava em camadas, coberta de floresta, de forma que a coisa toda lembrou a Piper de uma esfinge colossal, desgastada ao longo dos milênios, com uma enorme cabeça branca e peito e um manto verde sobre as costas.

— O Rochedo de Gibraltar — Annabeth disse em respeito. — Na ponta da Espanha. E para lá... — Ela apontou para o sul, para um trecho mais distante de colinas vermelhas e castanhas. — Isso deve ser a África. Estamos na entrada do Mediterrâneo.

A manhã estava quente, mas Piper tremeu. Apesar da grande extensão de mar na frente deles, sentiu como se estivesse diante duma barreira intransponível. Quando chegassem ao Mediterrâneo – o *Mare Nostrum* – eles estariam nas terras antigas. Se as lendas eram verdadeiras, sua missão tornaria-se dez vezes mais perigosa.

— E agora? — perguntou Piper. — Será que é apenas navegar para dentro?

— Por que não? — disse Leo. — É um grande canal de navegação. Barcos entram e saem o tempo todo.

Não trirremes cheios de semideuses, pensou Piper.

Annabeth olhou para o Rochedo de Gibraltar. Piper reconheceu a expressão contemplativa no rosto de sua amiga. Quase sempre significa que ela antecipava problemas.

— Nos velhos tempos — Annabeth disse — eles chamaram esta área de as Colunas de Hércules. O Rochedo deveria ser uma das colunas. A outra era uma das montanhas africanas. Ninguém tem certeza qual delas.

— Hércules, hein? — Percy franziu a testa. — Aquele cara é como o Starbucks da Grécia Antiga. Para todos os lados que você fosse... lá estava ele.

Uma explosão estrondosa sacudiu o *Argo II*, embora Piper não tivesse certeza de onde veio desta vez. Ela não viu quaisquer outros navios e os céus estavam claros.

Sua boca de repente se sentiu seca.

— Então... Essas Colunas de Hércules. Elas são perigosas?

Annabeth ficou focada nos penhascos brancos, como se esperasse que a Marca de Atena brilhasse de repente.

— Para os gregos, as colunas marcaram o fim do mundo conhecido. Os romanos diziam que as colunas foram inscritas com um aviso em latim...

— *Non plus ultra* — disse Percy.

Annabeth pareceu atordoada.

— Sim. *Nada mais além*. Como é que você sabe?

Percy apontou.

— Porque estou olhando para isso.

Bem à frente deles, no meio dos estreitos, uma ilha começou a aparecer, brilhando.

Piper tinha certeza que nenhuma ilha tinha estado lá antes. Era uma pequena massa de terra montanhosa, coberta de florestas e cercada de praias de areia branca. Não era muito impressionante em comparação com Gibraltar, mas na frente da ilha, que projetavam ondas de cerca de cem metros da costa, tinham duas colunas Gregas brancas tão altas como os mastros do *Argo*. Entre as colunas, palavras enormes brilhavam prateadas abaixo d'água — talvez uma ilusão, ou talvez incrustada na areia: NON PLUS ULTRA.

— Gente, eu devo virar? — Leo perguntou nervosamente. — Ou...

Ninguém respondeu. Talvez porque, como Piper, haviam notado a figura de pé na praia.

Como o navio se aproximou das colunas, ela viu um homem de cabelos escuros, com vestes roxas, seus braços cruzados, olhando fixamente para o navio, como se estivesse esperando por eles. Piper não podia dizer muito mais sobre ele a partir desta distância, mas a julgar pela sua postura, ele não estava feliz.

Frank respirou fundo.

— Poderia ser...?

— Hércules — disse Jason. — O Semideus mais poderoso de todos os tempos.

O *Argo II* estava apenas a algumas centenas de metros das colunas agora.

— Preciso de uma resposta — disse Leo com urgência. — Eu posso virar, ou podemos alçar voo. Os estabilizadores estão funcionando novamente. Mas eu preciso saber rápido...

— Temos de continuar — disse Annabeth. — Eu acho que ele está guardando esses estreitos. Se ele é realmente Hércules, navegar ou voar não faria nenhuma diferença. Ele vai querer falar com a gente.

Piper resistiu ao impulso de usar seu charme. Ela queria gritar com Leo: *Voe! Tire-nos daqui!* Infelizmente, teve a sensação de que Annabeth estava certa. Se eles queriam passar para o Mediterrâneo, não poderiam evitar este encontro.

— Hércules não está do nosso lado? — ela perguntou, esperançosa. — Quero dizer... Ele é um de nós, certo?

Jason resmungou.

— Ele era um filho de Zeus, mas quando morreu, se tornou um deus. Você nunca pode ter certeza quando se trata de deuses.

Piper lembrou seu encontro com Baco em Kansas, outro deus que costumava ser um semideus. Ele não tinha sido exatamente útil.

— Ótimo — disse Percy. — Nós sete contra Hércules.

— E um sátiro! — acrescentou Hedge. — Podemos cuidar dele.

— Eu tenho uma ideia melhor — disse Annabeth. — Nós enviamos embaixadores a terra. Um pequeno grupo, um ou dois, no máximo. Tentamos falar com ele.

— Eu vou — disse Jason. — Ele é um filho de Zeus. Eu sou o filho de Júpiter. Talvez ele seja amigável comigo.

— Ou talvez ele vá te odiar — sugeriu Percy. — Meios-irmãos nem sempre se dão bem.

Jason fez uma careta.

— Obrigado, Senhor Otimismo.

— Vale a pena uma tentativa — disse Annabeth. — Pelo menos Jason e Hércules têm algo em comum. E nós precisamos de nosso melhor diplomata. Alguém que seja bom com as palavras.

Todos os olhos se voltaram para Piper.

Ela tentou evitar gritar e pular para o lado. Um mau pressentimento corroía sua barriga. Mas se Jason estava em terra, ela queria estar com ele. Talvez esse deus muito poderoso viesse a ser útil. Eles tinham que ter sorte de vez em quando, não é?

— Tudo bem. — disse ela. — Deixe-me trocar de roupa.

Assim que Leo havia ancorado o *Argo II* entre as colunas, Jason convocou vento para levar ele e Piper para terra.

O homem em roxo estava esperando por eles.

Piper tinha ouvido falar de milhares de histórias sobre Hércules. Ela tinha visto vários filmes cafonas e desenhos. Antes de hoje, se tivesse

pensado sobre ele, ela teria rolado seus olhos e imaginaria um cara estúpido e peludo em seus trinta anos com um peito largo e uma barba hippie grossa, com uma pele de leão pele sobre a cabeça e uma grande clava, como um homem das cavernas. Ela imaginou que ele seria mau cheiroso, arrotasse e se coçasse muito, falando principalmente em grunhidos.

Ela não estava esperando por *isto*.

Seus pés estavam nus, cobertos de areia branca. Suas vestes o faziam parecer um sacerdote, embora Piper não conseguisse se lembrar de qual o posto de sacerdote usava roxo. Eram os Cardeais? Bispos? E a cor roxa queria dizer que ele era a versão romana de Hércules, em vez da grega? Sua barba era desalinhada de uma forma estilosa, como o pai de Piper e seus amigos atores usavam as deles – o tipo de aparência que dizia: *Eu apenas não pude me barbear por dois dias e ainda tenho uma aparência impressionante*.

Ele era bem construído, mas não muito grande. Seu cabelo era cor ébano com um corte curto, estilo romano. Ele tinha surpreendentes olhos azuis como Jason, mas sua pele era de cobre, como se tivesse passado a vida inteira em uma cama de bronzeamento. A coisa mais surpreendente: parecia ter vinte anos. Definitivamente não mais. Ele era bonito de uma forma robusta, mas não-do-jeito-homem-das-cavernas.

Tinha, de fato, uma clava, que ficava na areia ao lado dele, mas parecia mais como um bastão de beisebol – um cilindro de mais de um metro e meio de comprimento de mogno polido com um punho de couro cravejado em bronze. O Treinador Hedge ficaria com ciúmes.

Jason e Piper pousaram na beira das ondas. Eles se aproximaram lentamente, cuidadosos para não fazerem movimentos ameaçadores. Hércules os vigiava sem emoção em particular, como se eles fossem algum tipo de ave marinha que ele nunca tinha notado antes.

— Olá — disse Piper. Sempre um bom começo.

— E aí, novidades? — disse Hércules. Sua voz era profunda, mas casual, muito moderna. Ele poderia estar cumprimentando-os no corredor dos armários do ensino médio.

— Hã, nada demais. — Piper estremeceu. — Bem, na verdade, muita coisa. Sou Piper. Este é Jason. Nós...

— Onde está a sua pele de leão? — interrompeu Jason.

Piper queria dar uma cotovelada nele, mas Hércules parecia mais divertido do que irritado.

— Está trinta e dois graus aqui fora — disse ele. — Por que eu iria usar a minha pele de leão? Você usaria um casaco de pele numa praia?

— Eu acho que faz sentido. — Jason parecia desapontado. — É apenas que as imagens sempre mostram você com uma pele de leão.

Hércules olhou para o céu acusadoramente, como se quisesse ter uma conversa com seu pai, Zeus.

— Não acredite em tudo que ouve sobre mim. Ser famoso não é tão divertido quanto você poderia pensar.

— Eu que o diga — suspirou Piper.

Hércules fixou aqueles olhos azuis brilhantes sobre ela.

— Você é famosa?

— Meu pai... Ele faz filmes...

Hércules rosnou.

— Não me faça começar a falar dos filmes. Deuses do Olimpo, eles nunca fazem *qualquer coisa* certa. Você já viu um filme sobre mim onde eu pareço como eu sou?

Piper teve que admitir que ele tinha um ponto.

— Estou surpresa por você ser tão jovem.

— Há! Ser imortal ajuda. Mas, sim, eu não era tão velho quando eu morri. Não para os padrões modernos. Eu fiz muito durante meus anos

como um herói... Muito, realmente. — Seus olhos se voltaram a Jason. — Filho de Zeus, é?

— Júpiter — disse Jason.

— Não há muita diferença — resmungou Hércules. — Papai é irritante em qualquer forma. Eu? Era chamado de Héracles. Em seguida, vieram os romanos e me chamaram de Hércules. Eu realmente não mudei muito, embora ultimamente só de pensar nisso me dá fortes dores de cabeça...

O lado esquerdo de seu rosto se contorceu. Suas vestes brilhavam, momentaneamente transformando em branco, então de voltaram ao roxo.

— De qualquer forma — Hércules disse — se você é filho de Júpiter, pode entender. É muita pressão. O satisfatório nunca é suficiente. Eventualmente, isso pode fazer um cara enlouquecer.

Ele se virou para Piper. Ela sentiu como se milhares de formigas subissem em suas costas.

Houve uma mistura de tristeza e escuridão em seus olhos que parecia não muito sã e definitivamente não parecia seguro.

— Quanto a você, minha querida — Hércules disse — tenha cuidado. Filhos de Zeus podem ser... Bem, não importa.

Piper não tinha certeza do que aquilo significava. De repente, ela queria ir para o mais longe deste deus possível, mas tentou manter uma expressão calma, educada.

— Então, lorde Hércules — disse ela — estamos em uma missão. Gostaríamos de permissão para entrar no Mediterrâneo.

Hércules deu de ombros.

— É por isso que estou aqui. Depois que eu morri, meu pai me fez o porteiro do Olimpo. Eu disse, *Ótimo! Dever no palácio! Festa o tempo todo!* O que ele não mencionou é que eu guardaria as portas para as terras antigas, preso nesta ilha para o resto da eternidade. Muito divertido.

Ele apontou para as colunas que se elevavam das ondas.

— Colunas estúpidas. Algumas pessoas afirmam que eu criei o Estreito de Gibraltar inteiro empurrando as montanhas longes uma da outra. Algumas pessoas dizem que as montanhas são as Colunas. Que monte de estrume de Augias. As colunas são *colunas*.

— Certo — disse Piper. — Naturalmente. Então... Podemos passar?

O deus coçou a barba.

— Bem, eu tenho que lhe dar o aviso padrão sobre quão perigosas as antigas terras são. Não é qualquer semideus que pode sobreviver ao *Mare Nostrum*. Por isso, tenho que lhe dar uma missão para concluírem. Provarem o seu valor, blá, blá, blá. Honestamente, eu não ligo muito para isto. Geralmente dou aos semideuses algo simples como uma viagem de compras, cantar uma canção engraçada, esse tipo de coisa. Depois de todos esses trabalhos que eu tinha que completar para o meu primo mal, Euristeu, bem... Eu não quero ser *esse tipo de cara*.

— Agradeço — disse Jason.

— Ei, não tem problema. — Hércules parecia relaxado e descontraído, mas ainda fazia Piper ficar nervosa. Aquele brilho escuro nos olhos a lembrou de carvão vegetal embebido em querosene, pronto para inflamar de um instante para o outro.

— Então, de qualquer maneira — Hércules disse — qual é a sua missão?

— Gigantes — disse Jason. — Vamos para a Grécia para impedi-los de despertar Gaia.

— Gigantes — murmurou Hércules. — Eu odeio esses caras. Quando eu era um herói semideus... Ah, mas não importa. Então, que deus te colocou nesta. Papai? Atena? Talvez Afrodite? — Ele levantou uma sobrancelha para Piper. — Bonita como você é, suponho que ela é sua mãe.

Piper deveria ter pensado mais rápido, mas Hércules tinha perturbado ela. Tarde demais, ela percebeu que a conversa tornou-se um campo minado.

— Hera enviou-nos — disse Jason. — Ela nos uniu para...

— Hera — de repente, a expressão de Hércules era como os penhascos de Gibraltar, uma sólida, implacável camada de pedra.

— A odiamos também — Piper disse rapidamente. Deuses, por que não lhe ocorreu? Hera tinha sido inimiga mortal Hércules. — Nós não queríamos ajudá-la. Ela não nos deu muita escolha, mas...

— Mas você está aqui — disse Hércules, toda simpatia esquecida. — Desculpe, aos dois. Eu não me importo o quão digno é sua missão. Eu não faço *qualquer coisa* que Hera queira. Nunca.

Jason ficou intrigado.

— Mas pensei que você tivesse feito as pazes com ela quando se tornou um deus.

— Como eu disse — Hércules resmungou — não acredite em tudo que você ouve. Se você quer passar para o Mediterrâneo, temo que eu tenha que lhe dar uma missão extradificil.

— Mas nós somos como irmãos — protestou Jason. — Hera mexeu com a minha vida, também. Eu entendo...

— Você não entende nada — Hércules disse friamente. — Minha primeira família: morta. Minha vida desperdiçada em missões ridículas. Minha segunda esposa morreu, depois de ser levada a me envenenar e me deixar a mercê de uma morte dolorosa. E a minha compensação? Eu torno-me um deus *menor*. Imortal, para que eu nunca possa esquecer a minha dor. Preso aqui como um guardião, um porteiro, um... Um mordomo para os olimpianos. Não, você não entende. O único deus que me entende, mesmo

que um pouco é Dioniso. E pelo menos *ele* inventou algo útil. Eu não tenho nada para mostrar, exceto adaptações cinematográficas ruins da minha vida.

Piper apelou para seu charme.

— Isso é terrivelmente triste, lorde Hércules. Mas por favor, vá com calma conosco. Nós não somos pessoas más.

Ela pensou que ela tinha conseguido. Hércules hesitou. Então, sua mandíbula se apertou e ele balançou a cabeça.

— No lado oposto da ilha, sobre as colinas, você vai encontrar um rio. No meio dele vive o velho deus Aqueloo.

Hércules esperou, como se essa informação deve fazer com que corressem aterrorizados.

— E...? — perguntou Jason.

— *E* — Hércules disse. — Eu quero que você quebre seu outro chifre e traga-o para mim.

— Ele tem chifres — disse Jason. — Espere... Seu *outro* chifre? O quê?

— Descubra — o deus estalou. — Aqui, isso deve ajudar.

Ele disse a palavra *ajudar* como significasse *machucar*. De sob as vestes, Hércules pegou um pequeno livro e jogou-a para Piper. Ela quase não pegou.

A capa brilhante do livro mostrou uma montagem fotográfica de templos gregos e monstros sorrindo. O Minotauro estava dando o sinal de positivo. O título dizia: *O Guia de Hércules para o Mare Nostrum*.

— Traga-me esse chifre ao pôr do sol — disse Hércules. — Só vocês dois. Sem contato com seus amigos. Seu navio permanecerá onde está. Se vocês conseguirem, podem passar para o Mediterrâneo.

— E se nós não conseguirmos? — Piper perguntou quase certa que ela não queria a resposta.

— Bem, Aqueloo vai matar vocês, obviamente — disse Hércules. — E eu vou quebrar o seu navio no meio com minhas mãos nuas e mandar seus amigos para uma morte prematura.

Jason mudou seu peso de um pé para o outro.

— Não poderíamos simplesmente cantar uma canção engraçada?

— Eu tenho que ir — Hércules disse friamente. — Pôr do sol. Ou seus amigos estão mortos.

XXVII

PIPER

O Guia Hércules para o Mare Nostrum não ajudou muito com as cobras e mosquitos.

— Se essa é uma ilha mágica — Piper resmungou — porque não poderia ser uma ilha mágica *legal?*

Eles subiram desajeitadamente uma colina e desceram em um vale muito arborizado, cuidadosos para evitar cobras de listras pretas e vermelhas tomando banho de sol nas rochas. Mosquitos voavam aos enxames sobre poças de água parada nas áreas mais baixas. As árvores eram na maioria oliveiras atrofiadas, ciprestes e pinheiros. O zunido das cigarras e o calor sufocante lembravam Piper da reserva em Oklahoma durante o verão.

Até então eles não haviam achado nenhum rio.

— Nós poderíamos voar — Jason sugeriu de novo.

— Nós poderíamos deixar alguma coisa passar — disse Piper. — Além disso, não tenho certeza se quero surpreender um deus não amigável. Como

era seu nome? Etch-a-Sketch?

— Aqueloo. — Jason estava tentando ler o guia enquanto eles caminhavam, então toda hora ele batia em pedras e esbarrava nas árvores. — Aqui diz que ele é um *potamos*.

— Ele é um hipopótamo?

— Não. *Potamos*. Um deus do rio. De acordo com isso, ele é o espirito de um rio da Grécia.

— Já que não estamos na Grécia, vamos presumir que ele se mudou — disse Piper. — Não é um bom sinal para o quão útil esse livro será. Mais alguma coisa?

— Aqui diz que Hércules lutou com ele uma vez — disse Jason.

— Hércules lutou com 99% de tudo na Grécia Antiga.

— Sim. Vamos ver. Colunas de Hércules... — Jason passou uma página. — Diz aqui que essa ilha não tem hotéis, restaurantes ou transporte. Atrações: Hércules e as duas colunas. Hmm, isso é interessante. Supostamente o sinal do dólar, o S com as duas linhas passando por ele? Isso veio do brasão espanhol, o que mostra as Colunas de Hércules com uma bandeira tremulando entre eles.

Ótimo, pensou Piper. *Jason finalmente está se dando bem com Annabeth e suas tendências nerds estão passando para ele.*

— Alguma coisa útil? — perguntou ela.

— Espera. Aqui tem uma minúscula referência ao Aqueloo. *Esse deus do rio lutou com Hércules pela mão da bela Dejanira. Durante a luta, Hércules quebrou um dos chifres do deus do rio, que se tornou a primeira cornucópia.*

— Corn o que?

— É aquela decoração de Ação de Graças — disse Jason. — O chifre com todas as guloseimas saindo dele? Nós temos alguns no refeitório do

Acampamento Júpiter. Eu não sabia que o original era realmente o chifre de alguém.

— E supostamente nós temos que pegar esse outro chifre — disse Piper. — Eu acho que não vai ser tão fácil. Quem foi Dejanira?

— Hércules se casou com ela — disse Jason. — Eu acho... Não fala aqui. Mas acho que alguma coisa ruim aconteceu a ela.

Piper se lembrou do que Hércules os havia dito: sua primeira família morta, sua segunda esposa morta após ser iludida a envenená-lo. Ela estava gostando cada vez menos desse desafio.

Eles marcharam por uma crista entra dois morros, tentando permanecer na sombra; mas Piper já estava banhada em suor. Os mosquitos deixaram pequenas feridas em seus tornozelos, braços e pescoço, então ela provavelmente parecia uma vítima de catapora.

Finalmente tinha conseguido um tempo sozinha com Jason e era *assim* que eles estavam gastando ele.

Ela estava irritada com Jason por ele ter mencionado Hera, mas sabia que não deveria culpá-lo. Talvez ela só estivesse irritada com ele em geral. Desde o Acampamento Júpiter, ela estava carregando muito ressentimento e preocupação.

Ela se perguntava o que Hércules queria dizer a ela sobre os filhos de Zeus. Eles não eram de confiança? Eles estavam sobre muita pressão? Piper tentou imaginar Jason virando um deus quando ele morresse, de pé em uma praia guardando os portões para um oceano bem depois que Piper e todos os outros que ele conhecerá em sua vida mortal estivessem mortos.

Ela se perguntava se Hércules já fora tão positivo quanto Jason – mais otimista, confiante, que se animava rapidamente. Era difícil de imaginar.

À medida em que eles desciam no próximo vale, Piper se perguntava o que estava acontecendo no *Argo II*. Ela estava tentada a enviar uma

mensagem de Iris, mas Hércules os alertara para não contatar seus amigos. Ela tinha esperanças de que Annabeth poderia imaginar o que estava acontecendo e não enviar outro grupo para a costa. Piper não tinha certeza do que Hércules faria se fosse incomodado de novo. Ela imaginou o Treinador Hedge ficando sem paciência e mirando a balista no homem de roxo ou então eidolons possuindo a tripulação e os forçando a cometerem suicídio-por-Hércules.

Piper se arrepiou. Ela não sabia que horas eram, mas o sol já estava começando a se afundar. Como o dia havia passado tão depressa? Ela teria recebido bem o pôr-do-sol por suas temperaturas mais baixas, exceto pelo fato de que isso era também o tempo limite deles. Uma brisa fresca da noite não significaria muita coisa se eles estivessem mortos.

Além do mais, amanhã já era primeiro de julho, o Calendas de Julho. Se as informações deles estivessem corretas, seria o último dia de vida de Nico di Angelo e o dia que Roma seria destruída.

— Pare — disse Jason.

Piper não tinha certeza do que estava errado. Então ela percebeu que podia ouvir água corrente a sua frente. Eles se arrastaram entre as árvores e se encontraram em uma margem de um rio. Ele tinha, talvez, uns treze metros de largura e apenas alguns centímetros de profundidade, um lençol de água prateado correndo sobre uma lisa cama de pedras. Alguns metros a baixo, as quedas d'água mergulhavam em uma piscina natural azul escura.

Alguma coisa no rio a incomodava. As cigarras nas árvores estavam quietas. Nenhum pássaro estava cantando. Era como se a água estivesse dando uma palestra e permitia apenas sua voz.

Quanto mais a Piper escutava, mais convidativo o rio parecia. Ela queria beber da água. Talvez devesse tirar seus sapatos. Seus pés realmente precisavam de uma molhada. E aquela piscina natural... Seria tão legal pular

ali com Jason e relaxar às sombras das árvores, boiar na água fresca. Tão romântico.

Piper se deu uma sacudida. Esses pensamentos não eram seus. Alguma coisa estava errada. Quase soava como se o rio estivesse usando um charme.

Jason se sentou em uma pedra e começou a tirar seus sapatos. Ele sorriu para a piscina natural como se não visse a hora de entrar nela.

— Pare com isso! — Piper disse para o rio.

Jason pareceu assustado.

— Parar com o que?

— Você não — disse Piper. — Ele.

Ela se sentiu boba apontando para a água, mas tinha certeza que havia algum tipo de mágica rolando, fazendo oscilar seus sentimentos.

No momento em que ela achou que havia enlouquecido e que Jason iria dizer isso pra ela, o rio falou: *Me perdoe. Cantar é um dos poucos prazeres que me sobraram.*

Uma figura emergiu da piscina natural como se estivesse em um elevador.

Os ombros de Piper se tencionaram. Era a criatura que ela havia visto na lâmina de sua adaga, o touro com a face humana. Sua pele era azul como a água. Seus cascos levitavam na superfície do rio. No topo do seu pescoço bovino estava a cabeça de um homem com cabelo preto curto, uma barba em tranças no estilo grego, olhos pesarosos e profundos por trás de óculos bifocais e uma boca que parecia fazer um beicinho permanente. Saindo do lado esquerdo de sua cabeça estava um único chifre de touro – um curvo, preto e branco, como os que os guerreiros faziam de taças. A falta de equilíbrio fazia sua cabeça pender para a esquerda, então parecia como se ele estivesse tentando tirar água do ouvido.

— Olá — disse ele. — Vieram me matar, suponho.

Jason colocou seus sapatos novamente e se levantou.

— Hmm, bem...

— Não! — interveio Piper. — Desculpa. Isso é constrangedor. Nós não tínhamos intenção de lhe incomodar, mas Hércules nos enviou.

— Hércules! — O homem-touro suspirou. Seus cascos passaram sobre a água como se estivesse pronto para investir. — Para mim ele será sempre Héracles. Esse é seu nome grego: *a glória de Hera*.

— Nome engraçado — disse Jason. — Uma vez que ele a odeia.

— De fato — disse o homem-touro. — Talvez seja por isso que ele não protestou quando os romanos o renomearam Hércules. Claro, esse é o nome que a maioria das pessoas o conhece... Sua *marca*, se preferir. Hércules não é nada senão bem consciente da sua imagem.

O homem-touro falou com rancor, mas como se fosse familiar, como se Hércules fosse um velho amigo que havia se perdido.

— Você é Aqueloo? — perguntou Piper.

O homem-touro dobrou as pernas da frente e abaixou a cabeça em um comprimento, o que Piper achou tanto gentil quanto um pouco triste.

— A seu serviço. Extraordinário deus do rio. Uma vez o espirito do mais poderoso rio da Grécia. Agora sentenciado a permanecer aqui, do lado oposto da ilha do meu velho inimigo. Ah, deuses são cruéis! Mas se ele nos colocou tão próximo um do outro pra punir a mim ou a Hércules, eu nunca tive certeza.

Piper não tinha certeza do que ele queria dizer, mas o barulho do rio, ao fundo, estava invadindo sua mente de novo – a lembrando de quão quente e com sede ela estava, quão agradável seria nadar. Ela tentou se concentrar.

— Eu sou Piper — disse ela. — Este é Jason. Nós não queremos lutar. É só que Héracles... Hércules... seja lá quem for, ficou com raiva da gente e nos enviou aqui.

Ela explicou sobre sua missão às terras antigas para parar os gigantes de acordar Gaia. Ela descreveu como seu grupo de gregos e romanos havia se juntado, e como Hércules havia tido um ataque de raiva quando descobriu que Hera estava por trás disso.

Aqueloo continuava tombando a cabeça para esquerda, logo Piper não tinha certeza se ele estava cochilando ou lidando com a fadiga de um chifre.

Quando terminou, Aqueloo a olhou como se ela estivesse desenvolvendo uma lamentável brotoeja.

— Ah, querida... A lenda é verdade. Os espíritos, os canibais da água.

Piper teve que lutar contra o choro. Ela não havia contado para Aqueloo *nada* disso.

— C-como...?

— Os deuses do rio sabem de várias coisas — disse ele. — Além disso, você está se concentrando na história errada. Se vocês tivessem chegado em Roma, a história da inundação teria lhe servido melhor.

— Piper? — perguntou Jason. — Do que ele está falando?

Seus pensamentos de repente estavam todos confusos como um caleidoscópio. *A história da inundação... Se vocês tivessem chegado a Roma.*

— E-eu não tenho certeza — disse ela, mas a menção da história da inundação fez soar um sino distante. — Aqueloo, eu não entendo...

— Não, você não entende — o deus do rio simpatizou. — Pobrezinha. Outra garota presa a um filho de Zeus.

— Espera um minuto — disse Jason. — É Júpiter, na verdade. E como isso faz dela uma *pobrezinha?*

Aqueloo o ignorou.

— Minha garota, você sabe o motivo da minha luta com Hércules?

— Foi por causa de uma mulher — lembrou-se Piper. — Dejanira.

— Sim. — Aqueloo soltou um suspiro. — E você sabe o que aconteceu com ela?

— Hmm... — Piper olhou para Jason.

Ele pegou seu guia e começou a passar as páginas.

— Aqui não diz bem...

Aqueloo bufou indignado.

— O que é *isso?*

Jason piscou.

— Apenas... *O Guia Hércules para o Mare Nostrum*. Ele nos deu esse guia para...

— Isso não é um livro — insistiu Aqueloo. — Ele deu isso a vocês para me irritar, não foi? Ele sabe que eu odeio essas coisas.

— Você odeia... Livros? — perguntou Piper.

— Claro que não! — A face de Aqueloo corou, tornando sua pele azul em um roxo berinjela. — Isso *não* é um livro.

Ele deu uma patada na água. Um pergaminho surgiu do rio como um foguete em miniatura e aterrissou em frente ele. Ele o abriu com seus cascos. O amarelo e envelhecido pergaminho desenrolado, coberto com escritas em latim que estavam sumindo e gravuras feitas à mão bem elaboradas.

— *Isso* é um livro! — disse Aqueloo. — Ah, o cheiro de pele de ovelha! O sentimento elegante do pergaminho desenrolando sob meus cascos. Você simplesmente não pode duplicar esse sentimento em algo como *isso aí*.

Ele acenou indignado para o guia na mão de Jason.

— Vocês jovens de hoje e seus aparelhos ultramodernos. Páginas encadernadas. Pequenos quadrados de textos que não são amigos dos cascos. Isso aí é um livro *encadernado*, um e-book, se preferir. Mas não um livro tradicional. Ele nunca irá substituir o bom e velho pergaminho!

— Hmm, eu só vou guardar ele agora. — Jason enfiou o guia em seu bolso traseiro da mesma forma que colocaria uma arma perigosa no coldre.

Aqueloo pareceu ter se acalmado um pouco, o que foi um alívio para Piper. Ela não precisava ser atropelada por um touro de um chifre com uma obsessão por pergaminhos.

— Agora — Aqueloo disse, batendo de leve em uma gravura em seu pergaminho. — Essa é Dejanira.

Piper se ajoelhou para ver. A pintura a mão era pequena, mas ela podia dizer que ela havia sido bem bonita, com cabelos negros e longos, olhos escuros e um sorriso brincalhão que provavelmente deixava os homens malucos.

— Princesa de Calidão — o deus do rio disse pesaroso. — Ela estava prometida para mim, até que Hércules se meteu no meio. Ele insistiu no combate.

— E ele quebrou seu chifre? — supôs Jason.

— Sim — disse Aqueloo. — Eu não poderia perdoá-lo nunca por isso. É horrivelmente desconfortável, ter apenas um chifre. Mas a situação foi pior para a pobre Dejanira. Ela poderia ter tido uma longa e feliz vida casada comigo.

— Um touro com cabeça de homem — Piper disse — que mora em um rio.

— Exatamente — concordou Aqueloo. — Parecia impossível que ela recusasse né? Ao invés disso, ela foi com Hércules. Ela escolheu o belo e carnal do herói ao invés do bom e fiel marido que a teria tratado bem. O que aconteceu depois? Bem, ela deveria ter imaginado. Hércules era muito envolvido em seus próprios problemas para ser um bom marido. Ele já havia assassinado uma esposa. Hera o amaldiçoou, então ele ficou enraivecido e

matou sua família inteira. Coisa horrível. Foi por isso que ele teve de fazer aqueles doze trabalhos como punição.

Piper se sentiu horrorizada.

— Espere... Hera o *deixou* maluco e *Hércules* que teve de ser punido?

Aqueloo deu de ombros.

— Os olimpianos nunca parecem pagar por seus crimes. E Hera sempre odiou os filhos de Zeus... ou Júpiter. — Ele olhou desconfiado para Jason — de qualquer jeito, minha pobre Dejanira teve um fim trágico. Ela ficou com ciúmes dos vários casos de Hércules. Ele corria atrás de mulheres pelo mundo todo, veja bem, assim como seu pai Zeus, flertava com toda mulher que conhecia. Finalmente Dejanira ficou tão desesperada que deu ouvidos a um mal conselho. Um engenhoso centauro chamado Nesso disse para ela que se ela quisesse que Hércules fosse fiel para sempre, teria que espalhar um pouco de sangue de centauro dentro da camisa favorita de Hércules. Infelizmente, Nesso estava mentindo porque queria vingança sobre Hércules. Dejanira seguiu suas instruções, mas ao invés de tornar Hércules um marido fiel...

— Sangue de centauro é como ácido — disse Jason.

— Sim — disse Aqueloo. — Hércules teve uma morte horrível. Quando Dejanira percebeu o que havia feito, ela... — o deus do rio passou o dedo pelo pescoço.

— Isso é horrível — disse Piper.

— E a moral, querida? — disse Aqueloo. — Tome cuidado com os filhos de Zeus.

Piper não conseguia olhar para seu namorado. Ela não tinha certeza que poderia mascarar a preocupação em seus olhos. Jason nunca seria como Hércules. Mas a história envolvia todos os seus medos. Hera havia manipulado seu relacionamento, assim como manipulou Hércules. Piper

queria acreditar que Jason nunca entraria em uma fúria assassina como Hércules havia. Mas, novamente, apenas quatro dias atrás, ele havia sido controlado por um eidolon e quase matou Percy Jackson.

— Hércules é um deus agora — disse Aqueloo. — Ele se casou com Hebe, a deusa da Juventude, mas ainda assim, raramente está em casa. Ele vive nessa ilha, protegendo aquelas colunas bobas. Diz que Zeus o *obriga* a fazer isso, mas acho que ele prefere aqui ao invés do Monte Olimpo, alimentando seu rancor e lamentando sua vida mortal. Minha presença o lembra de seus fracassos – especialmente a mulher que finalmente o matou. E a presença *dele* me lembra a pobre Dejanira, que poderia ter sido minha esposa.

O homem-touro deu uma pancadinha no pergaminho, que se enrolou e afundou na água.

— Hércules quer meu outro chifre para me humilhar — disse Aqueloo. — Talvez isso o faria se sentir melhor sobre si mesmo, sabendo que eu estaria triste também. Além disso, o chifre se tornaria uma cornucópia. Boa comida e bebida iriam fluir dele, assim como meu poder faz com que o rio flua. Não há dúvidas de que Hércules iria manter a cornucópia para si mesmo. Isso seria uma tragédia e um desperdício.

Piper suspeitou que o barulho do rio e o som sonolento da voz de Aqueloo ainda estivesse afetando seus pensamentos, mas não conseguia deixar de concordar com o deus do rio. Ela estava começando a odiar Hércules. Esse pobre homem-touro parecia tão triste e solitário.

Jason se agitou.

— Desculpa, Aqueloo. Sinceramente, você arranjou um negócio ruim. Mas talvez... Bem, sem o outro chifre, você não seria tão torto. Poderia fazer você se sentir melhor.

— Jason! — protestou Piper.

Jason levantou as mãos.

— Só uma ideia. Além do mais, eu não vejo muitas opções. Se Hércules não conseguir esse chifre, ele vai nos matar e nossos amigos.

— Ele tem razão — disse Aqueloo. — Vocês não têm escolha. E é por isso que eu espero que vocês me perdoem.

Piper franziu a testa. O deus do rio soou como se estivesse com o coração partido, ela queria acariciar a sua cabeça.

— O perdoar pelo que?

— Eu também não tenho escolha — disse Aqueloo. — Eu preciso parar vocês.

O rio explodiu e uma parede de água colidiu com Piper.

XXVIII

PIPER

A CORRENTE A AGARROU COMO UM PUNHO fechado e a puxou para o fundo. Ela lutava, mas era inútil. Estava presa e de boca fechada obrigando-se a não respirar, mas mal podia evitar entrar em pânico. Piper não conseguia ver nada, a não ser um monte de bolhas. Só podia ouvir sua própria goleada e o rugido surdo das correntezas.

Ela tinha acabado de decidir que era *assim* que iria morrer: se afogando em um buraco de uma ilha que não existia. Então, tão repentinamente como ela tinha sido puxada para baixo, ela foi empurrada para a superfície. Ela encontrou-se no centro de um redemoinho conseguindo respirar, mas incapaz de sair *dali*.

A poucos metros de distância Jason chegou à superfície e ofegou, sua espada em uma das mãos. Ele balançou descontroladamente, mas não havia nada para atacar.

Vinte metros à direita de Piper, Aqueloo saiu da água.

— Eu realmente sinto muito por isso — disse Piper.

Jason avançou em direção a ele convocando os ventos para levantá-lo fora do rio, mas Aqueloo foi *mais rápido e mais poderoso.* Uma onda de água bateu em Jason e enviou-o para o fundo mais uma vez.

— Pare com isso! — gritou Piper. Usou seu charme, mas não foi fácil já que ela estava se debatendo em um redemoinho, porém chamou a atenção de Aqueloo.

— Temo que eu não possa parar — disse o deus do rio. — Eu não posso deixar Hércules ter meu chifre. Seria humilhante.

— Há outra maneira! — disse Piper. — Você não precisa nos matar!

Jason emergiu da superfície novamente. Uma nuvem de tempestade em miniatura formando sobre sua cabeça. Trovões soaram.

— Nada disso, filho de Júpiter — Aqueloo repreendeu. — Se você chamar um raio, só vai eletrocutar sua namorada.

A água puxou Jason novamente.

— Deixe-o ir! — Piper colocou toda a persuasão que podia em sua voz. — Eu prometo que não vou deixar Hércules obter o chifre!

Aqueloo hesitou. Ele trotou até ela, inclinando sua cabeça para a esquerda.

— Eu acredito no que você diz.

— Eu prometo! — disse Piper. — Hércules é desprezível. Mas, por favor, primeiro deixe meu amigo ir.

A água agitou onde Jason tinha sido puxado. Piper queria gritar. Quanto tempo mais ele poderia prender a respiração?

Aqueloo olhou para ela através de seus óculos bifocais. Sua expressão suavizou.

— Eu entendi. Você seria minha Dejanira. Você será minha noiva para compensar minha perda.

— O quê? — Piper não tinha certeza se ela tinha ouvido direito. O redemoinho estava *literalmente* fazendo a sua cabeça girar. — Hã, na verdade eu estava pensando...

— Ah, eu entendo — disse Aqueloo. — Você é muito modesta para sugerir isso na frente do seu namorado. Você está certa, é claro. Eu iria tratá-la muito melhor do que um filho de Zeus. Eu poderia fazer as coisas certas depois de todos esses séculos. Eu não pude salvar Dejanira, mas eu poderia salvar você.

Teria passado trinta segundos agora? Um minuto? Jason não poderia aguentar muito mais tempo.

— Você teria que deixar seus amigos morrerem — continuou Aqueloo. — Hércules ficaria zangado, mas eu poderia te proteger dele. Nós poderíamos ser muito felizes juntos. Vamos começar deixando seu companheiro Jason se afogar, hein?

Piper não conseguia se sentir bem, mas ela *teve* que se concentrar. Ela estava mascarando seu medo e sua raiva. Ela era uma criança de Afrodite. Tinha que usar as ferramentas que lhe foram dadas.

Ela sorriu o mais docemente que podia e levantou os braços.

— Levante-me, por favor.

O rosto de Aqueloo se iluminou. Ele agarrou as mãos de Piper e puxou-a para fora do redemoinho.

Ela nunca tinha montado em um touro antes, mas tinha praticado equitação com pégasos no Acampamento Meio-Sangue, então sabia o que fazer. Ela usou toda sua força, pondo sua perna em volta de Aqueloo. Em seguida, ela trancou seus tornozelos no pescoço dele, envolveu um braço ao redor de sua garganta e tirou a faca com a outra. Ela pressionou a lâmina sob o queixo do deus rio.

— Deixe. Jason. ir. — Ela colocou toda a sua força no comando. — Agora!

Piper percebeu que havia muitas falhas em seu plano. O deus do rio poderia simplesmente se dissolver em água. Ou ele poderia puxá-la para baixo e esperar ela se afogar. Mas, aparentemente, o charme dela funcionou. Ou talvez Aqueloo ficou muito surpreendido pra pensar melhor. Ele provavelmente não era acostumado com meninas bonitas ameaçando cortar sua garganta.

Jason se atirou pra fora da água como uma bala de canhão humana. Ele quebrou os galhos de uma oliveira e caiu sobre a grama. Isso não poderia ter feito bem, mas ele se esforçou pra ficar de pé, ofegante e tossindo. Ele levantou sua espada e as nuvens escuras sobre o rio engrossaram.

Piper lançou-lhe um olhar de advertência: *Ainda não*. Ela ainda tinha que sair deste rio sem se afogar ou ser eletrocutada.

Aqueloo dobrou as costas como se contemplasse um truque. Piper pressionou a faca com mais força contra sua garganta.

— Seja um bom touro — ela advertiu.

— Você prometeu — Aqueloo disse entre dentes. — Você prometeu que Hércules não iria ficar com meu chifre.

— E ele não vai — disse Piper. — Mas eu vou.

Ela levantou a faca e cortou fora o chifre do deus. O bronze celestial cortou como se fosse barro molhado. Aqueloo gritou de raiva. Antes que ele pudesse se recuperar, Piper se levantou em suas costas com o chifre em uma mão e a adaga na outra. Ela saltou de suas costas.

— Jason — gritou ela.

Graças aos deuses, ele entendeu. Uma rajada de vento a pegou e a levou em segurança sobre o banco. Piper caiu no chão rolando com os cabelos

presos em seu pescoço e se levantou. Um cheiro metálico encheu o ar. Ela virou-se para o rio a tempo de sua visão clarear.

BOOM! Um relâmpago agitou a água em um caldeirão fervente, cozinhando e sibilando com a eletricidade. Piper piscou havia manchas amarelas em seus olhos, o deus Aqueloo chorava e se dissolvia sob a superfície da água. Sua expressão de horror parecia estar se perguntando: *Como você pôde?*

— Jason, corra! — Ela ainda estava tonta e doente de medo, mas ela e Jason atravessaram a floresta.

Enquanto subiam a colina, ela mantinha o chifre do touro em seu peito. Piper percebeu que estava chorando, embora não soubesse se era de medo, alívio ou vergonha pelo que tinha feito para o velho deus do rio.

Eles não desaceleraram até chegar ao topo da colina.

Piper se sentia boba, mas continuou correndo e chorando e contou o que tinha acontecido a Jason enquanto ele estava lutando debaixo d'água.

— Piper, você não tinha escolha — ele colocou a mão em seu ombro. — Você salvou minha vida.

Ela enxugou os olhos e tentou se controlar. O sol estava quase no horizonte. Eles tiveram que voltar a Hércules rapidamente ou os seus amigos iriam morrer.

— Aqueloo a obrigou — continuou Jason. — Além disso, eu duvido que o raio tenha matado ele. Ele é um deus antigo, você teria que destruir o seu rio para destruí-lo e ele pode viver sem um chifre. Se você teve que mentir sobre não dar a Hércules, bem...

— Eu não estava mentindo.

Jason olhou para ela.

— Pipes... não temos outra escolha. Hércules vai matar...

— Hércules não merece isso. — Piper não sabia muito bem de onde essa raiva estava vindo, mas ela nunca tinha sentido tanta certeza em sua vida.

Hércules era um idiota, egoísta e amargo. Ele tinha machucado muitas pessoas e queria continuar machucando. Talvez tenha tido algumas experiências ruins. Talvez os deuses o tivessem chutado. Mas isso não o desculpava. Um herói não podia controlar os deuses, mas ele devia se controlar.

Jason nunca seria assim. Ele nunca iria culpar os outros por seus problemas ou deixar um rancor ser mais importante do que fazer a coisa certa.

Piper não ia repetir a história de Dejanira. Ela não iria concordar com Hércules só porque ele era bonito, forte e assustador. Ele não podia conseguir o que queria desta vez – não depois de ameaçar suas vidas e enviá-los para fazer Aqueloo infeliz por causa de uma maldade de Hera. Hércules não merecia um chifre de abundância. Piper ia por ele em seu lugar.

— Eu tenho um plano — disse ela.

Ela disse a Jason o que fazer. Ela nem percebeu que estava usando charme até ver que seus olhos estavam vidrados.

— Faço tudo o que você disser — prometeu ele. Então ele piscou algumas vezes. — Nós vamos morrer, mas eu estou dentro.

Hércules esperava exatamente onde ele estava antes.

Ele estava olhando para o *Argo II*, ancorado entre as colunas com o pôr do sol por trás dele. O navio parecia bem, mas o plano de Piper estava começando a deixá-la louca.

Muito tarde para reconsiderar. Ela já tinha enviado uma mensagem de Íris para Leo.

Jason estava preparado. E, ao ver Hércules, novamente, ela se sentia mais certa do que nunca que não podia dar a ele o que queria.

Hércules não se alegrou exatamente quando viu Piper trazendo o chifre do touro, mas sua expressão carrancuda suavizou.

— Bom — disse ele. — É isso aí. Nesse caso, você está livre para ir.

Piper olhou para Jason.

— Você ouviu. Ele nos deu permissão — ela virou-se para o deus. — Isso significa que o nosso navio será capaz de passar para o Mediterrâneo?

— Sim, sim. — Hércules estalou os dedos. — Agora, o chifre.

— Não — disse Piper.

O deus franziu a testa.

— Como é?

Ela ergueu a cornucópia. Desde que tinha cortado da cabeça de Aqueloo, o chifre estava oco, tornando-se liso e escuro no interior. Não parecia mágico, mas Piper estava contando com seu poder.

— Aqueloo estava certo — disse ela. — Você é *sua* maldição tanto quanto ele é para você. Você é uma vergonha para um herói.

Hércules a olhou como se ela estivesse falando em japonês.

— Você percebe que eu poderia matá-la com um movimento do meu dedo — disse ele. — Eu poderia jogar a minha clava no seu navio e cortar diretamente através de seu casco. Eu poderia...

— Você poderia calar a boca — disse Jason. Ele sacou a espada. — Talvez Zeus *seja* diferente de Júpiter. Porque eu não iria tolerar algum irmão que age como você.

As veias no pescoço de Hércules viraram tão roxas como suas vestes.

— Você não será o primeiro semideus que eu já matei.

— Jason é melhor do que você — disse Piper. — Mas não se preocupe, nós não vamos lutar com você. Nós vamos sair desta ilha com o chifre. Você

não merece isso como um prêmio. Eu vou mantê-lo e lembrar-me de como não ser como alguns semideuses e recordarei do pobre Aqueloo e de Dejanira.

As narinas do deus estavam queimando.

— Não mencione este nome! Você não pode pensar que eu estou preocupado com o seu namorado insignificante. Ninguém é mais forte do que eu!

— Eu não disse mais forte — Piper corrigiu-o. — Eu disse que ele é *melhor*.

Piper apontou o chifre na boca de Hércules. Ela largou seu ressentimento, sua dúvida e a raiva que ela estava abrigando desde o Acampamento Júpiter. Concentrou-se em todas as coisas boas que ela compartilhou com Jason Grace: subir acima no Grand Canyon, caminhar na praia no Acampamento Meio-Sangue de mãos dadas e cantando juntos, vendo as estrelas, sentado ao lado dos campos de morango juntos nas tardes preguiçosas e ouvir os sátiros tocar suas flautas.

Ela pensou em um futuro em que os gigantes tinham sido derrotados, Gaia estava dormindo e eles viveriam felizes juntos – nenhuma inveja ou monstros para batalhar. Ela encheu seu coração com *esses* pensamentos e ela sentiu a cornucópia esquentar.

O chifre explodiu em uma porção de alimentos tão poderosos quanto o rio de Aqueloo. Uma torrente de presuntos frescos e defumados, de frutas, produtos de panificação, enterrando Hércules completamente. Piper não entendia como todas essas coisas poderiam passar pela entrada do chifre, mas pensou que os presuntos eram particularmente apropriados.

Quando já *tinha vomitado* guloseimas suficientes para encher uma casa, o chifre parou.

Piper ouviu Hércules gritando e lutando em algum lugar embaixo. Aparentemente, mesmo o deus mais forte do mundo poderia ser pego de surpresa quando enterrado sob produtos frescos.

— Vá! — disse Jason, que tinha esquecido a sua parte do plano e estava olhando com espanto para a pilha de frutas. — Vamos!

Ele agarrou a cintura de Piper e convocou o vento. Eles dispararam longe da ilha rapidamente, Piper quase teve traumatismo cervical, mas era cedo para verificar.

À medida que a ilha recuava de vista, a cabeça Hércules apareceu acima do monte de guloseimas. Metade de um coco foi preso em sua cabeça como um capacete de guerra.

— Matar! — ele gritou, como se ele tivesse praticando para dizer isso muitas vezes.

Jason tocou na parte de baixo do *Argo II* no convés. Felizmente, Leo tinha feito sua parte. Os remos do navio já estavam no modo aéreo. A âncora foi para cima. Jason convocou um vento tão forte, que empurrou-os para o céu, enquanto Percy enviou uma onda de dez metros de altura contra a costa, derrubando Hércules uma segunda vez em uma cascata de água do mar e abacaxis.

No momento em que o deus se recuperou, ele começou a arremessar cocos para eles de muito abaixo, mas o *Argo II* já estava navegando por entre as nuvens acima do Mediterrâneo.

XXIX

PERCY

Percy não estava se sentindo amoroso.

Já era muito ruim ter sido posto para correr de Atlanta por malignos deuses do mar. Depois disso, não conseguiu deter o ataque do camarão gigante ao *Argo II*. Em seguida, os Ictiocentauros, irmãos de Quíron, nem sequer quiseram se encontrar com ele.

Após tudo isso, eles haviam chegado às Colunas de Hércules e Percy teve que ficar a bordo do navio enquanto o chefão Jason visitou o seu meio-irmão. Hércules, o semideus mais famoso de todos os tempos e Percy não pode conhecê-lo também.

Ok, tudo bem, pelo que Piper contou, Hércules era um idiota, mas ainda assim... Percy estava ficando um pouco cansado de ficar a bordo do navio e de andar de um lado para o outro através do convés.

O mar aberto deveria ser *seu* território. Percy deveria se apresentar, assumir o comando e manter todos em segurança. Em vez disso, por todo o

caminho através do Atlântico, ele tinha feito praticamente nada, exceto conversar um pouco com tubarões e ouvir o Treinador Hedge cantar musicais de TV.

Para piorar a situação, Annabeth tinha estado distante desde que eles tinham deixado Charleston. Ela passou a maior parte de seu tempo em sua cabine, estudando o mapa de bronze que tinha recuperado de Forte Sumter ou buscando informações no laptop de Dédalo.

Sempre que Percy arrumava um tempo para vê-la, ela estava tão perdida em pensamentos que a conversa era desta forma:

— Ei, como vai?

— Hã, não, obrigado.

— Tudo bem... Você já comeu alguma coisa hoje?

— Eu acho que Leo está de plantão. Pergunte a ele.

— Então, meu cabelo está em chamas.

— Tudo bem. Daqui a pouco.

Ela ficava assim às vezes. Este era um dos desafios de namorar uma filha de Atena.

Ainda assim, Percy se perguntou o que tinha de fazer para chamar sua atenção. Ele estava preocupado com ela depois de seu encontro com as aranhas em Forte Sumter e não sabia como ajudá-la, especialmente se ela o expulsasse.

Depois de deixar as Colunas de Hércules – ilesos, exceto por alguns cocos alojados na blindagem de bronze do casco - o navio viajou através dos céus por algumas centenas de quilômetros.

Percy esperava que as antigas terras não fossem tão ruins quanto eles ouviram. Mas era quase como um comercial: *Você vai notar a diferença imediatamente!*

Várias vezes por hora, algo atacava o navio. Um bando Pássaros da Estinfália comedores de carne voaram pelo céu noturno enquanto Festus os incendiava. Espíritos de tempestade rodaram em torno do mastro e Jason os explodiu com um raio. Enquanto o Treinador Hedge estava jantando na proa, um Pégaso selvagem apareceu do nada, correu sobre as *enchiladas* do Treinador e voou novamente, deixando pegadas bregas de casco em todo o convés.

— O que foi *isso?* — perguntou o Treinador.

A visão do Pégaso fez Percy desejar que Blackjack estivesse ali. Ele não via seu amigo havia dias. Tempestade e Árion também não apareceram. Talvez eles não quisessem se aventurar no Mediterrâneo. Se fosse isso, Percy não podia culpá-los.

Finalmente por volta da meia-noite, após o nono ou décimo ataque aéreo, Jason virou-se para ele.

— Que tal você dormir um pouco? Eu vou manter esse lance de rajadas de vento o máximo que eu puder. Então, podemos ir pelo mar por um tempo e você pode voltar ao comando.

Percy não tinha certeza se ele seria capaz de dormir com o balanço do barco através das nuvens como se fosse balançado por espíritos do vento com raiva, mas a ideia de Jason fazia sentido. Ele foi para baixo do convés e caiu na sua cama.

Seus pesadelos, é claro, não eram nada confortáveis.

Sonhou que estava em uma caverna escura. Ele só podia ver alguns metros à frente, mas o espaço deveria ser grande. A água pingava de algum lugar próximo e o som ecoou nas paredes distantes. A forma como o ar se movia fez Percy suspeitar que o teto da caverna estivesse muito, muito acima.

Ele ouviu passos pesados e os gêmeos gigantes Efialtes e Oto saíram da escuridão. Percy pôde distingui-los apenas por seus cabelos – Efialtes tinha as tranças verdes entrelaçadas com moedas de prata e ouro; Oto tinha o rabo de cavalo roxo trançado com... Eram fogos de artifício?

Fora isso, eles estavam vestidos de forma idêntica, e suas roupas definitivamente pareciam um pesadelo. Eles usavam combinações de calças brancas e camisas de pirata dourada com decote em V que mostraram peitos excessivamente cabeludos. Uma dúzia de punhais afiados estava alinhado em seus cintos com joias incrustradas. Seus calçados eram sandálias de dedo, provando que – sim, de fato – eles tinham cobras ao invés de pés.

As tiras eram enroladas nos pescoços das serpentes. Suas cabeças serpenteavam por onde os dedos deveriam estar. As cobras sacudiram suas línguas animadamente e viravam os olhos de ouro em todas as direções, como cães olhando para fora da janela de um automóvel. Talvez fizesse bastante tempo desde que eles usaram calçados com vista.

Os gigantes ficaram na frente de Percy, mas não lhe deram atenção. Em vez disso, olhavam para a escuridão.

— Nós estamos aqui — anunciou Efialtes. Apesar de sua voz potente, suas palavras dissiparam através da caverna, ecoando até soar baixa e insignificante.

Muito acima, algo respondeu:

— Sim. Posso perceber isso. Esses equipamentos são difíceis de não ver.

A voz fez o estômago de Percy despencar cerca de quinze centímetros. Parecia vagamente feminina, mas não totalmente humana. Cada palavra era um silvo ilegível em tons múltiplos, como se um enxame de abelhas africanas assassinas tivessem aprendido a falar inglês juntas.

Não era Gaia. Percy tinha certeza disso. Mas o que quer que fosse deixavam os gêmeos gigantes nervosos. Eles trocaram suas cobras de apoio e

balançavam a cabeça respeitosamente.

— É claro, Sua Senhoria — disse Efialtes. — Trazemos notícias de...

— Por que vocês estão vestidos assim? — perguntou a coisa no escuro. Ela não parecia estar chegando mais perto, o que Percy achava ótimo.

Efialtes olhou irritadamente para seu irmão.

— Meu irmão deveria vestir algo diferente. Infelizmente...

— Você disse que eu seria o atirador de adagas hoje — protestou Oto.

— Eu disse que eu era o atirador de adagas! Você deveria ser o mágico! Ah, me perdoe, Sua Senhoria. Você não quer nos ouvir discutindo. Viemos como você pediu, para trazer-lhe a notícia. O navio está se aproximando.

Sua Senhoria, ou o que quer ela fosse, fez uma série de assobios violentos, como um pneu sendo cortado repetidamente. Estremecendo, Percy percebeu que ela estava rindo.

— Quanto tempo? — perguntou ela.

— Eles devem desembarcar em Roma pouco depois do amanhecer, eu acho — disse Efialtes. — É claro que terão que passar pelo menino dourado.

Ele zombou, como se o menino dourado não fosse sua pessoa favorita.

— Espero que cheguem com segurança — disse Sua Senhoria. — Estragaria a nossa diversão se eles fossem capturados muito cedo. Seus preparativos estão prontos?

— Sim, Sua Senhoria. — Oto avançou, e a caverna tremeu. Uma fissura apareceu sob a cobra esquerda de Oto.

— Cuidado, seu idiota! — rosnou Sua Senhoria. — Você quer voltar para o Tártaro da maneira mais difícil?

Oto recuou, com seu rosto cheio de terror. Percy percebeu que o chão, que parecia pedra sólida, era mais como a geleira que tinha estado no

Alasca, em alguns lugares eram sólidos, em outros lugares... Nem tanto. Ele estava feliz por não ter peso em seus sonhos.

— Há pouca coisa sustentando este lugar. — Sua Senhoria advertiu. — A não ser, é claro, minha própria habilidade. Séculos de raiva de Atena não pode ser contido totalmente e a grande Mãe Terra se agita abaixo de nós em seu sono. Entre essas duas forças, bem... O meu ninho está bastante desgastado. Vamos esperar que essa filha de Atena se prove uma vítima digna. Ela pode ser o meu último brinquedo.

Efialtes engoliu em seco. Ele manteve os olhos sobre a rachadura no chão.

— Logo não importará, Sua Senhoria. Gaia irá ascender e todos nós seremos recompensados. Você não vai mais ter que ficar de guarda neste lugar ou manter suas obras escondidas.

— Talvez — disse a voz no escuro. — Mas vou sentir falta da minha doce vingança. Temos trabalhado bem em conjunto ao longo dos séculos, não temos?

Os gêmeos se curvaram. As moedas brilhavam no cabelo Efialtes e Percy percebeu com nauseante certeza de que algumas delas eram dracmas de prata, exatamente como a que Annabeth tinha ganhado de sua mãe.

Annabeth tinha dito a ele que, em cada geração, alguns filhos de Atena eram enviados em uma missão para recuperar a estátua desaparecida do Parthenon. Ninguém jamais conseguiu.

Temos trabalhado bem em conjunto ao longo dos séculos...

O gigante Efialtes tinha centenas de moedas em suas tranças – centenas de troféus. Percy retratou Annabeth em pé neste lugar escuro, sozinha. Imaginou o gigante tomando a moeda que ela possui e adicionando à sua coleção. Percy queria invocar a sua espada e dar ao gigante um corte de

cabelo começando no pescoço, mas ele estava impotente para tomar ações. Ele só podia assistir.

— Hã, Sua Senhoria — Efialtes disse nervosamente. — Gostaria de lembrar que Gaia quer que a menina seja capturada viva. Você pode atormentá-la. Deixá-la louca. Tudo o que quiser, é claro. Mas seu sangue deve ser derramado sobre as pedras antigas.

Sua Senhoria assobiou.

— Outros podem ser utilizados para esse efeito.

— S-sim. — disse Efialtes. — Mas *essa* menina é a preferida. E o menino, o filho de Poseidon. Você entende porque os dois são os mais adequados para a tarefa.

Percy não sabia o que isso significava, mas ele queria rachar o chão e banir estes estúpidos gêmeos de camisa dourada para a parte mais profunda. Ele nunca deixaria Gaia derramar seu sangue para qualquer tarefa e de *jeito nenhum* deixaria alguém machucar Annabeth.

— Veremos — resmungou Sua Senhoria. — Agora me deixem. Verifiquem seus próprios preparativos. Vocês vão ter o seu espetáculo. E eu... eu vou trabalhar na escuridão.

O sonho dissolveu e Percy acordou assustado.

Jason estava batendo em sua porta aberta.

— Nós estamos de volta à água — disse ele, parecendo exausto. — Sua vez.

Percy não queria, mas acordou Annabeth. Ele achou que mesmo o Treinador Hedge não se importaria de falarem após o toque de recolher se isso significava dar-lhe informações que pudessem salvar sua vida.

Eles estavam no convés, sozinhos, exceto por Leo, que ainda estava manejando o leme. O cara deveria estar quebrado, mas se recusou a ir dormir.

— Eu não quero mais nenhuma surpresa como o Camarãozilla — insistiu ele.

Todos tentaram convencer Leo que o ataque da skolopendra não tinha sido inteiramente culpa dele, mas ele não quis ouvir. Percy sabia como ele se sentia. Não perdoar a si mesmo pelos erros cometidos é um dos melhores talentos de Percy.

Era por volta das quatro da manhã. O tempo estava horrível. O nevoeiro era tão denso que Percy não podia ver Festus no final da proa e o vapor quente pairava no ar como uma cortina de contas. Conforme avançavam uns seis metros, com o mar sacudindo abaixo deles, Percy podia ouvir a pobre Hazel em sua cabine... Também sacudindo.

Apesar de tudo, Percy era grato por estar de volta à água. Era preferível a voar através de nuvens de tempestade e serem atacados por pássaros comedores de homens e pégasos que pisoteavam *enchiladas*.

Ele ficou com Annabeth no trilho da frente enquanto contava sobre seu sonho.

Percy não tinha certeza de como ela recebeu a notícia. Sua reação foi ainda mais preocupante do que ele havia antecipado: ela não parecia surpresa.

Ela olhou para a névoa.

— Percy, você tem que me prometer uma coisa. Não diga aos outros sobre este sonho.

— Não dizer *o quê?* Annabeth...

— O que você viu foi sobre a Marca de Atena — disse ela. — Não vai ajudar que os outros saibam. Só irá fazer com que se preocupem e vai tornar mais difícil para mim quando estiver por conta própria.

— Annabeth, você não pode estar falando sério. Essa coisa no escuro, a grande câmara com o chão desmoronando...

— Eu sei. — Seu rosto parecia estranhamente pálido e Percy suspeitou que não fosse apenas nevoeiro. — Mas eu devo fazer isso sozinha.

Percy engoliu sua raiva. Ele não tinha certeza se estava bravo com Annabeth, com seu sonho ou com o mundo grego/romano inteiro que tinha resistido e moldado à história humana por cinco mil anos, com um objetivo em mente: *tornar a vida de Percy Jackson tão ruim o quanto possível*.

— Você sabe o que está nessa caverna — supôs ele. — Isso tem a ver com aranhas?

— Sim — disse ela em voz baixa.

— Então, como é que você vai... — ele se fez parar.

Se Annabeth tivesse decidido discutir com ele, de nada adiantaria. Ele lembrou-se da noite três anos e meio atrás, quando tinha salvado Nico e Bianca di Angelo no Maine. Annabeth tinha sido capturada pelo titã Atlas. Por um tempo, Percy não tinha certeza se ela estava viva ou morta. Ele viajou por todo o país para salvá-la do titã. Estes tinham sido os poucos dias mais difíceis de sua vida e não apenas pelos monstros e os combates, mas a preocupação.

Como ele poderia *intencionalmente* deixá-la ir agora, sabendo que ela estava caminhando para algo ainda mais perigoso?

Então, ficou claro para ele: a maneira como ele se sentia naquela época, por alguns dias, era provavelmente como Annabeth tinha se sentido nos últimos seis meses em que ele esteve perdido com amnésia.

Isso o fez se sentir culpado, e um pouco egoísta, de estar discutindo com ela. Ela tinha que ir nessa missão. O destino do mundo pode depender dela. Mas parte dele queria dizer: *Esqueça o mundo*. Ele não queria ficar sem ela.

Percy olhou para o nevoeiro. Não conseguia ver nada à sua volta, mas tinha orientações perfeitas no mar. Sabia qual a sua latitude e longitude. Sabia qual a profundidade do oceano e em qual sentido as correntes

seguiam. Sabia qual a velocidade do navio e podia sentir que não havia pedras, bancos de areia ou outros perigos naturais em seu caminho. Ainda assim, a cegueira era inquietante.

Eles não haviam sido atacados, uma vez que tinham tocado a água, mas o mar parecia diferente. Percy esteve no Atlântico, no Pacífico, até no Golfo do Alasca, mas este mar parecia mais antigo e poderoso. Ele podia sentir suas camadas agitando-se abaixo dele.

Cada herói, grego ou romano, navegou nestas águas - de Hércules á Enéias. Monstros ainda viviam nas profundezas, tão profundamente envoltos na Névoa que eles dormiram a maior parte do tempo, mas Percy podia senti-los se agitando, respondendo ao casco de bronze celestial do trirreme grego e a presença do sangue de semideuses.

Eles estão de volta, os monstros pareciam dizer. *Finalmente sangue fresco*.

— Nós não estamos muito longe da costa italiana — disse Percy, principalmente para quebrar o silêncio. — Talvez uns duzentos quilômetros da foz do Tibre.

— Bom — disse Annabeth — ao amanhecer, devemos...

— Parar. — Percy sentiu com se sua pele tivesse sido banhada em gelo. — Nós temos que parar.

— Por quê? — perguntou Annabeth.

— Leo, pare! — gritou Percy.

Tarde demais. Outro barco surgiu da neblina e colidiu de frente com eles. No que se passaram segundos, Percy registrou detalhes aleatórios: Outro trirreme; velas negras pintadas com uma cabeça de Górgona; guerreiros desproporcionais, não muito humanos, lotando a parte da frente do barco com armaduras gregas, espadas e lanças prontas; e um carneiro de bronze no nível da água, batendo contra o casco do *Argo II*.

Annabeth e Percy quase foram jogados ao mar.

Festus soprava fogo, mandando mais de uma dúzia de guerreiros, muito surpresos, gritando para um mergulho no mar, mas mais invadiram a bordo do *Argo II*. Amarando cordas em volta dos trilhos e o mastro, fazendo cortes em tábuas do casco.

No momento em que Percy tinha se recuperado, o inimigo estava em toda parte. Ele não podia ver bem através da neblina e da escuridão, mas os invasores pareciam ser golfinhos humanoides, ou humanos com cara de golfinhos. Alguns tinham focinhos cinzentos. Outros seguravam suas espadas com nadadeiras atrofiadas. Alguns pulavam em pernas parcialmente fundidas, enquanto outros tinham nadadeiras ao invés de pés, o que lembrava sapatos palhaço para Percy.

Leo soou o alarme. Ele correu para a balista mais próxima, mas caiu sob uma pilha de guerreiros golfinhos tagarelas.

Annabeth e Percy estavam de costas um para o outro, como tinham feito muitas vezes antes, suas armas em punho. Percy tentou convocar as ondas, esperando que pudesse empurrar os navios para longe ou até mesmo virar o navio inimigo, mas nada aconteceu. Era quase como se algo estivesse negando sua vontade, tirando seu controle do mar.

Ele levantou Contracorrente, pronto para lutar, mas eles estavam em completa desvantagem. Várias dezenas de guerreiros baixaram as lanças e fizeram um círculo em torno deles, sabiamente mantendo distância da espada de Percy. Os homens golfinhos abriram os seus focinhos e assobiaram, fazendo ruídos crepitantes. Percy nunca tinha considerado como os dentes de golfinhos pareciam viciosos.

Ele tentou pensar. Talvez pudesse sair do círculo e destruir alguns invasores, mas não sem antes os outros espetarem ele e Annabeth.

Pelo menos os guerreiros não pareceram interessados em matá-los imediatamente. Eles mantiveram Percy e Annabeth contidos enquanto mais

de seus companheiros inundavam abaixo do convés e asseguravam o casco. Percy podia os ouvir quebrar as portas da cabine brigando com seus amigos. Mesmo se os outros semideuses não estivessem dormindo, eles não teriam chance contra tantos.

Leo foi arrastado pelo convés, semiconsciente e gemendo, e despejado sobre uma pilha de cordas. Abaixo, os sons de luta diminuíram. Ou os outros também tinham sido subjugados ou... ou... Percy se recusou a pensar sobre isso.

De um lado do ringue de lanças, os guerreiros golfinhos se separaram para deixar alguém passar. Ele parecia ser plenamente humano, mas da forma como os golfinhos recuaram diante dele, ele era claramente o líder. Ele estava vestido com armaduras de combate grega – sandálias, toga e protetores de perna, um peitoral decorado com elaborados desenhos de monstros marinhos e tudo que ele usava era de ouro. Até a sua espada, uma lâmina no estilo grego como Contracorrente, mas feita de ouro em vez de bronze.

O menino dourado, pensou Percy, lembrando o seu sonho. *Eles vão ter que passar pelo menino dourado.*

O que realmente fez Percy se sentir nervoso era o capacete do cara. Sua viseira era uma máscara facial moderna como uma cabeça de Górgona – presas curvas, características horríveis estampadas em escárnio e cabelo dourado de cobra enrolando ao redor do rosto.

Percy tinha encontrado as Górgonas antes. A semelhança era boa, um pouco boa demais para seu gosto.

Annabeth se virou para ficar ombro a ombro com Percy. Ele queria colocar seu braço em torno dela protetoramente, mas duvidou que ela apreciasse o gesto e ele não quis dar a esse cara dourado qualquer indicação

de que Annabeth era sua namorada. Não havia sentido em dar ao inimigo mais vantagens do que ele já tinha.

— Quem é você? — perguntou Percy. — O que quer?

O guerreiro dourado riu. Com um movimento de sua lâmina, mais rápido do que Percy poderia acompanhar, ele golpeou Contracorrente, tirando-a da mão de Percy a enviando voando para o mar.

Ele poderia muito bem ter jogado os pulmões de Percy no mar, porque de repente Percy não podia respirar. Ele nunca tinha sido desarmado tão facilmente.

— Olá, irmão — a voz do guerreiro dourado era rica e aveludada, com um exótico sotaque, talvez do Oriente Médio, que parecia vagamente familiar. — Sempre feliz em roubar um colega filho de Poseidon. Eu sou Crisaor, a Espada de Ouro. Quanto ao que eu quero... — ele virou a máscara de metal para Annabeth. — Bem, isso é fácil. Eu quero tudo o que você tem.

XXX

PERCY

O coração de Percy fez polichinelos enquanto Crisaor andava para frente e para trás, inspecionando-os como se fossem um rebanho valioso. Uma dúzia de seus homens-golfinhos guerreiros ficaram em um arco em volta deles, lanças na altura do peito de Percy, enquanto outras dúzias saqueavam o navio, trombando e quebrando coisas em baixo do convés. Um subiu pela escada com uma caixa de ambrosia. Outro carregava um braço cheio de dardos de balista e uma cesta de fogo grego.

— Cuidado com isso! — avisou Annabeth. — Isso pode explodir ambos os navios.

— Há! — disse Crisaor. — Sabemos tudo sobre fogo grego, garota. Não se preocupe. Temos roubado e saqueado navios no *Mare Nostrum* por eras.

— Seu sotaque é familiar — disse Percy. — Já nos conhecemos?

— Eu não tive o prazer — a máscara de Górgona dourada de Crisaor rosnou para ele, mas era impossível dizer como seria sua real expressão em

baixo da máscara. — Mas ouvi tudo sobre você, Percy Jackson. Ah, sim, o jovem que salvou o Olimpo. E sua fiel ajudante Annabeth Chase.

— Não sou ajudante de ninguém — rosnou Annabeth. — E, Percy, o sotaque dele parece familiar porque nós matamos a mãe dele em Nova Jersey.

Percy franziu o rosto.

— Tenho certeza de que esse sotaque não é de Nova Jersey. Quem é a...? Aah.

Tudo se encaixou. O Empório Jardim de Gnomos da Tia Eme – o covil da Medusa. Ela havia falado com aquele mesmo sotaque, pelo menos até que Percy cortou fora sua cabeça.

— Medusa é a sua mãe? — perguntou ele. — Cara, que droga hein?

Jugando pelo som da garganta de Crisaor, agora ele estava rosnando em baixo da máscara, também.

— Você é tão arrogante quanto o primeiro Perseu — disse Crisaor. — Mas, sim, Percy Jackson. Poseidon era meu pai. Medusa era minha mãe. Depois que Medusa foi transformada em um monstro por aquela tal de deusa da sabedoria... — a máscara dourada virou para Annabeth. — Essa seria *sua* mãe, acredito... Os dois filhos de Medusa ficaram presos dentro dela, incapazes de nascer. Quando o Perseu original cortou a cabeça da Medusa...

— Dois filhos saíram — lembrou Annabeth. — Pégaso e você.

Percy piscou.

— Então seu irmão é um cavalo alado. Mas você também é meu meio-irmão, o que significa que todos os cavalos alados são meus... Quer saber? Vamos deixar isso pra lá.

Ele aprendeu há alguns anos atrás que era melhor não insistir muito em quem era parente de quem no lado divino das coisas. Depois que Tyson, o

ciclope, o adotou como irmão, Percy decidiu que aquilo era o limite ao qual ele queria aumentar sua família.

— Mas se você é filho da Medusa. — disse ele. — Por que não ouvi nada sobre você?

Crisaor suspirou irritado.

— Quando seu irmão é o Pégaso, você se acostuma em ser esquecido. Ah, veja, um cavalo alado! Alguém liga pra mim? Não! — Ele levantou a ponta da sua espada para o olho de Percy. — Mas não me subestime. Meu nome significa Espada Dourada por um motivo.

— Ouro imperial? — Percy chutou.

— Baah! Ouro *Encantado*, sim. Mais tarde, os romanos o chamaram de ouro imperial, mas eu fui o primeiro a empunhar tal lâmina. Eu deveria ter sido o herói mais famoso de todos os tempos! Desde que os contadores de lendas decidiram me ignorar, me tornei um vilão, como alternativa. Decidi colocar minha linhagem para trabalhar. Como filho da Medusa, eu iria inspirar o horror. Como filho de Poseidon, eu comandaria os mares!

— Você virou um pirata — resumiu Annabeth.

Crisaor abriu os braços, o que era bom para Percy uma vez que a espada estava agora apontada para longe de seus olhos.

— O *melhor* pirata — disse Crisaor. — Eu naveguei essas águas por séculos, surpreendendo qualquer semideus tolo o suficiente para explorar o *Mare Nostrum*. Esse é o meu território agora. E tudo que vocês têm é meu.

Um dos golfinhos guerreiros trouxe o Treinador Hedge, arrastando-o lá de baixo.

— Me solta, seu atum! — berrou Hedge. Ele tentou chutar o guerreiro, mas seu casco bateu na armadura do seu captor. Julgando pelas marcas em forma de cascos no peitoral e capacete do golfinho, o Treinador já havia feito várias tentativas.

— Ah, um sátiro — Crisaor disse tendo um devaneio. — Um pouco velho e fibroso, mas os ciclopes pagarão bem por um pedaço como ele. Acorrentem-no.

— Não sou carne de bode de ninguém! — protestou Hedge.

— Amordacem-no também — decidiu Crisaor.

— Por que, seu filho dourado... — o insulto de Hedge foi interrompido quando o golfinho colocou um enorme maço de lonas na sua boca. Logo o Treinador estava amarrado como um novilho de rodeio e largado junto dos demais saques – cestas de comida, armas extras, até mesmo o baú de gelo mágico do refeitório.

— Você não pode fazer isso! — gritou Annabeth.

A risada de Crisaor ecoou em sua máscara dourada. Percy se perguntou se ele era terrivelmente desfigurado por trás dela ou se seu olhar podia petrificar as pessoas como o da sua mãe.

— Posso fazer o que eu quiser! — disse Crisaor. — Meus guerreiros foram treinados para a perfeição. Eles são perversos, cortadores de gargantas...

— E golfinhos — disse Percy, fez uma observação.

Crisaor deu de ombros.

— Sim, e daí? Eles tiveram uma má sorte há um milênio atrás, quando sequestraram a pessoa errada. Alguns da tripulação se transformaram completamente em golfinhos. Outros enlouqueceram. Mas esses... esses sobreviveram como criaturas híbridas. Quando os encontrei no fundo do mar e os ofereci uma nova vida, eles se tornaram minha tripulação leal. Não temem nada!

Um dos guerreiros falou com ele nervosamente.

— Sim, sim — rosnou Crisaor. — Eles temem *uma* coisa, mas isso dificilmente vem ao caso. Ele não está aqui.

Uma ideia começou a fazer cócegas na parte inferior do crânio de Percy. Antes que ele pudesse segui-la, mais golfinhos subiram as escadas, trazendo o resto de seus amigos.

Jason estava inconsciente. Julgando pelos ferimentos em seu rosto, ele havia tentado lutar.

Hazel e Piper estavam algemadas, com as mãos amarradas aos pés. Piper tinha uma mordaça em sua boca, então parecia que os golfinhos haviam descoberto seu charme.

Frank era o único que estava faltando, mas dois dos golfinhos tinham ferroadas de abelha na cara.

Frank podia realmente virar um enxame de abelhas? Percy esperava que sim. Se ele estava livre em algum lugar dentro do navio podia ser uma vantagem, isso se Percy conseguisse contatá-lo.

— Excelente! — Crisaor alegrou. Ele ordenou que seus guerreiros largassem Jason perto das bestas. Então ele examinou as garotas como se fossem presentes de natal, o que fez Percy ranger os dentes.

— O garoto não me serve para nada — disse Crisaor. — Mas nós temos um acordo com a bruxa Circe. Ela vai comprar as mulheres... como escravas ou aprendizes, dependendo das habilidades delas. Mas você não, amável Annabeth.

Annabeth recuou.

— Você *não* vai me levar pra lugar nenhum.

A mão de Percy se arrastou para seu bolso. Sua caneta havia reaparecido no seu jeans. Ele só precisava de um momento de distração para sacar sua espada. Talvez se conseguisse derrubar Crisaor rapidamente, sua tripulação entraria em pânico.

Queria que saber alguma coisa sobre a fraqueza de Crisaor. Normalmente Annabeth lhe dava esses tipos de informações, mas

aparentemente Crisaor não tinha nenhuma lenda, então estavam ambos no escuro.

O guerreiro dourado disse impaciente.

— Ah, infelizmente, Annabeth, você não vai ficar comigo. Eu adoraria isso. Mas você e seu amigo Percy estão prometidos a alguém. Uma certa deusa está pagando uma alta recompensa por sua captura... viva, se possível, mas ela não disse que tinha que ser ilesa.

Naquele momento, Piper causou o distúrbio que ele precisava. Ela gemeu tão alto que pôde ser ouvida pela sua mordaça. Então ela desmaiou, caindo contra o guarda mais próximo, o derrubando. Hazel teve a ideia de se jogar no convés, chutando suas pernas e se contorcendo com se tivesse tendo um colapso.

Percy sacou a Contracorrente e partiu para o ataque. A lâmina deveria ter ido direto para a garganta de Crisaor, mas o guerreiro dourado era inacreditavelmente rápido. Ele desviou e aparou o golpe enquanto os golfinhos guerreiros o ajudavam, vigiando os outros cativos ao mesmo tempo em que davam espaço para seu capitão batalhar. Eles falaram e esganiçaram, incitando-o, e Percy teve profunda suspeita de que a tripulação estava acostumada com esse tipo de entretenimento. Eles não achavam que seu líder estava em algum tipo de perigo.

Percy não havia cruzado espadas com um oponente assim desde... Bem, desde que lutou com o deus da guerra Ares. Crisaor era bom daquele *tanto*. Muito dos poderes de Percy haviam ficado mais fortes ao longo dos anos, mas agora, tardiamente, Percy percebeu que esgrima não tinha sido um deles.

Ele estava enferrujado – pelo menos contra um adversário como Crisaor.

Eles lutaram caminhando para frente e para trás, atacando e aparando golpes. Sem querer, Percy ouviu a voz de Luke Castellan, seu primeiro

mentor em esgrima no Acampamento Meio-Sangue, lhe dando sugestões. Mas não ajudou.

A máscara de Górgona dourada era desencorajadora. A neblina morna, as pranchas lisas do convés, o bate-papo dos guerreiros – nada disso o ajudou. E pelo canto do olho Percy podia ver um dos homens-golfinho segurando uma faca na garganta de Annabeth, para o caso de ele tentar algum truque.

Ele fintou e atacou as vísceras de Crisaor, mas Crisaor antecipou o movimento. Desarmou Percy mais uma vez e novamente Contracorrente voou para o mar.

Crisaor deu um sorriso fácil. Ele não estava nem um pouco exausto. Ele pressionou a ponta de sua espada dourada contra o esterno de Percy.

— Bela tentativa — disse o pirata. — Mas agora vocês vão ser acorrentados e levados para os criados de Gaia. Eles estão um tanto quanto ansiosos para derramar seu sangue e acordar a deusa.

XXXI

PERCY

Nada como o fracasso total para gerar ótimas ideias.

Enquanto Percy estava ali, desarmado e derrotado, o plano se formou em sua cabeça.

Estava tão acostumado com Annabeth lhe provendo informações de lendas gregas que estava meio atordoado por se lembrar de algo realmente útil, mas ele *tinha* que agir rápido. Não podia deixar que algo acontecesse aos seus amigos. Não iria perder Annabeth – não de novo.

Crisaor não podia ser derrotado. Pelo menos, não em um único combate. Mas sem sua tripulação... Talvez então pudesse derrotá-lo se o número suficiente de semideuses o atacasse de uma vez só.

Como lidar com a tripulação do Crisaor? Percy juntou as peças: os piratas haviam sido transformados em homens-golfinhos há milênios, quando sequestraram a pessoa errada. Percy *sabia* da história. Diabos, a pessoa errada em questão, ameaçou *transformá-lo* em golfinho. E quando

Crisaor disse que a tripulação não tinha medo de nada, um dos golfinhos o corrigiu nervosamente. *Sim*, dissera Crisaor. *Mas ele não está aqui.*

Percy olhou para a popa e viu Frank, em forma humana, espreitando atrás de uma balista, esperando. Percy resistiu ao impulso de sorrir. O grandalhão alegava ser desajeitado e inútil, mas ele sempre parecia estar no lugar certo quando Percy precisava dele.

As meninas... Frank... A caixa de gelo...

Era uma ideia maluca. Mas, como de costume, era tudo o que Percy tinha.

— Tudo bem! — Percy gritou tão alto que ele conseguiu a atenção de todos. — Leve-nos, se nosso capitão deixar.

Crisaor virou sua máscara de ouro.

— Que capitão? Meus homens procuraram o navio. Não há ninguém mais.

Percy elevou as mãos dramaticamente.

— O deus aparece apenas quando deseja. Mas ele é o nosso líder. Ele dirige o nosso acampamento de semideuses. Não é, Annabeth?

Annabeth foi rápida.

— Sim! — Ela assentiu entusiasticamente. — Sr. D! O maravilhoso Dioniso!

Uma onda de inquietação passou pelos homens-golfinhos. Um deixou sua espada cair.

— Fiquem firmes! — berrou Crisaor. — Não há nenhum deus nesse navio. Eles estão tentando assustar vocês.

— Vocês deveriam ficar assustados! — Percy olhou para a tripulação de piratas com simpatia.

— Dioniso ficará extremamente irritado com vocês, por terem atrasado nossa viagem. Ele irá punir todos vocês. Não perceberam as meninas caírem

na loucura do deus do vinho?

Hazel e Piper tinham parado os ataques trêmulos. Elas estavam sentadas no convés, encarando Percy, mas quando ele olhou para elas sugestivamente, começaram novamente, tremendo e se debatendo como peixes. Os homens-golfinhos caíram sobre eles mesmos para manter distância das suas cativas.

— Falsos! — rugiu Crisaor. — Cale-se Percy Jackson. Seu diretor de acampamento não está aqui. Ele foi convocado ao Olimpo. Isto é de conhecimento comum.

— Então você assume que Dioniso é nosso diretor!

— Ele era — corrigiu Crisaor. — Todo mundo sabe disso.

Percy apontou para o guerreiro de ouro, como se ele houvesse se traído.

— Vocês veem? Nós estamos condenados! Se não acreditam em mim, vamos verificar a caixa de gelo!

Percy atacou o resfriador mágico. Ninguém tentou impedi-lo. Ele abriu a tampa e vasculhou o gelo. Tinha de ter um. Por favor. Ele foi premiado com uma lata de refrigerante vermelha e prata. Ele a brandiu nos golfinhos guerreiros como se os pulverizasse com um repelente de insetos.

— Eis aqui! — Percy gritou. — A bebida escolhida do deus. Tremam diante do horror da Coca Diet!

Os homens-golfinhos começaram a entrar em pânico. Eles estavam a fugir. Percy podia sentir isso.

— O deus irá tomar o seu navio — avisou Percy. — Ele completará as suas transformações para golfinhos, ou irá deixá-los loucos ou vai transformá-los em golfinhos loucos! A única esperança para vocês é nadar rapidamente para longe, agora!

— Ridículo! — a voz de Crisaor ficou estridente. Ele não parecia certo para onde apontar a espada, para Percy ou para a sua tripulação.

— Salvem-se! — Percy advertiu. — É tarde demais para nós!.

Então ele ofegou e apontou para o lugar onde Frank estava se escondendo.

— Ah, não! Frank está se transformando em um golfinho maluco!

Nada aconteceu.

— Eu *disse* — Percy repetiu — Frank está se transformando em um golfinho maluco!

Frank tropeçou de lugar nenhum, fazendo um grande show ao agarrar a sua garganta.

— Ah, não — *disse ele*, como se estivesse lendo um roteiro. — Estou me transformando em um golfinho louco!

Ele começou a mudar, seu nariz se alongou para um focinho, sua pele se tornou lustrosa e cinza. Ele caiu no convés como um golfinho, sua cauda golpeando as tábuas.

A tripulação pirata recuou em terror, gritando e estalando, enquanto largavam as armas, esqueciam os prisioneiros, ignoravam as ordens de Crisaor e saltavam no mar. Na confusão, Annabeth agiu rapidamente e cortou as cordas de Hazel, Piper e do Treinador Hedge.

Em segundos, Crisaor estava sozinho e cercado. Percy e seus amigos não possuíam armas, com exceção da faca de Annabeth e os cascos de Hedge, mas os olhares assassinos em seus rostos evidentemente convenceram o guerreiro de ouro que ele estava condenado.

Ele apoiou-se na borda do corrimão.

— Isso não acabou, Jackson — rosnou Crisaor. — Eu terei a minha vingança...

Suas palavras foram interrompidas por Frank, que mudou de forma de novo. Um enorme urso definitivamente pode terminar uma conversa. Ele encarou Crisaor e afastou sua máscara de ouro para fora do seu capacete.

Crisaor gritou, instantaneamente cobriu seu rosto com os braços e caiu na água.

Eles correram para o corrimão. Crisaor havia desaparecido. Percy pensou em segui-lo, mas não conhecia essas águas e não queria enfrentar o cara sozinho de novo.

— Isso foi brilhante! — Annabeth o beijou, o que o fez se sentir um pouco melhor.

— Foi desesperado — corrigiu Percy. — E precisamos nos livrar desse trirreme pirata.

— Queimamos? — perguntou Annabeth.

Percy olhou para a Coca Diet em sua mão.

— Não. Eu tenho outra ideia.

Levou mais do tempo do que Percy esperava. Enquanto trabalhavam, ele se manteve olhando para o mar, esperando Crisaor e seus golfinhos piratas voltar, mas eles não voltaram.

Leo voltou aos seus sentidos, graças a um pouco de néctar. Piper cuidava das feridas de Jason, mas ele não estava tão gravemente ferido como aparentava. Na maior parte, estava envergonhado por ter sido dominado de novo, algo com que Percy podia se identificar.

Eles retornaram todos os seus suprimentos para seus locais apropriados e os arrumaram enquanto o Treinador Hedge teve um dia de campo no barco inimigo, quebrando tudo que conseguia encontrar com seu taco de beisebol.

Quando ele acabou, Percy carregou as armas dos inimigos de volta ao navio pirata. A despensa estava cheia de tesouros, mas Percy insistiu que eles não tocassem em nada disso.

— Eu posso sentir cerca de seis milhões de dólares em ouro a bordo — disse Hazel. — Mais diamantes, rubis...

— Seis mi-milhões? — gaguejou Frank. — Em dólares canadenses ou americanos?

— Deixe — disse Percy. — É parte do tributo.

— Tributo? — perguntou Hazel.

— Ah! — Piper assentiu. — Kansas.

Jason sorriu. Ele também estava lá quando encontraram o deus do vinho.

— Louco. Mas eu gosto.

Finalmente Percy foi a bordo do navio pirata e abriu as válvulas de inundação. Ele pediu a Leo para fazer alguns furos extras no fundo do casco com as suas poderosas ferramentas e Leo estava feliz por ajudar.

A tripulação do *Argo II* reuniu-se no corrimão e cortaram as cordas de luta. Piper trouxe seu novo chifre da abundância e na direção de Percy, desejou que saísse Coca Diet, que saiu com a força de uma mangueira de incêndio, encharcando o convés inimigo.

Percy pensou que iria levar horas, mas o navio afundou notavelmente rápido, se enchendo de Coca Diet e água do mar.

— Dioniso! — Percy chamou, segurando a máscara dourada de Crisaor. — Ou Baco... que seja. Você tornou esta vitória possível, mesmo que não esteja aqui. Seus inimigos estremeceram sobre o seu nome... Ou sua Coca Diet, ou algo assim. Então, é, obrigado.

As palavras eram difíceis de sair, mas Percy não conseguiu se segurar.

— Nós damos a você esse navio como tributo. Esperamos que você goste.

— Seis milhões de dólares em ouro — murmurou Leo. — É *melhor* que ele goste.

— Shh — Hazel o repreendeu. — Metal precioso não é grande coisa. Acredite em mim.

Percy lançou a máscara de ouro no navio, que agora estava afundando mais rapidamente. Um líquido marrom efervescente expelia das ranhuras do trirreme e borbulhava no porão de carga, deixando o mar marrom cremoso.

Percy convocou uma onda e o navio inimigo foi inundado. Leo conduziu o *Argo II* para longe do navio pirata desaparecido abaixo d'água.

— Isso não é poluição? — perguntou Piper.

— Eu não me preocuparia — disse Jason. — Se Baco gostar, o navio irá desaparecer.

Percy não sabia se isso iria acontecer, mas sentia que havia feito tudo que podia. Não tinha fé que Dioniso iria ouvi-los ou cuidar deles, muito menos ajudá-los na batalha contra os gigantes gêmeos, mas tinha que tentar.

Com o *Argo II* indo para leste no nevoeiro, Percy determinou que ao menos uma coisa boa tivesse saído de sua luta com Crisaor. Ele se sentia humilde – humilde o suficiente para pagar um tributo ao cara do vinho.

Depois da sua luta com os piratas, eles decidiram voar o resto do caminho para Roma.

Jason insistiu que ele estava bem o suficiente para pegar o serviço de guarda, junto com o Treinador Hedge, que ainda estava tão carregado de adrenalina que em cada turbulência em que o navio passava, ele girava o bastão e gritava: “Morra!”

Eles teriam um par de horas até o amanhecer, então Jason sugeriu a Percy que tentasse ter algumas horas de sono.

— Está ok cara — disse Jason. — Dê a mais alguém a chance de salvar o navio, ok?

Percy concordou, embora uma vez em sua cabine, teve dificuldade de adormecer.

Ele encarou a lanterna de bronze balançando no teto e pensou em quão fácil Crisaor o derrotou na esgrima. O guerreiro de ouro poderia matá-lo sem nem uma gota de suor. Ele só o manteve vivo porque alguém queria pagar o privilégio de matá-lo mais tarde.

Percy sentiu como se uma flecha houvesse deslizado através de uma fenda em sua armadura – como se ele ainda possuísse a benção de Aquiles e alguém tinha encontrado o seu ponto fraco. Quanto mais velho ficava, mais tempo ele sobrevivia como meio-sangue, mais seus amigos o admiravam. Eles dependiam dele e contavam com seus poderes. Mesmo os romanos haviam o levantado em seus escudos e o fizeram pretor e ele os conhecia havia apenas por alguns dias.

Mas Percy não se sentia poderoso. A coisa mais heroica que ele havia feito foi perceber o quão limitado ele era. Ele se sentiu uma fraude. *Eu não sou tão bom como vocês pensam,* queria avisar aos seus amigos. Suas falhas, como a desta noite, pareciam provar. Talvez fosse por isso que ele começou a temer se sufocar. Não foi o afogamento em terra ou no mar, mas o sentimento de que ele estava naufragando em muitas expectativas, literalmente acima de si.

Uau... Quando ele começava a ter pensamentos como este, *sabia* que estava passando muito tempo com Annabeth.

Atena havia dito uma vez a Percy seu defeito fatal: ele era supostamente leal demais aos seus amigos. Ele não conseguia ver a situação toda. Salvaria um amigo, mesmo que isso significasse destruir o mundo.

Na época, Percy havia dado de ombros. Como poderia a lealdade ser uma coisa ruim? Além disso, as coisas se saíram muito bem contra os titãs. Ele havia salvado seus amigos *e* derrotado Cronos.

Agora, porém, começou a pensar. Ficaria feliz em se jogar em qualquer monstro, deus ou gigante para manter seus amigos a salvo. Mas e se ele não

estivesse à altura da tarefa? E se outro alguém tivesse de fazê-lo? Isso foi muito difícil para ele admitir. Ainda tinha problemas com coisas simples, como deixar Jason ter um tempo na vigília. Ele não queria confiar em alguém para protegê-lo, alguém que podia se machucar por ele.

A mãe de Percy havia feito isso por ele. Ela ficou em um mau relacionamento com um mortal nojento, porque pensou que poderia salvá-lo de monstros. Grover, seu melhor amigo, havia protegido Percy por quase um ano antes de Percy saber que era um semideus e Grover quase foi morto pelo minotauro.

Percy não era mais uma criança. Ele não queria ninguém que amasse assumindo riscos por ele. Tinha de ser forte o suficiente para se proteger. Mas agora ele deveria deixar Annabeth sair, por escolha dela, para seguir a Marca de Atena, sabendo que ela poderia morrer. Se ele tivesse que escolher – salvar Annabeth ou deixar a missão ser bem-sucedida... qual Percy realmente escolheria?

A exaustão finalmente o alcançou. Ele caiu no sono e em seu pesadelo, o estrondo do trovão se tornou a risada da deusa da terra, Gaia.

Percy sonhou que ele estava em pé na varanda da Casa Grande no Acampamento Meio-Sangue. O rosto adormecido de Gaia apareceu ao lado da Colina Meio-Sangue – suas feições enormes formadas a partir das sombras nas encostas verdes. Seus lábios não se moviam, mas sua voz ecoava por todo o vale.

Então essa é a sua casa, murmurou Gaia. *Dê uma última olhada, Percy Jackson. Você deveria ter retornado para cá. Ao menos, você poderia ter morrido com seus companheiros quando os romanos invadirem. Agora o seu sangue será derramado distante de casa, sobre as pedras antigas e eu vou ascender.*

O chão tremeu. No topo da Colina Meio-Sangue, o Pinheiro de Thalia explodiu em chamas. Uma perturbação percorreu o vale - grama se

tornando areia, a floresta se desintegrando em pó. O rio e o lago de canoagem secaram. Os chalés e a Casa Grande em cinzas.

Quando o tremor parou, o Acampamento Meio-Sangue parecia um terreno baldio após uma explosão atômica. A única coisa que restava era a varanda em que Percy estava.

Próximo a ele, a poeira girou e se solidificou na figura de uma mulher. Seus olhos estavam fechados, como se ela fosse sonâmbula. Suas roupas eram verde-floresta, manchada de ouro e branco como a luz solar se movendo através dos ramos. Seu cabelo era tão negro quanto um solo lavrado. Seu rosto era bonito, mas mesmo com um sorriso sonhador em seus lábios ela parecia fria e distante. Percy teve a impressão de que ela poderia ver semideuses morrerem ou cidades queimarem e o sorriso não vacilaria.

— Quando eu reivindicar a Terra — disse Gaia. — Deixarei este lugar estéril para sempre, para lembrar-me do seu tipo e quão impotentes eles eram para me parar. Não importa *quando* você vai cair, meu pequeno peão... diante Fórcis, Crisaor ou meus gêmeos gigantes. O importante é que você *irá* cair e eu estarei lá para te devorar. Sua única escolha agora... Cair sozinho? Venha a mim, de bom grado e traga a garota. Talvez eu poupe esse lugar que você ama. Senão...

Gaia abriu seus olhos. Eles agitavam-se em preto e verde, tão profundos quanto à crosta da Terra. Gaia via tudo. Sua paciência era infinita. Ela era lenta para acordar, mas uma vez de pé, seu poder era invencível.

A pele de Percy vibrou. Suas mãos ficaram dormentes. Ele baixou os olhos e se deu conta de que estava se desintegrando em pó, como todos os monstros que ele já havia derrotado.

— Aproveite o Tártaro, meu pequeno peão — murmurou Gaia.

Um metálico Clang-Clang-Clang sacudiu Percy para fora de seu sonho. Seus olhos se abriram. Ele percebeu que o que tinha acabado de ouvir era o

trem de pouso sendo baixado.

Houve uma batida na porta e Jason colocou sua cabeça para dentro. Os hematomas em seu rosto haviam sumido. Seus olhos azuis brilhavam com animação.

— Ei, cara — disse ele. — Nós estamos descendo sobre Roma. Você realmente deveria ver isso.

O céu estava brilhante, como se a tempestade nunca tivesse existido. O sol amanheceu sobre as colinas distantes, então tudo abaixo deles brilhava e cintilava como se toda a cidade de Roma houvesse acabado de sair de um lava rápido.

Percy já tinha visto grandes cidades antes. Ele era de Nova York, antes de tudo. Mas a imensidão de Roma agarrou-o pela garganta e tornou-se difícil respirar. A cidade parecia não levar em conta as limitações da geografia. Espalhava-se através de montes e vales, saltava o Tibre com dezenas de pontes e se estendia pelo horizonte. Ruas e becos ziguezagueavam sem ritmo ou razão através de mantas de bairros. Havia edifícios comerciais de vidro ao lado de locais de escavação. A catedral estava ao lado de uma linha de colunas romanas, que estava ao lado de um estádio de futebol moderno. Em algumas vizinhanças, velhas vilas de estuque com os telhados vermelhos enchiam as ruas de paralelepípedos, de modo que se Percy se concentrasse apenas em algumas áreas, podia se imaginar de volta aos tempos antigos. Por todo lugar que ele olhava, havia largas praças e ruas congestionadas.

Parques cortavam toda a cidade com uma louca coleção de palmeiras, pinheiros, zimbros e oliveiras, como se Roma não conseguisse decidir de qual parte do mundo pertencia – ou talvez apenas acreditasse-se que todo o mundo pertencia a *Roma*.

Era como se a cidade soubesse do sonho de Percy com Gaia. Ele sabia que a deusa da terra pretendia arrasar toda a civilização humana e esta cidade, que permaneceu por milhares de anos, estava dizendo para ela: *Você quer dissolver essa cidade, Cara de Terra? Faça uma tentativa*.

Em outras palavras, era o Treinador Hedge das cidades mortais – apenas maior.

— Nós iremos ancorar naquele parque — Leo anunciou, apontando para um espaço amplo verde com palmeiras. — Vamos esperar que a Névoa nos faça parecer um pombo gordo ou algo assim.

Percy desejou que a irmã de Jason, Thalia estivesse ali. Ela sempre teve um modo de manipular a Névoa para que vissem o que ela queria. Percy nunca foi muito bom nisso. Ele só continuava pensando: *Não olhe para mim* e esperava que os romanos abaixo falhassem em notar o trirreme gigante de bronze descendo em sua cidade no meio da horário de pico matinal.

Parecia funcionar. Percy não notou nenhum carro desfiando para fora da estrada ou romanos apontando para o céu e gritando "*Alienígenas!*". O *Argo II* posou no campo gramado e os remos se retraíram.

O barulho do trânsito estava ao redor deles, mas o parque em si era pacífico e deserto. À esquerda deles, um gramado verde inclinado em direção a uma linha de madeira. Uma antiga vila situada à sombra de alguns pinheiros estranhos, com seus troncos finos curvilíneos que tinham cerce de trinta ou quarenta pés, que brotaram em dosséis inchados.

Elas lembravam Percy das árvores naqueles livros do Dr. Seuss que sua mãe costumava ler para ele quando era pequeno.

À direita, serpenteando ao longo do topo de uma colina, havia uma parede de tijolos com entalhes no topo dos arcanjos – talvez uma linha defensiva medieval, talvez da Antiga Roma.

Percy não tinha certeza.

Para o norte, cerca de um quilometro de distância através das dobras da cidade, o topo do Coliseu subia acima dos telhados, olhando como se faz naquelas fotos de viagem. Foi quando as pernas de Percy começaram a tremer. Ele estava realmente ali. Pensou que sua viagem ao Alasca tinha sido bem exótica, mas agora estava no coração do antigo Império Romano, um território inimigo para um semideus grego. De certa forma, esse lugar havia moldado sua vida tanto quanto Nova York.

Jason apontou para a base dos arqueiros na parede, onde degraus desciam em algum tipo de túnel.

— Eu acho que sei onde estamos — disse ele. — Esse é Túmulo dos Cipiões.

Percy franziu a testa.

— Cipião... O pégaso de Reyna?

— Não — disse Annabeth. — Eles eram uma família nobre romana... Uau, esse lugar é incrível.

Jason assentiu.

— Eu estudei mapas de Roma antes. Sempre quis vir aqui, mas...

Ninguém se preocupou em terminar a frase. Olhando para os rostos dos seus amigos, Percy poderia dizer que estavam tão admirados quanto ele. Eles conseguiram. Eles desembarcaram em *Roma – a* Roma.

— Planos? — perguntou Hazel. — Nico tem até o pôr do sol... na melhor das hipóteses. E esta cidade inteira irá supostamente ser destruída hoje.

Percy saiu do transe.

— Você está certa. Annabeth... Você marcou naquele ponto no seu mapa de bronze?

Seus olhos cinzentos viraram uma tempestade extra escura, o que Percy podia facilmente interpretar como: *Lembre-se do que eu disse. Guarde esse*

sonho para você.

— Sim — disse ela cuidadosamente. — É sobre o Rio Tibre. Eu acho que posso encontra-lo, mas eu deveria...

— Me levar junto — Percy concluiu. — Sim, você está certa.

Os olhos de Annabeth pareciam adagas.

— Isso não é...

— Seguro — completou ele. — Um semideus andando por Roma sozinho. Eu vou com você até o Tibre. Nós podemos usar a carta de apresentação, espero conhecer o deus do rio Tibério. Talvez ele possa lhe dar uma ajuda ou conselho. Então você pode ir sozinha de lá.

Eles tiveram um confronto de olhares silencioso, mas Percy não recuou. Quando ele e Annabeth começaram a sair, sua mãe enfiava em sua cabeça*: É educado acompanhar a sua namorada até a porta.* Se isso era verdade, então era boas maneiras acompanhá-la até o início da sua jornada épica solitária mortífera.

— Ok — murmurou Annabeth. — Hazel, agora que estamos em Roma, você acha que pode identificar a localização de Nico?

Hazel piscou como se tivesse saído de um transe ao assistir ao show Percy/Annabeth.

— Humm... Espero que sim, se eu chegar perto o suficiente. Vou ter que caminhar ao redor da cidade. Frank, você poderia vir comigo?

Frank sorriu.

— Absolutamente.

— E, hã, Leo... — acrescentou Hazel. — Pode ser uma boa ideia você vir também os centauros-peixe disseram que precisaríamos da sua ajuda como mecânico.

— Sim — disse Leo. — Sem problemas.

O sorriso de Frank se tornou algo parecido com a máscara de Crisaor.

Percy não era um gênio quando se falava sobre relacionamentos, mas mesmo ele podia sentir a tensão entre os três. Desde quando chegaram ao Atlântico, eles não agiam como eles mesmos. Não era apenas os dois garotos competindo por Hazel. Era como se os três tivessem sido presos juntos, agindo como se estivessem em algum tipo de mistério de assassinato, mas não tivessem descoberto ainda qual deles era a vítima.

Piper puxou sua faca e colocou sobre o corrimão.

— Jason e eu podemos cuidar do navio agora. Vou ver o que Katoptris pode me mostrar. Mas Hazel, se vocês encontrarem Nico, não vão lá sozinhos. Volte e nos pegue. Vai precisar de todos nós para lutar com os gigantes.

Ela não disse o óbvio: mesmo todos eles não seriam o suficiente, sem um deus do seu lado. Percy decidiu não trazer isso à tona.

— Boa ideia — disse Percy. — Que tal nós nos encontrarmos aqui às... O quê?

— Três da tarde? — sugeriu Jason. — Esse provavelmente é o encontro mais tardar que podemos ter e ainda poder enfrentar os gigantes e salvar Nico. Se algo acontecer e mudar o plano, tentem enviar uma mensagem de Íris.

Os outros assentiram com a cabeça, mas Percy notou vários deles olhando para Annabeth.

Outra coisa que ninguém queria dizer: Annabeth estaria em outro horário. Ela poderia voltar as três, mais tarde, ou nunca. Mas ela precisava estar por conta própria, procurando pela Atena Partenos.

Treinador Hedge grunhiu.

— Isso vai me dar tempo para comer os cocos... digo, tirar os cocos do nosso casco. Percy, Annabeth... Eu não gosto de vocês dois irem sozinhos.

Então lembrem-se: *se comportem*. Se eu ouvir sobre qualquer coisa engraçada, vou castigar vocês até o Estige congelar.

A ideia de ser castigado quando eles estavam prestes a arriscar suas vidas, era tão ridícula que Percy não podia deixar de sorrir.

— Estaremos de volta logo — prometeu ele. Ele olhou para seus amigos, tentando não se sentir como se essa fosse a última vez que eles iriam ficar juntos. — Boa sorte a todos.

Leo abaixou a prancha e Percy e Annabeth foram os primeiros a descer do navio.

XXXII

PERCY

Em circunstâncias diferentes, passear por Roma com Annabeth teria sido bastante impressionante. Eles deram as mãos enquanto caminhavam pelas ruas sinuosas, se esquivando de carros e loucos motoristas de lambretas, espremendo-se através de multidões de turistas e passando através de mares de pombos. O dia esquentava rapidamente. Uma vez que eles se afastaram das principais vias lotadas de carros, o ar cheirava a pão e flores recém-cortadas.

Se encaminharam para o Coliseu, porque este era um marco fácil, mas chegar lá se provou mais difícil do que Percy havia antecipado. Tão grande e confusa como a cidade tinha parecia de cima, no chão era ainda pior. Várias vezes se perderam em ruas sem saída.

Eles encontraram belas fontes e enormes monumentos por acidente.

Annabeth comentou sobre a arquitetura, mas Percy manteve os olhos abertos para outras coisas. Uma vez ele viu um fantasma roxo brilhante –

um *lar* – encarando-os da janela de um prédio de apartamentos. Outra vez viu uma mulher vestida de branco – talvez uma ninfa ou deusa – segurando uma faca de aparência maligna, deslizando entre as colunas em ruínas em um parque público. Nada os atacou, mas Percy sentia que estavam sendo observados e os observadores não eram amigáveis.

Finalmente chegaram ao Coliseu, onde uma dezena de caras em trajes baratos de gladiadores brigava contra policiais – espadas de plástico contra cassetetes. Percy não tinha certeza do que se tratava, mas ele e Annabeth decidiram continuar caminhando. Às vezes, mortais eram ainda mais estranhos do que monstros.

Eles fizeram o seu caminho por oeste, parando de vez em quando para pedir orientações da direção do rio. Percy não tinha considerado que pessoas na Itália falavam italiano, dã, enquanto ele não falava italiano. Como se percebeu, porém, não era um grande problema. As poucas vezes que alguém se aproximou deles na rua e fizeram uma pergunta, Percy apenas aparentou confusão, e eles mudaram para sua língua.

Próxima descoberta: os italianos usam euros e Percy não tinha nenhum. Lamentou isso assim que encontrou uma loja para turistas que vendia refrigerantes. Até então, era quase meio-dia, estava ficando muito quente e Percy estava começando a desejar que ele tivesse um trirreme cheio de Coca Diet.

Annabeth resolveu o problema. Ela escavou ao redor em sua mochila, pegou o laptop de Dédalo e digitou alguns comandos. Um cartão de plástico foi ejetado a partir de uma abertura no lado.

Annabeth o acenou triunfante.

— Cartão de crédito internacional. Para emergências.

Percy olhou para ela com espanto.

— Como você...? Não. Não importa. Eu não quero saber. Apenas continue sendo incrível.

Os refrigerantes ajudaram, mas eles ainda estavam com calor e cansados no momento em que chegaram ao Rio Tibre. A costa era afiada com um dique de pedra. Uma variedade caótica de armazéns, apartamentos, lojas e cafeterias lotavam a margem.

O próprio Tibre era grande, calmo e cor de caramelo. Alguns ciprestes pairavam sobre bancos. A ponte mais próxima parecia relativamente nova, feito de vigas de ferro, mas bem próximo a ela, havia uma linha de desmoronamento de arcos de pedra que parou do outro lado do rio – ruínas que poderiam ter sido deixadas desde os dias dos *imperadores*.

— É aqui. — Annabeth apontou para a ponte de pedra. — Eu reconheço isto, a partir do mapa. Mas o que nós fazemos agora?

Percy estava feliz que ela tinha dito que *nós*. Ele não queria deixá-la ainda. Na verdade, não tinha certeza se poderia fazê-lo quando chegasse o momento. As palavras de Gaia voltaram a ele: *Você vai cair sozinho?*

Ele olhou para o rio, imaginando como poderiam fazer contato com o deus Tibério. Realmente não queria pular dentro. O Tibre não parecia muito mais limpo do que o Rio East em sua cidade natal, onde ele tinha encontrado com muitos espíritos do rio resmungões.

Ele apontou para uma cafeteria nas proximidades, com mesas com vista para a água.

— Está na hora do almoço. O que acha de nós usarmos novamente seu cartão de crédito?

Mesmo que fosse meio-dia, o lugar estava vazio. Eles escolheram uma mesa do lado de fora, próximo ao rio e um garçom correu para atendê-los. Ele parecia um pouco surpreso de vê-los, especialmente quando disseram que queriam almoçar.

— Americanos? — ele perguntou, com um sorriso triste.

— Sim — disse Annabeth.

— E eu adoraria uma pizza — disse Percy.

Parecia que o garçom estava tentando engolir uma moeda de euro.

— É claro que quer, *signor*. E deixe-me adivinhar: uma Coca-Cola? Com gelo?

— Impressionante — disse Percy. Ele não entendia por que o cara estava fazendo cara azeda para ele.

Não é como se Percy tivesse pedido uma Coca-Cola *azul*.

Annabeth pediu um panini e um pouco de água com gás. Após o garçom sair, ela sorriu para Percy.

— Eu acho que os italianos almoçam bem mais tarde. Eles não colocam gelo em suas bebidas. E só fazem pizza para os turistas.

— Ah. — Percy deu de ombros. — A melhor comida italiana, e eles nem mesmo comem?

— Eu não diria isso na frente do garçom.

Eles deram as mãos em cima da mesa. Percy estava contente só de olhar para Annabeth à luz do sol. Isso sempre fez seu cabelo parecer tão brilhante e aconchegante. Seus olhos assumiram as cores do céu e dos paralelepípedos, alternadamente entre marrom e azul.

Ele questionou se deveria dizer a Annabeth o seu sonho sobre Gaia destruir o Acampamento Meio-Sangue. Decidiu que não. Ela não precisa de mais nada para se preocupar, não com o que ela estava enfrentando.

Mas isso o fez pensar... O que teria acontecido se não tivessem assustado os piratas de Crisaor? Percy e Annabeth teriam sido acorrentados e levados aos seguidores de Gaia. Seu sangue teria sido derramado nas pedras antigas. Percy supunha que significava que teriam sidos levados à Grécia para algum grande sacrifício horrível. Mas Annabeth e ele tinham estado em muitas

situações ruins juntos. Eles poderiam ter descoberto um plano de fuga, salvado o dia... E Annabeth não estaria diante de uma missão solo em Roma.

Não importa quando você vai cair, Gaia tinha dito.

Percy sabia que era um desejo horrível, mas ele quase lamentou não ter sido capturado em mar. Pelo menos Annabeth e ele teriam ficado juntos.

— Você não deve se sentir envergonhado — disse Annabeth. — Você está pensando em Crisaor, não é? Espadas não podem resolver todos os problemas. Você nos salvou no final.

Apesar de tudo, Percy sorriu.

— Como você faz isso? Você sempre sabe o que eu estou pensando.

— Eu conheço você — disse ela.

E mesmo assim você gosta de mim? Percy queria perguntar, mas ele segurou a pergunta.

— Percy — disse ela — você não pode carregar o peso desta missão toda. É impossível. É por isso que há sete de nós. E você vai ter que me deixar procurar a Atena Partenos sozinha.

— Senti sua falta — confessou. — Durante meses. Um grande pedaço de nossas vidas foi levado. Se eu a perder de novo...

O almoço chegou. O garçom parecia muito mais calmo. Tendo aceitado o fato de que eles eram americanos incorrigíveis, aparentemente decidiu perdoá-los e tratá-los com educação.

— É uma bela vista — disse ele, apontando para o rio. — Aproveitem, por favor.

Depois que ele saiu, eles comeram em silêncio. A pizza era um quadrado, sem graça e pastosa com pouco de queijo. *Talvez*, pensou Percy, *é por isso que romanos não as comam. Pobres romanos.*

— Você vai ter que confiar em mim — disse Annabeth. Percy quase pensou que ela falava com seu sanduíche, porque ela não encontrou seus olhos. — Você tem que acreditar que eu vou voltar.

Ele engoliu outro pedaço.

— Eu acredito em *você*. Esse não é o problema. Mas voltar de *onde?*

O som de uma lambreta interrompeu. Percy olhou ao longo da margem e demonstrando surpresa. A motoneta era de um modelo antiquado: grande e azul bebê. O motorista era um cara em um terno de seda cinza. Atrás dele estava uma mulher mais nova com um lenço na cabeça, com as mãos em torno da cintura do homem. Eles costuraram entre as mesas da cafeteria e estacionaram ao lado de Percy e Annabeth.

— Olá — disse o homem.

Sua voz era profunda, quase rouca, como um ator de filmes. Seu cabelo era curto e penteado para trás em seu rosto enrugado. Ele era bonito de uma maneira pai na TV em 1950. Até mesmo suas roupas pareciam antiquadas. Quando ele saiu de motocicleta, a cintura da calça estava muito maior do que o normal, mas de alguma forma ele ainda conseguiu parecer viril e elegante e não como um total idiota. Percy teve problemas adivinhar sua idade – talvez trinta e alguma coisa, embora o senso de moda do homem fosse ao estilo vovôs.

A mulher desceu da moto.

— Nós tivemos uma manhã muito *amável* — disse ela, sem fôlego.

Ela parecia ter vinte e um anos, também vestia um estilo antiquado. Sua saia de estampa floral descia até o tornozelo e sua blusa branca estava por dentro dela, presa por um grande cinto de couro, deixando-a com a cintura mais fina Percy já tinha visto. Quando ela tirou o lenço, o cabelo ondulado preto curto saltou em perfeita forma. Ela tinha escuros olhos lúdicos e um sorriso brilhante.

Percy tinha visto náiades que tinham menos características de peixes do que esta senhora.

Sanduíche de Annabeth caiu de suas mãos.

— Ah, deuses. Como... como...?

Ela parecia tão atordoada que Percy imaginou que ele deveria conhecer esses dois.

— Vocês *parecem* familiares — decidiu ele. Ele pensou que ele pode ter visto seus rostos na TV. Parecia que eles eram de um programa antigo, mas ele não tinha certeza. Eles não tinham envelhecido nada. Mas ele apontou para o cara e deu um palpite. — Você é o cara de *Mad Men?*

— Percy! — Annabeth olhou horrorizada.

— O quê? — protestou Percy. — Eu não assisto muita TV.

— Este é Gregory Peck! — Os olhos de Annabeth estavam arregalados e sua boca continuava a cair aberto. — E... Ah *deuses!* Audrey Hepburn! Eu *conheço* este filme. *Roman Holiday*. Mas isso foi nos anos 1950. Como...?

— Ah, minha querida! — A mulher girou como um espírito do ar e se sentou em sua mesa.

— Eu temo que você me confundiu com outra pessoa! Meu nome é Reia Silvia. Eu era a mãe de Rômulo e Remo, *milhares* de anos atrás. Mas você é tão gentil ao achar que sou tão jovem como da década de 1950. E este é o meu marido...

— Tibério — disse Gregory Peck, empurrando a mão para Percy de forma viril. — Deus do Rio Tibre.

Percy apertou sua mão. O cara tinha cheiro de loção pós-barba. Claro que, se Percy fosse o Rio Tibre, ele provavelmente gostaria de mascarar seu odor com colônia também.

— Hã, oi — disse Percy. — Vocês dois sempre se parecem com estrelas do cinema americano?

— Parecemos? — Tibério franziu a testa e estudou suas roupas. — Eu não tenho certeza, na verdade. A migração da civilização Ocidental funciona de ambas as maneiras. Roma afetou o mundo, mas o mundo também afeta Roma. Parece *haver* um monte de influência norte-americana recentemente. Eu tenho perdido um pouco dos sinais ao longo dos séculos.

— Tudo bem. — disse Percy. — Mas... Você está aqui para ajudar?

— Minhas náiades me disseram que vocês dois estavam aqui. — Tibério lançou seus olhos escuros para Annabeth. — Você tem o mapa, minha querida? E sua carta de apresentação?

— Hã... — Annabeth lhe entregou a carta e o disco de bronze. Ela estava olhando para o deus do rio tão atentamente que Percy começou a sentir ciúmes.

— E-Então... — ela gaguejou — você ajudou outras crianças da Atena com esta missão?

— Ah, minha querida! — A moça bonita, Reia Silvia, colocou a mão no ombro de Annabeth. — Tibério é sempre tão atencioso. Ele salvou minhas crianças, Rômulo e Remo e os trouxe para a deusa loba Lupa. Mais tarde, quando o velho rei Numen tentou me matar, Tibério teve pena de mim e me fez sua esposa. Tenho governado o reino do rio ao seu lado desde então. Ele é apenas um sonho!

— Obrigado, minha querida — disse Tibério com um sorriso irônico. — E, sim, Annabeth Chase, eu tenho ajudado muitos de seus irmãos... A pelo menos começar a sua viagem com segurança. Uma pena que todos eles morreram dolorosamente mais tarde. Bem, os documentos parecem em ordem. Devemos ir. A Marca da Atena espera!

Percy agarrou a mão de Annabeth – provavelmente um pouco forte.

— Tibério, deixe-me ir com ela. Apenas um pouco mais longe.

Reia Silvia riu docemente.

— Mas você não pode bobinho. Você deve voltar para o seu navio e reunir seus amigos. Enfrentar os gigantes! O caminho aparecerá na faca da sua amiga Piper. Annabeth tem um caminho diferente. Ela tem que caminhar sozinha.

— É verdade — disse Tibério. — Annabeth deve enfrentar o guardião do santuário ela mesma. É o único jeito. E Percy Jackson, você tem menos tempo do que pensa para resgatar seu amigo no jarro. Você deve se apressar.

A pizza de Percy parecia como um pedaço de cimento em seu estômago.

— Mas...

— Está tudo bem, Percy. — Annabeth apertou sua mão. — Eu preciso fazer isso.

Ele começou a protestar. A expressão dela o parou. Ela estava apavorada, mas fazia o seu melhor para escondê-lo para o bem dele. Se ele tentasse argumentar, só faria as coisas mais difíceis para ela. Ou pior, poderia convencê-la a ficar. E assim, ela teria que viver com o conhecimento de que tinha fugido de seu maior desafio... Assumindo que eles sobrevivessem a tudo, com Roma para ser destruída e Gaia a ponto de erguer-se e destruir o mundo.

A estátua de Atena era a chave para derrotar os gigantes. Percy não sabia por que ou como, mas Annabeth era a única que poderia encontrá-la.

— Você está certa — disse ele, forçando as palavras. — Fique segura.

Reia Silvia riu como se fosse um comentário ridículo.

— Segura? Não mesmo! Mas é necessário. Venha, Annabeth, minha querida. Vamos mostrar-lhe onde seu caminho começa. Depois disso, você está por conta própria.

Annabeth beijou Percy. Ela hesitou como se estivesse querendo saber o que mais dizer. Então levou sua mochila a seus ombros e subiu na traseira da scooter.

Percy odiou. Ele teria preferido lutar contra qualquer monstro no mundo. Preferia uma revanche com Crisaor. Mas obrigou-se a permanecer em sua cadeira e ver como Annabeth partiu pelas ruas de Roma com Gregory Peck e Audrey Hepburn.

XXXIII

ANNABETH

Annabeth pensou que podia ser pior. Se ela tinha que ir a uma missão solo, pelo menos tinha conseguido almoçar com Percy às margens do Tibre primeiro. Agora tinha que pegar uma carona de scooter com Gregory Peck.

Só sabia sobre o filme antigo por causa de seu pai. Ao longo dos últimos anos, desde que eles tinham feito as pazes, começaram a passar mais tempos juntos e ela tinha aprendido que seu pai tinha um lado sentimental. Claro, ele gostava de história militar, armas e biplanos, mas também gostava de filmes antigos, especialmente comédias românticas dos anos 40 e 50. *Roman Holiday* era um de seus favoritos. Ele fez Annabeth assistir.

Ela achava o enredo bobo – uma princesa escapa dos seus mentores e se apaixona por um jornalista americano em Roma, mas suspeitava que seu pai gostava desse filme porque o fazia se lembrar de seu próprio romance com a deusa Atena: outro casal impossível que não poderia terminar com um final feliz. Seu pai não se parecia em nada como Gregory Peck. Atena certamente

não era nada como Audrey Hepburn. Mas Annabeth sabia que as pessoas viam o que queriam ver. Elas não precisavam da Névoa para distorcer suas percepções.

Enquanto a scooter azul bebê zapeava pelas ruas de Roma, a deusa Reia Silvia comentava com Annabeth sobre como a cidade havia mudado ao longo dos séculos.

— A Ponte Sublício ficava bem ali — disse ela, apontando para uma curva no Rio Tibre. —Foi onde Horácio e seus dois amigos defenderam a cidade de um exército invasor? *Esse* foi um romano valente!

— E olhe querida — Tibério adicionou — aquele é o lugar onde Rômulo e Remo se lavaram em terra firme.

Ele parecia estar falando sobre um local à beira do rio, onde alguns patos estavam fazendo um ninho de sacos plásticos rasgados e embalagens de doces.

— Ah, sim. — Reia Silvia suspirou alegremente. — Você foi tão gentil em inundar a si mesmo e lavar meus bebês em terra firme para que os lobos o achassem.

— Não foi nada — disse Tibério.

Annabeth se sentiu leviana. O deus rio estava falando sobre algo que tinha acontecido há milhares de anos, quando esta área não era nada além de pântanos e talvez alguns casebres. Tibério salvou dois bebês, um dos quais viria a fundar o maior império do mundo. *Não foi nada.*

Reia Silvia apontou para um edifício amplo e moderno.

— Isso costumava ser um templo de Vênus. Depois foi uma igreja. Depois um palácio. Depois um edifício. Pegou fogo três vezes. Agora é um edifício novamente. E aquele lugar ali.

— Por favor — disse Annabeth. — Vocês estão me deixando tonta.

Reia Silvia riu.

— Sinto muito, querida. Há camadas sobre camadas de história aqui, mas não é nada em comparação a Grécia. Atenas já era antiga quando Roma era ainda uma coleção de casebres de barro. Você irá ver se sobreviver.

— Você não está ajudando.

— Chegamos — anunciou Tibério.

Ele parou em frente a um edifício de mármore, a fachada coberta de fuligem da cidade, mas ainda assim bela. Entalhes de deuses romanos decoravam o teto. A entrada compacta era barrada por portões de ferro, fortemente trancado com um cadeado.

— Eu vou entrar lá dentro? — Annabeth desejou que tivesse trazido Leo, ou pelo menos tivesse pegado emprestado algum alicate de seu cinto de ferramentas.

Reia Silvia cobriu a boca e riu.

— Não, minha querida. Não *dentro* de lá. *Embaixo*.

Tibério apontou para uma série de degraus de pedra, na lateral da construção do tipo que levaria até um apartamento de porão se esse lugar fosse Manhattan.

— Roma é caótica na superfície — disse Tibério — mas isso não é nada comparado ao que tem *abaixo* do solo. Você deverá descer até a cidade soterrada, Annabeth Chase. Encontre o altar do deus estrangeiro. As falhas de seus antecessores irão guiá-la. Depois disso... eu não sei.

A mochila de Annabeth se tornou pesada em suas costas. Durante dias ela esteve estudando o mapa de bronze e vasculhando o laptop de Dédalo atrás de informações. Infelizmente, as coisas que ela tinha aprendido tinham feito essa missão parecer ainda mais impossível.

— Meus irmãos... Nenhum deles fez todo o caminho até o santuário, fizeram?

Tibério balançou a cabeça.

— Mas você sabe qual é o prêmio que a espera, se você puder libertá-lo.

— Sim — disse Annabeth.

— O prêmio pode trazer a paz aos filhos da Grécia e de Roma — disse Reia Silvia. — Isso pode mudar o curso da guerra que está vindo.

— Se eu sobreviver — disse Annabeth.

Tibério assentiu tristemente.

— Por que você também sabe qual guardião você deverá enfrentar?

Annabeth se lembrou das aranhas no Forte Sumter e o do sonho que Percy descreve-a voz sibilante no escuro.

— Sim.

Reia Silvia olhou para o marido.

— Ela é corajosa. Talvez seja mais forte do que os outros.

— Espero que sim — disse o deus do rio. — Adeus, Annabeth Chase. E boa sorte.

Reia Silvia sorriu.

— Temos uma tarde encantadora planejada! Vamos fazer compras!

Gregory Peck e Audrey Hepburn partiram em disparada em sua moto azul bebê. Então Annabeth se virou e desceu as escadas sozinha.

Ela tinha estado no subterrâneo muitas vezes.

Mas no meio da descida, percebeu quanto tempo fazia desde que não se aventurava sozinha. Ela congelou.

Deuses... Ela não tinha feito algo assim desde que era *criança*. Depois de fugir de casa, passou algumas semanas sobrevivendo por conta própria, vivendo em becos e se escondendo de monstros até que Thalia e Luke a colocaram debaixo de suas asas. Depois, ela chegou ao Acampamento Meio-Sangue, onde viveu até os doze anos. Depois disso, todas as suas missões tinham sido com Percy ou seus outros amigos.

A última vez que tinha se sentido assustada e sozinha, devia ter sete anos de idade. Ela se lembrou do dia que Thalia, Luke e ela entraram num covil de ciclopes no Brooklyn. Thalia e Luke tinham sido capturados e Annabeth tinha que libertá-los. Ela ainda se lembrava de ficar tremendo num canto escuro daquela mansão em ruínas, ouvindo os ciclopes imitando as vozes de seus amigos, tentando enganá-la para que ela se mostrasse.

E se *isso* também fosse uma armadilha? Ela se perguntou. E se os outros filhos de Atena tivessem morrido porque Tibério e Reia Silvia os levaram para uma armadilha? Será que Gregory Peck e Audrey Hepburn eram capazes de fazer algo assim?

Ela se obrigou a continuar. Não tinha escolha. Se a Atena Partenos estivesse realmente lá embaixo, isso poderia decidir o destino da guerra. Mais importante, ela poderia ajudar sua mãe. Atena *precisava* dela.

Ao final das escadas encontrou uma velha porta de madeira com um anel de puxar feito de ferro. Acima do anel havia uma placa de metal com um buraco de fechadura. Annabeth começou a considerar formas de arrombar a fechadura, mas logo que ela tocou o anel de puxar uma forma ardente queimou no meio da porta: a silhueta da coruja de Atena. Fumaça saiu do buraco da fechadura. A porta se abriu para dentro.

Annabeth olhou para cima pela última vez. No topo da escada, o céu era um quadrado azul brilhante. Mortais desfrutavam da tarde quente. Casais estavam de mãos dadas em cafeterias. Turistas movimentavam as lojas e museus. Os próprios romanos estariam cuidando de suas tarefas rotineiras, provavelmente, não considerando os milhares de anos de história sob seus pés e definitivamente inconscientes dos espíritos, deuses e monstros que ainda habitavam a cidade ou o fato de que sua cidade podia ser destruída ainda hoje, ao menos que um certo grupo de semideuses conseguisse parar os gigantes.

Annabeth passou pela porta.

Ela se viu em um porão que era um ciborgue arquitetônico. Paredes de tijolos antigos eram cruzadas por modernos cabos elétricos e encanamentos. O teto era sustentando por uma combinação de andaimes de aço e antigas colunas romanas de granito.

A metade da frente do porão estava cheio de caixas. Só por curiosidade, Annabeth abriu algumas. Algumas estavam repletas de carretéis de corda multicolorida como as de pipas, artes e projetos de artesanato. Outras estavam cheias de espadas de gladiador feitas de plástico barato. Talvez em algum momento este porão tenha sido um galpão de uma loja turística.

Na parte de trás do porão, o chão tinha sido escavado, revelando um outro conjunto de degraus de pedra branca que conduziam a uma parte ainda mais profunda do subsolo.

Annabeth foi até a borda. Mesmo com o brilho lançado por sua adaga, estava escuro demais para enxergar o que tinha abaixo. Ela apoiou a mão na parede e encontrou um interruptor de luz.

Ela o apertou. Lâmpadas fluorescentes brancas de um brilho intenso iluminaram as escadas. Abaixo, ela viu um piso de mosaico decorado com cervos e faunos – talvez um aposento de uma antiga vila romana, simplesmente escondido sob esse porão moderno junto com caixas de cordas e espadas de plástico.

Ela desceu. O lugar tinha cerca de seis metros quadrados. As paredes um dia tinham tido uma pintura brilhante, mas agora a maioria dos afrescos estava descascada ou desbotada. A única saída era um buraco cavado em um canto do chão onde o mosaico tinha sido puxado para cima. Annabeth se agachou perto da abertura. O buraco levava para baixo em direção a uma ampla caverna, mas ela não conseguia ver o fundo.

Ela ouviu barulho de água corrente a talvez dez ou doze metros abaixo. O ar não cheirava a esgoto – apenas a coisas velhas, mofo, e um cheiro ligeiramente doce, como flores em decomposição. Talvez fosse uma via antiga de água vindo dos aquedutos. Não havia nenhum caminho para baixo.

— Eu não vou pular aí — ela murmurou para si mesma.

Como se em resposta, algo brilhou na escuridão. A Marca de Atena brilhou no fundo da caverna revelando tijolos brilhantes ao longo de um canal subterrâneo doze metros abaixo. A coruja de fogo parecia estar lhe provocando: *Bem, este é o caminho, garota. Então é melhor você descobrir alguma coisa que te ajude a descer.*

Annabeth considerou suas opções. *Pular era perigoso demais*. Não havia escadas nem cordas. Ela pensou sobre pegar emprestado algum dos andaimes de metal da parte de cima para usar como um daqueles postes que os bombeiros usam para descer, mas eles estavam parafusados no lugar. Além disso, não queria desmoronar o edifício em cima dela.

Frustração se arrastou por ela como um exército de cupins. Tinha passado toda sua vida vendo outros semideuses ganharem poderes incríveis. Percy podia controlar água. Se ele estivesse aqui, poderia elevar o nível da água e simplesmente boiar até lá embaixo.

Hazel, segundo o que ela tinha dito, podia encontrar caminhos no subterrâneo com uma precisão impecável e até mesmo criar ou mudar o curso dos túneis. Ela poderia facilmente fazer um novo caminho. Leo iria apenas sacar as ferramentas certas de seu cinto e construir algo para fazer o trabalho. Frank poderia se transformar em um pássaro. Jason poderia simplesmente controlar o vento e flutuar até embaixo. Até mesmo Piper com seu charme... Poderia ter convencido Tibério e Reia a serem um pouco mais úteis.

O que Annabeth tinha? Uma adaga de bronze que não fazia nada de especial e uma moeda de prata amaldiçoada. Ela tinha sua mochila com o laptop de Dédalo, uma garrafa de água, alguns pedaços de ambrósia para situações de emergência e uma caixa de fósforos, provavelmente inútil, mas seu pai tinha colocado em sua cabeça que ela devia ter sempre uma maneira de acender fogo.

Ela não tinha poderes incríveis. Até mesmo seu único item mágico, seu boné de invisibilidade dos Yankees, tinha parado de funcionar e ainda estava em sua cabine no *Argo II*.

Você tem a sua inteligência, disse uma voz. Annabeth se perguntou se Atena estava falando com ela, mas devia ser apenas sua imaginação.

Inteligência... Como o herói favorito de Atena, Ulisses. Ele venceu a Guerra de Tróia, usando inteligência, não força. Venceu todos os tipos de monstros e dificuldades com sua rápida perspicácia. Isso é o que Atena valoriza.

A filha da sabedoria caminha solitária.

Isso não significava apenas sem outras pessoas, Annabeth percebeu. Isso significava, sem qualquer poder especial.

Ok... Então como chegar lá em segurança e ter a certeza que ela teria um jeito de sair novamente se necessário?

Ela subiu de volta para o porão e olhou para as caixas abertas. Corda de pipa e espadas de plástico. A ideia que teve era tão ridícula, que quase a fez rir, mas era melhor que nada.

Ela começou a trabalhar. Suas mãos pareciam saber exatamente o que fazer. Às vezes isso acontecia quando estava ajudando Leo com o maquinário do navio ou quando estava desenhando plantas arquitetônicas no computador. Ela nunca tinha feito nada com corda de pipa e espadas de plástico, mas parecia fácil, natural. Em questão de minutos ela tinha usado

uma dúzia de carreteis de corda e uma caixa de espadas para fazer uma escada de corda improvisada – uma linha trançada, tecida com força ainda que não muito espessa, com espadas amarradas a cada dois pés de espaço para servir como apoio de mãos e pés.

Para testar, ela amarrou uma ponta em torno de uma coluna de sustentação e se apoiou sobre a corda com todo o seu peso. As espadas de plástico se dobraram debaixo dela, mas elas forneciam algum volume extra para os nós da corda, assim pelo menos poderia manter uma melhor aderência.

A escada não iria ganhar nenhum prêmio pelo design, mas poderia levá-la para o fundo da caverna com segurança. Primeiro, ela enfiou dentro de sua mochila carretéis de restos de corda. Ela não sabia o porquê, mas eram um recurso a mais e não muito pesados.

Ela voltou para o buraco no chão de mosaico. Fixou uma extremidade da escada numa parte do andaime mais próximo, estendeu a corda para dentro da caverna e desceu.

XXXIV

ANNABETH

Enquanto Annabeth pairava no ar, descendo de mão em mão enquanto a escada balançava descontroladamente, ela agradeceu a Quíron por todos aqueles anos de treinamento no curso de escalada no Acampamento Meio-Sangue. Ela tinha reclamado muitas vezes e em voz alta que escalada com corda nunca iria ajudá-la a derrotar um monstro. Quíron apenas sorria como se soubesse que esse dia chegaria.

Finalmente Annabeth conseguiu chegar ao fundo. Ela errou o último tijolo da borda e caiu no canal, mas acabou por serem apenas alguns centímetros de profundidade. A água gelada encharcava seus sapatos de corrida.

Ela levantou sua faca brilhante. O canal raso corria por um túnel de alvenaria. A cada poucos metros tubos cerâmicos projetavam-se das paredes. Adivinhou que os tubos eram esgotos, parte do antigo sistema de canalização de Roma, embora tenha achado incrível que um túnel como esse

tenha sobrevivido, cheio no subterrâneo com todos aqueles séculos de canos, porões e esgotos.

Um pensamento súbito foi ainda mais gelado do que a água. Alguns anos atrás, Percy e ela tinham ido a uma busca pelo Labirinto, uma rede secreta de túneis e salas fortemente encantadas, cheias de armadilhas e que percorria todas as cidades dos Estados Unidos.

Quando Dédalo morreu na Batalha do Labirinto, o Labirinto inteiro entrou em colapso – ou assim Annabeth acreditava. Mas e se isso foi só nos Estados Unidos? E se essa fosse uma versão mais antiga do Labirinto? Dédalo contou a ela que seu labirinto tinha uma vida própria. Ficava crescendo e mudando constantemente. Talvez o Labirinto pudesse se regenerar, como os monstros. Isso fazia sentido. Era uma força arquetípica, como Quíron diria – algo que nunca poderia morrer.

Se isso era parte do labirinto...

Annabeth decidiu não pensar sobre isso, mas também não decidiu assumir que suas direções eram precisas. As distâncias no labirinto eram insignificantes. Se ela não tivesse cuidado, poderia andar vinte passos na direção errada e acabar na Polônia.

Apenas por segurança, ela amarrou uma nova bola de linha no final de sua escada de corda. Ela poderia desenrolar o que tivesse atrás e poderia explorar o local. Um velho truque, mas bom mesmo assim.

Pensou em qual caminho seguir. O túnel parecia ser o mesmo em ambas as direções.

Em seguida, cerca de cinquenta passos a sua esquerda, a Marca de Atena brilhou contra a parede. Annabeth poderia jurar que aquilo estava olhando para ela com aqueles grandes olhos de fogo, como se dissesse: *Qual é o problema? Apresse-se!*

Ela estava começando a realmente odiar aquela coruja.

Até o momento em que ela foi chegando ao local, a imagem havia desaparecido e acabou o seu primeiro rolo de linha.

Enquanto estava anexando uma nova linha, ela olhou através do túnel. Havia uma seção quebrada na obra de alvenaria tal como se um martelo tivesse batido e feito um buraco na parede. Ela cruzou o túnel para dar uma olhada. Enfiando a faca através da abertura para iluminar, Annabeth podia ver uma câmara baixa, longa e estreita, com um piso de mosaico, paredes pintadas e bancos espalhados para ambos os lados. Ela foi feita como uma espécie de vagão de metrô.

Ela enfiou a cabeça para dentro do buraco, esperando que nada fosse arrancá-la fora. Na proximidade da sala havia uma porta. Na extremidade havia uma mesa de pedra, ou talvez um altar.

Hmm... O túnel de água continuava, mas Annabeth estava certa de que este era o caminho. Ela se lembrou do que Tibério havia dito: *Encontre o altar do deus estrangeiro*. Não parece que haveria qualquer saída da sala do altar, mas era uma queda curta sobre o banco abaixo. Ela deveria ser capaz de subir de novo sem nenhum problema. Ainda segurando sua corda, ela abaixou-se para descer.

O teto da sala era em forma de barril, com arcos de tijolos, mas Annabeth não gostou da aparência dos suportes. Diretamente acima de sua cabeça, no próximo arco da entrada com tijolos, o espigão estava rachado no meio. As rachaduras por desgastes corriam pelo teto. O lugar estava intacto por pelo menos dois mil anos, mas ela decidiu que preferia não gastar muito tempo aqui. Com a sua sorte, isso iria entrar em colapso nos próximos dois minutos.

O chão era um longo e estreito mosaico, com sete imagens em uma fileira, como uma linha do tempo. Nos pés de Annabeth estava um corvo. Em seguida era um leão. Vários outros pareciam como guerreiros romanos

com várias armas. O resto estava muito danificado ou coberto de pó para Annabeth ver com mais detalhes. As bancadas de cada lado estavam cheias de cerâmica quebrada. As paredes foram pintadas com cenas de um banquete: um homem de túnica com um chapéu curvado como uma colher de sorvete, sentado ao lado de um homem largo que irradiava raios de sol. Em pé ao redor deles estavam os portadores, servos e vários animais como corvos e leões que vagavam no fundo.

Annabeth não tinha certeza do que a imagem representava, mas não se lembrava de qualquer lenda grega que conhecia.

Na outra extremidade da sala, o altar foi elaborado esculpido com um friso mostrando o homem com o chapéu de colher de sorvete segurando uma faca no pescoço de um touro.

No altar havia uma figura em pedra de um homem afundado até os joelhos em pedra, uma adaga e uma tocha em suas mãos. Mais uma vez, Annabeth não tinha ideia do que significava essas imagens.

Ela desceu um passo em direção ao altar. O seu pé fez *CRUNCH*. Ela olhou para baixo e percebeu que tinha colocado seu sapato através de uma caixa torácica humana. Annabeth engoliu um grito. De onde *isso* tinha vindo? Ela olhou para baixo apenas um momento antes e não tinha visto nenhum osso. Agora, o chão estava coberto com eles. Os ossos eram obviamente velhos. Ele se desfez em pó quando ela tirou o pé. Perto havia uma adaga corroída de bronze muito parecida com a dela. Ou essa pessoa morta estava carregando a arma ou isso a tinha matado.

Ela estendeu a lâmina para ver de frente. Um pouco mais adiante pelo caminho do mosaico estava um esqueleto com seus restos mortais mais completos em um gibão vermelho bordado, como um homem da Renascença. Seu crânio e colarinho franzido haviam sido queimados como se o cara tivesse decidido lavar o cabelo com um maçarico.

Maravilha, pensou Annabeth. Ela ergueu seus olhos para a estátua no altar que segurava a adaga e a tocha.

Algum tipo de teste, decidiu Annabeth. Esses dois caras tinham falhado. Correção: não apenas dois caras. Mais ossos e pedaços de roupas foram espalhados por todo o caminho até o altar. Ela não podia adivinhar quantos esqueletos estavam representados, mas estava disposta a apostar que eles eram todos semideuses do passado, filhos de Atena na mesma missão.

— Eu não vou ser mais um esqueleto no chão — disse para o altar, esperando que soasse corajosa.

Uma garota, disse uma voz aguada, ecoando pela sala. *Garotas não são permitidas*.

Uma semideusa, disse uma segunda voz. *Indesculpável*.

A câmara tremeu. Poeira caiu do teto rachado. Annabeth correu para o buraco pela qual tinha passado, mas ele tinha desaparecido. Sua corda tinha sido cortada. Ela subiu no banco e bateu na parede onde o buraco supostamente estava na esperança de que a ausência do buraco fosse apenas uma ilusão, mas a parede era sólida.

Ela estava presa.

Ao longo dos bancos, uma dúzia de fantasmas brilharam, homens de togas roxas brilhantes, como os *lares* que ela tinha visto no Acampamento Júpiter. Eles olharam para ela como se ela tivesse acabado de interromper sua reunião.

Ela fez a única coisa de podia. Desceu do banco e voltou para a porta de tijolos. Ela tentou aparentar confiança, embora os fantasmas roxos raivosos e os esqueletos de semideuses aos seus pés a fazem querer encolher-se em como uma tartaruga em sua camisa e gritar.

— Eu sou uma filha de Atena — disse ela, o mais corajosamente que conseguiu.

— Uma grega — um dos fantasmas disse com desgosto. — Isso é ainda pior.

No outro extremo da câmara, um fantasma de aparência velha levantou com alguma dificuldade (fantasmas podem ter artrite?) e ficou junto ao altar, com os olhos fixos em Annabeth. Seu primeiro pensamento foi que ele se parecia com o papa. Ele tinha uma túnica brilhante, um chapéu pontudo e um cajado de pastor.

— Esta é a caverna de Mitra — disse o velho fantasma. — Você tem perturbado nossos rituais sagrados. Você não pode olhar para nossos mistérios e viver.

— Eu não quero olhar para seus mistérios — Annabeth assegurou. — Estou seguindo a Marca de Atena. Mostre-me a saída e eu seguirei meu caminho.

Sua voz soava calma, o que a surpreendeu. Ela não sabia como sair dali, mas sabia que tinha que obter sucesso onde seus irmãos haviam fracassado. Seu caminho levou-a mais longe no mais profundo das camadas subterrâneas de Roma.

As falhas de seus antecessores irão guiá-la, Tibério tinha dito. *Depois disso... Eu não sei*.

Os fantasmas murmuraram entre si em latim. Annabeth entendeu algumas palavras indelicadas sobre semideuses femininos e Atena.

Finalmente o fantasma com chapéu de papa atingiu seu cajado no chão. Os outros *lares* fizeram silêncio.

— Sua deusa Grega é impotente aqui — disse o papa. — Mitra é o deus romano dos guerreiros! Ele é o deus da legião, o deus do império.

— Ele nem mesmo é romano — protestou Annabeth. — Ele não era, tipo, persa ou algo assim?

— Sacrilégio! — o velho gritou, batendo seu cajado no chão mais algumas vezes. — Mitra nos protege! Eu sou o *pater* desta irmandade...

— O pai — traduziu Annabeth.

— Não interrompa! Como *pater* devo proteger nossos mistérios.

— Que mistérios? — perguntou Annabeth. — Uma dezena de caras mortos sentados em uma caverna?

Os fantasmas murmuraram e reclamaram até o *pater* os ter sobre controle com um assobio de parar táxi. O velho tinha um bom par de pulmões.

— Você é claramente uma incrédula. Como os outros, deve morrer.

Os outros. Annabeth fez um esforço para não olhar para os esqueletos.

Sua mente trabalhava furiosamente, procurando por qualquer coisa que ela sabia sobre Mitra. Ele tinha um culto secreto para guerreiros. Era popular na legião. Era um dos deuses que tinha suplantado Atena como uma divindade da guerra. Afrodite tinha mencionado ele durante a conversa com chá em Charleston. Além disso, Annabeth não tinha ideia. Mitra não era um dos deuses que eles conversaram no Acampamento Meio-Sangue.

Ela duvidou que os fantasmas esperassem enquanto ela sacava o laptop de Dédalo e fazia uma pesquisa.

Ela examinou o mosaico no chão – sete fotos seguidas. Ela estudou os fantasmas e notou que todos eles usavam algum tipo de crachá – um corvo, uma tocha ou um arco.

— Vocês têm ritos de passagem — ela deixou escapar. — Sete níveis de adesão. E o nível superior é o *pater*.

Os fantasmas soltaram um suspiro coletivo. Então todos começaram a gritar ao mesmo tempo.

— Como ela sabe disso? — perguntou um.

— A garota tem recolhido os nossos segredos.

— Silêncio! — ordenou o *pater*.

— Mas ela pode saber sobre as provações — choramingou outro.

— As provações! — disse Annabeth. — Eu sei sobre elas!

Outra rodada de ofegantes incrédulos.

— Ridículo! — gritou o pater. — A garota mente! Filha de Atena escolha o jeito que quer morrer. Se você não escolher, o deus vai escolher por você!

— Fogo ou adaga — disse Annabeth.

Mesmo o *pater* pareceu espantado. Aparentemente ele não lembrava que havia vítimas punidas do passado deitadas no chão.

— Como... como você...? — ele engoliu em seco. — Quem é você?

— Uma filha de Atena — Annabeth disse novamente. — Mas não qualquer filha. Eu sou... Hã, a *mater* da minha irmandade. A *magna mater*, na verdade. Não há nenhum mistério para mim. Mitra não pode esconder nada da minha vista.

— A *magna mater* — um fantasma lamentou em desespero. — A grande mãe!

— Mate-a! — um dos fantasmas levantou suas mãos para estrangulá-la, mas ele passou direto através dela.

— Você está morto — Annabeth lembrou-o. — Sente-se.

O fantasma parecia envergonhado e sentou-se.

— Nós não precisamos matá-la pessoalmente — rosnou o *pater*. — Mitra deve fazer isso por nós!

A estátua no altar começou a brilhar.

Annabeth começou apertar suas mãos na porta de tijolos as suas costas. Isso tinha que ser a saída. A argamassa estava desmoronando, mas não estava fraco o suficiente para ela poder romper com força bruta.

Ela olhou desesperada ao redor da sala, o teto rachado, o mosaico no chão, as pinturas nas paredes e o altar esculpido. Ela começou a falar, tirando deduções do fundo de sua cabeça.

— Isso não é bom — disse ela. — Eu sei de tudo. Você testa seus iniciantes com fogo porque a tocha é o símbolo de Mitra. Seu outro símbolo é a adaga, que é por isso que você também pode ser testado pela lâmina. Você quer me matar, assim como... Hã, Mitra matou o touro sagrado.

Foi um palpite, mas o altar mostrou Mitra matando um touro, então Annabeth adivinhou que ele deveria ser importante. Os fantasmas gemeram e cobriram seus ouvidos. Alguns bateram em seus rostos como se fosse para acordar de um sonho ruim.

— A grande mãe sabe! — disse um deles. — É impossível!

Enquanto ela olhasse ao redor da sala, Annabeth pensou, sua confiança aumentava.

Ela olhou para o fantasma que havia acabado de falar. Ele tinha um distintivo de corvo em sua toga, o mesmo símbolo no chão a seus pés.

— Você é apenas um corvo — ela o repreendeu. — Esse é o nível mais baixo. Fique em silêncio e deixe-me falar com seu *pater*.

O fantasma encolheu.

— Misericórdia! Misericórdia!

Na parte da frente da sala o *pater* tremeu se era de raiva ou medo, Annabeth não tinha certeza. Seu chapéu de papa estava inclinado sobre a cabeça como um medidor de gás caindo em direção ao vazio.

— Na verdade, você sabe muito, grande mãe. Sua sabedoria é grande, mas essa é mais uma razão para você não poder sair. A tecelã nos avisou que você viria.

— A tecelã... — Annabeth percebeu com um profundo sentimento do que o *pater* estava falando: a coisa no escuro no sonho de Percy, o guardião

do santuário. Desta vez ela desejava *não* saber a resposta, mas ela tentou manter a calma. — A tecelã tem medo de mim. Ela não quer que eu siga a Marca de Atena. Mas você vai me deixar passar.

— Você deve escolher uma provação — insistiu o *pater*. — Fogo ou adaga. Sobreviva a um, e então, talvez!

Annabeth olhou para os ossos de seus irmãos. *As falhas de seus antecessores irão guia-la*.

Todos eles escolheram um dos dois: Fogo ou adaga. Talvez pensassem que poderiam vencer a provação. Mas todos eles morreram. Annabeth precisava de uma terceira opção.

Ela olhou para a estátua no altar que brilhava cada vez mais a cada segundo. Ela podia sentir o seu calor em toda a sala. Seu instinto a faria focalizar a adaga ou a tocha, mas em vez disso ela concentrou-se na base da estátua. Perguntou-se por que suas pernas estavam presas na pedra. Em seguida ocorreu-lhe que talvez a pequena estátua de Mitra não estivesse *presa* na rocha. Talvez ela estivesse emergindo da rocha.

— Nem tocha e nem adaga — Annabeth disse com firmeza. — Há um terceiro teste, que eu irei passar.

— Um terceiro teste? — disse o *pater*.

— Mitra nasceu da rocha — Annabeth disse, esperando estar certa. — Ele saiu crescido da pedra segurando sua adaga e uma tocha.

Os gritos e gemidos disseram-lhe que ela havia adivinhado corretamente.

— A grande mãe sabe de tudo! — um fantasma chorou. — Esse é nosso segredo mais bem guardado.

Então talvez, você não deva colocar uma estátua dele em seu altar, pensou Annabeth.

Mas ela era grata pelos estúpidos fantasmas masculinos. Se eles deixassem mulheres guerreiras entrar em seu culto, poderiam ter algum senso comum.

Annabeth apontou dramaticamente para a parede a sua frente.

— Eu nasci da pedra, assim como Mitra. Portanto já passei na sua provação.

— Besteira! — o *pater* cuspiu. — Você veio de um buraco na parede! Isso não é a mesma coisa.

Ok. Então o *pater* não era um completo idiota, mas Annabeth permaneceu confiante. Ela olhou para o teto e outra ideia veio para ela, todos os detalhes estavam se ligando.

— Eu tenho controle sobre as pedras — ela levantou os braços. — Eu vou provar que o meu poder é maior que o de Mitra. Com um único golpe vou derrubar esta câmara.

Os fantasmas olharam para o teto tremendo e gemendo, mas Annabeth sabia que eles não iriam ver o que ela viu. Estes fantasmas eram guerreiros e não engenheiros. Os filhos de Atena tinham muitas habilidades e não apenas em combate. Annabeth tinha estudado arquitetura por anos. Ela sabia que essa câmara antiga estava à beira do colapso. Reconheceu o que as rachaduras desgastadas no teto significavam, tudo emanava de um único ponto na parte superior do arco de pedra acima dela. A coluna estava prestes a ruir e quando isso acontecesse, assumindo que ela teria tempo suficiente...

— Impossível! — gritou o *pater*. — A tecelã nos pagou um tributo muito grande para matar qualquer filho de Atena que ousasse entrar em nosso santuário. Nós nunca a decepcionaríamos. Nós não podemos deixar você passar.

— Então você teme o meu poder — disse Annabeth. — Você admite que eu poderia destruir sua câmara sagrada!

O *pater* fez uma careta. Ele ajeitou o chapéu, inquieto. Annabeth sabia que ela o colocou em uma posição difícil. Ele não podia voltar atrás sem parecer um covarde.

— Faça o seu pior, filha de Atena — decidiu ele. — Ninguém pode derrubar a caverna de Mitra, especialmente com um único golpe. Principalmente uma garota.

Annabeth levantou sua adaga. O teto era baixo. Ela poderia chegar ao cume com facilidade, mas teria que fazer uma contagem para o golpe.

A porta atrás dela estava bloqueada, mas em teoria, se a sala começasse a desmoronar, os tijolos deveriam enfraquecer e se desintegrar. Ela seria capaz de abrir caminho antes que o teto caísse, supondo é claro que houvesse algo por trás da parede de tijolos, não apenas terra sólida e supondo que Annabeth teria rapidez, força e sorte o suficiente. Caso contrário ela estava prestes a virar panqueca de semideusa.

— Bem, rapazes — disse ela — parece que vocês escolheram o deus da guerra errado.

Ela atingiu o cume. A lâmina de bronze celestial o quebrou como um cubo de açúcar. Por um momento, nada aconteceu.

— Há! — o *pater* alegrou-se. — Você vê? Atena não tem poder aqui!

A sala tremeu. Uma fissura correu por toda a extensão do teto e a extremidade da caverna desmoronou soterrando o altar e o *pater*. Mais rachaduras apareceram. Tijolos caíram dos arcos. Fantasmas gritaram e correram, mas não conseguiram passar através das paredes, aparentemente eles estavam presos a esta câmara, mesmo depois da morte.

Annabeth se virou. Ela bateu contra a entrada bloqueada com toda a sua força e os tijolos cederam. Como a caverna de Mitra implodiu atrás dela, ela lançou-se para a escuridão e encontrou-se caindo no vazio.

XXXV

ANNABETH

Annabeth pensou que ela conhecia a dor. Ela tinha caído fora da parede de lava no Acampamento Meio-Sangue. Foi esfaqueada no braço com uma lâmina envenenada na Ponte Williamsburg. Até segurou o peso do céu sobre os ombros.

Mas isso não foi nada comparado ao pouso forçado em seu tornozelo.

Ela soube imediatamente que tinha quebrado. A dor parecia como ser espetada com um cabo de aço quente através de sua perna dela e até o seu quadril. O mundo diminuiu para apenas ela, seu tornozelo e a agonia.

Ela quase desmaiou. Sua cabeça girava. Sua respiração tornou-se curta e rápida.

Não, disse Annabeth a si mesma. *Você não pode entrar em choque*.

Ela tentou respirar mais devagar. Ficou tão imóvel quanto possível até que a dor diminuiu de tortura absoluta para apenas um latejante horrível.

Parte dela queria gritar com o mundo por ser tão injusto. Todo esse caminho, só para ser parada por algo tão comum como um tornozelo quebrado?

Ela forçou suas emoções a diminuírem. No acampamento, tinha sido treinada para sobreviver em todos os tipos de situações ruins, *incluindo* lesões como esta.

Olhou ao seu redor. Sua adaga tinha deslizado a alguns metros de distância. Na sua luz fraca, conseguia distinguir as características do lugar. Ela estava deitada no chão frio de blocos de arenito. O teto estava a dois andares de altura. A porta pela qual ela tinha caído estava a dez metros do chão, agora completamente bloqueada com destroços que tinha entrado em cascata na sala, similar a um deslizamento de terra. Dispersos em volta dela havia peças antigas de madeira, algumas rachadas e desidratadas, outros quebrados em gravetos.

Estúpida, se repreendia. Ela pulou por aquela porta, assumindo que haveria um corredor de nível ou outra sala. Nunca tinha ocorrido a ela que estaria caindo no espaço. A madeira provavelmente tinha sido uma escada, que há muito tempo entrou em colapso.

Ela inspecionou o tornozelo, seu pé não pareceu dobrado de modo estranho. Podia sentir os dedos dos pés e não viu nenhum vestígio de sangue. Tudo isto era bom.

Ela estendeu a mão para um pedaço de madeira. Mesmo esse pequeno movimento a fez gritar.

A placa se desintegrou em sua mão. A madeira pode ter séculos de idade ou mesmo milênios, não tinha como saber se este quarto era mais velho do que o santuário de Mitra, ou se – semelhante ao Labirinto, em que as salas eram misturas aleatórias acidentais de muitas eras juntando-se.

— Tudo bem. — disse ela em voz alta, só para ouvir sua voz. — Pense, Annabeth. Prioridades.

Lembrou-se de um curso de sobrevivência selvagem bobo que Grover tinha ensinado no acampamento. Pelo menos, parecia bobo na época. Primeiro passo: Analise seus arredores para ameaças imediatas.

Este quarto não parecia estar em perigo de desmoronar. O deslizamento de pedras tinha parado. As paredes eram de blocos sólidos de pedra, sem rachaduras grandes que ela podia ver. O teto não estava cedendo. Bom.

A única saída estava no canto da parede – uma entrada arqueada que levava para a escuridão. Entre ela e a porta, uma trincheira de tijolos pequenos cortando através do chão, deixando o fluxo de água atravessava a sala da esquerda para a direita. Talvez o encanamento dos dias romanos? Se a água for potável, seria muito bom.

Empilhados em um canto estavam alguns vasos quebrados de cerâmica, que derramam pedaços murchos marrons que poderiam ter sido frutos. Eca. Em outro canto havia algumas caixas de madeira que pareciam intactas e algumas caixas de vime amarradas com tiras de couro.

— Então, não há perigo imediato — disse ela para si mesma. — A menos que alguma coisa venha perfurando esse túnel escuro.

Ela olhou para a porta, quase desafiando a sua sorte a piorar. Nada aconteceu.

— Tudo bem. — disse ela. — Próximo passo: Faça um inventário.

O que ela poderia usar? Tinha uma garrafa de água e mais água naquela trincheira se ela pudesse alcançá-la. Tinha a faca. Sua mochila estava cheia de corda colorida (ebaa), com seu laptop, o mapa de bronze, alguns jogos e algumas ambrósias para emergências.

Ah... Sim. Isto se qualifica como uma emergência. Ela pegou a comida divina de sua mochila e devorou. Como de costume, gosto de memórias

reconfortantes. Desta vez, foi pipoca amanteigada, como nas noites de cinema com seu pai em sua casa, em San Francisco, sem madrasta, sem meios-irmãos, apenas Annabeth e seu pai enrolados no sofá assistindo velhas comédias romântica.

A ambrósia aquecia todo o seu corpo. A dor em sua perna se tornou um pulsar maçante. Annabeth sabia que ela ainda estava com grandes problemas. Mesmo ambrósia não poderia curar ossos quebrados de imediato. Poderia acelerar o processo, mas com o melhor cenário possível, ela não seria capaz de colocar qualquer peso sobre o pé por um dia ou mais.

Tentou chegar até a sua faca, mas estava muito longe. Ela se arrastou naquela direção. A dor explodiu novamente, como se pregos estivessem perfurando seu pé. Seu rosto estava encharcado pelo suor, mas depois de arrastar-se mais, ela conseguiu chegar até a adaga.

Sentiu-se melhor ao segurá-la, não apenas pela luz e proteção, mas também porque era tão familiar.

Qual será a próxima? As aulas de sobrevivência de Grover mencionava algo sobre ficar acomodado e esperar o resgate, mas isso não iria acontecer. Mesmo que Percy de alguma forma tenha conseguido rastrear seus passos, a caverna de Mitra tinha desmoronado.

Ela poderia tentar entrar em contato com alguém com laptop de Dédalo, mas duvidava que pudesse obter um sinal aqui. Além disso, quem iria chamar? Não conseguiria passar uma mensagem para alguém que estivesse perto o suficiente para ajudar. Semideuses nunca levaram celulares, porque os seus sinais atraiam muita atenção monstruosa e nenhum de seus amigos estariam sentados verificando seus e-mails.

Uma mensagem de Íris? Ela tinha água, mas duvidava que ela poderia fazer a luz suficiente para um arco-íris. A única moeda que tinha era a sua dracma de prata de Atena.

Não seria um grande tributo.

Havia outro problema em chamar ajuda: supostamente esta era uma missão solo. Se Annabeth fosse resgatada, estaria admitindo a derrota. Algo lhe dizia que a Marca de Atena já não a guiaria. Ela podia passear por aqui para sempre e ela nunca iria encontrar a Atena Partenos.

Então... Não era bom ficar acomodada e a espera de ajuda. O que significava que ela tinha que encontrar uma maneira de continuar sozinha.

Ela abriu a garrafa de água e bebeu. Não tinha percebido como estava sedenta.

Quando a garrafa estava vazia, ela se arrastou para a trincheira para enchê-lo.

A água estava fria e se movendo rapidamente – sinal que poderia ser segura para beber.

Ela encheu a garrafa, em seguida, pegou um pouco de água em suas mãos e jogou em seu rosto. Imediatamente, sentiu-se mais alerta. Ela lavou e limpou seus arranhões o melhor que pôde.

Annabeth sentou-se e olhou para o tornozelo.

— Você *tinha* que quebrar — ela repreendeu.

O tornozelo não respondeu.

Ela teria que imobilizá-lo em algum tipo de tala. Essa seria à única maneira de se mover.

Hmm...

Ela levantou a adaga e inspecionou o quarto novamente com sua luz de bronze. Agora que estava mais perto da porta aberta, gostava menos ainda. Levava a um corredor escuro, silencioso. No ar, flutuava para fora do corredor um cheiro adocicado e de algum modo mal. Infelizmente, Annabeth não viu outro caminho que poderia seguir.

Piscando repetidamente e ofegando para conter as lágrimas, ela se arrastou até os destroços da escada. Descobriu duas tábuas que estavam em forma razoavelmente boa o suficiente para uma tala. Em seguida, foi até as caixas de vime e usou a faca para cortar as tiras de couro.

Enquanto estava imaginando como iria imobilizar o tornozelo, notou algumas palavras desbotadas em uma das caixas de madeira: EXPRESSO HERMES.

Annabeth se arrastou animadamente em direção a caixa.

Ela não tinha ideia o que estava fazendo aqui, mais Hermes entrega todos os tipos de coisas úteis a deuses, espíritos e até mesmo a semideuses. Talvez ele tivesse deixado cair esse pacote aqui anos atrás para ajudar semideuses como ela em sua missão.

Ela arrancou-a e tirou várias folhas de plástico bolha, mas o que havia dentro se foi.

— Hermes — protestou ela.

Ela olhou melancolicamente para o plástico bolha. Então sua mente engrenou e ela percebeu o embrulho *era* um presente.

— Ah... Isso é perfeito!

Annabeth cobriu o tornozelo quebrado em um molde de plástico bolha. Colocou-a com as talas de madeira e amarrou tudo isso junto com as tiras de couro.

Antes, durante a prática de primeiros socorros, ela colocou a tala em uma perna quebrada falsa em outro campista, mas nunca imaginou que teria que fazer uma tala para si mesma.

Foi um trabalho duro, doloroso, mas finalmente foi feito. Ela procurou nos destroços da escada até que encontrou parte do corrimão – uma grade estreita de cerca de um metro e meio de comprimento que poderia servir

como uma muleta. Ela colocou suas costas contra a parede, apoiou sua perna boa se preparou e puxou-se para cima.

— Opa — pontos negros dançavam em seus olhos, mas ela ficou de pé.

— Da próxima vez — ela murmurou para o quarto escuro — me deixe lutar contra um monstro. Será muito mais fácil.

Acima da porta aberta, a Marca de Atena brilhou com vida contra o arco.

A coruja de fogo parecia estar olhando para ela com expectativa, como quisesse falar: *Já era tempo. Ah, você quer monstros? Por aqui!*

Annabeth perguntou se essa marca ardente foi baseada em uma coruja sagrada real. Se sim, quando ela saísse dali, iria achar a coruja e dar um soco na sua cara.

Esse pensamento melhorou o seu humor. Ela passou através da trincheira e mancou para dentro do corredor.

XXXVI

ANNABETH

O **TÚNEL SEGUIA EM LINHA RETA E REGULAR**, mas depois de sua queda, Annabeth decidiu não arriscar. Ela usava as paredes como suporte e tateava o piso à sua frente com sua muleta improvisada para ter certeza de que não havia armadilhas.

Enquanto andava, o cheiro doce e doentio fica mais forte e atiçava seus nervos ao limite. O som de água corrente desaparecia atrás dela. Em seu lugar veio um coro de sussurros como milhões de minúsculas vozes. Elas pareciam vir de dentro das paredes e ficavam cada vez mais altas.

Annabeth tentou acelerar o passo, mas não conseguia ir mais rápido sem perder seu equilíbrio ou sacudir seu tornozelo quebrado. Seguiu mancando, convencida de que alguma coisa a estava seguindo. As pequenas vozes estavam se juntando, chegando mais perto.

Ela tocou a parede e sua mão voltou coberta de teias.

Ela gritou e então se amaldiçoou por ter feito barulho.

É apenas uma teia, disse a si mesma. Mas isso não parou os zunidos em seus ouvidos.

Ela já esperava que houvesse aranhas. Sabia o que viria pela frente: *A tecelã. Sua Senhoria. A voz na escuridão*. Mas as teias a fizeram perceber o quanto ela estava próxima.

Suas mãos estremeceram enquanto ela as limpava nas pedras. O que estava pensando? Ela não podia fazer essa missão sozinha.

Tarde demais, disse Annabeth a si mesma. *Apenas siga em frente.*

Ela seguiu seu caminho descendo o corredor, um doloroso passo de cada vez. Os sons sussurrantes ficaram mais altos atrás dela até que soasse como um turbilhão de milhões de folhas secas ao vento. As teias ficaram mais grossas, preenchendo o túnel. Logo ela estava as tirando de seu rosto, rasgando e passando por cortinas transparentes que a cobriam como se fossem serpentinas.

Seu coração queria se libertar do seu peito e sair correndo. Ela cambaleou para frente de forma inconsequente, tentando ignorar a dor em seu tornozelo.

Finalmente o corredor terminou em um vão de uma porta, coberto até a altura da cintura com madeira velha. Parecia que alguém havia tentado barricar a abertura. Aquilo não era um bom sinal, mas Annabeth usou sua muleta para empurrar as tábuas o melhor que pôde. Ela engatinhou sobre o restante da pilha, ganhando algumas dúzias de farpas em sua mão.

Do outro lado da barricada havia uma câmara do tamanho de uma quadra de basquete. O piso foi feito com mosaicos romanos. O resto das tapeçarias estava pendurado na parede. Duas tochas apagadas se encontravam em anteparos na parede em cada lado do vão da porta, ambas cobertas por teias.

No fundo do aposento, a Marca de Atena ardia sobre outra porta. Infelizmente, entre Annabeth e a saída, o chão estava dividido por um abismo de dezessete metros de um lado ao outro. Sobre a fenda havia duas vigas paralelas de madeira, muito distante uma das outras para andar com um pé em cada, mas muito estreita para andar em uma apenas, a menos que Annabeth fosse uma acrobata, o que não era, e não tivesse um tornozelo quebrado, o que tinha.

O corredor pelo qual ela havia vindo estava se enchendo de barulhos chiados. Teias estremeciam e dançavam quando as primeiras das aranhas apareceram: não eram maiores do que uma jujuba, mas eram gorduchas e negras, deslizando pelas paredes e pelo piso.

Que tipo de aranha? Annabeth não sabia. Ela só sabia que elas estavam vindo para pegá-la e só tinha alguns segundos para planejar alguma coisa.

Annabeth queria chorar. Ela queria que alguém, *qualquer um*, estivesse ali com ela. Ela queria Leo com suas habilidades de fogo ou Jason com seu raio ou Hazel para desmoronar o túnel. Mas mais do que tudo ela queria Percy. Sempre se sentiu mais corajosa quando estava com ele.

Eu não vou morrer aqui, disse para si. Vou ver o Percy de novo.

As primeiras aranhas estavam quase na porta. Atrás delas vinha o batalhão do exército – um mar negro de coisas arrepiantes e rastejantes.

Annabeth cambaleou para um dos anteparos na parede e pegou uma tocha. O final dela estava coberto de piche para acender de forma mais fácil. Seus dedos pareceram chumbo, mas ela remexeu sua mochila e achou os fósforos. Ela riscou um e acendeu a tocha.

Aproximou a tocha da barricada. A madeira velha e seca pegou fogo imediatamente.

Chamas saltaram para as teias e rugiram pelo corredor em um clarão de fogo, tostando milhares de aranhas.

Annabeth se afastou de sua fogueira. Ela havia conseguido algum tempo, mas duvidava que houvesse matado todas as aranhas. Elas iriam se reagrupar e formar um novo enxame de novo assim que o fogo acabasse. Ela se posicionou a beira do abismo. Iluminou a fenda com a tocha, mas não conseguia ver o fundo. Pular ali dentro seria suicídio.

Ela poderia tentar atravessar uma das vigas se pendurando e usando as mãos, mas não confiava na força dos seus braços e não via como conseguiria subir do outro lado com uma mochila cheia e um tornozelo quebrado uma vez que chegasse lá.

Ela se agachou e estudou as vigas. Cada uma tinha um conjunto de parafusos com ganchos por toda a extensão, colocados com um intervalo de aproximadamente trinta centímetros entre cada um. Talvez as vigas houvessem sido os lados de uma ponte e as tábuas do meio haviam sido removidas ou destruídas. Mas parafusos com ganchos? Eles não pareciam estar ali para suportar tábua. Estavam mais para...

Ela olhou para parede. Os mesmos tipos de ganchos haviam sido usados para pendurar as tapeçarias em farrapos.

Ela percebeu que as vigas não tinham o propósito de serem pontes. Elas eram algum tipo de tear.

Annabeth jogou sua tocha em chamas para o outro lado do abismo. Ela não tinha fé que seu plano iria funcionar, mas puxou toda a linha que estava em sua mochila e começou a tecer entre as vigas, fazendo tipo uma cama de gato seguindo para frente e para trás, de um gancho a outro, dobrando e triplicando a grossura da linha.

Suas mãos se moveram em velocidade resplandecente. Ela parou de pensar em sua tarefa e apenas a fez, dando voltas e nós nas linhas, lentamente estendendo sua rede de tecido pelo abismo.

Se esqueceu da dor em sua perna e da barricada ardente queimando atrás de si. Ela seguiu lentamente sobre a fenda. A tecelagem aguentou seu peso. Antes que percebesse, já estava na metade do caminho.

Como ela havia aprendido a fazer isso?

É Atena, ela disse para si. A habilidade de minha mãe com artesanatos úteis. Tecer nunca havia parecido ser particularmente útil para Annabeth – até agora.

Ela olhou para trás. O fogo na barricada estava morrendo. Algumas aranhas se rastejaram para dentro através das bordas da porta.

Desesperadamente ela continuou tecendo e finalmente conseguiu cruzar a fenda. Ela pegou a tocha e pôs fogo em sua ponte de tecido. Chamas correram pela corda. Até as vigas pegaram fogo como se estivessem previamente banhadas em óleo.

Por um momento, a ponte queimou em um padrão claro – uma fila ardente de corujas idênticas. Teria Annabeth realmente as tecido nas linhas ou seria apenas algum tipo de mágica? Ela não sabia, mas quando as aranhas começaram a cruzar, as vigas pegaram fogo e desmoronaram no abismo.

Annabeth prendeu a respiração. Não via nenhum motivo pelo qual as aranhas não poderiam alcançá-la escalando a parede ou o teto. Se elas começassem a fazer isso, ela teria que correr e tinha bastante certeza de que não conseguiria se mover rápido o suficiente.

Por algum motivo, as aranhas não a seguiram. Elas se agruparam na beira da fenda – um fervente carpete negro arrepiante. Então se dispersaram, inundando o corredor queimado, quase como se Annabeth não fosse mais interessante.

— Ou eu passei no teste — disse ela em voz alta.

Sua tocha se apagou, deixando-a apenas com a luz da adaga. Ela percebeu que havia deixado sua muleta improvisada do outro lado do

abismo.

Sentiu-se exausta e sem nenhum truque, mas sua mente estava transparente. Seu medo parecia ter se queimado junto com a ponte de tecido.

A tecelã, pensou ela. *Eu devo estar perto. Pelo menos sei o que vem pela frente.*

Ela rumou para o próximo corredor, mancando para evitar que o peso sobre caísse sobre seu pé ruim.

Não teve que ir muito longe.

Depois de uns sete metros, o túnel se abriu em uma caverna tão larga quanto uma catedral, tão majestosa que Annabeth teve problemas em processar tudo o que viu. E ela supôs que aquele era o aposento do sonho de Percy, mas não estava escuro. Braseiros de bronze de luzes mágicas, como as que os deuses usavam no Monte Olimpo, brilhavam ao longo da circunferência do aposento, intercalados com tapeçarias maravilhosas.

O chão de pedra estava coberto de fissuras como um lençol de gelo. O teto era tão alto e estava perdido na escuridão e camadas e mais camadas de teias.

Fios de seda mais grossos do que pilares percorriam do teto por todo o aposento, ancorando as paredes e o chão como se fossem cabos de suspensão.

Teias também cobriam a peça central do santuário, o que era tão intimidador que Annabeth teve problemas em olhar para ela. Agigantando-se sobre ela estava uma estátua de treze metros de Atena, com pele de marfim luminosa e um vestido de ouro. Em sua mão estendida, Atena segurava uma estátua de Nice, a deusa alada da vitória – uma estátua que parecia pequena daqui, mas era provavelmente tão alta quanto uma pessoa real. Na outra mão de Atena repousava um escudo tão grande quanto um

letreiro, com uma cobra esculpida espiando de trás dele, como se Atena a estivesse protegendo.

A face da deusa era serena e gentil... E *parecia* com Atena. Annabeth havia visto várias estátuas que não pareciam sua mãe nem um pouco, mas essa versão gigante, feita milhares anos atrás, a fez pensar que o artista deve ter conhecido Atena pessoalmente. Ele a havia capturado perfeitamente.

— A Atena Partenos — murmurou Annabeth. — Realmente está aqui.

Toda sua vida ela quis visitar o Partenon. Agora ela estava vendo a atração principal que *costumava* estar lá – e ela era a primeira filha de Atena a fazer isso em milênios.

Percebeu que sua boca estava aberta. Ela se forçou a engolir. Annabeth poderia ter ficado ali o dia todo olhando para a estátua, mas havia apenas concluído metade da sua missão. Ela encontrou a Atena Partenos. Agora, como iria leva-la dessa caverna?

Fios de teias cobriam a estátua como se fosse um pavilhão de gaze. Annabeth suspeitou que sem aquelas teias, a estátua teria caído pelo chão enfraquecido há muito tempo. Enquanto entrava no aposento, podia ver que as rachaduras abaixo eram tão largas que ela poderia ter perdido seu pé nelas. Abaixo das rachaduras ela não via nada além de uma escuridão vazia.

O frio a percorreu. Onde estava o guardião? Como Annabeth libertaria a estátua sem desmoronar o chão. Ela não poderia empurrar a estátua pelo corredor que Annabeth havia vindo.

Ela vasculhou a câmara com os olhos, esperando ver alguma coisa que pudesse ajudar.

Seus olhos se demoraram nas tapeçarias, que eram bonitas de torcer o coração. Uma mostrava uma cena pastoreia tão tridimensional que poderia ser uma janela. Outra mostrava os deuses combatendo os gigantes.

Annabeth viu uma paisagem do Mundo Inferior. Próxima a ela havia a vista do horizonte de Roma moderna. E na tapeçaria ao lado...

Ela prendeu a respiração. Era um retrato de dois semideuses se beijando embaixo d´água: Annabeth e Percy, o dia em que seus amigos os jogaram no lago de canoagem do acampamento. Era tão real que ela se perguntou se a tecelã teria estado lá, espreitando no lago com uma câmera a prova d´água.

— Como isso é possível? — murmurou ela.

Acima dela na escuridão, uma voz falou.

— Por eras eu sabia que você viria, minha querida.

Annabeth se arrepiou. De repente ela tinha sete anos de novo, se escondendo em baixo de suas cobertas, esperando pelas aranhas a atacarem à noite. A voz soou assim como Percy a havia descrito: um zumbido raivoso e múltiplos tons, feminino, mas não humano.

Nas teias acima da estátua alguma coisa se moveu – algo preto e grande.

— Eu a tenho visto em meus sonhos — a voz disse, doentiamente doce e perversa, como o cheiro nos corredores. — Eu tinha que me garantir que você era digna, a *única* filha de Atena inteligente o suficiente para passar nos meus testes e alcançar esse lugar viva. De fato, você é a filha mais talentosa dela. Isso fará sua morte muito mais dolorosa para minha antiga inimiga quando você *falhar completamente*.

A dor no tornozelo de Annabeth não era nada comparada com o ácido congelante que agora corria em suas veias. Ela queria correr. Queria implorar por misericórdia. Mas não podia demonstrar fraqueza – não agora.

— Você é Aracne — anunciou ela. — A tecelã que foi transformada em aranha.

A figura desceu, se tornando mais clara e mais horrível.

— Amaldiçoada por sua mãe — disse ela. — Desprezada por todos e transformada nessa coisa hedionda... Porque *eu era* a melhor tecelã.

— Mas você perdeu a competição — disse Annabeth.

— Essa é a história escrita pelo vencedor! — choramingou Aracne. — Olhe para o meu trabalho! Veja você mesma!

Annabeth não precisava. As tapeçarias eram as melhores que ela já havia visto – melhor do que o trabalho da bruxa Circe, e sim, até mesmo melhor do que algumas que ela havia visto no Monte Olimpo. Ela se perguntava se sua mãe teria *realmente* perdido – se ela teria escondido Aracne e reescrito a verdade. Mas agora, isso não importava.

— Você tem vigiado essa estátua desde os tempos antigos — supôs Annabeth. — Mas ela não pertence a este lugar. Estou pegando ela de volta.

— Há — disse Aracne.

Mesmo Annabeth teve de admitir que sua ameaça soou ridícula. Como poderia uma garota com um tornozelo enrolado em plástico bolha remover essa imensa estátua de uma câmara subterrânea?

— Temo que você tenha que me derrotar primeiro, minha querida — disse Aracne. — E infelizmente, isso é impossível.

A criatura apareceu das cortinas de teia e Annabeth percebeu que sua missão não tinha mais esperança. Ela estava prestes a morrer.

Aracne tinha o corpo de uma viúva negra gigante, com marcas cabeludas vermelhas em forma de uma ampulheta na parte inferior do seu abdômen. Suas oito magras patas eram revestidas com farpas curvas do tamanho da adaga de Annabeth.

Se a aranha chegasse mais perto, seu cheiro podre adocicado seria suficiente para fazer Annabeth desmaiar. Mas a parte mais horrível era sua face.

Um dia ela pode ter sido uma mulher bonita. Agora mandíbulas negras se projetavam de sua boca como presas. Seus outros dentes haviam crescido como finas agulhas brancas.

Bigodes bem negros saiam de sua bochecha. Seus olhos eram grandes, sem pálpebra e todo preto, com dois olhos menores saindo de sua têmpora.

A criatura fez um *rip-rip-rip* violento que deve ter sido uma risada.

— Agora eu banquetearei você, querida — disse Aracne. — Mas não tema. Eu farei uma bonita tapeçaria representando sua morte.

XXXVII

LEO

Leo desejou que não fosse tão bom.

Realmente, às vezes isso era constrangedor. Se ele não fosse tão bom em coisas mecânicas, talvez não tivessem achado a rampa secreta, nem se perdido no subterrâneo, sendo atacados por caras metálicos. Mas ele não se conteve.

Parte daquilo era culpa de Hazel. Para uma garota com sentidos subterrâneos tão incríveis, ela não muito boa em Roma. Continuou levando-os ao redor da cidade, deixando-os tontos e andando em círculos.

— Desculpa — disse ela. — É só que... Há tantos túneis aqui, tantas camadas, é esmagador. É como ouvir uma orquestra ao seu redor e tentar se concentrar em um único instrumento. Você fica desorientado.

Como resultado, tiveram um passeio completo de Roma. Frank parecia feliz de andar calmamente como um cão pastor (Hmm, Leo pensou se ele poderia se transformar em um desses, ou até melhor: um cavalo que Leo

poderia montar). Mas ele começou a ficar impaciente. Seus pés estavam doloridos, o dia estava ensolarado e quente e as ruas estavam lotadas de turistas.

O Fórum estava normal, mas estava na maior parte em ruínas cobertas de arbustos e árvores. Foi preciso muita imaginação para vê-lo como o movimentado centro da Antiga Roma. Leo só conseguiu imaginá-lo desse jeito porque ele havia visto Nova Roma na Califórnia.

Eles passaram por grandes igrejas, arcos da independência, lojas de roupas e restaurantes de fast-food. Uma estátua de algum cara romano Antigo parecia estar apontando para um McDonald's perto dali.

Nas ruas mais largas, o trânsito era completamente louco, Leo pensava que as pessoas de *Houston* dirigiam como loucas – mas eles passavam a maior parte de seu tempo passando por vielas pequenas, por fontes e cafeterias onde Leo não fora autorizado a descansar.

— Eu nunca imaginei que veria Roma — disse Hazel. — Quando eu estava viva, digo, pela primeira vez, Mussolini estava no comando. Estávamos em guerra.

— Mussolini? — Leo franziu a testa. — Ele não era como um melhor amigo do Hitler?

Hazel encarou-o como se ele fosse um alienígena.

— Melhores amigos? Nunca.

— Eu amaria ver a Fonte de Trevi — disse ela.

— Tem fontes por todo o lado — resmungou Leo.

— Ou a Praça de Espanha — disse Hazel.

— Por que você iria à Itália para ver Praças da Espanha? — perguntou Leo. — É como ir para a China comer comida Mexicana, não?

— Você não tem jeito — reclamou Hazel.

— Já me disseram isso.

Ela virou para Frank e segurou sua mão, como se Leo sumisse dali.

— Vamos. Acho que devíamos ir por aqui.

Frank sorriu para Leo de um jeito confuso, como se ele não conseguisse decidir entre se vangloriar ou agradecer por Leo ser um idiota – e deixou Hazel calmamente o levar.

Depois de andar muito, Hazel parou na frente de uma igreja. Pelo menos, Leo pensou que fosse uma igreja. A seção principal tinha um grande teto abobadado. A entrada tinha teto triangular, típicas colunas romanas e uma inscrição em seu topo: M. AGRIPA ou algo assim.

— É latim para *Pegue uma carona?* — perguntou Leo.

— Essa é nossa melhor aposta. — Hazel soou como se estivesse mais confiante do que esteve no resto do dia. — Deve ter uma passagem secreta em qualquer lugar por aqui.

Grupos de turistas circulavam os degraus. Guias levantavam cartazes coloridos com números diferentes e falavam em dezenas de línguas como se estivessem jogando algum tipo de bingo internacional. Leo ouviu o guia turístico espanhol por alguns segundos e então reportou as informações para seus amigos:

— Esse é o Panteão. Ele foi originalmente construído por Marcus Agripa como um templo para os deuses. Depois de ser queimado, o Imperador Adriano reconstruiu-o e está aí por dois mil anos. É uma das mais bem preservadas construções Romanas no mundo.

Frank e Hazel olharam para ele.

— Como você sabe disso tudo? — perguntou Hazel.

— Eu sou brilhante.

— Cocô de centauro — disse Frank. — Ele escutou um dos guias de turismo.

Leo sorriu ironicamente.

— Talvez. Vamos. Vamos achar essa passagem secreta. Espero que esse lugar tenha ar condicionado.

É claro, sem ar condicionado.

Porém, pelo menos, não existia nenhum tipo de linha ou ticket para entrar, então eles simplesmente atravessaram as escadas e passaram pelo grupo de turistas, entrando no prédio.

O interior era impressionante, considerando que havia sido construído dois mil anos atrás.

O chão de marfim fora construído com quadrados e círculos como um jogo da velha romano. O salão principal era uma enorme câmara com uma rotunda circular, como o edifício do Capitólio, nos Estados Unidos. Revestindo as paredes estavam diferentes altares, estátuas e tumbas, coisas assim. Mas o que chamava atenção era a abertura circular no topo. Um feixe de luz inclinado para a rotunda brilhava no chão, como se Zeus estivesse ali queimando seres humanos insignificantes com uma lupa.

Leo não era arquiteto como Annabeth, mas apreciou aquela obra de engenharia. Os romanos fizeram o topo com grandes painéis de pedra, mas tinham escavado cada painel em um quadrado dentro de outros quadrados. Parecia legal. Leo achava que aquilo também fazia o domo mais leve e mais fácil de suportar.

Ele não mencionou aquilo para seus amigos. Duvidou se eles ligariam, mas se Annabeth estivesse ali, ela perderia o dia inteiro falando sobre aquilo. Pensar sobre isso fez Leo imaginar como ela estava na sua expedição à Marca de Atena. Leo nunca pensou que se sentiria assim, mas estava preocupado com aquela garota loira assustadora.

Hazel parou no centro da sala e rodopiou.

— Isso é incrível. Nos dias antigos, as crianças de Vulcano vinham aqui em segredo para consagrar as armas dos semideuses. É aqui onde o ouro imperial era encantado.

Leo imaginou como aquilo funcionara. Ele pensou em um bando de semideuses em capas escuras tentando silenciosamente rolar uma balista de escorpião pelas portas da frente.

— Mas nós não estamos aqui por isso — disse ele.

— Não — disse Hazel. — Existe uma entrada... um túnel que nos levará em direção a Nico. Consigo sentir que estamos perto, mas não tenho certeza onde.

— Se esse edifício tem dois mil anos, faz sentido que um túnel secreto ou algo assim fosse deixado pelos romanos — resmungou Frank.

Então Leo cometeu o erro de ser muito bom. Ele examinou o interior do templo, pensando: Se eu fizesse uma passagem secreta, onde eu a colocaria?

Ele conseguia às vezes descobrir como uma máquina funcionava colocando sua mão nela. Aprendeu a dirigir um helicóptero desta maneira. Ele arrumou Festus daquele jeito (antes de Festus cair e queimar). Uma vez até reprogramara uma placa eletrônica na Times Square para mostrar: TODAS MULHERES AMAM LEO... Acidentalmente, é claro.

Agora ele tentava sentir as funções do antigo edifício. Ele virou em direção a um tipo de altar de mármore vermelho, com a estátua da Virgem Maria no topo.

— Por aqui.

Ele caminhou confiante até o santuário. Era parecido com uma lareira, com um recesso arqueado na parte inferior. Um manto estava escrito com um nome, como um tumba.

— A passagem é por aqui — disse ele. — O descanso final desse cara está no caminho. Rafael alguma coisa?

— Um pintor famoso, eu acho — disse Hazel.

Leo deu de ombros. Ele tinha um primo chamado Rafael e não pensou muito sobre o nome. Pensou se poderia produzir algum tipo de dinamite de seu cinto de ferramentas e fazer uma pequena demolição discreta, mas imaginou que os seguranças e zeladores do local não aprovariam.

— Espere aí... — Leo olhou para os lados para ficar seguro de que não estava sendo observado.

A maioria dos grupos turísticos estava olhando como bobo para o domo, mas um trio deixou Leo apreensivo. Cinquenta pés longe deles, alguns caras de meia idade com sotaque americano estavam conversando alto, queixando-se uns com os outros sobre o calor. Pareciam peixes-boi com roupas de praia – sandálias, shorts de caminhada, camisas turísticas e chapéus flexíveis. Suas pernas eram grandes e pastosas e cobertas de vasinhos. Pareciam extremamente chatos e Leo pensou por que eles estavam andando por ali.

Eles não estavam o observando. Leo não estava certo porque isso o deixava nervoso. Talvez não gostasse de peixes-boi. Esqueça-os, Leo disse para si mesmo.

Ele andou ao redor da tumba. Leo colocou a mão nas costas de uma coluna romana, até sua base. Na parte inferior, uma série de linhas havia sido gravada no mármore – numerais romanos.

— Hã — disse Leo. — Não muito elegante, mas efetivo.

— O que foi? — perguntou Frank.

— A combinação de uma fechadura — ele tateou em volta da coluna e descobriu um buraco quadrado do tamanho de uma tomada elétrica. — A fechadura em si foi arrancada... provavelmente vandalizada em algum dia

nos últimos séculos. Mas eu devo conseguir controlar o mecanismo interno, se eu puder...

Leo colocou a mão no chão de mármore. Ele conseguia sentir antigas engrenagens de bronze abaixo da pedra. Bronze normal provavelmente estaria corroído e estragado há muito tempo, mas aquele bronze era bronze celestial – trabalho de um semideus. Com um pouco de força de vontade, Leo incitou o bronze a se mover, usando os numerais romanos para guiá-lo. Os cilindros giraram – *click, click, click*. Então, *click, click*.

No chão ao lado da parede, uma seção do piso de mármore deslizou sob outra, revelando uma abertura quadrada escura apenas grande o suficiente para se passar por ela.

— Romanos deveriam ser pequenos. — Leo olhou para Frank avaliando-o. — Você vai ter que se transformar em algo menor para entrar aí.

— Isso não foi legal! — Hazel censurou.

— O quê? Só falando...

— Não se preocupem com isso — murmurou Frank. — Nós devemos pegar os outros antes de explorar. Isso foi o que Piper disse.

— Eles estão do outro lado da cidade — Leo lembrou-o. — Além de que, hã, não tenho certeza de que posso fechar essa abertura. As engrenagens são realmente velhas.

— Ótimo — disse Frank. — Como sabemos se é seguro lá embaixo?

Hazel se ajoelhou. Colocou sua mão na abertura como se estivesse checando a temperatura:

— Não tem nada vivo... Pelo menos não por várias centenas de metros. O túnel se inclina para baixo, depois segue para o sul, mais ou menos. Não sinto nenhuma armadilha...

— Como você consegue dizer tudo isso? — perguntou Leo.

Ela deu de ombros.

— Do mesmo jeito que você pode abrir fechaduras em colunas de mármore, eu acho. Estou feliz que você não roube bancos.

— Ah... Cofres de bancos — disse Leo. — Nunca pensei sobre isso.

— Esqueça o que falei. — Hazel suspirou. — Olhe, não é três da tarde ainda. Nós podemos pelo menos dar uma pequena explorada, tentar achar a localização de Nico antes de chamar os outros. Você dois fiquem aqui até eu chamá-los. Quero checar as coisas, ter certeza que o túnel é estruturalmente sólido. Vou estar apta a falar mais quando estiver no subsolo.

Frank fez uma careta.

— Nós não podemos deixar você ir sozinha. Você pode se machucar.

— Frank, eu posso cuidar de mim mesma — disse ela. — O subsolo é minha especialidade. É mais seguro para todos se eu for primeiro.

— A menos que Frank queira se transformar em uma toupeira — sugeriu Leo. – Ou um cão de pradaria. Essas coisas são incríveis.

— Cale a boca — murmurou Frank.

— Ou um texugo.

Frank apontou um dedo para o rosto de Leo.

— Valdez, eu juro...

— Vocês dois, fiquem quietos — repreendeu-os Hazel. — Vou voltar logo. Me deem dez minutos. Se não me ouvirem nesse tempo... Deixem quieto. Eu vou estar bem. Só não tentem matar um ao outro enquanto eu estiver ali embaixo.

Ela desceu pela abertura. Leo e Frank tentaram escondê-la o máximo que puderam. Eles ficaram ombro a ombro, tentando parecer normais, como se fosse completamente natural para dois garotos ficarem andando ao redor da tumba de Rafael. Grupos turísticos vieram e foram. A maioria ignorou Leo e Frank. Algumas pessoas olharam para eles apreensivos e

continuaram andando. Talvez os turistas pensassem que eles pediriam dicas. Por alguma razão, Leo podia enervar as pessoas quando sorria.

Os três peixes-boi americanos ainda estavam parados no centro da sala. Um deles vestia uma camisa que dizia ROMA, como se esquecesse em que cidade estaria se não usasse a camisa. De vez em quando, ele lançava olhares de relance para Frank e Leo como se achasse a presença deles desagradável.

Alguma coisa naquele cara incomodou Leo. Ele queria que Hazel se apressasse.

— Ela falou comigo mais cedo — Frank disse rapidamente. — Hazel me falou que você descobriu sobre minha linha da vida.

Leo agitou-se. Ele quase esqueceu que Frank estava parado próximo a ele.

— Sua linha da vida... Ah, a lenha queimada. Certo. — Leo resistiu à vontade de pôr a sua mão em chamas e gritar: *Bwah ha ha!* A ideia era um pouco engraçada, mas ele não era tão cruel.

— Olhe, cara — disse ele. — Tudo bem. Eu nunca faria nada para deixar você em perigo. Estamos na mesma equipe.

Frank brincou com seu medalhão de centurião.

— Eu sempre soube que o fogo poderia me matar, mas desde que a mansão da minha vó queimou em Vancouver... Parece mais real.

Leo assentiu. Ele sentia simpatia por Frank, mas o cara não deixou as coisas mais fáceis quando falou sobre a mansão de sua família. Era como dizer: *Bati com minha Lamborghini,* e esperar pelas pessoas dizerem: *Ah, coitadinho!*

Claro que Leo não falou daquilo para ele.

— Sua avó... ela morreu no fogo? Você não falou.

— Eu... eu não sei. Ela estava doente e bem velha. Disse que iria morrer em seu próprio tempo, de sua própria maneira. Mas eu penso que ela saiu de

lá. Eu vi um pássaro voando para longe das chamas.

Leo pensou sobre aquilo.

— Então sua família inteira tem essa coisa de mudar de forma?

— Acho que sim — disse Frank. — Minha mãe tinha. Minha vó falou que aquilo era o que a tinha matado no Afeganistão, na guerra. Mamãe tentou ajudar alguns amigos seus, e... Não sei exatamente o que aconteceu. Houve uma bomba incendiária.

Leo fez franziu o rosto em simpatia.

— Então ambos perdemos nossas mães no fogo.

Ele não estava planejando, mas contou a Frank toda a história da noite na loja, quando Gaia aparecera para ele e sua mãe morrera.

Os olhos de Frank ficaram com lágrimas.

— Eu nunca gostei quando as pessoas me dizem, *Lamento sobre sua mãe*.

— Nunca parece verdadeiro — concordou Leo.

— Mas eu sinto muito pela sua mãe.

— Valeu.

Nenhum sinal de Hazel. Os turistas americanos ainda estavam pelo Panteão. Eles pareciam estar cercando os dois mais perto, como se estivessem tentando chegar à Tumba de Raphael sem serem notados.

— De volta ao Acampamento Júpiter — Frank disse — o *lar* de nossa Coorte, Reticulus, me falou que eu tinha mais poder do que a maioria dos semideuses, sendo um filho de Marte e tendo a habilidade de mudar de forma de minha mãe. Ele me disse que era por isso que minha vida dependia de uma tábua queimada. É uma fraqueza tão grande que balanceia as coisas.

Leo se lembrou de sua conversa com Nêmesis, a deusa da vingança, no Grande Lago Salgado.

Ela dissera algo familiar sobre o desejo de equilibrar a balança. *Boa sorte é uma farsa. Sucessos verdadeiros requerem sacrifício.*

Seu biscoito da fortuna estava ainda no cinto de Leo, esperando para ser aberto. *Logo você encontrará um problema que não conseguirá resolver, mas eu posso ajudá-lo... por um preço.*

Leo desejou que pudesse tirar aquela memória de sua cabeça e enfiá-la no seu cinto de ferramentas. Estava ocupando espaço demais.

— Bem, nós todos temos fraquezas — disse ele. — Eu, por exemplo, sou tragicamente engraçado e bonito.

Frank bufou.

— Você talvez tenha fraquezas. Mas sua vida não depende de um pedaço de lenha.

— Não — admitiu Leo. Ele começou a pensar: Se o problema de Frank fosse seu problema, como ele resolveria? Quase toda falha de projeto poderia ser corrigida.

— Eu me pergunto...

Ele olhou ao redor do salão e vacilou. Os três turistas americanos estavam indo em sua direção: não mais circulando ou sorrateiramente. Eles estavam fazendo uma linha reta em direção à tumba de Rafael e os três estavam olhando para Leo.

— Hã, Frank? — perguntou Leo. — Já se passaram dez minutos?

Frank seguiu seu olhar. Os rostos dos americanos estavam confusos e raivosos, como se eles fossem sonâmbulos em um pesadelo muito irritante.

— *Leo Valdez* — chamou o que vestia a camisa com ROMA escrito. A sua voz tinha mudado. Estava rouca e metálica. Ele falou inglês como se fosse sua segunda língua. — *Nos encontramos de novo*.

Os três turistas piscaram, e seus olhos se tornaram de um ouro sólido.

Frank gritou.

— Eidolons!

Os peixes-boi cerraram seus punhos. Normalmente, Leo não se preocuparia de ser morto por caras gordos com chapéus, mas suspeitava que os eidolons fossem perigosos até naqueles corpos, especialmente por que os espíritos não ligariam se seus hospedeiros sobreviveriam ou não.

— Eles não conseguem passar pelo buraco — disse Leo.

— Certo — disse Frank. — Subsolo soa realmente bom.

Ele se transformou em uma cobra e rastejou até a abertura. Leo pulou depois dele enquanto os espíritos começaram a gritar:

— *Valdez! Matar o Valdez!*

XXXVIII

LEO

Um problema resolvido: a escotilha acima deles fechou automaticamente, impedindo seus perseguidores. Ele também cortou toda a luz, mas Leo e Frank poderiam lidar com isso. Leo só esperava que eles não precisassem sair da pelo mesmo caminho que entraram, não tinha certeza se ele poderia abrir a telha por baixo.

Pelo menos os caras peixe-boi possuídos estavam do outro lado. Sobre a cabeça de Leo, o chão de mármore estremeceu como os pés dos turistas gordos estivessem chutando-o.

Frank devia ter voltado à forma humana. Leo podia ouvi-lo ofegar no escuro.

— E agora? — perguntou Frank.

— Ok, não se desespere — disse Leo. — Eu vou convocar um pouco de fogo, só assim podemos ver.

— Obrigado pelo aviso.

O dedo indicador de Leo brilhou como uma vela de aniversário. Na frente deles, estendia-se um túnel de pedra com um teto baixo. Assim como Hazel havia previsto, ele se inclinava para baixo, em seguida, estabilizou e foi para o sul.

— Bem. — disse Leo. — Ele vai apenas em uma direção.

— Vamos encontrar Hazel — disse Frank.

Leo não tinha argumento contra a sugestão. Eles fizeram o seu caminho pelo corredor, Leo indo primeiro com o fogo. Ele estava feliz por ter Frank em suas costas, grande, forte e capaz de se transformar em animais assustadores no caso dos turistas possuídos de alguma forma romperem a escotilha, se espremerem para dentro e os seguirem. Ele se perguntou se os eidolons não poderiam deixar os corpos para trás, infiltrar-se no subsolo e possuírem um deles em seu lugar.

Ah, este é o meu pensamento feliz do dia! Leo repreendeu a si mesmo.

Depois de uma centena de metros ou mais, eles viraram a esquina e encontraram Hazel.

À luz dourada da sua espada de cavalaria, ela estava examinando uma porta. Estava tão distraída, que não os notou até que Leo disse:

— Ei.

Hazel girou, tentando balançar sua espata. Para sorte do rosto de Leo, a lâmina era muito longa para se empunhar no corredor.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Hazel.

Leo engoliu em seco.

— Desculpe. Corremos de alguns turistas irritados — disse ele a ela o que tinha acontecido.

Ela sibilou em frustração.

— Eu odeio eidolons. Pensei que Piper os tinha feito prometer ficar longe.

— Ah... — Frank disse, como se ele tivesse tido seu próprio pensamento feliz do dia. — Piper fez eles prometerem ficar fora do navio e não possuir qualquer um de nós. Mas se eles nos seguiram e usaram outros corpos para nos atacar, então não estão tecnicamente quebrando sua promessa...

— Ótimo — murmurou Leo. — Eidolons que também são advogados. Agora eu realmente quero matá-los.

— Tudo bem, esqueça-os por enquanto — disse Hazel. — Esta porta está me dando dor de cabeça. Leo, você pode tentar a sua habilidade com trancas?

Leo estalou os dedos.

— Afastem-se para o mestre, por favor.

A porta era interessante, muito mais complicado do que a fechadura de combinação de numeral romano acima. Toda a porta era revestida em ouro imperial. Uma esfera mecânica sobre o tamanho de uma bola de boliche foi incorporada ao centro. A esfera foi construída a partir de cinco anéis concêntricos, cada uma com a inscrição de símbolos do zodíaco – o touro, o escorpião, etc. – e aparentemente letras e números aleatórios.

— Essas letras estão em grego — Leo disse surpreso.

— Bem, muitos romanos falavam grego — disse Hazel.

— Eu acho — disse Leo. — Mas esta mão de obra... Sem ofensa para vocês do Acampamento de Júpiter, mas é muito complicado para ser romano.

Frank bufou.

— Considerando que os gregos *adoram* fazer as coisas complicadas.

— Ei — protestou Leo. — Tudo o que estou dizendo é que esta máquina é delicada, sofisticada. Ela me lembra de... — Leo olhou para a esfera, tentando lembrar onde ele tinha lido ou ouvido falar sobre uma semelhante máquina antiga. — É um tipo mais avançado de fechadura —

decidiu ele. — Você alinha os símbolos, os anéis diferentes na ordem certa e isso abre a porta.

— Mas qual é a ordem certa? — perguntou Hazel.

— Boa pergunta. Esferas gregas... Geometria, astronomia... — Leo teve um sentimento interior quente.

— Ah, não. Eu me pergunto... Qual é o valor de pi?

Frank fez uma careta.

— Como assim?

— Ele quer dizer o número — disse Hazel. — Eu aprendi na aula de matemática uma vez, mas...

— É usado para medir círculos — disse Leo. — Esta esfera, se ela foi feita pelo cara que estou pensando...

Hazel e Frank olharam para ele fixamente.

— Não importa — disse Leo. — Tenho certeza que pi vale, hã, 3,1415 e blá, blá, blá. O número prossegue infinitamente, mas a esfera tem apenas cinco anéis, de modo que deve ser o suficiente, se estou certo.

— E se você não estiver? — perguntou Frank.

— Bem, então, Leo cai, e feio. Vamos descobrir!

Ele virou os anéis, a começar do lado de fora e movendo-se dentro, ele ignorou os signos do zodíaco e letras, revestindo os números corretos para que fazer o valor de pi. Nada aconteceu.

— Eu sou estúpido — murmurou Leo. — Pi iria expandir para fora, porque é infinito.

Ele inverteu a ordem dos números, começando no centro e trabalhando em direção à borda. Quando alinhou o último anel, algo dentro da esfera clicou. A porta se abriu.

Leo sorriu para seus amigos.

— Isso, gente boa, é como fazemos as coisas no mundo do Leo. Venham!

— Eu odeio o mundo do Leo — murmurou Frank.

Hazel riu.

Dentro havia bastante material legal para manter Leo ocupado por anos. O quarto era do tamanho da forja do Acampamento Meio-Sangue, com mesas de trabalho com tampas de bronze ao longo das paredes e cestos cheios de ferramentas e metais antigos. Dezenas de esferas de bronze e de ouro parecidas com bolas de basquete movidas a vapor estavam paradas em vários estágios de desmontagem. Havia engrenagens soltas e fiação suja no chão. Cabos metálicos grossos corriam de cada mesa para o fundo da sala, onde havia um sótão fechado, como uma cabine de som de teatro. Escadas levavam até a cabine em cada lado.

Todos os cabos pareciam correr para o sótão. Ao lado das escadas à esquerda, uma fileira de cubículos preenchida com cilindros de couro – provavelmente antigos estojos de pergaminhos.

Leo estava prestes a ir para as mesas, quando olhou para a esquerda e quase saltou fora de seus sapatos. Ladeando a porta dois manequins esqueléticos blindados parecidos com espantalhos feitos a partir de tubos de bronze, equipados com conjunto romano completo de armadura, escudo e espada.

— Cara. — Leo caminhou até um. — Estes seriam *incríveis* se funcionassem.

Frank ficou longe dos autômatos.

— Essas coisas vão ganhar vida e nos atacar, não é?

Leo riu.

— Sem chance. Eles não estão completos — ele bateu no pescoço do mais próximo, onde os fios de cobre soltos brotaram debaixo de sua peitoral.

— Olha, a fiação da cabeça foi desconectada. E aqui, no cotovelo, o sistema de polias para este conjunto está desalinhado. Meu palpite? Os romanos estavam tentando duplicar um projeto grego, mas não tinham a habilidade necessária.

Hazel levantou as sobrancelhas.

— Os romanos não eram bons o suficiente em coisas *complicadas*, eu suponho.

— Ou delicadas — acrescentou Frank. — Ou sofisticadas.

— Ei, eu só digo o que vejo. — Leo balançava a cabeça do manequim, fazendo-a assentir como se concordasse com ele. — Ainda assim... Uma tentativa bastante impressionante. Já ouvi lendas que os romanos confiscaram as escrituras de Arquimedes, mas...

— Arquimedes? — Hazel olhou confuso. — Não foi ele um matemático antigo ou algo assim?

Leo riu.

— Ele era muito mais do que isso. Foi apenas o filho de Hefesto mais famoso que já viveu.

Frank coçou a orelha.

— Eu ouvi o seu nome antes, mas como você pode ter certeza que esta manequim é o seu projeto?

— Tem que ser! — disse Leo. — Olha, eu li tudo sobre Arquimedes. Ele é um herói para o chalé nove. O cara era grego, certo? Ele morava em uma das colônias gregas no sul da Itália, antes de Roma crescer e tomá-la. Finalmente os romanos invadiram e destruíram sua cidade. O general romano queria poupar Arquimedes, porque ele era tão valioso... tipo como o Einstein do mundo antigo... mas algum soldado algum estúpido romano o matou.

— Lá vai você de novo — murmurou Hazel. — *Estúpido* e *romano* nem sempre andam juntos, Leo.

Frank resmungou acordo.

— Como você sabe de tudo isso, afinal? — perguntou ele. — Existe uma guia espanhol por aqui?

— Não, cara — disse Leo. — Você não pode ser um semideus que é do ramo de construção e não saber sobre Arquimedes. O cara era seriamente da elite. Ele calculou o valor de pi. Fez todas essas coisas de matemática que nós ainda usamos para a engenharia. Ele inventou um parafuso hidráulico que poderia mover a água através de tubos.

Hazel fez uma careta.

— Um parafuso hidráulico. Desculpe-me por não saber sobre essas incríveis realizações.

— Ele também construiu um raio da morte feito de espelhos que poderiam queimar navios inimigos — disse Leo. — Isso é impressionante o suficiente para você?

— Eu vi algo sobre isso na TV — admitiu Frank. — Provaram que não funcionou.

— Ah, isso é só porque os mortais modernos não sabem como usar bronze celestial — disse Leo. — *Essa* é a chave. Arquimedes também inventou uma garra enorme que poderia balançar em um guindaste e arrancar navios inimigos para fora da água.

— Ok, isso é legal — admitiu Frank. — Eu amo jogos de braços mecânicos com garras.

— Bem, aí está — disse Leo. — De qualquer forma, todas as suas invenções não foram suficientes. Os romanos destruíram sua cidade. Arquimedes foi morto. Segundo a lenda, o general romano era um grande fã de seu trabalho, então ele invadiu a oficina de Arquimedes e levou um

monte de lembrancinhas de volta para Roma. Eles desapareceram da história, exceto... — Leo acenou com as mãos no material nas tabelas. — Aqui estão eles.

— Bolas basquete de metal? — perguntou Hazel.

Leo não podia acreditar que eles não apreciavam o que eles estavam olhando, mas ele tentou conter sua irritação.

— Gente, Arquimedes construiu *esferas*. Os romanos não podiam entendê-las. Pensaram que elas eram apenas para mostrar o tempo ou constelações, porque eram cobertas com imagens de estrelas e planetas. Mas isso é como encontrar um rifle e pensar que é uma bengala.

— Leo, os romanos eram excelentes engenheiros — lembrou Hazel. — Eles construíram aquedutos, estradas.

— As armas de cerco — acrescentou Frank. — Saneamento público.

— Sim, tudo bem. — disse Leo. — Mas Arquimedes estava em uma classe única. Suas esferas poderiam fazer todos os tipos de coisas, apenas ninguém tem certeza...

De repente, Leo teve uma ideia tão incrível que o nariz explodiu em chamas. Ele apalpou-o mais rapidamente possível. Cara, foi *constrangedor* quando isso aconteceu.

Ele correu para a linha de cubículos e examinou as marcas o estojo de pergaminho.

— Ah, deuses. É isso!

Ele cuidadosamente retirou um dos pergaminhos. Ele não era bom em grego Antigo, mas poderia dizer que a inscrição sobre o pergaminho dizia *Construção de Esferas*.

— Gente, este é o livro perdido! — suas mãos estavam tremendo. — Arquimedes escreveu isso, descrevendo seus métodos de construção, mas

todas as cópias foram perdidas nos tempos antigos. Se eu pudesse traduzir isso...

As possibilidades eram infinitas. Para Leo, a busca já tinha tomado totalmente uma nova dimensão. Leo tinha que retirar as esferas e rolos de daqui em segurança. Tinha que proteger este material até que pudesse levá-lo para o Bunker 9 e estudá-lo.

— Os segredos de Arquimedes — murmurou ele. — Gente, isso é melhor do que laptop de Dédalo. Se houver um ataque romano no Acampamento Meio-Sangue, esses segredos poderiam salvar o acampamento. Eles podem até nos dar uma vantagem sobre Gaia e os gigantes!

Hazel e Frank trocaram olhares céticos.

— Tudo bem. — disse Hazel. — Nós não viemos aqui para um rolo, mas acho que nós podemos levá-lo conosco.

— Assumindo — acrescentou Frank — que você não se incomode em dividir seus segredos com os estúpidos e descomplicados romanos.

Naturalmente, foi quando tudo deu errado.

Na mesa ao lado de Hazel e Frank, um dos orbes clicou e zumbiu. Uma fila de pernas se estendeu rodopiando de seu centro. O orbe parou e dois cabos de bronze dispararam para fora de seu topo, batendo em Hazel e Frank como fios de uma arma de choque. Os amigos de Leo caíram no chão.

Leo pulou para ajudá-los, mas os dois manequins blindados que não podiam se mover, se moveram. Eles sacaram suas espadas e andaram em direção a Leo.

O da esquerda virou seu capacete torto, que tinha a forma de uma cabeça de um lobo. Apesar do fato de que ele não tinha rosto ou na boca, uma voz familiar e oca falou por trás da viseira.

— *Você não pode escapar, Leo Valdez* — disse o Cabeça de Lobo. — *Nós não gostamos de possuir máquinas, mas elas são melhores do que os turistas. Você não vai sair daqui vivo.*

XXXIX

LEO

Leo concordava com Nêmesis em uma coisa: a boa sorte era uma farsa. Pelo menos quando se tratava da sorte de Leo.

No último inverno ele assistiu horrorizado enquanto uma família de ciclopes se preparava para assar Jason e Piper com molho quente. Pensou em um jeito de se livrar dessa e salvou seus amigos por conta própria, mas pelo menos teve tempo para pensar.

Agora, nem tanto. Hazel e Frank foram nocauteados pelas gavinhas de uma bola de boliche futurista possuída. Duas armaduras malcomportadas estavam prestes a matá-lo.

Leo não podia destruí-las com fogo. As armaduras não seriam danificadas por isso. Além disso, Hazel e Frank estavam perto demais. Ele não queria queimá-los ou acidentalmente acertar o pedaço de madeira que controlava a vida de Frank.

À direita de Leo, a armadura com um elmo de leão rangeu e olhou para Hazel e Frank, que continuavam deitados inconscientes.

— *Um semideus e uma semideusa* — disse o Cabeça de Leão. — *Estes irão servir, se os outros morrerem.* — Sua máscara oca se virou para Leo. — *Nós não precisamos de você, Leo Valdez.*

— Ei! — Leo experimentou um sorriso vitorioso. — Vocês sempre vão precisar de Leo Valdez!

Ele abriu as mãos e esperou estar parecendo confiante e útil, não desesperado e aterrorizado. Ele se perguntou se seria tarde demais para escrever TIME LEO em sua camisa.

Infelizmente, as armaduras não eram seduzidas tão facilmente quanto o Fã Clube de Narciso foi. A armadura com o elmo de lobo rosnou:

— *Eu estive na sua mente, Leo. Eu te ajudei a começar a guerra.*

O sorriso de Leo desmoronou. Ele deu um passo pra trás.

— Era *você?*

Agora ele entendia porque aqueles turistas o incomodaram imediatamente e porque a voz daquela coisa soara tão familiar. Já tinha ouvido ela em sua mente.

— Você me fez disparar a balista? — Leo interrogou. — Você chama isso de ajudar?

— *Eu conheço o seu jeito de pensar* — disse o Cabeça de Lobo. — *Conheço seus limites. Você é pequeno e solitário. Precisa de amigos para protegê-lo. Sem eles, é incapaz de resistir a mim. Eu jurei não te possuir novamente, mas ainda posso matá-lo.*

Os caras de armadura avançaram. As pontas de suas espadas estavam a poucos centímetros da cara de Leo.

O medo de Leo repentinamente deu espaço a muita raiva. Aquele fantasma com o elmo de lobo tinha envergonhado ele, o controlado e o feito

atacar a Nova Roma. Ele tinha posto seus amigos em perigo e estragado a sua missão.

Leo olhou para as esferas inativas nas mesas de trabalho. Considerou seu cinto de ferramentas. Pensou sobre a sala atrás dele – a área que parecia uma cabine de som.

Pronto: a *Operação Pilha de Sucata* nasceu.

— Primeiro: você não me conhece — disse ele ao Cabeça de Lobo. — E segundo: tchau.

Ele correu para as escadas e pulou para o topo. As armaduras eram assustadoras, mas não eram rápidas. Como Leo havia suspeitado, a sala tinha portas em ambos os lados, portões dobráveis de metal. Os operários iriam querer proteção no caso de perder o controle de suas criações... Como agora. Leo bateu os dois portões fechando-os e convocou fogo em suas mãos, fundindo as fechaduras.

As armaduras estavam trancadas pelos dois lados. Elas sacudiram os portões, golpeando-os com suas espadas.

— *Isso é tolice* — disse o Cabeça de Leão. — *Está apenas atrasando a sua morte.*

— Atrasar a morte é um dos meus passatempos favoritos. — Leo explorou sua nova casa.

A oficina se baseava em apenas uma mesa como um painel de controle. Estava cheia de velharias, mas a maioria Leo descartou imediatamente: um diagrama para uma catapulta humana que nunca funcionaria; uma estranha espada negra (Leo não era bom com espadas); um grande espelho de bronze (o reflexo de Leo estava terrível); e um conjunto de ferramentas que alguém tinha quebrado, por frustração ou falta de jeito.

Ele se focou no projeto principal. No centro da mesa, alguém tinha desmontado uma esfera de Arquimedes. Engrenagens, fios, alavancas e

hastes estavam espalhadas em volta dela. Todos os cabos de bronze celestial que iam para a sala abaixo estavam conectados a uma placa de metal embaixo da esfera. Leo podia sentir o bronze celestial correndo pela oficina como as artérias de um coração – pronto para conduzir energia mágica deste local.

— Uma bola de basquete para a todos governar — murmurou Leo.

Esta esfera era um regulador mestre. Ele estava diante do controle de missão de romanos antigos.

— *Leo Valdez!* — o espírito uivou. — *Abra este portão ou eu te matarei!*

— Uma oferta justa e generosa! — disse Leo, seus olhos ainda na esfera. — Só me deixe terminar isso. Um último desejo, tudo bem?

Aquilo deve ter confundido os fantasmas, porque eles pararam de atacar as grades por um momento. As mãos de Leo voaram para a esfera, remontando as peças que faltavam.

Porque os romanos estúpidos tinham que desmontar uma máquina tão bonita? Eles mataram Arquimedes, roubaram suas coisas e então bagunçaram a peça de um equipamento que nunca entenderiam. Por outro lado, pelo menos se deram ao trabalho de trancá-la por dois mil anos, então Leo poderia consertá-la.

Os fantasmas começaram a golpear os portões novamente.

— Quem é? — gritou Leo.

— *Valdez!* — berrou o Cabeça de Lobo.

— Valdez quem? — perguntou Leo.

Eventualmente os fantasmas iam perceber que não poderiam entrar. Então, se o Cabeça de Lobo realmente conhecia a mente de Leo, decidiria que existiam outros modos de fazê-lo cooperar. Leo precisava trabalhar mais rápido.

Ele conectou as engrenagens, encaixou uma errada e teve que recomeçar. Pelas granadas de Hefesto, aquilo era difícil!

Finalmente colocou o último fio no lugar. Os romanos desajeitados quase arruinaram o ajuste de tensão, mas Leo tirou um conjunto de ferramentas do seu cinto e fez alguns ajustes finais. Arquimedes era um gênio – assumindo que isso tenha realmente funcionado.

Ele ativou a bobina de partida. As engrenagens começaram a girar. Leo fechou o topo da esfera e estudou seus círculos concêntricos – similares aos que estavam na porta da oficina.

— *Valdez!* — Cabeça de Lobo socou o portão. — *Nosso terceiro camarada vai matar seus amigos!*

Leo amaldiçoou sob sua respiração. *Nosso terceiro camarada*. Ele olhou para a bola que tinha nocauteado Hazel e Frank. Tinha imaginado que o fantasma número três estava escondido dentro dela. Mas Leo ainda tinha que deduzir a sequência certa pra ativar aquela esfera de controle.

— Sim, certo — gritou ele. — Você me pegou. Só... só um segundo.

— *Sem mais segundos!* — gritou o Cabeça de Lobo. — *Abra este portão agora ou eles morrem.*

A bola possuída atacou com seus fios e eletrocutou Hazel e Frank novamente. Seus corpos inconscientes se encolheram. Um choque como aquele deve ter parado seus corações.

Leo segurou as lágrimas. Aquilo era difícil demais. Ele não podia fazer aquilo.

Ele olhou para a esfera – sete anéis, cada um marcado com pequenas letras, números e signos do zodíaco grego. A resposta não seria Pi. Arquimedes nunca faria a mesma coisa duas vezes. Além disso, apenas colocando a mão na esfera Leo pôde sentir a sequência sendo gerada aleatoriamente. Era algo que apenas Arquimedes saberia.

Supostamente, as últimas palavras de Arquimedes tinham sido: *Não perturbem meus círculos*.

Ninguém conhecia o significado, mas Leo podia aplicar isso nesta esfera. O código era muito complicado. Talvez se Leo tivesse alguns anos, ele poderia decifrar as marcas e descobrir a combinação certa, mas ele não tinha nem alguns segundos.

Ele estava sem tempo. Sem sorte. E seus amigos iam morrer.

Um problema que não poderá resolver, disse uma voz em sua cabeça.

Nêmesis... Ela o disse para esperar por esse momento. Leo colocou a mão no bolso e tirou o biscoito da sorte. A deusa tinha avisado a ele sobre um grande preço pela ajuda dela - tão grande quanto perder um olho. Mas se ele não tentasse, seus amigos morreriam.

— Eu preciso do código de acesso dessa esfera — disse ele.

Ele abriu o biscoito.

XL

LEO

Leo desenrolou a pequena tira de papel. Lia-se:

— ESSE É O SEU PEDIDO? SÉRIO? (DO OUTRO LADO)

No verso, o papel dizia:

— SEUS NÚMEROS DA SORTE SÃO: DOZE, JÚPITER, ORION, DELTA, TRÊS, TETA, ÔMEGA. (BUSQUE VINGANÇA SOBRE GAIA, LEO VALDEZ!)

Com os dedos trêmulos, Leo girou os anéis.

Do lado de fora dos portões, o Cabeça de Lobo rosnou em frustração.

— *Se amigos não têm importância para você, talvez você precise de mais incentivo. Talvez eu deva destruir esses rolos de pergaminho ao invés... as inestimáveis obras de Arquimedes!*

O último anel clicou no lugar. A esfera cantarolou com o poder. Leo passou as mãos ao longo da superfície, sentindo botões minúsculos e alavancas que aguardavam seus comandos.

Pulsos mágicos e elétricos corriam através dos cabos de bronze celestial e surgiram pelo o quarto inteiro.

Leo nunca tinha tocado um instrumento musical, mas imaginava que tocar seria assim – sabendo cada tecla ou nota tão bem que você não realmente pensava sobre o que suas mãos estavam fazendo. Você só concentrava no tipo de som que queria criar.

Ele começou pequeno. Focou em uma esfera dourada razoavelmente intacta abaixo na sala principal. A esfera dourada estremeceu. Cresceu um tripé de pernas e caiu sobre a bola elétrica. Uma minúscula serra circular saiu da cabeça da esfera de ouro e ela começou a cortar o cérebro da bola elétrica.

Leo tentou ativar outro orbe. Esta explodiu em uma pequena nuvem de cogumelo de pó de bronze e fumaça.

— Opa — murmurou ele. — Desculpe, Arquimedes.

— *O que você está fazendo?* — perguntou o Cabeça de Lobo. — *Pare essa tolice e renda-se!*

— Ah, sim, eu me rendo! — disse Leo. — Eu estou totalmente rendido!

Ele tentou assumir o controle do terceiro orbe. Esse quebrou também. Leo se sentiu mal por arruinar todas estas antigas invenções, mas isto era vida ou morte. Frank o tinha acusado de ele importar-se mais com máquinas que com pessoas, mas se fosse entre salvar velhas esferas ou seus amigos, não havia escolha.

A quarta tentativa foi melhor. Uma esfera de rubi incrustado estalou, e no seu topo hélices de helicóptero se desdobraram. Leo estava feliz que Buford, a mesa, não estava aqui – ele teria se apaixonado. A esfera de rubi girou no ar e partiu direto para os cubículos. Finos braços dourados estenderam-se desde seu meio e abocanharam os preciosos rolos de pergaminho.

— *Basta!* — berrou o Cabeça de Lobo. — *Eu destruirei...*

Ele virou-se a tempo de ver a esfera de rubi decolar com os pergaminhos. Ela zuniu através do quarto e pairou no canto mais distante.

— *O quê?* — o Cabeça de Lobo chorou. — *Mate os prisioneiros!*

Ele deveria estar falando com a bola elétrica. Infelizmente, a bola elétrica não estava condições para obedecer. A esfera de ouro de Leo estava sentada em cima de sua cabeça serrada aberta, mexendo através de suas engrenagens e fios como se estivesse escavando uma abóbora.

Graças aos deuses Hazel, e Frank começaram a se mexer.

— *Besteira!* — o Cabeça de Lobo acenou para o Cabeça de Leão no portão oposto. — *Venha! Vamos destruir os semideuses nós mesmos.*

— Eu acho que não, pessoal. — Leo virou-se para o Cabeça de Leão. Suas mãos trabalharam na esfera de controle e ele sentiu uma onda de choque viajar através do chão.

O Cabeça de Leão estremeceu e baixou a espada.

Leo sorriu.

— Você está no Mundo do Leo, agora.

O Cabeça de Leão virou e saiu descendo as escadas. Em vez de avançar em Hazel e Frank, ele marchou até as escadas oposta e encarou seu companheiro.

— *O que você está fazendo?* — perguntou Cabeça de Lobo. — Nós temos que...

BLONG!

O Cabeça de Leão bateu seu escudo com força no peito do Cabeça de Lobo. Ele quebrou o punho da sua espada no capacete seu companheiro, então o Cabeça de Lobo tornou-se O Achatado, Deformado, Não Muito Feliz Cabeça de Lobo.

— *Pare com isso!* — exigiu O Cabeça de Lobo.

— *Eu não posso!* — O Cabeça Leão lamentou-se.

Leo estava pegando o jeito agora. Ele comandou ambas as armaduras para soltar suas espadas e escudos e estapear um ao outro repetidamente.

— *Valdez!* — chamou o Cabeça de Lobo. — *Você morrerá por isso!*

— É — Leo desafiou. — Quem está possuindo quem agora, Gasparzinho?

Os homens da máquina caíram escada abaixo e Leo os forçou a dançar saltitando freneticamente como os rebeldes de 1920. Suas articulações começaram a fumegar. As outras esferas do quarto começaram a estalar. Muita energia foi surgindo através do sistema antigo. A esfera de controle na mão de Leo ficou desconfortavelmente morna.

— Frank, Hazel! — gritou Leo. — Protejam-se!

Seus amigos ainda estavam atordoados, olhando com espanto para o pessoal de metal saltitando, mas eles entenderam seu aviso. Frank puxou Hazel para baixo da mesa mais próxima e protegeu-a com seu corpo.

Uma última volta na esfera e Leo enviou um forte choque através do sistema. Os guerreiros blindados explodiram em fragmentos. Hastes, pistões e fragmentos de bronze voaram por toda parte. Em todas as mesas, as esferas estalaram como latas de refrigerante quente. A esfera de ouro de Leo congelou. Seu orbe de rubi voador caiu no chão com os rolos de pergaminhos encaixotados.

O quarto estava repentinamente calmo exceto por algumas faíscas e chiados aleatórios. O ar cheirava como motores de carro em chamas. Leo correu escadas abaixo e encontrou Frank e Hazel seguros embaixo de sua mesa. Ele nunca tinha estado tão feliz por ver aqueles dois abraçados.

— Vocês estão vivos! — disse ele.

O olho esquerdo de Hazel se contraiu, talvez por causa do choque elétrico. Tirando isso, ela parecia bem.

— Hã, o que exatamente aconteceu?

— Arquimedes fez uma aparição! — Leo disse. — Só havia poder suficiente nessas máquinas antigas para um show final. Uma vez que eu tive o código de acesso, foi fácil.

Ele bateu de leve na esfera de controle, que estava produzindo vapor de um jeito ruim.

Leo não sabia se ela poderia ser consertada, mas no momento ele estava muito aliviado para se preocupar.

— Os eidolons — disse Frank. — Eles já foram?

Leo sorriu.

— Meu último comando sobrecarregou seus interruptores da morte... eu basicamente bloqueei todos os seus circuitos e derreti seus núcleos.

— Traduzindo pra nossa língua...? — perguntou Frank.

— Eu prendi os eidolons dentro da fiação — disse Leo. — Depois eu os derreti. Eles não irão incomodar ninguém novamente.

Leo ajudou seus amigos a levantarem.

— Você nos salvou — disse Frank.

— Não soe tão surpreso. — Leo olhou em volta da oficina destruída. — É muito ruim que todo esse material tenha sido destruído, mas pelo menos salvei os pergaminhos. Se eu puder levar eles de volta ao Acampamento Meio-Sangue, talvez eu possa aprender a como recriar as invenções de Arquimedes.

Hazel esfregou o lado de sua cabeça.

— Mas eu não entendo. Onde está o Nico? Esse túnel supostamente nos levaria até Nico.

Leo tinha quase esquecido por que eles vieram aqui em primeiro lugar. Nico obviamente não estava aqui. O lugar era um beco sem saída. Então por quê...?

— Ah — ele sentia como se houvesse uma esfera de serra circular em sua própria cabeça, puxando seus fios e engrenagens. — Hazel, como exatamente você estava rastreando Nico? Quero dizer, você poderia apenas senti-lo nas proximidades porque ele era seu irmão?

Ela franziu a testa, ainda parecendo um pouco vacilante por causa de seu tratamento de choque elétrico.

— Não... não totalmente. Algumas vezes posso dizer quando ele está próximo, mas como eu disse, Roma é tão confusa, tem muita interferência por causa de todos os túneis e cavernas...

— Você o rastreou com seu poder de encontrar metais — supôs Leo. — A espada dele?

Ela piscou.

— Como você sabia?

— É melhor você vir aqui — ele levou Hazel e Frank até a sala de controle e apontou para a espada preta.

— Ah. Ah, não. — Hazel teria desabado se Frank não tivesse pegado ela. — Mas isso é impossível! A espada de Nico estava com ele no jarro de bronze. Percy viu isso no sonho dele!

— Ou o sonho estava errado — Leo disse — ou os gigantes mudaram a espada para cá como uma isca.

— Então isso foi uma armadilha — disse Frank. — Nós fomos atraídos para aqui.

— Mas por quê? — gritou Hazel. — Onde está o meu irmão?

Um som sibilante encheu a cabine de controle. A princípio, Leo pensou que os eidolons estavam de volta. Então percebeu que o espelho de bronze em cima da mesa estava produzindo vapor.

Ah, meus pobres semideuses. O rosto adormecido de Gaia apareceu no espelho. Como de costume, ela falou sem mover a boca, o que só poderia ter

sido mais assustador se ela tivesse um fantoche de ventriloquismo. Leo odiava aquelas coisas.

Vocês tiveram sua escolha, disse Gaia. A voz dela ecoou através da sala. Parecia estar vindo não apenas do espelho, mas das paredes de pedra também. Leo percebeu que ela estava ao redor deles. Claro. Eles estavam na terra. Eles tinham tido as dificuldades para construir o *Argo II* para que pudessem viajar por mar e ar e eles acabaram na terra de qualquer maneira.

Eu ofereci salvação para todos, disse Gaia. *Vocês poderiam ter voltado. Agora é tarde demais. Vocês vieram para as terras antigas onde eu sou mais forte... onde eu acordarei.*

Leo pegou um martelo de seu cinto de ferramentas. Ele golpeou o espelho. Sendo metal, ele só tremeu como uma bandeja de chá, mas foi bom esmagar o nariz de Gaia.

— Caso você não tenha notado, Cara de Terra — disse ele — sua pequena emboscada falhou. Seus três eidolons foram fundidos em bronze e nós estamos bem.

Gaia riu suavemente. *Ah, meu querido Leo. Vocês três foram separados de seus amigos. Esse foi objetivo todo.*

A porta da oficina se fechou.

Vocês estão presos no meu abraço, disse Gaia. *Enquanto isso, Annabeth Chase encara sua morte sozinha, apavorada e aleijada, nas mãos da maior inimiga de sua mãe.*

A imagem no espelho mudou. Leo viu Annabeth esparramada no chão de uma caverna escura, segurando sua faca de bronze como se estivesse afastando um monstro. O rosto dela estava pálido. Sua perna estava embrulhada em uma espécie de tala. Leo não conseguia ver para o que ela estava olhando, mas era obviamente alguma coisa horrível.

Ele queria acreditar que a imagem era uma mentira, mas tinha o mau pressentimento que era real e estava acontecendo agora.

Os outros, Gaia disse, *Jason Grace, Piper McLean e meu querido amigo Percy Jackson... eles perecerão dentro de minutos*.

A cena mudou outra vez. Percy estava segurando Contracorrente, levando Jason e Piper para baixo em uma escada espiral para dentro da escuridão.

Seus poderes irão traí-los, disse Gaia. *Eles vão morrer em seus próprios elementos. Eu quase desejei que eles sobrevivessem. Teriam feito um sacrifício melhor. Mas, infelizmente, Hazel e Frank, vocês terão que dar conta. Meus seguidores irão recolher vocês em breve e os levarão para o lugar antigo. O seu sangue vai despertar-me por fim. Até então, vou permitir que vocês assistam seus amigos perecerem. Por favor... Desfrutem deste último vislumbre de sua missão fracassada.*

Leo não aguentou. Sua mão brilhou branca e quente. Hazel e Frank tropeçaram para trás quando ele pressionou a palma da mão contra o espelho derretendo-o em uma poça de bronze.

A voz de Gaia ficou em silêncio. Leo só podia ouvir o rugido do sangue em seus ouvidos.

Ele respirou instavelmente.

— Desculpe — disse ele a seus amigos. — Ela estava ficando irritante.

— O que nós faremos? — perguntou Frank. — Nós temos que sair daqui e ajudar os outros.

Leo examinou a oficina, agora repleta de pedaços fumegantes de esferas quebradas.

Seus amigos ainda precisavam dele. Este ainda era o seu show. Enquanto ele tivesse o seu cinto de ferramentas, Leo Valdez não iria sentar-se impotente vendo o Canal Morte de Semideuses.

— Eu tenho uma ideia. — disse ele. — Mas vai precisar de nós três.
Ele começou a explicar-lhes o plano.

XLI

PIPER

Piper tentou tirar o melhor da situação.

Uma vez que ela e Jason tinham se cansado de andar pelo convés, ouvindo o Treinador Hedge cantar "Velho MacDonald" (com armas em vez de animais), eles decidiram fazer um piquenique no parque.

Hedge concordou a contragosto.

— Fiquem onde eu possa vê-los.

— O que nós somos, crianças? — perguntou Jason.

Hedge bufou.

— Crianças são cabritinhos. São bonitos e eles têm um grande valor social. Vocês definitivamente não são crianças.

Eles abriram seu cobertor debaixo de um salgueiro ao lado de uma lagoa. Piper virou sua cornucópia e derramou uma refeição completa de sanduíches embrulhados ordenadamente, bebidas enlatadas, frutas frescas e

(por alguma razão) um bolo de aniversário com cobertura roxa e velas já acesas.

Ela franziu a testa.

— É o aniversário de alguém?

Jason fez uma careta.

— Eu não ia dizer nada.

— Jason!

— Há muita coisa acontecendo — disse ele. — E sinceramente... Antes do mês passado eu nem sabia quando era meu aniversário. Thalia me disse na última vez que ela esteve no acampamento.

Piper se perguntou como seria aquilo... nem mesmo saber o dia em que nasceu. Jason tinha sido dado à Lupa, a loba, quando tinha apenas dois anos de idade. Ele nunca tinha conhecido sua mãe mortal. Só reuniu-se com sua irmã no último inverno.

— Primeiro de julho — disse Piper. — O Calendas de Julho.

— Sim. — Jason sorriu. — Os romanos tinham de achar aquilo favorável... o primeiro dia do mês nomeado para Júlio César. Dia sagrado de Juno.

Piper não queria pressioná-lo ou fazer uma festa se ele não tinha vontade de celebrar.

— Dezesseis? — perguntou ela.

Ele assentiu com a cabeça.

— Ah, eu posso tirar minha carteira de motorista.

Piper riu. Jason havia matado tantos monstros e salvou o mundo tantas vezes que a ideia de ele suar em um teste de condução parecia ridículo. Imaginou-o ao volante de algum Lincoln velho com um sinal de MOTORISTA ESTUDANTE no topo e um professor mal-humorado no banco do passageiro com um pedal de freio de emergência.

— Bem — insistiu ela. — Quer soprar as velas?

Jason soprou. Piper se perguntou se ele havia feito um desejo, esperando que ele e Piper fossem sobreviver a essa missão e ficar juntos para sempre. Ela decidiu não perguntar.

Não queria azarar aquele desejo e definitivamente não queria descobrir se ele desejava algo diferente.

Desde que deixaram as Colunas de Hércules na noite anterior, Jason parecia distraído.

Piper não podia culpá-lo. Hércules tinha sido uma decepção muito grande como irmão mais velho e o velho deus do rio, Aqueloo, tinha dito algumas coisas pouco gentis sobre os filhos de Júpiter.

Piper olhou para a cornucópia. Ela se perguntou se Aqueloo estava se acostumando a não ter chifres. Esperava que sim. Claro, ele tinha tentado matá-los, mas Piper ainda se sentia mal pelo velho deus. Não entendia como tal espírito, solitário e deprimido poderia produzir um corno da abundância que derrama abacaxis e bolos de aniversário. Será que a cornucópia drenou toda a bondade dele? Talvez agora que o chifre se foi, Aqueloo seria capaz de encher-se com um pouco de felicidade e mantê-la para si mesmo.

Ela também estava pensando no conselho de Aqueloo: *Se você tivesse chegado a Roma, a história da inundação teria lhe servido melhor.* Ela sabia de que história ele estava falando.

Ela só não entendia como poderia ajudar.

Jason pegou uma vela apagada de seu bolo.

— Eu estive pensando.

O que trouxe Piper volta ao presente num estalo. Vindo de seu namorado a frase: *Eu estive pensando*, era um tipo de código assustador.

— Sobre? — perguntou ela.

— Acampamento Júpiter — disse ele. — Todos os anos eu treinei lá. Estávamos sempre pressionando o trabalho em equipe, a trabalhar como uma unidade. Eu pensei que entendia o que aquilo significava. Mas... honestamente? Eu era sempre o líder. Mesmo quando era mais jovem...

— O filho de Júpiter — disse Piper. — Garoto mais poderoso da legião. Você era a estrela.

Jason parecia desconfortável, mas ele não o negou.

— Estar neste grupo de sete... Eu não tenho certeza do que fazer. Não estou acostumado a ser um de muitos... bem... iguais. Sinto que estou falhando.

Piper pegou sua mão.

— Você não está falhando.

— Com certeza me senti assim quando Crisaor atacou — disse Jason. — Passei a maior parte dessa viagem nocauteado e indefeso.

— Vamos — ela repreendeu. — Ser um herói não significa que você é invencível. Significa apenas que você é corajoso o suficiente para se levantar e fazer o que é necessário.

— E se eu não *souber* o que é necessário?

— É para isso que seus amigos estão com você. Todos nós temos pontos fortes diferentes. Juntos, nós vamos descobrir.

Jason a estudou. Piper não tinha certeza de que ele havia engolido o que ela estava dizendo, mas estava feliz que ele pudesse confiar nela. Ela gostava que ele tivesse um pouco de dúvida sobre si mesmo. Ele não teve sucesso o tempo todo. Não achava que o universo lhe devia um pedido de desculpas sempre que algo desse errado, ao contrário de um outro filho do deus dos céus que ela recentemente encontrou.

— Hércules era um idiota — disse ele, como se lesse seus pensamentos. — Eu nunca quero ser assim. Mas eu não teria tido a coragem de enfrentá-

lo sem você assumir a liderança. Você foi a heroína daquela vez.

— Nós podemos revezar — sugeriu Piper.

— Eu não te mereço.

— Você não está autorizado a dizer isso.

— Por que não?

— É a linha limite para a separação. A menos que você esteja terminando...

Jason inclinou-se e beijou-a. As cores da tarde romana de repente pareceram mais nítidas, como se o mundo tivesse mudado para a alta definição.

— Sem rompimentos — prometeu Jason. — Eu posso ter arrebentado minha cabeça algumas vezes, mas eu não sou tão estúpido.

— Bom. — disse ela. — Agora, sobre o bolo...

Sua voz vacilou. Percy Jackson estava correndo na direção deles e Piper podia dizer pela sua expressão que ele trouxe más notícias.

Eles se reuniram no convés para que o Treinador Hedge pudesse ouvir a história. Quando Percy terminou, Piper ainda não podia acreditar.

— Então Annabeth foi sequestrada em uma scooter — ela resumiu — por Gregory Peck e Audrey Hepburn.

— Não sequestrada, exatamente — disse Percy. — Mas eu tenho uma sensação ruim... — Ele respirou fundo, como se estivesse tentando não pirar. — De qualquer forma, ela... ela se foi. Talvez eu não devesse tê-la deixado ir, mas...

— Você tinha que deixá-la — disse Piper. — Você sabia que ela tinha de ir sozinha. Além disso, Annabeth é durona e inteligente. Ela vai ficar bem.

Piper colocou um pouco de charme em sua voz, o que talvez não fosse legal, mas Percy precisava ser capaz de se concentrar. Se eles forem para a

batalha, Annabeth não iria querer que ele se machucasse por estar distraído demais com ela.

Seus ombros relaxaram um pouco.

— Talvez você esteja certa. Enfim, Gregory... quero dizer Tibério... disse que tínhamos menos tempo para resgatar Nico do que pensávamos. Hazel e os caras não estão de volta ainda?

Piper verificou o tempo no controle do leme. Ela não tinha percebido como estava ficando tarde.

— São duas da tarde. Dissemos três horas para um encontro.

— O mais tardar — disse Jason.

Percy apontou para adaga de Piper.

— Tibério disse que você poderia encontrar a localização de Nico... com isso.

Piper mordeu o lábio. A última coisa que queria fazer era verificar Katoptris para mais imagens assustadoras.

— Eu tentei — disse ela. — A adaga nem sempre mostra o que eu quero ver. Na verdade, ela quase nunca mostra.

— Por favor — disse Percy. — Tente outra vez.

Ele implorou com aqueles olhos verde-mar, como um filhote de foca bonitinho que precisava de ajuda. Piper se perguntou como Annabeth já ganhara uma discussão com esse cara.

— Tudo bem... — ela suspirou e tirou sua adaga.

— Enquanto você faz isso — disse o Treinador Hedge — veja se pode obter os últimos resultados de beisebol. Os italianos não cobrem beisebol, feijãozinho.

— Shh.

Piper estudou a lâmina de bronze. A luz brilhou. Ela viu um loft cheio de semideuses romanos. Uma dúzia deles ficou em torno de uma mesa de

jantar, Octavian falou e apontou para um grande mapa. Reyna andou ao lado da janela, olhando para baixo no Central Park.

— Isso não é bom — murmurou Jason. — Eles já criaram uma base avançada em Manhattan.

— E esse mapa mostra Long Island — disse Percy.

— Eles estão sondando o território — supôs Jason. — Discutindo rotas de invasão.

Piper não queria ver isso. Ela se concentrou mais. Luz ondulou através da lâmina. Ela viu ruínas – algumas paredes em ruínas, uma única coluna, um chão de pedra coberta de musgo e videiras mortas, tudo agrupado em uma encosta gramada pontilhada de pinheiros.

— Eu estive lá — disse Percy. — É no velho Fórum.

A visão ampliou. De um lado do piso de pedra, um conjunto de escadas tinha sido escavado, levando até um moderno portão de ferro, com um cadeado. A imagem da lâmina se ampliou diretamente através da porta, descendo uma escada espiral e em uma câmara escura, cilíndrica como o interior de um silo de grãos.

Piper soltou a lâmina.

— O que há de errado? — perguntou Jason. — Ela estava nos mostrando algo.

Piper sentiu como se o barco estivesse de volta ao oceano, balançando sob seus pés.

— Nós não podemos ir para lá.

Percy franziu a testa.

— Piper, Nico está morrendo. Nós temos que encontrá-lo. Sem mencionar que Roma está prestes a ser destruída.

A voz dela não queria sair. Ela manteve essa visão da sala circular para si por tanto tempo, que agora era impossível falar sobre ela. Tinha uma

sensação horrível que explicar para Percy e Jason não mudaria nada. Ela não podia parar o que estava para acontecer.

Ela pegou a faca novamente. Seu cabo parecia mais frio do que o habitual.

Obrigou-se a olhar para a lâmina. Ela viu dois gigantes em armaduras de gladiador sentados em cadeiras de pretores superdimensionadas. Os gigantes brindavam uns aos outros com taças de ouro, como se tivessem acabado de ganhar uma luta importante. Entre eles estava um grande frasco de bronze.

A visão ampliou novamente. Dentro do frasco, Nico di Angelo estava enrolado em uma bola, não mais em movimento, todas as sementes de romã comidas.

— Nós estamos atrasados — disse Jason.

— Não — disse Percy. — Não, eu não posso acreditar nisso. Talvez ele tenha entrado em um transe profundo para ganhar tempo. Temos que nos apressar.

A superfície da lâmina ficou escura. Piper colocou-a de volta em sua bainha, tentando manter suas mãos firmes. Ela esperava que Percy estivesse certo e Nico ainda estivesse vivo. Por outro lado, não via como aquela imagem estava ligada com a visão da sala de afogamento. Talvez os gigantes estivessem brindando porque ela, Percy e Jason estivessem mortos.

— Devemos esperar pelos outros — disse ela. — Hazel, Frank e Leo devem estar de volta em breve.

— Nós não podemos esperar — insistiu Percy.

O Treinador Hedge grunhiu.

— São apenas dois gigantes. Se vocês quiserem, eu posso cuidar deles.

— Hã, Treinador — Jason disse — isso é uma grande oferta, mas nós precisamos de você para ser o homem no navio... ou cabra no navio. Que

seja.

Hedge fez uma careta.

— E deixar vocês três com toda a diversão?

Percy agarrou o braço do sátiro.

— Hazel e os outros precisam de você aqui. Quando eles voltarem, vão precisar de sua liderança. Você é a rocha deles.

— Sim. — Jason conseguiu manter uma cara séria. — Leo sempre diz que você é a sua rocha. Pode dizer-lhes onde fomos e trazer o navio de volta para nos encontrar no Fórum.

— E tome. — Piper desamarrou Katoptris e colocou-a nas mãos do Treinador Hedge.

Os olhos do sátiro se alargaram. Um semideus nunca deveria deixar sua arma para trás, mas Piper estava farta de visões malignas. Ela preferia enfrentar a morte sem mais nenhuma prévia.

— Fique de olho em nós, com a lâmina — sugeriu Piper. — E você pode verificar os placares do beisebol.

Aquilo selou o acordo. Hedge assentiu sombriamente, preparado para fazer a sua parte da missão.

— Tudo bem. — disse ele. — Mas se algum gigante vier por aqui...

— Sinta-se livre para explodi-los — disse Jason.

— E quanto a turistas irritantes?

— Não — todos disseram ao mesmo tempo.

— Besteira. Ok. Só não demorem muito ou eu vou atrás de vocês com balistas flamejantes.

XLII

PIPER

Encontrar o lugar foi fácil. Percy os levou diretamente a ele, em um trecho abandonado de encosta com vista para as ruínas do Fórum.

Entrar foi fácil também. A espada de ouro de Jason pôde cortar o cadeado e o portão de metal se abriu. Nenhum dos mortais viu. Nenhum alarme disparou. Degraus de pedra desciam em espirais para dentro da escuridão.

— Eu vou primeiro — disse Jason.

— Não! — Piper graniu.

Os dois garotos se viraram para ela.

— Pipes, o que é? — perguntou Jason. — Essa imagem na lâmina... Você já viu isso antes, não foi?

Ela assentiu com a cabeça, com os olhos lacrimejando.

— Eu não sabia como te dizer. Eu vi a sala lá em baixo encher-se com água. Eu vi nós três nos afogando.

Tanto Jason quanto Percy franziram a testa.

— Eu não posso me afogar — Percy disse, embora soasse como se estivesse fazendo uma pergunta.

— Talvez o futuro tenha mudado — supôs Jason. — Na imagem que você acabou de nos mostrar não havia água.

Piper desejou que ele estivesse certo, mas ela suspeitava que não teriam tanta sorte.

— Olha — disse Percy. — Eu vou dar uma olhada primeiro. Está tudo bem. Volto já.

Antes que Piper poderia protestar ele desapareceu pela escada.

Ela contou em silêncio enquanto esperava que ele voltasse. Quando estava em torno do número trinta e cinco ela ouviu seus passos e ele apareceu no topo, parecendo mais confuso do que aliviado.

— Boa notícia: sem água — disse ele. — Má notícia: não vejo nenhuma saída lá em baixo. E, hã, notícia estranha: bem, vocês deviam ver isso...

Desceram cautelosamente. Percy assumiu a liderança, com Contracorrente empunhada.

Piper seguiu e Jason caminhou atrás dela, protegendo sua retaguarda. A escada parecia um saca-rolhas estreito de alvenaria, com no máximo seis metros de diâmetro. Mesmo que Percy tivesse informado que estava tudo limpo, Piper manteve os olhos abertos para armadilhas. A cada volta da escada ela esperava uma emboscada. Ela não tinha nenhuma arma, apenas a cornucópia em um cordão de couro por cima do ombro. Se as coisas ficassem feias, as espadas dos meninos não adiantariam muito em um espaço tão apertado.

Talvez Piper pudesse disparar em seus inimigos presuntos defumados em alta velocidade.

Como eles abriam seu caminho através do subterrâneo, Piper viu velhas pichações entalhadas nas pedras: números romanos, nomes e frases em italiano. Isso significava que outras pessoas tinham estado aqui mais recentemente que o Império Romano, mas isso não tranquilizou Piper. Se existiam monstros aqui em abaixo eles ignorariam os mortais, esperando por alguns semideuses suculentos passarem.

Finalmente, eles chegaram ao fundo.

Percy virou.

— Cuidado com este último degrau.

Ele saltou para o chão da sala cilíndrica, que estava a cinco metros abaixo do fim da escada. Por que alguém iria projetar um conjunto de escadas como esse? Piper não tinha ideia. Talvez o quarto e a escada houvessem sido construídos durante diferentes períodos de tempo.

Ela queria virar e sair, mas não poderia fazer isso com Jason atrás dela e não podia deixar Percy lá. Ela foi para baixo e Jason a seguiu.

O quarto era como ela tinha visto na lâmina da Katoptris, exceto que não havia água. As paredes curvas que antes tinham sido pintadas com afrescos agora estavam desbotadas como a casca de um ovo branco com apenas manchas da cor original. A abóbada estava a cerca de quinze metros acima.

Do outro lado da sala, oposta à escada, nove alcovas foram esculpidas na parede. Cada nicho tinha cerca de cinco metros do chão e era grande o suficiente para uma estátua de tamanho humano, mas cada uma estava vazia.

O ar estava frio e seco. Como Percy tinha dito, não havia outra saída.

— Tudo bem. — Percy ergueu as sobrancelhas. — Aqui está a parte estranha. Vejam.

Ele deu um passo para o meio da sala.

Imediatamente, uma luz verde e azul ondulou através das paredes. Piper ouviu o som de uma fonte, mas não havia água. Não parecia haver nenhuma fonte de luz, exceto as lâminas de Percy e Jason.

— Você sente o cheiro do oceano? — perguntou Percy.

Piper não tinha notado em primeiro lugar. Ela estava de pé ao lado de Percy e ele sempre cheirava a mar. Mas ele estava certo. O cheiro de água salgada e tempestade estava ficando mais forte, como um furacão de verão se aproximando.

— Uma ilusão? — perguntou ela. De repente, ela se sentiu estranhamente sedenta.

— Eu não sei — disse Percy. — Sinto que deveria existir água aqui, muita água. Mas não há nada. Eu nunca estive em um lugar como este.

Jason caminhou para a linha de nichos. Ele tocou a prateleira inferior do mais próximo, que estava ao nível dos seus olhos.

— Esta pedra... É incrustrada com conchas. Isto é uma ninfeu.

A boca de Piper estava definitivamente ficando mais seca.

— Uma o quê?

— Nós temos um no Acampamento Júpiter — Jason disse — na Colina dos Templos. É um santuário para as ninfas.

Piper passou a mão ao longo da parte inferior de outro nicho. Jason estava certo. A alcova estava cravejada com caracóis, conchas e moluscos. As conchas do mar pareciam dançar na luz aquosa. Eram geladas ao toque.

Piper tinha pensado sempre em ninfas como espíritos amigáveis – bobas e namoradeiras, geralmente inofensivas. Elas se davam bem com os filhos de Afrodite. Amavam compartilhar fofocas e dicas de beleza. Mas este lugar não parecia a parte de trás do lago de canoagem no Acampamento Meio-Sangue ou os córregos na mata onde Piper normalmente encontrava ninfas. Este lugar parecia não natural, hostil e muito seco.

Jason recuou e examinou a fileira de alcovas.

— Santuários como este estavam em todo o lugar na Roma Antiga. As pessoas ricas ficavam do lado de fora de suas casas para homenagear ninfas para certificar-se de que a água local ficasse sempre fresca. Alguns santuários foram construídos em torno de nascentes naturais, mas a maioria foram feitas pelo homem.

— Então... Não existem ninfas vivendo atualmente aqui? — Piper perguntou esperançosamente.

— Não tenho certeza — disse Jason. — Este lugar onde estamos teria sido uma piscina com uma fonte. Muitas vezes, se o ninfeu pertencia a um semideus, ele ou ela convidavam as ninfas para viver lá. Se os espíritos fixassem residência, era considerado boa sorte.

— Para o proprietário — supôs Percy. — Mas também vincularia as ninfas à nova fonte de água, o que seria ótimo se a fonte estivesse em um parque agradavelmente ensolarado com água bombeada no meio dos aquedutos...

— Mas este lugar está debaixo da terra há séculos — disse Piper. — Seco e enterrado. O que aconteceu com as ninfas?

O som da água mudou para um coro de assobios, como cobras fantasmagóricas. A luz que ondulava mudou o tom de azul e verde mar para um limão e roxo doentio. Acima deles, os nove nichos brilhavam. Não estavam mais vazios.

De pé estava uma mulher velha e murcha, tão seca e frágil que lembrava múmias para Piper, exceto que múmias normalmente não se moviam. Seus olhos eram de um tom roxo escuro, como se água azul clara de sua fonte de vida tinha condensado e engrossou dentro deles. Seus finos vestidos de seda agora estavam esfarrapados e desbotados. Seu cabelo já tinha sido em cachos, combinado com joias ao estilo de romanos nobres, mas agora seus

cabelos estavam desgrenhados e secos como palha. Se canibais aquáticos realmente existissem, Piper pensou, teriam essa aparência.

— *O que aconteceu com as ninfas?* — disse a criatura no nicho central.

Ela estava em situação ainda pior do que as outras. Sua costa estava curvada como o cabo de uma jarra. Suas mãos esqueléticas tinham apenas a camada mais fina de pele, semelhante a papel. Na cabeça, uma surrada coroa de louros de ouro brilhava em seu cabelo bagunçados.

Ela fixou os olhos roxos em Piper.

— Que pergunta interessante, minha querida. Talvez as ninfas ainda estejam aqui, sofrendo, esperando por vingança.

Da próxima vez que tivesse uma chance, Piper jurou que iria derreter Katoptris e iria vendê-la como sucata de metal. A faca estúpida nunca lhe mostrava toda a história. Claro, ela tinha visto a si mesma se afogando. Mas se soubesse que nove ninfas zumbis e dissecadas estariam esperando por ela, nunca teria vindo até aqui.

Ela considerou correr para as escadas, mas quando se virou a porta tinha desaparecido. Naturalmente. Não havia nada lá a não ser uma parede branca. Piper suspeitou que não era apenas uma ilusão. Além disso, nunca chegaria ao lado oposto da sala antes que as ninfas zumbis saltassem sobre eles.

Jason e Percy se posicionaram em cada um dos lados dela, as espadas prontas. Piper estava contente por tê-los por perto, mas suspeitava suas armas não adiantariam nada.

Ela tinha visto o que iria acontecer neste quarto. De alguma forma, essas coisas iriam derrotá-los.

— Quem são vocês? — perguntou Percy.

A ninfa do meio virou a cabeça.

— Ah... Nomes. Nós já tivemos nomes. Eu era Hagno, a primeira das nove!

Piper pensou que era uma piada cruel que uma bruxa como ela fosse nomeada *Hagno*, como a palavra em inglês para bruxa, mocreia, mas decidiu não comentar.

— As nove — repetiu Jason. — As ninfas deste santuário. Havia sempre nove nichos.

— É claro. — Hagno mostrou os dentes em um sorriso cruel. — Mas somos as nove originais, Jason Grace, as que presenciaram o nascimento de seu pai.

A espada de Jason baixou.

— Você quer dizer Júpiter? Você estava lá quando ele nasceu?

— Zeus, como então era chamado — disse Hagno. — Era um bebê barulhento. Participamos do trabalho de parto de Reia. Quando o bebê nasceu, nós o escondemos de seu pai, Cronos, para que não o comesse. Ah, tinha pulmões fortes, este bebê! Fizemos tudo o que podíamos para abafar o barulho para Cronos não encontrá-lo. Quando Zeus cresceu, nos foi prometida honras eternas. Mas isso foi no velho país, na Grécia.

As outras ninfas choravam e arranharam seus nichos. Elas pareciam estar presas neles, Piper percebeu, como se seus pés estivessem grudados na pedra junto com as conchas decorativas.

— Quando Roma subiu ao poder, fomos convidados para cá — disse Hagno. — Um filho de Júpiter nos tentou com favores. *Uma nova casa*, ele prometeu. *Maior e melhor! Não há necessidade de pagamento, um excelente bairro. Roma vai durar para sempre.*

— Para sempre — as outras assobiaram.

— Nós cedemos à tentação — disse Hagno. — Deixamos nossas simples nascentes e fontes no Monte Liceu e mudamos para cá. Durante

séculos, nossas vidas foram maravilhosas! Festas, sacrifícios em nossa honra, vestidos e joias novas a cada semana. Todos os semideuses de Roma flertavam conosco e nos honravam.

As ninfas gemeram e suspiraram.

— Mas Roma não durou — rosnou Hagno. — Os aquedutos foram desviados. A vila de nosso mestre foi abandonada e destruída. Fomos esquecidas, enterradas sob a terra, mas não conseguimos sair. Nossas fontes de vida estão confinadas a este lugar. Nosso velho mestre nunca sentiu-se apto para nos libertar. Durante séculos, temos murchado aqui na escuridão, com sede... Muita sede — as outras arranhavam suas bocas.

Piper sentiu sua própria garganta fechando.

— Eu sinto muito por vocês — disse ela, tentando usar o charme. — Isso deve ter sido terrível. Mas nós não somos seus inimigos. Se nós pudermos ajudar...

— Ah, uma voz tão doce! — Hagno chorou. — Características tão bonitas. Eu já fui jovem como você. Minha voz era tão suave como um córrego de montanha. Mas você sabe o que acontece com a mente de uma ninfa quando ela está presa no escuro, sem nada para se alimentar, apenas o ódio, nada para beber, a não ser pensamentos violentos? Sim, minha cara. Você pode nos ajudar.

Percy levantou a mão.

— Hã... Eu sou um filho de Poseidon. Talvez eu possa convocar uma nova fonte de água.

— Há! — Hagno gritou e as outras oito repetiram — Há! Há!

— De fato, filho de Poseidon — disse Hagno. — Eu conheço seu pai também. Efialtes e Oto prometeram que você viria.

Piper colocou a mão no braço de Jason para se equilibrar.

— Os gigantes — disse ela. — Você está trabalhando para eles?

— Eles são nossos vizinhos. — Hagno sorriu. — As câmaras estão além deste lugar, onde o aqueduto de água foi desviado para os jogos. Assim que lidarmos com vocês... Quando vocês tiverem nos *ajudado*... Os gêmeos prometeram que nós nunca sofreremos de novo.

Hagno virou-se para Jason.

— Você, filho de Júpiter... pela horrível traição de seu antecessor que nos trouxe aqui, você deve pagar. Eu sei quais são os poderes do deus dos céus. Eu o criei quando era um bebê! Antes, nós ninfas controlávamos a chuva acima de nossas fontes e nascentes. Quando eu lidar com você, teremos este poder novamente. E Percy Jackson, filho do deus do mar... De você tomaremos a água, uma fonte infinita de água.

— Infinita? — Os olhos de Percy vagaram de uma ninfa para a outra. — Hã... Olha, eu não sei sobre infinita. Mas talvez eu possa arranjar alguns litros.

— E você, Piper McLean. — Os olhos roxos Hagno brilharam. — Tão jovem, tão linda, tão talentosa com sua voz doce. De você, vamos recuperar nossa beleza. Nós conservamos a nossa força de vida passada para este dia. Estamos com muita sede. De vocês três, vamos beber!

Todos os nove nichos brilharam. As ninfas desapareceram e água jorrou de suas alcovas, água de um escuro doentio, como o petróleo.

XLIII

PIPER

Piper precisava de um milagre, não uma história para dormir. Mas logo em seguida, estando em estado de choque com a água preta derramada em torno de suas pernas, ela lembrou a lenda que Aqueloo tinha mencionado – a história da inundação.

Não é a história de Noé, mas a versão Cherokee que seu pai costumava dizer-lhe, com os fantasmas da dança e cães-esqueleto.

Quando ela era pequena, se aconchegou ao lado de seu pai em sua cadeira grande.

Ela olhou para fora das janelas no litoral de Malibu e seu pai lhe disse a história que ele ouvira do vovô Tom na volta da reserva em Oklahoma.

— Este homem tinha um cachorro — seu sempre dizia.

— Você não pode começar uma história assim! — protestou Piper. — Você tem que dizer *era uma vez*.

Seu pai riu.

— Mas esta é uma história Cherokee. Elas são bastante simples. Então, de qualquer maneira, este homem tinha um cachorro. A cada dia o homem levava seu cachorro para a beira do lago para pegar água e o cão latia furiosamente para o lago, como se estivesse bravo com ele.

— Ele estava?

— Seja paciente, querida. Finalmente, o homem se irritou com seu cão por latir muito: "Cão mau! Pare de latir para a água. É só água!" Para sua surpresa, o cão olhou bem para ele e começou a falar.

— Nosso cão poderia dizer "*Obrigado*" — Piper ofereceu. — E ele poderia latir lá *fora*.

— Mais ou menos — concordou seu pai. — Mas este cão falava frases inteiras. O cão disse: "Um dia, em breve, as tempestades virão. As águas vão subir e todo mundo vai se afogar. Você pode salvar a si mesmo e sua família através da construção de uma jangada, mas primeiro você terá de me sacrificar. Você deve me jogar na água."

— Isso é terrível! — disse Piper. — Eu nunca iria afogar meu cão!

— O homem provavelmente disse a mesma coisa. Ele pensou que o cão estava mentindo... quero dizer, uma vez que tinha saído do choque ao saber que seu cachorro pudesse falar. Quando ele protestou, o cão disse: "Se você não acredita em mim, olhe para a minha nuca. Eu já estou morto.

— Isso é triste! — protestou Piper. — Por que você está me dizendo isso?

— Porque você me pediu — lembrou o pai. E, de fato, algo sobre a história havia fascinado Piper. Ela tinha ouvido dezenas de vezes, mas continuava pensando sobre isso.

— De qualquer forma — disse seu pai — o homem pegou o cachorro pela nuca e viu que a sua pele e pelos já estavam caindo. Debaixo não havia nada além de ossos. Era um cão-esqueleto.

— Nojento.

— Eu concordo. Então, com lágrimas nos olhos, o homem disse adeus a seu cachorro-esqueleto irritante e jogou-o na água, onde rapidamente afundou. O homem construiu uma jangada e quando veio o dilúvio, ele e sua família sobreviveram.

— Sem o cachorro.

— Sim. Sem o cão. Quando as chuvas diminuíram e a balsa parou em terra firme, o homem e sua família eram os únicos vivos. O homem ouviu sons vindos do outro lado de uma colina, como milhares de pessoas rindo e dançando, mas quando ele correu para o alto, infelizmente, abaixo dele não havia nada exceto ossos espalhados no chão, milhares de esqueletos de todas as pessoas que morreram na inundação. Ele percebeu que os fantasmas dos mortos estavam dançando. Esse era o som que ouvia.

Piper esperou.

— E?

— E nada. O fim.

— Você não pode terminar assim! Por que as danças-fantasmas?

— Eu não sei — disse o pai. — Seu avô nunca sentiu a necessidade de explicar. Talvez os fantasmas estivessem felizes que uma família havia sobrevivido. Talvez estivessem desfrutando da vida após a morte. Eles são fantasmas. Quem pode dizer?

Piper estava muito insatisfeita com isso. Ela tinha tantas perguntas sem resposta. Será que a família encontrou um outro cão? Obviamente, nem todos os cães se afogaram, porque ela mesma tinha um cachorro.

Ela não conseguia se livrar da história. Nunca olhou para os cães da mesma forma, se perguntando se um deles poderia ser um cão-esqueleto. E não entendia por que a família teve que sacrificar o seu cão para sobreviver.

Sacrificar-se para salvar sua família parecia uma coisa tipicamente nobre – tipicamente de um cachorro.

Agora, no ninfeu em Roma, com a água escura em sua cintura, Piper se perguntou por que o deus do rio Aqueloo havia mencionado essa história. Ela desejou ter uma jangada, mas temia que sua situação estava como a do cão-esqueleto. Ela já estava morta.

XLIV

PIPER

O **LOCAL ONDE ELES ESTAVAM ENCHIA** com uma velocidade alarmante. Piper, Jason e Percy batiam nas paredes procurando por uma saída, mas não encontraram nada. Eles subiram em cima das alcovas para ganhar alguma altura, mas com água saindo de todos os nichos, era como tentar se equilibrar na beira de uma cachoeira. Mesmo que Piper estivesse sobre um desses nichos, a água já estava passando dos seus joelhos. No piso era provável que já estivesse com três metros de profundidade e subindo rápido.

— Eu poderia tentar usar raios — disse Jason — talvez explodir um buraco no teto?

— Isso poderia derrubar todo o telhado e nos atingir — disse Piper.

— Ou nos eletrocutar — completou Percy.

— Sem muitas opções — disse Jason.

— Me deixe pesquisar o fundo — disse Percy — se este lugar foi construído como uma fonte, *tem* de existir uma forma de drenar a água.

Procurem nos nichos por saídas secretas. Talvez as conchas sejam botões, ou alguma coisa.

Era uma ideia desesperada, mas Piper estava satisfeita por ter alguma coisa para fazer.

Percy pulou na água. Jason e Piper subiram de nicho por nicho chutando, batendo e balançando as conchas grudadas nas rochas, mas eles não tiveram sorte.

Mais rápido do que Piper esperava, Percy voltou à superfície, se debatendo e ofegante.

Ela ofereceu sua mão e ele quase a jogou na água antes que ela pudesse ajudá-lo a subir.

— Não posso respirar — disse com a voz alterada — a água... Não é normal. Muito difícil de voltar.

A força vital das ninfas... pensou Piper. *A água estava tão envenenada e cheia de malícia, que nem mesmo um filho do deus dos mares poderia controlá-la.*

À medida que a água subia ao seu redor, Piper sentia que estava afetando ela também. Seus músculos da perna tremiam como se ela tivesse correndo por quilômetros.

Suas mãos estavam enrugadas e secas, apesar de ela estar no meio de uma fonte.

Os garotos se moviam lentamente. O rosto de Jason estava pálido e ele demonstrava estar tendo problemas para segurar sua espada. Percy estava encharcado e tremendo, seu cabelo não parecia tão escuro, era como se a cor estivesse indo embora.

— Eles estão pegando nosso poder — disse Piper — nos drenando.

— Jason. — Percy tossiu. — Faça raios.

Jason levantou sua espada, o cômodo tremeu, mas sem raios. O teto não quebrou. Ao invés disso, uma miniatura de tempestade de raios formou no

topo da câmera. Chovendo, enchendo a fonte mais rápida, mas não era uma chuva normal. A substância era escura como a da água no poço. Cada gota picando a pele de Piper.

— Não era o que eu queria — disse Jason.

A água estava pouco acima de seus pescoços agora. Piper sentia suas forças enfraquecendo. A história do avô Tom sobre água canibal era verdade. As ninfas más iam roubar sua vida.

— Nós sobreviveremos — murmurou para ela mesma, mas seu charme não tiraria desta situação. Rapidamente a água envenenada estaria sobre a cabeça deles. Eles teriam que nadar, mas esta substância estava os paralisando.

Iriam se afogar da mesma forma como ela havia visto em suas visões.

Percy começou a empurrar a água para longe com as costas das suas mãos, como se estivesse espantando um cão mau.

— Não consigo... Não consigo controlar isso!

Você terá de me sacrificar, o cão esqueleto havia dito na história. *Você deve me jogar na água.*

Piper se sentiu como se alguém tivesse agarrado sua nuca e exposto seus ossos. Ela apertou sua cornucópia.

— Nós não podemos lutar com isto — disse ela — se resistirmos, apenas nos tornará mais fracos.

— O que você quer dizer? — gritou Jason através da chuva.

A água estava acima do queixo, alguns centímetros a mais eles teriam que nadar, mas a água estava a meio caminho para o teto. Piper esperava que isso significasse que eles ainda tivessem tempo.

— O chifre da abundância — disse ela. — Nós temos de suprir completamente as ninfas com água fresca, dar a elas mais do que elas possam usar. Se nós pudermos diluir essa substância envenenada...

— O chifre pode fazer isso? — Percy lutando para manter sua cabeça acima da água, o que obviamente era uma nova experiência para ele. Ele parecia descontroladamente assustado.

— Somente com a sua ajuda. — Piper estava começando a entender como o chifre funcionava. As coisas boas produzidas não vieram do nada. Ela só foi capaz de enterrar Hércules em comidas quando se concentrou em todas as suas experiências positivas com Jason.

Para criar água limpa e fresca suficiente para encher essa sala, precisava ir mais fundo ainda, usar ainda mais suas emoções. Infelizmente ela estava perdendo a habilidade de concentrar-se.

— Eu preciso de vocês dois para canalizar tudo que vocês têm na cornucópia — disse ela. — Percy pense sobre o mar.

— Água salgada?

— Não importa! Contanto que seja limpa. Jason pense sobre chuvas com raios... *muito* mais chuva. Vocês segurem a cornucópia.

Piper tentou lembrar-se das lições de salvamento que seu pai havia dado para ela quando eles começaram a surfar. Para ajudar alguém que está afogando, passe os seus braços ao redor dele e chute as suas pernas na sua frente, movendo para trás como se estivesse fazendo nado de costas. Ela não estava certa se a mesma estratégia poderia funcionar com duas outras pessoas, mas colocou um braço ao redor de cada garoto e tentou manter eles flutuando da mesma forma que a cornucópia ao redor deles.

Nada aconteceu, a chuva descia ainda escura e acida.

As pernas de Piper pareciam chumbo. A água subia em redemoinho, ameaçando puxá-la. Ele podia sentir sua força diminuindo.

— Nada bom — Jason gritou cuspindo água.

— Não estamos indo a lugar nenhum — concordou Percy.

— Nós temos que trabalhar juntos — choramingou Piper, esperançosa de que estivesse certa — vocês dois pensem em água limpa, uma tempestade d'água. Não escondam nada, imaginem todo seu poder, toda sua força deixando você.

— Isso não é difícil — disse Percy.

— Mas *force* isso — disse ela — ofereça tudo, como se você já estivesse morto e a sua única finalidade fosse ajudar as ninfas. Isto tem de ser um presente... Um sacrifício.

Eles ficaram quietos nessa palavra.

— Vamos tentar novamente — disse Jason — juntos.

Nesta hora, Piper dobrou sua concentração para o chifre da abundância. As ninfas queriam sua juventude, sua vida, sua voz? Certo. Ela desistiu disto tudo voluntariamente e imaginou todo seu poder inundando para fora dela.

Eu já estou morta, disse a si mesma, tão calma quanto o cão esqueleto. *Este é o único jeito.*

Água limpa saiu do chifre com tanta força, que os jogou contra a parede. A chuva mudou para uma torrente branca, tão limpa e gélida, que fez Piper suspirar.

— Está funcionando! — choramingou Jason.

— Bem demais — disse Percy. — Nós estamos enchendo a sala ainda mais rápido!

Ele estava correto, a água subiu tanto rápido, que agora o teto estava a apenas alguns centímetros. Piper poderia estender as mãos e tocar nas nuvens de miniatura.

— Não parem! — disse ela. — Nós temos que diluir o veneno até que as ninfas estejam purificadas.

— E se elas *não* puderem ser purificadas? — perguntou Jason. — Elas têm ficado aqui embaixo fazendo o mal por milhares de anos.

— Apenas não se segure — disse Piper — dê tudo. Mesmo que nós fiquemos abaixo...

Sua cabeça bateu no teto. As nuvens de chuva se dissiparam e derreteram dentro d'água. O chifre da abundância continuava liberando água limpa.

Piper puxou Jason para perto e o beijou.

— Eu te amo — disse ela.

As palavras apenas saíram dela, assim como a água da cornucópia. Ela não poderia dizer qual foi a reação dele, porque agora eles estavam debaixo d'água.

Ela segurou sua respiração. A corrente de água rugia em seus ouvidos. Bolhas giravam ao redor dela. Luz percorreu a sala e Piper ficou surpresa que pudesse vê-la. Estava a água ficando mais clara?

Seus pulmões estavam prestes a explodir, mas Piper concentrou suas últimas energias na cornucópia. Água continuava a sair, mesmo que não houvesse mais espaços. Será que as paredes romperiam por causa da pressão?

A visão de Piper escureceu.

Ela pensou que o ruído em seus ouvidos era seu batimento cardíaco morrendo. Então se deu conta de que a sala estava tremendo. A água movia-se mais rápido. Piper se sentiu afundando.

Com sua última força, ela chutou para cima. Sua cabeça rompeu até a superfície e ela suspirou para respirar. A cornucópia parou. A água estava esvaziando quase tão rápido quanto havia enchido a sala.

Com alarme, percebeu que os rostos de Percy e Jason ainda estavam debaixo d'água. Ela os ergueu. Instantaneamente, Percy engoliu em seco e começou a se debater, mas Jason estava tão sem vida quanto uma boneca de pano.

Piper se agarrou a ele, gritou seu nome, sacudiu e deu um tapa em sua cara. Ela mal percebeu que toda a água havia escoado e deixado o chão úmido.

— Jason — ela tentou desesperadamente pensar. Deveria virá-lo de lado? Dar tapas nas suas costas?

— Piper — disse Percy. — Eu posso ajudar.

Ele se ajoelhou ao lado dela e toucou a testa de Jason. Água jorrou da boca de Jason. Seus olhos se abriram e um trovão jogou Percy e Piper para trás.

Quando a visão de Piper clareou, ela viu Jason sentado, ainda ofegando profundamente, mas seu rosto já estava voltando a ficar corado.

— Desculpe — ele tossiu — não foi minha intenção.

Piper o atacou com um abraço. Ela o teria beijado, mas não queria sufocá-lo.

— Caso você esteja pensando, era água limpa em seus pulmões. Eu pude fazer sair sem o menor problema — sorriu Percy.

— Obrigado, cara. — Jason apertou sua mão sem muita força. — Mas acho que Piper é a real heroína. Ela salvou todos nós.

Sim, ela salvou. Ecoou uma voz pela câmara.

Os nichos brilhavam. Nove figuras apareceram, mas elas não eram mais criaturas murchas. Elas eram jovens, lindas ninfas em vestidos cintilantes azuis. Seus brilhantes cachos negros estavam presos com broches de ouro e prata. Seus olhos com suaves tons de azul e verde.

Com Piper assistindo, oito das ninfas se dissolveram em vapor e flutuaram para cima. Apenas a ninfa no centro ficou.

— Hagno? — Perguntou Piper.

— Sim, minha querida. Eu não achava que altruísmo existisse em mortais... Especialmente em semideuses — riu a ninfa.

Percy chamou a atenção.

— Como poderíamos nos ofender? Você tentou nos afogar e sugar nossas vidas.

Hagno estremeceu.

— Me desculpe por isso. Não era eu mesma. Mas vocês me lembraram do sol e da chuva, das correntes nas campinas. Percy e Jason, graças a vocês eu me lembrei do mar e do céu. Estou limpa. Mas, principalmente, graças a Piper. Ela compartilhou algo melhor do que água corrente limpa. — Hagno se virou para Piper — você tem uma boa natureza Piper. Eu sou um espírito da natureza. Sei do que estou falando.

Hagno apontou para o outro lado da sala. As escadas para a superfície reapareceram.

Diretamente para baixo, uma abertura circular brilhava mostrando sua existência, como um cano de esgoto, largo o suficiente para que eles pudessem rastejar por ele. Piper suspeitou que foi assim que a água foi drenada.

— Vocês podem retornar a superfície — disse Hagno — ou, se vocês insistem, podem seguir o caminho das águas até os gigantes. Mas escolham rápido, porque as duas portas vão desaparecer quando eu me for. Este tubo conecta a linha do aqueduto antigo, que alimentam este ninfeu e o hipogeu que os gigantes chamam de lar.

— Ugh. — Percy apertou suas têmporas — sem mais palavras complicadas.

— Ah, *lar* não é uma palavra complicada. — Hagno parecia completamente sincera. — Eu achava que era, mas agora vocês nos desligaram deste lugar. Minhas irmãs se foram para procurar por novos lares... Córregos nas montanhas, talvez, ou um lago em um prado. Eu vou

segui-las, não posso esperar para ver florestas e pastagens novamente e águas claras correndo.

— Hã — Percy disse nervosamente — as coisas mudaram nos últimos milhares de anos.

— Isso não faz sentido — disse Hagno. — O quão ruim isso poderia ser? Pã não permitiria que a natureza se tornasse podre. Eu não posso esperar para vê-lo, na verdade.

Percy aparentou que gostaria de dizer algo, mas ele se calou.

— Boa sorte Hagno — disse Piper — e obrigada.

Então a ninfa sorriu uma última vez e se vaporizou.

Resumidamente, a ninfa brilhava com uma luz mais suave, como uma lua cheia. Piper sentia o cheiro de especiarias exóticas e rosas florescendo. Ela ouviu música distante e vozes felizes conversando e rindo. Achou que estava ouvindo centenas de anos de festas e celebrações que foram realizadas neste santuário em épocas ancestrais, como se as lembranças tivessem sido liberadas junto com os espíritos.

— O que é isto? — Jason perguntou nervosamente.

Piper colocou suas mãos nas dele.

— Os fantasmas estão dançando. Vamos. É melhor irmos conhecer os gigantes.

XLV

PERCY

Percy já estava cansado de água.

Se ele tivesse dito isso em voz alta, provavelmente teria sido expulso dos Batedores Marinhos Junior de Poseidon, mas ele não se importava.

Depois de quase sobreviver ao ninfeu, ele queria voltar para a superfície. Queria estar seco e sentar-se à morna luz do sol por um bom tempo – preferencialmente com Annabeth.

Infelizmente, ele não sabia onde Annabeth estava. Frank, Hazel e Leo estavam desaparecidos. Ele ainda tinha que salvar Nico di Angelo, isso se o cara já não estivesse morto. E ainda tinha a questão dos gigantes destruindo Roma, acordando Gaia e assumindo o controle do mundo.

Sério, esses monstros e deuses tinham centenas de anos. Será que eles não podiam folgar algumas décadas e deixar Percy viver sua vida? Aparentemente não.

Percy foi à frente enquanto eles engatinhavam nos canos de drenagem. Depois de nove metros, os canos se abriram em um túnel mais largo. À esquerda deles, em algum lugar ao longe, Percy ouviu um estrondo e um rangido, como uma grande máquina que precisava ser lubrificada. Ele não tinha absolutamente desejo algum de descobrir o que estava fazendo aquele barulho, então imaginou que aquele deveria ser o caminho.

Algumas centenas de metros depois, eles alcançaram uma curva no túnel. Percy levantou sua mão, sinalizando para que Jason e Piper esperassem. Ele espreitou pela curva.

O corredor se abria em um vasto aposento com seis metros de altura e fileiras de colunas de suporte. Parecia com a mesma área do tipo garagem que Percy havia visto em seus sonhos, mas agora muito mais cheio de coisas.

Os estrondos e rangidos vinham de enormes engrenagens e sistemas de polias que levantavam e desciam seções do piso por nenhum motivo aparente. Água fluía por trincheiras abertas (ah, ótimo, mais água), dando força para rodas hidráulicas que eram responsáveis pela energia de algumas máquinas. Outras máquinas estavam ligadas a imensas rodas de hamster, só que com um cão infernal dentro.

Percy não pôde evitar pensar na Sra. O'Leary e o quanto ela detestaria ficar presa num desses.

Suspensos no teto estavam jaulas de animais vivos – um leão, várias zebras, todo um bando de hienas e até mesmo uma hidra de oito cabeças. Cintos transportadores feitos de bronze antigo e couro giravam ao longo de pilhas de armas e armaduras, tipo o depósito das Amazonas em Seattle, exceto pelo fato de que esse lugar era muito mais antigo e nem tão bem organizado.

Leo teria adorado o lugar, pensou Percy. O aposento todo era como uma imensa, assustadora, instável máquina.

— O que foi? — sussurrou Piper.

Percy não tinha certeza de como responder. Ele não viu os gigantes, então fez o gesto para que seus amigos seguissem em frente e dessem uma olhada.

A aproximadamente uns seis metros do vão da porta, uma espada de gladiador de madeira em tamanho real saiu do piso. Ela estalou e zumbiu através dos cintos transportadores, ficou presa em uma corda e subiu em direção a uma fissura no teto.

Jason murmurou:

— Que diabos foi isso?

Eles adentraram o local. Percy examinou o aposento. Havia várias centenas de coisas para se olhar, a maioria delas em movimento, mas um lado bom em ser um semideus com TDAH era que Percy estava confortável com o caos. Cerca de uma centena de metros de distância, ele avistou um trono elevado como duas cadeiras de pretores grandes demais e vazias. Entre as duas cadeiras se encontrava um jarro de bronze grande o suficiente para conter uma pessoa.

— Vejam — ele mostrou a seus amigos.

Piper franziu o rosto.

— Está fácil demais.

— É claro — disse Percy.

— Mas não temos alternativas — disse Jason. — Temos que salvar o Nico.

— Sim. — Percy começou a cruzar o aposento, escolhendo seu caminho pelos cintos transportadores e plataformas móveis.

Os cães infernais nas rodas de hamsters não lhe deram atenção alguma. Eles estavam ocupados demais correndo e ofegando, seus olhos vermelhos

brilhando como faróis. Os animais nas outras jaulas lhe deram olhares tediosos, como se dissessem: *eu os mataria, mas isso iria gastar muita energia.*

Percy buscou se atentar às armadilhas, mas tudo ali parecia com uma armadilha. Ele se lembrou de quantas vezes quase morreu no labirinto alguns anos atrás. Ele realmente desejava que Hazel estivesse ali com eles para que ela pudesse ajudá-los com sua habilidade subterrânea (e é claro, para que pudesse se reunir com seu irmão).

Eles pularam sobre uma trincheira de água e passaram por baixo de uma matilha de lobos enjaulados. Percorreram metade do caminho até o jarro de bronze quando o teto se abriu sobre eles. Uma plataforma se abaixou. Em cima dela como se fosse um ator, com uma mão levantada e sua cabeça abaixada, estava o gigante de cabelo roxo Efialtes.

Assim como Percy havia visto em seus sonhos, o Grande F era pequeno para padrões de gigantes – aproximadamente quatro metros – mas ele tinha tentado compensar isso com sua vestimenta espalhafatosa. Ele havia tirado sua armadura de gladiador e agora estava vestindo uma camisa havaiana que até mesmo Dioniso teria achado vulgar. Ela tinha uma estampa chamativa de heróis moribundos, torturas horríveis e leões comendo escravos no Coliseu. O cabelo do gigante estava enfeitado com moedas de ouro e prata. Ele tinha uma lança de três metros presa em suas costas, o que não combinava muito com a camisa.

Vestia calça jeans bem brancas e sandálias de couro em seus... Bem, não eram pés, mas cabeças de cobras curvas. As cobras agitaram suas línguas para fora e silvaram como se não gostassem de aguentar o peso de um gigante.

Efialtes sorriu para os semideuses como se ele estivesse muito, muito encantado de vê-los.

— Finalmente! — berrou ele. — Estou tão feliz! Sinceramente, não achei que vocês passariam pelas ninfas, mas é muito melhor que vocês tenham conseguido. Muito mais interessante. Vocês chegaram bem a tempo para o evento principal!

Jason e Piper se aproximaram de Percy, um de cada lado. Tê-los ali o fazia se sentir um pouco melhor. Esse gigante era menor do que muito dos monstros que ele havia enfrentado, mas alguma coisa nele fez Percy arrepiar-se. Os olhos de Efialtes dançavam com uma luz alucinante.

— Estamos aqui — disse Percy, o que soou um pouco óbvio depois que ele disse. — Deixe nosso amigo ir.

— Claro! — disse Efialtes. — Mas temo que ele já tenha passado um pouco da data de validade. Oto, cadê você?

Uma pedra foi jogada longe, o piso se abriu e o outro gigante subia em uma plataforma.

— Oto, finalmente! — Seu irmão exclamou contente. — Você não está vestido da mesma forma que eu! Você está... — a expressão de Efialtes mudou para de horror. — *O que você está vestindo?*

Oto parecia o maior e mais irritável bailarino do mundo. Ele usava um collant azul bem coladinho que Percy *realmente* desejou que deixasse mais a imaginar. As pontas das suas sapatilhas imensas foram cortadas para que suas cobras pudessem sair. Uma tiara de diamantes (Percy decidiu ser generoso e pensar nela como se fosse uma coroa de um rei) estava aninhada em seus cabelos verdes e trançados. Ele parecia mal-humorado e tristemente desconfortável, mas conseguiu dar um giro de ballet, o que não deve ter sido fácil com pés de cobra e uma enorme lança em suas costas.

— Deuses e titãs! — gritou Efialtes. — Está hora do show! O que você estava *pensando?*

— Eu não queria usar as vestes de gladiador — reclamou Oto. — Ainda acho que um balé seria perfeito, enquanto o apocalipse estivesse rolando — ele levantou suas sobrancelhas esperançosamente para os semideuses. — Eu tenho fantasias extras...

— Não! — Efialtes gritou, e por uma vez Percy estava de acordo.

O gigante de cabelo roxo encarou Percy. Ele sorria tão dolorosamente, que parecia que estava sendo eletrocutado.

— Por favor, perdoe meu irmão — disse ele. — Sua presença de palco é horrível e ele não tem nenhum senso de estilo.

— Ok. — Percy decidiu não comentar a camisa havaiana. — Agora, sobre o nosso amigo...

— Ah, ele — zombou Efialtes. — Nós íamos deixá-lo terminar de morrer em público, mas não tem valor algum de entretenimento. Ele passa *dias* curvado e dormindo. Que tipo de espetáculo é esse? Oto, tombe o jarro.

Oto arrastou-se para o trono, parando ocasionalmente para fazer um *plié*. Ele derrubou o jarro, a tampa saiu e Nico di Angelo foi jogado para fora. A visão de sua face mortalmente pálida e corpo extremamente magro fez o coração de Percy parar. Percy não saberia dizer se ele estava morto ou vivo. Ele queria correr para seu encontro e checar, mas Efialtes estava em seu caminho.

— Agora temos de nos apressar — disse o Grande F. — Devemos passar suas instruções de palco. O hipogeu está todo pronto!

Percy estava pronto para cortar esse gigante pela metade e sair dali, mas Oto estava próximo de Nico. Se uma batalha se iniciasse, Nico não estava em condições de se defender. Percy precisava lhe arranjar um tempo para se recuperar.

Jason levantou seu *gládio* de ouro.

— Não vamos fazer parte de nenhum espetáculo — disse ele. — E o que é um hipo... o que você falou?

— Hipogeu! — disse Efialtes. — Você é um semideus romano, não é? Deveria saber! Ah, mas eu acho que se fizermos nosso trabalho direito aqui no subterrâneo, você realmente não saberia que o hipogeu existe.

— Eu conheço essa palavra — disse Piper. — É a área abaixo do coliseu. Ela abrigava todos os pedaços do cenário e maquinário usado para criar efeitos especiais.

Efialtes bateu palmas entusiasticamente.

— Exatamente! Você é uma estudante de teatro, minha garota?

— Hã... Meu pai é um ator.

— Maravilha! — Efialtes se virou para seu irmão. — Ouviu isso, Oto?

— Ator — murmurou Oto. — Todo mundo é um ator. Nenhum consegue dançar.

— Seja bonzinho! — Efialtes o repreendeu. — De qualquer jeito, minha garota, você está absolutamente correta, mas esse hipogeu é muito mais do que depósito de palco para um coliseu. Você já ouviu falar que antigamente alguns gigantes foram presos em baixo da terra e que de tempos em tempos eles causavam terremotos quando tentavam escapar? Bem, nós fizemos muito melhor! Oto e eu fomos aprisionados em baixo de Roma por eras, mas continuamos ocupados construindo nosso próprio hipogeu. Agora estamos prontos para criar o maior espetáculo que Roma já viu... e o último!

Aos pés de Oto, Nico se mexeu. Percy sentiu como se uma roda de hamster movida por um cão infernal em algum lugar do seu peito tivesse começado a se mover de novo. Pelo menos Nico estava vivo. Agora eles apenas tinham que derrotar os gigantes, preferencialmente sem destruir a cidade de Roma e sair dali para achar seus amigos.

— Então! — Percy disse, esperando chamar a atenção do gigante para si. — Instruções de palco, você disse?

— Sim! — disse Efialtes. — Agora, eu sei que a recompensa diz que você e a garota Annabeth devem ser mantidos vivos se possível, mas francamente, a garota já está condenada, então espero que você não se importe se desviarmos do plano.

A boca de Percy tinha gosto de água de ninfas más.

— Já está condenada. Você não quer dizer que ela está...

— Morta? — perguntou o gigante. — Não. Ainda não. Mas não se preocupe! Nós temos seus outros amigos presos.

Piper fez um som estrangulado.

— Leo? Hazel e Frank?

— Esses aí — concordou Efialtes. — Logo, se podemos usar *eles* para o sacrifício, nós podemos deixar a garota de Atena morrer. O que agradaria a Sua Senhoria. E nós podemos usar vocês três para o espetáculo! Gaia ficará um pouco desapontada, mas realmente só temos a ganhar. Suas mortes serão bem *mais* divertidas.

Jason rosnou.

— Você quer diversão? Vou te dar diversão.

Piper deu um passo à frente. De alguma forma ela conseguiu sorrir docilmente.

— Tenho uma ideia melhor — disse ela aos gigantes. — Por que não nos deixa ir? Isso seria uma incrível reviravolta. Grau de diversão maravilhoso e provaria para o mundo o quão legal você é.

Nico agitou-se. Oto olhou para ele. Seu pé de cobra agitou suas línguas sobre sua cabeça.

— E mais! — Piper disse rapidamente. — Além disso, nós podemos fazer uns movimentos de dança enquanto escapamos. Talvez um número de

balé!

Oto esqueceu totalmente de Nico. Ele se arrastou se aproximando e sacudiu os dedos para Efialtes.

— Está vendo? É disso que eu estava te falando! Seria incrível!

Por um segundo, Percy achou que Piper iria conseguir. Oto olhou para seu irmão implorando. Efialtes pôs a mão em seu queixo como se considerasse a ideia.

Finalmente ele abanou a cabeça.

— Não... Não, eu temo que não. Veja bem, minha garota, eu sou o antiDioniso. Tenho uma reputação a sustentar. Dioniso acha que conhece festas? Ele está errado! Suas festas não têm interesse comparado com o que eu posso fazer. Aquela velha façanha que fizemos, por um instante, enquanto empilhávamos montanhas para chegar ao Olimpo...

— Eu te disse que nunca iria funcionar — resmungou Oto.

— E quando meu irmão se cobriu de carne e correu por um percurso de obstáculos de drakons...

— Você disse que a TV Hefesto iria transmitir durante no horário nobre — disse Oto. — Ninguém chegou a me *ver*.

— Bem, esse espetáculo será ainda melhor — prometeu Efialtes. — Os romanos sempre quiseram o pão e circo: comida e diversão! Enquanto destruímos a cidade deles, ofereceremos ambos. Excelente show!

Alguma coisa caiu do teto e pouso aos pés de Percy: uma fatia de pão de sanduiche enrolado em um plástico branco com pontinhos vermelhos e amarelos.

Percy o pegou.

— Pão de forma?

— Magnífico, não é? — os olhos de Efialtes dançaram loucamente de animação. — Você pode ficar com esse pão. Eu pretendo distribuir milhões

para o povo de Roma enquanto eu os destruo.

— Pão de forma é bom — admitiu Oto. — Mas os romanos deveriam ter que dançar por eles.

Percy deu uma olhada para Nico, que estava começando a se mover. Percy queria que pelo menos ele estivesse consciente o suficiente para engatinhar para fora do caminho quando a batalha começasse. E Percy precisava de mais informações dos gigantes sobre Annabeth e de onde seus outros amigos estavam sendo presos.

— Talvez — disse Percy — você deveria trazer nossos amigos aqui. Para mortes espetaculares... Quanto mais, melhor. Certo?

— Hmm. — Efialtes gastou um tempo com o botão de sua camisa Havaiana. — Não. Já é realmente muito tarde para mudar a coreografia. Mas não temam. O circo será maravilhoso! Ah... Não me refiro ao tipo *moderno* de circo, lembre-se. Isso requereria palhaços e eu odeio palhaços.

— Todo mundo odeia palhaços — disse Oto. — Até outros palhaços odeiam palhaços.

— Exatamente — concordou seu irmão. — Mas nós temos um entretenimento muito melhor preparado! Vocês três irão morrer em agonia, lá em cima, onde todos os deuses e mortais possam assistir. Mas essa é apenas a cerimônia de abertura! Nos tempos antigos, os jogos duravam dias ou semanas. Nosso espetáculo... a destruição de Roma... vai durar um mês, até o despertar de Gaia.

— Pera aí — disse Jason. — Um mês e Gaia vai acordar?

Efialtes fez um aceno como se afastasse a pergunta.

— Sim, sim. Alguma coisa sobre Primeiro de Agosto ser a melhor data para destruir a humanidade. Nada importante! Com sua sabedoria infinita, a Mãe Terra concordou que Roma poderia ser destruída primeiro, devagar e espetacularmente. Nada mais apropriado!

— Então... — Percy não acreditava que estava falando sobre o fim do mundo com um pedaço de pão em sua mão. — Vocês são o ato de aquecimento de Gaia.

A face de Efialtes ficou obscura.

— Isso não é nenhum aquecimento, semideus! Nós iremos soltar animais selvagens e monstros nas ruas. Nosso departamento de efeitos especiais irá produzir fogos e terremotos. Buracos e vulcões apareceram ao caso e do nada. Fantasmas correrão furiosos.

— O negócio dos fantasmas não vai funcionar — disse Oto. — Nosso grupo de controle disse que não vai ter valor algum.

— Duvidosos! — disse Efialtes. — O hipogeu pode fazer qualquer coisa dar certo!

Efialtes rumou raivosamente para uma grande mesa coberta com um lençol. Ele puxou o lençol, revelando um conjunto de alavancas e botões quase pareciam tão complicados quando o painel de controle do Leo no *Argo II*.

— Esse botão? — disse Efialtes. — Esse vai liberar uma dúzia de lobos enfurecidos no Fórum. E esse irá chamar gladiadores autômatos para lutar com os turistas na Fonte de Trevi. Esse vai fazer com que o Tibre se alague para que possamos reencenar a batalha naval aqui mesmo na Piazza Navona! Percy Jackson, você deverá apreciar isso, como filho de Poseidon!

— Hã... Eu ainda acho que a ideia de *nos deixar ir* é melhor — disse Percy.

— Ele tem razão — Piper tentou de novo. — Ou então nós entramos em toda essa coisa de confronto. Vocês lutam contra nós. Nós lutamos contra vocês. Nós arruinamos seus planos. Nós derrotamos muitos gigantes ultimamente. Eu odiaria que as coisas ficassem fora de controle.

Efialtes afirmou com a cabeça pensativamente.

— Você está certa.

Piper piscou.

— Eu estou?

— Não podemos deixar as coisas saírem de controle — concordou o gigante. — Tudo deve ser perfeitamente sincronizado. Mas não se preocupem. Eu coreografei suas mortes. Vocês irão adorar.

Nico começou a se afastar engatinhando e gemendo. Percy queria que ele se movesse mais rapidamente e gemesse menos. Ele até pensou em jogar seu pão de forma nele.

Jason trocou a espada de mão.

— E se recusarmos cooperar com seu espetáculo?

— Bem, vocês não podem nos matar. — Efialtes riu, como se a ideia fosse ridícula. — Vocês não têm nenhum deus com vocês e essa é a única maneira que vocês poderiam ter esperança de triunfar. Então, realmente, seria muito mais sensato morrer dolorosamente. Desculpa, mas o show não pode parar.

Esse gigante era ainda pior do que aquele deus do mar Fórcis, lá em Atlanta, Percy percebeu. Efialtes não era bem o AntiDioniso. Ele era o Dioniso que abusou loucamente de anabolizantes. Claro, Dioniso era o deus da folia e festas fora de controle. Mas Efialtes era todo ligado à destruição e ruínas por prazer.

Percy olhou para seus amigos.

— Estou ficando cansado da camisa desse cara.

— Hora da luta? — Piper agarrou sua cornucópia.

— Eu odeio pão de forma — disse Jason.

Juntos, eles se preparam.

XLVI

PERCY

As coisas ficaram ruins imediatamente. Os gigantes desapareceram em um sopro de fumaça. Eles reapareceram na metade do caminho além da sala, cada um em um lugar diferente. Percy correu em direção a Efialtes, mas os caça-níqueis no chão abriram-se sob seus pés e muros de metal apareceram dos dois lados, separando-o de seus amigos.

As paredes começaram a se fechar em torno dele, como uma videira. Percy pulou e agarrou o fundo da gaiola da hidra. Ele teve um breve relance de Piper pulando em uma amarelinha de poços de fogo, fazendo seu caminho em direção à Nico, que estava em estado de transe e desarmado e sendo atacado por um par de leopardos.

Entretanto isso, Jason atacou Oto, que puxou sua lança e soltou um grande suspiro, como se ele preferisse dançar O Lago Dos Cisnes a matar outro semideus.

Percy registrou tudo isso em um segundo, mas não havia muito que ele pudesse fazer sobre a situação. A hidra explodiu em suas mãos. Ele balançou e caiu, aterrissando em um bosque de árvores com madeiras pintadas que surgiram do nada. As árvores mudaram de posição assim que ele tentou correr através delas, então ele cortou toda a floresta com Contracorrente.

— Maravilha! — chorou Efialtes. Ele ficou em seu painel de controle a cerca de sessenta metros à direita de Percy. — Nós vamos considerar isso um ensaio geral. Devo soltar a hidra na Praça da Espanha agora?

Ele puxou uma alavanca e Percy olhou para trás. A gaiola que ele tinha acabado de se pendurar estava agora subindo em direção a uma escotilha no teto. Em três segundos ela seria liberada. Se Percy atacasse o gigante, a hidra devastaria a cidade.

Xingando, ele lançou Contracorrente como um bumerangue. A espada não foi projetada para isso, mas a lâmina de bronze celestial cortou as correntes que suspendiam a hidra. A gaiola tombou de lado. A porta quebrada abriu-se e derramou o monstro justo em frente à Percy.

— Ah, você *é* um estraga prazeres, Jackson! — chamou Efialtes. — Muito bem. Batalhe aqui, se for preciso, mas sua morte não será tão boa sem uma multidão aplaudindo.

Percy avançou para enfrentar o monstro, mas então percebeu que tinha acabado de jogar sua arma fora. Um pouco de mau planejamento de sua parte.

Ele rolou para um lado enquanto as oito cabeças da hidra cuspiam ácido, transformando o chão onde ele estava em uma cratera fumegante de pedra derretida. Percy realmente odiava hidras. Era quase uma coisa boa que ele houvesse perdido sua espada, visto que seu instinto teria sido cortar as cabeças e no lugar a hidra faria crescer duas novas cabeças para cada uma que tivesse sido cortada.

A última vez que ele havia enfrentado uma hidra, ele foi salvo por um navio com canhões de bronze que partiram o monstro em pedaços. Essa estratégia não poderia ajudá-lo agora... Ou poderia?

A hidra atacou. Percy abaixou atrás de uma enorme roda de hamster e examinou atentamente a sala, procurando pelas caixas que ele havia visto em seu sonho. Ele se lembrou de alguma coisa sobre lançadores de foguetes.

No estrado, Piper protegia Nico enquanto os leopardos avançavam. Ela apontou sua cornucópia e atirou uma carne assada além da cabeça dos felinos. Aquilo devia cheirar muito bem, porque os leopardos correram atrás dela.

Mais ou menos dois metros e meio à direita de Piper, Jason batalhava com Oto, espada contra lança. Oto tinha perdido sua tiara de diamantes e parecia com raiva por isso. Ele poderia ter empalado Jason por várias vezes, mas o gigante insistia em fazer uma pirueta em cada ataque, o que o retardou.

Entretanto, Efialtes ria enquanto apertava botões em seu painel de controle, acionando a correia transportadora em alta velocidade e abrindo gaiolas de animais aleatórios.

A hidra deu a volta na roda de hamster. Percy balançou por trás de uma coluna, agarrou um saco de lixo cheio de pão de forma e jogou no monstro. A hidra cuspiu ácido, o que foi um erro. O saco e seu conteúdo dissolveram no ar. O pão de forma absorveu o ácido como espuma de extintor de incêndio e bateu contra a hidra, transformando-a em uma nojenta, fumegante camada de alta caloria de gosma venenosa.

Enquanto o monstro cambaleou, balançando suas cabeças e piscando pão ácido para fora de seus olhos, Percy olhou ao seu redor desesperado. Ele não encontrou a caixa de lançador de foguetes, mas enfiado contra a parte

de trás da parede estava uma estranha geringonça como um cavalete de pintura, dividida ao meio com uma fileira de lançadores de míssil.

Percy viu uma bazuca, um lançador de granadas, uma vela romana gigante e uma dúzia de outras armas mal vistas. Elas todas pareciam ser ligadas juntas, apontadas para a mesma direção e conectadas com uma única alavanca de bronze ao lado. No topo do cavalete, escrito com cravos, estava escrito: FELIZ DESTRUIÇÃO, ROMA!

Percy disparou em direção ao dispositivo. A hidra sibilou e o seguiu.

— Eu sei! — gritou Efialtes, feliz. — Nós podemos começar com explosões ao longo da Via Labicana! Nós não podemos deixar nosso público esperando para sempre.

Percy mexeu atrás do cavalete e voltou-o para Efialtes. Ele não tinha a habilidade para máquinas de Leo, mas sabia como atirar com uma arma. A hidra barrou em sua direção, bloqueando sua vista do gigante. Percy esperava que sua geringonça pudesse ter força de fogo o suficiente para que derrubasse dois alvos de uma só vez. Ele puxou a alavanca. Ela não se moveu.

Todas as oito cabeças da hidra pairavam sobre ele, prontas para derretê-lo em uma piscina de lodo. Ele puxou a alavanca novamente. Dessa vez o cavalete se sacudiu e começou a assobiar.

— Esconder e proteger! — Percy gritou, esperando que seus amigos entendessem a mensagem.

Percy saltou para um lado do cavalete em chamas. O som foi como uma festa no meio da explosão de uma fábrica de pólvora. A hidra vaporizou instantaneamente. Infelizmente, o ferrolho bateu no lado do cavalete e mandou mais projeteis por toda a sala. Um pedaço do teto foi atingido e quebrou um pedaço de uma roda hidráulica. Mais gaiolas foram arrebentadas em suas correntes, liberando duas zebras e um bando de

hienas. Uma granada explodiu sobre a cabeça de Efialtes, mas isso só o desequilibrou. O painel de controle sequer pareceu estragado.

Do outro lado da sala, sacos de areia choviam ao redor de Piper e Nico. Piper tentou puxar Nico para um lugar seguro, mas um dos sacos a pegou pelo ombro e a derrubou.

— Piper! — Chorou Jason. Ele correu em direção a ela, completamente esquecido de Oto, que mirou sua lança nas costas de Jason.

— Cuidado! — Gritou Percy.

Jason teve reflexos rápidos. Assim que Oto jogou a lança, Jason rolou. O lança passou por cima dele e Jason sacudiu suas mãos, convocando uma rajada de vento que mudou a direção da lança. Ela voou pela sala e espetou Efialtes na sua lateral justo quando ele ficava de pé novamente.

— Oto! — Efialtes tropeçou fora do seu painel de controle, agarrando a lança quando ele começava a se desfazer em poeira de monstro. — Você poderia, por favor, parar de me matar!

— Não foi minha culpa!

Oto tinha acabado de terminar de falar quando a engenhoca lançadora de míssil de Percy cuspiu uma última esfera de fogos de artifícios romana. A fumegante bola rosa da morte (naturalmente ela tinha que ser rosa) atingiu o teto acima de Oto e explodiu em um bonito chuveiro de luz cheio de cores ao redor do gigante. Então uma parte do teto com dez metros caiu atingindo ele.

Jason correu para o lado de Piper. Ela gritou quando ele tocou o seu braço. Seu ombro parecia estranhamente dobrado, mas ela murmurou:

— Tudo bem, eu estou bem — próximo a ela, Nico sentou-se, olhou ao redor atordoado como se tivesse acabado de perceber que havia perdido a batalha.

Infelizmente, os gigantes não tinham terminado. Efialtes estava ainda se reformando, sua cabeça e ombros crescendo do monte de poeira. Ele liberou seus braços e olhou furiosamente para Percy.

Ao longo da sala, a pilha de cascalho se moveu e Oto surgiu. Sua cabeça estava meio desmoronada. Todos os fogos de artifício em seu cabelo estalaram e suas tranças soltavam fumaça. Seu collant estava em farrapos, e esse era o único jeito daquilo parecer menos atraente nele.

— Percy! — gritou Jason. — Os controles!

Percy descongelou. Ele achou Contracorrente em seu bolso de novo, destampou sua espada e se lançou para o quadro. Ele cortou sua lâmina através do topo, decapitando os controles em um banho de fogos de bronze.

— Não! — gritou Efialtes. — Você arruinou o espetáculo!

Percy se virou muito lentamente. Efialtes balançou a sua lança com um bastão e o acertou em seu peito. Ele caiu de joelhos, a dor transformando sua barriga em lava.

Jason correu para seu lado, mas Oto entrou em sua frente. Percy conseguiu se erguer e pôs a si mesmo ombro com ombro com Jason. Sobre o estrado, Piper estava ainda no chão, incapaz de se levantar. Nico estava vagamente consciente.

Os gigantes estavam se curando, ficando mais fortes a cada minuto. Percy não.

Efialtes sorriu se desculpando.

— Cansado, Percy Jackson? Como eu disse, você não pode nos matar. Então eu acho que nós chegamos a um impasse. Ah, espere... Não, nós não chegamos! Porque nós podemos matar vocês!

— Essa — Oto resmungou, pegando sua lança caída — foi a primeira coisa sensata que você disse o dia todo, irmão.

Os gigantes apontaram suas armas, prontos para transformar Percy e Jason em espetinhos de semideuses.

— Nós não vamos desistir — disse Jason. — Nós vamos cortar vocês em pedaços assim como Júpiter fez com Saturno.

— É isso aí — disse Percy. — Vocês dois estão mortos. Eu não ligo se nós temos deuses do nosso lado ou não.

— Bem, isso é uma pena — disse uma nova voz.

Ao seu lado direito, outro tablado baixou do telhado. Inclinando casualmente em um apoio coberto de cones de pinheiro estava um homem em uma blusa roxa de acampamento, short cáqui e sandálias com meias brancas. Ele levantou seu chapéu de abas largas e uma chama roxa flamejou em seus olhos.

— Eu odiaria pensar que fiz uma viagem especial por nada.

XLVII

PERCY

Percy nunca tinha pensado no Sr. D como uma influência tranquilizadora, mas de repente tudo ficou quieto. As máquinas pararam. Os animais selvagens pararam de rosnar.

Os dois leopardos caminharam – ainda lambendo os lábios por causa do presunto assado de Piper – passaram sua cabeça carinhosamente contra as pernas do deus. O Sr. D coçou suas orelhas.

— Realmente, Efialtes — ele repreendeu. — Matar semideuses é uma coisa. Mas usar leopardos para seu espetáculo? Isso é passar dos limites.

O gigante soltou um grunhido.

— Isso... Isso é impossível. D... D...

— É Baco, atualmente, meu velho amigo — disse o deus. — E é claro que é possível. Alguém me disse que havia uma festa acontecendo.

Ele parecia o mesmo de quando tinha aparecido no Kansas, mas Percy ainda não conseguia superar as diferenças entre Baco e seu velho amigo-

não-tão-legal Sr. D.

Baco era fraco e magro, com uma barriguinha menor. Ele tinha um cabelo mais longo, sua passada era mais firme e havia muito mais raiva em seus olhos. Ele até conseguiu fazer uma pinha em uma vara parecer intimidante. A lança de Efialtes tremeu.

— Você... Os deuses estão condenados! Vá embora, em nome de Gaia!

— Hum. — Baco não parecia impressionado. Ele caminhou entre os adereços, plataformas e os efeitos especiais arruinados. — Cafona — ele acenou com a mão para um gladiador pintado em madeira, em seguida, virou-se para uma máquina que parecia um cilindro enorme cravejado com facas. — Barato. Chato.

— E isso... — ele inspecionou a engenhoca que lançava foguetes e ainda soltava fumaça. — Cafona, barato *e* chato. Honestamente, Efialtes. Você não tem senso de estilo.

— ESTILO? — O rosto do gigante ficou vermelho. — Eu tenho *muito* estilo. Eu *defino* estilo. Eu... Eu...

— Meu irmão exala estilo — sugeriu Oto.

— Obrigado! — choramingou Efialtes.

Baco se adiantou e os gigantes cambalearam para trás.

— Você dois ficaram menores? — perguntou o deus.

— Ah, isso foi cruel — rosnou Efialtes. — Somos altos o suficiente para destruí-lo, Baco! Vocês, deuses, sempre se escondendo atrás de seus heróis mortais, confiando o destino do Olimpo a heróis como estes.

Ele zombou de Percy.

Jason levantou sua espada.

— Lorde Baco, vamos matar esses gigantes ou não?

— Bem, eu certamente espero que sim — disse Baco. — Por favor, continuem.

Percy o encarou.

— Você não veio aqui para ajudar?

Baco deu de ombros.

— Ah, eu apreciei o sacrifício no mar. Um navio cheio de Coca Diet. Muito bom. Embora eu preferisse Pepsi Diet.

— E seis milhões em ouro e joias — murmurou Percy.

— Sim — disse Baco — embora com a celebração de cinco ou mais semideuses a gratuidade estava incluído, portanto não era necessário.

— O quê?

— Deixa pra lá — disse Baco. — De qualquer forma, vocês atraíram a minha atenção. Eu estou aqui. Agora preciso ver se vocês são dignos de minha ajuda. Vão em frente. Batalhem. Se eu ficar impressionado, vou entrar para o *grand finale.*

— Nós espetamos um — disse Percy. — Derrubamos o telhado no outro. O que você considera impressionante?

— Ah, uma boa pergunta... — Baco bateu seu tirso. Então ele sorriu de uma forma que fez Percy pensar: *Uh–oh.* — Talvez você precise de inspiração! O palco não foi propriamente montado. Você chama isto de espetáculo, Efialtes? Deixe-me mostrar-lhe como se faz.

O deus se dissolveu em névoa roxa. Piper e Nico desapareceram.

— Pipes! — gritou Jason. — Baco, onde você...?

O andar inteiro tremeu e começou a subir. O teto abriu em uma série de painéis. A luz solar invadiu. O ar brilhava como uma miragem e Percy ouviu o rugido de uma multidão acima dele. O hipogeu subiu por uma floresta de colunas de pedra desbotada no meio de um coliseu arruinado.

O coração de Percy deu uma cambalhota. Este não era apenas qualquer coliseu. Era *o* Coliseu. As máquinas de efeitos especiais dos gigantes faziam hora extra, colocando tábuas para apoio através das vigas arruinadas

deixando a arena com um piso adequado novamente. As arquibancadas repararam-se até o branco ficar brilhante. Um toldo vermelho e dourado gigante estendeu-se acima de suas cabeças para proporcionar sombra do sol da tarde. A cabine do imperador foi coberta com seda, ladeada por bandeiras e águias douradas. O rugido de aplausos veio de milhares de brilhantes fantasmas roxos, os *lares* de Roma trazidos de volta para outro espetáculo.

Aberturas surgiram no chão e espalharam areia em toda a arena. Adereços enormes surgiram – montanhas de gesso do tamanho de garagens, colunas de pedra e (por alguma razão) animais de fazenda de plástico em tamanho real. Um pequeno lago apareceu em um lado. Valas cruzavam o chão da arena no caso de alguém estar no clima para uma guerra com trincheiras. Percy e Jason estavam juntos de frente para os gêmeos gigantes.

— Este é um show de verdade! — ecoou a voz de Baco. Ele sentou-se no camarote do imperador vestindo mantos roxos e louros dourados. Na sua esquerda sentavam Nico e Piper, que tinha seu ombro cuidado por uma ninfa em um uniforme de enfermeira. À direita de Baco tinha um sátiro agachado oferecendo Doritos e uvas. O deus levantou uma lata de Pepsi Diet e a multidão ficou respeitosamente silenciosa.

Percy olhou para ele.

— Você vai apenas ficar sentado?

— O semideus está certo! — berrou Efialtes. — Lute contra nós você mesmo, covarde! Hã, sem os semideuses.

Baco sorriu preguiçosamente.

— Juno diz que montou uma equipe de semideuses digna. Mostre-me. Entretenha-me, heróis do Olimpo. Dê-me uma razão para fazer mais. Ser um deus tem seus privilégios.

Ele levantou sua lata de refrigerante e a multidão aplaudiu.

XLVIII

PERCY

Percy havia lutado muitas batalhas. Havia lutado inclusive em algumas arenas, mas nada comparado a isso. No enorme Coliseu, com centenas de fantasmas torcendo, o deus Baco o encarando e dois gigantes de quatro metros pairando sobre ele, Percy se sentiu pequeno e insignificante como uma formiga. Também se sentiu *muito* irritado.

Lutar contra gigantes era uma coisa. Baco transformar isso em um jogo era outra coisa.

Percy se lembrou de algo que Luke Castellan havia dito alguns anos atrás: quando Percy voltou de sua primeira missão: *Você não se deu conta de quão inútil tudo isso é? Todos os heróis sendo peões dos olimpianos*.

Percy estava com quase a mesma idade que Luke naquela época. Ele pôde entender agora como Luke se tornou tão rancoroso. Nos últimos quatro anos, Percy havia sido um peão vezes demais. Os olimpianos pareciam se revezarem para usá-lo em seus planos.

Talvez os deuses fossem melhores que os titãs, ou os gigantes, ou Gaia, mas isso não os fazia bons ou sábios. Isso não fazia Percy gostar dessa arena de batalha estúpida.

Infelizmente, ele não tinha muita escolha. Se fosse salvar seus amigos, ele precisava derrotar esses gigantes. Tinha que sobreviver para encontrar Annabeth.

Efialtes e Oto tornaram sua decisão mais fácil ao atacar. Juntos, os gigantes pegaram uma montanha de mentira tão grande quanto o apartamento de Percy em Nova York e arremessaram nos semideuses.

Percy e Jason foram rápidos. Eles mergulharam juntos na trincheira mais próxima e a montanha se despedaçou acima deles, os pulverizando com estilhaços de gesso. Não era mortal, mas pinicava demais.

A multidão vaiava e gritava por sangue.

— *Luta! Luta!*

— Pego o Oto de novo? — Jason gritou por cima do barulho. — Ou você o quer dessa vez?

Percy tentou pensar. Dividir era o caminho natural – lutar contra os gigantes um contra um, mas isso não tinha funcionado bem da última vez. Ocorreu a ele que precisavam de uma estratégia diferente.

Durante toda a missão, Percy se sentiu responsável por liderar e proteger seus amigos.

Ele tinha certeza que Jason se sentia do mesmo jeito. Eles tinham trabalhado em grupos pequenos, torcendo que fosse mais seguro. Lutaram sozinhos, cada semideus fazendo o que fazia de melhor. Mas Hera havia feito deles um grupo de sete por uma razão. As poucas vezes que Percy e Jason lutaram juntos, convocando a tempestade no Forte Sumter, ajudando o *Argo II* a escapar das Colunas de Hércules, mesmo inundando o ninfeu – Percy havia se sentindo mais confiante, mais capaz de resolver problemas,

como se ele tivesse sido um ciclope por toda a sua vida e de repente tivesse acordado com dois olhos.

— Nós atacamos juntos — disse ele. — Primeiro Oto, que é mais fraco. Acabamos com ele rápido e vamos atrás de Efialtes. Bronze e ouro juntos... talvez isso faça com que eles demorem um pouco mais para voltar.

Jason sorriu secamente, como se tivesse acabado de descobrir que iria morrer de um jeito constrangedor.

— Porque não? — concordou ele. — Mas Efialtes não vai ficar lá parado esperando enquanto nós matamos seu irmão. A menos...

— Bons ventos hoje — Percy ofereceu. — E tem alguns canos de água correndo embaixo da arena. — Jason entendeu imediatamente.

Ele riu e Percy sentiu uma faísca de amizade. Esse cara pensava igual a ele sobre muitas coisas.

— No três? — disse Jason.

— Porque esperar?

Eles saíram da trincheira. Como Percy suspeitava, os gêmeos haviam levantado outra montanha de gesso e estavam esperando por uma chance. Percy fez um cano de água explodir sob seus pés, estremecendo o chão. Jason enviou uma rajada de vento no peito de Efialtes. O gigante de cabelos roxos foi derrubado para trás e Oto largou a montanha, que imediatamente caiu em cima do seu irmão... Somente os pés de cobra de Efialtes ficaram livres, mexendo suas cabeças para os lados, como se se perguntasse para onde o resto do seu corpo havia ido.

A multidão rugiu de aprovação, mas Percy suspeitou que Efialtes estivesse somente atordoado. Eles tinham poucos segundos no máximo.

— Ei, Oto! — gritou ele. — O *Quebra-Nozes* é ruim!

— Ahhhhh! — Oto levantou sua lança e a arremessou, mas estava muito nervoso para apontar direito. Jason a desviou sobre a cabeça de Percy

direto para o lago.

Os semideuses moveram-se em direção a água, gritando insultos sobre balé, o que era tipo um desafio, já que Percy não sabia muito sobre isso.

Oto foi em direção a eles de mãos vazias, antes de perceber que a) ele estava de mãos vazias e b) ir em direção a uma grande quantidade de água para lutar contra um filho de Poseidon talvez não fosse uma boa ideia.

Tarde demais, ele tentou parar. Os semideuses rolaram para os lados e Jason invocou o vento, usando a própria energia do gigante para empurrá-lo na água. Enquanto Oto lutava para subir, Percy e Jason atacaram como um só. Eles se lançaram sobre o gigante e trouxeram as espadas para baixo, acertando a cabeça do gigante.

O pobre coitado não teve nem uma chance de dar uma pirueta. Ele explodiu em poeira na superfície do lago como suco em pó.

Percy transformou o lago em um redemoinho. A essência de Oto tentou se reformar, mas assim que sua cabeça surgia na água, Jason invocava raios e o explodia em poeira novamente.

Até agora tudo bem, mas eles não podiam manter Oto caído para sempre. Percy estava cansado das suas batalhas no subterrâneo. Seu intestino ainda doía por ter sido acertado pela haste da lança. Ele podia sentir suas forças se acabando e ainda tinham outro gigante para lidar.

Como uma deixa, a montanha de gesso explodiu atrás deles. Efialtes ficou roxo, berrando de raiva.

Percy e Jason esperaram enquanto ele se dirigia pesadamente até eles, sua lança em mãos. Aparentemente, ser achatado por uma montanha de gesso somente deu energias a ele. Seus olhos dançavam com uma luz assassina. O sol da tarde brilhava em seu cabelo trançado. Até seus pés de cobra pareciam zangados, suas presas aparecendo e assobiando.

Jason invocou outro relâmpago, mas Efialtes aparou com sua lança e desviou a explosão, derretendo uma vaca de plástico em tamanho real. Ele tirou uma coluna de pedra para fora de seu caminho como uma pilha de blocos de construção.

Percy tentou manter o lago agitado. Ele não queria Oto ressurgindo para se juntar a luta, mas como Efialtes se aproximou, Percy precisou mudar seu foco.

Jason e ele conheceram a força do gigante. Eles investiram contra Efialtes, esfaqueando e cortando num borrão de ouro e bronze, mas o gigante segurou todos os ataques.

— Eu não irei me render! — rosnou Efialtes. — Vocês podem ter arruinado meu espetáculo, mas Gaia irá destruir o seu mundo!

Percy atacou, cortando ao meio a lança do gigante. Efialtes nem se perturbou. O gigante fez um movimento rápido usando o apoio de sua lança e derrubou Percy no chão.

Percy caiu em cima do braço onde usava sua espada e Contracorrente fugiu de seu controle.

Jason tentou tirar vantagem. Ele se aproximou do gigante e esfaqueou o seu peito, mas de algum jeito Efialtes desviou o ataque. Ele cortou o peito de Jason com a ponta de sua lança, rasgando sua camiseta roxa. Jason tropeçou, olhando a fina linha de sangue sob seu esterno. Efialtes o chutou para trás.

Em cima dos aposentos do imperador, Piper chorava desesperadamente, mas sua voz se perdeu em meio ao rugido da multidão. Baco contemplou a cena com um sorriso divertido, comendo um saco de Doritos.

Efialtes se elevou sobre Percy e Jason, ambas as metades de sua lança quebrada pairando sob suas cabeças. O braço que Percy segurava a espada

estava inútil. O gládio de Jason saiu deslizando pelo chão da arena. O plano tinha falhado.

Percy olhou para Baco, decidindo qual maldição final lançar no inútil deus do vinho, quando viu uma forma a cima do céu do Coliseu – uma grande forma oval escura descendo rapidamente.

Do lago, Oto gritava, tentando alertar o irmão, mas seu rosto quase dissolvido conseguiu apenas um:

— Uh-umh-moooo!

— Não se preocupe, irmão! — Efialtes disse, seus olhos fixos nos semideuses. — Eu farei eles sofrerem!

O *Argo II* apareceu no céu, mostrando suas armas e fogo verde jorrou da balista.

— Na verdade — disse Percy. — Olhe atrás de você.

Ele e Jason rolaram para longe enquanto Efialtes berrava de descrença.

Percy se jogou dentro de uma trincheira assim que a explosão sacudiu o Coliseu.

Quando escalou de volta pra fora, o *Argo II* estava se preparando para aterrissar.

Jason colocou a cabeça para fora de seu escudo antibomba improvisado de cavalo de plástico. Efialtes estava carbonizado e gemendo no chão da arena, a areia em torno dele queimando num ralo de vidro que surgia pelo calor do fogo grego. Oto estava se debatendo no lago, tentando se reformar, mas dos braços para baixo já pareciam um mingau de aveia.

Percy cambaleou até Jason e bateu no seu ombro. A multidão fantasmagórica os deu uma ovação de pé enquanto o *Argo II* estendia seu trem de pouso, pousando no chão da arena.

O Treinador Hedge dançou em volta da plataforma de tiro, agitando seus punhos no ar e gritando:

— Era disso que eu estava falando!

Percy se virou para os aposentos do imperador.

— Então? — ele gritou para Baco. — Isso foi divertido o bastante pra você, seu vinho não fermentado...

— Não há necessidade disso — de repente o deus estava parado ao seu lado na arena. Ele limpou os farelos de Doritos da sua túnica roxa. — Eu decidi que vocês são parceiros dignos para esta luta.

— Parceiros? — rosnou Jason. — Você não fez nada!

Baco andou até a beira do lago. A água instantaneamente drenou, deixando uma pilha bagunçada do que sobrou da cabeça de Oto. Baco foi até o fundo e olhou para a multidão. Ele levantou seu tirso.

A multidão vaiou e gritou apontando seus polegares para baixo. Percy nunca teve certeza se aquilo significava *viver* ou *morrer*. Ele havia ouvido dos dois jeitos.

Baco escolheu a opção mais divertida. Ele esmagou a cabeça de Oto com seu cajado de pinhas e a pilha do que sobrou de Oto desintegrou completamente.

A multidão foi à loucura. Baco escalou para fora do lago e andou firme até Efialtes, que ainda estava jogado todo esparramado, bem passado e fumegando.

De novo, Baco ergueu seu tirso.

— MATE! — pediu a multidão.

— NÃO FAÇA ISSO! — gritou Efialtes.

Baco bateu no nariz do gigante e Efialtes se desintegrou em cinzas.

Os fantasmas aplaudiram e jogaram confetes espectrais ao mesmo tempo em que Baco caminhou em torno do estádio com seus braços erguidos triunfalmente para o navio de guerra. Ele sorriu para os semideuses.

— *Isso*, meus amigos, é um show. É *óbvio* que eu fiz alguma coisa. Eu matei dois gigantes!

Assim que os amigos de Percy desembarcaram do navio, o batalhão de fantasmas cintilou e desapareceu. Piper e Nico lutaram para descer da caixa do imperador assim que a renovação mágica do Coliseu começou a transformá-la em névoa. O chão da arena permaneceu sólido, mas de outra forma o estádio pareceria como se não tivesse sediado um massacre de gigantes por eras.

— Bem — disse Baco. — Isso foi divertido. Vocês têm minha permissão para continuar sua viagem.

— Sua *permissão*? — rosnou Percy.

— Sim. — Baco levantou uma sobrancelha. — Embora *sua* viagem possa ser um pouco mais difícil do que você esperava, filho de Netuno.

— Poseidon — Percy o corrigiu automaticamente. — O que você quer dizer com a *minha* viagem?

— Você deveria tentar o estacionamento atrás do Edifício Emmanuel — disse Baco. — Melhor lugar para forçar sua entrada. Agora, adeus, meus amigos. E, ah, boa sorte com aquele outro pequeno problema.

O deus se evaporou numa nuvem de névoa que cheirava vagamente a suco de uva. Jason correu para encontrar Piper e Nico.

O Treinador Hedge trotou até Percy, com Hazel, Frank e Leo bem atrás dele.

— Aquele era Dioniso? — perguntou Hedge. — Eu adoro aquele cara.

— Vocês estão vivos! — disse aos outros. — Os gigantes disserem que vocês foram capturados. O que aconteceu?

Leo deu de ombros.

— Ah, só mais um plano brilhante de Leo Valdez. Você ficaria impressionado com o que se pode fazer com uma esfera de Arquimedes,

uma garota que pode pressentir coisas que estão embaixo da terra e uma doninha.

— Eu era a doninha — Frank disse melancolicamente.

— Basicamente — Leo explicou — eu ativei um parafuso hidráulico com o dispositivo de Arquimedes... que vai ficar *demais* quando eu instalá-lo no navio, em todo caso. Hazel detectou o caminho mais fácil para cavarmos para a superfície. Nós fizemos um túnel grande o suficiente para uma doninha e Frank escalou por ele com um simples transmissor que eu juntei. Depois disso, foi só uma questão de invadir o satélite de canais favorito do Treinador Hedge e mandar que ele trouxesse o navio para nos resgatar. Depois que o navio chegou, achar vocês foi fácil, graças ao espetáculo de luz divina no Coliseu.

Percy entendeu somente dez por cento da história de Leo, mas ele decidiu que era o suficiente desde que ele tinha uma pergunta mais urgente.

— Cadê a Annabeth?

Leo estremeceu.

— É, sobre isso... Ela ainda está com problemas, achamos. Machucada, perna quebrada, talvez... pelo menos de acordo com a visão que Gaia nos mostrou. Resgatá-la é nossa próxima parada.

Dois segundos antes, Percy estava à beira de um colapso. Agora outra descarga de adrenalina passou pelo seu corpo. Ele queria estrangular Leo e exigir porque o *Argo II* não havia velejado para salvar Annabeth antes, mas ele pensou que isso soaria um pouco mal-agradecido.

— Conte-me sobre a visão — disse ele. — Conte-me tudo.

O chão balançou. As pranchas de madeira começaram a desaparecer, derramando areia dentro das covas do hipogeu abaixo.

— Vamos conversar a bordo — sugeriu Hazel. — É melhor irmos embora enquanto ainda podemos.

Eles navegaram para fora do Coliseu e desviaram-se para o sul á cima dos telhados de Roma.

Em torno de toda Piazza del Colosseo, o trânsito estava parado. Uma multidão de mortais estava reunida, provavelmente se perguntando sobre as estranhas luzes e sons que vinham das ruínas. Até onde Percy conseguia ver, nenhum dos espetaculares planos de destruição dos gigantes havia tido sucesso. A cidade parecia como antes. Ninguém parecia ter notado um navio grego subindo pelos céus.

Os semideuses se juntaram em torno do leme. Jason enfaixava o ombro torcido de Piper enquanto Hazel sentou na popa, dando um pouco de ambrósia para Nico. O filho de Hades mal podia levantar sua cabeça. Sua voz estava tão baixa, que Hazel tinha que se inclinar sempre que ele falava.

Frank e Leo contaram novamente o que havia acontecido na sala das esferas de Arquimedes e a visão que Gaia havia mostrado a eles no espelho de bronze. Eles rapidamente decidiram que a melhor pista para encontrar Annabeth era o conselho criptografado que Baco havia dado: o Edifício Emmanuel, o que quer que ele fosse. Frank começou a digitar no computador do leme enquanto Leo batia furiosamente nos controles, balbuciando "Edifício Emmanuel. Edifício Emmanuel". O Treinador Hedge tentava ajudar lutando contra um mapa de Roma.

Percy se ajoelhou ao lado de Jason e Piper.

— Como está o ombro?

Piper sorriu.

— Eu vou me curar. Vocês dois foram o máximo.

Jason deu uma cotovelada em Percy.

— Não somos uma equipe ruim, você e eu.

— Melhor que competindo num campo de milho do Kansas — concordou Percy.

— Ai está! — Leo choramingou, apontando para o seu monitor. — Frank, você é incrível! Estou arrumando o curso.

Frank deu de ombros.

— Eu só li o nome na tela. Algum turista chinês o marcou no Google Maps.

Leo sorriu para os outros.

— Ele lê chinês.

— Só um pouquinho — disse Frank.

— Isso não é demais?

— Gente — Hazel se intrometeu. — Eu odeio interromper sua sessão de admiração, mas vocês devem ouvir isso.

Ela ajudou Nico a se levantar. Ele sempre fora pálido, mas agora sua pele parecia leite em pó. Seus escuros olhos encovados lembravam Percy de fotos que ele havia visto de prisioneiros de guerra que foram libertados, o qual Percy suspeitava que Nico fosse, basicamente.

— Obrigado — Nico disse com a voz áspera. Seus olhos passavam nervosamente em torno do grupo. — Eu não tinha mais esperanças.

Pela última semana mais ou menos, Percy havia imaginado muitas coisas severas que ele gostaria de dizer a Nico quando se vissem de novo, mas o cara parecia tão frágil e triste, que Percy não conseguiu ficar com muita raiva.

— Você sabia sobre os dois acampamentos o tempo todo — disse Percy. — Você poderia ter me dito quem eu era no primeiro dia que cheguei ao Acampamento Júpiter, mas não me contou.

Nico caiu contra o leme.

— Percy, me desculpa. Eu descobri sobre o Acampamento Júpiter ano passado. Meu pai me levou até lá, apesar de eu não saber por quê. Ele me contou que os deuses mantiveram os acampamentos separados por séculos e eu não poderia contar a ninguém. Não era a hora certa. Mas ele disse que seria importante para eu saber... — Ele se dobrou ao meio tossindo.

Hazel segurou seus ombros até que ele pudesse ficar de pé novamente.

— Eu pensava que ele fez isso por causa da Hazel — continuou Nico. — Eu precisava de um lugar seguro para levá-la. Mas agora... Acho que ele queria que eu soubesse sobre os dois acampamentos para entender o quão importante a missão de vocês era e para então procurar pelas Portas da Morte.

O ar se tornara elétrico – literalmente, quando Jason começou a soltar faíscas.

— Você encontrou as Portas? — perguntou Percy.

Nico assentiu com a cabeça.

— Eu fui um idiota. Pensei que eu pudesse ir a qualquer lugar no Mundo Inferior, mas fui direto para a armadilha de Gaia. Eu também poderia ter tentado correr de um buraco negro.

— Um... — Frank mordeu seu lábio. — De qual tipo de buraco negro você está falando?

Nico começou a falar, mas o que quer que ele fosse dizer deveria ser muito aterrorizador. Ele se virou para Hazel.

Ela pôs a mão no braço do irmão.

— Nico me contou que as Portas da Morte têm dois lados, um no mundo mortal, um no Mundo Inferior. O lado *mortal* do portal é na Grécia. É fortemente guardado pelas forças de Gaia. Foi de lá que eles trouxeram Nico de volta para o mundo aqui em cima. Depois, eles o transportaram para Roma.

Piper deveria estar nervosa, porque sua cornucópia cuspiu um cheeseburger.

— Exatamente onde na Grécia fica esse portal?

Nico respirou fundo.

— A Casa de Hades. É um templo no subsolo em Épiro. Eu posso marcá-lo no mapa, mas... mas o lado mortal do portal não é o problema. No Mundo Inferior, as Portas da Morte são no... no...

Um par de mãos frias fizeram um passeio pela espinha de Percy.

Um *buraco negro*. Uma parte inescapável do Mundo Inferior onde nem Nico di Angelo poderia ir. Porque Percy não pensou nisso antes? Ele havia estado bem perto dos limites daquele lugar. Ele ainda tinha pesadelos sobre isso.

— Tártaro — supôs ele. — A parte mais profunda do Mundo Inferior.

Nico assentiu com a cabeça.

— Eles me empurraram até o buraco, Percy. As coisas que eu vi lá embaixo... — sua voz quebrou.

Hazel franziu os lábios.

— Nenhum mortal já esteve no Tártaro — explicou ela. — No mínimo, ninguém nunca foi e voltou vivo. É a prisão de segurança máxima de Hades, onde os velhos titãs e outros inimigos dos deuses estão presos. É para onde todos os monstros vão quando morrem na terra. É... Bem, ninguém sabe exatamente como é.

Seus olhos afastaram-se do seu irmão. O resto dela pensou que não precisaria ser falado: *Ninguém a não ser Nico.*

Hazel entregou a ele sua espada negra.

Nico se inclinou sobre ela como se fosse a bengala de um velho.

— Agora eu entendo porque Hades não foi capaz de fechar as portas — disse ela. — Mesmo os deuses não vão ao Tártaro. Até o deus da morte,

Thanatos, não iria perto daquele lugar.

Leo deu uma olhada pela roda.

— Deixe-me adivinhar. Nós teremos que ir lá.

Nico balançou sua cabeça.

— É impossível. Eu sou o filho de Hades e mesmo eu mal sobrevivi. As forças de Gaia me subjugariam instantaneamente. Elas são tão poderosas lá embaixo... Nenhum semideus teria chance. Eu quase fiquei louco.

Os olhos de Nico pareciam vidro despedaçado. Percy se perguntou com tristeza se algo dentro dele havia se quebrado para sempre.

— Então velejamos para Épiro — disse Percy. — Nós iremos fechar os portões deste lado.

— Eu gostaria que fosse assim tão fácil — Nico disso. — As portas devem ser controladas pelos dois lados para que possam ser fechadas. Como se fosse um duplo selamento. Talvez, só talvez, todos os sete trabalhando juntos poderiam derrotar as forças de Gaia do lado mortal, na Casa de Hades. Mas a não ser que você tenha um time lutando simultaneamente no lado do Tártaro, um time poderoso o suficiente para derrotar a legião de monstros no território deles.

— Precisa ter um jeito — disse Jason.

Ninguém surgiu com uma brilhante ideia.

Percy pensou que seu estômago estava afundando. Então ele percebeu que o navio inteiro estava descendo em direção a um grande prédio como um palácio.

Annabeth. As notícias de Nico eram tão horríveis que Percy momentaneamente esqueceu que ela continuava em perigo, o que o fez sentir incrivelmente culpado.

— Nós vamos descobrir o problema do Tártaro depois — disse ele. — Esse é o Edifício Emmanuel?

Leo balançou a cabeça.

— Baco disse alguma coisa sobre um estacionamento na parte de trás? Bem, lá está ele. E agora?

Percy se lembrou dos seus sonhos sobre a câmara negra, o zumbido da voz do monstro chamando Sua Senhoria. Ele se lembrou do quão abalada Annabeth estava quando voltou de Forte Sumter após seu encontro com as aranhas. Percy começou a suspeitar o que poderia ter lá embaixo naquele santuário... Literalmente, a mãe de todas as aranhas. Se ele estivesse certo e Annabeth tivesse presa lá embaixo sozinha com aquela criatura por horas, sua perna quebrada... Nesse ponto, ele não se importava se sua missão era para ser só dela ou não.

— Nós precisamos tirá-la de lá — disse ele.

— Bem, é — concordou Leo. — Mas, hã...

Ele parecia querer dizer, *E se for tarde demais?*

Sabiamente, ele mudou de rumo.

— Tem um estacionamento no caminho.

Percy olhou para o Treinador Hedge.

— Baco disse alguma coisa sobre *forçar a entrada*. Treinador, você ainda tem munição para aquela balista?

O sátiro sorriu como uma cabra louca.

— Eu pensei que nunca perguntaria.

XLIX

ANNABETH

Annabeth tinha atingido o limite do terror.

Ela foi atacada por fantasmas chauvinistas. Tinha quebrado o tornozelo. Tinha sido perseguida através de um abismo por um exército de aranhas. Agora, em dor, com o tornozelo envolto em placas e plástico bolha e desarmada, exceto por sua adaga, ela enfrentava a monstruosa metade-aranha Aracne que queria matá-la e fazer uma tapeçaria comemorativa sobre o fato.

Nas últimas horas Annabeth tremeu, suou, gemeu e derramou muitas lágrimas até que o corpo dela simplesmente desistiu de ficar com medo. Sua mente disse algo como: *Ok, desculpe. Não consigo ficar mais aterrorizada do que já estou.*

Então, ao invés disso, Annabeth começou a pensar.

A criatura monstruosa começou a descer a partir do topo coberto por teias da estátua. Ela alternava de fio em fio, sibilando com prazer, seus

quatro olhos brilhando no escuro. Ou ela não estava com pressa ou ela era lenta.

Annabeth esperava que ela fosse lenta.

Não que isso importasse. Annabeth não estava em condições de correr e ela não gostava de suas chances em um combate. Aracne provavelmente pesava várias centenas de quilos.

Aquelas pernas farpadas eram perfeitas para capturar e matar sua presa. Além disso, Aracne provavelmente tinha outros horríveis poderes – uma mordida venenosa ou a habilidade de arremesso de teias como se fosse um Homem-Aranha grego antigo.

Não. Combate não era a resposta.

Sobrou trapaça e inteligência.

Nas lendas antigas, Aracne ficou encrencada por causa de seu orgulho. Ela se gabou de que suas tapeçarias eram melhores do que as de Atena o que tinha conduzido ao primeiro programa reality show de punição da TV Monte Olimpo: *Então Você Acha que Pode Tecer Melhor do que uma Deusa?* Aracne perdeu em grande estilo.

Annabeth sabia algo sobre ser orgulhosa. Esta era *sua* falha fatal também. Muitas vezes teve de se lembrar de que ela não podia fazer tudo sozinha. Ela nem *sempre* era a melhor pessoa para cada tarefa. Às vezes, centralizava sua visão e esquecia o que as outras pessoas precisavam, até mesmo Percy. E ela poderia ficar facilmente distraída falando sobre seus projetos favoritos.

Mas ela poderia usar essa fraqueza contra a aranha? Talvez se ganhasse tempo...

Embora não tivesse certeza de como protelar ajudaria. Seus amigos não seriam capazes de alcançá-la mesmo que soubessem para onde ir. A cavalaria não viria. Ainda assim, protelar era melhor do que morrer.

Ela tentou manter a expressão calma, o que não era fácil com um tornozelo quebrado. Ela mancou para a tapeçaria mais próxima — uma paisagem urbana da Roma Antiga.

— Maravilhosa — disse ela. — Fale-me sobre esta tapeçaria.

Os lábios de Aracne se curvaram sobre suas mandíbulas.

— Por que você se importa? Está prestes a morrer.

— Bem, sim — disse Annabeth. — Mas o jeito com que você capturou a luz é incrível. Você usou verdadeiros fios de ouro para os raios de sol?

A tapeçaria era realmente magnifica. Annabeth não teve que fingir estar impressionada.

Aracne permitiu-se um sorriso de satisfação.

— Não, criança. Não é ouro. Eu misturei as cores, contrastando o amarelo brilhante com tons mais escuros. Isso é o que lhe dá um efeito tridimensional.

— Lindo — a mente de Annabeth dividiu-se em dois níveis diferentes: um continuando com a conversa e o outro tentando loucamente encontrar um esquema para sobreviver.

Nada ocorreu a ela. Aracne foi derrotada apenas uma vez – pela própria Atena e foi preciso magia divina e incrível habilidade em um concurso de tecelagem.

— Então... — disse ela. — Você viu esta cena pessoalmente?

Aracne sibilou, com a boca espumando de uma forma não muito atraente.

— Você está tentando atrasar sua morte. Não vai funcionar.

— Não, não — insistiu Annabeth. — Parece uma pena que essas belas tapeçarias não podem ser vistas por todos. Elas pertencem a um museu, ou...

— Ou o quê? — perguntou Aracne.

Uma ideia completamente maluca começou a surgiu na mente de Annabeth, como sua mãe surgiu da cabeça de Zeus. Mas ela poderia fazer dar certo?

— Nada — ela suspirou melancolicamente. — É um pensamento bobo. Uma pena.

Aracne afundou a estátua até que ela estivesse empoleirada em cima do escudo da deusa. Mesmo daquela distância, Annabeth podia sentir o fedor da aranha, como uma padaria inteira cheia de bolos deixados apodrecendo durante um mês.

— O que? — pressionou a aranha. — Que pensamento bobo?

Annabeth teve que forçar-se a não recuar. Com o tornozelo quebrado ou não, todos os nervos em seu corpo pulsavam com medo, dizendo-lhe para se afastar da enorme aranha pairando sobre ela.

— Ah... É só que eu estive encarregada de redesenhar o Monte Olimpo — disse ela. — Após a Guerra dos Titãs. Eu completei a maior parte do trabalho, mas precisamos de um monte de arte pública de qualidade. A sala do trono dos deuses, por exemplo... Eu estava pensando em exibir seu trabalho lá. Os olimpianos poderiam finalmente ver como você é talentosa. Como eu disse, foi um pensamento bobo.

O abdômen peludo de Aracne tremeu. Seus quatro olhos brilhavam como se ela tivesse um pensamento separado por trás de cada um e estava tentando tecê-las em uma rede coerente.

— Você está redesenhando o Monte Olimpo — disse ela. — Meu trabalho... Na sala do trono.

— Bem, outros lugares também — disse Annabeth. — O pavilhão principal poderia ter vários destes. Aquele retratando a paisagem grega... as Nove Musas adorariam. E eu tenho certeza que os outros deuses lutariam por seu trabalho também. Eles competiriam para ter suas tapeçarias em seus

palácios. Eu acho que, além de Atena, nenhum dos deuses já viu o que você pode fazer.

Aracne estalou as mandíbulas.

— Dificilmente. Nos velhos tempos, Atena rasgou todos meus melhores trabalhos. Minhas tapeçarias representavam os deuses em formas bastante desfavoráveis, entende. Sua mãe não gostava disso.

— Meio hipócrita — Annabeth disse — desde que os deuses zombam uns dos outros o tempo todo. Eu acho que o truque seria pôr um deus contra o outro. Ares, por exemplo, *amaria* uma tapeçaria tirando sarro da minha mãe. Ele sempre se ressentiu de Atena.

A cabeça de Aracne inclinou-se em um ângulo não natural.

— Você iria trabalhar contra a sua própria mãe?

— Estou apenas dizendo o que Ares gostaria — disse Annabeth. — E Zeus adoraria algo que zombasse de Poseidon. Ah, tenho certeza que se os olimpianos vissem o seu trabalho eles perceberiam como você é incrível e eu teria que intermediar uma guerra iminente. Quanto a trabalhar contra a minha mãe, por que eu não deveria? Ela me mandou aqui para morrer, não é? A última vez que a vi em Nova York ela basicamente me renegou.

Annabeth lhe contou a história. Ela compartilhou sua amargura e tristeza e deve ter soado verdadeira. A aranha não atacou.

— Esta é a natureza de Atena — Aracne sibilou. — Ela põe de lado até mesmo sua própria filha. A deusa nunca permitiria que minhas tapeçarias fossem expostas nos palácios dos deuses. Ela sempre teve inveja de mim.

— Mas imagine se você pudesse finalmente conseguir sua vingança.

— Ao matar você!

— Pode ser. — Annabeth coçou a cabeça. — Ou... Pode me deixar ser sua agente. Eu poderia começar seu trabalho no Monte Olimpo. Eu poderia organizar uma exposição para os outros deuses. No momento que minha

mãe descobrisse seria tarde demais. Os olimpianos finalmente verão que o seu trabalho é melhor.

— Então você admite isso! — Aracne chorou. — A filha de Atena admite que eu sou melhor! Ah, isso é soa tão bom aos meus ouvidos.

— Mas você faz muita coisa boa. — Annabeth apontou. — Se eu morrer aqui, você continua vivendo no escuro. Gaia destruirá os deuses e eles nunca perceberam que você era a melhor tecelã.

A aranha assobiou.

Annabeth tinha medo que sua mãe aparecesse de repente e a amaldiçoasse com algum terrível tormento. A primeira lição que cada filho de Atena aprendia: a Mãe era a melhor em tudo e você nunca, *jamais* deveria sugerir o contrário.

Mas nada de ruim aconteceu. Talvez Atena entendesse que Annabeth estava apenas dizendo estas coisas para salvar sua vida. Ou talvez Atena estivesse tão ocupada dividida entre suas personalidades Grega e Romana, que ela não estava nem mesmo prestando atenção.

— Isso não vai acontecer — resmungou Aracne. — Eu não posso permitir isso.

— Bem... — Annabeth se mexeu, tentando manter seu peso fora de seu tornozelo latejante. Uma nova rachadura apareceu no chão e ela mancou de volta.

— Cuidado! — Aracne estalou. — Os alicerces desse santuário foram devorados através dos séculos!

O batimento cardíaco de Annabeth vacilou.

— Devorados?

— Você não tem ideia de quanto ódio ferve abaixo de nós — disse a aranha. — Os pensamentos rancorosos de tantos monstros que tentaram chegar a Atena Partenos para destruí-la. Minha teia é a única coisa que

mantém este lugar unido, menina! Um passo em falso e você terá longa queda até chegar ao Tártaro... e acredite em mim, ao contrário das Portas da Morte, esta seria uma viagem só de ida, uma queda muito grande! Eu *não* deixarei você morrer antes de me dizer o seu plano para a minha arte.

A boca de Annabeth tinha gosto de ferrugem. *Longa queda até chegar ao Tártaro?* Ela tentou manter o foco, mas não era fácil ouvindo o chão rangendo e crepitando, derramando escombros no vazio abaixo.

— Certo, o plano — disse Annabeth. — Hã... Como eu disse, eu adoraria levar suas tapeçarias para o Olimpo e pendurá-los em toda parte. Você pode esfregar o seu artesanato no nariz de Atena por toda a eternidade. Mas a única maneira que eu poderia fazer isso... Não. É muito difícil. Então você pode ir em frente e me matar.

— Não! — Aracne chorou. — Isso é inaceitável. Já não me traz qualquer prazer apenas contemplar. Eu devo levar o meu trabalho ao Monte Olimpo! O que devo fazer?

Annabeth balançou a cabeça.

— Desculpe, eu não deveria ter dito nada. Apenas envie-me para o Tártaro ou algo assim.

— Eu me recuso!

— Não seja ridícula. Mate-me.

— Eu não recebo ordens de você! Diga-me o que devo fazer! Ou... Ou...

— Ou você vai me matar?

— Sim! Não! — A aranha apertou suas pernas da frente contra a sua cabeça. — Eu tenho que mostrar o meu trabalho no Monte Olimpo.

Annabeth tentou conter sua animação. Seu plano poderia realmente funcionar... Mas ela ainda tinha que Aracne convencer a fazer algo

impossível. Lembrou-se de um bom conselho que Frank Zhang tinha dado a ela: *Mantenha a simplicidade*.

— Acho que eu poderia puxar algumas cordas — admitiu ela.

— Eu me destaco em puxar cordas! — disse Aracne. — Eu sou uma aranha!

— Sim, mas para começar a expor seu trabalho no Monte Olimpo, precisaríamos de uma audição adequada. Eu teria que lançar a ideia, fazer uma proposta, montar um portfólio. Hã... Você tem algumas fotografias?

— Fotografias?

— Preto-e-branco lustrosa... Ah, não importa. A parte da audição é a coisa mais importante. Estas tapeçarias são excelentes. Mas os deuses exigiriam algo *realmente* especial... algo que mostra o seu talento ao extremo.

Aracne rosnou.

— Você está sugerindo que estes não são os meus melhores trabalhos? Você está desafiando-me para um concurso?

— Ah, não! — Annabeth riu. — Contra mim? Meus deuses, não. Você é *muito* boa. Seria apenas uma competição contra si mesma para ver se você realmente tem o que é preciso para mostrar o seu trabalho no Monte Olimpo...

— É claro que eu tenho!

— Bem, eu certamente acho que sim. Mas o teste... É uma formalidade. Eu temo que será muito difícil. Tem certeza de que não quer apenas me matar?

— Pare de dizer isso! — gritou Aracne. — O que devo fazer?

— Eu vou te mostrar. — Annabeth abriu sua mochila. Ela tirou o laptop de Dédalo e o abriu.

O logotipo delta brilhava no escuro.

— O que é isso? — perguntou Aracne. — Algum tipo de tear?

— De certa forma — disse Annabeth. — É para tecer ideias. Ele mantém um diagrama do trabalho artístico que você iria construir.

Seus dedos tremiam no teclado. Aracne abaixou-se para olhar diretamente sobre o ombro de Annabeth. Annabeth não pode deixar de pensar como facilmente os dentes de agulha poderiam afundar em seu pescoço.

Ela iniciou o programa de imagem 3D. Seu último projeto ainda estava aberto – a chave para o plano de Annabeth era inspirado na pessoa mais improvável de todas: Frank Zhang.

Annabeth fez alguns cálculos rápidos. Ela aumentou as dimensões do modelo e depois mostrou a Aracne como poderia ser criado – fios de algum tipo de tecido em tiras, em seguida trançados dentro de um longo cilindro.

A luz dourada da tela iluminou o rosto de aranha.

— Você quer que eu faça isso? Mas isso não é nada! Tão pequeno e simples!

— O tamanho real será muito maior — advertiu Annabeth. — Você vê estas medições? Naturalmente, deve ser grande o suficiente para impressionar os deuses. Pode parecer simples, mas a estrutura tem propriedades incríveis. Sua seda de aranha seria o material perfeito... macio e flexível, mas duro como aço.

— Eu entendo... — Aracne franziu a testa. — Mas isto ainda não é uma tapeçaria.

— É por isso que é um desafio. Está fora de sua zona de conforto. Uma peça como esta... uma escultura abstrata... é isso o que os deuses estão querendo. Isto ficaria no salão de entrada da sala do trono do Olimpo para todos os visitantes verem. Você seria famosa para sempre!

Aracne fez um zumbido insatisfeito em sua garganta. Annabeth poderia dizer que ela não estava comprando a ideia. Suas mãos começaram a sentir

frio e suado.

— Isso precisaria de uma grande quantidade de teias — reclamou a aranha. — Mais do que eu poderia fazer em um ano.

Annabeth estava esperando por isso. Ela calculou a massa e tamanho de em conformidade.

— Você precisa desenrolar a estátua. — disse ela. — Reutilizar a seda.

Aracne parecia prestes a protestar, mas Annabeth gesticulou para a Atena Partenos como se não fosse nada.

— O que é mais importante... cobrir essa velha estátua ou provar que sua obra de arte é o melhor? Claro, você deve ser extremamente cuidadosa. Precisaria deixar teias suficientes para impedir que este lugar desabe. Então, se você acha que é muito difícil...

— Eu não disse isso!

— Tudo bem. É só... Atena disse que a criação dessa estrutura trançada seria impossível para qualquer tecelão, até mesmo ela. Então, se você não acha que pode...

— Atena disse isso?

— Bem, sim.

— Ridículo! Eu posso fazer isso!

— Ótimo! Mas você precisa começar imediatamente, antes que os olimpianos decidam escolher outro artista para suas instalações.

Aracne rosnou.

— Se você estiver me enganando, garota...

— Você me tem como refém — lembrou Annabeth. — Não é como se eu pudesse ir a qualquer lugar. Uma vez que esta escultura esteja pronta, você concordará que é a peça mais incrível que você já fez. Se não, terei prazer em morrer.

Aracne hesitou. Suas pernas farpadas estavam tão perto que ela poderia ter empalado Annabeth com uma pancada rápida.

— Tudo bem. — disse a aranha. — Um último desafio. E contra eu mesma!

Aracne escalou sua teia e começou a desenrolar a Atena Partenos.

L

ANNABETH

Annabeth perdeu a noção do tempo.

Ela podia sentir a ambrosia que ela tinha comido começar a curar sua perna, mas ainda doía, a dor latejava direto até o pescoço. Ao longo das paredes, as pequenas aranhas corriam na escuridão, como se estivessem à espera de ordens de sua senhora. Milhares delas farfalhavam atrás da tapeçaria, fazendo os tecidos se moverem como o vento.

Annabeth sentou no chão desmoronando e tentou preservar sua força. Enquanto Aracne não estava olhando, tentou conseguir algum tipo de sinal no laptop de Dédalo para entrar em contato com seus amigos, mas é claro que ela não conseguiu. O que a deixou sem poder fazer nada mais além de observar com espanto e horror Aracne trabalhando, suas oito patas se movendo com uma velocidade hipnotizante, lentamente tecendo fios de seda em volta da estátua.

Com suas roupas douradas e seu rosto de marfim luminoso, a Atena Partenon era ainda mais assustadora que Aracne. Ela olhou para baixo com firmeza como se dissesse, *Traga-me lanches ou algo assim*. Annabeth podia imaginar ser uma Grega Antiga, entrar no Partenon e ver essa enorme deusa com seu escudo, lança e jiboia, a mão livre segurando, Nice, o espirito alado da vitória. Teria sido suficiente para colocar um nó na *túnica* de qualquer mortal.

Mais do que isso, a estátua irradiava poder. Quando Atena foi desembrulhada o ar ao seu redor ficou mais quente. Sua pele marfim brilhava com vida. Ao redor da sala, as pequenas aranhas começaram a recuar e voltar para o corredor.

Annabeth adivinhou que as teias de Aracne de alguma forma amorteciam a magia da estátua. Agora que estava livre, a Atena Partenon enchia a câmara com sua magia. Séculos de orações e oferendas de mortais tinham feito isso em sua presença. Estava carregada com o poder de Atena.

Aracne não parecia notar. Ela continuou resmungando para si mesma, contando metros de seda e calculando o número de fios que seu projeto exigiria. Sempre que ela hesitava, Annabeth a encorajava e dizia o quão bonito suas tapeçarias ficariam no Monte Olimpo.

A estátua ficou tão quente e brilhante que Annabeth pode ver mais detalhes do santuário – a alvenaria romana que provavelmente um dia foi de um branco resplandecente, os ossos escuros das antigas vítimas e refeições de Aracne penduradas na rede e os cabos enormes de seda que ligavam o chão ao teto. Annabeth agora via o quão frágil os azulejos de mármore estavam sob seus pés. Eles estavam cobertos por uma fina camada de teia, como correntes mantendo unido um espelho quebrado. Sempre que a Atena Partenon se movia até um lugar, mais rachaduras se espalhavam e aumentavam no chão. Em alguns lugares, havia buracos tão grandes como

tampas de bueiros. Annabeth quase desejou que ficasse escuro novamente. Mesmo que seu plano desse certo e ela derrotasse Aracne, não tinha certeza se conseguia sair da câmara viva.

— Tanta teia — murmurou Aracne. — Eu poderia fazer vinte tapeçarias...

— Continue! — disse Annabeth. — Você está fazendo um trabalho maravilhoso.

A aranha continuou trabalhando. Depois do que pareceu uma eternidade, uma montanha de teias brilhante foi empilhada aos pés da estátua. As paredes da câmara ainda estavam cobertas de teias. Os cabos de suporte que prendiam a sala junta não tinham sido mexidos.

Mas a Atena Partenon estava livre.

— *Por favor, acorde* — Annabeth pediu a estátua. — *Mãe, me ajude.*

Nada aconteceu, mas as rachaduras pareciam se espalhar no chão mais rapidamente. De acordo com Aracne, os pensamentos maliciosos de monstros haviam comido a base do santuário por séculos. Se isso fosse verdade, agora que estava livre a Atena Partenon poderia atrair mais atenção dos monstros no Tártaro.

— O projeto — disse Annabeth. — Você tem que se apressar.

Ela levantou a tela do computador para Aracne ver, mas a aranha respondeu, irritada:

— Eu memorizei isso, criança. Tenho olhos de artista para detalhes.

— Claro que tem. Mas devemos nos apressar.

— Por quê?

— Bem... Para que possamos apresentar seu trabalho ao mundo!

— Humm. Muito bem.

Aracne começou a tecer. Foi um trabalho lento, transformando fios de seda em longas tiras de pano. A câmara tremeu. As rachaduras nos pés de

Annabeth se tornaram mais amplas.

Se Aracne notou, não pareceu se importar. Annabeth considerou tentar empurrar a aranha no poço de alguma forma, mas ela descartou a ideia. Não havia um buraco grande o suficiente para isso, além do mais, se o piso cedesse, Aracne provavelmente cairia em sua teia e escaparia, enquanto Annabeth e a estatua cairiam no Tártaro.

Lentamente, Aracne terminou as longas tiras de seda trançadas juntas. Sua habilidade era incrível. Annabeth não poderia deixar de ficar impressionada. Ela sentiu outro lampejo de dúvida sobre sua própria mãe. E se Aracne *fosse* melhor tecelã do que Atena?

Mas a habilidade de Aracne não era o ponto. Ela havia sido punida por ser arrogante e rude. Não importa o quão maravilhoso você era, você não podia sair por aí insultando os deuses. Os olimpianos eram um lembrete de que sempre havia alguém melhor do que você, então você não podia ter um ego grande demais. Mesmo assim... Ser transformada em uma monstruosa aranha imortal parecia uma punição dura demais.

Aracne trabalhou ainda mais rápido, juntado os fios. Logo, a estrutura estava feita. Aos pés da estátua havia um cilindro trançado de fios de seda, um metro e meio de diâmetro e três de largura. A superfície brilhava como uma concha abalone, mas não parecia bonito para Annabeth. Era apenas funcional: uma armadilha. Só seria bonito se ela funcionasse.

Aracne virou-se para ela com um sorriso de fome.

— Feito! Agora, a minha recompensa! Prove-me que você pode cumprir suas promessas.

Annabeth estudou a armadilha. Ela franziu a testa e caminho ao redor dela, inspecionando a tecelagem de todos os ângulos. Então, tomando cuidado com o tornozelo ruim, ela ficou com as mãos nos joelhos e se arrastou para o interior. Ela tinha feito suas medições de cabeça. Se tivesse

errado, seu plano estava condenado. Mas ela escorregou através do túnel de seda sem tocar os lados. A teia tecida estava pegajosa, mas não grudenta de mais. Ela se arrastou para fora pelo outro lado e balançou a cabeça.

— Há uma falha — disse ela.

— O quê? — Aracne chorou. — Impossível! Eu segui as instruções...

— Dentro — disse Annabeth. — Rasteje até lá e veja por si mesma. É bem no meio... Uma falha na tecelagem.

Aracne estava espumando pela boca. Annabeth estava com medo de ter forçado demais e a aranha fosse agarrá-la. Ela seria apenas um outro conjunto de ossos nas teias de aranha.

Ao invés disso Aracne bateu suas oito pernas em petulância.

— Eu *não* cometo erros.

— Ah, foi pequeno — disse Annabeth. — Provavelmente você pode corrigir. Mas eu não quero mostrar aos deuses qualquer coisa, a não ser o seu melhor trabalho. Olhe, vá lá dentro e verifique. Se puder consertar, então vamos mostrar para os olimpianos. Você vai ser a artista mais famosa de todos os tempos. Eles provavelmente vão demitir as Nove Musas e contratá-la para supervisionar todas as artes. A deusa Aracne... Sim, eu não ficaria surpresa.

— A deusa... — Aracne respirou pelo nariz. — Sim, sim. Eu vou corrigir a falha.

Ela enfiou a cabeça dentro do túnel.

— Onde ela está?

— Bem no meio — insistiu Annabeth. — Vá em frente. Pode ser um pouco desconfortável para você.

— Eu estou bem! — disse ela e se contorceu lá dentro.

Como Annabeth esperava, o abdômen da aranha passou, mal cabendo. Quando ela abriu caminho, as tiras de seda trançadas expandiram para

acomodá-la. Aracne abriu caminho para sua fiandeira.

— Eu não vejo falha nenhuma — anunciou ela.

— Sério? — perguntou Annabeth. — Bem, isso é estranho. Saia e eu vou olhar de novo.

Era o momento da verdade. Aracne se contorceu, tentando voltar. O túnel de tecidos contraiu ao redor dela e a segurou rapidamente. Ela tentou se esquivar para frente, mas a armadilha já a tinha prendido pelo abdômen. Ela não conseguiu atravessá-la também.

Annabeth tinha medo de que as pernas da aranha perfurariam a seda, mas as pernas de Aracne estavam pressionadas tão firmemente contra ela o corpo que mal conseguia se mover.

— O que... o que é isso? — disse ela. — Eu estou presa!

— Ah — disse Annabeth. — Eu me esqueci de te dizer. Esta obra de arte é chamada de Algema Chinesa. Essa tem uma variação. Eu chamo de Algema Chinesa para Aranhas.

— Traição! — Aracne golpeou, rolou e se contorceu, mas a armadilha segurou-a firmemente.

— Era uma questão de sobrevivência — corrigiu Annabeth. — Você ia me matar de qualquer forma, eu te ajudando ou não, certo?

— Mas é claro! Você é uma filha de Atena — a armadilha continuava imóvel. — Quero dizer... Não, claro que não! Eu cumpro minhas promessas.

— Aham. — Annabeth deu um passo atrás quando o cilindro trançado começou a se debater novamente. — Normalmente essas armadilhas são feitas de tecido de bambu, mas a seda da aranha é melhor ainda. Ela segura rápido e é forte demais para ser quebrada... até por você.

— Gahhhhhhhhhh! — Aracne rolou e se contorceu, mas Annabeth saiu do caminho.

Mesmo com o tornozelo quebrado, conseguiu evitar com habilidade uma armadilha de dedo.

— Eu vou destruir você! — prometeu Aracne. — Quero dizer... não, eu vou ser boa para você, se você me deixar sair.

— Eu guardaria energia se eu fosse você. — Annabeth respirou fundo, relaxando pela primeira vez em horas. — Vou chamar os meus amigos.

— Você... você vai chamá-los para ver minha obra de arte? — Aracne perguntou esperançosamente.

Annabeth analisou o quarto. Tinha que ter uma forma de enviar uma mensagem de Íris para o *Argos II*. Ela tinha um pouco de água em sua garrafa, mas como criar luz suficiente e neblina para fazer um arco-íris em uma caverna escura?

Aracne começou a rolar novamente.

— Você está chamando seus amigos para me matar! — gritou ela. — Eu não vou morrer! Não gosto disso!

— Calma — disse Annabeth. — Vamos deixá-la viver. Nós só queremos a estátua.

— A estátua?

— Sim. — Annabeth deveria ter deixado por isso mesmo, mas o medo está se transformando em raiva e ressentimento. — A obra de arte que vou mostrar no Monte Olimpo? Não vai ser a sua. Lá que a Atena Partenon pertence... bem no parque central dos deuses.

— Não! Não, isso é horrível!

— Ah, isso não vai acontecer imediatamente — disse Annabeth. — Primeiro vamos levar a estatua conosco para a Grécia. A profecia nos disse que ela tem o poder de nos ajudar a derrotar os gigantes. Depois disso... Bem, nós não podemos simplesmente restaurá-la ao Partenon. Isso levantaria muitas perguntas. Ela vai ficar mais segura no Monte Olimpo.

Vai unir os filhos de Atena e trazer a paz para os gregos e romanos. Obrigado por mantê-la segura por todos esses séculos. Você prestou um grande serviço para Atena.

Aracne gritou e se debateu. Um fio de seda atirado pela fiandeira do monstro atingiu a tapeçaria na parede distante. Aracne contraiu seu abdômen e ia cegamente rasgando o tecido. Ela continuou a rolar, atirando aleatoriamente seda, rolando sobre braseiros de fogo mágico e quebrando azulejos do chão. A câmara tremeu. Tapeçarias começaram a queimar.

— Pare com isso! — Annabeth tentou mancar para fora do caminho da seda da aranha. — Você vai derrubar a caverna inteira e matar nós duas!

— Melhor do que ver você vencer! — berrou Aracne. — Meus filhos! Me ajudem!

Ah, ótimo. Annabeth esperava que a aura mágica da estátua fosse manter as pequenas aranhas longe, mas Aracne continuou gritando, implorando a ajuda deles. Annabeth considerou matar a aranha para que ela ficasse quieta. Seria fácil usar a faca agora. Mas ela hesitou em matar qualquer monstro quando estava tão impotente, até mesmo Aracne. Além disso, se esfaqueasse o tecido, a armadilha poderia desarmar. E Aracne estaria livre antes de Annabeth pudesse matá-la.

Todos esses pensamentos vieram tarde demais. Aranhas começaram a fervilhar na câmara. A estátua de Atena brilhou mais forte. As aranhas claramente não queriam se aproximar, mas reuniram coragem, afinal sua mãe estava gritando por ajuda. Eventualmente elas esmagariam Annabeth.

— Aracne, pare! — gritou ela. — Eu vou...

De alguma forma, Aracne torcia em sua prisão, apontando seu abdômen em direção ao som da voz de Annabeth. Um fio de seda bateu em seu peito como a luva de um peso pesado.

Annabeth caiu, sua perna queimava de dor. Ela cortou descontroladamente o tecido com a adaga quando Aracne a puxou para suas fiandeiras estalando.

Annabeth conseguiu cortar o fio e arrastar-se para longe, mas as pequenas aranhas estavam fechando ao seu redor. Ela percebeu que tudo que havia feito não tinha sido o suficiente.

Ela não sairia de lá. Os filhos de Aracne iriam matá-la aos pés da estátua de sua mãe.

Percy, pensou ela, *eu sinto muito*.

Naquele momento a câmara gemeu e o teto da caverna estourou em uma ardente explosão de luz.

LI

ANNABETH

Annabeth tinha visto algumas coisas estranhas antes, mas nunca tinha visto chuva de carro. Como o teto da caverna desabou, o sol a cegou. Ela teve um breve vislumbre do *Argo II* pairando acima. Ele deve ter usado suas balistas para explodir um buraco direto pelo chão.

Pedaços de asfalto tão grande como portas de garagem tombadas, juntamente com seis ou sete carros italianos. Um teria esmagado a Atena Partenos, mas a aura brilhante da estátua agiu como um campo de força e o carro ricocheteou. Infelizmente, o carro caiu diretamente para Annabeth.

Ela pulou para um lado, torcendo o pé ruim. Uma onda de agonia quase a fez desmaiar, mas ela virou de costas a tempo de ver um carro vermelho brilhante cair na armadilha de seda da Aracne, perfurando o chão da caverna e desaparecendo com a Algema Chinesa para Aranhas.

Aracne caiu, ela gritava como um trem de carga em rota de colisão, mas seu choro rapidamente se parou. Vários pedaços de detritos caíram em torno

de Annabeth, no chão, fazendo vários buracos.

A Atena Partenos permaneceu intacta, embora o mármore sob seu pedestal tivesse explodido em vários pedaços. Annabeth estava coberta de teias da Aracne. Ela arrastou os fios de seda de seus braços e pernas como as cordas de uma marionete, mas de alguma forma surpreendentemente, nenhum dos detritos havia batido nela. Ela queria acreditar que a estátua a tinha protegido, embora suspeitasse que pudesse ter sido nada além de sorte.

Os exércitos de aranhas tinham desaparecido. Ou eles fugiram de volta para a escuridão ou caíram no abismo. Como o dia inundou a caverna, as tapeçarias feitas por Aracne ao longo das paredes se desfizeram em pó, Annabeth não poderia suportar ver especialmente a tapeçaria que representava ela e Percy se desfazendo.

Mas nada disso importava quando ouviu a voz de Percy de cima:

— Annabeth!

— Aqui! — ela chorou.

Todo o terror parecia deixá-la em um grito enorme. Quando o *Argo II* desceu, viu Percy inclinando-se sobre o trilho. Seu sorriso era melhor do que qualquer tapeçaria que ela já tinha visto no mundo.

A sala ficava sacudindo, mas Annabeth conseguiu ficar de pé. O chão a seus pés parecia estável no momento. Sua mochila estava desaparecida, junto com laptop de Dédalo e sua faca de bronze, o que ela tinha desde os sete anos, também se foi, provavelmente teria caído no poço. Mas Annabeth não se importava. Ela estava viva.

Ela se aproximou do buraco feito pelo carro. As paredes de pedras irregulares mergulharam na escuridão, tanto quanto Annabeth podia ver. Algumas bordas pequenas se projetavam aqui e ali, mas Annabeth não via nada sobre eles – apenas os fios de seda da Aracne gotejando sobre os lados como enfeites de Natal.

Annabeth perguntou se a Aracne havia dito a verdade sobre o abismo. Tinha a Aracne caído diretamente para o Tártaro? Ela tentou se sentir satisfeita com essa ideia, mas mesmo assim, continuou com aquela expressão triste. Aracne *fez* algumas coisas bonitas. Ela já sofreu por eras. Agora suas tapeçarias tinham desintegrado. Depois de tudo isso, caindo no Tártaro parecia muito duro para um fim.

Annabeth estava vagamente consciente do *Argo II* pairando a uma altura de cerca de quarenta metros do chão. Ele baixou uma escada de corda, mas Annabeth estava em transe, olhando para a escuridão. Então, de repente Percy estava ao lado dela, entrelaçando os dedos nos dela.

Ele virou-a gentilmente longe do poço e passou os braços em torno dela. Ela abraçou-o forte encostando a sua cabeça no peito de Percy, de onde as lágrimas de Annabeth rolavam.

— Está tudo bem. — disse ele. — Nós estamos juntos.

Ele não disse que *você está bem* ou *estamos vivos*. Afinal, eles tinham passado muito tempo longe um do outro, ele sabia que a coisa mais importante era que eles estavam juntos. Ela o amava por dizer isso.

Seus amigos se reuniram em torno deles. Nico di Angelo estava lá, mas os pensamentos de Annabeth foram tão confusos, isso não parecia surpreendente para ela. Parecia justo que ele estivesse com eles.

— Sua perna. — Piper ajoelhou-se ao lado dela e examinou. — Ah, Annabeth, o que *aconteceu?*

Ela começou a explicar. Falar era difícil, mas como ela estava junto de Percy, suas palavras vieram mais facilmente. Percy não soltou de sua mão, o que também a fez se sentir mais confiante. Quando ela havia acabado, os rostos de seus amigos tinham expressões incrédulas.

— Deuses do Olimpo — disse Jason. — Você fez tudo isso sozinha... Com um tornozelo quebrado?

— Bem... Fiz o *possível* com o tornozelo quebrado.

Percy sorriu.

— Você fez a Aracne tecer a sua própria armadilha? Eu sabia que você era boa, mas Santa Hera... Annabeth, você fez isso. Gerações de crianças de Atena tentaram e não conseguiram. Você encontrou a e Atena Partenos!

Todo mundo olhou para a estátua.

— O que vamos fazer com a estátua? — Frank perguntou. — Ela é enorme.

— Nós vamos ter que levá-la conosco para a Grécia — disse Annabeth. — A estátua é poderosa. Alguma coisa nela nos ajudará a deter os gigantes.

— *A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida* — Hazel citou. — *Ganhada pela dor de uma prisão tecida.*

Ela olhou para Annabeth com admiração.

— Era a prisão de Aracne. Você a enganou em tecê-la.

Com muita dor, pensou Annabeth.

Leo ergueu as mãos. Ele fez uma moldura com o dedo ao redor da Atena Partenos como se estivesse tomando medidas.

— Bem, isso pode levar algum rearranjo, mas acho que ela pode caber nos estábulos. Se ela se destacasse na base, eu poderia embrulhar em uma bandeira ao redor de seus pés ou algo assim.

Annabeth estremeceu. Ela imaginou a Atena Partenos saliente de seu pedestal, assinado em baixo: CARGA GRANDE.

Depois, ela pensou sobre as outras linhas da profecia: *Gêmeos ceifaram do anjo a vida, que detém a chave para a morte infinita.*

— E vocês? — perguntou ela. — O que aconteceu com os gigantes?

Percy disse a ela sobre o resgate de Nico, o aparecimento de Baco e na luta com os gêmeos no Coliseu. Nico não falou muito. O pobre rapaz parecia que estava vagando um terreno baldio por seis semanas. Percy

explicou o que Nico havia descoberto sobre as Portas da Morte e como eles tiveram que ser fechadas em ambos os lados. Mesmo com a luz solar entrando pelo teto, as notícias de Percy fez a caverna parecer escura novamente.

— Então, o lado mortal é em Épiro — disse ela. — Pelo menos é um lugar que podemos alcançar.

Nico fez uma careta.

— Mas o outro lado é um problema. Tártaro.

A palavra parecia ecoar através da câmara. O poço atrás deles exalava uma explosão de ar frio. Foi quando Annabeth soube com certeza, o abismo realmente *ia* direto para o Mundo Inferior.

Percy deve ter sentido isso também. Ele guiou-a um pouco mais longe da borda. Seus braços e pernas arrastaram a seda de aranha como um véu de noiva. Ela desejou que tivesse sua adaga para cortar esse lixo fora. Quase pediu a Percy para fazer as honras com Contracorrente, mas antes que pudesse, ele disse:

— Baco mencionou algo sobre minha viagem ser mais difícil do que eu esperava. Não sei por que.

A câmara gemeu. A Atena Partenos inclinava de um lado para outro. Sua cabeça pegou um dos cabos de suporte da Aracne, mas a fundação de mármore sob o pedestal da estátua estava desmoronando.

Náuseas incharam no peito de Annabeth. Se a estátua caísse no abismo, todo o seu trabalho seria para nada. Sua missão seria um fracasso.

— Salvem-na! — gritou Annabeth.

Seus amigos compreenderam imediatamente.

— Zhang! — Leo chorou. — Levem-me ao leme, rápido! O Treinador está lá em cima sozinho.

Frank transformou-se em uma águia gigante, e os dois dispararam na direção do navio.

Jason passou o braço em torno de Piper. Ele se virou para Percy.

— Eu volto para buscar vocês em um segundo.

Ele convocou o vento e disparou para o ar.

— Este piso não vai durar! — Hazel advertiu. — O resto de nós deve chegar à escada.

Nuvens de poeira e teias de aranha explodiram em buracos no chão. Os cabos de suporte de seda tremiam como enormes cordas de guitarra e começaram a estalar. Hazel avançou para a parte inferior da corda da escada e fez um gesto para Nico a seguir, mas Nico não estava em condições para correr.

Percy agarrou apertado a mão de Annabeth.

— Vai ficar tudo bem — murmurou ele.

Olhando para cima, ela viu as linhas atiradas do *Argo II* e enrolou em torno da estátua.

Um laçou o pescoço de Atena. Leo gritou ordens do comando, Jason e Frank voaram freneticamente de linha para linha, tentando protegê-los.

Nico tinha acabado de chegar à escada quando uma dor aguda subiu a perna ruim de Annabeth. Ela engasgou e tropeçou.

— O que é isso? — perguntou Percy.

Ela estava cambaleando em direção à escada. Por que ao invés disso estava se movendo para trás? Suas pernas foram varridas para o lado, presas nas cordas debaixo dela fazendo-a cair sobre o seu rosto.

— Seu tornozelo! — Hazel gritou da escada. — Corta! Corta!

A mente de Annabeth era confusa da dor. Cortar o tornozelo?

Aparentemente Percy não sabia o que significava. Então, alguma coisa puxou Annabeth para trás e arrastou-a para o poço. Percy avançou. Ele

agarrou seu braço, mas o impulso o levou junto também.

— Ajudem-os! — gritou Hazel.

Annabeth vislumbrou Nico mancando em sua direção, Hazel tentando separar sua espada da escada de corda. Seus outros amigos ainda estavam focados na estátua e o grito de Hazel estava perdido na gritaria geral e nos estrondos da caverna.

Annabeth soluçou quando bateu na borda do poço. Suas pernas foram para o lado.

Tarde demais, percebeu o que estava acontecendo: ela estava presa na teia da aranha. Deveria ter cortado imediatamente. Ela tinha pensado que era apenas uma linha solta, mas com todo o piso coberto de teias de aranha, não tinha notado que um dos fios estava enrolado em seu pé e a outra extremidade foi direito para o poço. Ele estava ligado a algo pesado lá em baixo na escuridão, algo que estava puxando-a para dentro.

— Não — Percy murmurou, a luz da aurora em seus olhos. — Minha espada...

Mas ele não podia alcançar à espada sem largar o braço de Annabeth e força de Annabeth também se foi. Ela deslizou sobre a borda. Percy caiu com ela.

Seu corpo bateu em algo. Ela deve ter desmaiado brevemente por conta da dor. Quando pôde ver novamente, percebeu que tinha caído parcialmente no poço e ficou pendurada sobre o vazio. Percy conseguiu agarrar uma borda de cerca de quinze metros abaixo do topo do abismo. Ele estava se segurando com uma mão e Annabeth com a outra, mas a tração na perna era muito forte.

Não há escapatória, disse uma voz na escuridão abaixo. *Eu vou para o Tártaro e você virá também.*

Annabeth não tinha certeza se ela realmente ouviu a voz da Aracne ou se foi apenas em sua mente. O poço balançou. Percy era a única coisa impedindo-a de cair. Ele mal segurava uma saliência do tamanho de uma estante.

Nico inclinou-se sobre a borda do abismo, empurrando a sua mão, mas ele estava longe demais. Hazel estava gritando para os outros, mas mesmo que eles ouvissem com todo o caos, eles nunca poderiam fazer nada a tempo.

A perna de Annabeth parecia que estava puxando o seu corpo para baixo. A dor era imensa e a força do Mundo Inferior puxou-a como a gravidade para a escuridão. Ela não tinha forças para lutar, sabia que estava longe demais para ser salva.

— Percy, deixe-me ir — resmungou ela. — Você não pode me puxar para cima.

Seu rosto estava branco de tanto esforço. Ela podia ver em seus olhos que ele sabia que era impossível.

— Nunca — disse ele. Ele olhou para Nico, nove metros acima. — O outro lado, Nico! Vamos ver você lá. Entendeu?

Nico arregalou os olhos.

— Mas...

— Leve-os lá! — gritou Percy. — Prometa-me!

— Eu... eu levo. — Nico conseguiu dizer.

Abaixo deles, a voz riu na escuridão. *Sacrifícios. Belos sacrifícios para despertar a deusa.*

Percy apertou o pulso de Annabeth. Seu rosto estava magro, raspado e sangrento, o seu cabelo polvilhava com teias de aranha, mas quando ele travou os olhos nos ela, ela pensou que nunca tinha parecido mais bonito.

— Nós vamos ficar juntos — prometeu ele. — Você não vai ficar longe de mim. Nunca mais.

Só então ela conseguiu entender o que iria acontecer. *Uma viagem só de ida. Uma queda muito difícil.*

— Contanto que estejamos juntos — disse ela.

Ela ouviu Nico e Hazel ainda gritando por ajuda. Ela viu o sol muito, muito acima, talvez a última luz que veria. Então Percy soltou de seu pequeno ressalto e, juntos, de mãos dadas, ele e Annabeth caíram na escuridão sem fim.

LII

LEO

Leo ainda estava em choque. Tudo aconteceu tão rapidamente. Eles haviam salvado a Atena Partenos justamente quando o piso cedeu e as colunas finais de teias romperam.

Jason e Frank mergulharam para salvar os outros, mas eles só encontraram Nico e Hazel pendurados na escada de corda. Percy e Annabeth se foram. O abismo para o Tártaro tinha sido enterrado sob várias toneladas de detritos. Leo puxou o *Argo II* fora das cavernas segundos antes de todo o lugar implodir, levando o resto do estacionamento com ele.

O *Argo II* estava agora estacionado em uma colina com vista para a cidade. Jason, Hazel e Frank tinham voltado à cena da catástrofe, esperando escavar os escombros e encontrar uma maneira de salvar Percy e Annabeth, mas voltaram desmoralizados. A caverna simplesmente havia desaparecido. O cenário estava fervilhando com a polícia e equipes de resgate. Nenhum mortal tinha sido ferido, mas os italianos iriam coçar a cabeça por meses se

perguntando como um ralo enorme tinha aberto bem no meio de um parque de estacionamento engolindo uma dúzia de carros perfeitamente bons.

Atordoado com a dor, Leo e os outros cuidadosamente carregaram a Atena Partenos para o porão, utilizando guinchos hidráulicos do navio com uma assistência de Frank Zhang, no momento um elefante. A estátua encaixou precisamente, mas o que eles iam fazer com ela, Leo não tinha ideia.

O Treinador Hedge estava muito deprimido para ajudar. Ele continuou andando pela plataforma com lágrimas nos olhos, puxando o cavanhaque e batendo a lateral de sua cabeça, murmurando:

— Eu deveria tê-los salvo! Eu deveria ter explodido mais coisas!

Finalmente Leo lhe disse para ir abaixo do convés e assegurar que tudo estava seguro para a partida. De nada adiantava ele ficar se batendo. Os seis semideuses se reuniram no convés e olharam para a coluna de poeira distante que ainda pairava no local da implosão.

Leo colocou a mão na esfera de Arquimedes, que agora estava em cima do leme, pronta para ser instalada. Ele deveria estar animado. Era a maior descoberta de sua vida, ainda maior que o Bunker 9. Se pudesse decifrar os pergaminhos de Arquimedes, poderia fazer coisas incríveis. Ele mal se atreveu a ter esperança, mas poderia até ser capaz de construir um novo disco de controle para um certo amigo dragão dele.

Ainda assim, o preço tinha sido muito alto.

Ele quase podia ouvir Nêmesis rindo. *Eu disse que poderíamos fazer um acordo, Leo Valdez.*

Ele abriu o biscoito da sorte. Ele tinha recebido o código de acesso para a esfera e salvado Frank e Hazel. Mas o sacrifício tinha sido Percy e Annabeth. Leo tinha certeza disso.

— A culpa é minha — disse miseravelmente.

Os outros olharam para ele.

Somente Hazel pareceu entender. Ela tinha estado com ele em Grande Lago Salgado.

— Não — insistiu ela. — Não, isso é culpa de *Gaia*. Não teve nada a ver com você.

Leo queria acreditar nisso, mas ele não podia. Eles começaram esta viagem com Leo estragando tudo, atirando em Nova Roma. Eles haviam terminado na Roma antiga com Leo quebrando um biscoito e pagando um preço muito pior do que um olho.

— Leo, me escute. — Hazel agarrou sua mão. — Eu não vou permitir que você assuma a culpa. Eu não posso suportar isso, após... Após Sammy...

Ela engasgou, mas Leo sabia o que ela queria dizer. Seu *bisabuelo* tinha se culpado pelo desaparecimento de Hazel. Sammy tinha vivido uma boa vida, mas ele tinha ido para o túmulo acreditando que tinha gastado um diamante amaldiçoado e condenado a garota que amava.

Leo não queria deixar Hazel infeliz novamente, mas isso era diferente. *O verdadeiro sucesso requer sacrifício*. Leo tinha escolhido quebrar esse biscoito. Percy e Annabeth tinham caído no Tártaro. Isso não poderia ser uma coincidência.

Nico di Angelo arrastou os pés, apoiado em sua espada negra.

— Leo, eles não estão mortos. Se eles estivessem, eu poderia sentir.

— Como você pode ter certeza? — perguntou Leo. — Se este poço realmente leva ao... Você sabe... Como você pode senti-los de tão longe?

Nico e Hazel trocaram um olhar, talvez comparando informações em seus radares de Hades/Plutão que captam a morte. Leo estremeceu. Hazel nunca tinha parecido uma criança do Mundo Inferior para ele, mas Nico di Angelo... este cara era assustador.

— Não podemos ter cem por cento de certeza — admitiu Hazel. — Mas acho que Nico está certo. Percy e Annabeth ainda estão vivos... Pelo menos, até agora.

Jason bateu com o punho contra o parapeito.

— Eu deveria ter *prestado atenção*. Eu poderia ter voado e tê-los salvo.

— Eu também. — Frank gemeu. O grandalhão parecia à beira das lágrimas.

Piper colocou a mão nas costas de Jason.

— Não é culpa sua, de nenhum de vocês. Vocês estavam tentando salvar a estátua.

— Ela está certa — disse Nico. — Mesmo se o abismo não tivesse sido enterrado, você não poderia ter voado para ele sem ser puxado para baixo. Eu sou o único que foi realmente ao Tártaro. É impossível de descrever o quão poderoso o lugar é. Uma vez que você chegar perto, você é sugado para dentro. Eu não tive chance alguma.

Frank fungou.

— Então Percy e Annabeth não tem chance também?

Nico torceu o anel de caveira prata.

— Percy é o semideus mais poderoso que eu já conheci. Sem ofensas a vocês, mas é verdade. Se alguém pode sobreviver, será ele, especialmente com Annabeth ao seu lado. Eles vão encontrar um caminho através do Tártaro.

Jason virou.

— Para as Portas da Morte, você quer dizer. Mas você nos disse que é guardada pelas forças mais poderosas de Gaia. Como poderiam dois semideuses possivelmente...

— Eu não sei — admitiu Nico. — Mas Percy me disse para levar vocês para Épiro, o lado mortal da porta. Ele está pensando em nos encontrar lá.

Se pudermos sobreviver a Casa de Hades, percorrer o caminho através das forças de Gaia, então talvez possamos trabalhar em conjunto com Percy e Annabeth e lacrar as Portas da Morte de ambos os lados.

— E resgatar Percy e Annabeth de volta em segurança? — perguntou Leo.

— Talvez.

Leo não gostou da forma como Nico disse isso, como se ele não estivesse compartilhando todas as suas dúvidas. Além disso, Leo sabia um pouco sobre fechaduras e portas. Se as Portas da Morte precisava ser selada dos dois lados, como eles poderiam fazer isso a menos que alguém ficasse preso no Mundo Inferior?

Nico respirou fundo.

— Eu não sei como eles vão lidar com isso, mas Percy e Annabeth encontrarão um jeito. Eles vão viajar pelo Tártaro e encontrarão as Portas da Morte. Quando fizerem, nós temos que estar prontos.

— Não vai ser fácil — disse Hazel. — Gaia vai enviar tudo o que ela tem atrás da gente para nos impedir de chegar a Épiro.

— Qual a novidade? — Jason suspirou.

Piper assentiu.

— Nós não temos escolha. Temos que selar as Portas da Morte antes que possamos impedir os gigantes de acordar Gaia. Caso contrário, seus exércitos nunca morrerão. E nós temos que nos apressar. Os romanos estão em Nova York. Em breve, eles marcharão para o Acampamento Meio-Sangue.

— Temos um mês na melhor das hipóteses — acrescentou Jason. — Efialtes disse que Gaia iria despertar em exatamente um mês.

Leo endireitou-se.

— Nós podemos fazer isso.

Todos olharam para ele.

— A esfera de Arquimedes pode atualizar o navio — disse ele, esperando que estivesse certo. — Eu irei estudar esses pergaminhos antigos que temos. Devem conter todos os tipos de novas armas que eu posso fazer. Nós vamos bater exércitos de Gaia com um arsenal inteiramente novo de dor.

Na proa do navio, Festus rangeu sua mandíbula e soprou fogo desafiadoramente.

Jason conseguiu esboçar um sorriso. Ele bateu no ombro de Leo.

— Soa como um plano, almirante. Você deseja definir o destino?

Eles brincavam com ele, chamando-o de almirante, mas pela primeira vez Leo aceitou o título. Este era o seu navio. Ele não tinha chegado tão longe para ser impedido.

Eles iriam encontrar esta Casa de Hades. Eles tomariam as Portas da Morte. E pelos deuses, se Leo tivesse que projetar um braço longo o suficiente para agarrar e pegar Percy e Annabeth do Tártaro, então isso é o que ele faria.

Nêmesis queria que ele se vingasse de Gaia? Leo estava feliz em fazer isso. Ele iria fazer Gaia sentir pena de alguma vez ter mexido com Leo Valdez.

— Sim — ele deu um último olhar para a arquitetura da cidade de Roma que se tornava vermelho-sangue ao pôr do sol. — Festus, levantar as velas. Temos alguns amigos para salvar.

Sobre o autor



Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

Outras séries do Riordanverso













"— Há uma lenda antiga que os pretores do Acampamento Júpiter transmitem através dos séculos. Se for verdadeira, pode explicar por que nossos grupos nunca foram capazes de trabalhar juntos. Pode ser a causa de nossa animosidade. Até que essa questão antiga seja finalmente resolvida, assim diz a lenda, romanos e gregos nunca viverão em paz. E a lenda está centrada em Atena..."

A filha da sabedoria caminha solitária

A Marca de Atena por toda a Roma é incendiária

Gêmeos ceifaram do anjo a vida

Que detém a chave para a morte infinita

A ruína dos gigantes se apresenta dourada e pálida

Conquistada por meio da dor de uma prisão tecida.

ISBN 978-85-8057-310-7


9 788580 573107
www.intrinseca.com.br